ROLETA RUSSA

UMA SEDUTORA FATAL. UM AGENTE IMPLACÁVEL.
UM DELES TERÁ QUE JOGAR FORA DAS REGRAS.

JASON MATTHEWS

ARQUEIRO

ROLETA RUSSA

Red Sparrow

Jason Matthews

Desde pequena, o sonho de Dominika Egorova era fazer parte do Bolshoi, o balé mais importante da Rússia. Após ser vítima de uma sabotagem, porém, ela vê sua promissora carreira se encerrar de forma abrupta. Logo em seguida, mais um golpe: a morte inesperada do pai, seu melhor amigo.

Desnorteada, Dominika cede à pressão do tio, vice-diretor do serviço secreto da Rússia, o SVR, e entra para a organização. Pouco tempo depois, é mandada à Escola de Pardais, um instituto onde homens e mulheres aprendem técnicas de sedução para fins de espionagem.

Em seus primeiros meses como pardal, ela recebe uma importante missão: conquistar o americano Nathaniel Nash, um jovem agente da CIA, responsável por um dos mais influentes informantes russos que a agência já teve. O objetivo é fazê-lo revelar a identidade do traidor, que pertence ao alto escalão do SVR.

Logo Dominika e Nate entram num duelo de inteligência e táticas operacionais, apimentado pela atração irresistível que sentem um pelo outro.

CAPÍTULO 1

APÓS DOZE HORAS DE RDV (Rota para Detecção de Vigilância), Nathaniel Nash não sentia nada da cintura para baixo. As pernas eram toras de madeira que percorriam os paralelepípedos de uma rua secundária de Moscou. A noite já caíra havia muito e ele ainda provocava os vigilantes russos, tentando atraí-los para fora da toca. Até o momento, nada — nenhuma unidade se esgueirando pelos cantos, ninguém rastejando no chão ou surgindo repentinamente das esquinas atrás dele, nenhuma reação

a seus movimentos. Será que não havia mesmo ninguém? De acordo com a natureza do Jogo, não detectar operações de vigilância era pior do que se descobrir cercado por espiões.

Era início de setembro, mas havia nevado entre a primeira e a terceira hora da rota, o que fora muito útil para acobertar a fuga de Nate. No fim daquela manhã ele saltara do Lada Combi em movimento conduzido por Leavitt desde a estação. Sem dizer nada, seu parceiro erguera três dedos para sinalizar o tempo de que Nate disporia para pular assim que a perua dobrasse a esquina seguinte. Os

agentes do serviço federal de segurança russo, conhecido pela sigla FSB, que vinham logo atrás, não notaram a fuga realizada naqueles rápidos três segundos, passando direto por Nate — que se escondera atrás de um banco de neve — para continuar seguindo o automóvel. Ele deixara seu celular da embaixada, parte de seu disfarce, dentro do veículo — o FSB que ficasse à vontade para rastrear o aparelho pelas próximas três horas. Durante a manobra, ao rolar pela calçada, Nate machucara o joelho, que enrijecera nas primeiras horas mas agora estava tão dormente quanto o resto

de seu corpo. Enquanto escurecia, ele havia percorrido metade de Moscou a pé, sem detectar nenhum esquema de vigilância. Tudo indicava que ele estava invisível.

Nate pertencia a um pequeno grupo de agentes da CIA treinados especificamente para operar sob vigilância no campo inimigo. Quando estava em ação nas ruas, não havia nenhum momento de dúvida ou hesitação, nenhum espaço para apreensões de qualquer natureza, muito menos para o medo do fracasso. E naquela noite não estava sendo diferente. Volta e meia ele dizia a si mesmo: *Ignore o frio que*

comprime seu peito, continue dentro de sua bolha sensorial e deixe que ela expanda junto com o estresse. A visão estava boa como sempre. *Mantenha o foco nas médias distâncias, identifique os pedestres e veículos recorrentes. Observe cores e formatos. Chapéus, casacos, carros.* Sem pensar muito, ele ia registrando os ruídos da cidade que escurecia à sua volta: o zum-zum dos ônibus elétricos correndo pelos cabos suspensos, o sibilar dos pneus na rua molhada, o crepitar do pó de carvão que ele mesmo ia pisando ao caminhar. A atmosfera recendia a óleo diesel e carvão queimados; de algum exaustor vinha o cheiro

barroso de uma sopa de beterraba sendo preparada. Nate era um diapasão que reverberava no ar gelado da noite, alerta e pronto para reagir, mas estranhamente calmo. Ao final de doze horas de RDV não havia mais dúvida: ele estava invisível.

No relógio: 22h17. Faltavam dois minutos para o agente de 27 anos se encontrar com uma lenda da contraespionagem, o homem que para a CIA era a joia da coroa, o ativo mais valioso do seu patrimônio de informantes. Marble estava a 300 metros dali, numa rua discreta. Com 60 e poucos anos, o sofisticado russo era major-general do SVR, o serviço

de operações externas de inteligência que havia substituído a Primeira Diretoria Geral da KGB. Marble vinha prestando seus serviços havia catorze anos, um tempo considerável levando-se em conta que à época da Guerra Fria os informantes russos não duravam mais que dezoito meses. As fotos granuladas dos agentes do passado iam passando pelas retinas de Nate à medida que ele esquadrinhava a rua: Penkovsky, Motorin, Tolkachev, Polyakov... e outros tantos, todos já mortos. *Este, não. Não no meu turno.* Ele não falharia.

Marble era agora chefe do

Departamento das Américas do SVR, um posto que lhe permita acesso quase irrestrito. Formado pela cartilha antiga da KGB, ele colhera seus louros (e estrelas de general) ao longo de uma carreira que se revelara espetacular não só por conta dos inúmeros sucessos operacionais que obtivera no exterior, mas também por ter sobrevivido a todo tipo de expurgos, reformas e disputas de poder dentro do próprio Kremlin. Não tinha nenhuma ilusão quanto à natureza do sistema ao qual servia, e havia adquirido uma antipatia natural pela falsidade, mas era um profissional dedicado e leal. Aos 40

anos, já coronel e servindo em Nova York, recebera uma resposta negativa ao consultar a central para saber se podia levar a esposa a um oncologista americano, e por conta de mais essa demonstração de intransigência soviética, ela morrera num hospital moscovita, abandonada nos corredores de uma enfermaria qualquer. Depois disso, Marble levou oito anos para se decidir e encontrar uma abordagem segura junto aos americanos a fim de se oferecer como informante.

Na sua estreia como informante estrangeiro (ou agente, segundo a nova terminologia da CIA), Marble

reportara-se calmamente a seus superiores (ou operadores), desculpando-se em tom autodepreciativo pela escassez das informações de que dispunha. Na sede da CIA em Langley, o espanto fora geral. O russo lhes presenteara com um verdadeiro tesouro de dados sobre as operações da KGB e do SVR, e sobre o alcance que tinham nos governos estrangeiros. Depois disso, sempre que possível ele aparecia com as pérolas mais cobiçadas: os nomes dos americanos que espionavam para a Rússia. Dessa forma, tornara-se um informante singular e inestimável.

No relógio: 22h18. Nate dobrou a esquina e foi caminhando pela calçada esburacada da rua estreita, prédios residenciais em ambos os lados, as árvores sem folhas e cobertas de neve. Mais à frente, contra as luzes que vinham do cruzamento, uma silhueta familiar surgiu na esquina seguinte e veio a seu encontro. O velho era um profissional: chegara exatamente na hora marcada, nem um segundo a mais ou a menos.

Nate se animou ao vê-lo e até esqueceu o cansaço. No mesmo instante, começou a varrer a rua com os olhos em busca de algo fora do

comum. *Nenhum carro. Olhe para cima. Nenhuma janela aberta, nenhuma luz acesa. Olhe para trás. Cruzamentos tranquilos. Nenhum morador varrendo a calçada, nenhum mendigo zanzando por perto.* Apesar de todas as horas que ele dedicara a sua rota, de todas as táticas de provocação e toda a espera no frio, bastaria um único descuido de sua parte para que o informante russo fosse descoberto e aniquilado. O que para ele seria mais do que a perda de uma fonte preciosa e o início de uma crise diplomática: seria a morte de um homem que ele aprendera a admirar. Não, Nate não iria falhar.

Marble vinha sem nenhuma pressa. Eles haviam se encontrado duas vezes antes. O velho agente já trabalhara com uma longa série de operadores americanos e disciplinara cada um deles com maior ou menor grau de sucesso. Em alguns ele detectava uma burrice galopante; noutros, via uma espécie de *langueur*, um desinteresse que cedo ou tarde poderia se revelar fatal. Nate era diferente. Era interessado. Tinha uma chama interna, um rigor, uma capacidade de concentração, uma necessidade de acertar sempre. Ainda era um tanto imaturo, e bastante impulsivo também. Marble

reconhecia isso, mas via com bons olhos aquele fogo que o diferenciava dos demais.

Ficou contente ao avistar o jovem americano. Nate tinha altura mediana, porte esguio e cabelos pretos emoldurando um rosto de nariz reto e olhos castanhos que agora se moviam de um lado a outro, não nervosos, mas atentos a tudo o que se passava às costas do velho.

— Boa noite, Nathaniel — cumprimentou o russo.

Tinha um ligeiro sotaque britânico, adquirido nos anos que passara em Londres e atenuado naqueles em que vivera em Nova

York. Falara em inglês como um capricho, uma demonstração de consideração com seu operador, apesar de Nate ser praticamente fluente na língua russa. Marble era um homem atarracado, de olhos escuros e profundos ladeando o nariz gordo. As sobrancelhas brancas e fartas combinavam à perfeição com sua juba ondulada e lhe conferiam o aspecto típico de um cosmopolita elegante.

As normas ditavam que eles usassem seus respectivos codinomes, mas isso seria ridículo. Marble tinha acesso às fotos de todos os membros da diplomacia

estrangeira e sabia muito bem como Nate se chamava.

— É um prazer revê-lo. — Ele avaliou o mais jovem por um instante, depois disse: — Você está bem? Parece cansado. Quantas horas durou a rota de hoje?

Eram perguntas gentis, claro, mas ainda assim ele queria saber. Marble nunca dava nada por certo.

— *Dobryj vecher, dyadya* — respondeu Nate. Começara a tratá-lo como "tio", em parte para demonstrar respeito, em parte porque gostava mesmo do homem. Ele conferiu o relógio. — Doze horas. As ruas me parecem limpas.

Nate sabia que o mais velho tinha bons motivos para se preocupar com o rigor de sua RDV.

Marble não fez nenhum comentário. Os dois caminharam juntos em meio às sombras que as árvores projetavam na calçada. A noite estava gelada, ainda que não ventasse. Eles tinham cerca de sete minutos para a reunião.

Nate ouvia mais do que falava, e ouvia com atenção. O mais velho falava rápido, mas sem precipitação, um misto de fofoca e politicagens do trabalho, quem vinha ganhando prestígio na casa, quem andava com a corda no pescoço. O resumo de uma

operação recente, um recrutamento realizado com sucesso pelo SVR num país estrangeiro. Os detalhes estavam todos nos discos. Embora se tratasse de um relatório profissional, a conversa entre eles poderia muito bem ser confundida com um papo informal entre dois amigos. O tom de voz de ambos, o contato visual, as risadinhas de Marble. A ideia era exatamente essa.

Enquanto andavam, tanto Nate quanto o informante refreavam o impulso de se dar os braços como pai e filho. Ambos sabiam que não podia haver nenhum contato físico entre eles. Ossos do ofício: sempre havia o

risco de uma contaminação com *metka*, o pó que a espionagem russa usava para marcar e seguir seus suspeitos. Fora o próprio Marble que reportara um programa secreto para polinizar agentes da CIA supostamente infiltrados na embaixada americana em Moscou. Tratava-se do nitrofenil pentadienal (NPPD), um composto químico de tom amarelado e aspecto granuloso. Espargido em roupas, capachos e volantes, era concebido para se espalhar feito o pólen pegajoso de um narciso a partir de um simples aperto de mão, por exemplo, e daí passar para uma lapela, uma folha de papel,

o que fosse. O pó marcava invisivelmente tudo aquilo que fosse tocado por um agente americano. Portanto, um oficial russo cujas mãos, roupas ou mesa se revelassem fluorescentes com o NPPD — prova de que ele tivera contato com o agente polinizado — estaria em maus lençóis. Marble havia deixado Langley em polvorosa ao relatar que diversas variantes de *metka* eram usadas em polinizados diferentes, de modo que cada um pudesse ser identificado com precisão.

A certa altura da caminhada, Nate tirou do bolso uma embalagem plástica. Baterias novas para o

equipamento de comunicação secreto de Marble: três maços de cigarro cinzentos e pesadíssimos. O equipamento era usado para transmitir notícias importantes e manter contato durante os intervalos entre cada encontro pessoal. No entanto, essas reuniões ao vivo, apesar de breves e muito perigosas, eram infinitamente mais produtivas. Era nelas que Marble passava seus discos e pen drives com rios de informações de inteligência. Era nelas também que equipamentos e rublos eram reabastecidos. Além disso, havia o contato humano, a oportunidade de trocar algumas

palavras e renovar aquela parceria quase religiosa.

Nate abriu a embalagem plástica diante de Marble e o russo pescou com todo o cuidado as baterias previamente embaladas num laboratório esterilizado na Virgínia. Em seguida, depositou dois discos na mesma embalagem e disse:

— Calculo que haja uns 5 metros lineares de arquivos nestes discos. Com os meus cumprimentos.

Nate notou que o velho espião ainda usava metros lineares no lugar de bytes para medir os arquivos que roubava.

— Obrigado — falou. — Incluiu os resumos?

Os analistas americanos haviam suplicado a Nate que lembrasse Marble de acrescentar pequenos sumários a cada grupo de arquivos de modo que eles pudessem priorizar a tradução e o processamento das informações.

— Sim, dessa vez eu lembrei. Também acrescentei um novo organograma no segundo disco, algumas pequenas mudanças de pessoal, nada de muito assustador. E uma agenda dos meus planos de viagem para o ano que vem. Tenho inventado motivos operacionais para

viajar. Está tudo aí — concluiu, apontando o queixo para o saquinho plástico.

— Vai ser ótimo encontrar com você fora de Moscou — comentou Nate.

O tempo corria. Eles haviam alcançado o fim da rua e agora voltavam devagar pela mesma calçada.

Marble ficou pensativo, depois disse:

— Sabe... tenho refletido sobre minha carreira, sobre a relação com meus amigos americanos, sobre o futuro que me espera. É provável que

eu ainda tenha alguns anos de trabalho antes da aposentadoria. Política na velhice... o pior dos equívocos. Talvez ainda fique na ativa por mais três ou quatro anos, quem sabe dois. Às vezes acho que seria agradável me aposentar em Nova York. O que você acha, Nathaniel?

Nate parou e se virou ligeiramente para ele. Ficou preocupado. Que conversa era aquela? Seria possível que seu agente estivesse em algum tipo de apuro? Marble ergueu a mão como se fosse apertar o braço dele, mas parou a meio caminho.

— Por favor, não se preocupe — falou. — Estou só pensando em voz alta.

Nate olhou de esguelha para ele. Viu que o russo parecia mesmo tranquilo. Era natural que um agente pensasse na aposentadoria, que sonhasse com o fim dos riscos e perigos de uma vida dupla, com o dia em que não precisasse mais se afligir cada vez que batessem à sua porta. Esse tipo de rotina sempre levava ao cansaço, e o cansaço sempre acabava acarretando erros. Nate se perguntou se de fato detectara uma nota de exaustão na voz de Marble. Teria que ser cuidadoso ao descrever todas as

nuances daquela conversa no relatório que enviaria no dia seguinte. O mais comum era que os eventuais problemas de um caso fossem imputados ao operador designado, problemas dos quais ele não precisava.

— Tem alguma coisa errada? Algum problema de segurança? — perguntou Nate. — Você sabe que há uma conta bancária à sua espera. Pode se aposentar onde quiser. E contar sempre com o nosso apoio.

— Não, está tudo bem. Ainda temos trabalho pela frente. Depois poderemos descansar — retrucou Marble.

— É uma honra trabalhar com você — disse Nate, e foi sincero. — Sua contribuição tem sido inestimável.

O velho olhava para baixo enquanto eles seguiam pela rua escura. O encontro já se estendia por seis minutos. Hora de partir.

— Está precisando de alguma coisa? — quis saber Nate, e fechou os olhos para se concentrar. Baterias entregues, discos recebidos, sumários incluídos, agenda das viagens para o exterior. A única coisa que faltava era marcar o próximo encontro. — Acha que podemos nos rever daqui a três meses? Dezembro,

inverno brabo. De repente podemos nos encontrar nesse local novo, o Eagle, perto do rio.

— Sim, claro — disse Marble. — Mando uma mensagem com uma semana de antecedência para confirmar.

Eles se aproximavam da mesma esquina de antes, caminhando devagar rumo à luz mais intensa do cruzamento. Um letreiro de neon indicava a entrada do metrô do outro lado da rua.

Nate sentiu um frio súbito percorrer a espinha quando avistou um carro atravessando lentamente o cruzamento, um sedã Lada decrépito

com dois homens na frente. Ele e o russo se recostaram à fachada de um prédio, sumindo por completo numa sombra. Marble também vira o sedã — era tão experiente em esquadrinhar as ruas quanto seu jovem operador. Um segundo veículo, um Opel mais novo, atravessou na direção oposta com dois homens olhando para o outro lado. Ao virar para trás, Nate viu que um terceiro automóvel acabara de dobrar a esquina e vinha descendo a rua em baixa velocidade, apenas com os faroletes acesos.

— É uma varredura — sussurrou Marble. — Você não

estacionou por aqui, estacionou?

Nate balançou a cabeça em negativa. Não, porra, claro que não. Seu coração retumbava no peito. Por um rápido instante ele olhou para Marble e em seguida os dois agiram em total harmonia, como se fossem uma só pessoa. Ignorando o *metka*, esquecendo de todo o resto, Nate ajudou Marble a despir o casaco escuro ao mesmo tempo em que o virava pelo avesso, transformando o traje dupla face em outro totalmente diferente, mudando o corte e deixando-o com uma cor bem mais clara, manchado e puído nas costuras. Depois o auxiliou a vesti-lo

de novo. De um bolso interno do próprio casaco, Nate tirou um chapéu de pele roído pelas traças (parte de seu disfarce) e o enterrou na cabeça do informante. Em seguida, Marble colocou os óculos que ele mesmo levara, um par pesado com uma das hastes colada com fita adesiva. Por fim, Nate enfiou a mão em outro bolso e pescou lá de dentro uma bengala retrátil de três partes, abriu-a com um sacolejo e a posicionou na mão do russo com toda a rapidez.

O moscovita de meia-idade não estava mais lá; fora substituído em oito segundos pelo aposentado maltrapilho que agora coxeava rua

abaixo com o auxílio de sua bengala. Nate conduziu o informante gentilmente para a entrada do metrô do outro lado do cruzamento. Sabia que não era o procedimento correto, que correria o risco de ser acuado no subsolo de uma estação, mas se Marble conseguisse escapar dali teria valido a pena. O disfarce do russo precisaria bastar contra as inúmeras câmeras de segurança ao longo da plataforma.

— Vou tirar esse pessoal daqui — disse Nate enquanto Marble se preparava para atravessar o cruzamento.

O espião veterano virou-se para

ele, sério porém afável, e se despediu com uma piscadela. *Esse homem é uma lenda viva*, pensou Nate. Mas não havia tempo para tietagem. Sua prioridade agora era distrair aquela pequena frota de vigilância, chamando-a para si e afastando-a o máximo possível de Marble. De modo algum poderia ser detido, pois, se aqueles homens encontrassem os discos que ele levava no bolso, a consequência seria a mesma da detenção do próprio Marble: o informante seria eliminado.

Não no turno dele.

Nate sentia a cabeça e a garganta queimarem com o ar frio

que inalava. Os músculos do abdômen se contraíam pelo mesmo motivo. Erguendo a gola do casaco, atravessou a rua diante do carro que percorrera metade do quarteirão. Decerto eram homens do FSB, que operava exclusivamente no território da Federação Russa. Estavam jogando em casa.

O motorista acelerou o motor de 1200cc do Lada e acendeu o farol alto, que resplandeceu na rua molhada. Nate correu para o quarteirão seguinte e, ao chegar lá, se jogou no poço da escada que levava a um apartamento de subsolo, um lugar imundo que fedia a mijo e

vodca. Ouviu o veículo se aproximar, então se deu conta de que não poderia ficar ali, que teria que seguir fugindo pelos becos da vizinhança, pelas passarelas de pedestres, pelas escadas que levavam ao rio. *Procure barreiras, linhas ferroviárias, mude de direção assim que sumir de vista. Engane os algozes, se esgueire para o outro lado das barricadas*. Relógio: quase duas horas.

Exausto, ora ele corria, ora caminhava, ora se agachava entre os carros estacionados, ouvindo os motores se aproximarem em um momento, se afastarem no seguinte, depois voltarem a se aproximar,

tentando chegar perto o bastante para ver o rosto dele, colocá-lo de bruços no chão com o rosto contra o asfalto, enterrar as mãos em seu bolso. Ele podia ouvir a estática dos rádios que eles usavam, os berros que davam, seu desespero crescendo.

Seu primeiro instrutor de vigilância durante o período de treinamento lhe dissera: *Você deve sentir a rua, Sr. Nash. Não importa se é a Wisconsin Avenue ou a Tverskaya: você precisa sentir a rua*. Era exatamente isso que ele fazia agora, mas os russos eram muitos, ainda que não soubessem sua localização exata. Pneus cantavam nos

paralelepípedos molhados enquanto os carros zanzavam de um lado a outro. A boa notícia era que eles ainda não tinham coordenadas suficientes para persegui-lo a pé, e a má notícia era que o tempo corria a favor deles. Ainda bem que continuavam na sua cola, o que significava que não estavam focados em Marble. Nate fez uma rápida oração, agradecendo por ter conseguido despachar o velho para o metrô e por aquela equipe de vigilância não o ter seguido desde o início, pois isso significaria que um segundo time estaria atrás de Marble naquele exato momento. Não,

ninguém botaria as mãos no agente, *seu agente*, tampouco nos discos que ele havia lhe passado e que eram nitroglicerina pura. Os pneus sibilantes finalmente se afastaram e o silêncio tomou conta da rua de novo.

Relógio: mais de duas horas. Com as pernas e a coluna em frangalhos, a visão turvada nos cantos, Nate seguiu por uma ruela, esgueirando-se no escuro, torcendo para que eles tivessem ido embora, imaginando os carros de volta na garagem, enlameados, estalando de tão quentes enquanto os homens recebiam uma merecida

descompostura no gabinete do chefe. Fazia vários minutos que Nate não via carro algum, e deduziu que já estivesse fora do perímetro de busca da equipe. A neve voltara a cair.

Pouco depois, no entanto, um carro parou de repente na esquina, deu ré e entrou na ruela, os faróis iluminando os flocos que caíam. Nate se espremeu contra a fachada mais próxima, tentando reduzir a própria silhueta e os contrastes, mas estava certo de que o tinham visto. Assim que os faróis o localizaram, o motorista acelerou em sua direção, aproximando-se do lado da ruela onde ele se encontrava. Perplexo,

Nate mal acreditou quando o veículo continuou acelerando com a porta do passageiro a poucos centímetros das fachadas, os limpadores de para-brisa trabalhando a pleno vapor e, atrás deles, dois rostos concentrados. Esses animais do FSB... Seria possível que não o estivessem vendo? De súbito, Nate se deu conta de que eles o viam muito bem e que seu objetivo parecia ser esmagá-lo contra a parede. *É uma regra tácita que as equipes de vigilância nunca, jamais, usem de violência quando seu alvo é um diplomata estrangeiro*, os instrutores haviam dito. Nesse caso, bem, que diabo aquela gente estava

fazendo? Nate olhou para trás e viu que a entrada da ruela estava longe demais.

Sinta a rua, Sr. Nash. Foi então que ele *sentiu*, pouco à frente, o cano de escoamento que se prendia à fachada de tijolos por meio de grampos metálicos, um sólido cano de ferro fundido no qual ele se jogou para depois escalar, usando os grampos como apoio. Já estava alto o bastante quando ergueu as pernas e o carro passou por baixo dele, batendo ruidosamente contra o cano e achatando-o na base. O motor morreu e Nate, sem forças para continuar pendurado, saltou para o

teto do carro e de lá para o chão. A porta do motorista se abriu e um homem grande, usando chapéu de pele, começou a sair. Equipes de vigilância jamais usam de violência? Nate não estava disposto a pagar para ver. Sem hesitar, bateu a porta na cabeça do homem, ouviu o berro dele, viu seu rosto contorcido de dor e deu mais duas pancadas fortes e rápidas. O sujeito caiu de volta para o interior do carro e o companheiro dele, sem poder descer por seu lado, já estava se espremendo rumo à porta traseira. Hora de voltar a correr, pensou Nate, e disparou ruela afora até dobrar a esquina.

Uns três prédios adiante ele se viu à porta de um restaurante minúsculo e imundo, aberto apesar da hora, as luzes vazando para a calçada. Ao escutar o carro rugir de novo na ruela, talvez tentando sair de ré, ele rapidamente entrou no restaurante vazio e fechou a porta às suas costas. Um único cômodo, não mais que um balcão de serviço nos fundos, algumas mesas decrépitas, paredes manchadas e uma cortina de renda encardida sobre a janela. Do outro lado do balcão, uma velha com apenas dois dentes pontudos lia seu jornal enquanto ouvia um rádio de sinal muito fraco. A seu lado, em cima

de um fogão elétrico, duas panelas surradas de alumínio quase transbordavam com a sopa que havia nelas. O ambiente recendia a cebola.

Fazendo um esforço para que as mãos parassem de tremer, Nate caminhou até o balcão e, em russo, pediu um prato de sopa de beterraba à mulher de olhar vazio. Em seguida se recostou à janela fechada e aguçou os ouvidos. Um carro passou na rua, depois outro, e só. No rádio, um comediante contava uma piada:

Krushchev visitou uma fazenda de porcos e foi fotografado por lá. Na redação do jornalzinho da cidade, houve uma acalorada discussão

sobre a melhor legenda para a foto. “Camarada Krushchev entre os Porcos”? “Camarada Krushchev e os Porcos”? “Porcos e o Camarada Krushchev”? Não, nada disso estava bom. Por fim o editor bateu o martelo: “Camarada Krushchev, o terceiro da esquerda para a direita.”

A velha riu do outro lado do balcão.

Após mais de doze horas sem comer ou beber nada, Nate devorava sua sopa grossa com uma colher trêmula. A velha o fitou por algum tempo, depois se levantou e contornou o balcão para ir até a porta da frente. Nate acompanhou o

movimento dela de esguelha. Ela entreabriu a porta, olhou para ambos os lados da rua e depois a fechou de novo. Voltou a seu lugar atrás do balcão e pegou o jornal que deixara ali. Assim que terminou de comer, Nate se levantou e deixou alguns copeques sobre o balcão. A velha encarquilhada contou as moedas, varreu-as para dentro de uma gaveta, ergueu o olhar para ele e disse:

— Está certo. Vá com Deus.

Nate evitou encará-la e então foi embora.

Dali a uma hora, encharcado de suor e trêmulo de cansaço, ele enfim atravessou a guarita do complexo da

embaixada americana. Os discos de Marble estavam enfim em segurança. Aquele não era o modo correto de encerrar uma noite de trabalho, mas o horário marcado para sua coleta já passara havia muito tempo. Sua entrada foi devidamente protocolada e em meia hora o FSB (e logo depois o SVR) foi informado de que tinha sido o jovem Sr. Nash, do setor econômico da embaixada americana, quem passara boa parte da noite fora de alcance. E eles achavam que sabiam por quê.

Derreter manteiga numa panela grande; refogar cebolas picadas até que fiquem transparentes; acrescentar três beterrabas raladas, um tomate picado, caldo de carne, vinagre, açúcar, sal e pimenta. O caldo deve ficar agridoce. Deixar ferver e cozinhar por uma hora. Servir quente com uma colherada de creme azedo e endro picado.

CAPÍTULO 2

NA MANHÃ SEGUINTE, O CLIMA não era nada bom em dois gabinetes diferentes, em pontas opostas de Moscou. Na sede do SVR, em Yasenevo, o primeiro vice-diretor Ivan (Vanya) Dimitrevich Egorov lia o relatório sobre as operações da equipe de vigilância do FSB da véspera. Brandos raios de sol atravessavam as grossas vidraças que davam para a floresta de pinheiros em torno do prédio. Alexei Zyuganov, o diminuto chefe da Linha KR de contrainteligência, estava de pé diante da mesa de Egorov — não

fora convidado a se sentar. Os amigos mais próximos (ou talvez apenas a mãe) chamavam o peçonhento anão de “Lyosha”, mas não naquela manhã.

Aos 65 anos, Vanya Egorov era o major-general mais antigo no SVR. Tinha uma cabeça enorme com uma coroa de cabelos grisalhos, olhos castanhos e afastados, boca carnuda, ombros largos, uma pança respeitável e mãos grandes e fortes. Tudo isso lhe conferia o aspecto de um gigante de circo. Estava usando um elegante terno escuro de tecido pesado, feito sob medida no ateliê de Augusto Caraceni, em Milão, com uma gravata azul-marinho e sapatos

de verniz novinhos em folha assinados por Edward Greens.

Como tantos outros, Egorov começara a carreira como oficial de campo da KGB, mas, depois de um sem-número de missões nos confins mais tórridos da Ásia, chegara à conclusão de que não era exatamente talhado para o trabalho em campo. De volta a Moscou, soubera driblar as virulentas disputas de poder na organização e ocupara diversos postos de grande visibilidade, a princípio no setor de planejamento, depois na administração e, por fim, no recém-criado posto de inspetor geral. Exercera um importante papel

na mudança da KGB para SVR em 1991, escolhera o lado certo das trincheiras por ocasião do fracassado golpe de Kryuchkov contra Gorbachev, em 1992, e em 1999 fora notado pelo apático vice-primeiro-ministro Vladimir Vladimirovich Putin, um escorpião de cabelos louros e lânguidos olhos azuis. No ano seguinte, Yeltsin estava fora, e Putin, contrariando todas as expectativas, assumira o comando do Kremlin. Vanya Egorov ficara esperando o telefonema que sem dúvida não tardaria.

"Quero que você cuide das coisas pra mim", Putin lhe dissera

durante uma entrevista de apenas cinco minutos no imponente gabinete presidencial do Kremlin, a exuberante madeira dos lambris refletindo-se de um modo sinistro nos olhos do novo presidente. Ambos sabiam que "coisas" eram aquelas, e Vanya voltara para Yasenevo, a princípio como terceiro vice-diretor, depois como segundo, até que passara a ocupar o gabinete do primeiro vice-diretor, bem em frente à suíte de salas do diretor. Fazia um ano que estava lá.

O clima ficara tenso antes das eleições no último mês de março, os malditos jornalistas e os partidos de

oposição praticamente sem controle, o que nunca acontecera antes. O SVR procurara alguns dissidentes, operara com discrição nas diversas zonas eleitorais e enviara relatórios sobre alguns parlamentares da oposição. Um oligarca colaboracionista havia sido orientado a formar um novo partido apenas com o intuito de canalizar votos e dividir o contingente inimigo.

Vanya, por sua vez, arriscara tudo ao sugerir pessoalmente a Putin que os ocidentais, sobretudo os americanos, fossem responsabilizados por insuflar as inúmeras manifestações populares

que haviam precedido as eleições. O candidato adorara a sugestão e a aceitara sem pestanejar, já contemplando o retorno da Rússia ao cenário internacional. Chegara ao ponto de cumprimentar Vanya com tapinhas nas costas, talvez porque eles tivessem trajetórias tão parecidas, talvez porque ambos houvessem realizado tão pouco como oficiais de inteligência durante suas breves missões fora do país, ou talvez porque um informante fosse capaz de reconhecer outro *nashnik.* Fosse o que fosse, Putin gostava dele, e Vanya Egorov sabia que seria recompensado. Estava próximo das

alturas. Tinha tempo de serviço e poder para continuar subindo. E era isso que ele queria.

Ocorre que o capataz de uma fazenda de cobras inevitavelmente será picado se não agir com extrema cautela. O Kremlin atual era todo ternos e gravatas, sorridentes reuniões de cúpula e comunicados de porta-vozes, mas qualquer um com tempo suficiente de casa poderia atestar que, na essência, pouco ou nada havia mudado desde os tempos de Stalin. Amizade? Lealdade? Proteção? Bastava um único tropeço operacional ou diplomático, ou pior, alguma falha que colocasse o

presidente em maus lençóis, para que uma tempestade desabasse na cabeça do infeliz, uma *burya* contra a qual não havia qualquer abrigo.

Vanya balançou a cabeça. *Chert vozmi.* Merda. Aquele episódio com Nash era exatamente o que ele *não* precisava.

— Não havia outra equipe de vigilância menos incompetente? — rugiu ele. Tinha o hábito de exagerar um pouco no drama quando estava diante de subordinados. — Não há a menor dúvida de que esse merdinha americano foi se encontrar com alguma fonte ontem à noite. Como é possível ele ter ficado fora do nosso

radar por mais de doze horas? Aliás, o que esses vigilantes estavam fazendo naquela parte da cidade?

— Parece que estavam procurando por traficantes chechenos. Só Deus sabe o que o FSB anda fazendo ultimamente — explicou Zyuganov. — Aquele bairro... aquilo lá é um antro.

— Mas e a batida na ruela? Que diabo foi aquilo?

— Não está claro. Eles acreditavam ter acuado um checheno armado. É o que estão dizendo, mas acho difícil. O mais provável é que tenham se deixado levar pelo entusiasmo da busca.

— *Kolkhozniki.* Camponeses teriam se saído melhor. Vou pedir ao diretor que converse com o presidente na próxima segunda-feira. Não podemos permitir que diplomatas estrangeiros sejam achacados na rua, mesmo que estejam se encontrando com traidores russos — disse Egorov, e bufou. — O FBI vai começar a atacar nossos operadores em Georgetown se esse tipo de coisa voltar a acontecer.

— Também vou enquadrar meu pessoal, general. Os vigilantes vão se emendar, fique tranquilo. Sobretudo, se me permite sugerir, se lhes

arranjarmos pequenas temporadas de *katorga*.

Egorov encarou seu chefe de contrainteligência com o rosto impassível, notando que por pouco ele não salivara ao usar o termo tsarista para *gulag*. Por Deus. Alexei Zyuganov era um cara baixo e de pele escura, com orelhas de abano e um rosto achatado que mais lembrava uma frigideira. Dentes podres e um risinho perene completavam o arquétipo Lubyanka. Apesar de tudo, era um subordinado confiável e malévolo que tinha lá sua utilidade.

— Podemos até criticar o FSB, mas uma coisa eu lhe garanto: esse

americano está se encontrando com alguém importante. Um peixe graúdo que aqueles imbecis nem sequer tiveram capacidade de identificar. — Egorov jogou seu relatório sobre a mesa. — Portanto, Zyuganov, você já pode imaginar qual será sua missão daqui pra frente, não pode? — Ele fez uma pausa, e depois: — Descobrir. Quem. Ele. É — falou, batendo o indicador gordo no tampo da mesa para pontuar cada palavra. — Quero que você me traga a cabeça desse filho da puta traidor dentro de um cesto de palha.

— Será minha prioridade — retrucou Zyuganov, ciente de que,

sem o mínimo de informações para seguir em frente, sem qualquer pista específica do informante na CIA, sem alguma sorte nas ruas, eles não teriam alternativa a não ser esperar.

Por ora ele não poderia fazer mais que investigações e interrogatórios, apenas para não perder o costume.

Egorov olhou mais uma vez para o relatório inútil. O único fato confirmado era a identificação de Nathaniel Nash ao portão da embaixada. Não havia ninguém mais que o tivesse visto para fornecer alguma descrição. O motorista de um dos carros da equipe (cuja foto, com

um curativo sobre o olho esquerdo, fora incluída no documento, talvez para justificar o incidente na ruela) reconhecera o americano, assim como a sentinela à porta do complexo residencial da embaixada.

Aquela história poderia acabar muito bem ou muito mal, pensou Egorov. Muito bem se um badalado caso de espionagem fosse resolvido por mérito dele e para a desgraça dos americanos. Muito mal se um fiasco viesse acender o pavio curto de seu padrinho no Kremlin, o que seria o fim de sua carreira. Dependendo da ira do presidente, era bem possível que ele fosse parar num beliche ao

lado de Khodorkovsky, o oligarca arruinado, na Colônia Penal Número 9 de Segezha.

Ao avaliar morbidamente as oportunidades e consequências políticas de toda aquela confusão, naquela manhã ele havia requisitado e lido o *liternoye delo*, ou arquivo operacional, de Nate: "Jovem, disciplinado, dedicado, fluente em russo. Nenhum excesso com mulheres ou álcool. Sem vício em drogas. Aplicado como chefe do setor econômico da embaixada. Eficaz no trabalho de espionagem; jamais telegrafa o intuito de suas missões." *Molokosos*, resmungara Egorov ao ler

tudo isso. Ianquezinho de merda.

Ergueu os olhos para seu chefe de contrainteligência. Zyuganov sentiu os cabelos se eriçarem na nuca e achou que devia demonstrar um pouco mais de entusiasmo. Ivan Egorov não tinha muita experiência em operações de campo, mas pertencia a uma espécie bastante comum na fauna do SVR: a dos burocratas politicamente ambiciosos.

— Sr. vice-diretor, o melhor caminho para descobrirmos a identidade do traidor que está vendendo nossos segredos é fechar o cerco em torno desse ianque que se

acha um herói. Segui-lo aonde ele for. Colocar três equipes na cola dele, 24 horas por dia. Ordenar, ou melhor, pedir ao FSB que aumente a vigilância. Vamos deixar que eles monitorem o homem e depois, no momento certo, entramos com nossas equipes. Temos que descobrir onde será o próximo encontro. Porque sem dúvida haverá outro encontro daqui a três ou seis meses.

Egorov gostou do que ouviu. Repetiria aquilo quando fosse falar com o diretor mais tarde no mesmo dia.

— Muito bem, então. Ao trabalho. Me avise assim que tiver

mais detalhes do que pretende fazer para que eu possa manter o diretor informado sobre a nossa estratégia — ordenou Egorov, e abanou a mão para dispensar seu subordinado.

"Sobre a *nossa* estratégia?", pensou Zyuganov, e saiu.

O complexo da embaixada americana ficava a noroeste de Yasenevo, no distrito de Presnensky, entre o Kremlin e uma curva bastante acentuada do rio Moscou. Naquela mesma tarde, outra conversa desagradável acontecia no gabinete do chefe de estação da CIA, Gordon Gondorf. Assim como o chefe da Linha KR, Nate não fora convidado a

se sentar e agora estava de pé diante da mesa de Gondorf. Os joelhos ainda doíam da noite anterior.

Enquanto o porte avantajado de Egorov lhe dava uma aparência de gigante de circo, a estatura e as feições angulosas de Gondorf o faziam lembrar, com assombrosa precisão, um cão de circo da raça Whippet. Tinha 1,70 metro de altura, cabelos ralos, olhos muito redondos e próximos demais, pés minúsculos. O que lhe faltava em estatura lhe sobrava em malícia. Gondorf (ou Gon*dork*, como era chamado pelas costas, uma referência à gíria americana para "panaca") não

confiava em ninguém, tampouco se dava conta da ironia presente no fato de ele mesmo também não inspirar confiança. Vivia num inferno secreto que apenas seus pares de espionagem poderiam conhecer.

— Li seu relatório operacional de ontem — disse ele, mas em tom neutro, quase hesitante. — De acordo com o que escreveu, parece que ficou satisfeito com o resultado.

Nate sentiu um frio na barriga, antecipando a bronca que estava por vir. *Defenda sua posição*, pensou.

— O agente retornou em segurança. Acho que é um bom resultado, sim — afirmou.

Sabia muito bem aonde Gondorf queria chegar, mas deixaria que ele fizesse isso por conta própria.

— Nosso ativo mais valioso e prolífico quase foi preso ontem à noite. Por sua culpa. Seu encontro foi flagrado por uma equipe de vigilância, pelo amor de Deus!

Nate precisou conter a raiva.

— Fiz uma rota de doze horas ontem. Aliás, uma rota que *você* aprovou. Confirmei meu status. Eu estava invisível quando cheguei ao local do encontro, e Marble também.

— Então como você explica a presença das equipes de vigilância?

— questionou Gondorf. — Não é possível que acredite que elas estavam ali por acaso. Você não acha isso, acha? — emendou com sarcasmo.

— Foi exatamente isso que aconteceu — retrucou Nate. — É impossível que eles estivessem me procurando. Aquela merda toda na ruela... Eles não chegaram ali porque estavam me seguindo desde o início. Não é possível. Estavam ali por outro motivo e reagiram. Nem fizeram questão de ser discretos. Marble foi embora em completa segurança.

Nate não pôde deixar de notar que para o chefe não havia a menor

importância que o tivessem tentado esmagar contra uma parede. Outra pessoa já estaria na sala do embaixador, exigindo, dedo em riste, que a embaixada formalizasse um protesto junto à diplomacia russa.

— Não diga bobagens — devolveu Gondorf. — A noite de ontem foi um desastre completo. Onde você estava com a cabeça quando colocou nosso homem no metrô? Aquilo é o mesmo que uma ratoeira! Além disso, ignorou todas as normas de procedimento quando o ajudou a virar o casaco pelo avesso. Ele tinha que fazer isso sozinho, você sabe muito bem! E se neste exato

momento ele estiver ficando todo verde sob uma lanterna fluorescente?

— Foi uma decisão consciente. Julguei que a prioridade era colocá-lo num disfarce e tirá-lo dali o mais rápido possível. Marble é um cara experiente, sem dúvida já se livrou do casaco e da bengala. Podemos mandar uma mensagem pra ele, e eu confirmo tudo isso no nosso próximo encontro — propôs Nate.

A conversa era angustiante para ele, sobretudo porque o chefe não tinha o menor conhecimento das ruas.

— Não haverá próximo encontro. Pelo menos não com você,

visado do jeito que está. Ontem à noite você foi identificado umas dez vezes! Sua fachada no Setor de Economia foi para o brejo, e, de agora em diante, pode acreditar: metade do serviço de vigilância de Moscou vai ficar no seu pé — disse Gondorf, visivelmente saboreando as palavras.

— Eles sempre souberam da minha posição de fachada. Sempre tive vigilantes no meu pé, você sabe disso. Posso muito bem continuar falando com os nossos ativos — argumentou Nate, apoiando-se no espaldar de uma cadeira.

Sobre a mesa do chefe havia uma granada esculpida em madeira

com os seguintes dizeres na base: DEPARTAMENTO DE RECLAMAÇÕES. PARA UM ATENDIMENTO MAIS RÁPIDO, PUXE O PINO.

— Não. Não dá mais pra você continuar se encontrando com os agentes — decretou Gondorf. — Você agora é um ímã de problemas.

— Se realmente colocarem essa gente toda no meu pé, eles vão à falência — raciocinou Nate. — Aliás, a ideia até que não é má: ficar zanzando de carro por aí durante seis meses só pra sugar os recursos e o contingente deles. Quanto mais vigilância na minha cola, mais fácil será manipulá-los.

Defenda sua posição.

Gondorf não ficou nem um pouco impressionado, muito menos convencido. O jovem ás da espionagem representava um enorme risco pessoal para ele, que havia muito tempo sonhava com a possibilidade de um posto no alto escalão após sua volta para Washington. Aquele risco não valia a pena.

— Nash, estou recomendando que sua temporada em Moscou seja abreviada. Você está muito visado neste momento, e é só uma questão de tempo até ser apanhado com um dos nossos informantes. — Ele

ergueu o rosto para dizer: — Mas não se preocupe. Faço questão que obtenha uma ótima transferência.

Nate ficou perplexo. Até mesmo um espião de primeira viagem sabia que uma temporada abreviada por um chefe de estação — qualquer que fosse a razão — era o bastante para uma carreira ir por água abaixo. Além disso, não havia a menor dúvida de que Gondorf espalharia que ele havia metido os pés pelas mãos. Sua reputação extraoficial receberia um golpe do qual seria muito difícil se recuperar. Os novos trabalhos e as possíveis promoções ficariam seriamente comprometidos. Nate

experimentou a velha sensação de que estava afundando em areia movediça.

Por outro lado, tinha a consciência absolutamente tranquila: na noite anterior ele salvara a vida de Marble com uma decisão rápida e acertada. Olhou para baixo, para o rosto impassível do chefe. Os dois sabiam muito bem o que estava acontecendo ali, e por quê. Portanto, para Nate, não fazia sentido evitar levar aquela conversa até as últimas consequências.

— Gondorf, você é um covarde filho da puta que se borra de medo das ruas. Resolveu me fritar só pra

tirar o seu da reta. Sabe, foi muito educativo trabalhar nesta estação.

Ao sair da sala, observou que a ausência de um ataque de fúria por parte de Gondorf dava uma boa medida de quem ele era.

***

Cortado antes do fim da temporada. Melhor isso do que ser responsabilizado pela morte de um informante, por desvio de recursos ou pela falsificação de relatórios. Ainda assim, um desastre. Nate não sabia ao certo como isso afetaria seu futuro, mas tinha certeza de que a notícia se espalharia no instante em

que o telegrama de Gondorf fosse recebido no QG. Alguns de seus colegas de treinamento já faziam seu segundo turno, subindo de degrau. Segundo ouvira dizer, um deles já ocupava o posto de chefia numa estação menor. Os meses de treinamento adicionais em Moscou haviam lhe custado algum atraso, e agora isso.

Por mais que tentasse se convencer a não fazer tempestade em copo d'água, Nate não parava de se remoer. Crescera ouvindo que era importante não ficar para trás, que era fundamental vencer. A mansão palladiana em que fora criado às

margens do rio James, na Virgínia, não era muito diferente de um ringue de luta, um ringue pelo qual já haviam passado muitas gerações da família Nash. O avô de Nate e depois seu pai, respectivamente o fundador e o sócio majoritário do escritório de advocacia Nash, Waryng & Royall em Richmond, haviam se alternado na cabeceira da ampla mesa de jantar e aplaudido os irmãos mais velhos de Nate (um com seus cachinhos desgrenhados à la Júlio Cesar e o outro com as madeixas partidas para o lado com todo o cuidado) enquanto eles se engalfinhavam feito dois capetas nos tapetes da sala,

aprendiam o básico do Direito, levavam ao altar beldades peitudas daquelas que se calam e erguem os olhos azuis, obedientes, assim que os maridos chegam em casa.

Mas e quanto ao jovem Nate? O que vamos fazer com ele? Era isso que volta e meia se perguntavam. Formado em literatura russa pela Johns Hopkins, Nate havia buscado refúgio no campo espiritual e ascético de Gógol, Tchecov e Turgenev, o mundo mais distante de Richmond que conseguira encontrar. Os irmãos, assim como o pai, achavam aquilo um desperdício. Esperavam que ele também se

formasse em Direito pela Universidade de Richmond, para a qual fora pré-aprovado, e posteriormente se juntasse ao escritório da família como sócio júnior. O diploma em letras, portanto, era um problema, e a subsequente candidatura para um posto na CIA havia causado uma grande crise familiar.

"Tenho absoluta certeza de que você ficará decepcionado com o serviço público", o pai dissera. "Com toda a sinceridade, não consigo vê-lo feliz no meio daquela burocracia toda." Tinha certa intimidade com a área, pois conhecia alguns ex-

diretores da agência. Os irmãos, no entanto, eram bem menos cautelosos ao criticarem. Durante um feriado particularmente animado, eles haviam feito um bolão para saber quanto tempo Nate duraria em sua aventura na CIA. A previsão mais otimista não chegava a três anos.

A decisão de integrar os quadros da agência não tinha nada a ver com a vontade de escapar dos suspensórios e abotoaduras da vida de advogado, das colunatas de uma mansão colonial à beira do rio, das previsibilidades sufocantes de Richmond. Tampouco estava relacionada a uma noção de

patriotismo: Nate não era nem mais nem menos patriota do que qualquer americano. Em vez disso, tinha tudo a ver com os saltos que seu coração dera quando ele, aos 10 anos, *se obrigara* a caminhar pelo beiral da mansão a uma altura de três andares, cara a cara com os gaviões que plainavam sobre o rio, apenas para enfrentar o próprio medo, o pavor que tinha do monstro do fracasso. Tinha a ver com a tensão entre ele e o pai, ele e o avô, ele e os irmãos que exigiam uma conformidade que eles mesmos não estavam dispostos a oferecer.

Tratava-se dos mesmos saltos

no coração que ele sentira durantes as entrevistas iniciais na CIA, do tremor na voz que precisara controlar ao discursar sobre seu prazer em se comunicar com as pessoas, em enfrentar incertezas, em vencer desafios. No entanto, ao conseguir conter os sentimentos e a voz, ele tivera a grata constatação de que era capaz de agir com frieza e enfrentar as coisas sobre as quais não tinha controle. Trabalhar na CIA era algo de que ele precisava.

Mas o coração de Nate deu o salto mais forte quando ele recebeu de um recrutador a notícia de que seu pedido de ingresso na agência

dificilmente seria aprovado, em grande parte porque ele não tinha nenhuma "experiência de vida" pós-formatura. Outro entrevistador, no entanto, mais otimista que o primeiro, confidenciara que o resultado excelente nas provas de russo fazia dele um ótimo candidato. Foram três meses até que a CIA tomasse sua decisão, e nesse período as apostas da família já giravam em torno da *data exata* do retorno de Nate para casa. A comoção foi a mesma quando o envelope chegou. Aprovado.

Em seguida vieram a apresentação no QG, intermináveis

formulários para assinar, inúmeros cursos para fazer, meses de treinamento, auditórios com palestrantes sonolentos e uma infinidade de apresentações audiovisuais. Depois disso tudo, enfim, a fazenda e suas estradinhas pavimentadas cortando as florestas de pinheiros, os dormitórios com piso de linóleo, as salas de aula bolorentas de carpete cinza, os assentos numerados que haviam pertencido aos heróis do ano anterior e aos de quarenta anos atrás, recrutas sem rosto ou identidade, espiões exímios ou não, os traidores que haviam debandado para o campo

inimigo, os que já haviam morrido muito tempo antes e eram lembrados apenas pelos poucos que os conheciam.

Eles simulavam reuniões clandestinas, bem como recepções diplomáticas em que os novos recrutas se misturavam a instrutores sempre muito efusivos, trajando uniformes do Exército Soviético ou paletós compridos à la Mao Tse-Tung. Embrenhavam-se nos bosques com alguma engenhoca de visão noturna e iam contando os passos até encontrarem num toco de árvore o tijolo que haviam escondido num saco de aniagem. Nas simulações de

blitz, eram ameaçados por instrutores que se faziam passar por "guardas de fronteira" e os jogavam contra o capô do carro, esfregando papéis em suas caras e exigindo explicações. Às vezes iam para uma fazenda perdida no meio do nada e, enquanto bebiam vodca, tentavam convencer algum pseudo-oficial a cometer traição. Através dos pinheiros, viam a superfície negra do rio se agitar com o mergulho de uma águia-pescadora durante o anoitecer.

Nate era bem-sucedido na maioria dos exercícios práticos. Não sabia dizer de onde vinham seus instintos, mas ele deixava para trás

toda a pressão de seu passado familiar em Richmond e se entregava com confiança às simulações em que precisava driblar vigilantes para se encontrar com os pseudoinformantes, quase sempre fantasiados com os casacos e chapéus mais improváveis. Diziam que ele tinha um olho bom e Nate começava a acreditar nisso, mas a descrença dos irmãos mais velhos ainda pairava sobre ele como um fantasma. Seu grande pesadelo era fracassar, ser dispensado do treinamento e voltar para Richmond com o rabo entre as pernas. Recrutas eram mandados embora a todo

instante, sem nenhum aviso prévio.

— Só nos interessam os alunos íntegros — disse certa vez o instrutor de técnicas de espionagem. — Não queremos saber de ninguém recorrendo a meios escusos para descobrir qual será a simulação seguinte e se dar bem. — Ele quase berrava. — Se um de vocês for flagrado com o bloco de anotações de um instrutor, ou com qualquer outro material de acesso restrito, será dispensado sumária e irrevogavelmente.

Nate tinha a impressão de que esse tipo de coisa era dito quase como um desafio.

Apesar de serem um grupo, os novatos não se misturavam entre si, cada um acalentando os próprios sonhos, imaginando uma primeira missão em Caracas, Atenas, Tóquio ou Nova Déli. A rivalidade entre eles ficava ainda mais acirrada nos coquetéis oferecidos pelos diversos departamentos da agência, uma espécie de cerimônia de recrutamento para jovens espiões. A tensão era a mesma que os jogadores sofrem antes de algum campeonato em que sabem que vários olheiros estarão presentes.

Numa dessas festinhas de fim de treinamento, Nate foi abordado por

um homem e uma mulher e informado de que havia sido pré-aprovado para a Divisão Russa da CIA, de modo que não precisaria se candidatar a nenhum posto em outro lugar. Nate perguntou, com toda a delicadeza, se seu conhecimento da língua também não poderia ser aproveitado para lidar com russos no Oriente Médio ou na África, por exemplo, mas eles apenas sorriram, dizendo que o esperavam no QG antes do fim do mês.

Ele conseguira. Estava praticamente empregado. Fazia parte da elite.

Em seguida vieram as palestras

sobre a Rússia moderna. Falaram sobre os problemas do comércio de gás natural com a Ucrânia, que afetavam toda a Europa, bem como sobre a velha mania do Kremlin de apadrinhar países do mal para fazer justiça quando sua real intenção era *fazer o mal* e, em última análise, provar que a Rússia ainda não estava morta. Homens muito peludos discursaram sobre as promessas da Rússia pós-União Soviética, sobre eleições, reformas no sistema de saúde e crises demográficas, e sobre a triste possibilidade de a Cortina de Ferro voltar a se fechar diante de um par de olhos azuis que não deixavam

escapar nada. A *Rodina*, a sagrada Pátria Mãe de terra escura e céu sem fim, teria que resistir um pouco mais enquanto o cadáver da União Soviética era içado do pântano em que o haviam afundado e seu coração era ressuscitado, e só então as velhas prisões poderiam ser enchidas de novo com os infiéis que não se emendavam.

Uma mulher dura e inflexível falou sobre a nova Guerra Fria, sobre as negociações veladas de desarmamento e os novos caças supersônicos capazes de voar de lado mas que ainda traziam uma estrela vermelha nas asas, sobre a fúria de

Moscou após a instalação, por parte do Ocidente, de um sistema de defesa antimíssil na Europa central (ah, que saudade daquela antiga e conveniente escravidão!), sobre os sabres que aos poucos eram sacados de suas bainhas enferrujadas, uma melodia que se ouvia todos os dias nos tempos de Brejnev e Chernenko. E o objetivo de tudo aquilo, diziam, de todo aquele aparato de espionagem, era a necessidade crescente de saber quais eram os planos e intenções por trás da placidez daqueles olhos azuis e daquela ampla fronte dourada, segredos aparentemente diferentes,

mas os mesmos de sempre, segredos que precisavam ser roubados.

Por fim, um agente que mais parecia um traficante da Rota da Seda, um senhor de olhos verdes e sorriso enviesado, apareceu para um bate-papo informal.

— Energia, declínio populacional, recursos naturais, países-clientes — disse ele com uma voz grave e ressonante. — Esqueçam tudo isso. A Rússia é o único país capaz de plantar um míssil intercontinental na porta da Casa Branca. O *único*, e além disso eles têm um arsenal incalculável de armas nucleares.

Fez uma pausa para coçar o nariz, organizou os pensamentos, depois prosseguiu:

— Os russos odeiam os estrangeiros quase tanto quanto odeiam uns aos outros. E já nascem conspiradores. Sabem muito bem que são superiores, mas também são inseguros: têm a necessidade de ser respeitados, sobretudo temidos, exatamente como nos tempos da União Soviética. Eles querem estar no palco, querem ser aplaudidos. Têm verdadeiro horror ao papel secundário a que foram relegados no cenário internacional. Por isso Vladimir Putin está montando sua

versão 2.0 da União Soviética. E ninguém vai se colocar no caminho dele.

Ficou por um momento em silêncio, avaliando as reações, e depois retomou a palavra:

— Sabem aquele garotinho birrento que puxa a toalha da mesa e quebra a louça só pra chamar atenção? Pois então. O Kremlin é esse garotinho birrento. Não quer ser ignorado, e aí vai quebrar toda a louça até que lhe deem ouvidos. Vai continuar vendendo armas químicas pra Síria, doando combustível nuclear pro Irã, ensinando a Indonésia a criar seus próprios

sistemas de enriquecimento de urânio, construindo reatores de água leve na Birmânia... Pois é, pessoal, essa gente não conhece limites. O maior perigo, no entanto, é a instabilidade que tudo isso cria, o combustível que essas atitudes injetam em toda uma nova geração de malucos incendiários.

A segunda Guerra Fria tem tudo a ver com o ressurgimento do Império Russo, e não se iludam achando que Moscou vá cruzar os braços e ficar esperando pra ver como a marinha chinesa se comporta *quando*, e não *se*, o caldo engrossar no estreito de Taiwan.

Ele deu de ombros sob o paletó espalhafatoso, depois concluiu:

— Dessa vez não será tão fácil. Vocês vão ter que encontrar um jeito de desarmar essa bomba. Fico até com uma ponta de inveja. — Ele ergueu a mão. — Boa caçada pra todos vocês! — desejou, e em seguida saiu da sala.

Todos permaneceram sentados e mudos.

Nate agora se achava irremediavelmente enredado nas maquinações de Moscou. Enquanto esperava o tão aguardado dia de sua partida, ele cumpria a última parte de um rigoroso treinamento

especializado que incluía, entre outras coisas, aprender de um novo vocabulário operacional em russo. Obtivera permissão para examinar os "livros" — arquivos que continham as fotos de passaporte e também os dados mais relevantes sobre todos os agentes com os quais teria que se encontrar sob as barbas da vigilância russa. Vida e morte na neve. Ele agora era a ponta de uma lança, e das grandes. Seus colegas de turma se dispersaram e logo Nate os esqueceria. Outras vidas eram mais importantes agora. Ele nem sequer cogitava a possibilidade de falhar em sua nova missão. *Não podia* falhar.

***

Três dias após sua conversa com Gondorf, Nate estava num pequeno restaurante do aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, esperando seu voo ser chamado. Havia escolhido um "sanwitz Cubano" e uma cerveja no cardápio engordurado.

A embaixada oferecera um facilitador administrativo para acompanhá-lo, a fim de ajudar com as passagens e o controle de passaporte, mas ele recusara. Na noite anterior, Leavitt comprara umas cervejas no fim do expediente e eles haviam ficado conversando tranquilamente,

evitando os assuntos mais óbvios, sem dúvida não mencionando o que todos os outros oficiais estavam pensando: que a carreira de Nate, assim como sua reputação, sofrera um duro golpe. As despedidas foram bastante artificiais.

A única notícia boa era que, dois dias antes, em resposta à notificação de dispensa enviada por Gondorf, o QG informara que uma posição de agente na vizinha Finlândia havia vagado de repente. Diante da fluência de Nate em russo, da abundância de russos na Finlândia e da mobilidade que o fato de ser solteiro lhe conferia, eles questionaram se ele se

interessaria por uma designação lateral em Helsinki, começando de imediato. Nate aceitara, apesar das objeções iniciais de Gondorf, que depois acabara concordando. O convite formal para o novo posto havia chegado, seguido de um bilhete informal assinado por Tom Forsyth, o chefe da estação de Helsinki, simplesmente lhe dando as boas-vindas.

O voo da Finnair foi chamado e Nate seguiu com os demais passageiros para o setor de embarque. Com suas respectivas lentes de longo alcance, uma equipe de dois homens o observava do alto,

numa sala privativa na torre de controle. A vigilância do FSB o seguira até o aeroporto para se despedir. O FSB, o SVR e, sobretudo, Vanya Egorov estavam convencidos de que aquela súbita partida tinha um bom motivo. Enquanto Nate entrava na aeronave e era fotografado pelos vigilantes, Egorov queimava os miolos em seu gabinete. Uma pena. Sua melhor pista para identificar o informante traidor estava indo embora. Ele levaria meses, talvez anos, para encontrar uma nova pista, *se* encontrasse.

Nash ainda era uma peça-chave, pensou o vice-diretor. O mais

provável era que continuasse operando sua fonte fora da Rússia. Não poderia ficar à solta. Egorov sabia muito bem que a designação para Helsinki não era exatamente um empecilho incontornável. O SVR podia operar quase sem nenhuma amarra em toda a Finlândia e, melhor ainda, tinha total independência nas operações estrangeiras. Não haveria mais necessidade daquela chateação de trabalhar em harmonia com as bichinhas do FSB. “Vamos ver”, pensou Vanya. O mundo era pequeno demais para que alguém pudesse se esconder nele.

SANDUÍCHE CUBANO DO AEROPORTO DE MOSCOU

Partir e abrir ao meio uma baguete de pão cubano de mais ou menos 30 centímetros. Umedecer com azeite do lado de fora e mostarda do lado de dentro. Rechear com tênder, pernil de porco, queijo suíço e picles fatiados bem finos. Fechar e prensar por dez minutos numa sanduicheira elétrica ou entre dois tijolos embrulhados em papel-alumínio e aquecidos no forno. Cortar na diagonal em três pedaços.

CAPÍTULO 3

DOMINIKA EGOROVA OCUPAVA UMA mesa privativa num dos restaurantes mais sofisticados de Moscou, um opulento templo de cristal e mármore chamado Baccara, não muito distante da praça Lubyanka. Os talheres de prata, as taças de cristal, a toalha branquíssima... ela nunca tinha visto nada igual. Embora estivesse ali a trabalho, divertia-se com tudo aquilo e dispusera-se a saborear cada garfada daquele jantar pecaminosamente caro.

Dimitri Ustinov estava sentado

do outro lado da mesa, mal se aguentando de tanto tesão. Alto, forte, com uma basta cabeleira negra e um maxilar quadrado, era um dos líderes da corja que dominava a exploração de petróleo e a mineração na Rússia, um dos oligarcas que conquistara uma fortuna de bilhões de dólares durante os anos de poderio após a Guerra Fria. Começara como um capanga do crime organizado, mas conseguira subir na vida.

Ustinov trajava um impecável smoking de gola xale sobre uma camisa plissada branca com abotoaduras de diamante azul. O

relógio era um

Tourbillon da Corum, um dos dez produzidos por ano pela marca suíça. As mãos enormes, duas patas de urso, estavam delicadamente apoiadas sobre uma cigarreira Fabergé de esmalte azul, fabricada em 1908 para o tsar. A certa altura da conversa ele pegou um cigarro do estojo e o acendeu com um Dupont de ouro, que se fechou com aquele clique melodioso que só os isqueiros da marca eram capazes de produzir.

Ustinov possuía a terceira maior fortuna da Rússia, no entanto, por mais rico que fosse, não era lá muito esperto. Havia comprado uma briga

pública com o governo, sobretudo com o primeiro-ministro, Vladimir Putin, ao rechaçar uma série de novas regulamentações que ameaçava prejudicar seus negócios. Três meses antes, no auge da disputa, fizera comentários obscenamente depreciativos sobre Putin durante um programa de entrevistas moscovita. Nos bastidores havia quem se espantasse por ele ainda estar vivo.

Naquela noite, porém, o bilionário não tinha cabeça para outra coisa que não fosse Dominika, que conhecera na emissora de televisão um mês depois da tal

entrevista e cuja beleza e sensualidade inata o deixaram fascinado. Teria comprado a emissora ali mesmo só para ter a oportunidade de voltar a vê-la. Mas isso não fora necessário: ela nem sequer piscara antes de aceitar o convite dele para jantar. Olhando-a por cima da mesa, ele só pensava em passar as mãos por todo o seu corpo.

Dominika tinha 25 anos e usava os cabelos castanho-escuros em um coque preso à nuca com um laço preto. O azul-cobalto dos olhos combinava com o da cigarreira esmaltada, e foi isso que Ustinov disse antes de empurrar a pequena

joia na direção dela e emendar:

— Pra você.

A jovem tinha lábios carnudos e braços elegantes que naquela noite estavam descobertos. Vestia um pretinho básico com um decote ousado o suficiente para deixar à mostra o colo espetacular. A luz difusa das velas iluminava uma pequenina veia azul sob a pele alvíssima de um dos seios. Ela pousou a mão de dedos compridos sobre a cigarreira. Suas unhas eram curtas, quadradas e sem nenhum esmalte. Em seguida ergueu os olhos para Ustinov, que no mesmo instante sentiu uma contração nas

profundezas da virilha.

Dominika sabia o bastante sobre ele para seguir seus instintos e ignorar a náusea que lhe provocava. Sorrindo para o lagarto asqueroso, ela disse:

— Dimitri... é lindo, mas não posso aceitar. É um presente generoso demais.

— Claro que pode — retrucou ele, esforçando-se para ser charmoso. — Você é a mulher mais bonita que já conheci, e ter aceitado meu convite foi o presente mais maravilhoso que poderia me dar. — Ele bebeu um gole do champanhe e imaginou o vestido preto jogado no chão do seu quarto.

— Estou gostando muito de você, sabia? — acrescentou.

Dominika precisou se segurar para não rir. Aquele *derevenshchina*, aquele caipira, era tão sofisticado quanto os brigões de rua tão comuns nos cafundós do país. Aliás, era exatamente isso que ele fora no início da vida. Mas, caramba, como havia ficado rico! Durante sua semana de preparação, Dominika recebera algumas informações sobre o patrimônio do homem. Iates. Mansões de campo. Apartamentos de cobertura. Três jatinhos particulares. Poços de petróleo e minas em diversas partes do mundo. Um

exército de seguranças que na verdade eram mercenários pagos a peso de ouro.

Dominika era a filha única de Nina e Vassily Egorov. Nina havia sido *spalla* da Orquestra Sinfônica de Moscou, uma virtuose em plena ascensão que estudara com Klimov e era tão talentosa que fora designada para tocar o Kochanski, o magnífico violino confeccionado por Joseph Guarneri del Gesù em 1741 e que agora fazia parte do acervo do Museu Glinka de Cultura Musical. Cerca de quinze anos antes ela estava para ser promovida para a

Sinfônica Nacional quando

soube que fora preterida em favor de Prokhor Belenko, um rabequista puxa-saco de terceira categoria que solicitara a vaga e fora atendido apenas por ser casado com a filha de um membro do Politburo. Todos sabiam o que acontecera, mas ninguém dissera nada.

Além da habilidade com seu *skripka* de verniz vermelho, Nina Egorova também era conhecida pelo temperamento inflamável, pelo vulcão que trazia no peito e que entrava em erupção sempre que lhe pisavam os calos. Por ocasião de seu último ensaio com a Sinfônica de Moscou, sob o olhar perplexo de

oitenta companheiros de orquestra, ela havia golpeado Belenko acima da orelha direita com a estante de partituras de ninguém menos que o próprio Belenko. Não tinha o costume de se arrepender, mas era uma mulher naqueles tempos de União Soviética. Tomaram de volta seu Guarneri. Ela se recusou a tocar um instrumento inferior. Passaram-na para a terceira fila dos violinos. Ela os mandou à merda. Não demorou até que o diretor da orquestra fosse convocado para uma conversa no Ministério da Cultura e a licença administrativa de Nina resvalasse irrevogavelmente para a

demissão. Assim acabara sua carreira. Agora, anos mais tarde, o elegante pescoço de violinista já envergara, as mãos fortes definharam e os cabelos estavam quase todos brancos, presos num coque.

O pai de Dominika era o célebre acadêmico Vassily Egorov, titular sênior da cadeira de História da Universidade de Moscou. Era uma das figuras mais respeitadas e influentes das letras russas, com o título de professor emérito. A medalha dourada e azul da Ordem de Santo André ficava emoldurada numa das paredes de seu gabinete, e o laço

cor de vinho que ele usava todos os dias na lapela era a Medalha Pushkin, recebida pelos serviços prestados à literatura e à educação. Ironicamente, Vasya Egorov não tinha a aparência de um homem importante e influente. Era baixinho e frágil, com os cabelos ralos cuidadosamente penteados para o lado a fim de esconder a careca.

Ao contrário da mulher, Vassily sobrevivera à era soviética mediante um deliberado esforço para ficar longe da política, dos conchavos e das polêmicas. Isolado na universidade, fazia questão de cultivar a imagem de um homem recatado, sensato e leal. O

que ninguém sabia era que o emérito camarada professor Vassily Egorov mantinha uma identidade paralela e secreta, uma consciência totalmente diversa que nutria por tudo o que era soviético um asco ao mesmo tempo intelectual e moral. Como todos os russos, ele perdera boa parte da família nos anos 1930 e 40 para Stalin, tento resistido aos alemães, aos expurgos e à *katorga.* Mas não era só isso. Vassily rejeitava a desigualdade e a irracionalidade do sistema soviético, desprezava o acintoso favoritismo dos *cheloveki*, a preguiça e a autoindulgência que haviam acachapado o espírito

humano e roubado os russos de suas vidas, de seu país e de seu patrimônio. Era uma visão que ele dividia apenas com Nina.

Todos os russos acalentavam pensamentos secretos, já haviam se acostumado a isso. Assim era com Vassily e Nina, que jamais deixavam transparecer sua aversão pela insuficiência das mudanças na Rússia moderna. Mesmo quando Dominika já tinha idade suficiente para começar a entender um pouco as coisas, nem ele nem a mulher ousavam dividir com a filha suas ideias mais ocultas. Ambos desejavam dar à menina uma visão

clara do mundo, deixando que ela enxergasse a verdade com os próprios olhos. E, uma vez que não podiam falar da lamentável evolução da Rússia (desde a fúria bolchevique até a podridão soviética, mesmo após a glasnost, e de lá até o presente, a parasítica ganância da atual Federação), Vassily já se resignara a instilar na pequena Dominika a verdadeira nobreza da Rússia.

O espaçoso apartamento de três quartos (que após a demissão de Nina eles receberam permissão para manter graças apenas à posição e ao prestígio de Vassily) era recheado de livros, música, arte e conversas em

três línguas diferentes. Dominika já completara 5 anos quando eles enfim perceberam a prodigiosa memória da menina, que ora repetia versos de Pushkin, ora cantarolava um tema inteiro de Tchaikovsky. Sempre que havia música ela saía dançando descalça pelos tapetes orientais da sala, rodopiando e saltando sem jamais perder o equilíbrio, sempre em perfeita harmonia com o ritmo, os olhinhos brilhando, as mãozinhas espalmadas no alto. Certo dia, espantados com o que viam, Vassily e Nina se entreolharam, depois a mulher perguntou à filha:

— Onde foi que você aprendeu a

dançar assim?

— Eu sigo as cores — respondeu ela.

— Como assim, “as cores”?

Muito séria, Dominika explicou que via cores por toda parte sempre que ouvia música ou que o pai lia em voz alta. Cores distintas, umas claras, outras escuras. Às vezes elas “pulavam no ar” e ela seguia atrás. Era assim que conseguia se lembrar de tanta coisa. Quando dançava, ora saltava sobre barras de um azul forte, ora seguia os pontos vermelhos que via pelo chão. Ao ouvir isso, Vassily e Nina se entreolharam de novo.

— Gosto do vermelho, do azul e do roxo — prosseguiu Dominika. — Quando o Batushka lê, ou quando a Mamulya toca, são as cores mais bonitas!

— E quando a mamãe fica brava com você? — indagou Vassily.

— Amarelo. Eu não gosto do amarelo — retrucou a menina, folheando um livro. — E da nuvem preta também não.

Vassily achou melhor se informar sobre essa história de cores com um colega da faculdade de psicologia, que disse:

— Já li alguma coisa sobre um

caso semelhante. Ver sons como cores... Muito interessante. Por que você não traz a menina aqui qualquer dia?

Vassily ficou aguardando no próprio gabinete quando levou Dominika para conversar com o psicólogo numa sala de aula próxima. A espera já se transformara de uma hora em três quando eles enfim voltaram, Dominika saltitando alegremente, o professor com um semblante pensativo.

— O que foi? — quis saber Vassily, preocupado.

— Eu poderia ficar dias inteiros conversando com ela — disse o

homem, despejando fumo no cachimbo. — Sua filha tem todos os atributos sinestésicos. Alguém que percebe sons, letras ou números como cores. Fascinante.

Vassily olhou de relance para a menina, que agora coloria alguma coisa à mesa dele.

— Meu Deus — falou. — É uma doença? Um problema mental?

— Doença, fardo, maldição... Quem pode dizer? — Ele acendeu o cachimbo. — Por outro lado, Vasya, talvez seja um dom.

Vassily, o brilhante homem das letras, sentia-se perdido.

— Tem mais — prosseguiu o professor, olhando para Dominika, debruçada sobre seu desenho. — Parece que a sinestesia dela se estende às reações humanas. Ela não vê apenas sons e palavras como cores, mas também os diferentes conteúdos emocionais. Contou que costuma ver algo parecido com um halo colorido em torno da cabeça e dos ombros das pessoas.

Vassily arregalou os olhos para o amigo.

— Talvez ela cresça e se torne uma espécie de cientista das intenções humanas — continuou o homem. — Sem falar em sua

memória extraordinária. Sua filha repetiu diversas vezes, sem um único erro, números de mais de vinte dígitos. Não chega a ser raro em casos assim — observou. — Mas pra você isso não é nenhuma novidade.

— Não, não é — disse Vassily.

— Outra coisa, esta, sim, menos comum: sua filha tem certa inclinação para o *buistvo*. Para a fúria, a impetuosidade, o pavio curto, seja lá que nome você queira dar. Jogou toda a minha papelada no chão quando não conseguiu resolver um problema. É um traço que ela terá que aprender a controlar no futuro, suponho.

— *Bozhe* — foi o único comentário de Vassily.

Então ele correu de volta para casa e contou tudo à mulher.

— Esse gênio ruim é coisa da sua família — resmungou para Nina quando o aparelho de som foi desligado e Dominika imediatamente armou um beiço, contrafeita, os olhinhos faiscando no rosto vermelho.

Se já era assim aos 5 anos, o que esperar dela no futuro?

Quando, aos 10, ela se candidatou a uma vaga na Academia Pública de Coreografia de Moscou,

deixou os jurados muito impressionados. Não tinha nenhuma técnica, nenhuma educação formal, mas já naquela idade exibia toda a intensidade, o talento natural e os instintos de uma grande bailarina. Quando lhe perguntaram por que ela queria dançar, Dominika respondera "Porque eu posso ver a música". Os jurados pararam de rir assim que viram uma sombra tomar conta do rostinho bonito da menina, que agora os fulminava através das pálpebras semicerradas como se lhes desejasse algum mal.

Com uma mistura de insolência e talento, Dominika foi trilhando seu

caminho na academia que era o principal celeiro de dançarinos para o Bolshoi. Saía-se excepcionalmente bem, apesar de todo o rigor do método

Vaganova. Àquela altura, já se habituara às cores. As visões que tinha, fosse dançando, ouvindo música ou conversando com as pessoas, agora pareciam mais refinadas, talvez um pouco mais domesticadas. Além disso, Dominika começara a decifrá-las, associando-as com emoções ou estados de espírito. Para ela, essa habilidade não era um fardo, apenas algo com que precisava conviver.

O sucesso da menina não se limitava à dança. Suas notas foram excelentes em todas as matérias até o fim de sua formação, o que se devia em grande parte à espantosa memória com a qual nascera. Tudo aquilo era novo para ela, que ouvia com atenção absoluta as palestras sobre política e ideologia, a história do comunismo, a ascensão e a queda do Estado socialista, a história do balé soviético. Excessos haviam sido cometidos, claro, mas apenas para serem corrigidos depois. E agora a Rússia moderna continuaria a crescer, sempre maior que a soma de suas partes. Sua jovem cabecinha

acreditava piamente em toda aquela cantilena.

Aos 18 anos, Dominika ingressou na primeira turma de alunos da academia e passou a coordenar os estudos políticos de seu grupo. Todas as noites voltava para casa e contava ao pai o que eles haviam descoberto. Horrorizado com o que ouvia, Vassily tentava contrabalançar o crescente entusiasmo da filha com doses maiores de literatura e história. Mas Dominika estava no auge da adolescência e insistia em decidir sozinha o rumo de sua incipiente carreira. Se percebia a natureza das

mensagens que o pai, desesperado, tentava lhe passar, se traduzia de forma correta as cores que via em torno dele, não dava nenhum sinal disso. Vassily não podia ser mais direto com a filha — ainda não ousava falar abertamente contra o sistema.

Nina, claro, encantava-se com o rápido progresso de Dominika na turma de jovens bailarinos. Apreciava o fato de a menina ter um futuro garantido.

Mas, assim como o marido, ficava desapontada com a transformação da jovem numa cidadã exemplar da Rússia moderna,

ultranacionalista, uma moça alta e de cabelos castanhos que andava com a elegância de uma bailarina e se comportava como uma *apparatchiki* dos velhos tempos.

Dominika estava sentada no tapete da sala enquanto a mãe escovava seus cabelos com gestos delicados e ritmados. A escova de tartaruga, com seu cabo comprido e ligeiramente curvo, pertencera à bisavó de Nina e era um dos poucos objetos, junto com um porta-retratos e um samovar de prata, que eles haviam conseguido resgatar da elegante casa que a família habitara na São Petersburgo pré-bolchevique.

As cerdas de pelo de porco produziam um discreto chiado que Dominika enxergava num tom fechado de vermelho. Alongando-se após um dia de balé, com os cabelos radiantes, ela interrompeu a fala mansa do pai e começou a relatar o que ouvira na escola:

— Pai, você sabia que *influências externas* estão ameaçando o país? Que um número cada vez maior de dissidentes está advogando o *caos*? Por acaso você leu o artigo que V.V. Putin escreveu sobre os sionistas que estão trabalhando *contra o Estado*?

Como se tivessem levado uma facada, tanto Vassily quanto Nina

olharam para a filha. *Gospodi pomiluj!* Pelo amor de Deus... *O Estado. V.V. Putin. Dissidentes*. Dominika ainda se alongava no tapete. Aquele corpo de bailarina, tão esguio e flexível, já podia ser considerado um instrumento do sistema, o mesmo que aos poucos também se apoderava daquela cabecinha tão esperta. A vontade de Nina era dizer o que achava ali mesmo e alertar a filha sobre todas as armadilhas daquele sistema que havia ceifado sua carreira de musicista de maneira tão brutal, que obrigara um homem tão brilhante quanto Vassily a calar suas mais profundas convicções.

Percebendo as intenções da mulher, Vassily balançou a cabeça e disse:

— Não. Nem agora, nem nunca.

Aos 20 anos, Dominika foi escolhida por unanimidade como primeira-bailarina da turma. Diante de tamanho vigor atlético, seu mestre a havia comparado a "uma jovem Galina Ulanova", a *prima ballerina assoluta* do Bolshoi do pós-guerra. As cores que ela agora via enquanto dançava não se apresentavam em formas e tons elementares, mas em complexas ondas de luz que pulsavam e dançavam junto com ela, alçando-a às alturas, combinando-se

à perfeição com os tons de sépia que cercavam seus parceiros. Com a força que possuía nas pernas e nas costas, os movimentos de Dominika eram absolutamente precisos, de uma plasticidade incontestável. Era alta e linda, sempre quente ao toque. Seu mestre insistia que já era hora de começar a prepará-la para a audição anual do Bolshoi.

Enquanto se tornava cada vez mais forte e flexível, Dominika percebia algo novo brotar em seu corpo, uma consciência da própria feminilidade. Não era exatamente lascívia, uma vez que guardava a própria sexualidade apenas para si.

Era uma espécie de despertar íntimo que ela já decidira investigar sem o menor traço de pudor. Até onde podia perceber, nenhum dos pais era assim, tão desprovido de vergonha, então talvez ela tivesse herdado essa característica de algum libertino desconhecido de sua árvore genealógica.

Em seu quarto escuro, quando o corpo a chamava, ela ia explorando as diferentes sensações com a mesma seriedade com que fazia os exercícios de barra, fechando os olhos para o vermelho da respiração ofegante, estremecendo de tanta excitação. Não se tratava de um fetiche ou de

um vício, mas de um eu secreto que ficava cada vez mais ruidoso à medida que ela crescia. Dominika gostava dessa identidade secreta. Mas nem tudo era só curiosidade juvenil. Certa noite, durante uma violenta tempestade, ela sentiu necessidade de algo mais ousado, algo proibido, então pegou a escova de sua *prababushka*, a de cabo comprido e ligeiramente curvo, e a fez passear em suas partes molhadas, maravilhando-se enquanto dava estocadas ao ritmo dos raios do outro lado da janela, apertando os olhos de tanto prazer. Dali em diante passou a escovar os cabelos todas as

noites após o balé.

Embora conhecesse muita gente, Dominika não tinha nenhum amigo de verdade entre os colegas de academia. Apesar disso, era a líder de seu grupo e não pensava em outra coisa que não fosse o próprio progresso, a construção de um currículo de excelência, o sucesso nas competições com as outras escolas, sobretudo as de São Petersburgo, centro espiritual do balé imperial russo. Dominika sempre falava sobre a pureza da Escola de Moscou e sua natureza essencialmente russa, uma ladainha que seus colegas já não aguentavam mais. Chamavam-na

pelas costas de *klikusha*, a demoníaca, a gladiadora, a estrela, a devota, a fanática, a Nova Mulher Russa. *Ah, dá um tempo, garota!*, era o que eles tinham vontade de dizer, mas ouviam-na em silêncio.

Aos 22 anos, era provável que Sonya Moroyeva tivesse apenas mais um ano para ser promovida da academia para o Bolshoi, mas, com Dominika Egorova como concorrente, suas chances não eram as melhores. Dançava desde pequena e, filha de um membro integral da Duma, era uma moça mimada e vaidosa. Estava, a bem da verdade, desesperada. Vinha dormindo com

um garoto da turma, Konstantin, que além de muito louro tinha um belo par de olhos de lince. Era uma grande irresponsabilidade, pois se o caso viesse a público os dois seriam sumariamente expulsos da academia. No entanto, após quinze anos frequentando aquela escola, Sonya sabia muito bem quais eram os horários mais vazios, quando a sauna ficava deserta, e também o tempo de que eles dispunham para seus suarentos encontros. Fazia uma semana que, durante esses encontros, ela vinha tentando atrair o namorado para o plano que arquitetara: ao mesmo tempo em que

entrelaçava as pernas no garoto, que remexia os quadris contra ele e lambia seu suor, falava que o amava muito e suplicava que ele salvasse sua carreira de bailarina, assim como sua vida.

No balé, os alunos mais experientes sabem tanto de anatomia, articulações e lesões quanto um médico. Insuflado pelos hormônios e os ardores do sexo, Konstantin esperou pacientemente até sua vez de formar par com Dominika. Certo dia, numa sala apinhada de alunos, ele fazia um *pas de deux* com sua parceira quando pisou forte no calcanhar dela durante

uma ponta, fazendo com que o pé vergasse para a frente. Dominika desabou no chão no mesmo instante e se encolheu de tanta dor, as cores sangrando à sua frente. Foi levada à enfermaria sob o olhar assustado das colegas que praticavam na barra — Sonya era a mais pálida de todas. Ao olhar para ela antes de sair, Dominika intuíra toda a verdade ao ver sua expressão de culpa, o miasma cinzento que a envolvia numa espiral invisível aos demais. Seu pé agora era um volume preto e roxo que se dobrava para trás, grotesco, e a dor, lancinante, irradiava para a perna.

— Fratura-luxação de Lisfranc

no mediopé — sentenciou o médico.

Após uma série de exames ortopédicos, uma cirurgia de emergência e uma bota de gesso até a altura do tornozelo, Dominika foi dispensada da academia. Num piscar de olhos sua carreira de bailarina havia chegado ao fim. Os comentários de que ela seria a próxima Ulanova ficaram no passado. As professoras, os preparadores e os mestres de balé já nem olhavam mais para ela.

Àquela altura Dominika já aprendera a represar sua inclinação para a fúria, mas agora não havia o que fazer. Era pedir demais. Num

momento de histeria, cogitou denunciar Konstantin e Sonya pela sabotagem. Não havia dúvida de que eles também seriam dispensados assim que a armação viesse à tona. Mas no fundo ela sabia que não seria capaz disso. Dominika ainda contemplava o próprio futuro, atordoada, quando recebeu o telefonema da mãe.

***

Vassily havia sofrido um AVC de grandes proporções e morrera a caminho da clínica Kremlyovka, em Kuntsevo, reservada aos privilegiados e aos muito ricos. O pai

fora a pessoa mais importante na vida dela, seu guia, seu protetor, e agora não estava mais lá. Ela teria levado a mão dele a seu rosto e contado sobre a dispensa da academia, a traição dos colegas. Pediria conselhos, e ele encontraria as palavras certas a dizer. Dominika não tinha como saber disso, mas Vassily teria sussurrado à sua filha idealista que um cidadão pode muito bem se apaixonar pelo Estado, mas que o Estado não corresponde nunca. Jamais.

O apartamento agora estava apinhado de visitas. Dominika se acomodara no sofá da sala com o pé

apoiado numa cadeira, os olhos já secos, a cabeça erguida. A seu lado estava a mãe vestida de preto, muda e tranquila. Acadêmicos, artistas, autoridades do governo, políticos, todos tinham ido prestar condolências. O vozerio preenchia o cômodo com os tons mais elementares do verde, a cor que Dominika associava à tristeza e ao sofrimento. Ela mal conseguia respirar. Havia comida por toda parte: os tradicionais blinis com caviar vermelho, esturjão defumado, truta. No aparador, jarros de água mineral e suco de fruta, uísque, vodca gelada e um fumegante samovar de

prata.

De repente tio Vanya surgiu diante do sofá e se curvou para dar os pêsames à cunhada Nina. Os irmãos Egorov nunca haviam sido próximos, com personalidades e temperamentos quase opostos. Dominika não sabia ao certo o que o tio fazia no trabalho, mas as siglas KGB ou SVR quase nunca eram pronunciadas à sua volta. Dali a pouco o homenzarrão se sentou a seu lado, perto demais, invadindo seu luto, avaliando-a da cabeça aos pés. Dominika se retesou no mesmo instante, e a mãe, percebendo o que se passava, pousou a mão na perna

dela como se dissesse “Controle-se”.

— Meus mais sinceros pêsames, Dominika. Sei que você era muito ligada a seu pai — disse Vanya, e puxou a sobrinha para um abraço paternal, deixando no rosto dela o cheiro forte de seu perfume, Houbigant de Paris. Em seguida, apontando com o queixo para o pé engessado, continuou: — Também sinto muito pela lesão, pelo que isso significa pra sua carreira.

Ela assentiu.

— Sei que você era uma excelente aluna, tanto na dança quanto na escola. Seu pai tinha muito orgulho de você.

Ele se recostou no sofá quando outro amigo da família se aproximou para os cumprimentos de praxe.

Até aquele momento, Dominika ainda não dissera uma só palavra.

— E agora, quais são os seus planos? — perguntou ele. — Universidade, talvez?

Ela deu de ombros e retrucou:

— Ainda não sei direito. A dança era minha vida. Preciso achar outra coisa.

Podia sentir que o tio a encarava.

Vanya endireitou a gravata, ficou de pé e olhou para a sobrinha.

— Dominushka, quero lhe pedir um favor. Estou precisando da sua ajuda — falou.

Dominika ergueu os olhos para ele, assustada.

— Não é nada misterioso — prosseguiu Vanya, dando de ombros. — Preciso que você faça uma coisinha pra mim, em caráter extraoficial. Não é muito complicado, mas bastante importante.

— Pro serviço secreto? — quis saber ela, ainda mais espantada.

Vanya levou o indicador à boca e estendeu o braço para que ela o acompanhasse até outro canto da

sala. Era bem possível que ele tivesse escolhido aquele dia para abordá-la, o dia do enterro do pai dela. Era assim que eles agiam, não era?

— Preciso do seu talento, *dorogaya moya*, e da sua beleza também — disse ele. — Alguém de minha inteira confiança, alguém com a sua discrição. – Aproximou-se ainda mais, e Dominika teve a impressão de que os elogios se misturavam ao calor do corpo do tio. — É uma tarefa simples, quase um jogo: encontrar-se com um homem, conhecê-lo melhor. Eu lhe darei os detalhes depois.

Zmeya. Uma serpente, pensou

Dominika.

— Então? Vai ajudar seu tio querido ou não? — concluiu Vanya, pousando as mãos nos ombros da sobrinha.

Uma serpente que tateava o ar com a língua. Que ele tivesse coragem de propor algo assim naquele momento era, para Dominika, bem mais que uma simples falta de tato: era uma aberração, uma monstruosidade. Ela sentia o coração pulsar em compasso com o pé que latejava.

Um halo amarelo fulgia em torno da cabeça de Vanya como se ele fosse um santo bizantino. Era isso que

Dominika via quando, tomada de uma súbita calma, decidiu aceitar a proposta do tio só para contrariar a recusa que ele sem dúvida esperava. Vanya ainda a encarava com os olhos estreitados, sondando-a, e ela simplesmente o fitava de volta sem dar nenhuma pista. Tomando o silêncio da sobrinha por um "sim", Vanya foi logo dizendo:

— Ótimo! Você sabe que seu pai ficaria muito orgulhoso, não sabe? Ninguém neste país é mais patriota do que ele foi, e estou vendo que ele soube fazer da filha uma patriota também. Uma patriota russa!

Continue falando do meu pai e eu

arranco seus lábios com os dentes, ela pensou. Mas se limitou a abrir aquele sorriso cujo poder de sedução descobrira apenas recentemente.

— Agora que minha carreira de bailarina foi pro espaço — retrucou —, acho que posso, sim, fazer uns *servicinhos secretos* pra você.

O rosto de Vanya foi tomado pela emoção, depois ele se recompôs e retirou as mãos dos ombros dela.

— Venha me ver na semana que vem — pediu, e baixou os olhos para o pé engessado da sobrinha. — Quer dizer, se estiver em condições. Posso mandar um carro para buscá-la. — Em seguida abotoou o paletó, tomou

a mão de Dominika entre as suas, puxou-a para perto e concluiu: — Agora venha cá e me dê um beijinho de despedida.

A jovem colocou as mãos nos ombros de Vanya e plantou duas bitocas rápidas em suas bochechas. Entre uma e outra, olhou sorrateiramente para os lábios grossos e molhados do tio. Cheiro de lavanda, halo amarelo. Ele sussurrou no ouvido dela:

— Não espero que você me ajude sem receber nada em troca. Acho que posso intervir na questão deste apartamento.

Dominika recuou.

— Sua mãe poderia continuar com ele, mesmo depois da morte do seu pai. Seria um grande consolo para ela.

Vanya soltou a mão da sobrinha, se empertigou e saiu da sala. Perplexa, Dominika o viu fechar a porta às suas costas. *Meu primeiro contato com a opressão*, pensou.

Em seu Mercedes, Vanya sinalizou para que o motorista seguisse adiante, depois se recostou no banco traseiro, pensando: *Pêsames dados, missão cumprida. Meu irmão Vassily era um abestalhado, um acadêmico que vivia no passado. A mulher, então... uma* sumashedshij,

uma lunática. Mas minha sobrinha... Que deusa! Perfeita para o que preciso. Ainda bem que me ocorreu chamá-la. Agora que arruinou o pé, só lhe resta aprender coisas novas, buscar outra carreira. Aquele apartamento poderia ser vendido por uma pequena fortuna. Sorte delas que eu esteja aqui pra ajudar. Mas... família é família. É o mínimo que posso fazer.

***

As visitas já tinham ido embora, e agora Dominika estava sozinha com a mãe na sala escura, ouvindo Bach tocar baixinho e se sobrepor aos ocasionais estertores do samovar

quase vazio. Dominika não precisava de luz: ondas volumosas de um vermelho escuro pulsavam à sua frente, vindas da música. Nina sabia que a filha via “suas cores”. Estava com as duas mãos dela entrelaçadas no próprio colo e precisou apertá-las para interromper aquele devaneio e fazer a menina lhe dar ouvidos. Inclinando-se na direção dela, falando muito devagar e quase sussurrando as palavras, foi relembrando passagens da vida do falecido marido, consolando-se com as reminiscências. Depois Dominika contou à mãe o que de fato acontecera na academia de balé.

Nina, então, relembrando momentos da própria vida, começou a falar amargamente sobre sonhos não realizados, traição e vingança. Duas mulheres entre os vermelhões de Bach numa sala escura; duas *klikushy* nas entranhas de uma densa floresta, evocando tempestades.

Dois dias depois, Dominika voltou à escola de balé para falar com os médicos e buscar seus pertences. Já a viam como alguém que não fazia parte daquele universo, como se estivessem esperando sua saída. Tentando passar despercebida, ela se acomodou numa cadeira perto da porta e ficou vendo Sonya Moroyeva

e Konstantin dançarem, a perna direita de Sonya impossivelmente alta e reta num *penché* perfeito, Konstantin girando-a num lento *promenade*, os olhos fixos na virilha que se insinuava sob a malha preta da parceira. A noite já ameaçava cair quando, terminada a prática, os dois saíram para o corredor e seguiram na direção da sauna. Havia boatos a respeito deles, claro, mas àquela altura Dominika tinha certeza absoluta do que se passava. Ela ficou onde estava, esperando, vendo as sombras se espicharem no parquete do salão até sugarem por completo o que ainda sobrava da tarde. Sabia que

faltava pouco para um acesso de fúria, então procurou se controlar.

O prédio estava em silêncio, e as luzes já haviam se apagado nas diversas salas administrativas. Via-se apenas uma claridade difusa na extremidade do corredor escuro. Pé ante pé, Dominika foi em direção à antessala da espaçosa sauna seca reservada aos alunos, atravessou-a e, redobrando os cuidados para não fazer nenhum barulho, espiou através da pequena escotilha da porta de cedro. Sonya e Konstantin estavam nus no degrau superior da sauna, mal iluminados pela única lâmpada que pendia do teto. Konstantin acabara

de levantar o rosto que enterrara entre as pernas escancaradas de Sonya, avultando-se sobre ela como um animal selvagem. Sonya o agarrou pela cabeça e jogou as pernas para cima dos ombros dele. Através do vidro, Dominika pôde ver todo o estrago que o balé havia feito naqueles pés: um calo ali, um calombo acolá, dedos extremamente tortos.

Refestelada nas ripas de madeira, Sonya se retorcia e gemia, embora o som não conseguisse atravessar a espessa porta da sauna. Dominika recuou um passo e mais uma vez respirou fundo para aplacar

a fúria. Precisava pensar com frieza. Bastaria aumentar a temperatura da sauna e travar a porta com uma vassoura para que os amantes apagassem ali mesmo, assados naquele forno improvisado. Mas não. Ela queria algo mais elegante, mais maligno, algo definitivo e que evitasse uma possível investigação. Aqueles dois haviam dado um fim à sua carreira e agora ela acabaria com a deles também, mas sem deixar rastros, sem levantar qualquer suspeita de vingança.

Abriu a porta da antessala e acendeu a luz mais próxima, iluminando o corredor. Em seguida

abriu uma das janelas que dava para a rua e deixou o ar gelado da noite formar uma corrente até a sala da governanta. Minúsculas partículas azuladas foram dançando corredor afora como uma trupe de vaga-lumes. Por fim, ela entrou numa das salas administrativas e se escondeu ali, recostada à parede.

Bastaram três minutos para que a governanta (qual delas estaria ali àquela hora?, perguntou-se Dominika) sentisse a corrente gelada e saísse do escritório para investigar. Imediatamente estranhou ao ver a janela aberta e a luz acesa na antessala da sauna. Resmungou algo

para si mesma, e Dominika teve a impressão de que era a voz de madame Butyrskaya, um dos mais severos e brutais cães de guarda da academia. Ela esperou em silêncio, contando os segundos, e dali a pouco ouviu os berros da mulher, que em seguida se misturaram aos choramingos desesperados de Sonya, aos protestos de Konstantin. Mais gritos e mais lamúrias, agora no corredor. Depois disso não haveria papai na Duma que pudesse salvar o pescoço da traidora.

Na sala em que se escondia, Dominika ergueu as mãos diante do rosto e, apesar da escuridão, pôde ver

que elas estavam firmes e secas. Notou também que os pulmões já voltavam a se encher de ar, como se de repente alguém tivesse aberto a válvula de um tanque de oxigênio. Espantou-se com a ausência de emoção depois de ter arruinado a vida de duas pessoas — estava simplesmente satisfeita com a elegância e a naturalidade do que fizera. Mas então pensou no pai e ficou um tanto envergonhada.

***

O gesso fora retirado. A ideia dos planejadores do SVR era balançar Dominika diante do nariz de Ustinov

na emissora de tevê, na esperança de que ele a convidasse para sair. Não chegaram a pedir que ela fosse para a cama com o oligarca — segundo eles isso não seria necessário —, mas Dominika sabia muito bem que o sexo estava implícito. Quanto cinismo, pensou, e achou estranho que não se importasse nem um pouco com isso. Os agentes a fitavam com alguma apreensão, desconcertados pelo olhar firme e o sorriso plácido que viam, sem saber ao certo o que tinham nas mãos.

Finalmente, explicaram que precisavam saber mais sobre o empresário: as viagens programadas

para fora do país, seus contatos, coisas assim. Disseram que ele estava sendo investigado por fraude e desvio de dinheiro público. Embora as palavras saíssem pálidas, desmaiadas, como se ainda não estivessem formadas por completo, Dominika afirmou ter entendido o que se esperava dela e garantiu ser capaz de fazê-lo. Os agentes se entreolharam, depois voltaram a fitá-la. Eram todos tão transparentes, pensou Dominika, que vinha se divertindo bastante com sua mais recente descoberta: o serviço secreto russo. Um bando de tolos, todos eles.

Conforme lia os relatórios, que

eram um turbilhão de cores, ela decidiu que faria tudo o que fosse preciso para silenciar aqueles tolos presunçosos e, de quebra, apagar o sorriso dos lábios de seu querido tio Vanya. Ainda se lembrava do perfume enjoativo dele, da inacreditável cara de pau: “Puxa, minha sobrinha, que tragédia... Como se não bastasse perder o pai, você também perdeu a carreira de bailarina. Mas... será que não dava pra você quebrar um pequeno galho pra mim? Sei lá, de repente sua mãe pode até continuar neste apartamento...” *Ochen horosho.* Muito bom.

***

As velas cintilavam à mesa e os cristais tilintavam. Vendo Ustinov comer, Dominika foi tomada por um desprezo cada vez maior pelo homem, até que se viu num estado de absoluto distanciamento, de total frieza. Estava disposta a cumprir sua missão e sabia muito bem o que precisava fazer para isso.

Vinha procurando ser o mais encantadora possível desde o início da noite. Educada, atenciosa, envolvente. A certa altura, correndo o indicador pelo próprio pescoço, observou o tom alaranjado das parábolas que se formavam em torno dos ombros do oligarca e pensou:

interessante, o amarelo da falsidade misturado ao vermelho da paixão. *Zhitvotnoe*. Animal.

Ustinov mal conseguia disfarçar a ereção. Dominika podia ver que ele arfava sob a camisa do smoking, que bebia o champanhe com a sede de alguém muito excitado. Ao fim do jantar, ele disse que tinha em casa um conhaque de trezentos anos, melhor que todos os que o restaurante podia oferecer, e perguntou se ela gostaria de experimentá-lo.

Com um brilho malicioso no olhar, Dominika o encarou e se inclinou na direção dele, os seios se apertando um contra o outro sob a

luz das velas.

— Nunca tomei conhaque — disse.

Ustinov sentiu o coração vir à boca.

BLINIS SERVIDOS NO VELÓRIO DE VASSILY EGOROV

Temperar uma xícara de farinha com fermento e sal kosher. Acrescentar leite, um ovo, manteiga clarificada e bater até formar uma massa homogênea. Cozinhar uma colher de massa de cada vez em fogo baixo até que o blini fique dourado de ambos os lados. Servir com caviar vermelho, salmão, crème fraîche e endro fresco.

CAPÍTULO 4

A BORDO DE UM BMW BLINDADO, eles deixaram o restaurante e foram para o apartamento de Ustinov, que ficava num imponente prédio de arquitetura neoclássica na parte mais rica de Arbat. A cobertura era na verdade a junção de dois apartamentos contíguos, um palacete com piso de mármore italiano, móveis de couro branco e molduras folheadas a ouro nas paredes. A cidade se desdobrava do outro lado das vidraças que iam do chão ao teto e cobriam todo o espaço de uma das

fachadas.

O ambiente recendia a incenso. Enormes luminárias chinesas formavam ilhas de luz ao longo da ampla sala. Um quadro em particular se destacava: a figura abstrata de uma mulher que se reclinava nua, mãos, pés e olhos apontando em todas as direções. Sem dúvida, um Picasso. *Essa aí sou eu daqui a quinze minutos*, pensou Dominika.

Ustinov fez um gesto para seu destacamento de seguranças e os homens se retiraram. Num aparador de ébano, entre uma floresta de garrafas, Dominika identificou o frasco achatado de um conhaque,

provavelmente o tal de trezentos anos. Ustinov serviu uma dose numa taça de cristal da Boêmia do século XVII e insistiu que ela provasse. De outra bandeja ela pescou uma torradinha e também experimentou o patê, que tinha um gosto terroso mas com uma deliciosa nota de limão.

Dali a pouco, Ustinov tomou-a pela mão e a conduziu através da galeria de quadros iluminados que margeava o amplo corredor. Três degraus largos os levaram à penumbra da suíte principal. Ustinov não notara que Dominika mancava ligeiramente por conta de seu pé

recém-curado: estava ocupado demais admirando os cabelos dela, o pescoço esguio, os seios tenros.

Bastou que entrassem no quarto para que as luzes da sanca se acendessem automaticamente. Ainda à porta, Dominika se espantou com o que viu: o cômodo era bastante espaçoso, tão amplo quanto o salão de um rei, quase todo decorado em tons de branco e preto. Mantas de pele tinham sido jogadas com displicência sobre a enorme cama redonda que ficava em cima de uma plataforma central. As paredes eram quase todas revestidas de espelhos. Ustinov pegou um controle remoto,

apertou um dos muitos botões e, no teto, painéis de tecido foram se abrindo aos poucos para revelar o céu cheio de estrelas do outro lado de uma claraboia.

— Posso acompanhar a lua e as estrelas enquanto elas se movem no céu — disse ele. — Você vai ficar pra ver o sol nascer amanhã, não vai?

Dominika se obrigou a sorrir. O *svin'ya* em sua pocilga particular. Como era possível que tanto dinheiro se concentrasse nas mãos de uma única pessoa quando tantas outras ainda enfrentavam filas para comprar pão? O quarto tinha uma atmosfera pesada, cheirava a sândalo. Num

aparador lateral, a prataria de uma coleção brilhava sob as luzes do ambiente. Um spot isolado iluminava um painel de Ebru com as linhas sinuosas da caligrafia árabe. Vendo que Dominika o admirava, Ustinov disse:

— Século XVII.

Ele dava a impressão de estar prestes a tirar o quadro da parede para presenteá-la.

Agora que estavam no quarto, o jogo havia ficado um pouco mais sério e de nada serviam para Dominika os artifícios de sedução que ela tirara da cartola no restaurante. Não era o sexo em si que

a assustava. Dominika não era exatamente uma donzela ingênua. No entanto, se perguntava o que perderia caso fosse para a cama com aquele homem. Por fim, concluiu: nada. Ustinov não poderia tirar nada dela, tampouco os patos do serviço secreto, ou o perfumado tio Vanya com seus pêsames de araque. "Um trabalho sério para o serviço", ele dissera. *Bobagem*, pensou Dominika. *Isso não passa de um jogo político para desbancar um rival, mas de qualquer modo esse blyad, esse porco banhado a ouro, merece perder tudo o que tem e apodrecer numa cela de cadeia.* A vontade de Dominika era

degolar o desgraçado. Aí, sim, seu tio Vanya saberia exatamente quem havia recrutado para o serviço.

Ela deixou a pashmina cair de seus ombros para o chão e se aproximou para beijar de leve a boca do oligarca, acariciando-lhe o rosto. Ustinov a puxou para si e retribuiu o beijo com outro bem menos pueril. A imagem deles se multiplicava *ad infinitum* nos diversos espelhos.

Ustinov se afastou um pouco e a encarou com os olhos flamejantes. Seu corpo era um nervo exposto; o cérebro parecia ter se desprendido das amarras do crânio. Ele se desvencilhou do paletó e da gravata-

borboleta e largou-os no chão. O sagaz empresário que conquistara sua fortuna passando a perna em tanta gente perigosa, manipulando mercados e até mesmo, quando necessário, eliminando a concorrência, agora não via outra coisa à frente que não fossem aqueles belos olhos azuis, aquele cacho de cabelo escuro que caía pelo pescoço alvíssimo, aqueles lábios ainda molhados do beijo recebido.

Dominika pousou as mãos no peito dele e sussurrou:

— *Dushka*, espere por mim na cama. Volto em dois minutos.

No banheiro quase todo

dourado, olhando-se no espelho, Dominika pensou: *Foi você mesma que se colocou nesta situação. Foi você quem topou a proposta de Vanya, foi você quem disse "sim" a esse* medved*, esse porco babão. Só para se testar. Agora aguente e acabe logo com isso.* Ela esticou as mãos para as costas e abriu o zíper do vestido, deixando-o cair no chão em seguida. *Seduza o imbecil e descubra o que eles pediram*, disse a si mesma enquanto fitava o próprio corpo no espelho. Ela fora avisada de que Ustinov era um homem perigoso, que já cometera assassinatos. Tudo bem.

Na manhã seguinte ele estaria

comendo na mão dela, revelando todos os seus segredos para depois ser jogado numa prisão e lá terminar seus dias de ex-oligarca. Só então ela se lembrou de algo que os agentes lhe deram no dia da reunião: um estimulante, disseram. Dominika abriu a bolsa, encontrou o comprimido de benzedrina e o engoliu a seco.

Ustinov a esperava deitado, apoiado nos cotovelos, vestindo apenas sua cueca boxer de seda preta. Dominika caminhou lentamente até o pé da cama, sem saber direito como começar. Lembrou-se de como era bom

quando os preparadores da academia massageavam os pés dos alunos, sempre inflamados, então ficou de joelhos e começou a correr o polegar contra a sola do pé de Ustinov, que a fitou com o rosto inexpressivo. *Idiotka*, ela pensou, *que bela cortesã você está se saindo*. Desesperada, ouviu a própria intuição e passou a lamber os dedos do pé dele. Ustinov gemeu de prazer e deixou o tronco desabar na cama. Agora sim. Com a mão trêmula, ele alcançou um console junto à cama e imediatamente uma luz vermelha banhou todo o quarto enquanto pontinhos rosados dançavam por

toda parte, refletindo-se nos espelhos, pintalgando os corpos de ambos. A cama começou a girar. *Era só o que faltava*, pensou Dominika.

Ustinov resmungou algo e estendeu a mão na direção dela. De repente cada um dos pontinhos rosados se dividiu em dois, depois em três, sempre girando em torno dela e do quarto. Dominika já estava ficando tonta com a profusão de cores e luzes. Ustinov permanencia com a mão estendida, e as obscenidades que dizia eram vistas por ela como centelhas de um laranja escuro, e essas centelhas, por algum motivo, passavam sempre por baixo

dos pontinhos rosa, nunca por cima.

Dominika fitou-o com os olhos semicerrados, cogitando se devia lamber os próprios lábios a título de efeito. Ustinov girava feito um bolo no microondas, sem desviar os olhos dela. Dominika sabia que precisava subjugar tanto o corpo quanto a mente dele, fazer com que continuasse a desejá-la no dia seguinte, e depois também. Por quanto tempo? Uma semana, duas semanas, dois meses? Quanto mais, melhor, eles disseram. Também afirmaram que a calçada diante do prédio de Ustinov era manchada de ponta a ponta com as lágrimas das

mulheres que ele despachara após a primeira noite.

Ustinov se reposicionou lentamente até ficar de joelhos diante de Dominika. Em seguida, içou-a pela cintura e a jogou de costas na cama ao mesmo tempo em que lhe arrancava a calcinha. Curvou-se por cima dela como uma gárgula e começou a fazer amor com ela de modo apaixonado, quase brutal.

À luz vermelha os dentes dele, antes perfeitos e muito brancos, tornavam-se azuis e com um bizarro contorno preto. Também era bizarro o contraste que eles faziam com os pontinhos rosados que circulavam

sobre os dois corpos entrelaçados. Dominika jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, sentindo nos seios a respiração quente de Ustinov. Determinada a fazê-lo perder o juízo, fincou os dedos nos braços dele, ergueu os quadris e arremeteu contra ele a cada estocada que recebia. Ustinov também jogou a cabeça para trás, prestes a explodir. Dominika gemeu involuntariamente quando ele aumentou a força e a rapidez dos movimentos. Surpreendeu-se ao notar que o próprio corpo, seu "eu secreto", reagia aos estímulos apesar de toda a luz vermelha, dos dentes bizarros, dos rosnados selvagens.

Talvez fosse a benzedrina que já estivesse fazendo efeito. Olhou para além dos ombros dele, para o teto de vidro, mas não viu nenhuma estrela. Onde estavam as estrelas?

No lugar delas havia um Anjo da Morte, que de início não passava de um borrão na claraboia. Mas depois esse borrão se transformou numa sombra que veio deslizando para a cama, algo semelhante a um volume de mercúrio preto que se derramava infinitamente nos diversos espelhos. Dominika sentiu o ar se deslocar quando a aparição flutuou sobre a cabeça de Ustinov. Revirando os olhos de prazer, alheio a tudo o que

se passava às suas costas, ele nem sequer notou quando um fio metálico envolveu seu pescoço. Mas deu por si tão logo o fio começou a lhe cortar a carne e arregalou os olhos, desesperado, tentando se desvencilhar do garrote que o sufocava. Seu rosto pairava a poucos centímetros do de Dominika, cuja boca estava aberta em um grito silencioso. Ustinov a fitava com os olhos injetados, completamente aturdido, uma veia saltando da testa, os dedos tentando, em vão, aliviar o aperto do garrote. Um fio preto de sangue escorreu de sua boca para o rosto de Dominika, e não demorou

para que ele começasse a convulsionar, estremecendo como um peixe no anzol. Dominika se deu conta de que ele ainda estava dentro dela. Virando o rosto para evitar os perdigotos e o sangue, plantou as mãos contra o peito dele e tentou empurrá-lo para se libertar. Mas Ustinov era um homem grande, pesado demais, e ela não conseguiu se desvencilhar. Restava-lhe apenas cruzar os braços sobre os olhos e ficar ali, sentindo o sangue escorrer em seu pescoço e seus seios, minando a vida do corpo de Dimitri Ustinov. Ele parecia gorgolejar, a respiração estorvada pelo líquido

vermelho que lhe vazava garganta adentro. Dominika sentiu quando ele estremeceu uma última vez, os pés batendo duas ou três vezes contra a cama antes de se paralisarem por completo. A cama continuou girando no silêncio rosado do quarto.

Por um aterrorizante minuto, nada aconteceu. Dominika abriu apenas um dos olhos e deparou-se com o rosto de Ustinov contra o seu, os olhos arregalados, a língua visível na boca entreaberta. O vulto escuro ainda estava ali, imóvel, pintalgado de rosa. O que seria aquilo nas costas dele? Um par de asas negras ou apenas um efeito dos espelhos? A

imagem de três corpos imóveis girava sem parar junto à cama. Como numa ação coordenada, Ustinov escorregou para fora dela e o vulto negro, com um único movimento, o empurrou para o lado, derrubando-o no chão. Ignorando o cadáver, ele encontrou os controles da cama e desligou o mecanismo que a fazia girar. Ao ver que Dominika ameaçava se levantar, pousou a mão no ombro dela e, delicadamente, obrigou-a a se deitar de novo. Dominika tremia da cabeça aos pés, nua e encharcada de sangue. Puxou um dos lençóis e começou a se limpar com ele.

Não se atrevia a olhar para o

assassino, mas sabia que ele estava junto da cama, imóvel. Por algum motivo, teve certeza de que ele não a machucaria. Ofegante e em choque, ela parou de tentar se limpar e ficou apenas segurando o lençol. Nesse momento, notou que o homem olhava para um de seus pés. Quando ele ameaçou tocá-lo, ela começou a recolhê-lo, mas, em seguida, obedecendo a algum instinto primitivo, voltou a estendê-lo, e o homem o acariciou de leve. A maioria das pessoas troca um aperto de mão quando se conhece, mas com Matorin as coisas eram um pouco diferentes.

***

Formalmente, Sergei Matorin era um oficial do SVR com patente de major e filiação ao Departamento de Ação Executiva (Departamento V). Informalmente, era um *chistilshchik*, um "mecânico", um carrasco do serviço secreto russo. Na era KGB, seu departamento tinha outros nomes: Departamento 13, Linha F, ou apenas *mokroye delo*, "trabalho sujo". No auge da Guerra Fria, a tal Linha F fora responsável por sequestros, interrogatórios e assassinatos, mas em teoria ações desse tipo não eram nem propostas no novo SVR, muito menos aprovadas. Sim, volta e meia algum jornalista rebelde aparecia

morto num elevador em Moscou, ou algum crítico do regime sucumbia a altas concentrações de polônio no fígado, mas isso não tinha nada a ver com o moderno serviço secreto do país.

Durante a invasão soviética do Afeganistão, Matorin servira como comandante num grupo de elite, o Grupo Alfa de Operações Especiais, à época sob a liderança da KGB, e em algum momento dos cinco anos que passara nos vales daquele país um parafuso se soltara em sua cabeça. Dali em diante não houve quem conseguisse apertá-lo de volta. Os oito homens de sua equipe seguiam

ordens, mas Matorin não gostava muito de obedecer a ninguém. Tinha se transformado em um lobo solitário que apreciava matar pessoas.

Durante um combate, ele fora atingido por uma metralha que o deixara cego do olho direito, e o globo ocular agora se resumia a uma massa leitosa e opaca. Alto e magro feito um caniço, tinha o rosto marcado por cicatrizes de varíola e de guerra, nariz adunco e cabelos grisalhos que usava sempre empapados de gel. Parecia muito um coveiro. Após a retirada do Afeganistão, vez ou outra podia ser

visto zanzando como um fantasma na sede do SVR, indo de um gabinete a outro no Departamento V. Os oficiais mais jovens olhavam com fascínio para aquele deus em forma de homem. Os mais velhos desviavam de seu caminho.

Embora ainda fosse convocado ocasionalmente para "missões especiais", Matorin sentia saudades de sua vida no Afeganistão. Volta e meia se lembrava dela. Era capaz de voltar para lá em pensamento, de ver as paisagens, ouvir os barulhos e sentir os cheiros. As lembranças vinham de forma espontânea em determinados momentos, e essas

viagens inesperadas eram as melhores, as mais vívidas, que por vezes incluíam até música: ele podia ouvir com perfeição o staccato das notas de um *rubab*, a batida cada vez mais rápida das tablas.

Matorin acariciou o pé de Dominika do mesmo modo que fizera com o daquela afegãzinha que eles haviam imobilizado certa tarde no vale do rio Panjshir. Sua equipe tinha jogado uma lona sobre as pás do helicóptero Mi-24 e amarrado as pontas no chão para criar um amplo espaço de sombra onde os homens pudessem ficar. Mais cedo naquele dia, haviam metralhado um grupo de

mujahedeen na estrada e depois pousaram para pilhar seus bens. Foi então que encontraram a menina, escondida entre as pedras à margem do caudaloso rio.

Ela não devia ter mais de 15 anos. Cabelos escuros, olhos amendoados, vestida com trapos imundos. Sem dúvida era a putinha itinerante dos guerrilheiros mortos. Qualquer soviético em serviço no Afeganistão já tinha ouvido falar sobre o que as mulheres afegãs eram capazes de fazer com os russos capturados, então não haveria misericórdia com a menina. Ela lutava contra as cordas que lhe

envolviam o pulso, mas um laço frouxo em torno do pescoço ameaçava estrangulá-la caso ela fizesse algum movimento mais brusco. A diabinha xingava, gritava e cuspia nos oito integrantes do Grupo Alfa que a cercavam. Matorin se agachou diante das pernas dela, escancaradas e presas pelos tornozelos, e levou a mão a um dos pés imundos de areia para acariciá-lo. Assim que foi tocada, a garota começou a fazer um escândalo, pedindo socorro a algum companheiro que ainda estivesse escondido nas imediações.

Quanta gritaria por uma simples

carícia. Ainda havia muito pela frente. Nos quinze minutos seguintes, Matorin picotou as roupas dela com toda a calma, usando uma faca de lâmina curta, até despi-la do *hijab*. A menina se retorcia no chão enquanto, no alto, a lona tremulava ao sabor do vento. Um dos homens jogou água para limpar o rosto da prisioneira, e ela retribuiu no mesmo instante com uma cusparada. Foi então que Matorin sacou o facão Khyber que trazia nas costas, uma elegante lâmina de 60 centímetros, reta de um lado e ligeiramente curva do outro, brilhando de tão afiada.

Esgueirando-se do outro lado de

um rochedo cerca de 100 metros encosta acima, um adolescente afegão baixou sua AK-47 e espiou na direção do helicóptero, que ele reconhecia apenas como um Shaitan Arba. Podia ver os homens agrupados sob a lona estendida nas pás do gigante verde. Apesar do ruído do rio e do vento, ele podia ouvir os gritos que vinham de lá, os berros apavorados e incessantes de uma garota. Ele fez uma oração e foi embora. Sabia que naquele vale havia algo bem mais aterrorizante que um simples grupo de hereges russos.

Matorin recebeu o apelido de seus homens naquele dia, pelo menos

daqueles que tiveram estômago para vê-lo operar o facão.

Agora, “Khyber” baixou os olhos para Dominika (inclusive o direito, que mais lembrava um ovo pochê), afastou a mão do pé dela e disse:

— Vista-se. Seu tio Vanya está esperando.

O PATÊ RÚSTICO DE USTINOV

Caramelizar fígado de galinha, pancetta e alho, depois deglaçar a panela com conhaque. Picar manualmente a mistura e acrescentar salsa, alcaparras, cebolinhas, raspas de limão, suco de limão e azeite até obter uma textura grossa. Servir com

torradas e limão.

CAPÍTULO 5

DOMINIKA FORA CONVOCADA PELO tio para uma reunião na sede do SVR em Yasenevo. No saguão do prédio, foi conduzida até um dos elevadores e ao entrar nele deparou com a célebre insígnia do serviço secreto, a estrela e o globo, em uma das paredes. Ainda estava com um gosto metálico na boca, ainda sentia o sangue escorregadio de Ustinov na própria pele. Por uma semana ela tentara afastar da cabeça todo aquele horror, sem conseguir dormir, resistindo ao impulso de esfolar a pele dos seios e da barriga. Os

pesadelos já tinham parado, mas agora ela estava doente, deprimida, inconformada com a manipulação grosseira da qual fora vítima.

Nunca estivera em Yasenevo, dentro do quartel-geral do SVR, e muito menos no quarto andar da alta direção. Ali reinava o mais absoluto silêncio — não se ouvia nada por trás das inúmeras portas fechadas ao longo do corredor. Uma das paredes ostentava os retratos visivelmente retocados de diversos ex-dirigentes da KGB, cada um com seu discreto spot de luz: Andropov, Fedorchuk, Chebrikov, Kryuchkov (Alemanha, Hungria, Checoslováquia,

Afeganistão); na parede oposta ficavam os retratos dos novos dirigentes do SVR: Primakov, Trubnikov, Lebedev, Fradkov (Chechênia, Geórgia, Ucrânia). Onde estariam eles? No céu ou no inferno? A sequência de veteranos parecia acompanhar Dominika com os olhos à medida que ela avançava pelo carpete vermelho.

À direita ficavam as portas imponentes do gabinete do diretor. À esquerda, portas idênticas davam para o gabinete de Vanya, o primeiro vice-diretor. Dominika enfim entrou na sala do tio, instalado do outro lado de uma mesa de madeira clara

envernizada, com um espesso tampo de vidro. À frente dele, na escrivaninha, não havia nada além de um risque-rabisque de couro vermelho. Uma mesinha lateral abrigava vários telefones brancos. Com o piso coberto por um carpete azul-escuro, a ampla sala também dispunha de um confortável conjunto de sofá e poltronas junto das vidraças panorâmicas com vista para a floresta de pinheiros. De fora vinha a luz de um límpido céu de inverno.

Vanya sinalizou para que Dominika se acomodasse numa das cadeiras diante da mesa e observou-a com atenção. Ela usava uma saia

justa azul marinho com uma camisa branca para fora e um cintinho preto por cima. Linda como nunca, apesar das olheiras e da palidez acentuada. Usá-la no caso de Ustinov havia sido uma cartada de mestre. Pena que para ela a experiência fora um tanto... radical. Uma infeliz obra do acaso que as ordens urgentes do Kremlin tivessem coincidido com a morte do pai dela e o fim da carreira de bailarina.

A princípio, nenhum dos dois falou. Os relatórios informavam que ela desempenhara seu papel de modo absolutamente eficaz, seduzindo

Ustinov a ponto de fazê-lo

dispensar os seguranças e, com isso, abrindo caminho para que Matorin chegasse até o alvo. Não sucumbira a uma crise de histeria, mas sem dúvida havia passado por maus bocados, pensou Vanya. Matorin era um pouco demais para os não iniciados. Com sorte, ela superaria tudo aquilo.

— Dominika, eu gostaria de parabenizá-la por seu ótimo desempenho na nossa missão — começou ele, encarando a sobrinha. Então se inclinou para a frente. — Sei que deve ter sido difícil pra você, um choque. Mas acabou. Já pode esquecer toda essa situação

desagradável. E não preciso nem dizer que não pode contar nada a ninguém. Jamais. Não só por uma questão de dever, mas de *responsabilidade*.

A mãe de Dominika já lhe alertara a ter cuidado quando estivesse perto de Vanya. Estava tensa, com um nó na garganta. Vendo a aura amarelada que cercava o tio, balbuciou:

— Pra você foi apenas uma "situação desagradável". Um homem foi assassinado a poucos centímetros do meu rosto. Estávamos nus, ele em cima de mim, como você bem deve saber. Fui banhada com o sangue

dele.

Meu cabelo ficou todo empapado e até hoje está fedendo a sangue. — Ela ergueu o rosto para o tio e detectou nos olhos dele uma centelha de irritação. Viu que precisava ter cuidado. Amansando a voz, disse: — Você falou que se tratava apenas de um pequeno favor. Uma pequena ajuda. — Ela sorriu e emendou: — Aquele homem deve ter feito algo de muito grave para vocês o matarem.

Quanta impertinência. Vanya jamais discutiria política com a sobrinha, jamais falaria sobre o narcisismo patológico de Putin,

tampouco sobre a necessidade de fazer de Ustinov um exemplo para os outros rebeldes. Não. Ele convocara Dominika por dois motivos. Primeiro precisava avaliar o estado psicológico da garota, ver se ela seria capaz de manter a boca fechada, de esquecer o incidente, de se recuperar do trauma. E dependendo da resposta, teria que considerar mais duas hipóteses.

Caso Dominika se levantasse e fosse embora descontrolada, sem querer ouvir, ela não poderia sair daquele prédio com vida. Matorin cuidaria disso. Ainda que não se desse conta, ela testemunhara um

assassinato político que os inimigos de Putin teriam o maior prazer em divulgar para o resto do mundo. E, se isso acontecesse, ele, Vanya Egorov, ficaria em maus lençóis. Naquele exato momento, certos órgãos do governo estavam cuidando para que a morte de Ustinov fosse divulgada como obra de algum rival nos negócios. Todos sabiam a verdade: aquilo já era esperado. Mas se de uma hora para outra a sobrinha do vice-diretor do SVR aparecesse para contar o que sabia, e sobretudo *como* ficara sabendo, seria um prato cheio para a imprensa da oposição.

No entanto, caso Dominika

reagisse a tudo aquilo com sensatez e um mínimo de tranquilidade, ele faria o que fosse preciso para continuar contando com a discrição dela. Sua longevidade política dependeria diretamente do bom comportamento da garota. Foi pensando nisso que ele já decidira trazê-la para trabalhar no serviço, onde ela seria submetida de forma permanente à disciplina e à supervisão da casa. Não teria dificuldade para conseguir algo assim. Uma posição no arquivo geral, por exemplo. Depois de recrutada, ela passaria por um período de treinamento no qual aprenderia as normas e os procedimentos do setor.

Sempre haveria alguém de olho nela. Dependendo de como se saísse (quanto a isso ele não esperava muita coisa), ela poderia ser designada para um posto de secretária num dos departamentos, um mero enfeite na antessala de algum general. Mais tarde, talvez, poderia ser transferida para o exterior e sumir de vista em alguma *rezidentura* na África ou na América Latina. Ao cabo de cinco anos (a essa altura ele já teria sido promovido a diretor), poderia até ser demitida por justa causa.

— Dominika, como cidadã, sua obrigação é ser sempre leal e servir a

seu país de modo exemplar — disse Vanya com toda acalma. — Não há espaço para indiscrições. Acha que isso pode ser um problema entre nós? — perguntou, batendo as cinzas do cigarro que já ameaçava se apagar.

Dominika sabia muito bem que seu futuro dependia inteiramente da resposta que ela resolvesse dar naquele momento. O amarelo habitual do halo de Vanya escurecera, como se manchado de sangue, e o timbre de sua voz tornara-se mais grave. Talvez por algum prodígio de telepatia ela tenha ouvido, em sua mente, o conselho que a mãe lhe sussurrara em casa: *Zaledenet.* Aja

com a frieza de uma pedra de gelo. Mais uma vez ela ergueu os olhos para o tio, que começava a detestar, e também a temer.

— Vocês podem contar com a minha discrição — retrucou, seca.

— Eu sabia — falou Vanya, satisfeito ao comprovar que a sobrinha era uma moça inteligente, que tinha instintos e sabia ouvi-los. Aquele era um bom momento para adoçar sua boca. — Bem, já que você se saiu tão bem, tenho uma proposta a lhe fazer. — Recostou-se na cadeira, acendeu mais um cigarro. — Que tal uma posição de iniciante aqui dentro? Eu gostaria muito que viesse

trabalhar conosco.

Dominika fez um esforço consciente para não demonstrar surpresa. Gostou de ver a perplexidade nos olhos do tio.

— Aqui dentro? — respondeu afinal. — Nunca tinha pensado nisso.

— Seria uma ótima oportunidade para você neste momento. Um emprego fixo, uma pensão garantida no futuro. Se entrar para o serviço, posso garantir que sua mãe continue no apartamento. Além disso, o que mais você poderia fazer? Trabalhar como professora de dança? — concluiu ele, cruzando as mãos sobre a mesa.

Dominika marcou mentalmente o local no peito do tio onde cravaria o lápis que jazia na mesa. Em seguida baixou os olhos e a voz para dizer: — É... ajudar a mamãe seria importante.

Vanya fez um gesto com as mãos que significava *Claro que seria*.

— Por outro lado — acrescentou Dominika —, acho que seria estranho trabalhar aqui.

— Nem tanto. Poderíamos trabalhar juntos, por que não?

Dominika podia ver as palavras pairando acima da cabeça do tio, mudando de cor sob a luz que entrava pelas janelas. *Ah, claro*, ela pensou,

uma iniciante trabalhando com o vice-diretor. Acontece todo dia.

— Trabalhar em quê exatamente? — perguntou.

Sabia o bastante para adivinhar a resposta.

— Você teria de começar por algo mais básico, claro — retrucou Vanya —, mas todas as funções aqui têm em comum uma necessidade primordial: informação. Registros, pesquisas, arquivos... Um departamento de inteligência sobrevive ou sucumbe dependendo de como suas informações são gerenciadas.

O que ele queria era vê-la enterrada no terceiro subsolo daquele prédio, isso sim.

— Não sei se levo jeito pra esse tipo de coisa, tio — comentou Dominika. — Acho que não me sairia bem.

Vanya precisou engolir a irritação. Restavam-lhe apenas duas opções com relação à sobrinha: ou Matorin dava cabo dela ainda antes do almoço ou ele conseguia convencê-la a entrar para o serviço e lá permanecer sob seu controle. Não havia um meio-termo. Não podia deixá-la à solta em Moscou, alimentando mágoas e pensando em

se vingar. *Sookin syn*.

— Tenho certeza que você aprenderá rápido — garantiu ele, mal acreditando que havia se rebaixado àquilo, a persuadir aquela idiota. — É um trabalho muito importante.

— Sei lá. Acho que ficaria mais interessada em outra parte do serviço — insistiu Dominika.

Ainda estava sentada com as costas e a cabeça muito eretas, assustada com a proposta.

Vanya voltou a encará-la com as mãos cruzadas sobre a mesa, imóvel. Não falou nada, apenas esperou. Foi Dominika quem quebrou o silêncio,

dizendo:

— Eu gostaria de fazer um estágio na Academia de Inteligência Externa.

— Na AVR... — respondeu Vanya, lentamente. — Você quer se tornar uma operadora de inteligência?

— Quero. Acho que me sairia bem — disse Dominika. — Você mesmo disse que eu fiz tudo certo para conquistar a confiança de Ustinov.

A menção a Ustinov era um bom argumento. Vanya acendeu o terceiro cigarro em três minutos. Com exceção das mulheres que exerciam

funções de apoio, houvera apenas duas — talvez três — nos quadros da Primeira Diretoria-Geral da extinta KGB, e uma delas era uma bruxa velha do Presidium. Nenhuma jamais fora admitida na Escola Superior da KGB, tampouco no Instituto Andropov ou na atual AVR. As únicas mulheres envolvidas nas operações de campo eram as esposas cooptadas dos oficiais *rezidenturi* e as *vorobey*, os "pardais" treinados para seduzir os alvos de recrutamento.

Mas em trinta segundos Vanya fez as considerações necessárias. Na posição de candidata à AVR, Dominika seria submetida a um

controle ainda mais rígido. Seu desempenho, sua atitude, seu destino no futuro próximo, tudo isso seria constantemente monitorado. Ela passaria longos períodos fora de Moscou. Se desse algum passo em falso, se ficasse tentada a abrir o bico, seria submetida à jurisdição disciplinar do serviço. Bastaria uma simples assinatura para que fosse dispensada ou até mesmo presa.

Sonhando mais alto, Vanya percebeu que poderia angariar algum lucro político ao sugerir o nome da sobrinha como candidata à AVR. Seria visto como o vice-diretor conscienciosо que pela primeira vez

havia apresentado uma mulher (atlética, estudada, poliglota) para um treinamento formal no moderno SVR. Os chefões do Kremlin saberiam reconhecer o marketing benéfico que tudo aquilo originaria.

Do outro lado da mesa, Dominika avaliava a expressão do tio, lendo o que se passava na cabeça dele. Podia apostar que agora viria o relutante "sim", seguido das inevitáveis advertências.

— Você está pedindo muito — começou Vanya. — Terá de passar por uma prova de seleção, que tradicionalmente tem um baixíssimo índice de aprovação, e depois por um

longo e rigoroso treinamento. — Ele girou na cadeira e ficou olhando pelas vidraças, refletindo. Enfim se decidiu: — Acha mesmo que está preparada pra seguir esse caminho? — perguntou.

Dominika assentiu com a cabeça. Não tinha certeza de nada, claro. Mas uma possível carreira no serviço seria um desafio, e ela gostava de desafios. Além disso, era uma cidadã leal, amava a Rússia e sabia que o SVR era uma das organizações mais importantes do país. Quem sabe não poderia contribuir de alguma forma? O assassinato de Ustinov a deixara

enojada, mas também mostrara, em uma única noite, que ela tinha inteligência e coragem suficientes para levar a cabo uma missão secreta.

Também havia mais uma coisa, ela sabia. Algo um tanto indefinido, um sentimento que vinha crescendo em seu peito. Eles a tinham usado. Agora ela queria entrar no mundo daqueles *domovladel'tsy*, aqueles burgueses que abusavam do sistema e do povo. Perguntava-se o que o pai acharia disso.

— Vou pensar no assunto — decretou Vanya, girando a cadeira para voltar a encarar a sobrinha. —

Caso decida propor seu nome, e se você for selecionada, seu desempenho na AVR refletirá diretamente no meu prestígio aqui dentro, e no nome da nossa família também. Você tem consciência disso, não tem?

Ah, sim, a família. O apreço que ele tinha pelos familiares não o impedira de empurrá-la para os braços de Ustinov.

Dominika quase disse: “Fique tranquilo, não vou jogar seu nome na lama.” Mas refreou a raiva e assentiu, agora já mais convicta de que queria mesmo entrar para a academia.

Vanya se levantou.

— Tomarei minha decisão ainda esta tarde — disse. — Enquanto isso, por que não vai almoçar no restaurante lá embaixo?

Ele teria de consultar o diretor do SVR (um exercício de persuasão) e intimidar o diretor de treinamento (um prazer). Mas o lugar de Dominika estaria reservado, e assim que o martelo fosse batido seu problema com a sobrinha, resolvido. Esperou que ela saísse e fez um rápido telefonema.

Dominika foi acompanhada até o elevador por um funcionário. Tinha a impressão de que os ex-diretores haviam aberto um discreto sorriso

em seus retratos.

No amplo refeitório, serviu-se de um frango à Kiev, um pão italiano e uma garrafa de água mineral. O lugar estava um pouco cheio, e ela precisou procurar por um assento vago. Avistou uma mesa em que duas mulheres de meia-idade ocupavam uma das cabeceiras. Elas ergueram os olhos para a moça bonita com aparência cansada e crachá de visitante, mas não disseram nada. Dominika começou a comer. O frango estava uma delícia, dourado e ligeiramente empanado, temperado com alho e estragão. Um torrão de manteiga derretia aos poucos sobre a

carne quente. Mas de repente o frango se metamorfoseou na garganta de Ustinov e a manteiga adquiriu a cor vermelha. Dominika largou os talheres com as mãos trêmulas. Fechou os olhos e procurou controlar a náusea. As duas mulheres à cabeceira a encaravam. Não era todo dia que viam uma garota como ela. Nem sequer imaginavam quanto tinham razão.

Dominika ergueu o rosto e por pouco não desmaiou quando viu Sergei Matorin sentado mais adiante, debruçado sobre uma tigela de sopa, os olhos inexpressivos sem piscar. O homem a fitava ao mesmo tempo que

comia, assim como os lobos que continuam à espreita depois de matarem a sede no rio.

FRANGO À KIEV DO RESTAURANTE DO SVR

Fazer uma mistura de manteiga, alho, estragão, salsa e suco de limão e levar à geladeira. Socar os peitos de frango até obter filés bem finos. Enrolar os filés com a mistura de manteiga e amarrá-los com barbante. Passar em farinha temperada, depois em um ovo batido com um pouquinho de leite e polvilhar com farinha de rosca. Fritar até dourar.

CAPÍTULO 6

DOMINIKA ENTROU PARA A ACADEMIA de Inteligência Externa do SVR pouco tempo depois do enterro do pai. O nome da escola mudara diversas vezes durante a Guerra Fria, passando de Escola Superior de Inteligência a Instituto Bandeira Vermelha e depois a AVR, mas os veteranos a chamavam simplesmente de Escola 101. Durante décadas, localizara-se numa ampla área a norte de Moscou, perto do vilarejo de Chelobityevo. Ao se tornar AVR, o currículo foi modernizado, os critérios de admissão ficaram mais

liberais e o campus foi transferido para uma clareira em uma densa floresta na altura do quilômetro 25 da Rodovia Gorky, a leste da cidade. Por isso, muitas pessoas a chamavam de “Quilômetro 25” ou “Floresta”.

Ao mesmo tempo empolgada e cautelosa, Dominika, a única mulher da turma de treze pessoas, era transportada com os colegas a bordo de um micro-ônibus de janelas escuras aos diversos locais em Moscou e nos subúrbios da cidade para a primeira parte do treinamento. De modo geral, esses lugares eram complexos murados sem nenhuma placa na entrada,

dentro dos quais funcionava algum laboratório, centro de pesquisa ou acampamento da Juventude Pioneira. As aulas eram basicamente sobre a história da Rússia, dos serviços secretos, da Guerra Fria e da União Soviética.

Enquanto o principal atributo para admissão na ex-KGB era a lealdade ao Partido Comunista, o que o atual SVR exigia de seus estagiários era uma devoção incondicional à Federação Russa e o comprometimento em protegê-la dos inimigos internos e externos.

Durante o primeiro período de doutrinamento, os estagiários eram

avaliados em termos não só de aptidão, mas também daquilo que na antiga KGB costumava ser chamado de "confiabilidade política". Dominika se destacava tanto nas discussões em sala de aula quanto nos trabalhos escritos. Apresentava uma ligeira tendência à liberdade de espírito e certa impaciência com as fórmulas e os dogmas tradicionais. Um instrutor observou que a cadete Egorova costumava hesitar um segundo diante de alguma pergunta, "como se estivesse decidindo se ia responder ou não", e depois retrucava de forma sempre brilhante.

Dominika sabia o que eles

queriam ouvir. Os slogans nos livros e nos quadros-negros eram caleidoscópios de cores, fáceis de categorizar e guardar na memória. Palavras de ordem sobre lealdade, dever cívico, defesa do país. Como todos os colegas de treinamento, ela estava ali na esperança de um dia fazer parte da elite da Federação, a Espada e o Escudo de ontem, o Globo e a Estrela de hoje. Sua ideologia de adolescente havia horrorizado o pai livre-pensador. Agora ela tinha consciência disso, e já não aceitava assim, de forma tão incondicional, a ideologia oficial. Entretanto, queria se sair bem.

Terminada a primeira parte do curso, Dominika e os colegas foram transferidos para o campus do Quilômetro 25, um agrupamento de prédios baixos e compridos com telhados de duas águas cercados de pinheiros e bétulas. Amplos gramados separavam os prédios, e caminhos de cascalho levavam ao complexo esportivo nos fundos do terreno. O campus ficava a um quilômetro da Gorkovskoye chuche, uma rodovia de quatro pistas, e separando os dois havia, em primeiro lugar, uma paliçada alta, pintada de verde para se confundir com as árvores. Após esta “cerca viva”, uns 3

quilômetros para dentro da floresta, dois alambrados corriam paralelos, de modo que uma matilha de pastores-belgas pudesse transitar livremente no espaço entre eles. Os cachorros podiam ser vistos das janelas das pequenas salas de aula. À noite eram ouvidos, latindo ou ofegando, dos alojamentos de dois andares onde os estagiários dormiam.

Dominika era a única mulher no dormitório. Recebera um quarto só para si ao fim do corredor, mas dividia com doze homens o único banheiro do lugar e por isso era obrigada a aguardar as horas mais

tranquilas da manhã e da noite para usá-lo. A maioria dos colegas era inofensiva, filhos privilegiados de famílias importantes, rapazes com conexões na Duma, nas Forças Armadas ou no Kremlin. Alguns eram muito inteligentes; outros, nem tanto. Também havia os mais atirados, que, ao ver aquela silhueta feminina do outro lado da cortina do boxe, e acostumados a ter o que queriam, dispunham-se a colocar tudo em risco em nome de uma brincadeira.

Certa noite, ao terminar o banho, Dominika estendeu a mão para a toalha que pendurara no

gancho do lado de fora do boxe e constatou que a haviam roubado. Nesse momento, um colega de cabelos louro-claros, o fortão de Novosibirsk, invadiu o boxe e a imobilizou contra a parede, prendendo-a pelos cabelos molhados e pela cintura. Dominika podia sentir que ele estava nu às suas costas. Ouvia mas não entendia as coisas que ele sussurrava; não via as cores. Ao sentir a mão dele subir de sua cintura para os seios, cogitou se o homem era capaz de perceber seu coração disparado, sua respiração ofegante. O rosto de Dominika estava espremido contra a parede do chuveiro, e a seus

olhos o branco da cerâmica já começava a se transformar em vermelho-escuro.

Lembrando-se de que a torneira da água fria estava frouxa, Dominika começou a sacudi-la até sentir que a empunhadura metálica de cerca de 10 centímetros havia se soltado da rosca. Ofegante, ela virou-se como pôde até ficar de frente para seu agressor, os seios espremendo-se contra o peito dele.

— Espere um pouco — balbuciou.

O homem ainda sorria quando ela cravou a torneira bem fundo no olho esquerdo dele. Foi o tom

esverdeado de um vômito que Dominika enxergou ao ouvir seu pavoroso grito de dor.

— Pedi pra você esperar um pouco, não pedi? — disse ela, olhando-o do alto, vendo-o escorregar para o chão com as mãos no rosto.

"Tentativa de estupro e legítima defesa" foi o veredicto secreto dos dirigentes da academia. A cidade de Novosibirsk ganhou um motorista de ônibus caolho e a diretoria recomendou que Dominika fosse dispensada do treinamento. Ela argumentou que não fizera nada para provocar o incidente, e os membros

da banca deliberativa (dois homens e uma mulher) simplesmente continuaram a fitá-la sem dizer nada. Mais uma cilada em que ela caíra: primeiro fora a escola de balé, depois Ustinov e agora a AVR. Dominika ameaçou registrar uma reclamação formal. Mas onde? Com quem? A notícia enfim chegou a Yasenevo, e o vice-diretor Egorov berrou tão alto ao telefone que, se estivesse do outro lado da linha, Dominika teria visto o aparelho cuspir centelhas coloridas. Não demorou para que ela fosse informada de que eles haviam pensado melhor e decidido lhe dar uma segunda chance em caráter

experimental. Daquele dia em diante os colegas passaram a ignorá-la, a evitar a *klikusha* que viam zanzar de um prédio a outro com as costas eretas, os passos longos e elegantes, quase imperceptivelmente mancos.

***

A terceira parte do programa aconteceu em salas de aula com cadeiras de plástico, isolamento acústico e enormes projetores pendendo do teto. Moscas mortas se empilhavam entre as vidraças duplas das janelas. Os assuntos agora seriam economia mundial, política, energia, relações internacionais, Terceiro

Mundo, “problemas globais”... e os Estados Unidos. Ninguém se referia mais ao país como o maior inimigo da Rússia, mas como seu maior concorrente. Isso era tudo o que a Rússia podia fazer para se manter no mesmo patamar de superpotência. As aulas sobre esse assunto costumavam ser as mais inflamadas.

Os norte-americanos faziam questão de ignorar os russos, achavam que sabiam tudo sobre eles e *tentavam* manipulá-los. Haviam interferido nas últimas eleições, felizmente sem sucesso. Apoiavam os dissidentes russos e não tinham o menor pudor em instilar a discórdia

naquele delicado período da reconstrução russa. Forças militares americanas desafiavam a soberania russa desde o Báltico até o mar do Japão. A recente política de "recomeçar do zero" (a tentativa de angariar o apoio dos países rivais para garantir o alcance dos próprios objetivos) era um insulto: não havia o que recomeçar. A questão era simplesmente esta: a Rússia merecia respeito; a *Rodina* merecia respeito. Pois bem, se algum dia Dominika, na qualidade de agente do SVR, viesse a travar contato com algum americano, mostraria a ele que seu país tinha que ser respeitado.

A ironia disso tudo, diziam os professores, era que os Estados Unidos estavam em franca decadência, já não eram mais a potência de outros tempos. Depauperando-se com as guerras prolongadas, sofrendo com os indicadores econômicos, o suposto berço da igualdade vinha chafurdando em conflitos de classe e numa nociva política de ideologias conflitantes. E os tolos ainda não se davam conta de que muito em breve precisariam da Rússia para cortar as asinhas dos ambiciosos chineses, precisariam da Rússia como aliada numa futura guerra.

Mas caso os americanos decidissem medir forças com a Rússia, dando por certo a própria superioridade, ficariam surpresos. Um aluno da turma discordou, sugerindo que as noções de Oriente e Ocidente já haviam ficado obsoletas. Além disso, a Rússia fora derrotada na famigerada Guerra Fria. "Bola pra frente, pessoal", disse ele. Seguiu-se um burburinho na sala. Outro aluno ficou de pé e, com os olhos faiscando, decretou: "A Rússia não perdeu a Guerra Fria. De jeito nenhum. Porque a Guerra Fria *nunca acabou*." Dominika viu as palavras vermelhas ascenderem para o teto. Palavras

belas, fortes. Interessantes. “A Guerra Fria nunca acabou.”

***

Pouco tempo depois, Dominika foi separada do resto de sua turma. Não precisava aprender línguas — podia dar aulas de inglês e francês, se quisesse. Tampouco era talhada para o lado burocrático do serviço. Os instrutores haviam percebido seu potencial e falaram sobre ele com os diretores da academia, que por sua vez entraram em contato com Yasenevo e pediram a permissão da central para que Dominika Egorova, sobrinha do primeiro vice-diretor,

ingressasse na fase prática, ou operacional, do treinamento. Seria uma das raras mulheres a serem treinadas pelo SVR como *operupolnomochenny* (oficial de operações). Não foi necessária nenhuma espera. A aprovação da central foi imediata.

Dominika fora admitida no treinamento operacional, na zona da ação, no jogo. Ingressara na fase especial, o último estágio dentro do casulo antes de criar as asas que lhe permitiriam servir à Pátria Mãe. O tempo passara antes que ela se desse conta. Uma estação dava lugar a outra sem que ela percebesse. Aulas,

palestras, laboratórios, entrevistas... As atividades se sucediam numa velocidade alucinante.

O programa começava com os assuntos mais ridículos: sabotagens, explosivos, infiltrações, coisas que já eram ensinadas desde os tempos em que Stalin reinava e a Wehrmacht sitiava Moscou. Em seguida vinham as aulas práticas, e aqui eles foram duros com Dominika. Faziam-na criar personas que lhe servissem de disfarce nas ruas, percorrer rotas externas para detectar vigilantes no campo inimigo, encontrar esconderijos, transmitir mensagens cifradas, simular encontros com

informantes, arquitetar abordagens de recrutamento. Ela praticava com comunicações, sinais e dispositivos de armazenamento digitais. Os instrutores ficavam boquiabertos com a memória dela para os detalhes, para cada lição aprendida.

Os instrutores de combate não armado também ficaram impressionados com a força e o equilíbrio de Dominika. Assustaram-se um pouco com a intensidade dela, com a rapidez com que a jovem se reerguia após ser derrubada no tatame. Todos já tinham ouvido falar do incidente no chuveiro, e os homens da turma redobravam o

cuidado, sobretudo com os próprios testículos, quando treinavam em dupla com ela. Dominika observava o rosto deles, via a aura esverdeada do medo e da censura enquanto eles arfavam e bufavam no ginásio da academia. Ninguém se aproximava dela por iniciativa própria.

O treinamento também incluía simulações no centro de Moscou, nas ruas que se transformavam numa enorme sala de aula onde eram colocados em prática os princípios aprendidos nas dependências cheias de mofo nos arredores de Yasenevo. Nessas atividades os instrutores eram *pensionerki*, espiões da velha

guarda aposentados há décadas, alguns com mais de 70 anos. Eles tinham dificuldade em acompanhar Dominika à medida que os exercícios se tornavam mais rápidos, e ficavam para trás enquanto ela avançava pelas calçadas mal iluminadas de Moscou com suas potentes passadas de bailarina. O manquejar, sequela do pé machucado, era apenas um charme a mais. Dominika era uma aluna motivada, determinada a ser bem-sucedida. Estava sempre com o rosto molhado de suor, a camiseta escurecida entre os seios e na altura das costelas.

As cores a ajudavam na rua: os

azuis e os verdes das equipes nas vans de vigilância permitiam que ela se orientasse melhor na multidão nos bulevares. Ela deixava as equipes de vigilância totalmente perdidas, calculava com meticulosidade o tempo dos encontros-relâmpagos nas plataformas de metrô, ia se reunir com falsos agentes em becos imundos à meia-noite, assumia o controle desses encontros, lia o que se passava na cabeça dos interlocutores. Os veteranos secavam o suor do rosto, depois diziam:

— Fanatichka!

Com os cabelos presos na altura da nuca, os ombros retos, Dominika

ria deles, lendo as cores da admiração nos velhinhos exaustos.

— E aí, seus dinossauros enferrujados, vão desistir? — provocava.

Os dinossauros a adoravam, e ela sabia disso.

Esses mesmos instrutores deveriam colocá-la a par das condições que ela encontraria no exterior, do que Dominika poderia esperar das ruas. Eram eles que a ensinariam a operar nas grandes capitais. *Quanta estupidez*, pensou ela, *achar que esses homens que saíram do país pela última vez quando Brejnev ainda enviava tropas para o*

Afeganistão tenham alguma coisa a dizer sobre como operar nas ruas de Londres, Nova York ou Pequim hoje em dia. Ela teve a ousadia de mencionar essa incongruência a um dos coordenadores do curso, que a mandou calar a boca e reportou a impertinência aos canais superiores da linha de comando. Dominika saiu da sala do homem com o rabo entre as pernas, recriminando-se, mortificada por ter sido tratada daquela maneira. Mais uma lição aprendida.

***

Dominika começou a ter aulas

sobre psicologia da coleta de informações, psique dos informantes, identificação de motivações e vulnerabilidades. Mikhail, seu instrutor, chamava tudo isso de "desvendar a alma humana". Era o psicólogo da central, tinha 45 anos e apenas Dominika como aluna. Andava com ela pelas ruas de Moscou, ambos observando as pessoas, analisando as interações. Dominika não lhe dissera nada sobre as cores que era capaz de ver: havia muito tempo jurara à mãe que jamais falaria disso com alguém.

— Mas com base em quê você pode afirmar uma coisa dessas? —

perguntou Mikhail certa vez, surpreso, após Dominika afirmar que o homem no banco ao lado do deles estava à espera de uma mulher.

— Sei lá, é o que parece — respondeu ela, e ficou silêncio quando o roxo da paixão se intensificou em torno do homem assim que ele viu a tal mulher dobrar a esquina.

Mikhail deu uma sonora risada e olhou perplexo para Dominika quando a teoria dela se confirmou.

No decorrer do curso, Dominika percebeu com sua refinada intuição que o psicólogo estava atraído por ela. A princípio ele tinha se

comportado como o sisudo instrutor da Diretoria T do SVR, mas agora, não raro, ela o flagrava olhando furtivamente para seu corpo, forçando alguma situação para que eles se esbarrassem, tocando-a no ombro sem nenhum motivo aparente ou pousando a mão nas costas dela ao conduzi-la por uma porta.

Seria um risco terrível ir para a cama com ele. Mikhail era um instrutor. Mais que isso, era o psicólogo encarregado de avaliá-la em termos de personalidade e aptidão para o trabalho operacional. Mesmo assim, Dominika sabia que ele não diria nada, tinha consciência

de que exercia sobre ele um vago poder, e transar com um instrutor, por maior que fosse a transgressão, ou talvez por isso mesmo, era algo que provocava nela uma excitação que ia muito além do prazer físico.

Certa tarde, após um exercício de campo, eles ficaram sozinhos no apartamento que Mikhail dividia com os pais e o irmão, que naquele momento estavam fora. Não demorou para que se atracassem e fossem para a cama dele. Depois de jogar as cobertas longe, Dominika ficou por cima de seu instrutor e começou a cavalgá-lo com as coxas trêmulas, os cabelos caindo em

desalinho sobre o rosto, sentindo os espasmos correrem por sua espinha até os dedos do pé, sobretudo os do pé danificado. Ela sabia exatamente o que queria após tanto tempo negligenciando seu eu secreto por causa das aulas e do treinamento, que consumiam todo o seu tempo. Ela o imobilizou na cama (quem estava comendo quem?) e concentrou todo o peso do corpo nas estocadas do quadril, aproveitando ao máximo. Delicadezas, gemidos e beicinhos poderiam ficar para depois. O que importava ali era concentrar-se na busca daquilo que ela tanto queria, da pressão que dali a

pouco aumentou até enfim explodir e lhe roubar por inteiro a consciência, fazendo-a cair para a frente, sem forças, alheia às câimbras nas panturrilhas e nos pés. Mikhail jazia sob ela em silêncio, com os olhos arregalados, um mero observador que não sabia ao certo o que acabara de testemunhar.

Mais tarde, na cozinha, volta e meia ele a espiava furtivamente enquanto esperava a água ferver para o chá. Embrulhada num suéter, Dominika o fitava da mesa com um olhar plácido. O psicólogo em Mikhail já havia se dado conta de que aquela transa não tivera nada a ver com ele.

Sabia que a garota não diria nada a ninguém. Nunca. Sabia também que jamais haveria uma segunda vez. E de certo modo ficou aliviado.

O último dos três módulos operacionais que compunham o treinamento estava chegando ao fim. Os instrutores aposentados de Dominika tinham lhe dado o apelido carinhoso de *mushka*, que além de significar algo nos moldes de "linda" também era o nome dado à mira dianteira de uma arma de fogo, a primeira a captar o alvo. Nas avaliações individuais que preencheram, mencionaram o espírito combativo, a inteligência e a

esperteza da candidata, bem como a intuição por vezes inexplicável que ela demonstrava em campo. Sua lealdade e dedicação à *Rodina* eram inquestionáveis. Alguns observaram que ela era um pouco impaciente, que algumas vezes manifestava uma inclinação excessiva a discussões e que precisava de um pouco mais de flexibilidade nas abordagens de recrutamento. Somente um escreveu que, apesar do desempenho superior, ela dava indícios de que seu patriotismo não era muito profundo e de que cedo ou tarde seu espírito livre falaria mais alto que a devoção ao país. Tratava-se apenas de uma

impressão, ele não tinha nenhum exemplo a citar. O comentário foi descartado como a opinião equivocada de um velho ranzinza. De qualquer modo, Dominika jamais teria acesso às suas avaliações.

Agora restavam apenas os exames finais: uma prova prática nas ruas, uma escrita e outra oral. Faltava pouco para que o treinamento fosse dado oficialmente por encerrado. Antes que isso acontecesse, no entanto, para a consternação de seus instrutores, Dominika sumiu por completo de vista após uma reunião para a qual fora convocada na central. “Requisitada para uma missão

especial", foi o que todos deduziram.

***

Dominika foi instruída a subir ao quarto andar do prédio de Yasenevo e seguir até a última sala do corredor, que ficava perto dos retratos dos diretores. Ela bateu à porta de mogno e entrou. Tratava-se de uma pequena sala de jantar com paredes de madeira, carpete cor de vinho e nenhuma janela. O verniz da parede e dos aparadores refletia a iluminação indireta. Sobre a mesa, uma toalha alvíssima, pratos de porcelana Vinogradov, taças e copos de cristal. Vanya Egorov levantou-se

da cabeceira assim que viu a sobrinha entrar, foi ao encontro dela e deu-lhe um forte abraço.

— A formanda está de volta! — exclamou, ainda com as mãos nos ombros dela. — A primeira da turma, as maiores notas nas provas em campo. Eu sabia!

Ele a soltou, ofereceu-lhe o braço e foi andando com ela sala adentro.

Havia um homem sentado perto da cabeceira da mesa, fumando tranquilamente um cigarro. Aparentava uns 50 anos e tinha um monte de varizes no nariz. Os olhos eram sombrios e lacrimosos e os

dentes encardidos apresentavam uma textura áspera. Ele esparramara-se na cadeira com aquele ar displicente de autoridade talhado ao longo de muitas décadas de funcionalismo público. A gravata estava torta sob o terno marrom desbotado, que tinha a mesma cor do halo que Dominika via a seu redor. O problema não era o marrom em si (embora os tons de preto, cinza e marrom fossem maus presságios), mas o modo pálido como ele o envolvia. *Um maníaco*, pensou Dominika. Um *bluzhdajushiy* que não merecia nenhuma confiança.

Ela se acomodou à frente do

desconhecido e nem sequer piscou quando ele a encarou com um olhar de avaliação. Vanya voltou para seu lugar à cabeceira e cruzou as mãos enormes de forma solene sobre a mesa. Ao contrário do homem a seu lado, Vanya estava elegante como sempre num terno cinza-perolado com uma camisa azul de colarinho engomado e uma gravata azul-marinho de bolinhas brancas. Na lapela, usava uma pequena fita vermelha com uma estrela azul-celeste na ponta, uma comenda pelas contribuições prestadas à defesa da pátria (*Za Zaslugi Pered Otechestvom*). Ele acendeu um cigarro e em

seguida fechou seu isqueiro de prata ruidosamente.

— Esse é o coronel Simyonov — disse, apontando com o queixo o desleixado de marrom. — Chefe do Quinto Departamento.

Simyonov não falou nada, apenas se inclinou para a frente e bateu o cigarro num cinzeiro de cobre ao lado do prato.

— Identificamos uma oportunidade operacional bastante singular — prosseguiu Vanya —, e o Quinto Departamento foi escolhido para realizá-la. Garanti ao coronel que você seria a pessoa ideal para ajudá-lo nessa operação, sobretudo

depois de ter sido tão bem-sucedida no treinamento da academia. Por isso a chamei aqui, para apresentá-la a ele.

Dominika olhou do tio para o homem. Que diabo estava acontecendo ali?

— Muito obrigada, general — retrucou, tendo o cuidado de não chamar Vanya de tio na frente de um oficial graduado —, mas ainda faltam duas semanas para terminar o curso, algumas provas e...

— Sua avaliação final está completa — interrompeu Vanya. — Você não precisa mais voltar para a AVR. Na verdade, quero que comece o

mais rápido possível um treinamento adicional como preparação para esta sua primeira missão com Simyonov.

Ele bateu o cigarro no cinzeiro a seu lado, idêntico ao do coronel.

— Posso saber qual é a natureza da missão, general? — perguntou Dominika, e fitou os rostos indecifráveis dos dois homens na sala.

Ambos eram experientes demais para deixar algo transparecer no olhar, mas nenhum deles sabia dos poderes sinestésicos que ela possuía. Os halos que os cercavam estavam aumentando em torno de suas cabeças.

— Por ora basta dizer que se trata de uma missão razoavelmente importante — resumiu Vanya. — Um caso delicado de *konspiratsia*.

— Quanto a esse treinamento adicional... o que seria, em detalhes? — indagou Dominika, mas num tom comedido e respeitoso.

Nesse instante uma porta nos fundos da sala se abriu e entrou um garçom com uma bandeja que continha uma travessa de prata.

— O almoço chegou — anunciou Vanya, endireitando-se na cadeira. — Continuamos nossa conversa depois.

O garçom começou a servir os

fumegantes *golubtsi*, trouxinhas de repolho fritas mergulhadas em um molho espesso de tomate com creme azedo.

— O melhor da cozinha russa — afirmou Vanya, vertendo o vinho tinto de um decantador de prata na taça de Dominika.

Tudo aquilo cheirava a uma grande cilada. As antenas da jovem, recém-treinadas, estavam completamente em pé. E aquela comida pesada não lhe apetecia nem um pouco.

O almoço durou meia hora, mas parecia interminável. Simyonov não disse mais que três palavras durante

toda a refeição, mas não tirou os olhos de Dominika, sentada à sua frente. Exibia uma expressão acintosa de enfado, como se não quisesse estar ali. Assim que terminou de comer, limpou a boca com o guardanapo, afastou a cadeira e disse:

— Com sua licença, general.

Antes de sair, olhou Dominika de alto a baixo mais uma vez e então se despediu de Vanya com um aceno de cabeça.

— Vamos tomar um chá na minha sala — falou Vanya, já se levantando da mesa. — É mais confortável.

No escritório do tio, Dominika se sentou meio rígida ao lado dele, de frente para a esplendorosa vista do bosque de Yasenevo. Com os cabelos presos no alto, ela vestia uma saia preta e uma camisa branca, o uniforme informal da academia. Dois copos de chá fumegante, envoltos em antigos suportes de prata, aguardavam sobre a mesa de centro.

— Seu pai ficaria muito orgulhoso de você — começou Vanya, e deu um gole no chá.

— Muito obrigada — respondeu ela, e esperou.

— Estou muito feliz com seus resultados e seu ingresso no serviço.

— O treinamento não foi fácil, mas não poderia ter sido melhor. Estou pronta pra começar a trabalhar.

Era verdade. Muito em breve ela já estaria na linha de frente.

— É sempre uma honra poder servir ao país. Aliás, não há glória maior — afirmou Vanya, e roçou a comenda na lapela. Em seguida deu mais um gole no chá, olhou para a sobrinha e disse: — Essa operação com o Quinto Departamento... Não é todo dia que aparece algo assim. Sobretudo para uma agente que acabou de se formar.

— Não vejo a hora de começar o

novo treinamento — comentou Dominika.

— Basta dizer que a operação é uma abordagem para o recrutamento de um diplomata americano. É fundamental que nenhum rastro seja deixado, nada que sugira que temos alguma coisa a ver com isso. O diplomata deverá ser neutralizado, completamente e sem nenhum tropeço. — Vanya quase sussurrava, e Dominika não conseguia ver com clareza as palavras, indistintas e pálidas. — Como era de se esperar, o coronel Simyonov ficou preocupado com a sua inexperiência, mesmo sabendo do seu desempenho

exemplar no treinamento. Garanti a ele que minha *sobrinha* — aqui ele estendeu a palavra para deixar claro que havia exercido sua influência — era a escolha perfeita para o trabalho. E ele, claro, logo reconheceu que faz sentido usarmos você, sobretudo quando mencionei o treinamento adicional ao qual você será submetida.

Dominika já não se aguentava de tanta curiosidade. Que diabo de treinamento seria esse? Recursos técnicos? Idiomas? Algum tutorial específico? Vanya acendeu mais um cigarro e soprou a fumaça para o alto. Só então disse:

— Você foi matriculada num curso especializado no Instituto Kon.

Dominika obrigou-se a permanecer calma e manter o rosto impassível enquanto absorvia friamente o soco que acabara de receber na boca do estômago. Conhecia os rumores que circulavam em torno do tal instituto: tratava-se da extinta Escola Quatro, mais conhecida como a Escola de Pardais, onde homens e mulheres eram treinados nas técnicas de sedução para fins de espionagem. O tio a estava mandando para uma escola de putas.

— Por acaso esse instituto é

aquele lugar conhecido como Escola de Pardais? — perguntou ela, procurando manter a voz firme. — Tio, achei que fosse entrar para o serviço como agente, que seria designada a um departamento e incumbida de alguma operação de inteligência. Esse treinamento é para prostitutas, não para agentes.

Ela mal conseguia respirar.

Vanya a encarou e disse:

— Procure ver o lado bom, Dominika. O curso lhe dará mais um recurso que você poderá usar, ou não, quando começar a conduzir as próprias operações no futuro.

Ele se recostou no sofá.

— E essa operação com o diplomata? É para ser uma armadilha sexual? Dominika lera, na academia, a respeito de escabrosas operações que envolviam as manobras sexuais mais sórdidas.

— O alvo é muito tímido. Avaliamos as vulnerabilidades dele durante vários meses. O coronel Simyonov concorda que ele é suscetível.

O corpo de Dominika ficou rígido.

— O coronel sabe de tudo isso que você quer que eu faça? Sabe da

Escola de Pardais? — Ela balançou a cabeça. — Não tirou os olhos de mim durante todo o almoço. Só faltou abrir a minha boca pra examinar os dentes.

Vanya interrompeu-a, já com certa impaciência:

— Tenho certeza de que ele ficou muito impressionado. É um oficial experiente. No entanto, toda operação tem características individuais, únicas. Ainda não tomamos uma decisão final sobre como proceder. Mesmo assim, Dominika, esta é uma oportunidade que você não pode desperdiçar.

— Não vou conseguir — afirmou

ela. — Depois daquela última operação, o jeito como ela terminou... Levei meses pra esquecer o que aconteceu com Ustinov.

— Esse assunto *de novo*? Por acaso não fui claro o suficiente quando a instruí a esquecer esse episódio e nunca mais voltar a falar nele? — retrucou Vanya. — Eu exijo obediência absoluta neste caso, Dominika.

— Nunca comentei nada com ninguém — garantiu ela. — Só que... se esta for mais uma daquelas operações, eu preferiria...

— *Preferiria?* Você acabou de se formar na academia e agora é uma

oficial júnior do serviço secreto. Não tem que preferir nada. Simplesmente acata ordens. Recebe uma missão e faz o que tem de fazer, que é defender sua pátria.

— Estou sempre disposta a servir a meu país, não é isso — devolveu Dominika. — Mas não sei por que fui escolhida pra essa operação em particular. Já ouvi dizer que há pessoas no SVR que fazem isso com regularidade. Por que não usar uma delas?

Vanya franziu a testa e disse:

— Cale-se. Nem mais uma palavra. Você não percebe a dimensão da oportunidade que estou

lhe dando. Está pensando apenas em si mesma, nesses melindres infantis. Na qualidade de agente do SVR você não tem preferências, não escolhe nada. Cumpre exemplarmente a missão que lhe foi designada e pronto. Se não quiser participar dessa operação, se preferir deixar que seus preconceitos bobos acabem com sua carreira antes mesmo que ela comece, então fale já. Você será dispensada do serviço, seu arquivo será fechado, a pensão de sua mãe será cancelada e seus privilégios, retirados. *Todos eles.*

Dominika mal acreditou ao ver o pescoço de Nina ser colocado na

forca de novo. Quantas vezes isso ainda iria se repetir? O que mais iriam obrigá-la a fazer antes de deixá-la servir a seu país em paz e com honra? Ela deixou cair os ombros, resignada.

— Tudo bem — falou. — Posso ir agora?

Quando o tio assentiu, ela se levantou e passou diante das vidraças panorâmicas a caminho da porta. Nesse momento, o sol realçou os traços clássicos de seu perfil, o brilho dos cabelos. Vanya seguiu-a com o olhar — será que a vira mancar um pouco? — e sentiu um frio na espinha quando ela parou à porta e o

encarou por três longos segundos com aqueles olhos incrivelmente azuis, intensos e cortantes, olhos de uma loba à espreita na escuridão. Ele jamais tinha visto olhar semelhante. Nem sequer teve tempo de falar alguma coisa antes que Dominika desaparecesse do outro lado da porta.

GOLUBTSI DO SVR

Escaldar folhas de repolho e reservar. Refogar cebola, cenoura e tomates descascados e sem sementes até que amoleçam. Juntar uma porção de arroz e carne moída já cozidos. Colocar duas colheradas dessa mistura

em cada uma das folhas de repolho e fazer trouxinhas grandes. Fritar na manteiga, depois cozinhar em fogo baixo por uma hora em caldo de legumes com molho de tomate e folhas de louro. Servir com o molho reduzido e creme azedo.

CAPÍTULO 7

NATE NASH DESEMBARCOU EM HELSINKI após um voo de duas horas. Assim como no Aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, enormes letreiros luminosos podiam ser vistos por toda parte no moderníssimo HelsinkiVantaa, anunciando perfumes, relógios e pacotes turísticos. Lojas de lingerie, de produtos culinários e bancas de jornal se sucediam ao longo do arejado terminal, mas o cheiro ali não era de repolho cozido, água de rosas e lã molhada, como em Moscou. Roscas de canela eram assadas em

algum forno próximo. Nate recolheu sua única mala, passou pela alfândega e foi para a fila do táxi sem notar em momento alguem que no saguão de desembarque um homem baixo de terno escuro o observava de longe. O sujeito fez um rápido telefonema de seu celular e se foi. Em meia hora, a 900 quilômetros dali, Vanya Egorov foi informado de que Nathaniel Nash chegara à Finlândia. O jogo estava prestes a começar.

Na manhã seguinte, Nate se apresentou ao chefe da estação de Helsinki, Tom Forsyth. O escritório dele era pequeno mas confortável, com uma pintura de tema náutico

acima da mesa e um pequeno sofá encostado na parede oposta. Sobre a mesinha lateral havia dois porta-retratos, um com a foto de um veleiro navegando as águas de um mar calmo, o outro com o retrato de um jovem ao leme que parecia pertencer à família Forsyth. As cortinas da única janela da sala estavam fechadas.

Forsyth era alto, magro e beirava os 50 anos. Tinha o queixo quadrado e os cabelos grisalhos começavam a rarear dos lados da cabeça, criando entradas. Assim que viu Nate à porta, ergueu os olhos escuros e intensos sobre os óculos

meia-lua, abriu um sorriso, jogou alguns papéis dentro de uma caixa e se levantou para cumprimentá-lo. Seu aperto de mão era forte e breve.

— Bem-vindo à estação! — exclamou ele com a voz suave, depois gesticulou para que Nate se acomodasse numa das cadeiras de couro diante de sua mesa.

— Obrigado, chefe — falou Nate.

— Você já tem um apartamento? Onde a embaixada o acomodou? — perguntou Forsyth.

Naquela manhã o serviço de alojamento da embaixada o instalara num confortável apartamento de dois

quartos em Kruununhaka, e Nate ficara maravilhado ao abrir as portas duplas da varandinha e se deparar com a marina, o terminal das balsas, a imensidão do mar. Contou isso a Forsyth.

— É uma parte bacana da cidade. Dá pra você vir a pé pro trabalho — disse o chefe, e depois: — Bem, eu queria que você passasse um tempinho comigo e com o Marty, para se familiarizar um pouco com o que fazemos aqui.

Marty Gable era o vice-chefe da estação. Nate ainda não fora apresentado a ele.

— Temos alguns casos bons,

mas acho que podemos fazer muito mais — continuou Forsyth. — Esqueça os alvos internos. Os finlandeses são nossos aliados, nunca criam problema. Marty e eu fazemos as ligações com eles, então você não precisa se preocupar com isso. Os problemas vêm de fora. Os árabes de sempre: Hezbollah, Hamas, palestinos. Todos eles têm representantes na cidade. Não será fácil se aproximar deles, portanto sugiro algum tipo de intermediação com os iranianos, sírios e chineses. As embaixadas são pequenas e eles se sentem mais seguros aqui, na neutralidade da Escandinávia. É

possível que os persas estejam interessados em equipamentos embargados. Dê uma olhada no nosso sistema — concluiu, depois se recostou na cadeira.

— Quero correr atrás de algo maior — retrucou Nate. — Marcar um gol importante. Depois do que me aconteceu em Moscou... Você sabe.

Forsyth sabia muito bem. Podia ver a preocupação no olhar do agente, a determinação projetada no queixo.

Nate se empertigou na cadeira.

— Eu entendo, Nate — disse Forsyth —, mas qualquer

recrutamento que você fizer, desde que seja produtivo, já será um belo gol. E pra pescar um peixe grande é preciso paciência, trabalhar e gerar contatos suficientes que o levem a algum lugar.

— Eu sei, chefe — respondeu Nate depressa. — Mas não tenho tempo a perder. Gondorf está fazendo minha caveira. Se esta oportunidade aqui não tivesse surgido, neste momento eu estaria na Rússia, enterrado na frente de algum computador. Você nem imagina como a sua convocação veio em boa hora.

Forsyth lera a ficha de Nate,

enviada à estação logo após a aprovação da transferência para a Finlândia. Não eram muitos os jovens agentes que tinham fluência quase total em russo. Nate tivera um excelente desempenho não só no treinamento na fazenda, mas também no treinamento de "operações em condições adversas" em Moscou, a arte de operar sob vigilância ao mesmo tempo constante e agressiva. O arquivo também fazia menção à boa performance dele na Rússia, sobretudo na gestão de certo caso importante sobre o qual nenhum detalhe era informado.

Mas o que Forsyth via agora à sua frente era um operador ressentido, com sede de vingança, e isso não era nada bom. Atitudes assim criavam espaço para todo tipo de acidentes, de precipitações.

— Não quero que você fique pensando em Moscou. Andei conversando com um pessoal aí do QG e você não tem nada com o que se preocupar.

Forsyth notou que Nate ainda ruminava os infortúnios recentes, perdido nos próprios pensamentos.

— Escute o que eu digo — continuou, e esperou até ver que tinha a total atenção do recém-

chegado. — Quero que você trabalhe direitinho, seguindo as regras, sem recorrer a nenhum atalho. Todo mundo quer um caso importante, é natural. Mas você está com um nas mãos agora mesmo. Não vou admitir que enfie os pés pelas mãos. Fui claro? — Ele cravou os olhos em Nate, sério, e repetiu: — Fui claro?

— Sim, senhor — respondeu Nate.

Ele havia entendido o recado muito bem, mas disse a si mesmo que iria à luta, que sairia às ruas para encontrar seus informantes, que não era homem de ficar mofando atrás de uma mesa como gerente de caso. A

hipótese de ser despachado de volta para casa simplesmente era inaceitável. De repente lhe veio à cabeça a imagem assombrosa de um possível futuro em Richmond: ele num country club qualquer, ao lado de alguma loura com os lábios cheios de botox e os cabelos entupidos de laquê, os irmãos dando suas tacadas de golfe sobre o tapete xadrez do salão do clube. Nem fodendo.

— Muito bem — disse Forsyth. — Sua mesa fica na primeira sala à direita no corredor. Agora vá procurar o Gable — ordenou, já pescando de volta os papéis que jogara dentro da caixa.

Marty Gable, o vice-chefe da estação, estava em seu gabinete, que era vizinho ao de Forsyth e tão pequeno quanto o dele. Sentado ao computador, Gable queimava os miolos para escrever um cabograma diplomático ao QG sem usar a expressão “filho da puta”. Mais velho que Forsyth (beirava os 60 anos), tinha ombros largos e fortes, cabelos brancos cortados à escovinha, olhos azuis e um nariz de aço. O rosto era bronzeado, quase vermelho, típico de um homem das ruas. Igualmente bronzeadas, as mãos enormes jaziam imóveis no teclado que parecia pequeno demais para elas. Ele

detestava escrever mensagens, detestava digitar com dois dedos, detestava qualquer tipo de burocracia. Seu lugar era em campo.

Nate parou à porta da sala, que não tinha nenhum adorno além de uma foto do Monumento a Washington na parede, dessas que existiam em todos os endereços do governo mundo afora. Sobre a mesa não se via nada. Antes que Nate pudesse tossir ou bater de leve à porta para anunciar sua presença, Gable girou em sua cadeira e o encarou com a testa franzida.

— Você é o cara novo, não é? Cash?

O sotaque vinha de algum lugar do Cinturão da Ferrugem.

— Nash — corrigiu Nate, e se aproximou da mesa. — Nate Nash.

Gable estendeu-lhe a mão do tamanho de uma frigideira e Nate se preparou para ter os dedos esmagados.

— Você demorou — comentou o vice-chefe. — E aí, recrutou algum informante no caminho do aeroporto até aqui? — Ele riu. — Não? Então depois do almoço você cuida disso. Vamos lá. — A caminho da saída ele foi passando a cabeçorra de Rottweiler pelas diversas portas ao longo do corredor, para ver o que os

demais operadores da estação estavam fazendo. Todas as salas encontravam-se vazias. — Ótimo — disse. — Todo mundo com o rabo na rua. É assim que eu gosto.

Gable levou Nate para almoçar numa espelunca de comida turca, uma portinha numa viela cheia de neve nas imediações da estação ferroviária. O lugar enfumaçado não tinha mais que meia dúzia de mesas, uma janela aberta para a cozinha e um retrato emoldurado de Atatürk, o fundador e primeiro presidente da Turquia, pendurado na parede. As pessoas gritavam na cozinha, mas o tumulto cessou no momento em que

Gable bateu palmas junto à janela. Um homem magro de pele escura, bigode preto e avental emergiu através da cortina de contas que dava acesso ao salão. Deu um abraço rápido em Gable, que o apresentou como Tarik, o proprietário. O sujeito apertou a mão de Nate vagamente, sem fitá-lo nos olhos, então eles se dirigiram a uma mesa no canto. Gable puxou a cadeira em que queria que Nate se sentasse, contra a parede e virado para a porta, e depois se acomodou também, com as costas viradas para a outra parede. Em turco, pediu dois kebabs Adana, duas cervejas, pão e salada.

— Espero que você goste de pimenta — disse a Nate. — Este buraco tem a melhor comida turca da cidade. Há muitos imigrantes turcos por aqui. — Ele espiou na direção da cozinha, em seguida se inclinou para Nate e falou: — Fisguei o Tarik há mais ou menos um ano como ativo de apoio, pra dar uma mãozinha nas operações. Sabe como é: buscar correspondências, pagar o aluguel de um esconderijo, bisbilhotar por aí. Umas duzentas, trezentas pratas por mês e ele está feliz. Sempre que é necessário a gente pode ir recolher informações na comunidade de expatriados em Helsinki.

Gable se endireitou na cadeira ao ver a comida chegar: dois kebabs compridos, bem tostados e salpicados de pimenta vermelha em cima de uma rodela grande de pão árabe besuntada com manteiga derretida. No canto do prato, uma salada de cebolas cruas com sumagre e suco de limão. Tarik depositou duas garrafas de cerveja gelada sobre a mesa.

— *Afiyet olsun*. Bom apetite — falou, em seguida se retirou.

Nate nem sequer havia pegado o garfo quando Gable começou a devorar seu kebab com a fúria de um crocodilo.

— Nada mau, não é? — comentou com a boca cheia, então despejou metade da cerveja goela abaixo.

Depois, abocanhou mais um naco do kebab, espicaçando sua presa sem misericórdia. Dali a pouco, sem nenhum preâmbulo ou constrangimento, perguntou a Nate que diabo acontecera em Moscou entre ele e aquele bosta do Gondorf.

Sem qualquer vontade de reabrir a ferida, Nate ofereceu-lhe um breve apanhado dos fatos.

Gable apontou a faca para ele e falou:

— Ouça com atenção. Tem duas coisas que você precisa saber sobre nosso ramo. Primeiro: ninguém amadurece como operador sem fazer pelo menos uma grande cagada no caminho. Segundo: você é julgado pelas informações que traz e pela capacidade de proteger seus informantes. Nada mais importa. — Nesse ponto ele engoliu a outra metade da cerveja e pediu uma segunda garrafa. — Ah, tem mais uma coisa: Gondorf é um bunda-mole. Não se preocupe com ele.

Ele já havia destroçado o kebab antes mesmo que Nate chegasse à metade do seu.

— E você? — quis saber Nate. — Já fez alguma merda?

— Eu? Sou o rei da merda. Foi assim que vim parar aqui. Forsyth salvou meu pescoço depois da última.

***

Gable passara boa parte da carreira na África e na Ásia, em países do Terceiro Mundo — o "tour do inferno", como o conjunto formado por esses lugares era conhecido nas internas. Alguns operadores faziam seu trabalho em quartos de hotel e cafés em Paris. O universo de Gable era bem diferente: encontros dentro de um Land Rover imundo, quase

sempre à meia-noite, em alguma rua deserta de terra batida. Alguns operadores gravavam suas reuniões com ministros de governo; Gable anotava num bloco tosco os segredos que ouvia de algum informante apavorado ao mesmo tempo que tentava fazer o desgraçado se concentrar — eles ficavam no interior do carro com as janelas fechadas, o motor estalando de tão quente, enquanto serpentes rastejavam no mato alto em ambos os lados do veículo. Nate já ouvira dizer que o homem era uma lenda viva. Leal a seus ativos, aos amigos e à CIA, nessa ordem. Não havia nada

que ele não tivesse visto, e sabia reconhecer as coisas realmente importantes.

Gable se recostou na cadeira, bebeu um gole de cerveja e começou a falar. Sua última missão fora em Istambul, uma cidade enorme, com bons operadores. Seu conhecimento de turco era razoável, ele sabia aonde ir, com quem falar. Em pouco tempo recrutou um membro do PKK, grupo de curdos separatistas que vinham do leste do país para aterrorizar a cidade, deixando bombas em caixas de engraxate na rua, em latas de lixo na praça Taksim, em maletas nos prédios do governo.

Certo dia, Gable entrou num táxi conduzido por um rapaz curdo que devia ter uns 20 anos, no máximo. Parecia inteligente, dirigia bem. Manter os olhos sempre bem abertos é o segredo do negócio, e Gable teve um palpite, uma intuição, então pediu ao garoto que parasse na frente de um restaurante e o convidou para comer com ele. Precisou fazer cara de poucos amigos para o turco filho da puta atrás do balcão, que como todos os turcos odiava os curdos, os “turcos das montanhas”.

O moleque parecia faminto. Começou a falar da família. Gable sentiu um cheiro de PKK na história,

então contratou o taxista por uma semana e ficou rodando com ele pela cidade. Seu palpite estava certo. O garoto fazia parte de uma célula local, mas não concordava com aquela merda de terrorismo. Pronto, Gable conseguiu um belo recrutamento por um pouquinho de respeito e quinhentos euros por mês. Tudo por ter mantido os olhos abertos dentro da porra de um táxi. É assim que se faz.

O garoto começou entregando só porcaria, coisas inúteis, mas Gable logo tratou de colocá-lo na linha (por isso que na academia eles tinham aula de “gestão de informantes”), e

dali em diante eles se concentraram nos líderes da célula, em como as ordens eram transmitidas, em como os mensageiros viajavam. Nada mau, mas bastou apertar o moleque um pouco mais para ele começar a revelar a localização dos galpões em que o PKK armazenava o Semtex, o Nitrolit polonês, ou qualquer outro explosivo que estivessem usando no momento. Depois de um tempo o garoto passou a informar o nome das pessoas que fabricavam as bombas.

A coisa foi ficando cada vez melhor e a certa altura eles precisaram segurar as rédeas da Polícia Federal Turca, porque os

caras queriam entrar em ação imediatamente, colocar as mãos em todo mundo. O chefe da estação em Ancara estava feliz da vida, os figurões do QG também. Mas depois Gable ficou se achando, perdeu o juízo. Uma lição para Nate: quando você começa a achar que é o cara, aí dá merda.

O jovem curdo morava em Tepebasi, um gueto de fundamentalistas do outro lado da colina de Pera, um antigo bairro europeu. Gable costumava se encontrar com ele no táxi e ficar rodando pela cidade sem parar, sempre à noite. Aí um dia resolveu

ignorar os procedimentos e foi até a casa do moleque para conhecer a família dele. Não podia recusar o convite, podia? Seria um insulto. É preciso respeitar a cultura dos outros, ué. Não é? Além disso, ele precisava saber onde seu informante morava. Uma coisa importante: você tem sempre que saber onde os seus informantes moram; nunca se sabe quando vai ser preciso buscá-los lá por algum motivo.

A rua era íngreme, e as casas de arquitetura europeia já haviam perdido todo o antigo esplendor: as fachadas descascavam, as portas duplas tinham uma ou ambas as

folhas quebradas, tapumes cobriam as janelas. Lixo por toda parte, um cheiro constante de esgoto. Em Istambul você acaba se acostumando com esse odor, é até meio adocicado. Bem, já estava anoitecendo e as luzes começavam a se acender no interior das casas. As orações noturnas tinham acabado de terminar.

Ele já havia se preparado para uma visita longa e enfadonha: falta de assunto, olhos tímidos voltados para o chão, muito chá. Paciência. Ossos do ofício. No entanto, já estava quase chegando quando ouviu a gritaria. A porta da frente encontrava-se aberta na casa de seu informante e, lá

dentro, o maior quebra-quebra. Merda. Mau sinal. Os vizinhos não tardariam a chegar para ver o que estava acontecendo. Gable não dava dois minutos para aquilo virar um circo. Então começou a se afastar, decidido a ir embora. Já estava bem escuro, ninguém o veria.

Dali a pouco, porém, ele viu o taxista curdo ser arrastado para fora por dois merdinhas esqueléticos. Estranhou que ele não oferecesse nenhuma resistência, mas depois viu a arma que um deles tinha na mão. Atrás dos três vinha uma garota que só podia ser a mulher do taxista, de pele escura e os olhos amendoados

das tribos das montanhas Taurus: descalça e usando apenas uma camiseta amarfanhada, ela gritava e desferia socos nos dois agressores enquanto uma criancinha de uns 2 anos chorava à porta da casa, abandonada e completamente nua.

Que merda, o garoto tinha se metido em apuros com o PKK. Talvez tivesse dado alguma bandeira com o dinheiro extra que vinha recebendo, feito algum comentário sobre o novo amigo estrangeiro, vai saber. Uma coisa é certa: quando as coisas dão errado, é assim, de uma hora para outra. O papel dos operadores também é proteger esses caras, e às

vezes é preciso agir por eles. Ninguém quer estar na pele de um traidor do PKK: eles ainda não saíram da Idade Média quando o assunto é traição.

Gable poderia simplesmente ter virado as costas. Mas viu a criancinha na porta, uma menininha linda, e pensou: *Não, não dá pra ir embora*. Atravessou o portão do taxista, aproximou-se da varanda e sorriu para os dois merdinhas, que largaram o jovem nos primeiros degraus da varanda. A esposa parou de gritar e encarou o *yabanci*, o estrangeiro filho da puta. Os vizinhos já começavam a chegar, uns dez ou doze, todos

curdos. Não se ouvia uma porra de um pio naquela rua, a não ser o esgoto que corria ladeira abaixo.

De repente o merdinha armado berrou alguma coisa em curdo e começou a brandir a pistola ora na direção do taxista, ora na da jovem de olhos amendoados. Não havia dúvida de que apagaria o traidor caso Gable não fizesse alguma coisa. De qualquer maneira, aquela fonte já havia secado: o moleque teria de sair da Turquia se quisesse continuar vivo. O merdinha do PKK veio descendo e berrando na direção dele. Ignorando os olhos do garoto, que só faltavam pular para fora, Gable se concentrou

na arma que ele empunhava. Os nós dos dedos do filho da puta já começavam a esbranquiçar, tamanha a força com que ele segurava a pistola. Quando é assim você já sabe: não tem mais que três segundos para agir. O cano foi se levantando devagarinho.

Gable tinha uma Browning Hi-Power na cintura. Sacou-a rapidamente e atirou três vezes no curdo, pum-pum-pum. Técnica de Moçambique. De repente foi lá que inventaram esse troço. Você atira duas vezes no peito, avalia o estrago, depois dispara uma terceira vez na testa do infeliz, só por garantia. O

merdinha arregalou os olhos ainda mais, desabou para trás e bateu a cabeça nos degraus da escada. Gable recolheu a pistola que ele deixou cair e a arremessou dentro de um bueiro próximo. Devia ter mais de um milhão de armas nos esgotos de Istambul. O cartucho do terceiro tiro ainda não tinha nem chegado ao chão quando os vizinhos fugiram feito um bando de animaizinhos assustados, cada um para um lado, janelas batendo às pressas ao longo de toda a rua.

O taxista correu para abraçar a mulher. Talvez nem tivesse se dado conta de que nascera de novo, mas

ela sim, percebia tudo, era visivelmente esperta, os mamilos marcados sob o pano da camiseta. Gable olhou para o outro PKK, que parecia ter visto Jesus, ou Maomé, e o merdinha ergueu os braços em rendição, foi descendo os degraus devagarinho, depois desapareceu no breu da rua.

Gable deu cinco mil pratas ao taxista para ele sumir no mundo — não tinha conseguido mais que isso com o pessoal do QG. Não sabia para onde tinham ido, talvez Alemanha ou França. Cinco pirralhos curdos aprendendo alemão. Quando fizessem 20 anos, quem sabe o filho

de Nate não iria lá recrutá-los? Tudo muito louco.

Agora a moral dessa história comprida. O que veio depois foi uma tempestade de merda, sem nenhum exagero. Primeiro foi o cônsul-geral, um poço de histeria, com uma vozinha fina e estridente, depois o embaixador em Ancara, em seguida o Departamento de Estado inteiro. Diplomata americano envolvido em homicídio. Todo mundo puto dentro das calças, um chororô dos infernos. Repercussões muito graves. Não dava para continuar em Istambul. A Polícia Federal Turca deu a Gable uma placa e um jantar de despedida

— estavam adorando aquilo tudo. Os policiais turcos adoram ver o circo pegar fogo. Mas fora eles, todo mundo queria ver Gable pelas costas, e a investigação oficial da CIA ainda nem tinha começado.

Depois disso, Gable montou acampamento na corregedoria de Washington por quase um mês. Após quarenta horas de discussão, eles chegaram ao veredicto de "má conduta operacional". O chefe da estação de Ancara simplesmente tirou o dele da reta — havia muitos fatores políticos em jogo. Não muito diferente de Gondorf. Segundo Gable, Nate ainda iria topar com muitos

bundões assim na carreira. Tudo indicava que tão cedo Gable não receberia outra operação no exterior, e de repente ele se viu enjaulado num cubículo no setor turco do QG em Washington, ouvindo a conversa do cubículo vizinho, uma novata de 23 anos usando a linha externa para contar a uma amiga que enfim criara coragem para fazer um boquete no namorado naquele fim de semana. Nenhum dos recém-contratados usava um relógio de pulso: eles olhavam as horas em um maldito telefone ou tablet, o que quer que isso fosse.

Gable não ficava se lamentando

— as operações eram assim mesmo. Tudo isso tinha lhe acontecido, mas por um bom motivo. O resumo da ópera era: não existe nada mais importante que um informante, a segurança dele, a vida dele.

Mais ou menos na mesma época, Forsyth estava saindo de sua própria tempestade de merda para ocupar a chefia de Helsinki. Ouvira dizer que Gable fizera uma bela cagada, o que não chegava a ser nenhuma novidade, então o convocara para ser seu braço direito como nos bons tempos, que na verdade nunca tinham existido — não passavam de um grande mito. Quanto a Gable, foi

com enorme prazer que os palermas do QG o despacharam para a Finlândia: ninguém mais queria ocupar aquele cargo e Washington não via a hora de se livrar daquela peste, aquela má influência.

— Então, cá estamos nós. Três trapalhões exilados no Círculo Ártico. Eu e você aqui, bebendo cerveja no pulgueiro de um turco. — Gable terminou sua cerveja e berrou: — *Hesap.* — Esperou Tarik sair da cozinha, apontou para Nate e disse: — Hoje é ele que vai pagar.

Nate riu, depois falou:

— Espere um instante. Você falou que Forsyth também passou

por uma tempestade de merda. O que aconteceu com ele? — Pegou alguns euros na carteira, entregou-os a Tarik e emendou: — Pode ficar com o troco.

O homem agradeceu com um sorriso apagado e voltou para a cozinha.

— Você exagerou na gorjeta, novato — avisou Gable. — Assim eles ficam mal-acostumados. É melhor deixá-los com fome.

Ele se levantou e vestiu o casaco.

— Bobagem — retrucou Nate. — Você deu cinco mil pratas pro taxista curdo só pra tirá-lo daquela

enrascada, e você mesmo disse que o garoto já era carta fora do baralho, que não valia mais nada. Não precisava dar nenhum dinheiro a ele.

Nate fitou Gable enquanto eles saíam da viela e seguiam caminho diante da estação ferroviária. Viu que ele não olharia de volta, mas àquela altura já sabia que o homem era mais que apenas um cara durão. De qualquer modo, não tinha a menor intenção de testar os limites dele.

O dia estava frio, e Nate ergueu a gola do sobretudo para se proteger do vento.

— Você não me contou sobre Forsyth — falou. — O que houve com

ele? Gable mais uma vez ignorou a pergunta.

— Sabe onde fica a embaixada da Rússia? — perguntou. — E as da China, do Irã, da Síria? Você precisa estar preparado pra entrar num carro e ir direto pra qualquer uma delas. A gente nunca sabe quando vai ter de pedir asilo pra algum infeliz. Vou lhe dar uma semana pra localizar todas elas.

— Tudo bem, sem problema. Mas e Forsyth? Qual é a história? — Nate desviava dos pedestres, que eram muitos àquela hora da tarde, enquanto Gable ia esbarrando em todos os que atravessavam seu

caminho. A certa altura ele avistou um café do outro lado da rua e sugeriu: — Que tal um cafezinho? Vamos lá, é por minha conta.

Gable o olhou de lado e assentiu com a cabeça.

Tomando um café com conhaque, ele enfim desembuchou. Forsyth era um dos chefes de estação mais prestigiosos que existiam. Ao longo de uma carreira de 25 anos, construíra um currículo invejável. Logo no início, recrutara o primeiro informante norte-coreano da história da CIA. Antes da queda do Muro, convencera um coronel polonês a lhe passar todos os planos de guerra do

Comando Sul do Pacto de Varsóvia. Alguns anos mais tarde, recrutara o ministro de Defesa da Geórgia, que, em troca de uma conta bancária na Suíça, providenciara que um tanque T-80 de blindagem reativa chegasse exatamente às três horas da madrugada a uma praia remota de Batumi e subisse a rampa do navio de desembarque pesado que a CIA alugara dos romenos.

Não demorou para que Forsyth fosse visto como um dos oficiais seniores que mais entendiam do jogo, e um dos que melhor jogavam. Os operadores tinham verdadeira adoração por ele. Embaixadores o

procuravam em busca de conselhos. No QG, os figurões do sétimo andar depositavam nele uma confiança quase cega. Por conta disso, aos 47 anos Forsyth foi presenteado com a chefia de uma das mais cobiçadas estações do mundo, a de Roma, e, como esperado, seus primeiros anos na cidade foram um enorme sucesso.

O que ninguém esperava era que Tom Forsyth, um homem tão experiente, fizesse a besteira de mandar a arrogante assistente de certo senador em visita a Roma calar a boca, durante uma apresentação na estação. Recém-graduada em Yale em Ciências Políticas, com 23 anos e

apenas vinte meses de experiência no Capitólio, a moça havia questionado a "pertinência" de determinada operação da estação de Roma, uma manobra ao mesmo tempo controversa e complexa, e como se isso não bastasse criticara o próprio Forsyth pelas táticas empregadas, dizendo que elas haviam sido, "no mínimo, inadequadas." Foi o suficiente para Forsyth retrucar com um sonoro "Vá à merda" e dali a alguns dias receber uma notificação do QG informando que o senador reclamara e que seu período em Roma seria abreviado por justa causa.

Passado algum tempo, com a protocolar carta de reprimenda já arquivada, os chefões do sétimo andar discretamente lhe ofereceram o comando de Helsinki. O principal objetivo da proposta foi mostrar ao Congresso que o QG concordava com a reação de Forsyth ao comportamento de senadores que usavam o trabalho como pretexto para fazer compras em Roma e ainda por cima constrangiam um de seus mais fiéis e dedicados operadores de campo. Na verdade, tratava-se de uma oferta quase nominal, porque ninguém esperava que Forsyth fosse aceitar. Além de muito menor que a

estação de Roma, a de Helsinki ficava no que talvez fosse o menos importante dos quatro sossegados países da Escandinávia, posto mais adequado a um oficial em início de carreira. A expectativa era que Forsyth recusasse e permanecesse em Washington aguardando os dois anos que ainda faltavam para sua aposentadoria.

— Ao aceitar a chefia de Helsinki — disse Gable —, ele basicamente cagou na cabeça do pessoal do sétimo andar. Seis meses depois, mandou me buscar como vice. E ontem você chegou. Não que você seja um trapalhão como a gente —

acrescentou, rindo. — Você só tem *fama* de trapalhão.

Gable não pôde deixar de notar o olhar distante de Nate. Já tinha visto aquele filme antes: o talentoso operador que, preocupado demais com o próprio futuro e a própria reputação, não conseguia relaxar e deixar as coisas fluírem. Gondorf estragara o garoto, aquele filho da puta. Agora Gable e a Forsyth precisariam consertá-lo. A última coisa de que a estação precisava naquele momento era de um operador que não sabia a hora certa de tentar recrutar um informante.

ADANA KEBAB DO TARIK

Fazer um purê com pimentões vermelhos, pimenta dedo-de-moça, azeite e sal. Adicionar carne de cordeiro moída, cebolas picadas, alho, salsa, cubos de manteiga, coentro, cominho, páprica, mais azeite, sal e pimenta. Amassar tudo, depois modelar os kebabs e colocá-los para grelhar. Servir com pão pide e cebolas-roxas salpicadas com limão e sumagre.

CAPÍTULO 8

O HIDROFÓLIO VOSKHOD AZUL e branco se acomodou na água e foi se aproximando do cais, deixando atrás de si uma mancha azulada de diesel queimado. Carregando apenas uma mala pequena, Dominika desceu pela rampa que se elevava acima do lamaçal à beira do rio e seguiu para o ônibus mais à frente, estacionado numa estrada de cascalho. Onze jovens — sete moças e quatro rapazes — vinham atrás dela. Mudos e cansados, todos depositaram suas respectivas malas no chão, diante do bagageiro do ônibus. Ninguém dizia

nada, não olhavam uns para os outros. Dominika virou para trás e fitou o imponente rio Volga e os pinheirais que cobriam ambas as encostas até a água. O ar estava úmido e o rio cheirava a óleo diesel. Três quilômetros ao norte, os campanários e minaretes nos arredores do Kremlin de Kazan podiam ser vistos em meio à neblina matinal.

Dominika sabia que se tratava de Kazan porque, depois de terem pousado no aeroporto, eles haviam atravessado a cidade até deixarem para trás a última placa rodoviária. Isso significava que estavam no

Tartaristão, ainda na Rússia europeia. À meia-noite, tinham embarcado num avião em Moscou e voado 700 quilômetros até a escuridão de um campo de pouso militar. Letreiros luminosos apagados informavam: BORISOGLEBSKOYE AERODROME E PARQUE AERONÁUTICO DE KAZAN. De lá, a bordo de um ônibus de vidros trincados e cortinas encardidas, eles haviam atravessado as ruas desertas da cidade até chegarem a um afastado porto fluvial. O sol já despontava no horizonte quando enfim embarcaram no hidrofólio.

Acomodados em silêncio nas

poltronas que pareciam as de um avião, eles ainda esperaram por quase uma hora na abafada cabine do hidrofólio. O balançar descompassado do casco, o bater da água contra o píer, o roçar do cordame de náilon nos postes de amarração, tudo isso deixava Dominika um tanto enjoada e sonolenta. Com exceção do motorista do ônibus e de um homem no passadiço do barco, eles não tinham visto ninguém até então. Dominika contava os pássaros conforme o sol se derramava no rio.

Finalmente, um Lada cinza estacionou próximo à prancha de

embarque e um casal saltou do carro, carregando duas caixas de papelão. Eles entraram no barco, acomodaram-nas sobre o balcão na parte dianteira da cabine e abriram-nas.

— Sirvam-se — disse a mulher, e se sentou na primeira fila de assentos, de costas para o restante dos passageiros.

Lentamente, eles se adiantaram até lá. Não haviam comido nada desde o café da manhã do dia anterior. Uma das caixas continha *bulochki* frescos e rosquinhas doces com uvas-passas, e a outra, garrafinhas de laranjada morna. O

homem esperou que todos voltassem a sentar, depois subiu ao passadiço para falar com o comandante. Dali a pouco os motores do barco começaram a roncar e o casco estremeceu. A rampa de alumínio foi recolhida e as cordas foram soltas.

O barco seguia acima da superfície da água, sustentado pelos fólios, e tremia de proa a popa enquanto avançava. Dominika via o assento à sua frente vibrar e o teto chocalhar no alto, junto com os rebites. Os cinzeiros de metal zumbiam nos braços das poltronas. Para afastar o enjoo, ela olhava fixamente para o tecido imundo da

poltrona à sua frente, mal acreditando que estava atravessando o Volga rumo à sua maior humilhação de todos os tempos: uma faculdade de cortesãs.

A bordo de um segundo ônibus para o último trecho da viagem, com a mulher anônima ocupando o banco da frente, eles passaram por uma floresta de pinheiros até chegarem a um muro de concreto armado cheio de cacos de vidro no alto, que refletiam a luz do sol. O motorista do ônibus buzinou, depois atravessou o estreito portão e seguiu por um caminho sinuoso até parar na frente de uma mansão de dois andares em

estilo neoclássico com telhado de ardósia. O silêncio era absoluto — não se ouvia nem uma brisa — e não havia nenhum movimento dentro ou fora da casa.

Dominika respirou fundo. *Não adianta reclamar*, falou para si mesma. Aquele lugar repulsivo era apenas mais um obstáculo, um sacrifício, um teste à sua lealdade. Ela desceu do ônibus e esperou em meio aos pinheiros diante da casa. Acabara de chegar à Escola de Pardais.

Após a conversa com o tio, Dominika quase mandara todos eles à merda. Cogitara mudar-se com a mãe para Strelna, às margens da baía

do rio Neva, nas imediações de São Petersburgo. Poderia encontrar trabalho como professora ou instrutora de ginástica; com o passar do tempo, e um pouco de sorte, talvez até conseguisse uma posição na Academia Vaganova e voltar ao balé. Mas, por fim, decidira não jogar a toalha. Levaria aquela história adiante a qualquer custo. Não se deixaria vencer. O que lhe ensinariam naquela escola pertencia ao âmbito do físico, e apenas do físico. Não importava o que a obrigassem a fazer, ninguém conseguiria atingi-la no espírito.

Por outro lado, conforme

pensava nessas coisas, seu eu secreto cogitava se ela não conseguiria ter algum prazer, por menor que fosse, na sórdida catequese a que se submeteria naquele lugar. Dominika odiava a ideia de uma Escola de Pardais, envergonhava-se de estar ali, mas no íntimo estava curiosa.

— Deixem suas malas no hall e venham comigo — orientou a mulher, depois subiu a escadaria para abrir a gigantesca e antiga porta de madeira da mansão.

Eles seguiram direto para o auditório. A julgar pelas prateleiras de livros, o lugar era uma biblioteca convertida em sala de palestras.

Havia uma plataforma nos fundos, sobre a qual ficava um pequeno pódio, e, em frente a ela, diversas fileiras de bancos de madeira, que rangeram quando os jovens alunos se sentaram. Trajando um terninho preto disforme, a mulher começou a distribuir envelopes aos presentes, dizendo:

— Aí dentro vocês encontrarão o número do quarto reservado a cada um e o nome que deverão usar durante todo o treinamento. Usem apenas este nome. Não revelem nenhum tipo de informação pessoal aos colegas. Os que infringirem esta norma serão sumariamente

dispensados.

Aparentando 50 e poucos anos, a administradora tinha cabelos grisalhos escovados para trás, um rosto quadrado e o nariz reto. Parecia Valentina Tereshkova, a primeira mulher a ir ao espaço. Suas palavras saíam em gotas de amarelo.

— Vocês foram selecionados para um treinamento especializado — prosseguiu ela. — O que é uma grande honra. É possível que a natureza deste treinamento pareça estranha a alguns de vocês. Procurem se concentrar nas lições e nos exercícios. É só isso que importa. — Sua voz ecoava no salão de pé-direito

alto. — Agora subam para seus quartos. O jantar será servido às seis na sala do outro lado do corredor. A primeira sessão do nosso treinamento será aqui mesmo, às sete. Podem se retirar.

No corredor do andar de cima, Dominika contou doze quartos, seis de cada lado; todos tinham uma placa esmaltada informando o número. Entre as portas dos aposentos havia outras sem número e sem maçaneta, que só podiam ser abertas com a chave correspondente. O quarto de Dominika era verde-claro, modesto mas confortável, com uma cama de solteiro, um armário, uma cômoda e

uma cadeira. Era possível sentir um discreto cheiro de desinfetante em toda parte: nas cobertas, no guarda-roupa, nos lençóis empilhados na prateleira. Uma cortina de plástico demarcava os limites do banheiro, que se resumia a uma pia enferrujada, um vaso sanitário e um chuveiro de mão logo acima. No alto da cômoda ficava um espelho grande demais para o estilo espartano da decoração. Dominika colou o rosto contra a superfície dele e o examinou atentamente, tal como aprendera no treinamento. Logo viu que se tratava de um espelho de duas faces. Bem-vinda à Escola de Pardais.

A noite caiu, embora o céu escuro não pudesse ser visto através do pinheiral. A mansão estava na penumbra. Não havia relógios em nenhum lugar da casa. Tampouco telefones. Não se ouvia nada nos corredores, nas escadas ou nos cômodos do andar de baixo. Não havia enfeites nas paredes, nem mesmo os daguerreótipos oficiais de Lênin e Marx, mas ainda eram evidentes os contornos dos quadros de outrora. Que família de tártaros teria morado ali antes da Revolução? Como seriam os nobres que cavalgavam e caçavam naquele pinheiral? Teria sido possível ouvir

dali o apito dos paquetes a vapor chegando de Moscou pelo rio? Que instinto soviético teria colocado aquela escola tão longe da capital?

Dominika correu os olhos pelos outros onze "alunos" que tomavam, calados, a espessa sopa de macarrão, o u *tokmach*, que o garçom lhes servira em silêncio de uma linda sopeira de porcelana azul e branca. À sopa se seguiria um prato de carne cozida. As mulheres e três dos homens aparentavam ter 20 e poucos anos, mas o quarto rapaz parecia um adolescente pálido e magro. Dominika cogitou se eles também haviam sido treinados no SVR.

Virando-se para a moça a seu lado, ela sorriu e disse:

— Meu nome é Katya.

Era assim que ela se chamaria dali em diante.

— O meu é Anya — retrucou a jovem, sorrindo de volta.

Tinha um porte miúdo, cabelos louros e maçãs do rosto salientes, nas quais se viam algumas sardas. Parecia uma elegante ordenhadeira de olhos azul-claros. Suas palavras tinham o tom azulado de uma centáurea, a cor da pureza e da ingenuidade. Timidamente, os demais se apresentaram também.

Quando terminaram de jantar, eles passaram à biblioteca, onde reinava mais absoluto silêncio. De repente, as luzes se apagaram e um filme em preto e branco começou a rodar no telão armado sobre a plataforma, uma sucessão de imagens brutais e selvagens, um atropelo de rostos crispados, corpos contorcendo-se e genitais por toda parte, algumas vezes tão em foco que chegavam a ficar irreconhecíveis, sobrenaturais. O filme se iniciou com som no volume máximo, assustando a todos, inclusive Dominika, que começou a ficar tonta em razão do remoinho de cores que girava à sua

volta. Vermelho, violeta, azul, verde, amarelo: o arco-íris da sobrecarga visual. Ela precisou fechar os olhos para escapar daquele tormento. Foi então que uma das caixas de som estourou e o volume passou do máximo ao mínimo, dando a impressão de que a mulher na tela sussurrava, ainda que seus cabelos estivessem grudados na lateral do rosto e o corpo se sacudisse freneticamente a cada estocada do parceiro.

Dominika receou não ter estômago para levar aquilo até o fim. O que estariam esperando dela? O que fariam caso ela se levantasse e

saísse dali? Seria dispensada do serviço? Não, não daria esse gostinho a eles. Queriam um pardal, não queriam? Então era isso que ela lhes entregaria. Ninguém sabia que ela visualizava cores. Mikhail dissera que jamais vira alguém tão bom na percepção de pessoas. Ela ficaria. Aprenderia o que lhe fosse ensinado.

Disse a si mesma que aquilo não era amor. Aquela escola, aquela mansão cercada por muros e cacos de vidro, não passava de uma máquina do Estado que institucionalizava e desumanizava o amor. Nada daquilo tinha importância, era apenas sexo, algo

físico. Um treinamento não muito diferente do balé que ensinavam na academia. Na penumbra da biblioteca bolorenta, Dominika disse a si mesma que chegaria ao fim daquela história nem que fosse como uma afronta àqueles filhos da puta.

As luzes se acenderam e os alunos se entreolharam, corados de vergonha. Com a voz inexpressiva, a supervisora disse:

— Vocês fizeram uma longa viagem. Vão para seus quartos e procurem descansar. O treinamento recomeça amanhã às sete horas. Podem se retirar.

Nada no comportamento dela

indicava, nem remotamente, que eles haviam acabado de assistir a noventa minutos de sexo ininterrupto e explícito. Os alunos saíram em fila e foram subindo pela escadaria de balaústres pesados e imponentes. Anya acenou um boa-noite antes de fechar a porta do quarto e Dominika cogitou se ela e os demais alunos desconfiavam de que seriam espiados enquanto se despiam, tomavam banho e dormiam, de que cada um daqueles aposentos intermediários abrigava um voyeur do Instituto Kon.

Ela parou diante do espelho e começou a pentear os cabelos com

sua escova de cabo longo, o único pertence que havia levado de casa. A certa altura olhou para o objeto e teve a impressão de que ele a fitava de volta com um ar zombeteiro. Em seguida ela tirou a blusa, colocou-a num cabide de arame e pendurou-o displicentemente na quina do espelho, cobrindo boa parte dele. Pegou a mala, apoiou-a sobre a cômoda, abriu-a e lá se foi mais um terço do espelho. Por fim, despiu a saia, virou-se para dar uma espiada rápida nas nádegas sob as meias de náilon e, com a maior naturalidade possível, jogou-a sobre a moldura do espelho, cobrindo o que ainda se via

dele. Na manhã seguinte eles tirariam tudo dali, claro, talvez até a repreendessem, mas ela teria pelo menos uma noite de paz.

Dominika escovou os dentes, entrou debaixo das cobertas, que cheiravam a desinfetante de cânfora e óleo de rosas, e apagou a luz. A escova ficou sobre a cômoda.

***

Os homens e as mulheres foram separados uns dos outros e à medida que os dias passavam eles começaram a perder a noção do tempo. Manhãs tediosas eram dedicadas a palestras intermináveis

sobre anatomia, fisiologia, psicologia dos estímulos e das respostas sexuais. Alguns novos professores iam dando as caras. Uma médica falou por horas sobre as práticas sexuais de diferentes culturas. Depois vieram as aulas sobre a anatomia masculina, o funcionamento do corpo de um homem, o que fazer para excitá-lo — mais de cem técnicas, posições e movimentos, tudo devidamente estudado, repetido e memorizado numa espécie de Kama Sutra russo. Dominika ficava perplexa com aquela enciclopédia monstruosa, com aquelas informações que aos poucos

roubavam sua inocência e minavam qualquer perspectiva de uma vida sexual normal no futuro. Como seria possível fazer amor depois de ver e ouvir tudo aquilo?

As tardes eram reservadas às "atividades práticas", como se o assunto em pauta fosse algo tão banal quanto patinação no gelo. Elas treinavam o modo correto de caminhar, conversar, abrir uma garrafa de champanhe. Num dos quartos da casa, aprendiam a se vestir com um deplorável acervo de roupas usadas, sapatos puídos e lingerie manchada de suor. Também aprendiam a falar umas com as

outras, a ouvir, a demonstrar interesse, a bajular e, mais importante de tudo, a arrancar informações durante uma conversa.

Certa vez, num raro momento de descontração, cinco delas se sentaram em círculo no chão da biblioteca para praticar, entre muitas risadas e muito falatório, o “linguajar do sexo” que haviam aprendido com os filminhos noturnos.

— É assim — falou uma menina de cabelos escuros e um forte sotaque da região do mar Negro. Em seguida fechou os olhos e sussurrou numa linguagem cheia de erros: — Isso, gostoso, você me fazer gozar...

Todas elas começaram a gargalhar. Dominika olhou para aquelas moças ruborizadas e se perguntou quanto tempo levaria até que estivessem só de calcinha num quarto de hotel em Volgograd, esperando que algum ministro vietnamita tirasse seus sapatos.

— Katya, agora é sua vez — disse a menina a Dominika.

Desde o início elas haviam intuído que por algum motivo Dominika era diferente, especial. Anya agora a encarava, curiosa para ver o que ela faria.

Sem saber direito por quê, talvez para mostrar às outras, ou a si

mesma, que era capaz, Dominika semicerrou os olhos e murmurou:

— Isso, meu amor... assim, vai... vai, vai, vai... — Então, das profundezas do ser, ela tirou: — *Aaaaaaaaaahhh...*

Seguiu-se um silêncio de espanto, mas de repente as moças irromperam num entusiasmado aplauso, aprovando com unanimidade o desempenho de Dominika. Ao lado dela, Anya estava com os olhos arregalados, boquiaberta, alheia à comicidade da situação como um todo.

Anya e seu halo azul-centáureo. Ela vinha tendo muitas dificuldades

com o curso: horrorizava-se com os aspectos mais sórdidos e volta e meia procurava Dominika em busca de apoio e encorajamento. “Você precisa se acostumar”, dizia Dominika, mas a menina ainda ficava terrivelmente constrangida nas sessões de cinema e apertava sua mão enquanto o circo sexual inflamava o telão à frente delas. Dominika tinha quase certeza de que a camponesinha não chegaria ao fim, via que as cores em torno dela já começavam a desbotar.

Então, certa noite, após um filme especialmente pornográfico que a fizera chorar baixinho, Anya bateu à

porta do quarto de Dominika e entrou com os olhos vermelhos e os lábios trêmulos. Precisava do consolo da amiga, estava prestes a perder o juízo. Dissera a eles que queria desistir, mas eles retrucaram algo que só Deus sabia o que fora e ela seria obrigada a continuar. Dominika puxou-a para o outro lado da cortina do banheiro.

— Você precisa ser mais forte — sussurrou, sacudindo Anya pelos ombros com delicadeza.

Choramingando, a garota envolveu o pescoço dela com os braços e a puxou para um beijo. A pobre idiota tremia, e Dominika não

a repeliu. No instante seguinte elas estavam no chão do pequeno banheiro, Dominika aninhando a outra nos braços, sentindo os tremores dela. Anya virou o rosto para um segundo beijo e Dominika cogitou recusá-lo, mas acabou cedendo e retribuiu a carícia.

Encorajada, Anya pegou a mão dela e a passou sob o roupão de banho que vestia, na altura dos seios. *Ah, tenha santa paciência*, pensou Dominika, que não sentia nada pela garota a não ser certa pena. Será que aquilo era a tal bissexualidade de que haviam falado nas aulas? De repente ela ficou preocupada. Talvez aquela

cortina não bastasse para escondê-las do voyeur do outro lado do espelho. Podia haver algum microfone escondido por perto. Talvez aquilo que estavam fazendo fosse uma falta grave.

Com os dedos fechados no punho de Dominika, Anya fez com que a mão dela roçasse um de seus mamilos até que ele enrijecesse e, depois disso, com o roupão caído, foi descendo a mão escravizada na direção da própria virilha. Dominika não oferecia qualquer resistência. Perversão? Generosidade? Alguma outra coisa? A libertina que ela trazia em algum lugar da alma, fosse lá

quem fosse, observava o que se passava ali e lhe dizia para seguir em frente, até porque, àquela altura, talvez já fosse tarde demais para recuar. Com a leveza de uma pluma, Dominika traçou, com os dedos, círculos minúsculos e perfeitos entre as pernas de Anya, que estremeceu de prazer com a cabeça arqueada para trás, o pescoço desenhando uma curva bonita e vulnerável.

Dali a pouco, recostada nos azulejos do banheiro, Dominika sentiu a respiração de Anya entre as próprias pernas. Não viu motivo para impedi-la. Foi orientada por seu eu secreto a se entregar às sensações, a

saborear o calor que as narinas dela emanavam e que se irradiava pela barriga. Com a cabeça jogada para trás, Dominika ergueu o braço para se apoiar na pia e encontrou a escova de cabelo de cabo de tartaruga de sua *prababushka*. Sua avó e sua mãe haviam se penteado com aquela mesma escova, que por fim se transformara no brinquedinho secreto de Dominika nas noites de tempestade.

Ela deslizou o cabo da escova pela barriga de Anya com delicadeza, bem devagar, até fazê-lo sumir dentro dela. A camponesinha entreabriu os lábios e revirou os

olhos. De repente ela se retesou e depois começou a acompanhar o lento vaivém do cabo de tartaruga, em seguida ergueu o rosto para Dominika e, tentando reproduzir a fala dos filmes, sussurrou:

— Isso, meu amor, assim, vou gozar.

Dominika sorriu e observou a loirinha estrebuchar de prazer enquanto ela mesma mandava seu eu secreto de volta para a toca de onde ele nunca deveria ter saído.

Ao fim de alguns minutos, Anya suspirou e se inclinou para mais um beijo. *Chega*, pensou Dominika, e disse:

— Agora você precisa ir. Rápido.

Com o rosto corado, Anya vestiu o roupão, olhou uma última vez para Dominika e saiu em silêncio. Será que alguém as tinha visto do outro lado do espelho? Será que seriam repreendidas na manhã seguinte? Cansada demais para se importar, Dominika voltou para a cama e apagou a luz.

A escova permaneceu esquecida no chão do banheiro.

Na manhã seguinte, num dos cômodos do andar de baixo, um amplo salão com paredes de madeira e um enorme tapete azul e branco do Cazaquistão, as moças foram

instruídas a se acomodar nas cadeiras posicionadas em círculo no meio do aposento. Assim que se sentaram, uma delas, uma jovem morena com o melodioso sotaque de Novgorod, foi orientada a ficar de pé, tirar as roupas e andar em torno do círculo para ser avaliada pelas demais. Seguiu-se um silêncio de perplexidade. A garota hesitou por um momento, mas enfim obedeceu. A médica e sua assistente, ambas de jaleco, agiram como moderadoras, observando os pontos fortes e fracos do corpo da moça, depois mandaram-na voltar à cadeira e continuar nua. Em seguida foram chamando as

demais para o mesmo procedimento, o que originou uma lenta procissão de corpos trêmulos e incongruentes com o rosto ruborizado, a pele arrepiada e os lábios mordidos. As roupas e os sapatos formavam montinhos deploráveis debaixo das cadeiras.

Por sorte não havia homens na sala. Anya apertou as mãos nervosamente quando enfim chegou sua vez, depois olhou apavorada para Dominika, que a ignorou. A médica rugiu para que ela se apressasse e tirasse logo a calcinha.

Em seguida foi a vez de Dominika. Ignorando a própria

ansiedade, ela se levantou assim que foi chamada. Achava uma monstruosidade ter de ficar nua diante de tantas desconhecidas, mas obrigou-se a ir em frente. Ficou constrangida não só pela própria nudez, mas também pelo silêncio que tomou a sala assim que ela começou a caminhar pelo círculo. Sentia claramente os olhos de Anya fixos nela.

— A melhor da raça — sussurrou a assistente.

— A melhor da exposição — corrigiu a médica.

No dia seguinte elas voltaram ao mesmo salão, mas encontraram um

homem no meio do círculo de cadeiras, vestindo apenas um roupão curto que dali a pouco tirou. O sujeito precisava de um bom banho, assim como cortar as unhas do pé. A médica descreveu e avaliou o corpo dele para as alunas, detalhe por detalhe. No dia seguinte lá estava ele de novo, mas agora acompanhado de uma mulher baixinha e gorducha, de cabelos bem ruivos, as faces e os cotovelos ressecados. Eles se despiram e começaram a fazer amor de forma mecânica sobre um colchão no meio do círculo de cadeiras. A médica comentou as diferentes posições sexuais, interrompendo o casal

algumas vezes para ressaltar um ponto relevante ou apontar um detalhe físico. Os modelos não demonstravam nenhuma emoção e os círculos de cor em volta deles eram tão desbotados que Dominika nem conseguia distingui-los. Pareciam não ter alma.

— Eu mal conseguia olhar pra eles — confessou Anya a Dominika. Elas haviam adquirido o hábito de fazer uma breve caminhada pelos jardins abandonados da mansão nos poucos minutos livres de que dispunham após o café da manhã. — Sei lá, não tenho estômago pra essas coisas. Simplesmente não tenho.

— Olha, a gente pode se acostumar com qualquer coisa na vida — disse Dominika.

Ficou se perguntando por que diabo haviam selecionado aquela caipira e em que roça a teriam encontrado. Em seguida pensou: *E você, Dominika? É capaz de se acostumar a qualquer coisa?*

Tal como ela previa, as coisas só pioraram na semana seguinte. De novo as moças foram conduzidas ao salão, mas dessa vez eram homens que ocupavam as cadeiras em círculo, sujeitos broncos, com paletós apertados demais e cortes de cabelo medonhos. Elas foram obrigadas a

ficar nuas diante deles e ouvir as críticas que o grupo tinha a fazer sobre o corpo ou rosto de todas. Em nenhum momento aqueles homens lhes foram apresentados, e os halos encardidos que os cercavam só contribuíam para embaçar a atmosfera da sala.

Anya cobriu o rosto inundado de lágrimas até que a médica lhe disse para parar de palhaçada e abaixar as mãos imediatamente. Como em um sonho, Dominika saiu do próprio corpo, bloqueou os pensamentos e enfrentou com resignação os olhares do homem que a avaliava, um sujeito horrível com o rosto coberto de

cicatrizes de varíola. Os olhos dele tinham a mesma cor que emanava de seu corpo, um amarelo tão intenso quanto os de um gato no escuro. Dominika o fitava sem piscar enquanto era examinada.

— Tem pouca carne — afirmou ele, para ninguém em particular. — E os mamilos são pequenos demais.

Dois outros homens assentiram em concordância e Dominika os encarou até obrigá-los a desviar o olhar para acender um cigarro. Com alguma surpresa, constatou que aos poucos se tornava indiferente a tudo: à nudez, aos comentários obscenos, aos olhos que lhe devoravam os

seios, o órgão sexual e as nádegas. *Eles podem fazer o que quiserem*, disse a si mesma, *mas não vou permitir que sustentem meu olhar*. As demais alunas reagiram cada uma à sua maneira. Uma boboquinha de Smolensk, que falava um dialeto do sul do país, fez caras e bocas e rebolou os quadris enquanto era examinada. Anya se remoeu de tanta vergonha. O cheiro de desinfetante que permeava a mansão se juntou ao odor acre do corpo delas, um misto de almíscar, suor, água de rosas e sabão de coco. Quando as luzes se apagaram, os voyeurs suarentos voltaram para suas respectivas

cabines e prosseguiram com suas anotações, certificando-se de que nenhuma das câmeras fosse tapada.

Certa noite, Anya bateu de leve à porta de Dominika, que abriu uma fresta e disse:

— Vá embora. Não posso mais ajudar você.

Bastam meus próprios problemas, ela pensou. *Tenho* minha *sanidade mental para tentar manter*.

Anya lhe deu as costas e sumiu na escuridão do corredor.

Dali a alguns dias, um ônibus chegou com os cadetes militares, os que tinham tirado as notas mais altas

em seus respectivos regimentos. As moças já esperavam em seus quartos e observaram, sentadas na cama, os homens magros e machucados se livrarem do uniforme. Precisaram aguentar firme quando eles se deitaram por cima delas com a rapidez de animais no cio. Quando a sirene tocou, todos eles saíram dos aposentos sem nem olhar para trás e dali a pouco o ônibus atravessou o mesmo portão pelo qual havia entrado, levando-os embora.

De volta à biblioteca na manhã seguinte, o projetor foi ligado novamente, mas, em vez dos filmes de sempre, o que elas viram foi a

aluna do aposento número cinco na cama com um sujeito magro de cabeça raspada, o cadete da noite anterior. Mal conseguiram olhar para o telão. Aquilo era uma vergonha, uma indignidade, ver a si mesma com as pernas entrelaçadas às costas espinhentas de um desconhecido, as mãos cravadas nos ombros esqueléticos feito as garras de um animal. Volta e meia a médica congelava a imagem para fazer um comentário ou sugerir um aperfeiçoamento. O pior era que àquela altura todas já sabiam que os filmes seguiriam a ordem de numeração dos quartos. Anya baixou

a cabeça e enterrou o rosto nas mãos. Seu quarto era o onze, e ela teria de enfrentar não só os filmes, como também a longa espera. Quando chegou a sua vez, correu de volta para o quarto, aos prantos, assim que o filme terminou. A médica deixou que ela se fosse e prosseguiu tranquilamente com os comentários, apontando os erros que vira, o que poderia ser melhorado.

O quarto de Dominika era o doze, no fim do corredor. Logo, seu exercício com o cadete foi o último a ser mostrado. Ela acompanhou o próprio desempenho sem nenhuma emoção, surpresa com aquele rosto

inexpressivo, os gestos mecânicos e automáticos, o puxão de orelha com que afastara o garoto após o orgasmo dele. Sentia-se um pouco zonza, mas não de vergonha ou constrangimento. Via aquelas imagens com frieza e repetia a si mesma que era uma combatente do *Sluzhba Vneshney Razvedki*, o Serviço Externo de Inteligência do governo russo.

Na manhã seguinte, Anya não apareceu para o café e duas moças subiram para procurá-la no quarto. Precisaram arrombar a porta, e encontraram-na morta do outro lado, pendurada ao gancho de casacos por

uma meia de náilon em volta do pescoço. Tivera a força de espírito para manter as pernas erguidas até perder a consciência e deixar que o peso do corpo cuidasse do resto. Dominika caminhava no jardim quando ouviu a gritaria. Correu para o andar de cima da mansão, abriu caminho entre as duas garotas, tirou Anya do gancho e a deitou no chão. Sentia um misto de culpa e raiva. O que a imbecil esperava dela, afinal? Como explicar que ela tivesse coragem para se enforcar, mas não para se deitar por meia hora com um rapaz?

Quase não houve reação. As

alunas viram o corpo e depois lhe deram as costas. Anya foi levada da mansão numa maca de lona, coberta por um lençol que deixava escaparem algumas pontas dos cabelos louros. Ninguém disse nada. As aulas prosseguiram como se nada tivesse acontecido.

O curso estava chegando ao fim. As garotas, que já podiam ser chamadas de pardais, se reuniram na sala de jantar para receber os quatro "corvos" que tinham sido treinados no casarão mais afastado. Três deles se transformaram em especialistas na arte de seduzir as mulheres solitárias e vulneráveis que

pudessem ter alguma utilidade para o SVR: a secretária solteirona do ministro, a esposa negligenciada do embaixador, a assistente subestimada do general. O quarto rapaz havia se especializado em outra arte, a de seduzir homens que buscavam secretamente a companhia de outros homens: algum diplomata de nível superior, um adido militar ou até mesmo um criptógrafo que preferiria a morte ao desmascaramento público. Todos eles diziam, com certa soberba, que haviam sofrido durante o treinamento. Conseguir garotas para praticar não era fácil, Dimitri

sussurrou, e eles eram obrigados a treinar com as mulheres imundas que traziam dos vilarejos próximos ou alguma prostituta com cara de tuberculosa que importavam dos distritos industriais de Kazan. Dominika preferiu não saber como e com quem praticava o quarto corvo.

— Mas agora sabemos tudo sobre o assunto. Somos especialistas no amor — arrematou Dimitri, e abriu os braços ao correr os olhos por sua plateia de pardais.

As moças o fitavam em silêncio. Dominika notava na expressão delas uma centelha de ceticismo, fatalismo ou desconfiança, a mesma que já vira

nas prostitutas da Tverskaya Ulitsa, em Moscou. *Os frutos da Escola de Pardais*, pensou. A morte de Anya não havia sido o único custo daquela história toda.

Eles saíram para o aeroporto à meia-noite, carregando suas malas vagabundas, sem olhar para trás. A floresta de pinheiros estava escura e silenciosa. A Escola de Putas permaneceria fechada até a chegada do próximo grupo.

O avião sobrevoou as chaminés de Kazan e seguiu para oeste em meio à escuridão da noite. Dali a uma hora, passaram pelas luzes de Nizhniy Novgorod, cortadas pela

faixa negra do Volga. Então a aeronave finalmente começou a descida em direção ao brilho da agitada Moscou. Jamais voltariam a se ver.

Dominika fora instruída a se apresentar no Quinto Departamento na manhã seguinte para começar sua carreira como operadora de inteligência júnior. Pensou no chefe do departamento, Simyonov, e nos outros oficiais a que seria apresentada, imaginando como eles a olhariam e o que diriam. Bem, a cortesã tinha voltado das estepes e agora queria fazer parte do mundo deles.

A sala estava escura quando ela entrou em casa ainda antes do amanhecer, mas sua mãe surgiu no corredor vestindo um roupão.

— Ouvi você chegar — disse Nina.

Dominika correu para abraçá-la, depois tomou sua mão e a beijou com os mesmos lábios que tinham sido treinados para destruir um homem — um ato de expiação.

SOPA TOKMACH DA ESCOLA DE PARDAIS

Cozinhar em caldo de carne um punhado de batatas cortadas

grosseiramente, fatias finas de cebola e cenouras. Acrescentar macarrão e aguardar até que fique no ponto. Servir em um prato de sopa por cima de pedaços de carne cozida.

CAPÍTULO 9

DOMINIKA SE APRESENTOU NO QUINTO Departamento na manhã seguinte, ainda exausta do voo. Atravessou o longo corredor de paredes verde-claras e bateu à porta do gabinete de Simyonov, mas foi informada de que o coronel não estava e orientada a voltar mais tarde. Enquanto isso, mandaram-na ao Departamento de Recursos Humanos, ao Registro Geral e aos Arquivos.

Quando virou o corredor, deparou com Simyonov, que falava com um homem de cabelos brancos e

terno cinza-escuro. Notou que o desconhecido tinha sobrancelhas grossas, um sorriso gentil, olhos castanhos e límpidos.

— Essa é o cabo Egorova, general — disse o coronel ao homem. Então, dirigindo-se a ela: — General Korchnoi, chefe do Departamento das Américas.

Dominika reconheceu o nome apenas vagamente; sabia que se tratava de um oficial graduado. Diferentemente de Simyonov, que tinha apenas uma aura pálida em torno da cabeça, Korchoi banhava-se num manto flamejante de cor, um tom aveludado de roxo, o mais bonito

que Dominika já vira em alguém.

— O cabo chegou ontem mesmo do curso em Kazan — prosseguiu o coronel, com um sorriso malicioso. Todos no serviço sabiam o que aquilo significava. Dominika sentiu que ruborizava. — Ela está nos *assistindo* na abordagem daquele diplomata, o caso de que eu lhe falava agora há pouco, general.

— Mais do que apenas "assistindo" — disse Dominika, olhando para Simyonov. Para Korchnoi: — Eu me formei na AVR, na turma mais recente.

Não fez nenhuma menção à Escola de Pardais, e sua vontade era

cortar o pescoço de Simyonov. Entendia muito bem a intenção dele, mas não tinha nenhuma intuição quanto ao veterano de cabelos brancos, que era difícil de ler.

— Ouvi falar do seu desempenho na academia, cabo — comentou o general enigmaticamente. — É um prazer conhecê-la — emendou, e a cumprimentou com um aperto de mão firme e seco.

Simyonov observava a cena, ainda sorrindo, pensando que Korchnoi seria o primeiro de muitos oficiais de alta patente que tentariam desabotoar aquela blusa. Não dava

seis meses para que a moça estivesse trabalhando no gabinete (e no sofá de couro) de algum general. Surpresa e envaidecida, Dominika agradeceu a Korchnoi e continuou seu caminho no corredor. Os dois homens a seguiram com o olhar.

— O fogo ali é mais alto do que numa sauna de Yakutsk — sussurrou Simyonov assim que ela se afastou. — É sobrinha do vice-diretor, sabia? Korchnoi fez que sim com a cabeça.

— Sobrinha ou não, vai ser um osso duro de roer — resmungou Simyonov. O general ficou em silêncio.

— Ela quer ser operadora —

prosseguiu o general. — Mas você viu aquele corpo. Talhado pra ser uma *vorobey.* Foi por isso que Egorov a mandou para Kazan.

— E o francês? — perguntou Korchnoi.

Mais um risinho irônico.

— *Polavaya zapadnya.* Este aí nós vamos pegar pelas calças. Só precisamos de algumas semanas. É um cara aí do Setor Comercial. — Simyonov apontou o queixo para o corredor. — Ela quer ler o arquivo, se envolver. Mas a única coisa que vai ver é o que está entre as pernas do francês.

Korchnoi sorriu.

— Boa sorte, coronel — disse, e apertou a mão de Simyonov.

— Obrigado, general.

***

A saleta que tinham lhe reservado ficava escondida num canto qualquer do Setor Francês do Quinto Departamento. No cubículo sem janelas havia apenas uma mesa decrépita com uma bandeja organizadora também caindo aos pedaços, na qual duas pastas grossas haviam sido displicentemente jogadas. Simyonov acabara liberando

as tais pastas para que ela o deixasse em paz. Ambas tinham uma orelha na capa azul de listras pretas diagonais e já estavam encardidas pelo manuseio.

O alvo era Simon Delon, 48 anos, primeiro-secretário do setor comercial da embaixada da França em Moscou. Delon era casado, mas a mulher permanecera em Paris e ele raramente voltava à França para suas visitas conjugais. Na qualidade de solteiro em Moscou, fora notado pelo FSB assim que chegara ao país. A princípio tinham designado apenas uma pessoa para vigiá-lo, mas após pouco tempo já havia uma equipe

inteira atrás dele. Um grupo de doze agentes o seguia quando ele saía para o trabalho e o acompanhava até o instante em que se deitava para dormir. Fotos transbordavam de um envelope localizado entre as páginas de um dos arquivos: Delon caminhando sozinho à beira do rio; sozinho vendo os patinadores no rinque Dynamo; sozinho num restaurante.

Dominika passou a mão por uma das fotos amarfanhadas da equipe de vigilância. Eles haviam usado um espelho para registrar uma puta de pernas compridas alisando os genitais de Delon num barzinho de

garotas de programa em Krymskiy Val Ulitsa. Uma anotação dizia: “Alvo nervoso, constrangido, não quis (ou não pôde) contratar a garota.” *Coitado*, pensou Dominika, *o lugar dele não era ali*.

Uma escuta plantada numa tomada elétrica no apartamento do francês havia produzido horas de gravação: “2036:29, ruídos de pratos na pia da cozinha. 2212:34, música tocando baixo. 2301:47, foi dormir.”

O telefone fora grampeado para monitorar as conversas semanais que Delon tinha com a mulher em Paris. Dominika leu as transcrições em francês: de um lado da linha, uma

madame Delon impaciente e ríspida; do outro, um Delon silencioso e humilhado. “Um casamento infeliz e assexuado com uma mulher impositiva”, alguém anotara na margem da transcrição.

Em dado momento o SVR havia tirado o caso do FSB e o tomado para si, alegando que o alvo era estrangeiro e que, portanto, a jurisdição era deles. A segunda pasta começava com uma avaliação operacional escrita de um modo abreviado e tosco, tipicamente soviético, do qual eles costumavam zombar na academia. “Potencial do alvo excelente para exploração

operacional. Nenhum vício aparente. Sexualmente carente. Acesso a informações restritas bom. Avaliado como pacato e não agressivo. Suscetível a chantagem devido ao casamento abastado." E assim por diante.

Dominika se recostou na cadeira, olhou para aquelas páginas e ficou pensando no treinamento que recebera na academia. Estava claro que se tratava de um caso pequeno com um alvo pequeno e dividendos pequenos. Sim, o francês era um homem solitário e vulnerável, mas as informações às quais ele tinha acesso na embaixada eram de nível inferior.

Seria possível que o Quinto não tivesse nada melhor que aquele pé-rapado? Simyonov estava aumentando a importância daquele caso, quanto a isso não havia dúvida. E ela? Tanta dedicação naquela academia, tanto sofrimento naquela escola de putas... Para *quê*? Apenas para ter que conviver agora com outro tipo de prostituta? Seria esse o seu futuro no serviço?

Ela desceu de elevador para a cafeteria do prédio, pegou uma maçã e foi se sentar ao sol no terraço, longe dos bancos, na mureta que ladeava a cerca viva. Tirou os sapatos, fechou os olhos e ficou ali, aproveitando o

calor dos tijolos na sola dos pés.

— Posso sentar com você? — disse alguém dali a pouco, assustando-a.

Ao abrir os olhos, Dominika se deparou com o vulto impecável do general Korchnoi, do Departamento das Américas, parado à sua frente. Ele tinha o paletó abotoado de cima a baixo e os pés unidos, perfeitamente alinhados, como os de um maître de restaurante. A aura roxa ficava mais escura sob o sol e adquiria uma textura quase discernível. Dominika se empertigou no mesmo instante e se atrapalhou para calçar os sapatos.

— Fique descalça, por favor —

disse Korchoi, rindo. — Quem dera eu também pudesse tirar os sapatos e encontrar um lago qualquer para poder refrescá-los.

Dominika riu também, depois falou:

— Por que não tira? O chão está uma delícia.

Korchnoi fitou aqueles olhos azuis, aqueles cabelos castanhos, aquele rosto sem nenhuma malícia. Que espécie de oficial em início de carreira teria coragem de fazer semelhante sugestão a um general? Que tipo de recém-formada seria tão ousada? Mas então o chefe da diretoria do SVR, o homem

responsável por todas as ofensivas de inteligência no Hemisfério Norte, sentou-se na mureta, tirou os sapatos e as meias e ficou ali, aproveitando o calor dos tijolos na sola dos pés.

***

— Como vai o trabalho, cabo? — perguntou Korchnoi, olhando as árvores do terraço.

— É minha primeira semana. Tenho uma mesa, uma bandeja de arquivos, e estou lendo o material sobre o caso.

— O material sobre seu primeiro caso, suponho. Então, o

que está achando?

— Interessante — retrucou Dominika, pensando no desleixo geral do material que havia recebido, nas conclusões dúbias, nas recomendações equivocadas.

— Você não parece muito entusiasmada — comentou Korchnoi.

— Ah, não, estou entusiasmada, sim — respondeu Dominika.

— Mas...? — incentivou Korchoi, virando-se ligeiramente para ela.

Suas sobrancelhas grossas projetavam sombras sobre as faces.

— Acho que preciso de um

pouco mais de tempo pra me acostumar aos arquivos operacionais.

— Como assim? — insistiu o general, mas com delicadeza, sem o menor traço de truculência.

Dominika sentiu-se à vontade para dizer:

— Depois que li o material, não concordei com a conclusão. Não vejo como chegaram a ela.

— Do que exatamente você discorda?

— Eles estão monitorando um alvo de nível inferior — falou ela, sem entrar muito em detalhes, atenta aos

procedimentos de segurança. — É um homem solitário, vulnerável, mas não creio que justifique todo esse esforço. Lá na academia, volta e meia alguém falava sobre o desperdício de recursos operacionais, sobre os alvos não lucrativos.

— Houve um tempo em que as mulheres não tinham acesso à academia — comentou Korchnoi, testando-a. — Em que seria impensável um oficial júnior colocar as mãos nos arquivos de uma operação em andamento, quanto mais comentar a respeito dela.

Ele apertou as pálpebras contra o sol do meio-dia.

— Desculpe, general — disse Dominika, com delicadeza. Sabia que o general não estava bravo. — Não tive a intenção de criticar, nem de ser impertinente. — Ela olhou para ele. Sentia que podia se abrir com aquele homem. — Me perdoe. Eu só queria observar que o caso é fraco. Não entendo como eles chegaram àquelas conclusões operacionais. Sei que ainda não tenho nenhuma experiência, mas qualquer um pode ver isso.

Korchnoi virou-se para ela. Vendo que Dominika estava calma e confiante, ele riu e retrucou:

— Temos sempre que ler esses

arquivos com olhos críticos. E aqueles idiotas da academia têm toda a razão: precisamos ser mais eficientes. Os velhos tempos já não existem mais. Às vezes nos esquecemos disso.

— Eu não queria faltar ao respeito — afirmou Dominika. — Quero apenas fazer um bom trabalho.

— E está certa — disse Korchnoi, sorrindo. — Junte os fatos, organize os argumentos e levante a questão. Haverá quem não goste, mas não se deixe abater. Desejo-lhe boa sorte. — Ele pegou os sapatos e se levantou da mureta. — Ah, cabo... Como é mesmo o nome desse alvo?

— Percebendo que ela hesitava em responder, emendou: — Só por curiosidade.

Dominika logo percebeu que aquele não era o momento de bancar a novata. Caso o general ainda não soubesse o nome do francês, poderia descobrir num estalar de dedos.

— Delon — respondeu ela, enfim. — Embaixada francesa.

— Obrigado — respondeu Korchnoi, e se retirou, ainda com os sapatos na mão.

***

Não que Dominika esperasse

algo diferente, mas as dificuldades começaram logo nas primeiras reuniões de planejamento. Carregando as duas pastas de arquivo, ela entrou na sala de reuniões e se acomodou em torno de uma mesa descorada com mais três oficiais do Quinto Departamento, responsáveis por França, Benelux, Europa Meridional e Romênia. Logo viu os tons de marrom e cinza que envolviam o trio e percebeu o nível baixo da energia deles. Não havia nenhuma emoção naqueles homens. Nenhuma imaginação, nenhuma paixão.

Um enorme mapa da Eurásia

cobria por inteiro uma das paredes; diversos telefones se enfileiravam num aparador empoeirado no fundo da sala. Os homens se calaram assim que Dominika entrou. Os rumores sobre a beleza da nova formanda da Escola de Pardais já circulavam por todo o prédio. Dominika os fitou de volta, fazendo o possível para não se abalar com os semblantes carrancudos, os sorrisos que se insinuavam. Marrons e cinzas: cores sujas para mentes sujas. Guimbas de cigarro transbordavam dos cinzeiros baratos de alumínio no centro da mesa.

— Alguma observação

preliminar? — perguntou Simyonov à cabeceira da mesa, tão inexpressivo e desinteressado quanto no dia em que Dominika o conhecera.

Ele olhou para os três homens na sala, um por um, e eles permaneceram calados. Em seguida se virou para Dominika, desafiando-a a falar.

Ela respirou fundo. Podia ouvir o próprio coração batendo no peito ao dizer:

— Com sua permissão, coronel, eu gostaria de discutir o nível de acesso do nosso alvo.

— Isso já foi devidamente

avaliado — retrucou Simyonov. O tom de voz dava a entender que não era da alçada de Dominika preocupar-se com os meandros da operação. — É um alvo importante. O que precisamos fazer agora é determinar a abordagem certa — emendou, olhando para o oficial a seu lado.

— Receio que não seja bem assim — insistiu Dominika.

Todos se viraram para ela. Que diabo seria aquilo? Um motim? Por parte de uma recém-formada? Um pardal?

Os homens desviaram o olhar para Simyonov, curiosos para ver

qual seria a reação dele. A reunião prometia.

O coronel se debruçou sobre a mesa e cruzou as mãos à sua frente. Irradiava um tom desbotado de amarelo. Não era homem de levar desaforo para casa. Os olhos estavam injetados e aquosos, os cabelos grisalhos grudados à cabeça.

— A camarada está aqui para colaborar na *abordagem* do francês — disse. — Questões relativas a acesso, manuseio e produção são de responsabilidade exclusiva dos oficiais deste departamento.

Quando terminou de falar, inclinou-se ainda mais e encarou

Dominika. Os homens se viraram para ela. Com certeza, davam o caso por encerrado.

Dominika apertou as pastas de arquivo com firmeza, para não começar a tremer.

— Sinto muito contradizê-lo, *camarada* — retrucou, repetindo o anacronismo do chefe —, mas fui designada para participar deste caso como operadora, e como tal eu gostaria de ser incluída em todas as fases do processo.

— Uma operadora, você disse? — perguntou Simyonov.

— Isso mesmo — respondeu

Dominika.

— Quando você se formou?

— Na última turma.

— E depois disso fez...

Simyonov olhou para os companheiros de mesa, praticamente salivando.

— Treinamento especializado.

— Que tipo de treinamento especializado? — insistiu ele, em voz baixa.

Dominika já havia se preparado para esse tipo de situação. Simyonov sabia muito bem por onde ela passara. Estava tentando humilhá-la.

— Fiz o curso básico do Instituto Kon — respondeu Dominika, com os lábios contraídos.

Não se deixaria intimidar por aquele bando de vermes. Além do coronel, em seu íntimo ela também crucificava o tio.

— Ah, sim, a Escola de Pardais — disse Simyonov. — E é exatamente por isso que você está aqui. Para *participar* do ardil que armamos para nosso alvo, Simon Delon.

Um dos homens tentou, em vão, abafar um risinho.

— Sinto muito, coronel, mas fui designada a este departamento como

membro integral da equipe — contestou Dominika.

— Sei — retrucou ele. — Por acaso já leu o arquivo de Delon?

— Os dois volumes — informou Dominika.

— Muito bem. E que observações preliminares você teria a fazer a respeito do caso e dos méritos dele?

A fumaça dos cigarros ia subindo para o teto, pontuando o silêncio que dominava o ambiente enquanto Dominika observava os rostos que a avaliavam. Por fim, ela engoliu em seco e disse:

— A questão do nível de acesso do alvo é discutível. Na posição de adido comercial de categoria intermediária, o acesso de Delon a informações confidenciais é limitado, o que não justifica uma operação tão delicada quanto uma chantagem.

— E o que você entende de chantagens? — questionou Simyonov com toda a calma, quase se divertindo. — Considerando que acabou de sair da academia?

— Delon simplesmente não compensa todo este esforço operacional — insistiu Dominika.

— Suponho que alguns analistas da Linha R haverão de discordar —

retrucou Simyonov, começando a perder a paciência. — Delon tem acesso aos dados comerciais não só da França, mas de toda a Comunidade Europeia. Dados orçamentários, programas, estratégias de investimento, políticas de energia. Você jogaria no lixo todas essas informações?

Dominika fez que não com a cabeça e argumentou:

— Mas são informações que poderíamos conseguir direto de qualquer um dos nossos ativos de baixo escalão nos ministérios em Paris. Com certeza esse seria um caminho muito mais lógico e que

atenderia perfeitamente às nossas necessidades.

Simyonov, agora com uma expressão de poucos amigos, se recostou na cadeira.

— Parece que você aprendeu muita coisa naquela academia. Está sugerindo, então, que o departamento não endosse a operação? Que o francês seja deixado pra lá?

— Estou dizendo apenas que o risco potencial de coagirmos um diplomata ocidental em Moscou não corresponde ao baixo potencial dele enquanto fonte de informações.

— Volte pra sua sala, cabo Egorova, e leia todo o arquivo de novo — ordenou Simyonov. — Só volte aqui quando tiver algo construtivo a acrescentar.

Todos encararam Dominika enquanto ela recolhia seus papéis e tomava a direção da porta com as costas eretas, os olhos focados na maçaneta. Começaram a rir antes mesmo que ela chegasse ao corredor.

Na manhã seguinte, Dominika encontrou em sua mesa um envelope branco de aspecto absolutamente comum. Abriu-o com cuidado e desdobrou a folha de papel que havia dentro. Escrita com uma tinta violeta

e uma caligrafia de traços clássicos havia esta única frase:

Delon tem uma filha. Siga sua intuição. K.

No dia seguinte, Dominika voltou à sala de reuniões e encontrou a mesa atulhada de fotografias e relatórios de vigilância. Os cinzeiros, como sempre, transbordavam. Ela se acomodou e os homens a ignoraram: fumavam sem parar enquanto examinavam o perfil de Delon com visível desinteresse, um olho voltado para o relógio de parede, as auras descoradas. Analisavam os hábitos e padrões do diplomata francês, pensando nos lugares onde poderiam

armar um contato. Entediado como sempre, Simyonov olhou para Dominika e disse:

— Então, cabo Egorova, alguma sugestão para locais de contato? Quero dizer, caso tenha reconsiderado suas objeções à operação.

Dominika respondeu com firmeza:

— Reli o arquivo, coronel, e ainda acredito que este homem não é um alvo válido.

Dessa vez os homens em torno da mesa não se deram o trabalho de erguer a cabeça: continuaram

imersos na leitura de seus papéis. Aquela *vorobey* não duraria muito tempo no Quinto, talvez nem mesmo no SVR.

— Ainda insiste nisso? Interessante — retrucou Simyonov. — Então devemos abandonar o caso? É essa sua recomendação?

— Não foi o que eu disse — falou Dominika. — Acho, sim, que devemos continuar explorando o francês, a vida solitária que ele leva. — Ela abriu uma das pastas que levara para a reunião. — Mas o alvo final, o objetivo real de toda esta operação, não deveria ser o próprio Delon.

— Que bobagem é esta agora? — quis saber Simyonov.

— Está tudo no arquivo. Só fiz mais algumas pesquisas — falou Dominika. O coronel correu os olhos pelos homens sentados à mesa, depois voltou a encará-la e resmungou:

— Este caso já foi exaustivamente pesq...

— Descobri que Simon Delon tem uma filha — interrompeu Dominika. — E uma mulher em Paris! Todos nós já sabemos disso!

— A filha trabalha no Ministério de Defesa da França.

— Bobagem! — disparou Simyonov. — A família inteira já foi rastreada. A *rezidentura* de Paris já vasculhou todos os registros locais.

— Então deixaram isso passar. Ela tem 25 anos, é solteira e mora com a mãe. O nome dela é Cécile.

— Isto é um absurdo — insistiu Simyonov.

— Ela foi mencionada apenas uma vez nas transcrições. Pesquisei os diretórios na biblioteca da Linha R — explicou Dominika, folheando os papéis à sua frente. — Cécile Denise Delon está listada no registro-geral da Rue Saint-Dominique, isto é, o registro-geral do Ministério de

Defesa. — Ela olhou para cada um dos homens que a encaravam. — Isto sugere, pelo menos até onde pude determinar, que ela tem acesso aos boletins de defesa confidenciais que são distribuídos ao governo todos os dias. Cécile é uma das pessoas responsáveis pela custódia dos documentos de planejamento das Forças Armadas francesas. Provavelmente cuida da distribuição e do arquivamento de uma ampla variedade de documentos: orçamentos militares, dimensionamento de contingentes, avaliações de prontidão.

— Até agora, são apenas

conjeturas — retrucou Simyonov.

— Não sabemos onde os franceses guardam seus segredos nucleares, mas eu não ficaria surpresa se...

— Especulações desta natureza não levam a lugar algum — observou Simyonov.

A neblina amarelada em torno do coronel começava a crescer e a escurecer. Dominika sabia que o homem estava frustrado, irritado, constrangido, e tinha consciência de que sua petulância e insubordinação bastariam para que ela fosse sumariamente enxotada do SVR.

Seguiu-se um silêncio sepulcral. Os antiquados instintos soviéticos de Simyonov encontravam-se agora em alerta máximo; o lado burocrata dele começou a fazer os cálculos. De um segundo a outro, o coronel passou a pensar com a cabeça de um típico funcionário da KGB: *Essa* tsarevna *de sobrenome importante está querendo me fazer passar por negligente e burro. O que posso lucrar com o trabalho dela? Se essa* maneken *estiver certa, as recompensas podem ser enormes, mas os riscos também. Uma operação com alvo no Ministério de Defesa da França teria de ser aprovada pelo topo da hierarquia*.

— Se isso for verdade, *talvez* haja mesmo um benefício a mais — admitiu ele a contragosto, mas como se já tivesse considerado tudo aquilo muito tempo antes.

Em seguida bateu as cinzas do cigarro.

Dominika podia ler o que se passava no cérebro escorregadio do chefe. — Concordo plenamente, coronel. Este é o real potencial de Simon Delon, o que dá sentido a toda esta operação, o que justifica o risco de recrutarmos o francês.

Simyonov balançou a cabeça e falou:

— A filha está em Paris, a 2.500 quilômetros de distância.

— Não é tão longe assim — observou Dominika, e abriu um sorriso que desconcertou Simyonov. — Claro, vamos ter de elaborar um perfil bem mais detalhado sobre a relação entre pai e filha.

— Naturalmente — concordou Simyonov.

Mais alguns minutos daquilo e a garota assumiria o controle integral do Quinto Departamento. No entanto... ela que fizesse todo o trabalho preparatório que lhe desse na telha. Assim que a operação deslanchasse, ele cuidaria para que

ela acabasse de pernas abertas numa cama qualquer, sob a mira de uma câmera. Isso daria um jeito nela.

— Muito bem, cabo Egorova, já que você descobriu esse detalhe tão interessante, gostaria que continuasse trabalhando nisso até conseguir elaborar alguma estratégia de contato com Delon.

— Na verdade, coronel, já pensei em um plano para o primeiro contato. — Sei...

Terminada a reunião, os oficiais afastaram as cadeiras e apagaram os respectivos cigarros. Os boatos a respeito do novo pardal haviam se limitado à beleza dos olhos azuis, ao

farto recheio do uniforme, mas ninguém dissera nada sobre os colhões da garota. Eles saíram da sala deixando sobre a mesa toda a papelada para que a novata arrumasse. Dominika não se importou. Recolheu os documentos, empilhou-os sobre as pastas do arquivo de Delon e saiu também, fechando a porta atrás de si.

***

Nas imediações da Rua Arbat, mais precisamente no número 12 da Nikitsky Bulvar, ficava um pequeno restaurante chamado Jean Jacques, um estabelecimento parecido com

um bar francês, um lugar barulhento em que a fumaça dos cigarros se misturava ao odor dos vinhos e dos cozidos. Toalhas alvíssimas sobre as mesas realçavam o xadrez preto e branco do piso de cerâmica. Prateleiras com garrafas de vinho cobriam todas as paredes. Bancos se enfileiravam diante de um balcão de linhas curvas e cadeiras de madeira se apertavam em torno das mesas quase sempre cheias. Na hora do almoço, os moscovitas que estivessem desacompanhados eram obrigados a dividir a mesa com algum desconhecido.

Era meio-dia de uma terça-feira

chuvosa. O restaurante estava ainda mais cheio que de costume. Sob o toldo da calçada e junto à porta, clientes se acumulavam à espera de um lugar. A confusão era quase insuportável, e a fumaça dos cigarros pairava no alto. Garçons circulavam entre as mesas abrindo garrafas, carregando bandejas. Após uma espera de quinze minutos, Simon Delon, da embaixada francesa em Moscou, foi conduzido a uma mesa já ocupada por outro cliente, um jovem que terminava tranquilamente seu cozido de carne. Limpando o molho do prato com nacos de pão preto, ele nem sequer ergueu o rosto quando

Delon se acomodou.

Apesar da confusão e do barulho, o francês gostava do lugar, que o fazia lembrar Paris. Além disso, graças ao hábito russo de compartilhar mesas durante o almoço, às vezes ele dava a sorte de se sentar junto com uma universitária bonitinha ou com uma vendedora atraente. Algumas delas até sorriam para ele, e quem os visse de longe poderia pensar que formavam um casal.

Delon pediu uma taça de vinho enquanto examinava o cardápio. O homem à sua frente pagou a conta, limpou a boca, vestiu o paletó que

deixara no encosto da cadeira e se foi. Ao erguer o rosto, Delon avistou no mesmo instante a bela mulher de cabelos escuros e olhos azuis que vinha em direção à sua mesa. Mal acreditou quando ela ocupou justamente o lugar que tinha acabado de vagar. Ela estava com os cabelos presos no alto e usava um colar de pérolas. Sob uma capa de chuva leve, vestia uma camisa de seda bege, uma saia marrom e um cinto fino de couro de crocodilo. Delon deu um longo gole no vinho e aproveitou a oportunidade para espiar o modo como a seda da camisa se movia sobre o corpo dela.

Assim que se sentou, ela pegou os óculos de leitura na carteira de mão de couro de crocodilo, equilibrou-os na ponta do nariz e começou a ler o cardápio. Quando sentiu que o homem a fitava, ergueu os olhos para ele. Envergonhado, Delon rapidamente desviou o olhar para o próprio cardápio, mas na espiadela seguinte ele notou os dedos elegantes da jovem, a curva do pescoço, os cílios compridos.

Dominika o flagrou mais uma vez e disse em russo:

— *Izvinite*, algum problema?

Delon fez que não e deu outro gole no vinho, ainda mais

atrapalhado do que antes. Aparentava 50 e poucos anos e tinha a cabeça grande demais para o pescoço fino e os ombros estreitos e caídos. Usava os cabelos castanhos penteados para o lado. Lembrava um rato, e os olhos muito escuros e pequenos, o nariz afilado e o bigodinho fino por cima dos lábios crispados contribuíam para isso. Uma ponta do colarinho escapava da lapela do paletó azul-escuro e o nó da gravata, além de torto, era pequeno demais. Dominika precisou resistir ao impulso de endireitá-lo. Sabia a data do aniversário dele, a marca do analgésico que ele guardava no

armarinho do banheiro, a cor da colcha com que ele cobria sua cama tão pouco visitada. *Bem*, ela pensou, *com certeza ele parece um adido comercial*.

Percebeu que ele mal conseguia fitá-la. Viu também o esforço que ele fazia para iniciar uma conversa. Delon respirou fundo e ela esperou. Sabia que a avaliação que fizera dele estava correta e que seu plano já estava em andamento. Quando ele enfim deixou escapar algumas palavras, elas saíram num suave tom de azul, não muito diferente do azul - centáurea que ela vira em Anya na Escola de Pardais.

— Desculpe... — balbuciou ele. — É que... eu não falo russo. Você fala inglês? — Claro — respondeu Dominika.

— *Et français?* — perguntou Delon.

— Oui.

— Ótimo — gaguejou ele em francês. — Não tive a intenção de incomodá-la. É que... bem, achei que foi uma grande sorte você ter encontrado este lugar vago. Precisou esperar muito?

— Nem tanto — disse Dominika, e correu os olhos à sua volta. — De qualquer modo, parece que o

movimento já está bem mais tranquilo.

— Que bom que você conseguiu sentar — foi só o que ele foi capaz de retrucar.

Dominika assentiu com a cabeça e voltou à leitura do cardápio. Sorte não tinha nada a ver com o fato de ela ter conseguido justo aquele lugar. Naquela tarde, todos os clientes no restaurante eram oficiais do SVR.

Um segundo encontro supostamente casual no Jean Jacques criou a oportunidade para ela se apresentar como Nadia ao diplomata. Dias depois, um esbarrão na calçada diante do restaurante fez com que ele

tivesse coragem suficiente para sugerir que almoçassem juntos. Depois disso os dois decidiram conhecer restaurantes diferentes. Delon era muito tímido e cortês em excesso. Bebia com moderação, falava pouco de si mesmo e disfarçadamente secava o suor da testa enquanto, perdido nos próprios pensamentos, observava Dominika colocar atrás da orelha uma mecha de cabelo. Conforme os encontros se sucediam, ele ia baixando a guarda na mesma medida em que o azul de sua aura escurecia. Era isso que Dominika queria.

Delon havia acreditado, sem

pestanejar, que Nadia era professora de línguas na Liden & Denz, na Rua Gruzinsky. De caso pensado, não dizia nada quando ela contava a respeito do marido distante, um geólogo que trabalhava nos confins do Leste, em outra zona de fuso horário, e fingia desinteresse quando ela fazia menção ao pequeno apartamento em que morava, comentando que o único ponto forte daquele cubículo era não ter de dividi-lo com ninguém. Delon ficava em silêncio, mas por dentro ardia em brasa.

Simyonov tinha pressa: queria que o homenzinho fosse seduzido o mais rápido possível, para ter

controle total sobre ele. Dominika, por sua vez, resistia, inventando pretextos para ganhar tempo e beirando as raias da insubordinação. Sabia que o coronel pretendia usá-la como pardal, que ele não tinha outra estratégia de recrutamento que não fosse uma armadilha sexual, que não acreditava nem um pouco no potencial daquela operação. Dominika defendia com veemência a necessidade de um prazo maior para que ela pudesse desenvolver uma relação com seu alvo, o que era duplamente importante em razão do potencial da filha dele como uma informante de valor inestimável. O

francês teria de ser fisgado com cautela, sem pressa. Simyonov precisava refrear a ira sempre que a gazelinha recém-formada o procurava para relatar seu progresso e sugerir novos passos.

Aos olhos de Dominika, bastaria que ao longo das semanas seguintes ela continuasse o trabalho que já vinha fazendo. Ela e o francês aos poucos passavam de meros conhecidos a amigos recentes, ele cada vez mais à vontade ao lado dela, mais íntimo também, ainda que não desse nenhum sinal do desejo que sentia. Dominika lia a mente dele, procurava encorajá-lo, dava a

entender que estava gostando cada vez mais dele. Delon mal acreditava na própria sorte. Estava louco por ela, mas Dominika sabia que ele era tímido demais para se declarar. Não haveria recrutamento nenhum caso ele se sentisse ludibriado ou induzido a uma situação de perigo. Ela só conseguiria recrutá-lo se tivesse por base uma relação de amizade e desejo crescente: as coisas chegariam a um ponto, ela supunha, em que o francês não teria mais forças para recusar nada do que lhe fosse pedido.

A princípio eles se encontravam apenas uma vez por semana, depois

duas, então também nos fins de semana, para passear pela cidade ou visitar algum museu. Ambos eram naturalmente discretos, afinal, eram casados. Conversavam sobre a família dele, os pais, a infância feliz na Bretanha. Dominika tinha que ser cuidadosa. O francês era uma tartaruga que não hesitaria em recolher a cabeça para dentro do casco ao menor sinal de ameaça.

Após algum tempo Delon se sentiu à vontade o suficiente para falar, ainda que com alguma hesitação, sobre o casamento falido. A mulher era bem mais velha que ele, alta e de traços aristocráticos, e

gostava de dar as cartas. A família tinha dinheiro, muito dinheiro, e eles haviam casado pouco tempo depois do início do namoro. Delon contou que a mulher metera na cabeça que ele precisava subir na vida, afeita que era a posições e títulos, coisas da família dela. Ao perceber que se casara com um homem reservado e sem maiores ambições, desistira da relação. Insistia em manter as aparências, claro, mas não se importava com a distância imposta pela posição que ele ocupava. A situação dele na carreira diplomática dependia diretamente dela.

Delon tinha adoração por Cécile,

a única filha do casal. Uma foto revelava que ela era uma garota de porte miúdo, cabelos escuros e sorriso gracioso. Como o pai, era tímida, reservada e cautelosa. Com a crescente intimidade entre eles, Delon enfim contou a Dominika que a jovem trabalhava no Ministério de Defesa. Ele, claro, tinha o maior orgulho da incipiente carreira da filha, mesmo sabendo que ela se devia à influência do sogro endinheirado. Falava com bom humor das esperanças que nutria para Cécile: um bom casamento, uma carreira sólida, uma vida confortável. O fato de ter lhe contado sobre a filha

era um avanço importante no processo conduzido por Dominika.

Certa tarde, durante um café, Dominika perguntou se ele não se preocupava com o futuro, se não temia que a mulher o deixasse, que a filha se envolvesse com o homem errado e passasse a levar uma vida melancólica como a dele. Delon olhou para ela, o objeto de sua crescente afeição, e pela primeira vez deve ter sentido o toque sedoso do SVR. Um sinal de perigo. Mas ele ignorou o alerta, distraído pelo azul daqueles olhos, pelos cabelos que caíam para o lado, pelas listras da camiseta que ondulavam sobre os seios. No

entanto, apesar de todo esse encantamento, nada acontecia para que a castidade daquela relação chegasse ao fim. Os encontros terminavam com despedidas constrangedoras, ambos corando ao trocarem apertos de mão, a não ser por uma única vez em que Dominika arriscara um beijo rápido e perfumado no rosto dele, para grande alegria do tímido francês.

— O que você está esperando? — rugia Simyonov. — Nossa missão é encurralar o sujeito, não escrever a biografia dele.

Numa dessas repreensões, Dominika retrucou:

— Não é hora de sermos burros. — Sabia que estava cometendo uma falta grave de disciplina. — Deixe o francês comigo. Cedo ou tarde ele vai comer na minha mão. *Assim como a filha*.

Simyonov só faltava espumar. Uma neblina amarelada pulsava a seu redor, ora mais forte, ora mais pálida. Dominika sabia que ele estava tramando algo, planejando algum bote. Apesar disso, continuava a enfrentá-lo com seus argumentos, por vezes chegando ao ponto de se interpor fisicamente no caminho dele. Faltava pouco para que Delon fosse fisgado, quanto a isso não havia

a menor dúvida. O francês queria espionar para ela, só não sabia disso ainda.

Repetindo o que tinha ouvido dos veteranos aposentados que conhecera no treinamento, ela disse:

— Fique tranquilo, camarada. Esta batata já está quase assada.

Ao falar isso, ela se sentiu uma veterana aposentada também.

— Não estou para brincadeiras — avisou Simyonov, de dedo em riste, e emendou: — Não perca mais tempo. Conclua logo este caso. Minha paciência está se esgotando.

No entanto, ao mesmo tempo

que se sentia na obrigação de repreender a subordinada, Simyonov podia perceber o requinte com que ela conduzia a operação, as nuances que apontava e que ele mesmo jamais seria capaz de perceber sozinho. A moça tinha futuro, e isso não era nada bom.

***

Dominika enfim convidou Delon a seu pretenso apartamento na zona norte de Moscou, próximo à estação ferroviária Bielorrússia e não muito longe da escola de línguas em que ela dizia trabalhar. Tratava-se de um quarto e sala em que tanto o quarto

quanto a sala eram minúsculos, a cozinha era um diminuto anexo da sala e o banheiro, ou melhor, o lavatório, se separava do resto do apartamento por uma reles cortina. O carpete era puído, e o papel de parede já estava desbotado havia muito tempo e tinha bolhas por toda parte. Uma chaleira decrépita, velha demais para apitar, jazia no fogão de uma boca só. O lugar era pequeno e encardido, mas em Moscou ainda era um luxo considerável o fato de não precisar dividi-lo com parentes ou colegas de trabalho.

Outra característica do apartamento, que Delon não tinha

como conhecer, era que as paredes, o teto e os eletrodomésticos estavam infestados de câmeras e microfones. Os dois apartamentos vizinhos, assim como o de baixo e o de cima, também eram unidades controladas pelo SVR. A quantidade de energia elétrica consumida apenas por esse bloco de apartamentos era capaz, sozinha, de fazer voar uma aeronave Tupolev Tu-95. Às vezes, tarde da noite, era possível ouvir o ronronar dos geradores no porão.

— Simon, preciso da sua ajuda — disse Dominika, abrindo a porta do apartamento. Com um buquê de flores azuis na mão e uma garrafa de

vinho sob o braço, Delon ficou imediatamente preocupado. Aquela era a terceira vez que ia ao apartamento de Nadia, e as visitas anteriores haviam se limitado a conversas, música e vinho. Com uma nota de aflição na voz, Dominika explicou: — É que peguei um trabalho como intérprete de francês na feira de comércio da ITFM no mês que vem. Pra ganhar um dinheirinho extra, sabe como é. Nem sei onde estava com a cabeça. Sou completamente ignorante nessas coisas de indústria, energia, comércio... Não conheço o vocabulário nem em russo, quanto

mais em francês!

Delon sorriu, e ela viu em torno dele uma aura azulada que irradiava confiança e afeto. Eles se acomodaram no sofazinho da sala. Delon sabia tudo a respeito da tal feira, era esse o seu trabalho. Do outro lado das paredes, pelo menos seis técnicos do SVR observavam e gravavam a cena.

— É só isso? — retrucou ele. — Em um mês posso lhe ensinar todas as palavras de que vai precisar. — Deu um tapinha na mão dela e acrescentou: — Não se preocupe.

Dominika se aproximou, tomou o rosto dele entre as mãos e deu-lhe

um beijo de agradecimento nos lábios. Já havia calculado a duração e a natureza desse beijo. No entanto, por mais infantil e inócuo que tivesse sido o gesto, essa foi a primeira vez que Delon sentiu os lábios dela nos seus, o gosto do batom dela na própria boca.

— Não se preocupe — repetiu ele, ainda um tanto abalado.

O azul das palavras agora tinha uma tonalidade mais uniforme e mais escura. Ele havia se decidido.

Dominika sempre demonstrara interesse pelo trabalho dele, pelos meandros da diplomacia, e Delon já se acostumara a descrever sua rotina,

satisfeito com o fato de alguém se importar com ela. Agora ele poderia retribuir. Na noite seguinte, vindo direto da embaixada, chegou ao apartamento de Nadia com uma maleta em punho e tirou dela um relatório de vinte páginas que ele mesmo preparara sobre as oportunidades de investimento na Rússia. Eles leram juntos todo o conteúdo. As páginas estavam carimbadas com um acintoso *Confidentiel*.

Mais encontros, mais documentos. Quando não podia levar os originais, ou uma cópia deles, Delon aparecia com fotos

razoavelmente legíveis que tirava com o celular. Eles trabalhavam com os dicionários dele, em francês, e os dela, em russo. Tal como seria esperado de uma professora de línguas, Dominika aprendia o vocabulário técnico com bastante rapidez, e ele percebia, com o orgulho de um tutor, que além das palavras ela também aprendia com impressionante facilidade as questões mais amplas do comércio internacional e da energia. Delon decidiu que ensinaria tudo o que ela quisesse, que a treinaria, que faria dela uma especialista. Estava apaixonado.

Para que Dominika pudesse estudar sozinha em casa, ele passou a deixar com ela as cópias dos documentos, o que para o SVR não era tão importante em termos de espionagem, uma vez que as câmeras secretas eram poderosas o bastante para captar cada vírgula de toda aquela papelada. O que realmente importava era o fato de que o diplomata quebrara todas as normas de segurança da embaixada à qual devia fidelidade total. Dominika sabia que o tinha nas mãos. Para Delon, a ficção do "estudo de vocabulário" resvalara para outra ficção, a de "treinar Nadia", e esta se

transformara numa devoção cega à sua nova discípula. Ele agora faria tudo o que ela pedisse, e essa motivação era bem mais forte do que qualquer salário de informante que porventura lhe oferecessem, mais convincente do que qualquer chantagem sexual. Se ele sabia que estava lidando com a inteligência russa, não dava o menor sinal disso.

Acompanhando de perto o progresso da operação, Simyonov convocou mais uma reunião e, aos berros, exigiu que Dominika fosse mais rápida, que levasse logo o homenzinho para a cama.

— Por que *vocês* não vão para a

cama com ele? — berrou ela em resposta a Simyonov e os homens à sua volta. — Qual de vocês quer dar o rabo pra ele?

Silêncio absoluto.

Dominika tentou se acalmar e disse:

— Olhem, o próximo passo é muito delicado. — Primeiro ela precisava persuadir Delon a procurar a filha, e depois, com muito tato, fazê-lo convencer a garota a fornecer os segredos de defesa do Estado francês. Seria como se um titereiro controlasse um boneco que, por sua vez, controlasse um segundo boneco. Assim que Cécile desse o primeiro

passo, bastaria que Delon assegurasse a participação contínua dela. — Assim que os documentos franceses começarem a fluir, a operação estará encerrada.

Simyonov ouviu tudo isso com uma cara de poucos amigos, nem um pouco convencido. O plano era complicado demais, e aquela *diletantka* era uma insubordinada. Mas resolveu esperar um pouco, e viu que estava certo ao encontrar o general Korchnoi e ter com ele mais uma de suas conversas de corredor. O espião veterano concordava plenamente que era preciso acelerar o recrutamento e demonstrou

compaixão para com o coronel ao saber dos desaforos da petulante Dominika.

— Ah, esses novatos... — comentou. — Então, me conte mais sobre essa moça.

***

Ironicamente, foi o vagaroso Delon quem resolveu acelerar as coisas. Certa noite, sentado ao lado de Dominika no sofá da sala, examinando mais um documento de nivel médio de confidencialidade, ele cedeu a um impulso e tomou as mãos dela entre as suas, depois se inclinou para dar-lhe um beijo afetuoso.

Talvez tivesse ficado mais seguro de si com a intimidade dos encontros de estudo, ou talvez mais fatalista, já intuindo que estava, aos poucos, sendo tragado pelo ralo da espionagem. A despeito do que o tivesse despertado, Dominika retribuiu o beijo com o mesmo carinho, a cabeça fervilhando com os cálculos que precisavam ser feitos. Tratava-se de um momento delicado da operação. Ir para a cama com ele agora, antes que a filha tivesse sido cooptada, poderia comprometer toda a transição. Por outro lado, poderia fortalecer ainda mais o controle dela sobre ele. Dominika pensou nos

barrigudos suarentos que estariam assistindo a tudo do outro lado da parede, confinados num cubículo quente.

Como se percebesse a indecisão dela, Delon abrandou o beijo e abriu os olhos, ameaçando recuar no momento mais improvável. No entanto, o halo em torno de sua cabeça parecia arder em chamas. Ao ver isso, Dominika decidiu que precisava avançar, que eles tinham que se tornar amantes. Ela o conduziria ao longo do caminho, ajudando-o a seduzi-la.

Dominika ainda teve tempo para um pouquinho de remorso. O francês

era um sujeito tão doce, tão confiável... Bem diferente do asqueroso Ustinov. Mas agora ela era um pardal a serviço da pátria, treinada nas artes da sedução. Algumas das quais, aliás, pipocavam de forma automática em sua cabeça.

Ela levou a mão à nuca dele e tratou de reacender o beijo (*nº 13: Sinalize com bastante clareza a disponibilidade sexual*). Em seguida, começou a ofegar ruidosamente (*nº 4: Demonstre paixão para estimular a paixão do outro*). Delon se afastou e a fitou com os olhos arregalados. Ela o fitou de volta, acariciou-lhe o rosto e conduziu a mão dele para um de seus

seios.

Vendo que o francês ficou sem ação, começou a esfregar a mão dele em sua pele com sensualidade (*nº* 55: Demonstre desejo para alimentar a excitação física). Dominika estremeceu. Delon ainda a encarava, estático.

— Nadia... — sussurrou ele.

Agora com os olhos fechados, Dominika roçou o rosto no dele, aproximou a boca de sua orelha (nº *23: Encorajamentos verbais são estimuladores do desejo*) e sussurrou:

— Simon, *baise-moi...* Me beije.

No instante seguinte eles se

levantaram do sofá e saíram tropeçando na direção do quartinho escuro (que na verdade estava mais iluminado que um estádio de futebol, mas por raios infravermelhos invisíveis). Dominika tirou a saia e a blusa, mas manteve o sutiã cavado. (*nº 27: A seminudez pode ser tão excitante quanto a nudez total.*) Começou a acariciar as próprias coxas (*nº 49: Autoestimule-se para produzir feromônios*) enquanto o atrapalhado francês dava saltinhos ridículos para se livrar das calças.

Delon era como um passarinho na cama: leve, penugento, e parecia flutuar ao se colocar em cima dela e

posicionar a cabeça entre seus seios. Dominika mal sentia a presença dele ali, mas arqueava as costas e estirava as pernas (*nº 49: Gerar tensão dinâmica nas extremidades para apressar as reações nervosas*) como se estivesse em êxtase. Por um instante, olhou para o obturador escondido na lâmpada do teto, mas viu que Delon erguia a cabeça de entre seus seios para encará-la, então baixou os olhos para os dele e o viu exalar um suspiro antes de começar a se remexer com mais vigor em cima dela. Mais uma vez ela fechou os olhos (*nº 46: Bloqueie as distrações que possam atrapalhar o*

desempenho) e passou a murmurar o nome do francês até sentir um tremor percorrer o corpo dele. Nesse momento, ajudou-o a chegar ao ápice (*nº 9: Exercite o músculo pubococcígeo*).

— Nadia, *je t'aime...* Eu te amo — balbuciou Delon ao fim de tudo.

— *Lyubov' moya*. Meu amor — devolveu ela, correndo os dedos pelo pescoço dele.

Nesse instante, a lâmpada do teto se acendeu (uma lâmpada pintada de laranja para favorecer o contraste das câmeras digitais) e três homens de terno irromperam no quarto, os olhos brilhando feito os de

um porco à cata de trufas numa floresta. Eles vinham acompanhando a cena num dos apartamentos vizinhos e estavam suados e fedidos.

Dominika se ergueu na cama, abraçou o apavorado Delon como se ele fosse sua boneca predileta e berrou em russo para que os homens saíssem dali. Sabia exatamente o que estava acontecendo: Simyonov mandara às favas a proposta dela de uma abordagem mais sutil. Ele não era capaz de esperar, precisava agir de acordo com seu manual tosco. Tratava-se, claro, de uma represália contra ela. Aquele era o castigo por seus inúmeros atrevimentos nas

reuniões, pelas interrupções e pelos comentários inconsequentes. Lembrava-se de ter tentado falar a linguagem da velha guarda (“Esta batata já está quase assada”), e agora essa mesma velha guarda estava lhe mostrando quem realmente comandava aquele barco.

Os homens arrancaram Delon dos braços dela e o arrastaram de volta para a sala ainda nu. Em seguida, empurraram-no para o sofá e jogaram em cima dele as calças que haviam recolhido do quarto. O francês os fitava sem entender. Dominika ainda gritava na cama enquanto se enrolava num lençol

antes de se levantar. Quase cega de fúria, tinha a impressão de que seu cérebro explodiria. Estava determinada a expulsar os três brutamontes do apartamento e reassumir o controle da situação.

Antes que ela pudesse ficar de pé, no entanto, um deles a agarrou pelos pulsos e a puxou para a sala. Ao ver isso, Delon ameaçou socorrê-la, mas logo foi imobilizado no sofá. O homem que segurava Dominika a virou para si e desferiu-lhe um tapa no rosto, dizendo:

— Sua puta! Vagabunda!

Em seguida a jogou no chão.

Poderia tratar-se de uma encenação, mas ainda assim Dominika encarou o desgraçado que a xingara, calculou a distância até os olhos dele e ficou de pé, deixando cair o lençol. Todos se viraram atônitos para ela, para o corpo nu. No instante seguinte ela fintou um chute, esperou o homem inclinar o tronco para se proteger e imediatamente avançou contra ele, cravando as unhas do polegar e do indicador em seu nariz. Usando a mesma técnica comum nas câmaras de tortura da NKVD na década de 1930, ela puxou o maldito pelo nariz e bateu a cabeça dele contra a quina da mesinha atulhada

de documentos comerciais da embaixada francesa. O móvel emborcou com o peso, os papéis voaram por toda parte e o homem desabou no chão, onde permaneceu imóvel. No sofá, Delon mal acreditava no que acabara de ver.

Tudo isso não consumira mais que dez segundos. Um segundo homem do SVR agarrou Dominika, saiu com ela para o corredor e a empurrou para apartamento vizinho.

— Tire as mãos de mim! — rugiu ela, enquanto o brutamontes batia a porta com ela lá dentro.

No interior do apartamento, alguém disse:

— Belo trabalho, cabo Egorova. Um ótimo final para uma operação muito perspicaz.

Ao virar o rosto, Dominika se deparou com Simyonov acomodado num sofá diante de dois monitores. O primeiro mostrava o apartamento ao lado: um dos homens acudia o companheiro desfalecido no chão enquanto o outro postava-se à frente de Delon, que tinha o rosto erguido como se rezando, as calças ainda na mão. A segunda tela reprisava as imagens de Dominika com o francês na cama. Sem som, o sexo entre eles parecia um ato clínico, encenado. Ela ignorou as cenas.

Embrulhou-se novamente no lençol e gritou:

— *Zhopa!* Seu idiota! Você arruinou tudo!

Simyonov não respondeu. Seus olhos se alternavam entre um monitor e outro.

— Ele teria recrutado a própria filha por mim! — emendou Dominika.

Sem desviar o olhar das telas, Simyonov resmungou:

— Ele ainda vai fazer isso.

Pegou o controle remoto e pressionou o botão que fazia o som das imagens ao vivo voltar. Os dois homens do SVR agora berravam com

Delon, que permanecia imóvel no sofá. Dominika deu um passo na direção do coronel, cogitando seriamente furar o olho dele com o polegar.

— Delon não vai ceder a chantagem nenhuma! Não tem coragem pra isso! Se vocês estão achando que...

Simyonov virou-se para ela enquanto acendia um cigarro. Com os olhos faiscando, ameaçou:

— Nesse caso o fracasso da operação será devidamente registrado no *seu* currículo. Pelo visto, você ainda não entendeu uma coisa, cabo Egorova. Não é você

quem dá as ordens por aqui. O SVR não é o quintal da sua casa.

— Em seguida se voltou para o segundo monitor, no qual Dominika enlaçava as pernas na cintura de Delon.

— Qual é a necessidade de reprisar essas cenas, camarada? — questionou ela.

Em vez de responder à pergunta, o coronel soprou a fumaça do cigarro para o alto, depois falou:

— Levando em conta que Serov lhe deu um tapa, não vou abrir um processo disciplinar pelo que você fez com ele. — Apontou para o

primeiro monitor, que mostrava o grandalhão ainda caído no chão, e emendou: — Você tem o sangue quente, *vorobey*. Poderá usar isso a seu favor nesta sua nova profissão. — Sorriu e apontou com o queixo na direção do cômodo adjacente, dizendo: — Tem uma muda de roupa aí. Pode se vestir. A menos que prefira passar o resto da noite nua, claro.

Dominika foi para o quartinho, enfiou-se no vestido reto que encontrou ali, colocou o cinto de plástico e calçou os sapatos pretos de cadarços: o visual socialmente aprovado durante os últimos

cinquenta anos para a mulher soviética moderna.

***

Dominika nunca mais voltou a ver Delon. O final da história viria à tona em partes. Um informante do SVR, que ocupava um posto burocrático na embaixada francesa, relatou que na manhã seguinte o homenzinho pediu uma audiência com o embaixador e confessou ter tido "um relacionamento íntimo e clandestino com uma moça russa". Tivera muita coragem ao descrever a quantidade e a natureza dos documentos que havia

compartilhado, copiado ou comprometido de uma maneira ou de outra. O chefe da Direção Geral da Segurança Exterior em Moscou relatou o caso à matriz em Paris, bem como à Divisão de Contrainteligência da Direção de Segurança Territorial. Não houve escândalo. Uma mulher bonita, *quoi Paire*? O que qualquer um faria?

Sem dúvida os alemães o teriam considerado culpado e o condenado a três anos de detenção. Os americanos teriam taxado o infeliz como mais uma vítima da espionagem sexual e encerrado o caso com uma pena de oito anos. Na Rússia, o *predatel'*, o

traidor, teria sido liquidado. Os franceses, por sua vez, haviam registrado um simples caso de *négligence*. Delon logo foi mandado de volta a seu país de origem e submetido a uma "quarentena" de dezoito meses em um cargo que não lhe oferecia acesso a documentos confidenciais. Agora estava de novo em Paris, mais uma vez junto da filha. No fim das contas seu castigo se resumira a ter de voltar a morar na mansão que a mulher tinha no 16º distrito, apenas com as lembranças, nas madrugadas de insônia, de um apartamentinho encardido em Moscou e um par de olhos azul-

cobalto.

COZIDO DE CARNE DO JEAN JACQUES

Polvilhar farinha temperada sobre cubinhos de carne e selá-los no óleo bem quente. Reservar. Refogar batatas, tomates e cenouras com pedacinhos de bacon, cebola picada e tomilho. Assim que os legumes tiverem amolecido, adicionar a carne, cobrir com caldo e deixar ferver até que esteja bem macia. Misturar com mostarda Dijon e um pouco de creme de leite. Reaquecer e servir.

CAPÍTULO 10

VANYA EGOROV PRATICAMENTE ACENDIA um cigarro no outro, os Gitanes franceses que o *rezident* de Paris lhe enviava de tempos em tempos por mensageiros. Estava com a vista cansada e tinha a sensação de que havia uma bola de ferro esmagando-lhe o peito. Sobre o risque-rabisque de couro vermelho jazia mais um relatório de vigilância do FSB, o terceiro em três meses. Um diplomata americano (supostamente um agente da CIA) fora seguido durante uma operação de doze horas duas noites antes. Várias equipes

haviam sido destacadas para vigiar o jovem ianque, e o contingente aumentara ainda mais com o anoitecer, quando ficou evidente que ele estava mesmo a caminho de um encontro secreto com algum informante. As equipes haviam ficado entusiasmadas ao se darem conta de que o americano não detectara a presença delas, o que era muito raro.

O número final de vigilantes chegara a 120, tal como informava o relatório, com orgulho. As nevascas do dia haviam impedido a utilização de helicópteros, mas as unidades terrestres avançaram aos poucos, revezando-se na posição de "olho".

Ativos pedestres tinham sido distribuídos em todos os itinerários mais prováveis do americano, amparados por equipes motorizadas, e pelo menos um ativo estático fora plantado em sessenta das 180 estações de metrô de Moscou na hipótese de que ele mudasse de caminho de repente. Egorov lia com impaciência as últimas páginas do relatório. *Esses* dolboyobi *do FSB*..., pensou. *Idiotas*.

O sol já se punha quando o americano enfim entrou no parque Sokolniki, na zona norte da cidade. Alheio ao frio e à escuridão crescente, ele atravessou o parque de diversões

decrépito, passou pela roda-gigante enferrujada e seguiu pelo labirinto de árvores nuas até parar diante de uma fonte ornamental seca. Empoleirou-se na borda de cimento e ficou ali, contemplando os canteiros mortos à sua frente. As transmissões criptografadas de rádio se intensificaram. Confirmado: ele realmente saíra para um encontro. Os agentes foram instruídos a manter os óculos de visão noturna voltados para o ianque, mas permanecendo atentos a todos os pedestres. *Todos.* Entre eles haveria algum mais furtivo, nervoso, seguindo para a fonte.

Ao ler o relatório, Egorov podia imaginar os homens do FSB se esgueirando de uma árvore a outra com os óculos de visão noturna, um bando de marcianos verdes e de olhos esbugalhados. Um cão farejador fora levado para localizar qualquer material enterrado. O pastor-alemão era usado para seguir americanos, treinado para identificar os cheiros específicos do sabonete e do desodorante que eles costumavam usar.

Então eles esperaram. E o americano esperou. Muito além dos protocolares quatro minutos. Dez, vinte, trinta minutos se passaram e

nada. O parque estava vazio. O cachorro refez o caminho do americano, mas não encontrou nada: nenhum tesouro enterrado, nenhum marcador fincado no chão, nenhum dispositivo. Os carros equipados com rádio circulavam lentamente em torno do parque, anotando as placas de carro, mais de cem, para que elas fossem investigadas: nada. Por fim o ianque deixou o lugar e, mais uma vez contrariando a tradição da espionagem, foi direto para casa, sem se dar ao trabalho de tentar despistar uma possível e provável operação de vigilância. Os rádios do FSB se calaram.

Egorov arremessou o relatório na bandeja de documentos com visível desdém. O FSB se autoparabenizava por ter realizado uma operação perfeita, já que o alvo nem sequer percebera sua presença. *Grande merda*, pensou o vice-diretor. Muito barulho por absolutamente nada.

***

Vanya Egorov não sabia, mas o zum-zum em torno da operação de vigilância dedicada ao americano havia sido tamanho que Marble, em vez de seguir para o parque Sokolniki para tentar um encontro com o

americano, decidira esperar e observar, posicionado em um ponto de ônibus coberto na Malenkovskaya Ulitsa, a várias quadras da entrada do parque. Seu extraordinário faro nas ruas foi confirmado quando três carros de vigilância estacionaram a uns 100 metros de onde ele estava, os homens desceram e começaram a fumar e a passar garrafas de mão em mão, tentando despistar quem quer que os estivesse observando. Aquele era o erro clássico de uma operação de vigilância em campo: ficar batendo papo em rodinhas e zanzar de um lado para outro feito um bando de baratas tontas.

Bem, mais um adiamento no meu projeto de aposentadoria, pensou Marble. Quantos outros ainda estariam por vir? Enquanto se afastava, ele pensou no que escreveria em seu relatório naquela noite e em quão desesperado estava para achar um motivo que o fizesse sair do país. Ele precisava se encontrar com Nathaniel outra vez.

Na manhã seguinte, Zyuganov, chefe da Linha KR, enviou um memorando confidencial para o general Egorov, um texto cuidadosamente redigido para demonstrar que ele sabia de tudo e que estava no comando da situação.

Seguem algumas explicações possíveis para as atividades do diplomata americano: 1. Pode ter sido um exercício para atrair, e depois quantificar, a capacidade de vigilância do FSB, incluindo a coleta de sinais de inteligência nas frequências criptografadas do serviço; 2. O americano detectou a operação e abortou o encontro marcado, seguindo para o parque apenas para confundir os vigilantes; 3. O informante simplesmente não compareceu, por razões desconhecidas ao americano.

Essa investida por parte dos americanos nos pareceu mal planejada e executada, vindo a confirmar a avaliação que desde o início fizemos do chefe de estação da CIA, Gordon Gondorf, como um oficial mal preparado para lidar com as complexidades de sua posição, fruto infeliz de uma antiga relação de apadrinhamento.

Quem se importa com esse imbecil?, pensou Egorov. *Como se não bastassem os imbecis vaidosos, os incompetentes de costas quentes que temos aqui mesmo, na nossa própria*

casa.

Vanya sabia, ou melhor, estava absolutamente convencido, de que mais uma vez eles haviam metido os pés pelas mãos, de que o informante ainda andava à solta por aí, traindo a Rússia, colocando em risco o futuro político que ele, Vanya, tanto vinha lutando para construir.

Foi então que um telefonema o surpreendeu no meio da tarde, uma ligação do Kremlin, a voz suave do presidente ronronando do outro lado da linha criptografada. Putin estava ciente da operação de vigilância realizada na véspera, a ponto de repetir, praticamente palavra por

palavra, as diversas hipóteses sobre o que acontecera. Vanya logo se deu conta de que o memorando de Zyuganov havia encontrado seu caminho para o gabinete presidencial.

— Uma operação de contraespionagem bem-sucedida seria muito valorizada neste momento — sussurrou o presidente. — Em tempos de crise na pátria mãe, temos menos tempo para lidar com estas *hozjajki*, essas donas de casa, que ficam batendo panelas em protesto por aí. — Seguiu-se um demorado silêncio, mas Vanya sabia que a ligação ainda não havia

terminado. Conhecia muito bem as cadências da fala de Putin. — Não podemos contar com o luxo do tempo, general — concluiu enfim, e só então desligou.

Vanya ficou olhando para o telefone por alguns segundos antes de colocá-lo no gancho. *Sookin syn*. Filho da puta. Pressionou um dos botões do interfone e disse:

— Ligue para Zyuganov imediatamente.

O informante ainda estava à solta, mas se as reuniões clandestinas em Moscou não estavam funcionando, o mais provável era que os novos encontros passassem a

acontecer fora do país. E Nash estava logo ali do lado, na Finlândia. Nathaniel Nash. Vanya pressionou o botão do interfone mais uma vez e ordenou:

— Egorova, minha sobrinha. Agora.

Em vinte minutos Dominika já se encontrava à sua frente. Ao lado dela estava Zyuganov, chefe da contrainteligência, as duas mãos plantadas nos braços da cadeira, os pés mal tocando o chão. Como sempre, o baixote havia abotoado de cima a baixo o paletó do terno vagabundo, e também como sempre tinha no rosto aquele sorrisinho

altivo que tanto irritava Vanya. Alexei Zyuganov, o anãozinho peçonhento.

Dominika, por sua vez, estava linda no terninho azul-marinho do uniforme, os cabelos presos no coque regulamentar. Ao olhar de relance para Zyuganov, ela viu triângulos negros atrás da cabeça dele. Não era tão nova assim no serviço que não tivesse ouvido falar das façanhas daquele demônio nas celas de tortura da KGB na época dos estertores da União Soviética.

As histórias eram sussurradas pelos corredores, narrativas inacreditáveis, repetidas apenas entre amigos de confiança no SVR.

Nos velhos tempos Zyuganov fora um dos dois principais carrascos da KGB, jovem demais mas perfeitamente talhado para o serviço, uma vez que era imune aos horrores envolvidos nele. Dizia-se que o anão tinha verdadeiro fascínio pelo que fazia, que salivava de prazer ao pendurar um prisioneiro numa viga qualquer, ao torturar alguém numa mesa ou numa superfície inclinada com a cabeça apontada para o esgoto. Comentava-se à época que ele manipulava seus prisioneiros como se fossem bonecos de pano, virando-os de um lado para outro, reposicionando pernas e braços

enquanto falava com eles. Dominika podia imaginar as roupas ensanguentadas, os hematomas por toda parte, os...

— Parece que você e eu estamos sempre nos encontrando por aqui — disse Vanya, bem-humorado. — É muito bom revê-la, minha sobrinha. Dominika afastou da cabeça as imagens grotescas. Ao ver o halo amarelado em torno do tio, achou que a reunião poderia ser interessante. — Obrigada — respondeu calmamente.

E se preparou para o que estava por vir.

— Fiquei satisfeito ao saber que

o general Korchnoi lhe ofereceu um lugar no Departamento das Américas.

Ora, desembuche de uma vez, ela pensou.

— Quando o coronel Simyonov me dispensou do Quinto, fiquei sem ter para onde ir. Sou grata ao general pela oportunidade que está me dando — retrucou Dominika.

— Korchnoi falou que ficou muito impressionado com seu trabalho com o francês.

— Embora a operação tenha sido um fracasso... — completou Dominika.

— Todos temos nossos sucessos

e fracassos — contemporizou Vanya, banhado em amarelo, a simpatia em pessoa.

Dominika levantou um pouco o tom de voz:

— A operação contra Delon ainda estaria em andamento se o Quinto não tivesse agido tão prematuramente. Poderíamos ter conseguido acesso ao Ministério de Defesa da França.

— Eu li o arquivo — interveio Zyuganov. — Havia mesmo essa possibilidade. Por que não foi explorada?

Dominika precisou fazer algum

esforço para não arregalar os olhos ao ver as parábolas negras que se formavam atrás dos ombros de Zyuganov, feito as asas de um morcego. *Shaitan*, ela pensou. O demônio.

— Isso o senhor vai ter de perguntar ao chefe do Quinto Departamento — respondeu ela, sem fitar o anão diretamente, sem querer ver o que habitava o interior daqueles olhos diabólicos.

— Talvez eu pergunte — retrucou Zyuganov.

— Já chega. Recriminações não levam a lugar algum — falou Vanya. — Cabo Egorova, não cabe a você

questionar as decisões dos seus superiores — emendou suavemente.

Sem tirar os olhos do tio, e com a mesma delicadeza dele, Dominika disse:

— É por isso que o serviço tem tanta dificuldade para continuar existindo. Graças a atitudes como essa, a oficiais como Simyonov, a Rússia não pode competir com os gigantes. Agentes como ele são sanguessugas grudadas na barriga da pátria, sugando todo o sangue dela, impossíveis de ser retiradas.

O silêncio se abateu sobre a sala enquanto Dominika e Vanya se encaravam e Zyuganov olhava para a

jovem com as mãos imóveis na cadeira.

— Ah, minha sobrinha, o que eu vou fazer com você? — disse Vanya afinal, ficando de pé e se dirigindo às janelas panorâmicas. — Seu currículo é muito bom, seria uma pena que você colocasse sua carreira em risco. O modo como acabou de falar comigo bastaria para que fosse afastada do serviço. Então, gostaria de prosseguir com as reclamações? — Dominika já podia prever o que ele diria a seguir. Não se enganou. — Pense na sua mãe, minha querida. Ela precisa da sua ajuda.

— Estou abusando do nosso

parentesco, eu sei — admitiu ela. — Mas nosso trabalho é importante demais, não podemos deixar que ele continue sendo minado dessa maneira.

Observando o tio diante das vidraças, Dominika teve certeza de duas coisas. Primeiro, ele não se importava com nada daquilo. Tinha em mente algum objetivo maior e precisava dela para alguma coisa, e só por isso ainda não a degolara. Segundo, Zyuganov sorvia cada palavra dela, irradiando seu calor como uma fornalha dos infernos. Era desses que não ficavam satisfeitos a menos que tivessem alguma presa

para triturar. Dominika ainda não ousava encará-lo.

Olhando para fora, Vanya balançou a cabeça. *Bem-vindo ao moderno SVR*, pensou. *Melhorias, reestruturações, relações públicas, agentes do sexo feminino, novatos criticando veteranos.*

— Quer dizer então que você não aprova os velhos métodos? — indagou à sobrinha.

— Não gosto de ver uma operação fracassar quando poderia ter sido bem-sucedida, só isso — rebateu ela.

— E acredita que está pronta

pra conduzir a própria operação?

— Com o apoio e os conselhos de oficiais como o senhor e o general Korchnoi... E do coronel Zyuganov também, claro — respondeu Dominika, obrigando-se a incluir o diminuto necrófilo a seu lado.

Zyuganov virou-se para ela e assentiu.

— Muitos diriam que você é jovem e inexperiente demais, mas veremos — falou Vanya. Dominika não deixou de reparar seu tom cordato, mas sabia que o bote não tardaria a vir. — Infelizmente você terá de abrir mão do Departamento das Américas caso aceite a missão

que tenho em vista pra você.

— Qual é a missão? — quis saber ela.

Daria um grito se ouvisse que teria de seduzir mais alguém.

— Uma ação externa — explicou Vanya. — Uma *rezidentura* com trabalho operacional de verdade: uma missão de recrutamento. — As lembranças que ele mesmo guardava das ações externas eram muito vagas, mas Vanya falava como se tivessem sido as melhores de sua vida.

— Uma missão no exterior?

Dominika não sabia o que

pensar. Nunca saíra da Rússia.

— Na Escandinávia. Preciso de alguém novo por lá, uma pessoa com a cabeça fresca, com os talentos que você tem demonstrado até agora.

Meus talentos na cama, pensou Dominika. Vendo o azedume no olhar dela, Vanya logo tratou de esclarecer:

— Não, não é isso que você está pensando. Preciso de você como uma *operupolnomochenny*, uma agente operacional.

— É isso que eu sempre quis — disse ela. — Fazer parte do serviço, trabalhar pela Rússia.

Zyuganov falou, e sua voz saiu

oleosa, as palavras negras feito carvão:

— Pois é exatamente isso que você fará. Trata-se de uma missão delicada que demandará muita habilidade. Talvez a mais difícil de todas: neutralizar um agente da CIA.

***

De seu escritório, Maxim Volontov, *rezident* do SVR na embaixada russa em Helsinque, viu Dominika atravessar o corredor para devolver as pastas pardas à sala de arquivo onde elas deviam pernoitar. Desde que chegara de Moscou, Dominika retirava esses documentos

e os lia numa área reservada, em geral fazendo anotações num caderno. Ao fim do dia todo o material era restituído ao arquivista, tal como preconizavam as normas da *rezidentura*. Além de Volontov, Dominika era a única oficial com permissão de acesso àquele arquivo em particular. Tratava-se de uma cópia de todo o material que o pessoal do SVR em Yasenevo juntara a respeito de Nathaniel Nash, o americano da CIA.

Ao ver as pernas de bailarina da recém-chegada, Volontov ficou imaginando o corpo escultural por baixo daquela camisa de alfaiataria.

Aos 55 anos, era um homem gordo e cheio de verrugas que cultivava, no topo da cabeça, um volumoso topete grisalho que devia usar desde a década de 1950. Num dos molares Volontov tinha uma obturação de ouro, visível apenas quando ele sorria, ou seja, nunca. Seus ternos eram sempre escuros, largos demais e brilhantes em algumas partes. Enquanto os espiões atuais tinham acompanhado os sinais da modernidade, Volontov estacionara no passado no que se tratava de vestuário.

Dominika observava com atenção o tom da neblina que cercava

a cabeça oval do sujeito, o laranja da falsidade e do oportunismo, diferente do amarelo encardido dos moscovitas. Tratava-se de um macaco velho que sobrevivera a todas as dificuldades da KGB, um maria vai com as outras esperto o bastante para se adaptar aos novos tempos. Pois era esse mesmo instinto de sobrevivência que lhe dizia para ficar longe da sobrinha do primeiro vice-diretor do SVR, por mais que lhe custasse. Além disso, a gostosa tinha chegado a Helsinque com uma missão especial, uma operação bastante delicada. Após uma semana de preparação,

Dominika estava pronta para comparecer à recepção daquela noite, o primeiro compromisso diplomático que ela teria em sua incipiente carreira: a Festa Nacional da Espanha, na elegante embaixada espanhola, onde tentaria fazer o primeiro contato com o americano Nash. Volontov também estaria presente, observando-a de longe. Seria interessante ver como ela se sairia na recepção. Era nisso que ele pensava quando de repente se lembrou dos deliciosos salgadinhos que os espanhóis sempre serviam.

Dominika havia sido alojada na parte antiga da cidade, num

apartamento alugado às pressas segundo as orientações recebidas de Moscou, distante dos cubículos em que ficavam os demais integrantes da comunidade diplomática russa. Helsinque era, para ela, um paraíso de ruas sempre limpas, de fachadas multicoloridas, de cornijas nas janelas e cortinas de renda por toda parte, inclusive nas lojas.

Foi em seu confortável apartamentinho que Dominika se arrumou para a recepção dos espanhóis. Maquiou-se, vestiu-se e penteou os cabelos, sentindo o cabo da escova quente nas mãos, tão quente quanto ela própria, que estava

pronta para a batalha. Barras de cor ondulavam à sua volta: vermelho, magenta, lilás: paixão, entusiasmo, desafio. Repassou mentalmente o que Volontov lhe instruíra a fazer com o americano: na primeira noite, estabelecer contato; nas semanas seguintes, monitorar o alvo; em seguida, transformar os encontros em rotina, fortalecer os laços de amizade, estimular a confiança, descobrir padrões e hábitos. Fazê-lo falar.

Ainda em Moscou, ela também recebera instruções de Zyuganov:

— Alguma pergunta, cabo? — dissera ele, e, sem esperar a resposta,

prosseguiu: — Espero que tenha entendido que não se trata de uma operação de recrutamento, pelo menos não no sentido tradicional. Nosso principal objetivo não é a arregimentação de um informante. — Ele umedeceu os lábios. Dominika não dizia nada, nem sequer piscava. — Não — prosseguiu Zyuganov. — Trata-se sobretudo de uma armadilha, uma arapuca. Precisamos apenas de uma indicação, ativa ou passiva, de quando e como esse americano se encontra com o traidor russo. Do resto, cuido eu. — Olhou para Dominika, inclinou a cabeça ligeiramente e falou: — Está

entendendo? — Depois, num tom de voz mais amistoso, emendou: — Cabe a *você* levá-lo a falar. Faça do jeito que achar melhor.

Ele a encarava. Dominika tinha certeza de que, de alguma forma, ele sabia que ela conseguia ver cores. Seus olhos pareciam dizer: *Leia-me se for capaz*. Ela agradeceu pelas instruções e saiu da sala o mais rápido possível.

Nash era um agente treinado na CIA. Todo cuidado com ele seria pouco, até mesmo no primeiro contato. Mas a diferença era que a operação agora era *dela.* Era *ela* quem estava no comando daquele

barco.

Dominika largou a escova, cravou as mãos nas bordas da penteadeira e se olhou no espelho, tentando imaginar como seria o americano. Perguntou-se o que fazer caso ele não gostasse dela. Haveria algum modo de se inserir nas atividades dele? A abordagem correta teria de ser determinada logo. Ela recordou suas técnicas: identificar, avaliar e manipular as vulnerabilidades do alvo. Em seguida, aproximando ainda mais o rosto do espelho, lembrou que Volontov estaria lá para observá-la. Mais que isso, todos os olhos em Moscou

estariam voltados para o desempenho dela. Tudo bem. Ela mostraria do que era capaz.

Os americanos eram materialistas, vaidosos, *nekulturny*. Os instrutores da academia sempre frisavam que a CIA obtinha seus sucessos apenas com dinheiro e tecnologia, uma vez que era desprovida de alma. Dominika mostraria ao ianque o que era alma. O s *amerikanskiy* também eram moles, não gostavam de conflito nem de correr riscos. Dominika o faria confiar nela. A KGB havia dominado os americanos durante a Guerra Fria de Krushchev, na década de 1960.

Pois agora era a vez dela. Dominika sentiu as mãos doerem, tamanha a força com que segurava a penteadeira. Vestiu o casaco e foi para a porta. O agente da CIA nem fazia ideia do que o aguardava.

***

O salão palaciano da embaixada espanhola resplandecia sob a luz de três gigantescos candelabros de cristal. Numa das fachadas, portas francesas davam para um jardim ornamental, mas estavam fechadas em razão do frio daquele fim de outono. O lugar se apinhava de gente, e uma centena de imagens passava

diante de Dominika, que do alto de um degrau observava a multidão: ternos, smokings, vestidos de gala, pescoços nus, penteados elegantes, sussurros, risadas espalhafatosas, cinzas de cigarro nas lapelas, copos envolvidos em guardanapos de papel. Dezenas de idiomas eram falados ao mesmo tempo, e o vozerio era constante. Uns andavam de lá para cá, outros se aglomeravam diante dos bufês à beira do salão. Dominika se obrigava a ignorar o caleidoscópio de cores, receando uma overdose.

Perguntava-se como faria para localizar Nash em meio àquele rebanho. Era possível até que ele não

estivesse lá. Minutos depois de descer para o salão, ela já se via acuada por diversos homens mais velhos, sem dúvida diplomatas, que falavam alto demais, chegavam perto demais e olhavam para o decote dela de forma acintosa demais. Dominika usava um terninho cinza e um colar de pérolas. Estava com o paletó abotoado e ele vez ou outra deixava à mostra a renda preta da blusinha que vestia por baixo. *Sensual sem* ser vulgar. Com *sofisticação*. As escandinavas, sim, entendiam de vulgaridade. Prova disso era a loura escultural parada perto de uma das portas francesas, que mal cabia no

top de caxemira que escolhera para valorizar os seios. Os cabelos eram quase brancos de tão louros, e ela remexia neles enquanto ria de algo que acabara de ouvir de um jovem diplomata. *O* jovem diplomata. Ali estava Nash. Ela já vira aquele rosto centenas de vezes nas fotos do arquivo.

Dominika seguiu na direção das portas francesas, mas o salão parecia o metrô de Moscou em horário de pico. Quando enfim conseguiu chegar lá, Miss Escandinávia e Nash já tinham se afastado. Tentou localizar os cabelos platinados da mulher, mais alta que todos ali, mas não foi

bem-sucedida. Tal como aprendera na academia, percorreu o salão pelas bordas, em sentido horário, sempre à procura de Nash. Dali a pouco avistou o *rezident* Volontov, que devorava um prato de *tapas* junto a um dos bufês, alheio a tudo e a todos. Ele agora abocanhava uma tortilha.

Dominika continuou circulando. A certa altura avistou os ombros largos da amazona escandinava, que agora era cortejada por pelo menos quatro homens. Nash não estava entre eles. Ela enfim o localizou mais adiante, próximo a um dos balcões de bebida. Dominika se aproximou de uma coluna e ficou parada em uma

postura casual, fora da vista dele.

De cabelos escuros e porte atlético, o americano vestia um terno azul-marinho com uma camisa azul-clara e uma gravata preta simples. Tinha um semblante franco e acessível. *E um sorriso encantador*, pensou ela. Um sorriso que irradiava sinceridade. O mais espantoso de tudo, no entanto, era a cor da aura dele, uma das mais bonitas, um tom fechado de violeta que denotava honestidade, calidez e segurança. Um tom que ela vira em apenas outras duas pessoas: o pai e o general Korchnoi.

Nash conversava com um

homem baixo, calvo e de nariz batatudo que devia ter 50 e poucos anos. Dominika o reconheceu. Tratava-se de um dos tradutores da embaixada russa. Como era mesmo o nome dele? Trentov? Titov? Não, Tishkov. O intérprete pessoal do embaixador. Falava inglês, francês, alemão e finlandês. Usando a multidão como escudo, ela se aproximou do balcão de bebidas, serviu-se de uma taça de champanhe e começou a entreouvir a conversa da dupla. Nash falava russo perfeitamente, quase sem sotaque, e até mesmo gesticulava como um russo nativo, abrindo e fechando as

mãos como se as palavras precisassem de um empurrãozinho. Impressionante. O suarento Tishkov empunhava um copo de uísque enquanto ouvia, nervoso, o que ele dizia, ora balançando a cabeça, ora erguendo os olhos para o teto.

Dominika deu um gole no champanhe e se aproximou ainda mais, espiando Nash por sobre a borda da taça. Ele mantinha alguma distância de Tishkov, sem sufocá-lo, mas inclinava o tronco para a frente ligeiramente quando precisava se fazer ouvir em meio àquela confusão. Contava ao homem a história do cidadão russo que estacionara o

carro na frente do Kremlin.

— Um policial veio correndo na direção dele e disse: “Ficou maluco? Não sabe quem trabalha aí? Todos os políticos do governo!” Aí o outro respondeu: “Não tem problema. Meu carro tem alarme.”

Tishkov tentou não rir.

Da outra ponta do bufê, Dominika viu o americano pegar mais um uísque para o tradutor. Agora era Tishkov quem contava sua história, segurando o braço de Nash ao falar. Nash ria, e Dominika podia ver muito bem o charme que ele destilava para cima do russo. Atencioso, simpático, discreto. Sabia

como deixar seu interlocutor à vontade. *Um espião de verdade*, ela pensou.

Deixando-os de lado por um instante, Dominika voltou os olhos para Volontov e viu que, do outro lado do salão, o *rezident* verruguento simplesmente ignorava aquele caso clássico da espionagem: o agente americano que tentava seduzir um alvo em potencial. A certa altura, Nash esquadrinhou o salão de forma bem discreta e eles se entreolharam por uma fração de segundo. Dominika logo virou o rosto e ele voltou a atenção para Tishkov sem registrar a presença dela. Mas

naquele instante mínimo Dominika sentiu um frio na espinha, o frisson natural de uma agente que cruza olhares com seu alvo pela primeira vez. Sua presa. Ou seu inimigo número um, tal como diziam na academia.

Ela voltou para perto da coluna e ficou observando o americano de longe, fascinada com a naturalidade dele, com sua capacidade de manter o interesse do interlocutor. Seguro, mas sem a petulância dos ogros que ela conhecera no Quinto Departamento. *Sympatichnyi.* Àquela altura, ela não tinha mais nenhum receio sobre a abordagem, que

imaginara que seria muito difícil. Sua vontade era ir lá naquele mesmo instante e se fazer notar para depois entrar na cabeça dele, tal como praticara com Mikhail em Moscou, usando o rosto e a linguagem corporal como iscas. Bastaria chegar mais perto, apresentar-se rapidamente e...

Não. Calma, Dominika. Enquanto Tishkov estivesse por perto, ela não poderia abordar ninguém. As instruções de Moscou haviam sido claras. O contato entre eles deveria ser de natureza pessoal, não profissional, e ninguém da embaixada deveria ficar sabendo,

exceto Volontov. Ela deveria agir com frieza e profissionalismo. Era isso que a operação demandava e era isso que ela pretendia fazer. Portanto, para se aproximar do americano seria necessário encontrar outra estratégia que não fosse simplesmente bater ponto em todos os eventos diplomáticos em Helsinque nos próximos doze meses.

***

Vários dias depois, o destino deu a Dominika a oportunidade de que ela tanto precisava, e num lugar que dificilmente teria previsto. Apesar da entrada discreta sob uma

placa de neon quase imperceptível, a piscina pública de Yrjönkatu, no centro de Helsinque, era uma joia neoclássica, construída nos anos 1920 nas imediações da estação ferroviária. Luminárias de cobre art déco corriam ao longo do mezanino que sobrelevava a bela piscina, projetando sombras cinematográficas sobre o mármore cinzento das pilastras e a cerâmica do piso.

Graças às inúmeras sessões de hidroterapia na escola de balé, Dominika era uma nadadora disciplinada e forte. Começara a frequentar a piscina pública, que

ficava a poucos quarteirões de seu apartamento, apenas como uma válvula de escape. Havia optado pelo horário do almoço, uma vez que as ruas eram muito escuras e frias à noite, e a solitária caminhada de volta para casa a deixava deprimida. Além disso, ela vinha se sentindo cada vez mais sozinha e irritadiça. Volontov, refletindo a impaciência de Moscou, não parava de pressioná-la para arranjar logo aquele primeiro encontro com Nash, sem levar em conta a dificuldade de se arquitetar uma "trombada" fortuita e plausível, mesmo numa cidade relativamente pequena como Helsinque.

A oportunidade de Dominika surgiu quando Volontov pediu que ela terminasse um relatório urgente para Yasenevo e ela precisou trocar o horário da natação. Apesar da escuridão e do frio, foi à piscina depois do trabalho e justo nesse dia avistou Nate saindo do vestiário masculino com uma toalha pendurada no pescoço. Estava sentada numa ponta da piscina com as pernas na água. Sem nenhuma pressa, ficou de pé, seguiu na direção de uma das pilastras de mármore e ficou observando o americano dali. Ele nadava com técnica e eficiência.

Dominika precisou conter o

nervosismo, sem saber ao certo se devia pular de cabeça naquela piscina e naquela história. Poderia simplesmente esperar e apaziguar Volontov dizendo que já identificara um dos hábitos de Nash e agora bastaria conceber uma abordagem. Mas isso seria visto apenas como um atraso desnecessário. Talvez fosse melhor entrar em ação já, naquele mesmo instante. Ali estava uma oportunidade perfeita para um primeiro contato que pareceria fortuito e natural. *Vamos lá, mãos à obra*.

Usando um recatado maiô de lycra e uma touca de borracha

branca, Dominika voltou para a água e foi lentamente passando pelas raias até se aproximar de Nate. Começou a nadar sem nenhuma pressa, deixando que ele a ultrapassasse duas vezes. Fez os cálculos para que a terceira ultrapassagem acontecesse na borda, esperou o americano dar sua preguiçosa virada para percorrer os próximos 25 metros e seguiu nadando ao lado dele sem grande esforço. Nenhum dos dois estava indo muito rápido. Através dos óculos ela podia ver o corpo dele sob a água, movimentando-se ao ritmo das braçadas de crawl. Os dois chegaram juntos à outra borda da

piscina e foram nadando de volta para a parte funda. Só então Nate percebeu a presença dela a seu lado. Olhando sob a superfície, viu que se tratava de uma mulher, elegante em seu maiô escuro, resoluta nas braçadas.

Nate imprimiu um pouco mais de velocidade para ver se conseguia ultrapassar a misteriosa nadadora, mas Dominika não teve dificuldade para acompanhá-lo. Mais uma vez ele acelerou, mas ela continuou firme a seu lado. Nate aumentou a rapidez das pernadas. Ela também. Vendo que a borda estava próxima, ele se decidiu por uma virada olímpica e

um tiro final na velocidade máxima. *Vamos ver se ela topa o desafio*, pensou. Então encheu os pulmões de ar, fez a virada e seguiu nadando a toda, os braços perfeitamente arqueados, as mãos fincando a água com a regularidade de um metrônomo, os ouvidos retumbando com o *tchof-tchof-tchof* das braçadas. Ao aumentar o vigor das pernadas, sentiu a onda que se formou em torno da cabeça e dos ombros. Ele agora respirava apenas para um dos lados, oposto ao de sua adversária. Haveria tempo de sobra para analisá-la quando ele alcançasse a borda e ficasse esperando a chegada dela.

Nos últimos metros ele espichou o tronco o máximo possível e virou o rosto para olhar na direção da mulher, que devia estar no encalço dele. Mas ela se encontrava logo ali a seu lado. Na verdade, batera na borda com uma vantagem de alguns milésimos de segundo. Dominika ficou de pé, tirou a touca e sacudiu os cabelos molhados enquanto olhava para ele.

— Você nada muito bem — observou Nate em inglês. — Faz parte de alguma equipe?

— Não — respondeu Dominika. — Nunca fiz.

Nate observou os ombros fortes

dela, as mãos elegantes que se apoiavam na borda, as unhas curtas, os olhos azuis e eletrizantes. Pensou ter percebido um leve sotaque báltico ou russo no pouco que ela dissera. Muitos finlandeses falavam inglês com um sotaque russo.

— Você é daqui mesmo, de Helsinque? — perguntou ele.

— Não, sou russa.

Dominika observou o rosto dele em busca de alguma reação de desprezo ou pouco-caso. Em vez disso, deparou com o lindo sorriso que já vira na recepção dos espanhóis. *E então, Sr. CIA?*, ela pensou. *O que você vai dizer agora?*

— Uma vez tive a oportunidade de ver a equipe de natação do Dínamo na

Filadélfia — comentou Nate. — Eram muito bons, sobretudo no borboleta. A água se agitava em torno dos ombros dele, refletindo a aura violeta.

— Claro — retrucou Dominika. — Os nadadores russos são os melhores do mundo.

Pensara em dizer “os atletas russos são os melhores do mundo”, mas achara melhor não exagerar. Precisava se concentrar. O contato já fora feito, ele já sabia qual era a nacionalidade dela. O passo seguinte

seria jogar o anzol e esperar. Ela foi para a escadinha e saiu da piscina.

— Você vem sempre à noite? — indagou Nate assim que ela se despediu.

— Não. Meus horários são irregulares — respondeu Dominika. — Muito irregulares — emendou, e viu uma centelha de decepção no olhar dele. Bom sinal. — Não sei quando vou voltar, mas quem sabe a gente se vê por aí?

Caminhando para o vestiário, ela sentiu o olhar quente do agente americano às suas costas.

***

Eles voltaram a se encontrar na piscina dali a dois dias. Ele acenou com a mão e ela respondeu com um discreto meneio da cabeça. Mais uma vez nadaram lado a lado. Dominika não tinha pressa: fingia indiferença e agia de um modo formal e reservado, um contraponto proposital à irritante informalidade dos americanos. Volta e meia dizia a si mesma que não precisava ficar tão nervosa. Via no olhar de Nate que ele não suspeitava de nada. E vibrava com isso. O agente da CIA não sabia com quem estava se metendo. Quando terminou de nadar, ela novamente saiu da piscina depressa. Mas dessa vez olhou de

volta para Nate e acenou sem sorrir. Por enquanto era o suficiente.

Ao longo das semanas seguintes eles se encontraram mais cinco ou seis vezes, nenhuma delas por acaso. Quase todas as noites Dominika ia para o Torni Hotel e ficava de sentinela no saguão, de onde podia ver Nate chegar à piscina do outro lado da rua. Até onde sabia, não havia nenhum esquema de vigilância para protegê-lo.

Ela tentava esquentar as coisas com incrementos pequenos e imperceptíveis. Com o passar do tempo, nada mais natural que eles se apresentassem. Nate disse que era

diplomata na embaixada americana e trabalhava no setor econômico; ela falou que era assistente administrativa na embaixada russa. Ouviu a mentira dele, depois contou a sua. Impressionada com a naturalidade de Nate, ficou se perguntando que tipo de treinamento ele poderia ter recebido. Era um americano típico: ingênuo, incapaz de uma boa *konspiratisa*. Ele a fitava sem nenhuma malícia, o roxo da aura sempre o mesmo.

Nate, por sua vez, pensava: *meu Deus, como ela é séria. Uma russa típica: morre de medo de dar um passo em falso.* Mas gostava da discrição da

moça, da sensualidade comedida, do modo como o encarava com os olhos azuis. Apreciava sobretudo a forma como ela pronunciava seu nome: *Neyt*. Uma pena não haver ali nenhum potencial de espionagem. Tratava-se apenas de uma secretariazinha bonitinha da embaixada. Moscovita, cerca de 25 anos... Assim que possível ele espiaria o sobrenome dela na carteirinha do clube. Para ter saído de Moscou tão nova, certamente era sustentada por alguém. Afinal, com uma carinha daquelas... O corpo que se insinuava sob o maiô também não era nada mau. Inatingível. Nate decidiu que solicitaria um

rastreamento do nome dela apenas como medida protocolar. Sabia que aquilo não daria em nada.

Para Dominika, aquela operação era bem diferente de uma armadilha sexual contra um inofensivo europeu em solo russo: era uma operação em solo estrangeiro contra um agente da CIA. Sabia que teria que ser cautelosa e paciente. Já enviara um relatório inicial para Yasenevo, detalhando os primeiros contatos com o americano, mas Volontov ainda insistia para que ela avançasse.

Algumas semanas se passaram e até então nenhuma resposta havia chegado de Washington sobre o

rastreamento solicitado. *Típico*, pensou Nate. Mas e daí? Para ele já estava suficientemente bom encontrá-la de vez em quando e se afogar naqueles olhos azuis. Por duas vezes conseguira fazê-la sorrir, sabendo que ela falava inglês bem o suficiente para entender uma piada. Não arriscaria assustá-la ainda mais com seus conhecimentos de russo.

Certa noite eles se dirigiram juntos para a escadinha da piscina e seus corpos se aproximaram mais que de costume, roçando acidentalmente sob a água. Nate pôde sentir o coração dela batendo forte sob a lycra do maiô. Ofereceu a

mão para ajudá-la a subir e ela aceitou. A mão de Dominika era forte, quente. Nate a segurou por um instante a mais que o necessário. Não viu nenhuma reação em seu rosto, mas sustentou o olhar dela até vê-la tirar a touca para sacudir os cabelos.

Dominika sabia que estava sendo observada. Procurou manter-se calma, distante. O que o americano diria se descobrisse que ela fora treinada como pardal, se soubesse o que ela fizera com Delon e Ustinov? Dominika já decidira que não o levaria para a cama, mesmo sabendo que ouviria, em Helsinque, os berros que seriam dados em Moscou. Não,

ela cumpriria sua missão com disciplina e inteligência. Achava que já era hora de dar um passo adiante e começar a desvendar o americano — hora de perturbar um pouco a irritante constância daquela aura violeta.

Foi por isso que ela aceitou quando Nate, naquela mesma noite, convidou-a para tomar um vinho num dos bares locais. O rosto dele se iluminara, primeiro de surpresa, depois de felicidade. Ambos estranharam um pouco quando se viram vestidos da cabeça aos pés na calçada.

Acariciando sua taça de vinho,

foi Dominika quem puxou conversa. De que parte dos Estados Unidos ele vinha? Tinha irmãos? Com que sua família trabalhava? Ela ia ticando as perguntas mentalmente, preenchendo as lacunas de uma hipotética ficha cadastral.

Se Nate não soubesse que não era o caso, pensaria estar sendo submetido a um interrogatório policial. Talvez ela estivesse um pouco nervosa, afogando-o em perguntas apenas para evitar falar de si mesma. Assim eram os russos: ora intensos demais, ora inexpressivos. Nate preferiu esperar até que ela se sentisse mais à vontade. Não queria

forçar nenhuma barra, receando afugentá-la. Mas... afugentá-la de quê? Ela não era um alvo em potencial e ele não iria levá-la para a cama.

Ele chamou o garçom e pediu uma porção de pão preto com queijo. *Que ótimo*, pensou Dominika, *ele deve achar que é só isso que os russos comem*. Ela recusou a segunda taça de vinho e enfim disse que precisava ir. Nate perguntou se podia acompanhá-la até em casa.

À porta do prediozinho moderno, Dominika viu claramente que ele hesitava diante da enormidade que era se inclinar para um beijinho de despedida na

bochecha. Os homens eram mesmo todos iguais. Antes que ele pudesse se decidir, ela estendeu a mão, esperou que ele a apertasse e entrou na portaria do prédio. Através da porta de vidro, viu-o partir com as mãos enterradas nos bolsos.

A oficial de inteligência do SVR, devidamente treinada na AVR e na Escola de Pardais, parabenizou a si mesma pelo sucesso da noite, pelos progressos obtidos, sobretudo pela cereja do bolo: não ter deixado que ele a beijasse à porta de casa. Em seguida, riu. A cortesã que já levara um magnata russo à morte e conduzira um diplomata francês à

própria desgraça agora não permitia nem sequer um casto beijinho de boa-noite.

***

— E aí, Romeu? — cumprimentou Forsyth à porta da sala de Nate na estação. — Já viu o cabograma que chegou do QG hoje de manhã sobre a sua nadadora preferida?

Ele se referia ao resultado do rastreamento que Nate solicitara a Washington com os dados de Dominika Egorova (local e data de nascimento: Moscou, 1989; ocupação: assistente administrativa

na embaixada russa). Fazia mais de um mês que ele fizera o pedido. Estava esperando uma resposta negativa, algo como "rastro zero no QG", já que a moça nem sequer constava do banco de dados local. Ela dissera que ocupava um posto administrativo qualquer nos níveis mais baixos da hierarquia. Nate também havia passado a Washington as circunstâncias do contato realizado, os encontros esporádicos na piscina. A seu ver, um contato absolutamente inútil. Nenhum acesso, nenhum potencial.

— Não, ainda não — respondeu Nate. — Está no quadro de leitura?

— Aqui está a minha cópia. Dê uma olhada nisso — disse Forsyth, e deixou escapar um risinho ao entregar o papel.

Gable surgiu de repente às costas dele.

— E aí? — perguntou. — Nosso galã de plantão já leu as novidades?

Ele também estava rindo.

Sem olhar para eles, Nate deu início à leitura:

- Segundo rastreamento realizado, elemento é cabo do SVR,

possivelmente na Diretoria I (Tecnologia e Disseminação de Informações). Data aproximada de admissão no serviço público: 2007-2008. Formado pela Academia de Inteligência Externa (AVR), 2010. Provável parentesco com primeiro vice-diretor do SVR, Ivan (Vanya) Dimitrevich EGOROV. Elemento estacionado na Finlândia não consta dos quadros do Ministério de Relações Exteriores da

Federação Russa, o que sugere uma contratação temporária ou missão operacional específica com duração limitada.

- Comentário: o contato referido é de interesse do QG em razão do parentesco com a alta chefiado SVR, o que talvez lhe dê uma oportunidade única de acesso e sem dúvida justifica uma operação de recrutamento.
- Parabéns à estação pela diligência na localização e

no desenvolvimento de novos alvos. Encorajamos que o agente iniciador dê sequência aos trabalhos de avaliação e progresso. QG à disposição para qualquer auxílio necessário. Saudações.

Nate enfim ergueu o rosto e olhou para Forsyth e Gable, que ainda esperavam à porta.

— Nunca houve um rastreamento com uma resposta melhor do que esta — observou Forsyth. — Isso pode levar a algo

bastante importante se você conseguir fazer o recrutamento.

Nate sentiu as pernas pesarem feito dois blocos de cimento.

— Não sei... Tem algo errado nisso, Tom. O nível hierárquico dela é baixo demais. Nem sei se ela é recrutável ou não, isso a gente só vai saber depois. Mas, sei lá, a garota me parece meio... distante, fechada. — Ele olhou mais uma vez para o papel em suas mãos. — Aquela academia de Moscou ficou mais de cinquenta anos sem aceitar mulher nenhuma. Eu poderia desperdiçar, sei lá, uns seis meses de trabalho pra depois dar com os burros n'água. Acho melhor

encontrar outro alvo e me concentrar nele.

Gable deu um passo à frente e disse, rindo:

— Ficou maluco, não ficou? Você só pode estar brincando. Uma gata daquela, e ainda por cima parente de um chefão do SVR? É melhor você dar uma boa investigada, meu irmão. Sem essa de procurar outro alvo. Porque você já tem um nas mãos, caindo de maduro, pedindo pra ser colhido.

— Eu sei, eu sei — concordou Nate. — É que... ela não faz o tipo "agente do SVR". É meio tristonha, meio travada, pelo menos na minha

avaliação — comentou, dando de ombros.

— Faça a avaliação que quiser, cara, mas o que você tem nas mãos é um belo prospecto de desenvolvimento — afirmou Gable, e foi saindo para o corredor. — Me procure quando estiver pronto pra discutir uma estratégia operacional.

Forsyth também se retirou depois de se despedir com uma piscadela.

Bem, vamos ver no que isso vai dar, pensou Nate. Ele achava tudo aquilo uma perda de tempo, mas procurou se animar. Dali em diante Dominika Egorova seria bem mais

que um rostinho bonito: seria um alvo a ser trabalhado.

***

Mais adiante, na mesma rua da embaixada americana, na embaixada russa, Volontov repreendia Dominika por conta da lentidão de seu progresso.

— Você começou muito bem, cabo Egorova, mas depois não avançou quase nada. Já recebi três solicitações de relatório por parte do general Egorov desde que você chegou. Você precisa redobrar os esforços no sentido de fortalecer a amizade com Nash. Mais encontros.

Uma viagem de esqui. Passeios de fim de semana. Use a imaginação. O general recomendou mais uma vez que você cultive nesse americano uma dependência emocional com relação a você.

Volontov se recostou na cadeira e correu os dedos gordurosos pelos cabelos engomados com vaselina.

— Muito obrigada, coronel — retrucou ela. Primeiro o tio, depois Simyonov, e agora aquele caipira fedorento. — Só uma dúvida: o que exatamente o general Egorov quis dizer com "dependência emocional"?

Com o olhar, Dominika desafiava o *rezident* a sugerir que ela seduzisse

o americano.

— Lamento, mas não estou autorizado a falar em nome do vice-diretor — respondeu ele, esquivando-se da armadilha. — Seu papel é fazer essa relação evoluir. Desenvolver laços de confiança — emendou, gesticulando com o braço como se de alguma forma isso ilustrasse o que ele queria dizer com "laços de confiança". — O mais importante de tudo é que ele comece a falar de si mesmo.

— É claro, coronel — disse Dominika, então se levantou. — Vou acelerar as coisas e mantê-lo informado. Muito obrigada pela

valiosa orientação.

A reunião com Volontov a deixou desanimada. O homem vivia num mundo sórdido, cheio de insinuações e eufemismos. “Laços de confiança”, “dependência emocional”. Escola de Pardais. Até quando ela teria de lidar com isso?

Voltando a pé para casa, Dominika esbravejou consigo mesma: *Supere isso.* Ela estava em missão num país estrangeiro, vivendo numa cidadezinha de conto de fadas, morando sozinha no próprio apartamento. Era o paraíso. Além disso, tinha um importante trabalho a cumprir, uma missão

contra um oficial treinado pelo serviço de inteligência americano. Bem, o sujeito até que não parecia tão perigoso assim, mas era um agente da CIA, e isso bastava. Naquela noite ela o faria falar mais sobre si mesmo.

Perguntaria qual era a opinião dele a respeito dos russos. Ele ainda não admitira que era fluente no idioma. Ela falaria de Moscou e ele teria de admitir que já havia morado na cidade. Caminhando pelas ruas na direção de Yrjönkatu, sem se dar conta de que mancava mais visivelmente, Dominika ansiava pelo próximo encontro com o americano.

Também seguindo para Yrjönkatu, Nate estava de tal modo perdido nos próprios pensamentos que nem sequer observava as ruas ou obedecia aos procedimentos normais de segurança. A certa altura pensou: *Fique atento, cara. Hoje é a primeira noite do seu novo caso*. Aproveitou um sinal fechado e atravessou, mudando de direção ao mesmo tempo que dava uma espiada nos carros à sua volta. Não detectou nada. Andou mais três quarteirões e repetiu a técnica. De novo, nada. Sabia que não podia vacilar. Não se tratava mais de um flerte inofensivo com uma eslavinha de olhos azuis e maiô de lycra. Se ela

fosse mesmo uma agente do SVR (ainda tinha dúvidas), ele teria de proceder com cautela e aprofundar suas avaliações. Por Deus, seria bem mais fácil se o alvo fosse Tishkov, o tradutor beberrão. Pelo menos ele teria acesso a documentos e minutas de reuniões privadas. Um material valioso o bastante para causar alguma agitação em Washington.

Igualmente perdida em pensamentos, Dominika também negligenciara os procedimentos de segurança e já estava a três quarteirões da piscina quando enfim se deu conta disso. Para compensar a desatenção, voltou atrás pela mesma

ruela, uma manobra ridícula que faria os velhinhos aposentados que a haviam treinado em Moscou gargalharem.

Os dois dobraram esquinas opostas e chegaram juntos à porta do clube. A respiração dela ficou mais rápida, o pulso dele também, mas ambos lembraram a si mesmos o que precisavam fazer com o outro. Mãos à obra.

***

Dominika se recostava na divisória de madeira, roçando os dedos longos na haste de uma taça de vinho. Nate sentava-se à frente dela

com as pernas esticadas e cruzadas na altura dos tornozelos. Ela usava uma blusa azul de tricô trançado, uma saia plissada sobre uma legging escura e sapatos pretos de salto baixo; ele, um suéter de gola em V e calças jeans. Nate notou que ela balançava o pé sob a mesa.

— Os americanos nunca levam nada a sério — dizia Dominika. — Estão sempre fazendo piada.

— Quantos americanos você conhece? — perguntou Nate. — Já foi aos Estados Unidos?

— Na minha escola de balé tinha um garoto americano. Vivia brincando a respeito de tudo.

Dominika não se importava de mencionar o balé. Decidira incluí-lo na sua história de fachada.

— Mas ele dançava bem?

— Mais ou menos. O programa era bem difícil, e ele não se dedicava muito.

— Devia se sentir muito solitário — comentou Nate. — Você saiu com ele alguma vez pra mostrar a cidade, beber alguma coisa?

— Não, claro que não. Era proibido.

— Proibido o quê? Beber ou fazê-lo se sentir bem-vindo? — indagou Nate, fitando a própria taça.

Dominika fitou-o por um instante, depois desviou o olhar.

— Está vendo? — falou. — Sempre fazendo piada.

— Não é piada — devolveu Nate. — Sei lá, fico me perguntando que tipo de lembrança esse garoto levou de Moscou, da Rússia. Lembranças boas da cidade ou recordações tristes de solidão, de abandono?

Que coisa estranha de se dizer, pensou Dominika.

— O que você sabe sobre Moscou? — perguntou ela, mesmo conhecendo a resposta.

— Vivi lá por um ano, acho que

já comentei. Trabalhava na embaixada americana. Morava num complexo residencial perto da chancelaria. Nenhum interesse especial, nenhuma mudança na entonação.

— E gostava de lá? — quis saber ela.

— Vivia muito ocupado, não tinha tempo de explorar a cidade. — Nate deu um gole no vinho e, sorrindo, disse: — Pena que a gente não se conhecia. Você poderia ter me mostrado a cidade. A menos que fosse proibido.

Quanta ingenuidade, quanta encenação. Dominika ignorou o

comentário.

— Por que você só ficou um ano? Achei que os diplomatas ficassem mais tempo que isso.

A resposta dele estaria no primeiro parágrafo do relatório dela.

— De repente abriu uma vaga em Helsinque — falou Nate. — Então vim pra cá.

Dominika notou que o roxo da aura não se modificava quando ele mentia. Muito profissional.

— Ficou triste quando foi embora? — perguntou.

— De certo modo, sim — retrucou Nate. — Mas também fiquei

triste pela Rússia.

— Triste pela Rússia? Por quê?

— A Guerra Fria acabou sem que a gente se explodisse, não é? Embora tenha sido por pouco. Mas o sistema soviético, a despeito do que vocês pensassem dele, isso, sim, explodiu. Acho que todos os russos esperavam ver um novo país, uma Rússia de mais liberdades civis, com uma vida melhor pra todo mundo.

— E você acha que a vida na Rússia não está melhor agora? — quis saber Dominika, tentado apagar da voz a indignação que ardia em seu peito.

— Em certos aspectos, sim, claro — respondeu Nate, dando de ombros. — Mas acho que as pessoas ainda têm uma vida difícil. É uma crueldade ver uma nova era chegar e depois não dar em nada.

— Não entendi — disse Dominika.

Vamos ver se ela morde a isca, pensou Nate.

— Não me leve a mal, mas acho que o governo russo atual está criando um sistema tão repressor quanto o sistema soviético do passado. Não é tão fácil de perceber, porque é mais moderno, mais tecnológico, mais bonito na televisão.

As novas armas são o petróleo e o gás natural, mas nos bastidores há tanta crueldade, tanta repressão e tanta corrupção quanto antes. — Ele olhou para Dominika timidamente, levantou as mãos espalmadas e disse: — Desculpe. Não era minha intenção criticar.

Apesar de todo o treinamento e de toda a prática, Dominika jamais tivera conversa semelhante com um americano. Precisava lembrar que ele era um agente da CIA disposto a cutucá-la apenas com o intuito de provocar algum comentário proveitoso. Disse a si mesma para ficar calma. Não era hora de perder a

cabeça. Mas tinha que dar alguma resposta.

— Tudo isso que você disse não é verdade — falou. — É a mesma postura anti-Rússia que sempre vemos por aí. Simplesmente não é verdade.

Pensando no rebelde da KGB envenenado com polônio e na jornalista assassinada a tiros no elevador do próprio prédio, Nate terminou seu vinho e concluiu:

— Diga isso para Alexander Litvinenko e Anna Politkovskaya.

Ou para Dimitri Ustinov, pensou Dominika, engolindo a culpa. Mesmo

assim, estava furiosa com ele.

TORTILHA DA EMBAIXADA ESPANHOLA

Cortar cebolas e batatas em pedaços médios e refogá-los em bastante azeite até que amoleçam. Escorrer. Juntar ovos batidos às batatas e às cebolas, despejar a mistura sobre uma frigideira untada com óleo e cozinhar em fogo médio até as bordas e o fundo começarem a dourar. Virar a tortilha para dourar o outro lado.

CAPÍTULO 11

EM SUA SALA NA ESTAÇÃO, Nate olhava através das réguas da persiana enquanto arremessava a cordinha na parede distraidamente, fazendo a ponta de plástico ricochetear: *clic, clic, clic.* Na noite anterior ele comparecera a mais uma festa nacional numa embaixada qualquer. Havia agora meia dúzia de cartões de visita inúteis sobre sua mesa e um monte de nódulos de tensão em suas costas.

Pensou em nadar e se lembrou de Dominika. Ele a analisara com toda a atenção, os dois tinham saído

juntos inúmeras vezes, mas mesmo assim o caso ainda não dera em nada. A moça era uma rocha de crenças e certezas, não tinha nenhuma dúvida, nenhuma vulnerabilidade. Ele estava perdendo tempo. Os cartões em cima da mesa pareciam zombar dele. Um único papel (seu último cabograma sobre os contatos com Dominika) jazia na bandeja metálica sobre a mesa.

Gable surgiu à porta.

— Ué, o que temos aqui? O prisioneiro na torre do castelo? Por que você não está na rua? Vamos lá, chame alguém pra almoçar e dê o fora daqui!

— A noite de ontem não serviu pra nada — comentou Nate. — Só nesta semana foram quatro festas nacionais.

Gable balançou a cabeça, aproximou-se da janela e fechou as réguas da persiana com um sonoro *plec*. Sentou-se na borda da mesa de Nate e disse:

— Muito bem, Hamlet, vou compartilhar uma pérola de sabedoria com você. Tem um aspecto perverso nesta merda que a gente faz. Às vezes, quanto mais se tenta encontrar um alvo, mais ele foge de você. Impaciência, agressividade e, no seu caso, desespero, tudo isso

começa a exalar um fedor que afasta as pessoas, aí ninguém quer falar, muito menos jantar com você. Você fica cheirando a ovo podre.

— Acho que não estou entendendo — retrucou Nate.

Gable se inclinou para mais perto.

— Você está com ansiedade pré-coito — desferiu ele. — Quanto mais ficar olhando pro pau, mais mole ele vai ficar. Continua tentando, cara, mas tira o pé do acelerador.

— Bela metáfora — ironizou Nate. — Acontece que já estou aqui há um tempo e ainda não fiz nada

importante.

— Pare com isso, ou então *eu* vou começar a chorar. Preste atenção, Nate. Aqui você só precisa agradar a duas pessoas: ao chefe e a mim. E nenhum de nós está reclamando... por enquanto. Você tem tempo, cara. Está cedo pra desistir. — Gable pegou o cabograma que Nate havia deixado na bandeja. — Além do mais, essa russinha é uma mina de ouro esperando pra ser explorada, por mais que você pense o contrário. Tem que investir nela. Tenho uma ideia do que a gente pode fazer pra descobrir mais sobre essa garota.

***

Gable sugeriu que eles colocassem a pequena equipe de vigilância da estação na cola de Dominika Egorova a fim de descobrir exatamente o que ela fora fazer em Helsinque. Para Nate, era um grande exagero. Ele vinha tentando dizer a Forsyth e a Gable que a moça era um alvo de baixo nível hierárquico, uma burocrata sem acesso a nada que pudesse importar.

— Permita-me discordar — disse Gable. — Em outras palavras, cale a porra da boca.

Forsyth ergueu a mão e falou:

— Nate, já que você é nosso contato com essa moça, por que não comanda pessoalmente o casal de espiões que vamos designar para segui-la? Com a experiência que já tem com ela, você vai poder ajudar. Eles são muito interessantes e muito experientes. Conhecem os procedimentos de trás para a frente.

Que dupla, pensou Nate. O primeiro sugeria uma equipe de vigilância e o segundo o escolhia para comandar essa equipe de forma a fazê-lo se envolver mais na operação. Realmente os dois sabiam trabalhar em conjunto, verdadeiros especialistas em motivar a equipe.

Gable entregou o arquivo a Nate, desafiando-o com o olhar a dizer qualquer coisa.

— Aqui está a pasta de Archie e Veronica. — Pausa. — São duas lendas vivas, estão na ativa desde os anos 1960. Trabalharam em alguns dos casos mais cabeludos da história, inclusive na deserção de Golitsyn. Mande um abraço pra eles.

Dali a 24 horas, após duas horas de uma rota para detecção de vigilância que o fez ir para o norte durante uma hora pela E75, depois para oeste pelas estradas secundárias de Tuusula e de volta à cidade pela 120, Nate deixou o carro

no estacionamento na estação ferroviária de Pasila e seguiu a pé para Länsi-Pasila, um distrito de arranha-céus e prédios comerciais, muitos deles com fachadas de tijolo aparente e varandas de vidro. Ele apertou o botão do interfone marcado com o nome RÄIKKÖNEN, esperou a porta da rua se abrir e pouco tempo depois tocou a campainha do apartamento do quarto andar.

— Pode entrar — disse a senhora à porta.

Aos 70 e poucos anos, Veronica era bastante enérgica e tinha um rosto de traços nobres que ainda

conservava a beleza da juventude, com um nariz reto, lábios firmes, olhos muito azuis e brilhantes, a pele rosada e viçosa. Os cabelos fartos estavam presos num coque perpassado por um lápis. Ela vestia calças de lã, um suéter leve, e trazia os óculos de leitura pendurados ao pescoço. Jornais e revistas se empilhavam no chão ao lado de uma poltrona.

— Estávamos ansiosos para conhecê-lo. Meu nome é Jaana — falou, e apertou a mão de Nate com firmeza.

Ela irradiava vitalidade e energia. Mãos fortes, olhos vivos,

postura ereta.

— Aceita um chá? — ofereceu. Em seguida, conferiu as horas no relógio que usava com o mostrador na parte inferior do punho, hábito típico de um vigilante de campo. — Bem, o horário já permite algo mais forte. Prefere um drinque?

Tudo isso foi dito numa torrente de gestos e sorrisos.

— Marty Gables mandou um abraço — disse Nate.

— Quanta gentileza — retrucou Jaana, abrindo espaço numa mesinha de centro atulhada de coisas. — Ele é uma graça. Sorte sua tê-lo como

supervisor.

Ela foi à cozinha e voltou com copos e uma garrafa oval com um líquido transparente que Nate não soube identificar. O "drinque".

— Já tivemos uns chefes bem estranhos ao longo dos anos — comentou. — Tanto do lado de cá quanto do de lá. Os russos, claro, eram sempre os piores, bestas selvagens tentando sobreviver em meio à crueldade do sistema deles, que Deus os abençoe. Já nos proporcionaram experiências muito interessantes.

Jaana Räikkönen serviu a bebida, ergueu seu copo à maneira dos

escandinavos e, encarando Nate, deu o primeiro gole. A sala era pequena e acolhedora, com móveis estofados e prateleiras de livros nas paredes de madeira envernizada. O lugar recendia a sopa de legumes.

— Seu marido está em casa? — perguntou Nate. — Eu gostaria muito de conhecê-lo.

— Ele já deve estar chegando — informou Jaana. — Estava na rua vigiando sua chegada. Acho que deve ser uma deformação profissional da nossa parte.

Nate riu internamente. Ele fizera uma rota de detecção de duas horas e deixara passar despercebido o

senhor nas imediações do prédio. Sem dúvida era por isso que a dupla havia durado tanto naquele ramo.

Nesse mesmo instante, ele ouviu um tilintar de chaves à porta e viu Marcus Räikkönen entrar. Archie trazia um cachorrinho marrom da raça Dachshund na coleira. O cão farejou as pernas de Nate, depois seguiu para sua caminha e se acomodou nela. Chamava-se Rudy. Marcus tinha os ombros largos e era bem alto, com mais de 1,80 metro. Sobrancelhas fartas encimavam seus olhos azuis. Os cabelos, bem menos fartos, estavam cortados à escovinha. O pescoço era forte e o queixo,

anguloso. Ele usava um moletom azul-marinho e tênis pretos. No lado esquerdo da blusa havia uma bandeirinha da Finlândia. Tinha um jeito atlético de caminhar, ágil como a mulher, e o aperto de mão era firme como o dela.

— No quintal do outro lado da rua? — perguntou Nate. — No banco, perto dos degraus?

— Muito bem — disse Marcus. — Pensei que não tivesse notado. — Sorriu e também se serviu da bebida. — À sua saúde — falou, depois esvaziou o copo enquanto fitava Nate nos olhos.

Nate relembrou o que já lera a

respeito deles. Por quase quarenta anos Archie e Veronica haviam sido a essência da equipe de vigilância unilateral da estação de Helsinque. Ambos já estavam aposentados. A princípio, Archie trabalhara como investigador do fisco finlandês, e Veronica como bibliotecária. Eram eficazes porque uniam um talento especial para os disfarces em campo a um apurado instinto em relação ao próximo passo dos alvos que seguiam. É claro que conheciam a cidade e o metrô como a palma da mão — haviam crescido junto com Helsinque. Obstinados e discretos, com a paciência e a perspectiva de

quem tinha uma vida inteira pela frente, eles podiam trabalhar por meses com um mesmo alvo sem serem descobertos.

Nate e os Räikkönen traçaram o plano de ação para espionar Dominika, que devia ser vigiada em intervalos irregulares mas em momentos cuidadosamente selecionados — à noite após o trabalho e nos fins de semana, quando era mais provável que algo interessante acontecesse.

Depois que a vigilância começou, Nate via os dois em ação, de longe. Num dia, usavam toucas de lã, luvas e casacos pesados; noutro,

trajes executivos e guarda-chuvas. Como transporte, bicicletas com buzina, uma *scooter* com cestinha, um Volvo pequeno e cinza. Às vezes eles caminhavam juntos, de mãos dadas; em outras ocasiões cada um ia para um lado. Certo dia, Jaana usou um andador para seguir Dominika até uma loja. Archie e Veronica faziam todos os tipos de vigilância: móvel, estática, paralela, cruzada etc.

Ao cabo de duas semanas, Nate voltou a encontrá-los no apartamento. Eles haviam tirado algumas fotos. Marcus resumiu os resultados fazendo um relato sucinto, preciso, enquanto Jaana incluía

algum comentário aqui e ali.

— Em primeiro lugar — começou o veterano —, temos certeza quase absoluta de que até agora ela não detectou ou desconfiou da nossa vigilância. — Deu de ombros e emendou: — É muito jovem, mas consideravelmente hábil nas ruas. Nunca recorre aos truques mais banais e se desloca muito bem, aproveitando o ambiente. Tem um desempenho acima da média, eu diria, e já conta com um conhecimento razoável da cidade. — Olhou para Jaana e continuou: — Identificamos apenas um procedimento de praxe: ela vai ao

Torni Hotel, do outro lado da piscina de Yrjönkatu, e fica no mezanino aguardando você chegar. Espera alguns minutos e entra também.

— Marcus não concorda comigo — falou Jaana —, mas não acredito que ela esteja em missão. Não está coordenando informantes nem dando qualquer tipo de apoio operacional à *rezidentura*.

Quando terminou, olhou para o marido, já esperando a réplica dele.

— Claro que ela tem alguma missão — disse ele. — Só não descobrimos ainda qual é. Mas é uma questão de tempo.

— Uma coisa é certa — prosseguiu Jaana. — Ela tem uma vida solitária. Vai direto pra casa quando sai da embaixada. No mercado, faz compras apenas pra uma pessoa. Passeia sozinha nos fins de semana.

— Por acaso vocês perceberam algum tipo de vigilância por parte *dos russos*? — perguntou Nate. — Tem alguém da embaixada seguindo os passos dela?

— Achamos que não — respondeu Marcus. — Em todo caso, vamos ficar de olho nisso também.

— Vou sair com ela mais vezes — disse Nate. — Preciso que vocês

vigiem alguns dos nossos encontros depois da natação.

Marcus assentiu.

— As coisas vão ficar mais interessantes conforme vocês forem se vendo com mais frequência. Cedo ou tarde ela vai tentar falar com algum oficial da embaixada depois de um dos encontros. Por telefone ou pessoalmente. Na medida do possível, nos mantenha informados sobre seus planos. Se quiser, podemos sugerir alguns lugares onde você poderá encontrá-la — ofereceu.

— Uma última coisa — acrescentou Jaana, servindo-se de mais um copo. — Você vai me

desculpar, mas... ela me parece uma boa pessoa. Está precisando de um amigo.

Marcus olhou para ela e depois para Nate com as sobrancelhas arqueadas.

***

Nate repassou com Gable as informações fornecidas por Archie e Veronica. — Ótimo — disse Gable. — Fique de olho na moça, sobretudo se ela tiver suporte de alguém da embaixada. Se vir alguém, então é porque ela está mesmo em missão. Talvez o alvo seja até você.

— Impossível — decretou Nate.

— Ainda bem que você tem toda essa certeza. Seja como for, continue no pé dela. Vá com tudo, mas sem afobação.

Nate estabeleceu a meta de sair com Dominika pelo menos uma vez por semana, fora a natação. Vasculhou a cidade toda em busca de lugares em que poderiam se encontrar sem serem vistos. Quando saíam à noite, iam a algum bar; quando tomavam o café juntos nas manhãs de sábado ou almoçavam aos domingos, iam a algum restaurante mais afastado. Sempre que possível, Nate fazia com que ela se

acomodasse em uma cadeira de costas para o salão. A cidade estava apinhada de russos que trabalhavam na embaixada, e ele achava melhor não dar nenhuma chance ao azar.

Construir uma relação, manter a clandestinidade. Sempre chegar e sair separados. Evitar os telefones, variar os padrões. Nate achava tudo isso pura perda de tempo.

Dominika também fazia seu trabalho. Procurava detectar vigilantes sempre que atravessava a cidade para os encontros. Os finlandeses olhavam admirados quando ela subia por uma escada rolante, entrava numa ruela suja ou

deixava alguma loja pela porta dos fundos, sem suspeitar que a bela moça de cabelos escuros estava tentando ludibriar um possível esquema de vigilância. Antes dos encontros ela ficava esperando Nate do outro lado da rua, contando as cabeças, observando rostos, memorizando chapéus e casacos.

Eles estavam começando a se conhecer melhor. Vinham conversando mais — conversando mesmo, de verdade, o que era um caminho natural após passarem tanto tempo juntos. Dominika avaliava Nate como um sujeito honesto, espontâneo, inteligente. Não

era um ignorante qualquer. Era apenas... americano. Sempre evasivo quando falava de sua passagem por Moscou, claro, pois não podia dizer que estava ali para manipular um informante russo. Ela ainda se incomodava quando ele fazia críticas à realidade de seu país, mas sabia que ele tinha razão em algumas coisas. Tinha consciência também de que precisava se apressar. Passar mais tempo com ele, identificar mais padrões. Precisava, sobretudo, saber em que momento ele estaria no ponto para ser neutralizado.

A pressão era grande. A equipe de Moscou e Volontov não lhe davam

trégua. Dominika já se perguntava se não seria melhor mudar de abordagem e tentar uma aproximação física caso não conseguisse arrancar alguma informação importante dele em breve. *Nelzya!* Não, nunca. Por mais atraente, simpático e autêntico que fosse o ianque.

Quantas vezes eles já haviam saído? Nate estava ansioso para vê-la de novo, mas ainda achava difícil tirar dela algo proveitoso. A russinha era osso duro de roer. Driblar uma centena de carros de vigilância em Moscou não era tão difícil quanto tentar descobrir a motivação daquela

moça. Se ela estava realmente em missão, ele ainda não havia percebido. Era como se ela estivesse em Helsinque apenas para adquirir um pouco mais de experiência, mas isso não fazia sentido. A conexão com o SVR era importante, era o que fazia dela um alvo digno de ser recrutado. Ele precisava descobrir algo logo, antes que Forsyth perdesse a paciência e Gable lhe desse uns cascudos.

Uma coisa era certa: ele podia ficar horas apenas olhando para aquele rostinho bonito. *Por Deus, se concentre, cara!*, ele se repreendia. Depois lembrava a si mesmo o que

era preciso fazer: focar no desenvolvimento e na avaliação do alvo, descobrir o que tirava a russa do sério. A conversa entre eles agora fluía com mais facilidade, apesar das desavenças. Ela ficava brava sempre que ele punha o dedo nas feridas da Rússia, mas algo lhe dizia que às vezes concordava. Talvez tivesse alguma imunidade a todas aquelas balelas propagandísticas. Quem sabe não seria essa a abertura de que ele tanto precisava?

Nate foi para a frente do espelho e penteou os cabelos. Naquele domingo havia sugerido um almoço em um pequeno restaurante de

comida étnica em Pihlajisto, um bairro no subúrbio, a noroeste do centro. Dominika concordara em ir de metrô e encontrá-lo lá. O lugar tinha sido sugestão de Archie, que semanas antes dissera: “Lá você não correrá o risco de encontrar nenhum dos amigos russos dela. Um de nós irá no metrô com ela e o outro ficará cobrindo você.” Nate vestiu um casaco impermeável por cima de um suéter de gola em V e calças de veludo cotelê. Em seguida calçou um par de sapatos de sola de borracha dentada próprios para caminhada e saiu de casa. Descreveu um itinerário em zigue-zague pelas ruas de

Kruununhaka, seguiu mais um pouco pela beira d'água e enfim começou a traçar a verdadeira rota de despiste.

Do outro lado da cidade, Dominika também se arrumava diante do espelho, com os olhos bem abertos. Não passou perfume, mas devia ser a décima vez que escovava os cabelos com sua relíquia de casco de tartaruga. Assim que ficou pronta, foi para a janela e espiou a rua antes de descer e tomar o caminho para o metrô. Estava ansiosa para rever o americano, conversar com ele de novo, deixá-lo falar, aprender um pouco mais sobre a vida dele.

Dominika usava um suéter de

gola rulê, um terninho de tweed e calças de lã. Também escolhera sapatos próprios para o frio. Como uma velha *babushka*, enrolou uma echarpe na cabeça, saiu para o corredor e trancou a porta. Em seguida desceu para o porão do prédio, atravessou o depósito de tralhas e entrou na sala da caldeira. Um pequeno corredor levava a uma janela alta com grade de ferro que ela descobrira algumas semanas antes. Sem dúvida se tratava do vão onde costumava ficar a calha de escoamento de carvão. Duas noites antes, ela levara mais de uma hora para alcançar a grade e abrir o

cadeado, o que não fora fácil, porque a única ferramenta com que contava era um grampo de cabelo. Dominika empilhou algumas caixas, subiu nelas e se espremeu janela afora. *Belo jeito de começar um encontro*, pensou, e a imagem de Nate lhe veio à cabeça mais uma vez.

Terminada a manobra, ela fechou a grade, saiu para o beco e ergueu os olhos para as janelas do prédio. Ninguém à vista. Com toda a calma, Dominika seguiu pelo beco, se espremeu entre um caminhão estacionado e uma caçamba de lixo, pulou uma mureta baixa e só então chegou à rua. Já estava a um

quarteirão de seu prédio. A gola erguida do casaco e a echarpe em torno da cabeça escondiam suas feições. Ela caminhou com ar indiferente na direção oeste, buscando rostos repetidos sempre que precisava olhar para os lados antes de atravessar uma rua. Dali a pouco alcançou o shopping Kamppi, entrou numa livraria e mais uma vez procurou possíveis vigilantes; só então desceu para a estação de metrô no subsolo do shopping. Na escada rolante, ficou atenta aos reflexos que via nos painéis de propaganda, mas não identificou nenhum suspeito. Já estava a meio caminho da plataforma

quando detectou, às suas costas, uma senhora descendo pela mesma escada, usando uma capa de chuva e um chapéu desengonçado, carregando um maço de flores embrulhado em papel verde e uma sacolinha com duas maçãs. Veronica esperava um dia poder falar com a adorável mocinha e alertá-la quanto à previsibilidade de todos os seus atos até então, sobretudo ao escolher a estação de metrô mais próxima de casa.

Muito tempo antes, Nate tivera como instrutor de vigilância um sujeito chamado Jay, um ex-físico de barba e cabelos louros e compridos.

Certa vez ele dissera aos alunos: “Nem pensem em ser heróis. Tirem isso da cabeça.

Se detectarem algum esquema de vigilância, deem a noite por encerrada e abortem a missão.” Então desenhou uma linha horizontal no quadro-negro e continuou: “O objetivo de uma rota para detecção de vigilância é atrair os vigilantes para fora da moita. Não é provocar um confronto. Não é matar ninguém. Toda rota tem seu ponto crítico.” Nessa altura ele cortou a linha horizontal com uma perpendicular e falou: “Este é o ponto em que os bandidos têm de decidir se vão

permanecer invisíveis e perder seu alvo de vista.” Limpou o giz das mãos e arrematou: “Se vocês conseguirem fazer com que eles se mostrem sem nenhum confronto, então foram bem-sucedidos. Apenas naquela noite. Depois têm de começar tudo de novo. Do zero.”

Que se foda esse tipo de cuidado, pensou Nate. Se houvesse carrapatos na sua cola, eles teriam de se mostrar. Ele escorregou pelo aterro que margeava os fundos da estação de trem, escalou uma cerca de arame, saltou do outro lado, em uma ruela, e foi driblando os carros até atravessar a rodovia E12. Pensou no que

Dominika estaria vestindo. Ao longo de sua rota, tentou localizar Archie, mas em vão, porque o homem era um fantasma nas ruas, um protoplasma, fumaça de gelo seco.

Archie estava fazendo a contravigilância de Nate, também procurando vultos repetidos, medindo tempos e distâncias. O veterano pouco se importava com casacos e chapéus. Para ele, o que realmente merecia ser observado era o modo como as pessoas caminhavam, o ritmo das passadas, o porte dos ombros, o formato do nariz e das orelhas: coisas que um vigilante não poderia mudar. Sapatos também.

Vigilantes não trocavam de sapatos.

Após três horas percorrendo quase metade da cidade, Nate enfim localizou Archie e viu que ele carregava sua sacola na mão direita, sinal de que estava tudo bem, de que ele estava "limpo", livre de vigilantes.

O restaurantezinho era bem modesto, administrado por uma família de afegãos. Tapetes orientais decoravam as paredes caiadas do pequeno salão e almofadas coloridas enfeitavam as cadeiras. Cada mesa tinha uma vela. Um rádio velho tocava baixinho. O lugar estava vazio, a não ser por um jovem casal de finlandeses acomodado no canto. Da

cozinha vinha um cheiro maravilhoso de cordeiro assado com ervas. Nate escolheu uma mesa junto à janela da frente. Dali a dois minutos, Archie e Veronica passaram de braços dados na calçada, ambos olhando para a frente. Veronica coçou o nariz, sinal de que estava tudo bem. Archie achava aquele gesto absolutamente ridículo, mas já desistira de convencê-la a abrir mão dele. Olhou para a mulher, revirou os olhos e eles sumiram de vista.

Um minuto depois Dominika surgiu à porta, viu Nate e foi ao encontro dele. Segura de si, linda, descontraída. Nate puxou a cadeira

para ela se sentar e fez menção de ajudá-la a tirar o casaco, mas Dominika cuidou disso sozinha. As duas taças de vinho que ele pedira foram servidas. O joelho de Nate doía em razão do baque que sofrera ao saltar de uma cerca em seu caminho acidentado, durante o qual também arranhara a mão esquerda descendo pelo aterro. A manga do terninho de Dominika havia rasgado no ombro quando ela ficara presa na caçamba do beco; um dos sapatos e a meia estavam molhados da poça em que ela acidentalmente mergulhara ao emergir da estação de metrô de Pihlajisto.

— Que bom que você conseguiu encontrar o lugar — disse Nate. — É meio fora de mão, mas um amigo falou que a comida é excelente. — Não pôde deixar de notar o brilho dos cabelos dela. — Espero que não tenha achado longe demais.

— Foi tranquilo, não tinha quase ninguém no trem — retrucou Dominika. *Você é que acha*, pensou Nate.

— Espero que goste daqui. Já provou alguma comida afegã? — perguntou. — Não, mas há muitos restaurantes afegãos em Moscou. Todo mundo diz que são ótimos.

Dominika viu o halo dele, violeta

como sempre, e mais uma vez se lembrou do pai.

— Sabe... cheguei a ficar preocupado depois de convidar você a um restaurante afegão. Talvez você visse como uma provocação — falou Nate, sorrindo.

Queria fazê-la relaxar.

— Não vi provocação nenhuma — respondeu Dominika. — Você é americano, não consegue evitar. Acho que estou começando a entendê-lo, pelo menos um pouquinho.

Ela mergulhou um pedaço de pão árabe na pasta de grão-de-bico banhada em azeite.

— Desde que você me perdoe por ser americano... — devolveu Nate.

— Eu perdoo — disse Dominika, os olhos cravados nos dele.

Com um sorriso de Monalisa, ela deu uma mordida no pão.

— Que bom, fico feliz — retrucou Nate, apoiando-se nos cotovelos e sustentando o olhar dela. — E você, está feliz?

— Que pergunta mais estranha...

— Não estou me referindo a este momento, mas à vida em geral — explicou Nate. — Você é feliz?

— Sou, sim — afirmou ela.

— É que às vezes você me parece tão... séria. Eu diria triste, até. Sei que perdeu seu pai há alguns anos, que eram muito próximos.

Dominika já falara do pai. Respirou fundo, pois não queria voltar a esse assunto, tampouco falar de si mesma.

— Ele era um homem maravilhoso. Professor universitário. Uma pessoa gentil, generosa.

— O que ele achava das mudanças recentes na Rússia? Era a favor da dissolução da União Soviética?

— Sim, claro, como todo mundo.

Era um patriota. — Dominika deu mais um gole no vinho, remexeu os dedos molhados dentro do sapato. — Mas... e você, Nate? — Ela não o deixaria dominar a conversa. — Como era o seu pai? Você disse que sua família é enorme, mas nunca falou do seu pai. Vocês eram próximos?

Nate suspirou. Eles avançavam e recuavam naquele fogo cruzado de perguntas.

Uma semana antes ele confidenciara a Gable que não estava fazendo nenhum progresso com a russa. Ela era fechada demais, cautelosa demais, e ele ainda não

dera nenhum passo no sentido de aumentar a intimidade entre eles. “Você queria o quê?”, respondera Gable. “Comer a garota logo no primeiro encontro? Ela é muito novinha, uma russinha tensa e esquisitona; não tem os supervisores sensíveis e prestativos que você tem.”

Até esse dia Nate ainda não notara que Gable tinha na parede da sala um calendário chinês de 1971. “Se abra um pouco com ela, mostre alguma coisa pra ver se ela relaxa.”

— Meu pai é advogado — contou Nate. — Um profissional muito bem-sucedido, que tem o

próprio escritório. É muito influente tanto no campo do direito quanto na política. É mais próximo dos meus dois irmãos mais velhos, que trabalham com ele. O escritório pertence à família há quatro gerações.

Mais próximo dos irmãos mais velhos, registrou Dominika, e foi direto ao ponto:

— Por que não foi trabalhar com ele também? Podia ser um homem rico. Todos os americanos querem ser ricos, não querem?

— Por que acha isso? Sei lá, acho que quis seguir meu próprio caminho, ser independente. Tinha

interesse pela diplomacia, sempre gostei de viajar. Então achei que devia tentar alguma coisa sozinho antes de correr para debaixo das asas do velho.

— Mas e seu pai? Não ficou decepcionado por você não ter seguido o mesmo caminho dos seus irmãos?

— Acho que sim, não sei. Mas o que eu queria mesmo era evitar ter sempre alguém me dizendo o que fazer, entende?

Imagens espocaram na mente de Dominika. Balé, Ustinov, Escola de Pardais, tio Vanya.

— Mas será que basta fugir da família? Você não tem nenhuma ambição profissional? — insistiu ela.

Estava disposta a encostá-lo na parede.

— Eu não fugi da família — retrucou Nate, um pouco irritado. — Tenho uma carreira. Estou ajudando meu país.

Ele podia ver a cabeça de Gondorf flutuando acima da mesa.

— Claro. Mas como exatamente você ajuda o país? — disse Dominika, e bebeu mais um gole do vinho.

— De muitas maneiras — falou Nate.

— Me dê um exemplo.

Você quer um exemplo? Bem, pra início de conversa eu controlo o melhor ativo da CIA, um informante de altíssima patente nesse seu maldito serviço secreto, um homem que vai nos ajudar a sabotar, um por um, todos os planos que a Federação Russa e seu cruel presidente possam tirar de sua cartola de maldades, pensou Nate, mas o que disse foi:

— Estou desenvolvendo um trabalho muito interessante na área econômica, relacionado com a exportação de madeira por parte da Finlândia.

— É, muito interessante — disse

Dominika, piscando acintosamente. — Achei que você fosse me falar sobre a paz mundial — emendou, e viu o halo do americano arder em chamas.

— Eu até falaria, se uma russa pudesse entender o que significa "paz mundial" — devolveu ele, depois correu os olhos pelo restaurante afegão e acrescentou: — Depois do *Afeganistão* e tudo...

Dominika bebeu mais um gole do vinho.

— Da próxima vez vou levar você a um restaurante *vietnamita* ótimo que eu conheço — retrucou.

Eles ficaram se encarando numa espécie de duelo de olhares. *Que diabo está acontecendo aqui?*, pensou Nate. Ela conseguira irritá-lo um pouco. Lembrou-se de Veronica ter dito que talvez Dominika não possuísse nenhum alvo, que talvez não fosse esse o trabalho dela. Seria possível que a veterana estivesse enganada e fosse *ele* o alvo? Do outro lado da mesa, com os olhos mais azuis do que nunca, a russa nem sequer piscava.

— Está tudo bem — falou Dominika, lendo os pensamentos dele. — Só não deprecie a Rússia o tempo todo. Merecemos um mínimo

de respeito.

Muito interessante, observou Nate, e em seguida disse:

— Daqui a um tempo a gente vai olhar pra trás e se lembrar disso como a nossa primeira briga.

Dominika deu uma mordida no pão.

— Como vocês mesmos dizem, vou guardar a lembrança com carinho.

A comida chegou. Dominika havia pedido um cozido de cordeiro com lentilhas, que chegou fumegando numa tigela grande, com uma bolota de iogurte grosso derretendo por

cima. Nate pedira *bowrani*, pedaços de abóbora caramelizada com molho de carne e iogurte. Estava delicioso, e ele fez questão de que Dominika experimentasse uma garfada. Quando terminaram o vinho, pediram um café.

— A próxima vez será por minha conta — decretou Dominika. — A gente devia ir a Suomenlinna antes que o tempo esquente e o lugar fique cheio demais.

— É só marcar — retrucou ele.

Ela assentiu, fitou-o por alguns instantes, depois falou:

— Sabe, Nate, acho você um cara

simpático, engraçado, gentil. Um ótimo amigo. — Nate se preparou para o que viria a seguir. — Espero que me considere uma amiga também.

Agora ela quer ser minha amiga, ele pensou.

— Claro que considero — disse.

— Mesmo que eu seja russa?

— Especialmente por você ser russa.

Eles ficaram ali na penumbra, encarando-se, ambos cogitando para onde aquilo estava indo, como um poderia manipular o outro.

Quarenta e cinco minutos

depois já estavam na plataforma do metrô, uma estação a céu aberto naquela parte longínqua da cidade. Escurecia e o clima estava frio, mas não congelante. Nate não se ofereceu para levá-la de carro para casa, e de qualquer modo ela não teria aceitado. Ele não podia correr o risco de que alguém da embaixada russa a visse dentro de um automóvel diplomático da embaixada americana.

O trem irrompeu na estação e diminuiu a velocidade. Não havia ninguém na plataforma, tampouco no trem.

— Muito obrigada pela ótima tarde — disse Dominika, virando-se

para Nate.

Eles se entreolharam e ela apertou a mão dele com o charme de um gladiador do SVR. Nate decidiu testá-la um pouco, então se inclinou para a frente e a beijou no rosto. *Muito encantador*, pensou Dominika, embora já tivesse visto bem mais que isso na sua incipiente carreira. O sinal tocou e ela entrou no vagão sem sorrir, mancando um pouco quando se virou para acenar através das portas que se fechavam.

Enquanto o trem deixava a estação, Nate avistou uma senhora de parca, com um cesto de tricô no colo, no vagão seguinte. Apesar da

velocidade, ele ainda teve tempo de vê-la coçar o nariz. A plataforma estava deserta. Como Veronica tinha conseguido embarcar naquela composição?

Ao longo de suas respectivas viagens de volta para casa, tanto Nate quanto Dominika deveriam catalogar suas impressões, relembrar detalhes, compor o relatório que teriam de entregar na manhã seguinte. Em vez disso, Nate pensava no beijo que havia roubado na estação, na elegância com que ela saltara para dentro do vagão. Dominika, por sua vez, se lembrava das mãos dele, do arranhão avermelhado em uma delas,

da expressão dele quando ela rebatera Afeganistão com Vietnã, uma expressão não só de surpresa, mas de deleite também.

KADDO BOURANI – ABÓBORA À MODA AFEGÃ

Dourar pedaços grandes de abóbora, cobri-los generosamente com açúcar e assá-los no forno em temperatura média até ficarem macios e caramelizados. Servir com um molho de carne moída, cebolas picadas, alho, molho de tomate e um pouco de água. Finalizar com uma colher de iogurte com endro e alho amassado.

CAPÍTULO 12

PARADO À PORTA DA SALA, Forsyth viu que Nate trabalhava no relatório sobre seu último encontro com Dominika Egorova. Nate vinha tentando apressar as coisas, mas de forma cética. Tudo era lento com a russa, e ele se sentia inseguro. Precisava emplacar um êxito o mais rápido possível, mas ficar batendo na mesma tecla tinha seu preço. Inevitavelmente, o jogo ficava mais tenso. A cada novo contato com Egorova, Forsyth sabia que o QG pressionaria mais: faltava pouco para eles começarem a oferecer avaliações

externas, a pedir testes operacionais. A resposta mais recente aos relatórios enviados por Nate era, nas palavras de Gable, “um bom indício da merda que estava por vir”.

- Com o recebimento deste cabograma, favor limitar os relatórios aos canais expressamente autorizados. Estabelecer a lista de permissões de acesso da estação e repassar ao QG. Alvo foi codificado como Diva.
- O QG continua a aplaudir

a diligência do operador e da estação em geral nas investidas operacionais contra o alvo ref. Diva. Consideramos especialmente significativo que Diva continue disposta a se encontrar e falar de sua vida pessoal com um operador (certamente não autorizado). Pedir ao operador que continue tentando extrair dela alguma informação de cunho profissional e determinar até que

ponto ela reage. Esperamos ansiosos pelos próximos relatórios. Bravo.

- Em ref. ao desenvolvimento, solicitamos atualização dos planos e testes operacionais contemplados para futuros contatos com Diva. Favor avisar data prevista para próximo encontro, bem como medidas de segurança previstas. QG à disposição para trocar

ideias quanto aos próximos passos.

Forsyth sabia ler os sinais. A última frase, por exemplo, era um indício de que, caso as coisas de fato tomassem um rumo interessante, o QG não deixaria de meter seu nariz na operação. Os urubus já estavam sobrevoando, mas a enxurrada de visitantes começaria apenas quando o frio fosse embora. No fim do expediente, Forsyth chamou Nate à sua sala.

— Sente aí — disse. — Os últimos cabogramas que você enviou

sobre o caso Diva foram excelentes. Objetivos e com avaliações sensatas. Exatamente o que se espera de um bom operador.

— Valeu, chefe — retrucou Nate.

Mas não estava tão seguro. Sabia que os relatórios que ele enviava seriam lidos por um número cada vez maior de pessoas, e com um olhar cada vez mais crítico também.

— Seu desempenho nas ruas também tem sido impecável até agora — prosseguiu Forsyth. — Continue assim. Marble ainda é sua prioridade, claro, mas faça o possível para que sua operação com Diva não seja detectada pela embaixada dela.

— Ele refletiu por um instante. — Aquele tradutor que você conheceu... Como é mesmo o nome dele? Tishkov. Esse também pode ser um alvo interessante. Mas coordenar duas pessoas na mesma embaixada talvez não seja boa ideia, sobretudo porque Diva está começando a render. Acho que é melhor deixar o tradutor pra depois.

Nate estava convicto de que, se não conseguisse recrutar Dominika, nem todos os Tishkovs do mundo poderiam salvar seu pescoço. As expectativas eram grandes, tal como o próprio Forsyth logo viria a confirmar.

— Este caso já caiu no radar do QG. Todo mundo vai querer meter o bedelho, escute o que eu digo. Se você recrutar a moça, todos vão vir pra cima como mariposas em volta de uma lâmpada. Mas o que tem de fazer agora é descobrir se essa Diva tem uma devoção cega pelo sistema dela ou se existe algum espaço pra dúvida. Será que ela está disposta a ouvir você e ser conduzida até a grande decisão? — Forsyth se recostou na cadeira. — Nada mau, hein? Tentar convencer uma russinha linda a espionar pra você... Minha porta está sempre aberta caso tenha alguma pergunta. Agora dê o fora daqui.

Divirta-se.

Gable levou Nate para jantar num bistrozinho de proprietários gregos e insistiu que ele experimentasse os ovos mexidos da casa, sempre leves, acrescidos de cebola e tomate. As cervejas se multiplicavam enquanto Gable tentava animar Nate com relação ao caso Diva.

— Não tente levar a garota pra cama antes de recrutá-la. Ela vai pensar, com razão, que você trepou com ela só pra dar o bote. Primeiro você a recruta, e aí depois vai poder saborear os dois maiores prazeres que o mundo tem a oferecer: operar

um informante do SVR e tomar o café da manhã com os dedos cheirando a boceta.

Gable matou a cerveja da vez e pediu mais duas.

— Puxa, Marty, é sempre muito educativo conversar com você — comentou Nate, revirando os olhos. — O que eu sei é o seguinte: preciso fazê-la relaxar mais, começar a gostar de mim. Mas e depois? O que faço se as coisas tomarem um rumo mais sentimental?

Gable o encarou com uma careta.

— Tenha dó, né? Isso não existe.

Um operador não se apaixona pela informante. É contra as regras. Esqueça isso. Vá em frente e coma a garota se for necessário. Mas... se apaixonar por ela?

***

A sala principal da *rezidentura* do SVR na embaixada da Rússia em

Helsinque era pontilhada de mesas comuns, distribuídas em fileiras não muito regulares e equipadas não com computadores, mas com máquinas de escrever elétricas dispostas em mesinhas metálicas laterais e protegidas por estranhas capas envernizadas de cor

turquesa. Eram máquinas fabricadas em Moscou especialmente para o SVR e o FSB, despachadas com todo o cuidado para as *rezidenturi* fora do país, de modo que não fossem adulteradas.

Lâmpadas fluorescentes, também importadas de Moscou pelo mesmo motivo, conferiam uma iluminação irregular à sala de pé-direito baixo. Elas zumbiam, piscavam e refletiam o branco do tampo de vidro rachado das mesas. Do lado de fora, as mansardas (a *rezidentura* ocupava o sótão da embaixada) eram protegidas em primeiro lugar por barras externas,

depois por venezianas de aço, depois por vidraças duplas e, finalmente, por pesadas cortinas cinzentas cujas barras chegavam ao chão. O carpete entre as mesas era gasto e encardido. O ambiente fedia a cigarro velho e a chá preto frio largado em copinhos de papel.

Nos fundos da sala havia dois gabinetes isolados. Cercado por divisórias de vidro, o primeiro abrigava os arquivos confidenciais e contava com uma atendente que trabalhava em sua mesinha sob a luz de uma luminária. Cofres altos margeavam as paredes. Algumas das gavetas ficavam abertas, outras

fechadas e protegidas por lacres de cera amarelos. O segundo gabinete, sem divisórias de vidro e sem janelas, pertencia ao *rezident* Volontov.

A meia dúzia de oficiais da *rezidentura* trabalhava em silêncio enquanto ouvia os berros que vinham do gabinete de Volontov. Sem dúvida ele estava enquadrando a tal Egorova, a novata que viera de Moscou.

— Todos os dias alguém da central me cobra um relatório sobre o americano — dizia Volontov. — Estão querendo resultados!

Uma nuvem laranja se agitava em torno da cabeça dele feito uma

espiral de fumaça. *Por causa da pressão*, pensou Dominika.

— Mas eu *estou* progredindo — argumentou ela. — Já tivemos mais de dez encontros. Ele não deu nenhum indício de ter relatado o contato a seus superiores, o que é uma informação bastante significativa.

— Você não precisa me dizer o que é significativo e o que não é. Minha orientação era que você documentasse todos os encontros com Nathaniel Nash. Ordens da central. Onde estão os telegramas que a mandei redigir pra que eu revisasse antes de mandar pra

Yasenevo?

— Eu *redigi* os telegramas. Foi você mesmo que me pediu para juntar diversas mensagens num único sumário. Não posso escrever sobre os contatos que ainda não aconteceram.

Volontov fechou a gaveta de sua mesa com um gesto brusco e estrepitoso, fazendo sua aura espiralar ainda mais.

— Acho melhor você deixar o sarcasmo de lado e trocá-lo pelo respeito — rugiu. — Agora preste atenção: quero que você acelere as coisas com o americano. Lembre que nosso objetivo final é tirar dele

alguma informação que nos leve à identidade de um traidor. É urgente, é *fundamental*, que você consiga fazer esse ianque falar.

— Eu sei — retrucou Dominika. — Fui eu mesma quem redigiu a proposta operacional, então conheço muito bem o objetivo desta missão. Tudo está indo bem, não precisa se preocupar.

— Fique de olhos bem abertos. Procure ver se ele está se preparando para alguma operação iminente, se está planejando alguma viagem, se está nervoso, distraído ou preocupado com alguma coisa.

— Fique tranquilo, coronel.

Estou atenta a tudo isso. E confiante também. Vou saber se houver algum evento extraordinário na agenda dele.

Dominika não tinha certeza de nada. Tudo indicava que a relação entre eles estava estagnada.

Volontov a fitava como se refletisse sobre algo de grande importância. Na verdade, ele corria os olhos discretamente pelo corpo dela: a boca, o tronco, a cintura. Recostando-se na cadeira, falou:

— Muitos dos indicadores que procuramos talvez sejam mais discerníveis numa relação de maior intimidade. Na *minha* experiência,

quanto mais íntima a relação, mais íntimas as conversas.

Na sua experiência com jovenzinhos marroquinos, pensou Dominika, tentando aplacar a fúria enquanto olhava para as verrugas no pescoço do chefe.

— Muito bem, coronel. Semana que vem tenho mais um encontro com o americano. Vou me lembrar dos seus conselhos sobre intimidade e relatar o progresso realizado. Vou sugerir mais encontros, de modo que eu possa descobrir detalhes da agenda profissional dele. Está bem assim?

— Sim, sim. Mas não subestime

o poder da dependência emocional, entendeu?

A neblina alaranjada rodopiava em torno de Volontov. Ansiedade. Medo. As palavras escaparam da boca de Dominika antes que ela pudesse contê-las:

— Por que não diz logo de uma vez? — falou, levantando-se. — Por que não manda logo que eu vá para a cama com o americano? Sou uma oficial do serviço secreto russo. Trabalho para o meu país. Não vou deixar que você se dirija a mim dessa maneira.

Ela tremia de ódio e frustração. Nem sequer deixou Volontov

responder: saiu marchando e bateu a porta às suas costas.

Se no lugar de Dominika estivesse algum outro novato, o coronel teria seguido no encalço do infeliz e tirado o couro dele antes de despachá-lo para os porões de Lubyanka. Mas no caso dela, levando-se em conta o pedigree da moça, o mais seguro seria fazer vista grossa.

Todos se voltaram para Dominika quando ela deixou a sala do coronel e, fumegando, seguiu para sua mesa na extremidade oposta da sala, junto a uma das mansardas. Ouviram a gritaria dela. Será que a garota não tinha nenhum juízo?

Melhor ficar longe daquela *samoubiystvo*, daquela suicida em potencial, era o que pensavam. Todos, menos uma pessoa.

Dominika remoeria a conversa com Volontov até seu novo encontro com Nate, dali a cinco dias, dessa vez um jantar numa parte mais próxima do centro da cidade. Ela agora admirava sua imagem refletida na janela do apartamento, a escuridão da noite do outro lado do vidro, as luzes de Punavuiori aparecendo por entre as árvores. *Quem é você?*, ela se perguntava, cansada. *Até onde vai aguentar?* Sua vontade era cutucar a onça com vara curta, dar uma bela

lição naquele bando de arrogantes, manipuladores e hipócritas. Mas fazer isso publicamente seria o mesmo que dar um tiro no próprio pé. Não, melhor seria uma vingança secreta, impossível de descobrir, algo delicioso que ela pudesse celebrar em seu íntimo depois, algo que *ela* sabia mas *eles* não.

Volontov era apenas o mais recente da longa procissão de homens autoritários e asquerosos com que ela tivera o desprazer de cruzar na vida e na carreira, mas era ele quem estava logo ali, ao alcance da mão, e ela queria fazer algo contra o verruguento, apagar o alaranjado

encardido daquela aura nojenta. Antes, precisava pegar aquela fúria recém-nascida, guardá-la numa caixinha e botar a cabeça para funcionar. A operação contra Nate era de fundamental importância para Volontov, que se borrava de medo da central em Moscou. Uma maneira de se vingar dele, ou *deles*, seria prejudicar deliberadamente a operação. Mas como fazer isso sem queimar o próprio filme?

Mais tarde na mesma noite, ela parou com a escova de dentes na boca, se olhou no espelho do banheiro e pensou: *Que tal presentear o americano com uma surpresinha?*

Largar o disfarce e contar a ele que você trabalha para o SVR?

Izmena. Traição, era esse o nome do que ela acabara de cogitar. *Gosudarstvennaya izmena.* Alta traição. Mas com isso ela arruinaria o caso de Volontov, faria os americanos se prevenirem e, de quebra, deixaria Nate boquiaberto. Seria interessante ver o susto dele ao saber que ela era uma agente de inteligência. Ficaria impressionado, teria *respeito* por ela.

Dominika censurou a si mesma no mesmo instante, tentando recobrar a disciplina, lembrar-se dos deveres que tinha para com a pátria. No entanto... não se tratava

exatamente de um ato contra a Rússia. Era sobretudo uma vingança pessoal, contra *eles.* Sua intenção não era vender segredos de Estado, mas derrubar aquela longa sequência de dominós. Ela manteria o controle sobre as coisas, determinaria o ponto que elas poderiam alcançar até que sua sede de vingança fosse saciada. Não. Isso seria uma loucura completa. Problemas na certa. Impossível. Ela teria de encontrar outro jeito de se vingar. A essa altura ela já escovava os cabelos. Olhando para o cabo grosso da escova, imaginou-o enterrado até o talo no rabo de Volontov. Em seguida apagou

a luz e voltou para o quarto.

***

No fim da semana, ela e Nate foram jantar no Ristorante Villeta, uma cantina italiana de qualidade inferior na região de Töölö. Um toldo de plástico com as cores da bandeira da Itália se projetava da fachada do prédio residencial em que ficava o estabelecimento. No interior, a decoração se completava com o indefectível xadrez vermelho e branco das toalhas e as velas derretendo sobre cada uma das mesas. Ainda fazia frio, mas o inverno já chegava ao fim: mais algumas

nevascas, uma brevíssima primavera e então viria o delicioso verão, com o porto fervilhando de veleiros e as balsas fazendo a travessia da baía.

Dominika e Nate haviam chegado separadamente, como de hábito. Sob o casaco de inverno ela usava um vestido justo de tricô preto com cinto e meias de lã também pretas. Nate estava de paletó, mas sem gravata e com o colarinho da camisa de listras finas e azuis aberto. Ele deixara a embaixada duas horas antes, seguira de carro pela E12 até Ruskeasuo, dobrara para oeste e voltara para a zona sul por ruas secundárias, chegando a Töölö logo

depois de ter visto Archie estacionar numa ruazinha próxima com o para-sol baixado no lado esquerdo do carro. Sinal de que estava tudo bem.

Nate havia conversado com Gable na véspera.

— Tente fazê-la falar do trabalho — dissera o supervisor. — Ela faz parte do SVR, esse é o segredinho sujo dela.

Nate concordava com ele, mas sofria com a necessidade de produzir alguma informação importante o mais rápido possível. Forsyth o elogiara, Gable só fazia encorajá-lo, mas ele, Nate, já estava ficando aflito. Precisava chegar a algum lugar, e já.

Ele e Dominika ficaram batendo papo por alguns minutos enquanto examinavam o menu exageradamente grande.

— Você está quieto hoje — comentou Dominika, olhando para ele por cima do cardápio.

— Tive um dia difícil no trabalho — retrucou Nate, procurando soar indiferente. — Cheguei atrasado a uma reunião, esqueci de incluir uns números em um relatório, meu chefe não ficou satisfeito e fez questão de me dizer isso.

— Duvido que você não seja um funcionário excelente.

— Bem, agora me sinto melhor — falou Nate, e pediu duas taças de vinho ao garçom que se aproximou da mesa. — Você está bonita.

— Você acha?

Ele se permitira fazer um elogio. Parecia mais seguro, notou Dominika.

— Acho. Você me faz esquecer de tudo: trabalho, chefe, o dia chato que tive hoje.

O chefe. Dominika ficou se perguntando o que de fato se passava na cabeça dele. Baixou os olhos para o cardápio, mas não conseguiu se concentrar.

— Não foi só você que teve um dia chato, Nate — falou. — Meu chefe também me deu uma bronca.

Ela quase podia ver o sangue começar a pulsar nas orelhas dele. Deu um gole no vinho, sentiu-se mais leve.

— Então nós dois estamos encrencados — comentou Nate. — O que você aprontou?

— Nada muito grave — disse Dominika. — Mas ele é uma pessoa desagradável, um *nekulturny*. E muito feio. Tem verrugas.

Quantos rezidenti *em Helsinque devem ter verrugas?*, ela se perguntou.

— O que é isso? *Nekulturny?*

Como se você não soubesse, pensou Dominika, e explicou:

— Um caipira. Uma pessoa sem instrução.

Nate riu.

— Como ele se chama? Talvez eu o tenha conhecido em algum coquetel.

Ela mudara de ideia no mínimo cinco vezes ao longo dos últimos dois dias, e enfim decidira manter distância dos joguinhos perigosos. Ergueu os olhos para Nate. Ele mordiscava seu *grissini*, sorrindo para ela. Não!

Izmena! Traição.

— O nome dele é Maxim Volontov — revelou, ouvindo a própria voz com os ouvidos de outra pessoa.

Bozhe moi, pensou. Meu Deus. Mal podia acreditar no que acabara de fazer. Olhou de novo para Nate, que agora lia o cardápio como se não a tivesse escutado. O halo em torno da cabeça era o mesmo de sempre.

— Não. Acho que não conheço — respondeu ele.

Sentia os pelos dos braços se eriçarem. *Caramba. Que diabo ela está fazendo? Acabou de se entregar!*

— Bem, sorte sua — comentou Dominika, ainda o encarando.

Nate enfim ergueu os olhos do cardápio. Chegara a pensar que Dominika tivesse deixado escapar o nome de Volontov sem querer. Mas não. Ela parecia tranquila. Tinha falado de propósito.

— Por que ele é tão ruim assim? — perguntou ele.

— É um homem nojento, um cafajeste dos tempos soviéticos. Todo dia fica me encarando... Como é mesmo que vocês dizem no seu país?

Dominika o fitava com toda a calma.

— Ele despe você com o olhar, é isso? — sugeriu Nate.

— Isso mesmo.

Ele ainda não esboçara nenhuma reação. Será que tinha entendido o que ela dissera? Dominika chegou a recear que tivesse ido longe demais. Mas de repente percebeu que não se importava. O leite já estava derramado, e agora ela era a guardiã de um segredo mortalmente perigoso. *Feliz agora,* durak*, seu bobinho?*

— Ele parece mesmo uma pessoa horrível... Mas até entendo por que não para de encará-la —

comentou Nate, e abriu um sorriso maroto.

Meu Deus, pensou em seguida. *De onde saiu isso? Será um sinal para mim? Será que ela está apenas se fazendo de tímida e recatada?* Ele fitou aqueles olhos impossivelmente azuis. O peito arfava sob o tricô do vestido. Os dedos compridos agarravam o cardápio gigantesco.

— Agora você falou como um *nekulturny* — disse ela.

Seria possível que ele já soubesse de Volontov? Será que era tão bom a ponto de não esboçar qualquer reação?

— Bem, parece que nós dois temos problemas no trabalho. Podemos nos solidarizar um com o outro.

— O que significa “solidarizar”? — perguntou Dominika, encarando-o.

— Significa que a gente pode chorar no ombro um do outro — explicou Nate.

Tranquilo, caloroso, com a aura roxa.

Dominika não sabia se ria ou gritava. Tentou manter o profissionalismo. — Chorar a gente pode deixar pra depois. Estou morrendo de fome. Vamos pedir?

***

Era uma manhã de segunda-feira quando um cabograma de circulação restrita foi repassado a Nate. O time de Washington informava à estação que Marble entrara em contato para dizer que chegaria a Helsinque dali a duas semanas como integrante da delegação russa que participaria de uma conferência de dois dias sobre as economias escandinava e báltica. Marble avisava ainda que usaria a delegação como disfarce para a viagem: estaria na cidade para tentar encontrar "por acaso" um membro sênior da delegação canadense,

Anthony Trunk, assistente do ministro do Comércio, que aos olhos do SVR representava uma oportunidade válida de recrutamento: o homem tinha uma predileção especial por rapazes de 20 e poucos anos.

Um alto funcionário do governo canadense e ainda por cima um *pidor*, um veadinho. O Departamento das Américas tinha primazia sobre a operação, e Marble era o candidato mais indicado para ir até Helsinque e rondar Trunk. A viagem já fora aprovada pela central. Tal como Marble sabia que aconteceria, instruções haviam sido despachadas

no sentido de excluir a *rezidentura* de Helsinque tanto da conferência quanto da operação de recrutamento. Na sua transmissão intermitente por satélite, Marble informava aos americanos que poderia se encontrar com algum operador da CIA tarde da noite, após os trabalhos e coquetéis previstos para cada dia. Arriscado, mas possível.

Um analista do QG especializado na Rússia chegaria dois dias antes do início da conferência para ajudar na preparação dos encontros secretos. Uma longa lista de perguntas de acompanhamento do caso, gerada pelos relatórios anteriores de Marble,

foi enviada por cabograma à estação. Ao fim dessa relação, como sempre, vinham os questionamentos protocolares de contrainteligência, perguntas bobas e superficiais: "Vocês têm conhecimento de algum informante no governo norte-americano? Da divulgação não autorizada de qualquer material confidencial norte-americano? De alguma operação de inteligência direcionada contra cidadãos ou sistemas dos Estados Unidos?"

Eles repassaram cada item da lista de afazeres. Renovar o estoque de equipamentos de comunicação do informante seria impossível, porque

Marble teria de passar pela alfândega ao voltar à Rússia. Um plano de contato universal teria de ser atualizado. Forsyth vetou a presença de dois oficiais seniores do QG nos encontros secretos com o russo. Nate era o operador de Marble e faria todo o trabalho sozinho.

Depois vieram os preparativos de que apenas Nate poderia cuidar: ele desapareceu de vista durante o dia e, à noite, ia até as imediações do Kämp Hotel, onde seria realizada a conferência e seriam alojados os participantes, para vasculhar a área em busca de lugares possíveis para um breve encontro secreto: becos,

portões, deques de carregamento etc. Passava diante de cafés, restaurantes, museus — que seriam os locais para os esbarrões de entrega —, e ia contando passos, medindo distâncias, determinando fluxos e padrões.

Por fim, durante uma noite de chuva forte em que a fachada da estação ferroviária mais parecia uma cachoeira, Nate entrou no saguão do prédio, se dirigiu à escada lateral logo após a entrada e dali a pouco sentiu uma mão colocando em seu bolso uma pesada chave de quarto de hotel. Um homem com cara de rato, um agente de inteligência europeu, usara

um nome falso e alugara um quarto no Hotel GLO por uma semana. Todas as noites, até o fim da conferência, Nate esperaria nesse quarto para se encontrar com Marble sempre que o russo conseguisse escapar. Fecharia janelas e cortinas, ligaria a televisão e enfrentaria o calor até ouvir o discreto bater na porta, já antevendo as longas conversas que avançariam madrugada afora enquanto a cidade dormia e as luzes dos semáforos brilhavam sem parar nas ruas molhadas e vazias.

Quando Marble desceu do avião em Helsinque, a estação já estava totalmente preparada para passar

com ele tanto tempo quanto fosse possível e seguro sem que um mísero fio de cabelo do americano pudesse ser encontrado pelo caminho.

Anoitecia, e mais uma vez Dominika montava guarda no mezanino do Torni Hotel, esperando Nate chegar à piscina. Eles agora nadavam pelo menos três vezes por semana, mas fazia seis dias que ele não dava as caras. Ela vinha achando aquilo estranho e estava se sentindo um pouco esnobada. Uma semana antes, num domingo ventoso de primavera, eles tinham se encontrado à beira d'água em Ullanlinna, no Carusel Café. No porto

agora se viam inúmeros mastros e adriças balançando de um lado a outro, obedecendo aos caprichos do vento assim como as nuvens que zanzavam no alto, nos raros dias de céu azul.

Para chegar à marina Dominika pegara um ônibus, depois o metrô, depois dois táxis. Caminhando pela Havsstranden, ela pensara por um tempo até vencer a própria resistência e passar um pouquinho de perfume atrás das orelhas. Nate apareceu a pé e atravessou a rua um pouco agitado. Charmoso como sempre, mas um tanto diferente. O halo violeta aparecia granulado, mais

pálido que de costume. Sem dúvida ele estava preocupado com algo. Ao contrário das outras vezes, em que geralmente passavam quatro, cinco, seis horas juntos, Nate disse, após uma hora, que precisava ir. Tinha outro compromisso. Coisa de trabalho. Eles ainda caminharam por algum tempo à beira d'água, e quando Dominika sugeriu que no fim de semana seguinte eles tomassem a balsa para Suomenlinna e passassem o dia explorando o antigo forte, Nate respondeu que adoraria, mas que seria melhor deixar o passeio para dali a duas semanas.

As árvores já começavam a

florescer e eles já podiam sentir o calor do sol no rosto. Numa esquina mais tranquila, pararam e se encararam. Dominika iria para um lado, ele para o outro. Ela ainda sentia a energia nervosa que ele irradiava. Sem dúvida estava à espera de algum acontecimento importante.

— Desculpe — disse ele. — Sei que não fui boa companhia, mas é que... ando meio atarefado no trabalho. Então vamos ao forte daqui a duas semanas?

— Claro — retrucou Dominika. — A gente se vê na piscina e combina melhor.

Eles se despediram e ela se

virou para atravessar a rua, perguntando-se onde estava com a cabeça quando decidira se perfumar.

Nate ficou parado no lugar, observando-a se afastar em meio às folhas varridas pelo vento, admirando as panturrilhas de bailarina, as mãos que balançavam levemente junto às pernas compridas. Só então notou que ela mancava um pouco ao caminhar.

Em seguida ele se foi também, agora pensando na chegada iminente de Marble. Ainda faltava estabelecer um procedimento qualquer para sinalizar ao russo que estava tudo bem e que ele podia subir ao quarto

do Hotel GLO.

STRAPATSADA — OVOS À MODA GREGA

No azeite quente, refogar tomates sem pele e picados, cebolas, açúcar, sal e pimenta até formar um molho espesso. Acrescentar os ovos batidos e mexer vigorosamente até chegar à consistência de omelete. Servir com fatias de pão quente regadas com azeite.

CAPÍTULO 13

JÁ HAVIA SE PASSADO TEMPO demais. Por onde ele andaria? Teria encontrado outro alvo? Outra mulher? Teria sumido só porque ela entregara o nome de Volontov? Era nisso que Dominika pensava enquanto esperava Nate no mezanino do Torni Hotel. Sabia que, mais uma vez, ele não apareceria.

Tentou não pensar no tio Vanya em Moscou, tampouco naquele *rezident* suarento que não tirava os olhos dela. Na manhã seguinte ela teria de entregar um relatório.

Voltando a pé para o apartamento, ela mal reparava nas ruas ou nas luzes das janelas. Imaginava o que aconteceria na *rezidentura* no dia seguinte. Seu relatório sobre o sumiço de uma semana de Nate seria imediatamente encaminhado via cabograma para Vanya. Na Linha KR, uma solicitação urgente ao setor administrativo levaria à produção de uma lista de todos os russos que haviam viajado para a Escandinávia nos últimos seis meses, bem como os que pretendiam viajar nos seis meses seguintes. Diplomatas, empresários, professores e alunos universitários,

funcionários públicos, até mesmo pilotos e comissários. Em seguida, com toda a paciência do mundo, os lobos da KR eliminariam nomes baseando-se em idade, profissão, histórico e, sobretudo, acesso a segredos de Estado. A lista reduzida de suspeitos poderia chegar a uma dezena ou uma centena de nomes. Isso não faria a menor diferença para o SVR, que começaria a vigiá-los em tempo integral, interceptando cartas, grampeando telefones, vasculhando residências e *dachas*, despachando operadores para investigá-los.

A busca certamente se estenderia a Helsinque também. Uma

equipe de vigilância da Diretoria K seria orientada a seguir Nate por duas ou três semanas, um mês que fosse, e observar as atividades dele. Inventivos e invisíveis (os vigilantes da Diretoria K eram sempre mencionados num tom de admiração), eles passariam suas observações a Moscou e então teriam início as infindáveis investigações. Era inevitável. Ao fim do processo, caso o informante fosse mesmo russo, seria preso, julgado e executado. As eminências pardas colocariam suas garras de fora mais uma vez.

Os passos de Dominika

ressoavam no silêncio da noite. As ruas estavam vazias. Ela se perguntava quem seria o informante de Nate. Que motivos ele teria para trair seu país? Que tipo de pessoa seria? Decente? Corrupta? Nobre? Louca? Dominika queria ver o rosto desse informante, ouvir sua voz. Talvez se identificasse com seus motivos. Talvez fosse capaz de entender sua traição. Pensou na própria pequena transgressão. *Você não teve a menor dificuldade para racionalizar a situação, não é, sua conspiradora de meia-tigela?*

Dominika se recostou na fachada de um prédio e fechou os

olhos. Até aquele momento era a única pessoa a suspeitar, ou melhor, a *saber* que Nate se encontraria com seu informante. Chegou a ficar um pouco tonta ao se dar conta disso. E se ela não dissesse nada? Seria capaz de tamanha deslealdade? Nada a impedia de sonegar aquela informação e sabotar o jogo deles.

De repente ela se lembrou daquela putinha, Sonya, que conspirara com o namorado para arruinar sua carreira de bailarina. Lembrou-se do brutamontes que tentara agarrá-la no chuveiro da academia, do grito de agonia que ele dera ao ter o olho perfurado por uma

torneira. Lembrou-se do francês Delon, que nada pudera fazer contra os capangas do SVR. Lembrou-se do gosto do sangue de Ustinov que sentira na própria boca. E se lembrou do rosto de Anya, roxo pelo sufocamento.

Eles que esperem, ela enfim decidiu, já bem mais confiante. Aquilo seria perigosíssimo, potencialmente fatal. O plano era frágil e proibido, mas extraordinário. O poder que ela exerceria sobre Volontov e Vanya seria real. Sua mãe sempre lhe dizia para controlar o mau gênio, mas agora era delicioso sentir na garganta aquele friozinho

da transgressão.

Dominika voltou a caminhar, os sapatos ecoando na calçada. Havia algo mais, uma constatação que a deixava um tanto surpresa. Ela conhecia o jogo o suficiente para saber que a reputação de Nate seria irremediavelmente arruinada caso ele perdesse seu informante. Não faria isso com ele. Gostava do americano. Via nele algo do próprio pai.

Na manhã seguinte, com um peso no estômago, Dominika mostrou seucrachá na portaria da embaixada, atravessou o pátio e subiu os degraus de mármore que

levavam ao sótão, já gastos pelos incontáveis oficiais que haviam servido antes dela. Sluzhba Vneshney Razvedki, SVR, Serviço de Inteligência Externa. No topo da escadaria havia uma porta de metal pesada, não muito diferente da porta de um cofre. Do outro lado, uma segunda porta de tranca criptografada e uma espécie de alambrado com código de alarme. Dominika deixou a bolsa em sua mesa e acenou para uma colega. Volontov estava na entrada de seu escritório, chamando-a.

Parada na frente da mesa dele, ela não conseguia tirar os olhos das mãos gordas do chefe.

— Então, alguma novidade? — perguntou Volontov, limpando as unhas com um abridor de cartas.

Dominika sentiu o coração dar cambalhotas no peito, a cabeça martelar incessantemente. Receou que o coronel percebesse, que já soubesse de alguma coisa. Quando enfim conseguiu falar, teve a impressão de que as palavras vinham da boca de outra pessoa.

— Coronel, descobri que o americano gosta de museus — começou ela, desajeitada. — Convidei-o para uma visita ao Kiasma nos próximos dias. Minha intenção é levá-lo para jantar depois...

no meu apartamento.

Mal acreditou no que acabara de dizer. Aquilo era tudo o que Volontov queria ouvir. O homem desviou o olhar das unhas, fixou-o nos seios dela e grunhiu:

— Já não era sem tempo. Capriche nesse jantar, hein? Pra que ele queira voltar mais vezes. Fora isso, nenhuma outra novidade? Nada fora do comum?

Bastaria contar que o americano estaria ocupado pelas próximas duas semanas para que a engrenagem se colocasse em movimento e ela, Dominika, ficasse isenta de toda a responsabilidade. As marteladas

ficaram ainda mais ruidosas em sua cabeça. A visão periférica se turvou e ela mal conseguia discernir o porco sentado do outro lado da mesa, envolto no laranja asqueroso da própria aura. A garganta se fechava ao mesmo tempo que as pernas tremiam a ponto de um joelho bater no outro, algo que nunca lhe acontecera. Ela precisou resistir ao impulso de se apoiar na mesa para não cair. Volontov continuava a encarar os seios dela, uma mecha escapando dos cabelos engomados e apontando para o lado com a rigidez de uma antena.

No último milésimo de segundo,

Dominika se decidiu.

— Não, coronel, por enquanto nenhuma outra novidade — falou, com o coração na boca.

Acabara de cruzar o limite que separava uma simples infração da traição cometida contra o Estado. Cedo ou tarde eles descobririam tudo e mandariam homens para matá-la com trituradores de gelo, assim como haviam feito com Trotsky. Jogariam a mãe dela dentro de uma fornalha qualquer. Volontov ainda a fitou por alguns instantes, grunhiu mais uma vez e por fim a dispensou com um aceno de mão. Dominika logo viu que ele não desconfiara de nada. No

entanto, mesmo tendo certeza de sua intuição, sentiu o sangue formigar gelado nas veias.

Voltou para sua mesa e desabou na cadeira. Todos à sua volta trabalhavam com a cabeça baixa, uns lendo, outros digitando ou escrevendo algo. Exceto Marta Yelenova, que se sentava a duas mesas de distância. Ela empunhava um cigarro, olhando na sua direção. Dominika abriu um pequeno sorriso e desviou o olhar.

Marta era a principal assistente administrativa da *rezidentura*, o mais próximo que Dominika tinha de uma amiga na embaixada. Elas já haviam

conversado algumas vezes e dividido a mesa durante um jantar de despedida oferecido a um diplomata qualquer. Numa tarde chuvosa de domingo as duas se encontraram para um passeio no mercado do porto, parando aqui e ali para beliscar alguma coisa nas barraquinhas de comida fresca. Uma mulher elegante, de traços nobres, Marta tinha cerca de 50 anos e uma farta cabeleira que ia até os ombros. As sobrancelhas grossas encimavam seus lindos olhos castanhos. Os lábios finos estavam sempre um pouco curvados para cima em um permanente sorriso de sarcasmo,

talvez por conta da visão cínica que parecia ter do mundo. Era uma daquelas pessoas que tinham uma aura de cor forte em torno da cabeça e do corpo, um vermelho-rubi que denotava paixão, ardor, o mesmo tom que Dominika via sempre que ouvia música.

Sem dúvida a mulher fora uma beldade na juventude. Quase rosnava sempre que algum colega do sexo masculino se aproximava para fazer qualquer comentário, por mais inocente que fosse, sobre seu corpo imponente e vistoso, agora um pouco arredondado demais na região da cintura. Ela colocava o infeliz para

correr. Tampouco se deixava intimidar quando Volontov vinha exigir algum voucher, prestação de contas ou relatório mensal. Falava sem nenhum pudor que os papéis seriam entregues assim que ficassem prontos. Era Volontov quem parecia se intimidar com o porte olímpico da funcionária.

***

Dominika não sabia nada a respeito do passado de Marta, mas, se soubesse, sem dúvida ficaria surpresa pelo fato de a mulher ter sido recrutada pela KGB, em 1983, para se matricular na Escola Federal

Quatro, a Escola de Pardais que se escondia no coração de uma floresta nos arredores de Kazan. Tinha 20 anos à época. O pai lutara na Grande Guerra Patriótica, depois se integrara às forças do NKVD em Leningrado como membro do partido, um fiel vassalo do Estado. A beleza extraordinária de Marta fora notada por um major da KGB durante uma ronda de inspeção e ele providenciara para que ela fosse contratada pelo SVR como sua secretária. O pai de Marta, que conhecia a máquina do governo a fundo mas ainda assim esperava que a menina tivesse uma vida melhor,

assentira em silêncio e despachara a única filha para morar com a irmã dele em Moscou, a fim de que ela pudesse começar a trabalhar na SDG, a Segunda Diretoria-Geral da KGB (segurança interna), Sétimo Departamento (operações contra turistas), Terceira Seção (hotéis e restaurantes). Sozinho, o Sétimo Departamento empregava duzentos oficiais e 1.600 informantes e agentes em meio expediente.

Uma vez em Moscou, Marta foi notada por um coronel da SDG, patente superior à de major, e convocada a integrar a equipe dele. Depois de um tempo, chamou a

atenção de um general da SDG, de patente superior à do coronel, e chamada para trabalhar como auxiliar dele, mesmo sem fazer a menor ideia do que era esperado do cargo. Descobriu certa tarde, quando o tal general a empurrou para o sofá de seu gabinete e passou a mão sob a saia do uniforme dela. Marta o golpeou na cabeça com a garrafa de água a seu lado, uma garrafa tipicamente soviética, de metal. O escândalo abalou os alicerces da puritana KGB, sobretudo porque a mulher do general era irmã de certo membro do Politburo. Logo Marta foi transferida para a Escola Federal

Quatro. Não tinha escolha. Teria de se tornar um pardal.

Marta apresentava a rara combinação de uma beleza estonteante com uma inteligência acima da média. Enquanto a beleza lhe ajudava a atrair diplomatas estrangeiros, jornalistas e empresários, a inteligência lhe conferia um talento especial para conquistar amigos influentes. Ao fim de uma carreira de quase vinte anos, Marta era conhecida como Koroleva Vorobey, a rainha dos pardais. Havia participado de dezenas de arapucas orquestradas pela SDG, as quais permitiram à KGB recrutar, entre

outros, um bilionário japonês ninfomaníaco, um embaixador inglês adúltero e um abjeto ministro de Defesa indiano. No auge da trajetória, fora a isca sexual do lendário recrutamento de uma criptógrafa alemã, funcionária da embaixada, cujo suborno tornara possível à KGB ler todo o tráfego cifrado entre a Alemanha e a ONU durante sete anos ininterruptos. Essa foi a única vez em que ela trabalhou contra outra mulher, mas o recrutamento ainda era citado como uma operação clássica nas escolas superiores da KGB.

Ao longo dos anos, os romances

não operacionais de Marta incluíram dois membros do Politburo, um general da Primeira Diretoria-Geral e diversos filhos de oficiais influentes na alta direção da KGB. Inúmeros exchefes de sobrancelhas grossas ainda se lembravam dela com carinho. Graças a esses "mentores" velhos de guerra, Marta era uma mulher à prova de qualquer ataque e se aposentara da vida de pardal com uma pensão equivalente à de um major do SVR. Decidira aproveitar a vida e ver um pouco do mundo, então solicitara uma transferência para o exterior e fora prontamente atendida com um posto em Helsinque.

***

A princípio Marta não sabia se o trabalho de Dominika era de natureza operacional ou apenas administrativa. Uma coisa era certa: a mocinha era jovem demais para ter recebido um posto fora do país. O sobrenome explicava muita coisa, mas o fato de ela não ter nenhuma tarefa regular na *rezidentura*, não obedecer a horários fixos e falar direto, sempre em particular, com o *rezident*, tudo isso sugeria que estava em Helsinque para alguma missão especial. As roupas eram novas: sem dúvida tinham lhe dado um guarda-roupa completo. Os rumores

aumentaram ainda mais quando se soube que a recém-chegada fora alojada num apartamento fora da área reservada a todos os funcionários da embaixada. Marta já vira esse filme.

Na *rezidentura*, Dominika era correta, reservada, fazia seu trabalho com rapidez e eficiência, além de uma intensidade incomum. Em campo ela estava sempre avaliando pessoas e lugares, examinando portas e calçadas, usando movimentos do dia a dia para disfarçar olhadelas. Marta percebia tudo isso, e quando estava com Dominika a uma mesa qualquer

tomando um café, notava também que, quase inconscientemente, ela usava sua beleza — os olhos, o sorriso, o corpo — para seduzir os interlocutores, do mesmo modo que, durante um papo informal, lançava mão de seu conhecimento das técnicas de conversação para extrair uma informação ou outra.

Marta não podia deixar de ficar encantada. A moça tinha tudo: beleza, inteligência, habilidade técnica. Sem falar na incandescência daqueles olhos azuis. Não havia dúvida de que ela sabia o que estava fazendo, de que amava seu país, mas sob a superfície parecia haver algo borbulhando

secretamente como um lençol freático. Orgulho, raiva, desobediência. E mais alguma outra coisa, difícil de definir. Um lado secreto, certa inclinação à rebeldia. Era como se ela flertasse com o risco com a compulsão de um vício. Marta se perguntava quanto tempo aquela jovem tão esperta e intuitiva levaria para descobrir que o trabalho da central não passava de *pokazukha*, algo feito apenas para constar, uma simples encenação. Volontov era um exemplo típico dos atores daquele teatro, dos funcionários que haviam povoado a KGB e o Kremlin nos últimos setenta anos.

A certa altura elas passaram a se encontrar após o trabalho para beber uma taça de vinho em algum bar local e se deleitar com uma pecaminosa fatia de torta de caviar com *créme fraîche* e muito queijo. Conversavam sobre família, sobre Moscou, sobre experiências de vida. Dominika preferia não mencionar sua passagem pela Escola de Pardais. Marta ria e a fazia rir, e no fim da noite elas saíam de braços dados pela calçada.

Certa noite, após elegantemente despachar o alemão asqueroso que as abordara, Marta contou sua história de vida a Dominika, falou de

sua carreira como pardal. Orgulhava-se de ter servido o país e nem sequer pensava em toda a selvageria que testemunhara na KGB. Não tinha a menor vergonha de quem era, tampouco do que fizera. Ao ouvir aquilo,

Dominika ficou com os lábios trêmulos, olhou para a amiga e começou a chorar em silêncio. Foi uma longa noite depois disso, mas Marta agora sabia tudo a respeito de Dominika. Sabia de tio Vanya, da missão contra Nate, da Escola de Pardais, do francês Delon, até mesmo de Ustinov. As palavras saíam da boca da jovem em um turbilhão

impossível de conter, sem qualquer intenção de seduzir ou manipular. Dali em diante ela e Marta passariam a ser, simplesmente, boas amigas.

Os encontros se sucediam noite após noite, e Marta, do alto de sua experiência pessoal e profissional, ouvia tudo o que Dominika tinha a dizer. Espantava-se que os *vlastiteli*, os chefes, tivessem conseguido que a moça evoluísse tanto em tão pouco tempo. No entanto, por mais que visse as qualidades e a força de Dominika, suspeitava que o convívio com o descontraído americano, o agente da CIA, estivesse lhe provocando alguma reação mais

profunda. Afirmar isso seria sugerir que ela não era capaz de operar de maneira correta, então preferiu guardar as suspeitas para si.

— Sei lá — disse Dominika. — Ele é meio arrogante e faz piada com tudo. Não gosta muito da Rússia, ou pelo menos não dá o devido crédito ao nosso país. Tio Vanya está convencido de que ele é um agente desesperado.

— Parece uma pessoa desagradável — comentou Marta. — Mas isso só facilita as coisas pra você, não é? Trabalhar contra ele, até mesmo ir pra cama com ele pra conseguir o que quer.

Ela acendeu um cigarro e olhou para Dominika. Elas estavam na terceira taça de vinho.

— Eu não diria “desagradável”. Até que é um cara legal. — Dominika suspirou, depois acrescentou: — Devo contar pro Volontov assim que ele parecer meio distraído, assim que desconfiar que ele está vulnerável. O objetivo é pegá-lo com a boca na botija com o informante dele.

O vinho começava a fazer efeito.

— E você o conhece bem o bastante pra saber? — perguntou Marta. Dominika afastou uma mecha de cabelo da testa e disse:

— Na verdade eu... eu *já sei.*

— Então foi lá e contou pro coronel Volontov, não contou?

Marta já sabia o que estava acontecendo.

— Não exatamente — retrucou Dominika. — Falei que continuaria observando.

— Não falou que suspeitava que o seu jovem americano estava entrando em ação?

— Ele não é "meu jovem americano" — respondeu Dominika, de olhos fechados.

— Mas você acha que ele está no ponto de ser flagrado e, quando

Volontov perguntou, você não contou nada pra ele? É isso? — quis saber Marta, inclinando-se na direção dela. — Abra os olhos. Olhe pra mim.

Dominika obedeceu e falou:

— É, é isso. Não contei nada. — E voltou a fechar os olhos.

Marta deu um gole no vinho e constatou com algum distanciamento que Dominika não só cometera uma traição contra o Estado (dizer "contra a Duma" seria ridículo àquela altura), como fizera dela, Marta, sua cúmplice nessa traição, ainda que apenas na qualidade de ouvinte. Ela apertou a mão de Dominika e alertou:

— Você precisa tomar cuidado.

Marta dedicara uma vida inteira ao Estado; por anos ignorara os excessos cometidos por ele e contribuíra pessoalmente para arruinar a vida de indivíduos cujo único pecado fora sucumbir aos prazeres da carne. Em seu íntimo, porém, fazia tempo que ela cortara todos os laços com aqueles animais filhos da puta. Podia muito bem entender a situação de Dominika. Sabia que aqueles monstros sugariam tudo o que aquela menina tão linda e inteligente tinha a oferecer e depois a descartariam como a um objeto. No entanto,

Dominika correria um risco mortal se de alguma maneira, por mais indireta que fosse, sua atitude viesse a frustrar os planos de Vladimir Putin. As informações que ela tinha a respeito do americano eram inócuas, desde que ninguém as descobrisse.

***

A rápida visita de Marble a Helsinque foi um sucesso em muitos aspectos. Em primeiro lugar, foi apresentado a Trunk, o ministro canadense, e fez um progresso significativo com ele; dali em diante teria uma base mais sólida para continuar no encalço da exuberante

figura. Em segundo lugar, três madrugadas de encontros com Nate no Hotel GLO haviam produzido oito relatórios de inteligência altamente graduados (com anotações suficientes para outros quase quarenta) sobre operações do SVR na Europa e na América do Norte. Em terceiro, Marble forneceu o nome de um oficial da Diretoria de Planejamento Estratégico da Real Polícia Montada do Canadá que vinha se encontrando com uma imigrante ilegal russa (que durante o dia trabalhava como stripper no Bare Fax de Ottawa). Por fim, o agente veterano repetiu de memória (em

geral não tinha acesso aos cabogramas que vinham da China) os pontos mais importantes de três relatórios extraordinários do SVR, enviados de Pequim, detalhando as rixas de poder que ainda aconteciam dentro do Comitê Permanente do Politburo dois anos após a remoção de Bo Xilai, no início de 2012. As informações privilegiadas que ele tinha sobre o interesse, ou "obsessão", do presidente Putin no Partido Comunista Chinês eram bastante valiosas para os analistas.

Tudo isso era fruto exclusivo das iniciativas de inteligência de Marble. O item mais explosivo era um

comentário que ele ouvira nos corredores do SVR, segundo o qual uma missão vinha sendo conduzida diretamente no quarto andar de Yasenevo, uma "missão de diretor", algum informante tão importante que os líderes do Serviço haviam achado melhor operá-lo pessoalmente. Algum governo estava com um grande problema nas mãos, uma enorme fonte de vazamento de informações, e os agentes de contrainteligência americanos andavam com a pulga atrás da orelha: seria possível que esse informante estivesse em Washington? Essa informação palpitante por parte de

Marble seria tratada em separado das outras que ele fornecera.

Ninguém precisava dizer ao velho espião como agir em relação àquilo. Ele mesmo se adiantou e avisou o que pretendia fazer. Era experiente o bastante para saber apertar os botões certos só com a pontinha do dedo, para se fazer de morto à espera de alguma movimentação a seu redor. Continuaria coletando informações com a discrição de sempre. Enquanto isso, as palavras “informante do SVR”, “missão de diretoria” e “Yasenevo” seriam escritas inúmeras vezes nos quadros dos analistas de

contrainteligência em Washington, os quais esperariam o tempo que fosse necessário, meses ou anos, até conseguirem mais peças para aquele quebra-cabeça.

Na última noite, Marble contou a Nate que nos próximos seis meses Anthony Trunk estaria presente numa conferência de economia em Roma e na Assembleia Geral da ONU, mais dois pretextos para que o informante russo pudesse sair de seu país sem levantar suspeitas.

Dessa vez o time em Washington ficara especialmente satisfeito com as informações de Marble e com o desempenho de Nate.

Um bônus foi depositado na conta secreta do russo, e o americano foi recompensado com um aumento salarial líquido de US$ 153.

— Uau — disse Gable ao informar a Nate sobre o aumento. — Cento e cinquenta e três pratas. Vamos rezar pra que a porra da inflação não coma isso em dois meses. Ah, e você também ganhou seis vales pra lavar seu carro no lava-jato da esquina.

Ao fim da rodada de encontros, antes que Marble voltasse a Moscou, Nate trouxe à tona um assunto delicado: a segurança do general. Com absoluta tranquilidade, Marble

admitiu que, desde a última vez que os dois se viram nas ruas geladas de Moscou, que parecia ter sido séculos antes e na qual eles quase haviam sido capturados, tivera início uma séria caça às bruxas em Yasenevo. O primeiro vice-diretor Egorov, velho companheiro de Marble, estava convencido de que algum funcionário de alta patente no SVR andava espionando para a CIA.

— Em outras palavras... pra mim — disse Nate com uma risada, mas visivelmente preocupado.

— Olhe — retrucou Marble —, estou acostumado ao risco. Sei como funciona o SVR. Sei como funciona a

cabeça daquele *zhulik*, daquele pateta chamado Egorov. Não há motivo para alarme.

Lembrou-se então dos catorze anos que já completara como informante da CIA, das noites que passara em claro enquanto esperava ouvir passos na escada, dos apertos no peito quando era chamado de volta a Moscou para alguma "consulta", do alívio que sentia ao entrar numa sala de reunião e de fato se deparara com a reunião para a qual fora convocado. Porque outros antes dele já haviam encontrado uma sala vazia e os *ubijca*, os capangas do SVR, esperando atrás da porta.

Marble enfim conseguiu tranquilizar seu jovem e intenso operador e eles repassaram juntos os planos de contingência que já haviam concebido para o cenário mais extremo possível no mundo da espionagem: a exfiltração, como era chamada a operação em que os informantes com a cabeça a prêmio eram retirados do país com a família ou a amante, fosse no porta-malas de um carro, fosse numa arriscada manobra com documentos falsos num aeroporto qualquer.

Ao cabo de quarenta minutos de conversa, Marble ergueu a mão e disse: — Por hoje chega, Nathaniel.

Você é detalhista demais.

Nate corou de vergonha e eles se despediram.

***

Marble voltou em toda a segurança para Moscou, e Nate ficou feliz com a enxurrada de elogios que obteve do QG, sobretudo com o cabograma segundo o qual seus relatórios haviam sido muito bem recebidos “nas mais altas esferas”, jargão interno para a presidência da República e o Conselho Nacional de Segurança.

Forsyth o cumprimentou com

tapinhas no ombro e Gable lhe trouxe uma cerveja.

— Você recebeu esses elogios todos — disse —, mas não tem ninguém pensando no seu informante. É obrigação *sua* não tirá-lo da cabeça. Não se esqueça disso.

Apesar do clima de festa, Nate ainda se preocupava com seu problema mais premente: Dominika. Para onde aquele caso caminhava? O que significava a confissão de que ela trabalhava para o *rezident*? Caso não houvesse algum progresso em breve, as reclamações não tardariam a chegar do QG.

— Foda-se o QG — decretou

Gable, e abriu mais uma cerveja. — Procure esfriar a cabeça nas próximas semanas, cara. Aproveite a maré boa que está rolando pro seu lado. Depois a gente vê o que faz.

Àquela altura Nate já conhecia o chefe bem o suficiente.

— O que você quis dizer é: "Levanta a bunda dessa cadeira e vá pra rua antes que eu te expulse daqui na base da porrada", é ou não é?

— Exatamente — respondeu Gable. — Vá já para aquela piscina encontrar a sua russinha. Leve flores pra ela. Diga que estava morrendo de saudades. Convide-a pra jantar.

— Pra falar a verdade, Marty, eu fiquei *mesmo* com um pouquinho de saudade da garota — retrucou Nate, baixando os olhos para o carpete.

— Não diga — ironizou Gable, e saiu da sala.

TORTA DE CAVIAR

Refogar cebolinhas e depois batê-las no liquidificador com crème fraîche e queijo Neufchâtel ralado. Despejar a mistura sobre uma forma de fundo removível e jogar ovos cozidos e picados por cima. Espalhar uma fina camada de caviar Ossetra ou Sevruga e levar à geladeira. Desenformar e servir com blinis ou torradinhas.

CAPÍTULO 14

MARTA CONSPIRAVA COM DOMINIKA nas pequenas coisas. Ajudava-a a rechear os relatórios diários com atividades inventadas e a fabricar documentos de contato que mostrassem certo progresso com o americano, mas que fossem banais o suficiente para não despertar o urso dormente de Moscou. Dominika informava sobre encontros agradáveis porém inconclusivos com seu alvo, ora num museu, ora num restaurante ou café, sempre fazendo referências veladas a uma apatia quase preguiçosa por parte dele.

— Isso faz Nate parecer horrível — comentou ela certa vez. — E eu também. Vamos terminar nossos dias como duas solteironas, eu e você!

— Acha mesmo? — retrucou Marta, acendendo um cigarro. — Vamos ser aquelas duas mulheres que vão ao açougue pra comprar linguiça e o açougueiro diz que está sem troco, então dá a elas uma linguiça extra. “O que a gente vai fazer com uma terceira linguiça?”, uma das moças cochicha pra outra. “Não tem problema”, diz a segunda. “Essa aí a gente come.”

Dominika irrompeu numa

gargalhada.

Volontov andava sempre por perto, repassando toda a pressão que sofria de Moscou. Já notara a proximidade entre as duas mulheres, a expardal de meia-idade e sua coleguinha mais jovem. Não havia dúvida de que Yelenova andava fazendo a cabeça de Egorova. A veterana ficava cada vez mais mais insubordinada e indisciplinada.

Era um dia de temporal, uma chuva forte que vinha da Estônia e desabava sobre a cidade. Dominika estava fora da embaixada quando Marta foi chamada ao gabinete de Volontov. Sentou-se por iniciativa

própria, empertigou os ombros e disse:

— Pois não, coronel.

Volontov a encarou em silêncio. Correu os olhos do rosto para as pernas dela, e daí para o rosto mais uma vez.

Sem ao menos piscar, Marta falou:

— Por que me chamou até aqui?

— Tenho reparado na sua amizade recente com o cabo Egorova — começou Volontov afinal. — Você e ela têm passado um bom tempo juntas, ao que parece.

— Algum problema, coronel? —

retrucou Marta, depois acendeu um cigarro, ergueu a cabeça e soprou a fumaça para o alto.

Volontov agora a fitava como um garotinho caipira.

— O que você tem falado pra ela?

— Não sei se entendi a pergunta, coronel — respondeu Marta. — Às vezes saímos pra tomar um vinho e conversamos sobre família, viagens, restaurantes...

— O que mais? — quis saber Volontov. — Falam de homens também? Namorados?

As lâmpadas fluorescentes da

sala refletiam o brilho das lapelas de seu paletó búlgaro.

— Desculpe, coronel, mas não vejo motivo pra essa pergunta de natureza estritamente pessoal.

— *Sookin syn!* — rugiu Volontov, esmurrando a mesa. — Não preciso lhe dar motivo algum! Seja lá o que você anda dizendo pra Egorova, quero que pare! Esse seu cinismo, essa sua visão deturpada das coisas... Sua companhia não tem feito nada bem a ela. A produtividade dela caiu. O trabalho tem sido negligenciado. Os relatórios não estão satisfatórios. Deixe a moça em paz, ou serei obrigado a tomar providências.

Habituada aos ataques de raiva dos altos oficiais soviéticos, aos quais era imune, Marta se inclinou para a frente com toda a calma e apagou seu cigarro no cinzeiro de Volontov. Vendo que os olhos dele haviam baixado para o decote de sua blusa, plantou as mãos na mesa e se inclinou ainda mais para que ele tivesse uma visão melhor.

— Coronel, eu preciso lhe dizer uma coisa — falou. — O senhor é um homem repulsivo. É o senhor quem deve deixar Egorova em paz. Pare de constranger a menina com seus modos asquerosos. Ela não fez nada de errado.

— Com quem você acha que está falando, hã? — berrou Volontov. — Você não passa de uma puta velha de guerra, *blyadischa*! Posso mandá-la de volta pra casa hoje mesmo, botá-la pra correr como a cadela sarnenta que é! Vai terminar seus dias pilotando uma agência de turismo em Magnitogorsk, carimbando permissões de viagem o dia todo, depois usando sua boca banguela pra chupar o pau dos jogadores de hóquei do Metallurg a noite inteira!

— Ah, claro, as ameaças de sempre — retrucou Marta. Conhecia pelo avesso aquele tipo de animal covarde. — Mas... ameaça por

ameaça... que tal esta aqui? Posso fazer da sua vida um inferno, coronel Volontov. Posso criar tantos problemas em Moscou que vai ser *o senhor* quem vai terminar os *seus* dias de joelhos em Magnitogorsk. Vanya Egorov não vai gostar nem um pouco de saber que esta sua *rezidentura* é uma *svlaka*, um poço de incompetência, que o senhor não tem resultado algum pra mostrar. E ele também vai adorar saber das punhetas que o senhor bate pensando na sobrinha dele, sonhando com o dia em que vai cair de boca entre as pernas dela. *Mudak!*

Tratava-se de uma

insubordinação sem precedentes. Aquilo era traição. Volontov ficou de pé e esperneou:

— Arrume suas coisas agora mesmo! Você tem até amanhã à noite pra sumir daqui. De trem, barco, avião, não quero nem saber! Se depois de amanhã você ainda estiver aqui...

— *Zhopa!* Filho da puta!

Marta deu as costas para Volontov e seguiu na direção da porta.

Ofegando de raiva, Volontov abriu a gaveta e pegou uma pequena Makarov automática, a pistola que o

acompanhava desde o início da carreira. Jamais a disparara a trabalho, muito menos num momento de fúria. Agora, com a mão trêmula, ele abriu o ferrolho para alojar uma bala. À porta, Marta ouviu o barulho e virou o rosto, deparando-se com a pistola virada direto contra ela.

— Não sou Dimitri Ustinov, coronel Volontov. Você e sua raça não podem simplesmente destruir tudo aquilo que não conseguem controlar.

Ela sentia o coração dar cambalhotas no peito, sem saber ao certo se o coronel teria coragem de atirar.

Ustinov? O oligarca assassinado? Esquartejado em sua própria cobertura, baldes de sangue numa suposta vingança da Máfia? Volontov não fazia ideia do que aquela cadela dizia, mas na sua cabeça os circuitos soviéticos da década de 1950 estavam prestes a ferver. Seus instintos o alertavam de algo sob a superfície daquele lago, talvez algo muito importante. Ele baixou a pistola. Marta enfim abriu a porta e saiu. Colegas se juntavam no corredor depois de terem ouvido a gritaria.

Sozinho em sua sala, Volontov acendeu um cigarro e

procurou se acalmar. Dali a pouco pegou o telefone de alta frequência e pediu à telefonista uma ligação para Moscou. Meia hora depois estava falando com o primeiro vice-diretor Egorov. Bastaram dois minutos para que ele recebesse suas instruções: ignorar o que Yelenova dissera, não contar uma palavra a ninguém, não fazer absolutamente nada. Volontov estava prestes a argumentar que aquele tipo de insubordinação minava sua autoridade quando, em meio à estática da ligação, Egorov mandou que ele prestasse atenção e decretou:

— Yest' chelovek, yest'

problema. Nyet cheloveka, nyet problemy.

Volontov sentiu um frio na espinha. Conhecia muito bem aquele aforismo, um dos prediletos do camarada Stalin: “Se existe uma pessoa, existe um problema. Se não existe uma pessoa, então não existe nenhum problema.”

***

Nate e Dominika conversavam no sofá do apartamento dele. As luzes do porto entravam pela janela e o apito grave de um navio ressoava na escuridão para além das ilhas da baía. Uma equipe de varredura examinara

o apartamento de modo que ele pudesse convidar Dominika para jantar. Àquela altura nenhum dos dois sabia qual deles estava em vantagem operacional, como suas iniciativas de desenvolvimento se desenrolariam ou o que estava em jogo na situação. Só tinham certeza de que queriam estar na companhia um do outro. Dois abajures eram responsáveis por uma iluminação suave na pequena sala de Nate. A música tocava baixinho, baladas de Beny Moré.

Nate havia cozinhado: *vitello picatta*, escalopinho de vitela com molho de limão e alcaparras.

Dominika esperara junto à mesa da cozinha enquanto ele fritava os filés, fininhos como hóstias, no óleo quente com manteiga, e depois os reservava. Ela se aproximou do fogão quando ele derramou vinho com suco de limão para deglaçar a frigideira, em seguida acrescentou duas fatias de limão, as alcaparras e alguns cubinhos de manteiga fria. Só então retornou os filés à panela para reaquecê-los. Eles comeram no sofá com os pratos sobre o colo. Dominika terminou seu vinho e serviu-se de mais uma taça.

Eles haviam retomado os encontros após o afastamento de

algumas semanas e vinham se vendo com alguma regularidade desde então. Naquele domingo especialmente frio visitaram o antigo forte naval de Suomenlinna, e durante o passeio reacenderam a velha discussão.

— Você morou um ano em Moscou — disse Dominika —, mas não conhece os russos. Tem uma visão cartesiana das coisas. Não aprendeu nada.

Nate sorriu e ofereceu a mão para que ela passasse por cima de uma balaustrada, parte dos muros da fortaleza. Dominika ignorou o gesto e subiu por conta própria.

— Ouça — retrucou Nate —, não vejo nenhum problema com o patriotismo. Vocês têm muito do que se orgulhar. Mas o mundo não está povoado apenas de inimigos. Acho que a Rússia devia se concentrar mais em resolver os problemas do próprio povo.

— Estamos indo muito bem, não precisa se preocupar.

A discussão prosseguiu mais tarde no apartamento de Nate enquanto eles lavavam a louça após o jantar.

— O que quero dizer é que fundamentalmente a Rússia não mudou muito desde os velhos

tempos e não sabe aproveitar as oportunidades maravilhosas que estão se abrindo para o país. Os maus hábitos do passado... eles estão todos aí de novo.

— E que "maus hábitos" seriam esses?

— Corrupção, repressão, truculência. O comportamento soviético é como um vício difícil de largar, um vício que aos poucos está matando a democracia russa.

— Você parece ter prazer em dizer isso — observou Dominika. — Suponho que não exista nada parecido nos Estados Unidos.

— Claro que temos nossos próprios problemas, mas não mandamos os dissidentes pra apodrecer na cadeia, nem assassinamos nossos adversários políticos. — Nate viu a expressão dela mudar. — Há aqueles que prezam a vida humana, que acreditam que todas as pessoas têm direitos, não importa de onde venham. E há aqueles que aparentemente não ligam a mínima pra nada disso, que não têm nenhuma consciência, assim como as pessoas eram na ex-União Soviética, na antiga KGB. Algumas dessas pessoas ainda estão por aí.

Dominika mal podia acreditar no rumo da conversa deles. Em primeiro lugar, porque era insultante estar ali naquela cozinha recebendo um sermão do americano. Em segundo porque ela sabia que boa parte do que ele dissera era verdade, mas nem sequer cogitava dar o braço a torcer.

— Quer dizer agora que você é especialista em KGB — comentou ela, pousando um prato e pegando o outro para secar.

— Cheguei a conhecer um ou dois agentes de lá — observou Nate.

Sem interromper o que estava fazendo, Dominika retrucou:

— Você conhecia gente da KGB? Impossível. Quem? — quis saber, e pensou: *O que você vai fazer se ele responder?*

— Ninguém que você conheça — falou Nate. — Mas, em comparação, é bem melhor conhecer as pessoas do SVR. São bem mais agradáveis.

O mesmo sorriso, o mesmo halo violeta.

Dominika não respondeu, mas ficou indignada. Conferiu as horas no relógio e disse que já estava ficando tarde. Nate ajudou-a a vestir o casaco e soltou os cabelos que ficaram presos na gola. Ela sentiu o roçar dos

dedos dele na nuca.

— Muito obrigada pelo jantar — disse.

Sua fúria ainda estava sob controle, mas ameaçava escapar a qualquer momento.

— Posso acompanhar você até em casa? — falou Nate.

— Não precisa — respondeu ela, e foi na direção da porta.

Virou-se com a mão estendida para que Nate a apertasse, mas ele estava logo atrás dela e já pousava a mão em seu ombro para lhe dar um beijinho rápido na boca.

— Boa noite — disse Dominika,

e seguiu pelo corredor com os lábios formigando.

PICATTA DE VITELA DO NATE

Bater pequenos medalhões de vitela até obter filés bem finos. Temperá-los e dourá-los rapidamente na manteiga. Reservar e cobrir. Deglaçar a panela com vinho branco seco e suco de limão, depois ferver até reduzir. Baixar o fogo, adicionar fatias finas de limão siciliano, alcaparras e pequenos cubos de manteiga gelada. Cozinhar em fogo brando até engrossar o molho (não deixe ferver de novo). Voltar os filés à panela para aquecê-los

CAPÍTULO 15

A PRIMAVERA CHEGAVA A HELSINQUE e a neve já dera lugar às chuvas que agora caíam nas calçadas, fustigavam as janelas e pingavam das árvores sem folhas. Passava de meia-noite, e Nate ainda rolava de um lado para outro na cama. A doze quarteirões dali, também acordada, Dominika ouvia a chuva cair enquanto relembrava o beijo roubado por Nate, aliviada por ter salvado a pele dele e decidida a fazê-lo novamente.

Graças a Marta. O apoio da amiga fora fundamental para que ela

tomasse sua decisão. Além disso, a visão singular que Marta tinha da vida a ajudara a formar as próprias ideias, sobretudo as que diziam respeito à possibilidade de ocultar informações do SVR. Marta não acreditava em devoção cega. Com frequência a aconselhava a ser fiel a si mesma antes de a qualquer outra coisa; caso sobrasse espaço, que fosse fiel à Rússia também. Dominika rolou na cama.

Cinco quarteirões a leste, Marta Yelenova abriu a porta de seu apartamento na área residencial reservada a funcionários da embaixada russa. O corredor tinha

um odor forte de carne e repolho cozidos, e isso a lembrou dos prédios residenciais de Moscou. Espanou a chuva do casaco e o pendurou num gancho perto da porta.

O apartamento era pequeno: um quarto, uma cozinha minúscula, um banheiro menor ainda. Diversas gerações de funcionários já haviam passado por ali. As paredes eram encardidas; os móveis, arranhados e bambos. Marta tropeçou ao descalçar os sapatos molhados e riu. Estava um pouco tonta após uma longa noite sozinha num pequeno café. A certa altura, pedira um *pytt i panna*, o famoso picadinho escandinavo de

carne, batata e cebola. Voltara para casa a pé, alheia à chuva que a ensopava. Já fazia algum tempo desde o confronto com Volontov, e a esperada convocação para Moscou, as reprimendas, a demissão do Serviço, nada disso acontecera. O *rezident* a ignorava solenemente, mas, fora isso, tudo permanecia como antes.

Marta percebera que nos últimos dias Dominika vinha tentando agendar mais encontros com o americano Nathaniel, em primeiro lugar porque isso deixava Volontov feliz, mas também porque ela queria estar ao lado do rapaz.

— Volontov estava calmo, quase solícito — contara a jovem certa noite durante o encontro que as duas costumavam ter depois do trabalho para beber uma taça de vinho. — Pediu que eu continuasse trabalhando, que tentasse acelerar as coisas na medida do possível.

— Não confio nem um pouco naquele peçonhento — comentara Marta. — Meu conselho, Domi, é o seguinte: continue falando que ainda está no pé do americano, que apesar do progresso lento você permanece otimista. Isso vai deixar Volontov tranquilo. Todo mundo só quer saber de sucessos pra relatar à central.

Mais tarde naquela noite, voltando para casa já um tanto alterada pelo vinho, ela dissera à amiga que, se tivessem algum juízo, ambas já teriam desertado muito tempo antes. Isso era algo que soava escandaloso aos ouvidos de Dominika.

Marta foi para o quarto. Desabou sentada na cama, tirou as roupas molhadas e as largou numa pilha no chão. Em seguida vestiu a camisa curta e esvoaçante de um pijama de seda. Era uma peça indiana bege-clara, bordada com fios verdes e dourados e com nós no mesmo tom de verde que faziam as vezes de

botões. Presente de um general do GRU, o serviço militar de inteligência, que havia sido despachado para a embaixada soviética em Nova Déli. Ele e Marta se conheceram durante uma operação de arapuca sexual contra o ministro de Defesa indiano e tiveram um tórrido affair de oito semanas, interrompido por iniciativa dele. Ter a rainha dos pardais como uma diversão em Moscou era uma coisa, ele dissera, mas casar com "alguém como você" era outra bem diferente.

Alguém como eu, pensou Marta, olhando-se no espelho. Ela abriu a camisa de seda e examinou o corpo

nu. Cinquenta e tantos anos e ela ainda estava em forma. Os quadris estavam mais largos e havia algumas ruguinhas nos olhos, mas os seios ainda não tinham despencado por completo. Ao se virar de lado, constatou que as nádegas ainda tinham algo do volume e das curvas que em 1984 haviam sido responsáveis, em grande parte, por fazer com que um jovem agente francês esquecesse suas obrigações e passasse com ela os quatro domingos de um mês num quarto de hotel em Leningrado. Vez ou outra ela se lembrava dele, sem nenhum motivo especial.

Descalça, Marta foi beber um copo d'água na cozinha. Precisava clarear a cabeça antes de dormir. Ao voltar para o quarto, no entanto, foi detida por uma chave de braço em torno do pescoço. Não tinha ouvido nada nem ninguém. O homem apertava sua garganta, e ela tentou afastá-lo usando as mãos. O agressor não parecia ser muito grande. Na verdade, dava a impressão de ser magro. Respirava com regularidade: não sentia medo. Tampouco tentava estrangulá-la, apenas imobilizá-la. Marta cogitou que talvez fosse um tarado qualquer, uma tentativa de estupro. Preparou-se para alcançar

os testículos do filho da puta e esmagá-los entre os dedos.

Só quando foi empurrada para a frente do espelho ela viu que não se tratava de um rapazote finlandês, um entregador de pizza com a cueca melada. Sentiu o cheiro de amônia e suor. Em seguida, ouviu uma voz rascante que mais parecia um besouro se arrastando sobre uma folha de papel. Apenas uma palavra em russo:

— *Molchat.* — "Silêncio."

Num segundo de terror, ela soube: eram *eles.*

Às suas costas, uma criatura a

encarava pelo espelho com o único olho que tinha; o outro, um globo esbranquiçado parecido com mármore, fitava o nada. Na penumbra do quarto Marta não conseguia ver o corpo dele, apenas aquele braço que parecia ter vida própria e o rosto esburacado de cicatrizes pairando acima do ombro dela.

— Boa noite, camarada Yelenova — disse o caolho. — Ou será que posso chamá-la de Marta? Ou quem sabe de... "meu pardalzinho"?

Marta tinha a camisa do pijama ligeiramente aberta. Os bordados dourados vibravam no mesmo

compasso dos tremores do corpo e a barra mal cobria o triângulo dos pelos pubianos. O homem deu um solavanco com o braço para cima, por pouco não tirando os pés dela do chão.

— Por onde você tem andado, hein, meu pardalzinho? — sussurrou, depois a empurrou para mais perto do espelho. Marta viu nos próprios olhos o terror que sentia. — Você vai pra cama comigo, não vai? Puxa, vim de tão longe só pra te ver...

Nesse instante ele brandiu a faca que trazia na outra mão, uma lâmina curva de pouco mais de 50 centímetros. Com a ponta do objeto

ele foi afastando a camisa de Marta até deixar à mostra o seio dela, que arfava de medo. Em seguida, com um sorriso estampado no rosto, ele aninhou o queixo no ombro dela e apertou a chave de braço.

A visão de Marta já começava a se turvar. Em sua mente ela ouvia um ruído que lembrava o correr das águas de um rio. Mesmo assim, escutou o capeta dizer:

— Pokazat gde raki zimuyut.

Marta conhecia a expressão, a ameaça mortal que as palavras escondiam: *Vou lhe mostrar onde os lagostins passam o inverno*. O ruído em sua cabeça ficou mais alto e ela

desmaiou. Quando enfim recobrou a consciência, estava deitada em sua cama estreita, com uma fita adesiva tapando-lhe a boca, as mãos amarradas às costas. Na mesa de cabeceira, o abajur de cúpula porosa e rosada irradiava uma luz suave sobre as cobertas. As pernas estavam amarradas também. Ela tentou se desvencilhar, mas as cordas não cederam nem um milímetro sequer.

Ao ouvir um barulho, ergueu a cabeça e por pouco não voltou a desmaiar com o que viu. Uma cena de meter medo em qualquer um. O homem vestira a camisa indiana dela e agora dançava pelo quarto,

rodopiando de um lado para outro com o facão erguido acima da cabeça. Marta começou a chorar baixinho.

Sergei Matorin pensava estar a 4.500 quilômetros dali, no interior do bunker que seu grupo alfa construíra com sacos de areia no vale de Panjshir. Em vez da luz rosada do abajur de Marta ele via a iluminação esverdeada do lampião a gás que sibilava num canto qualquer. No lugar do corpo amarrado de Marta ele visualizava o corpo da mulher do chefe do povoado, capturada como refém durante o ataque daquela madrugada, uma punição merecida pelo acolhimento de insurgentes. A

chuva finlandesa que açoitava a janela do quarto era o ruidoso Vento das Cem Noites que soprava em nuvens de poeira e sacudia a portinha de metal corrugado do bunker. Khyber, seu facão, estava em casa novamente.

A mulher afegã morrera em algum momento no início da noite, talvez de pavor, talvez pela manipulação abusiva, talvez sufocada pelo cinto de munição que a cingia pelo pescoço, grampeado à parede de compensado. Recostada a essa parede, ela projetava o queixo para a frente como um gesto de rebeldia, os olhos vidrados refletindo a luz verde

do lampião. Estava ali para lhe fazer companhia. Sentado no chão, ele balançava o corpo ao ritmo da música afegã que vinha do pequeno gravador a seu lado.

As pilhas do aparelho estavam fracas, e os zumbidos metálicos da música ficavam ora mais lentos, ora mais rápidos.

Marta se debatia na tentativa de soltar um dos braços ou uma das pernas para depois se defender. Percebendo a movimentação dela, Matorin foi para a cama e engatinhou até se postar sobre o corpo dela, a camisa de seda pendendo do tronco. Marta ainda tentava se desvencilhar;

os músculos do pescoço pulsavam, tamanho era o esforço que fazia. Matorin baixou a cabeça a poucos centímetros do rosto dela e ficou assim por um tempo, encarando-a, ouvindo-a ofegar. Em seguida retirou a fita adesiva que a calava e teve um prazer especial ao ouvi-la sussurrar, chamando por Deus:

— Bohze.

Sem ao menos desviar o olhar, ele cravou seu facão pouco abaixo do diafragma dela e num gesto brusco foi rasgando peito, coração e garganta. Marta arqueou as costas em convulsão. A boca aberta não emitia som algum. O corpo se debatia

contra as cordas e Matorin continuou em cima dela enquanto observava sua respiração ficar cada vez mais ofegante, os olhos irem gradualmente perdendo o brilho até sumirem por detrás das pálpebras. Fiapos de sangue escorriam do nariz e do canto da boca. Marta levou três minutos para morrer. Não ouviu quando Matorin sussurrou:

— *Bohze?* Não, hoje não tem nenhum Deus por aqui.

***

Dominika chegou à *rezidentura* na manhã seguinte, procurou Marta e viu apenas sua mesa vazia.

Provavelmente ficou bebendo a noite inteira, pensou.

No meio da manhã, ela ainda não chegara. Volontov colocou a cabeça para fora do gabinete e berrou:

— Alguém viu Yelenova hoje? Por acaso ela ligou pra avisar que não vem? Ninguém sabia de nada.

— Cabo Egorova, ligue agora mesmo pro apartamento dela. Veja se descobre onde ela está.

Dominika telefonou diversas vezes, mas ninguém atendeu. Volontov chamou o oficial de segurança e ordenou que ele fosse

pessoalmente à casa dela. Se Marta não atendesse, ele deveria entrar com a chave sobressalente que eles mantinham na embaixada. O oficial voltou dali a uma hora informando que o apartamento estava vazio, mas parecia normal. Roupas no armário, louça na pia, cama arrumada.

— Redija um cabograma bastante sucinto para a central — disse Volontov ao homem da segurança, que olhava para ele como um Rottweiller à espera de comando. — Informe que a assistente administrativa Marta Yelenova não apareceu pra trabalhar, não telefonou dizendo por quê, e que ninguém sabe

onde ela está. Explique que estamos à procura dela e que vamos solicitar uma busca junto à Polícia Federal finlandesa. Depois, ligue pro seu contato na polícia pra falar que a embaixada exige providências imediatas, bem como a mais absoluta discrição. Agora vá.

Volontov convocou seu consultor de contrainteligência e conversou com ele a portas fechadas.

— Estamos com um problema — falou. — Marta Yelenova não apareceu pra trabalhar. — Ele conferiu as horas no relógio de parede que pertencia ao patrimônio do SVR. — Já faz quase cinco horas

que devia ter chegado.

Seu homem na Linha KR era um ex-diretor da Guarda de Fronteira da KGB, um burro de carga sem nenhuma imaginação. Ele olhou para o próprio relógio como se quisesse confirmar a estimativa de tempo que Volontov acabara de dar.

— Procure o Supo e marque uma hora pra falar com o Sundqvist. — Supo era o serviço secreto finlandês. — Diga que Yelenova sumiu e que suspeitamos de sequestro. Peça que verifiquem todos os terminais aéreos, ferroviários e hidroviários.

— Sequestro? — perguntou o homem da contrainteligência. —

Quem iria sequestrar Yelenova?

— Não vamos falar pro serviço secreto finlandês que achamos que a mulher desertou, seu imbecil. Só queremos que façam a busca. Eles já têm a foto do visto dela. Deixe claro que a discrição é fundamental. E *você*, bico calado.

Seis horas se passaram sem que a polícia fizesse qualquer progresso, mas os oficiais do serviço secreto detectaram a foto de uma mulher vagamente parecida com Yelenova na estação de controle de Haaparanta, no golfo de Bótnia, fronteira com a Suécia. A mulher usava uma echarpe e

óculos escuros que escondiam boa parte do rosto, mas o nariz e o queixo eram condizentes. Segundo haviam informado, ela passara pelo controle com um passaporte finlandês sob o nome de Rita Viren, que agora estava sendo rastreado. A mulher estava na companhia de um homem não identificado de óculos escuros e boné.

— Isso confirma tudo — disse o homem da contrainteligência. — Foram os americanos. Ela debandou pro lado da CIA.

— Imbecil. Como foi que você chegou a essa conclusão? — perguntou Volontov.

— Basta olhar pro boné, coronel — retrucou o outro, apontando para uma das fotos enviadas por fax pelos finlandeses. — Está escrito Nova York. Volontov ordenou que ele saísse.

Os boatos corriam à solta. Assassinato? Sequestro? E a hipótese que ninguém ousava dizer em voz alta: deserção? Todos sabiam que Marta e Volontov não se davam bem, que haviam tido uma séria discussão algumas semanas antes. Mas... fugir? Dominika estava perplexa. Marta jamais desertaria, e, ainda que fizesse isso, nunca iria embora sem se despedir. Estava apenas *brincando*

quando sugerira que ambas desertassem. Não. Algo muito grave havia acontecido. De repente Dominika ficou gelada. Seria possível que de algum modo *eles* soubessem que *ela* andava falsificando relatórios sobre o caso de Nate, que estava protegendo o americano? Será que seu sumiço tinha sido uma advertência? Não. Devia haver uma explicação mais plausível. Marta devia ter escapulido para uma semaninha na Lapônia com seu instrutor de ioga. Qualquer coisa nesse sentido. No entanto... Dominika ainda não tinha se convencido por completo.

A busca por Yelenova continuou por mais alguns dias sem resultado. Volontov arrancava os próprios cabelos, receando que o sumiço de uma subordinada pudesse macular sua ficha na central — o que era ridículo, considerando que máculas eram o que não faltava em sua trajetória de trinta anos: negligência, desatenção, carreirismo... A embaixada formalizou uma reclamação junto ao Ministério de Relações Exteriores e ao Ministério do Interior, informando o sequestro de uma de suas funcionárias e lembrando, para constrangimento geral, que a segurança dos corpos

diplomáticos era de inteira responsabilidade do governo finlandês. Um investigador especial chegou da Diretoria K de Moscou para interrogar os funcionários da embaixada e o *rezident*, bem como para interpelar os investigadores locais. Partiu ao fim de quatro dias, concluindo que Marta Yelenova desaparecera.

Dominika desconfiava da verdade enquanto chorava pela amiga, deitada de bruços em sua cama. Marta fora uma amiga de verdade, a irmã mais velha que ela nunca tivera, e era monstruoso, inconcebível, que *eles* a tivessem

matado. Por que diabo teriam feito algo assim? Enquanto tentava organizar os pensamentos, ela sentiu um frio na espinha ao lembrar que contara sobre Ustinov para Marta. Seria possível que *eles* soubessem disso? Será que Marta havia comentado com alguém? Teria um descuido dela, Dominika, resultado no desaparecimento de uma colega, de uma oficial do serviço secreto? Será que tal absurdo poderia acontecer na pacífica Helsinque em pleno século XXI, num mundo supostamente civilizado? Dominika fechou os olhos e sentiu a cama rodar. Lá estava ela mais uma vez no

ninho de amor de Ustinov, na cama giratória ensanguentada. Pensando bem, ela se lembrava de ter visto medo no rosto de Volontov, no laranja do halo dele.

Ela se levantou, foi até a janela, ergueu os olhos para o céu noturno e riu de si mesma. Uma oficial treinada do serviço de inteligência. Uma operadora de verdade. Uma sedutora implacável. Eles a haviam usado, ainda estavam usando, como uma peça de xadrez, um mero joguete. Fosse lá quem fosse o informante de Nate, ela agora entendia melhor os motivos dele, o ódio que sem dúvida alimentava suas ações.

Agora Dominika estava mais firme do que nunca em sua decisão de não delatar Nate. Era como se uma corrente de ar frio a tivesse atravessado da cabeça aos pés. Até o momento seu jogo havia sido estritamente passivo, mas isso teria de mudar. Vendo o rosto de Marta refletido na vidraça, ela cogitou como poderia agir para fazê-los *pagar* por todos os seus atos, para destruir toda aquela corja de aproveitadores. Volontov, Vanya, todos eles.

As lágrimas rolavam por seu rosto. Ela chorava por Marta, pelo pai, talvez por si mesma também. Chorava pela Rússia, mas sabia que

não era a mesma crédula de antes. Algo se quebrara em sua alma. De repente ela deu as costas para a janela e num gesto de raiva, com os olhos fechados e os dentes cerrados, desferiu um golpe contra o vaso de cerâmica da mesinha lateral, fazendo-o se espatifar no chão. Fora Marta quem lhe dera o objeto de presente durante um de seus passeios na feirinha de domingo.

Enquanto isso, na *rezidentura*, Volontov se remoía com a expectativa de algum tipo de reprimenda oficial. No entanto, em vez de um puxão de orelha, ele recebeu uma simpática ligação em

seu telefone de alta frequência: era Vanya Egorov dizendo que a vida nas trincheiras era assim mesmo, cheia de imprevistos e riscos, sempre perigosa. Outras pessoas já haviam desertado antes, e algumas ainda desertariam no futuro. Pessoas deploráveis, claro. Por maior que fosse a vigilância sobre elas, às vezes não havia o que fazer. Por fim, orientou-o a se concentrar na segurança das operações e, sobretudo, naquela "missão especial", a de sua sobrinha com o jovem americano.

— É claro, general — disse Volontov, aliviado. — Creio que

estamos fazendo muitos progressos nessa frente.

Chush' sobach'ya. *Progressos porra nenhuma*, pensou Egorov, e desligou. Sabia que Dominika contara pelo menos parte da história de Ustinov à tal Marta Yelenova, uma falta grave, mas para a qual ele teria de fazer vista grossa, ao menos por enquanto. Na verdade, fora um golpe de sorte que Yelenova tivesse soltado os cachorros para cima do apalermado Volontov e que ele tivesse tido o juízo de telefonar. Depois disso, bastara despachar Matorin e articular uma *konspiritsia* não muito complexa para limpar toda

aquela bagunça. Por Deus, se o presidente ficasse sabendo daquilo... Era melhor nem pensar.

Após a Segunda Guerra Mundial, na fronteira da Finlândia com a Rússia, 3 quilômetros a oeste da cidadezinha russa de Vyartsilya, os soviéticos haviam estabelecido uma rota de infiltração através de um inóspito trecho de muitas colinas e bosques de pinheiros, levando às terras cultivadas do outro lado das torres e cercas de arame farpado. O lado finlandês era invariavelmente mal patrulhado. Por décadas, guardas da KGB vinham sendo designados para trabalhar nos postos de controle

locais a fim de ajudar os agentes do serviço a atravessar a fronteira sem maiores problemas. Quanto mais mudavam as técnicas, mais elas permaneciam as mesmas: em 1953, rotas através dos campos minados eram demarcadas por estacas fincadas na neve com trapos de pano amarrados na ponta. Desde 2010 o caminho de Vyartsilya era demarcado com torres de plástico equipadas com luzes estroboscópicas de infravermelho, visíveis apenas com óculos de visão noturna.

Uma semana antes, Matorin se infiltrara na Finlândia por essa mesma rota. Fora recebido por um

agente de apoio da Diretoria S na Rota 70 e seguira com ele de carro até a Rota Rural 6, na qual percorreu 400 quilômetros até alcançar a E75, que o levara até a cidade. O facínora oficial do SVR fora direto ao apartamento de Yelenova, a assassinara à meia-noite e colocara seu corpo num saco mortuário de borracha do exército russo. Depois, limpara o apartamento e se comunicara com o agente de apoio, que naquela mesma madrugada o levara de volta, junto com o corpo de Marta, até o escoadouro de Vyartsilya. Em seguida, o agente voltara para Helsinque e na outra

manhã, usando documentos finlandeses, ele e a esposa, ligeiramente disfarçada, saíram do país em Haarparanta, para supostas férias de uma semana na Suécia. Os dois jamais voltariam à Finlândia, complicando ainda mais a investigação do caso Marta Yelenova. A operação inteira não consumira mais que quarenta horas.

O sol nascia entre os pinheiros de Vyartsilya, projetando longas e delicadas sombras sobre a neve que cobria as colinas. Empoleirados na torre de observação B30, guardas do Serviço de Segurança Federal vigiavam os bosques munidos de

binóculos. Quando o sol já estava alto no céu, um deles enfim divisou o vulto modesto de um homem saindo de entre as árvores e seguindo pacientemente contra o vento, vestindo um macacão com capuz e calçando raquetes de neve. Ele puxava um trenó sobre o qual se via um volume arredondado, coberto por uma capa de náilon branco. Marta Yelenova enfim voltara para sua *Rodina*.

PYTT I PANNA — A ÚLTIMA REFEIÇÃO DE MARTA

Na manteiga bem quente,

refogar separadamente cubinhos de carne, batatas e cebolas. Juntar os ingredientes na mesma frigideira, acrescentar um pouco mais de manteiga e temperar. Abrir um furo no meio da mistura e quebrar um ovo cru dentro. Mexer tudo antes de servir.

CAPÍTULO 16

NATE JANTAVA COM GABLE NUM restaurante indiano em Kallio, um lugar chamado India Prankkari. O salão estava praticamente vazio e eles ocupavam uma mesa nos fundos, junto às janelas. Gable insistira em pedir *rogan josh*, um cozido de cordeiro oleoso demais, apimentado demais e perfumado demais, que eles agora consumiam com nacos de pão de leite, um acompanhamento de tomates e gengibre e várias cervejas. Gable comparou sua primeira colherada ao *rogan josh* que comera junto a uma fogueira no campo de

pouso de Dhahran, séculos antes, ao lado do monomotor Pilatus com o qual ele infiltrara quatros tibetanos na China.

— Esses malditos escandinavos não sabem fazer comida indiana — reclamou ele, mastigando. — Só querem saber de rena, de creme de amoras silvestres, de batata cozida. Se o chef ameaça colocar um pouquinho de salsa, só faltam ter um ataque do coração.

Como sempre, ele devorava a comida a um ritmo impressionante, como um monstro.

— Eram quatro nepaleses baixinhos, fortes como touros.

Treinei-os durante um mês. Foi uma operação relâmpago, só pra plantar um relé, um interruptor eletromagnético, na principal linha de comunicação do Exército de Libertação Popular, que corria ao longo da fronteira, literalmente à sombra do Everest e do Kanchenchunga. O cu do mundo. Deixei os quatro de avião do outro lado das montanhas, e depois eles deveriam ter voltado a pé, mas... nunca apareceram. O mais provável é que tenham sido capturados pela patrulha da Telecom chinesa.

Ele se calou por um instante, depois acenou para o garçom,

pedindo mais uma porção de tomates.

Em seguida eles conversaram sobre Dominika, pensando em maneiras de fazer o caso Diva evoluir. Nate não sabia muito bem o que pensar da russa, tampouco como agir para avançar no relacionamento com ela. Dominika não amolecia, e tudo indicava que ele estava perdendo seu precioso tempo. Gable parou de mastigar e o encarou assim que ele disse que aprendera a gostar da moça.

— Ela está sempre disponível pra sair, a gente discute alguns assuntos, mas não me dá muito

espaço — comentou Nate.

— Já lhe ocorreu que ela esteja manipulando você, e não o contrário? — sugeriu Gable, voltando a mastigar.

— Não é impossível. Mas até agora ela não jogou nenhuma isca pra tentar me recrutar. Nenhuma promessa de dinheiro, ou oportunidade de carreira, nenhuma merda assim.

— Pois é, mas... e se de uma hora pra outra ela aparecer nuazinha em pelo debaixo de uma capa de chuva? Você vai morder a isca ou não vai? Nate olhou para Gable, irritado.

— Ela nunca recorreria a esse tipo de abordagem. Sei lá, é só um palpite.

— Você é que acha. Bem, de qualquer modo, parece que vocês estão num beco sem saída. Sugiro que faça alguma coisa pra agitar essa história. De repente dar uma sacudida nessa moça, uma desestabilizada.

Gable bebeu o resto de sua cerveja e pediu mais duas.

— Ela não vai cair nesse tipo de tática-padrão, Marty — afirmou Nate. — Tenho tentado fazê-la falar da Rússia, dos problemas do país, mas sem forçar nenhuma barra, apenas

trazendo o assunto à tona. Percebo alguma coisa no olhar dela, mas ainda não sei direito o que é.

— Você precisa tentar outro tipo de atrativo. A vida boa no Ocidente. Artigos de luxo. Contas bancárias.

— Não é a praia dela — retrucou Nate. — Dominika é outro tipo de pessoa. É idealista, patriota etc. Mas sem aquele ranço soviético. Cresceu com balé, música, livros, línguas estrangeiras.

— Vocês já conversaram sobre o Kremlin? Sobre essa merda toda que rola por debaixo dos panos?

— Claro que já. Mas ela é do tipo

ufanista. Sempre vê as coisas pelo prisma da *Rodina.*

— Rodinha? Que porra é essa?

— *Rodina.* A pátria mãe e todos os mitos que giram em torno dela. A terra, os hinos, a caçada aos nazistas nas estepes...

— Ah, sei. Puxa, algumas daquelas russinhas do Exército Vermelho até que eram bem gostosas — comentou Gable, olhando para o teto. — Aquelas túnicas, aquelas botas, elas até pareciam...

— É essa a sua ideia de orientação operacional? — interrompeu Nate. — Ainda estamos

falando do caso Diva?

— Bem, você vai ter de encontrar um jeito de tirar essa garota da posição defensiva em que ela se colocou. — Ele se recostou na cadeira e começou a balançá-la de leve com as mãos cruzadas na nuca. — Não descarte a hipótese de que ela sinta alguma coisa por você. De que esteja querendo ajudá-lo na carreira, sei lá, qualquer coisa que não pareça um ato de traição. Também é possível que ela goste de emoções fortes. Nesse ramo tem gente que *se alimenta* de adrenalina.

Naquela mesma noite, a campainha tocou no apartamento de

Nate. Dominika encontrava-se parada à porta com o rosto crispado, os olhos vermelhos. Não estava chorando, mas os lábios tremiam e ela cobria a boca como se para conter os soluços. Nate deu uma olhada rápida no corredor antes de puxá-la para dentro. Ela não ofereceu nenhuma resistência. Ele tirou o casaco da jovem, conduziu-a delicadamente para o sofá e ela se sentou na beira da almofada, abaixando a cabeça para fitar as próprias mãos. Nate não sabia o que acontecera, tampouco o que fazer. Imaginou que ela tivesse sido dispensada do SVR, que tivesse

cometido alguma besteira e agora estivesse em apuros. Sem dúvida isto seria inédito: mandar uma agente do SVR para o arquivo morto *antes* de recrutá-la.

Preciso acalmá-la, ele pensou. *Seja lá o que tenha acontecido, ela está chateada, vulnerável. Ofereço o quê? Vinho, uísque, vodca?*

Batendo os dentes no cristal da taça, Dominika deu um gole no vinho e, em russo, começou a dizer:

— Sei que você fala a minha língua. — Parecia exausta. Ainda estava com a cabeça baixa, os cabelos caindo dos lados. — Você é a única pessoa com quem eu posso

conversar. Um cara da CIA. Muito doido, não acha?

Um cara da CIA?, pensou Nate. *Que diabo está acontecendo?* Ele preferiu não dizer nada e Dominika deu mais um gole na bebida.

Ela começou falando baixinho, medindo as palavras. Contou sobre Marta e o sumiço dela. Nate quis saber o que estava por trás daquele desaparecimento repentino, e ela falou sobre Ustinov. Ele pediu detalhes, e ela contou sobre o treinamento que recebera. *Então não eram apenas boatos*, pensou Nate, perplexo. A famosa Escola Quatro dos russos.

Só então Dominika ergueu os olhos, tentando avaliar a reação dele ao saber que ela passara pela Escola de Pardais. Não viu pena nos olhos do americano, tampouco desprezo. Ele apenas a encarava de volta. Sempre agia assim. O manto violeta pulsava em torno de sua cabeça. Dominika queria muito confiar nele. Ele lhe serviu uma segunda taça e, em inglês, disse:

— Como posso ajudar você? Do que precisa?

Ela ignorou a pergunta e mudou para o inglês:

— Sei que você não é um diplomata trabalhando no setor

econômico da embaixada americana. Sei que é um agente da CIA. E você sabe muito bem que eu trabalho como oficial de segurança na *rezidentura* da minha embaixada. Pelo menos deve ter deduzido quando contei que meu chefe é Volontov. Suponho que também saiba que meu tio Vanya Egorov é o primeiro vice-diretor do serviço.

Nate nem sequer piscava.

— Em Moscou, depois da Academia de Inteligência Externa — prosseguiu ela —, trabalhei para o Quinto Departamento numa operação contra um diplomata francês. A missão não deu certo, e foi

aí que me mandaram pra cá.

Ela ergueu o rosto inchado para Nate em busca de consolo. Ele lhe estendeu a mão e sentiu que os dedos dela estavam gelados.

— Marta era minha amiga. Foi uma servidora exemplar, ganhou medalhas, uma pensão, um posto no exterior. Era uma mulher forte, independente. Não se arrependia de nada, procurava sempre ver o lado bom de tudo. Durante o tempo que convivemos, ela me fez ver quem eu realmente sou. — Aqui ela deu um leve apertão na mão de Nate. — Não sei o que aconteceu, mas ela sumiu sem deixar nenhum bilhete nem

nada, e eu tenho certeza absoluta de que ela morreu. Nunca fez nada contra *eles*. Meu tio estava morrendo de medo de que seu segredo viesse à tona, e achou que precisava se proteger. Tem um homem, um *koshmar*, um pesadelo em forma de gente, que trabalha pra ele. É bem possível que esteja envolvido no sumiço de Marta.

— Você está correndo algum perigo? — perguntou Nate. Sua cabeça fervilhava. Ela estava falando de operações passadas, de um assassinato político, da exterminação de uma colega, de um escândalo nas altas esferas do SVR. Estava ditando

pelo menos uma meia dúzia de relatórios de inteligência bem ali, no sofá dele. Nate nem sequer ousava fazer alguma anotação, precisava deixar que ela continuasse. — Você estava envolvida no caso Ustinov, então talvez seu tio esteja apreensivo em relação a você.

Ela balançou a cabeça e disse:

— Meu tio sabe que não posso fazer nada contra ele. Minha mãe está em Moscou. Ele a usa como uma *zalozhnica*, uma refém, como nos velhos tempos. Além disso, foi ele quem me treinou, quem me mandou àquela escola, quem me despachou pra Helsinque. Pertenço a ele tanto

quanto aquele monstro que ele usa pra fazer seus trabalhos sujos. Vim para cá com a missão de me envolver com você. Meu tio afirma que me considera parte integrante de sua equipe de operadores, mas olha pra mim como se eu fosse apenas um pardalzinho a seu serviço, como se ainda estivéssemos em 1960. Eles estão impacientes com a lentidão do meu progresso. Querem ouvir que levei você pra cama.

— Quanto a isso eu posso ajudar — retrucou Nate.

Dominika o encarou, fungou baixinho, depois respondeu:

— Você e as suas piadas. Não vai

achar muita graça quando souber que minha missão é descobrir sobre seu passado em Moscou, sobre o informante que você coordena. Tio Vanya me mandou a Helsinque pra ficar de olho em você, pra avisar quando estivesse ativo, operando seu contato, como ficou por duas semanas no mês passado.

O informante que eu coordeno? Nate se sentia como uma criança que fica ao lado dos trilhos enquanto o trem passa a toda a velocidade à sua frente, a poucos centímetros do nariz. Tentava não esboçar nenhuma reação, mas sabia que Dominika era capaz de ler sua expressão.

— Não contei nada àquele nojento do Volontov — disse ela. — Marta ainda estava viva nesse período. Sabia da minha decisão.

Nate tentava se concentrar nas palavras dela ao mesmo tempo em que pensava no perigo que correra com Marble. Eles não faziam a menor ideia de que poderiam ter sido detectados. Ao decidir não relatar ao chefe o que sabia, Dominika provavelmente salvara sua vida.

— Desde que nos conhecemos na piscina, tentei estabelecer uma amizade com você — prosseguiu ela. — Em muitos aspectos, nós dois estávamos fazendo a mesma coisa

um com o outro. Sei que seu objetivo inicial era identificar minhas fraquezas, minhas... Como é mesmo que se diz? Minhas *vulnerabilidades*. Como você precisava se aproximar de mim também, nossos encontros começaram a ficar cada vez mais frequentes. Talvez fosse isso mesmo que tio Vanya havia planejado. Mas... o que me surpreendeu foi que eu *deixava* você me manipular. Eu *queria* que você continuasse me operando. De repente me dei conta de que gostava de estar com você.

Nate permanecia tão imóvel quanto antes, apenas segurando a mão dela e pensando: *Putz. Gable*

tinha razão o tempo todo. A garota estava mesmo me operando. E o SVR está caçando Marble. Ainda bem que ela decidiu me ajudar. E essa Marta... Deus a abençoe, seja lá onde estiver!

Ele tinha plena noção de que se tratava de um momento crítico. Sabia que Dominika seguira um caminho sem volta. O tom monocórdio que ela usava para falar era consequência de vários sentimentos: medo, raiva, desejo de vingança. O que ela já contara bastaria para que a esfolassem viva três vezes. E agora viria aquele momento delicado em que ela recuaria e iria embora ou tomaria a decisão de se tornar uma

informante da CIA.

— Dominika — disse ele. — Já falei que estou disposto a ajudar você. Já perguntei se está precisando de alguma coisa. O que pretende fazer?

Ela recolheu a mão que ele segurava.

— Não me arrependo de nada — afirmou, com as bochechas coradas.

— Sei que não — retrucou Nate. Ficou em silêncio por um momento e depois insistiu: — O que você quer fazer?

Foi como se ela pudesse ler os pensamentos dele.

— Você é muito esperto, não é, Sr. Nash? Vim até aqui pra chorar no seu ombro, pra contar sobre minha missão, pra dizer que salvei o seu pescoço...

— Sou muito grato por tudo isso — interrompeu Nate, tentando não deixar transparecer todo o alívio que sentia.

No entanto, Dominika podia ver esse alívio estampado na testa dele.

— Mas você não está pedindo que eu trabalhe com você pra vingar Marta, ou pra dar o troco em meu tio Vanya, em Volontov e em toda aquela gente, ou pra emplacar alguma reforma no país que eu amo tanto.

— Não preciso lhe dizer nada disso.

— Claro que não. Você é cauteloso demais pra isso — devolveu ela, e Nate a encarou em silêncio. — Basta perguntar o que *eu* quero fazer.

— Exatamente — concordou ele.

— Em vez disso, que tal me dizer o que *você* quer que eu faça?

— Acho que deveríamos começar a trabalhar juntos. Roubando segredos

— falou Nate sem hesitar, o coração batendo a mil.

— Por vingança, por Marta, pela

Rodina, por...

— Por nada disso — interrompeu ele. As palavras de Gable zuniam em sua cabeça. — Você vai passar pro nosso lado porque *precisa*, Dominika

Egorova. Precisa de algo pra alimentar esse seu temperamento. Precisa ter alguma coisa que seja só sua, pela primeira vez na vida.

Ele agora a fitava com uma expressão serena.

Dominika, por sua vez, o encarava com os olhos bem abertos, vendo o halo violeta se esparramar à volta dele feito a luz do amanhecer.

— É um jeito interessante de ver as coisas — retrucou.

***

"Os melhores recrutamentos são aqueles em que os agentes recrutam a si mesmos", seu instrutor dissera e repetira na fazenda durante o treinamento. "Lembrem-se disso. Nada de surpresas, apenas uma evolução natural." Bem, o caso ali não era exatamente o da evolução natural de um recrutamento. Nate tinha a impressão de que fora atropelado por uma avalanche de acontecimentos.

Uma hora já se passara sem que Dominika pronunciasse um

inequívoco “sim”. Esse tipo de decisão jamais era selado com um aperto de mão e um contrato assinado. Nate achou que devia incitá-la a soltar a língua.

— Seja qual for sua decisão — falou —, prometo que vamos trabalhar com segurança.

Esse era o discurso-padrão no recrutamento de informantes. No entanto, ainda que as palavras fossem ditas com sinceridade, ambas as partes sabiam que no longo prazo a sobrevivência de um agente, sobretudo num país como a Rússia, era bastante improvável. Mas ela mordeu a isca.

— Pra fazer um trabalho desses corretamente, não há como evitar os riscos — falou. — Nós dois sabemos disso.

Ela disse "nós dois", observou Nate.

— Vamos começar devagar, com todo o cuidado... — garantiu ele. — Se é que vamos começar alguma coisa.

— Exatamente. *Se* começarmos.

— Depois vamos seguir o seu ritmo, do jeito que você achar melhor.

— Seu pessoal pode avaliar minhas motivações quando quiser. Caso nossa colaboração se revele

insatisfatória, eu aviso e a gente dá um fim a esta relação.

Tudo indicava que SVR e CIA seguiam o mesmo manual no que se referia ao recrutamento de informantes.

Dominika havia passado pelo primeiro estágio. Estava ficando tarde. Ela se levantou do sofá e pegou o casaco. Enquanto a ajudava a vesti-lo, Nate discretamente observou os olhos dela, os cantos da boca, as mãos. Não sabia ao certo aonde tudo aquilo levaria. Eles se entreolharam por um momento. À porta, ela se virou e estendeu a mão. Nate apertou-a e disse:

— *Spokoinoi noci*. — Boa noite.

Dominika saiu e desceu as escadas quase sem fazer barulho.

***

Assim que ela foi embora, Nate começou a fazer suas anotações, tentando se lembrar de tudo o que ouvira. Precisou resistir ao impulso idiota de ir a pé até a embaixada, acordar os plantonistas da estação e começar a redigir cabogramas para o Q G . *Recrutamento. Agente do SVR, equipe de pardais, o tio comanda toda a operação, assassinatos. Praticamente um filme de espionagem!* Ele mal podia esperar para chegar ao

trabalho na manhã seguinte.

Depois de um tempo o entusiasmo se dissipou. Nate rolou na cama, jogando as cobertas para o chão. Ele ainda precisava confirmar o recrutamento, assegurar o compromisso de Dominika. Ela poderia recuar: muitos informantes faziam isso. Assim que ele colocasse as rédeas nela, Washington viria com tudo para cima dele. Qual era a motivação da informante? O salário pretendido? O nível de acesso? Como assim, ela não tinha assinado um termo de confidencialidade? Tudo aquilo era repentino demais. Não seria uma armadilha?

Também tinha que pensar em termos de produtividade. Sem dúvida eles exigiriam resultados, e rápido. A princípio pediriam a melhor informação que ela tivesse para dar, e isso seria perigoso. Os oficiaizinhos estúpidos de terceiro escalão exigiriam que ela fosse submetida a uma prova de boa-fé. Tudo seria um teste, e eles não ficariam satisfeitos até que as informações dela fossem confirmadas, até que ela fosse submetida ao polígrafo. Se forçassem alguma barra, ou se pisassem nos calos dela, acabariam colocando tudo a perder, disso ele tinha certeza. E caso ele viesse a perdê-la depois de

ter comunicado o recrutamento, certamente haveria alguém no QG para colocar em dúvida a sua palavra, a veracidade do recrutamento em si.

Aquilo era apenas o começo. Se descobrissem o que ela fizera, Dominika não teria a menor chance: seria liquidada pelo SVR. Poderia ser desmascarada de inúmeras maneiras: algum informante plantado no QG em Washington, algum erro operacional, alguma missão de vigilância mais agressiva, um mero azar, luzes se acendendo justo no momento em que ela estaria fotografando documentos secretos com uma câmera secreta. Nate se

revirou na cama.

Haveria um interrogatório e um julgamento, mas eles não dariam a menor importância aos fatos. Nenhum tio Vanya seria capaz de salvá-la. Descalça e vestida com um uniforme de presidiário, ela seria conduzida aos porões de Lubyanka, ou Lefortovo ou Butyrka, e empurrada pelos corredores até uma cela de piso inclinado e ganchos pendurados nas vigas do teto. Num dos cantos ela veria um caixão de papelão à sua espera. Bastariam dois passos cela adentro para que ela fosse abatida, sem nenhuma advertência, com um tiro atrás da

orelha direita. Os carrascos permaneceriam olhando para o corpo caído até vencerem a própria inércia e se dignarem a acomodá-lo no caixão vagabundo. Simples e definitivo.

ROGAN JOSH

Num pilão, triturar cebola, gengibre, pimenta, cardamomo, cravo, coentro, páprica, cominho e sal até formar uma pasta homogênea. Acrescentar louro e canela. Despejar manteiga clarificada previamente aquecida por cima da mistura e esperar até que os aromas se libertem. Juntar cubos de carne de cordeiro e, sempre mexendo, acrescentar iogurte,

água quente e pimenta. Assar em forno médio por duas horas. Salpicar com coentro e servir.

CAPÍTULO 17

O RECRUTAMENTO DE DOMINIKA NÃO foi um acontecimento normal em nenhum sentido. A moça era uma oficial de inteligência, mas agora precisaria aprender a ser espiã. Não se tratava de uma transformação natural. "Fortalecer o vínculo", Forsyth dissera.

O primeiro passo da estação, portanto, foi fazer uma séria investigação sobre o desaparecimento de Marta, de modo a provar sua consideração. Gable providenciou uma reunião com um

colaborador do serviço secreto finlandês. Nenhum sinal da russa. O vídeo da câmera de segurança, que sugeria uma possível travessia em Haaparanta, era absolutamente inconclusivo.

A lista Bigot, isto é, a relação de pessoas autorizadas a ler os documentos do caso, foi reduzida ao menor número de nomes possível na Finlândia, ainda que nada pudesse ser feito a esse respeito no QG em Washington. O caso já estava nos canais de manuseio restrito, o que segundo Gable era uma enganação, pois apenas umas cem pessoas liam os cabogramas trocados de parte a

parte. Ainda assim, eles tentariam limitar a distribuição. Forsyth e Gable já haviam feito isso antes; sabiam que, quanto maior a cautela no início do caso, mais longe ele iria. Nate sentia-se cada vez mais determinado a proteger Dominika, custasse o que custasse. Não se permitiria falhar. Não se permitiria falhar *com ela*.

Ele encontrou um apartamento de dois quartos no distrito de Munkkiniemi, próximo à marina, e o agente não oficial com cara de rato voltou para alugá-lo por um ano, fazendo-se passar por um empresário dinamarquês que usaria o imóvel apenas ocasionalmente,

quando estivesse na cidade a trabalho. O que não fazia nenhuma diferença para o proprietário, feliz por ter fechado o negócio.

Numa noite chuvosa de primavera, Dominika desceu do bonde 4 em Tiilimaki, apenas uma silhueta contra os faróis que vinham no sentido oposto e refletiam no asfalto molhado. Nate a alcançou dois quarteirões à frente e lhe deu o braço sem nem mesmo dizer “olá”. Estava em pleno modo operacional, com o tronco ereto, nervoso. Para Dominika, aquele seria seu primeiro encontro clandestino na qualidade de informante; estava nervosa também,

atrapalhada mais pela vergonha do que pelo medo. Em silêncio, caminharam pelas ruas secundárias, margeando os prédios residenciais, cujos apartamentos pareciam ter a televisão sintonizada no mesmo canal. Por fim alcançaram o prédio que procuravam, passaram tranquilos pela portaria e subiram dois lanços de escada em meio aos odores de rena cozida e molho cremoso que vinham de algum vizinho.

A primeira noite do resto de suas vidas. Alguns abajures se acenderam e Gable, que já os esperava, levantou-se para ajudar

Dominika a tirar o casaco. Ela não pôde deixar de notar os cabelos espetados dele, que lembravam as cerdas de uma escova. Gostou do aspecto do americano, de seus olhos, do violeta por trás deles. Forsyth apareceu vindo da cozinha com os óculos no alto da cabeça, lutando com a rolha de uma garrafa de vinho. Elegante, calmo, ar de sabedoria. Aura azul-celeste. Sem dúvida, um homem sensível. Dominika se acomodou no sofá e ficou observando os três homens que andavam de um lado para outro à sua frente. Agiam com naturalidade, sem nenhuma afetação, mas volta e meia

olhavam para ela, que lembrava que estava sendo avaliada.

Sabia que a conversa ali seria para valer. Nate era um oficial jovem, tudo o que ela conhecia da CIA até aquele momento, mas os outros dois eram homens maduros, sérios, calmos, visivelmente experientes, não muito diferentes do general Korchnoi, de Moscou. De repente Gable ergueu sua taça e brindou com um equivocado *zdorov'e.* Dominika quis rir, mas conseguiu se conter.

Nesse primeiro encontro não se falou de negócios. A conversa se limitou a informalidades, o que dava uma boa ideia de quão profissionais

eles eram. Os dois veteranos deixaram que Nate conduzisse os assuntos e ouviram mais do que falaram, outra prova de sua experiência. No fim da noite Dominika foi a primeira a sair: era o procedimento-padrão também para os americanos, ela constatou. Após deixar o prédio, seguiu pela marina e notou que, apesar de chegada a primavera, a maioria dos barcos continuava nas docas. Não se sentia tão envergonhada quanto antes. Eles eram mesmo muito bons.

No segundo encontro, ela teve tempo de observar os detalhes. A cozinha conjugada tinha um fogão de

duas bocas, o suficiente para colocar uma panela de água para ferver, e uma geladeira com bandejas de gelo feitas de plástico. Assim como na maioria dos apartamentos clandestinos, alugados já com a mobília, o sofá, as cadeiras e as mesas eram de péssima qualidade e de um mau gosto notável. Os estofados eram verde-abacate com detalhes dourados, o que, segundo Gable, ainda era a última moda na decoração escandinava. Os quadros nas paredes mostravam mares revoltos e alces ao luar. Os tapetes pareciam recém-chegados da Lapônia. Um dos quartos contava

com uma cama de casal que ocupava quase todo o espaço do cômodo, na qual era possível subir apenas pelo pé. O outro abrigava não mais que um extravagante lustre de vidro vermelho. O banheiro tinha, além de uma velha banheira, o indefectível bidê dos escandinavos, que certa noite Gable tivera a capacidade de confundir com o vaso sanitário. Dominika chorou de tanto rir ao ouvi-lo contar a façanha e dali em diante passou a chamá-lo de Gable *Bratok*, meu querido irmão.

Operar uma oficial de inteligência devidamente treinada seria bem mais difícil do que operar

um banqueiro desesperado por euros porque precisa sustentar uma esposa e uma amante perdulárias e tem um BMW na garagem. Dominika se formara na AVR, a academia do serviço secreto russo. Volta e meia ela e Nate entravam em um acalorado bate-boca sobre a adequação deste ou daquele procedimento operacional ("Não posso acreditar que você ache este lugar aceitável como ponto de encontro!"), ou procedimento de segurança ("Não, Domi, o tapete no parapeito da janela indica que é *seguro* subir. Será que você não aprendeu nada sobre sinais *positivos* na sua academia?"). Nate já

havia perdido a conta das vezes que dissera “Vamos fazer do meu jeito” apenas para se irritar profundamente ao ouvir de volta: “É a minha cabeça que vai rolar se você estiver errado.”

Os americanos não tardaram a perceber que Dominika tinha uma intuição fora do comum. Espantavam-se quando ela terminava as frases por eles, ou quando assentia no meio de alguma sugestão, ou quando se calava no momento exato em que era melhor ouvir. Uma mulher inteligente, treinada como oficial de inteligência, pensava Forsyth, mas havia algo naquela moça que até então ele não

tinha visto em ninguém. *Clarividência* não era a palavra certa, mas quase.

Dominika, por sua vez, observava o processo deles com distanciamento. Via que a respeitavam, que valorizavam sua formação, mas apesar disso não davam nada por certo. Sabia que a testavam nas menores coisas. Às vezes cediam às opiniões dela, e em outras ocasiões insistiam em fazer a coisa ao modo americano. Na opinião dela, eram muito competentes.

Os encontros semanais no esconderijo, o trabalho que ela vinha fazendo para os americanos, tudo isso começou a definir sua vida. A

angústia da indecisão já havia ficado para trás, e agora ela não pensava em outra coisa que não fosse seu vínculo com a CIA. Saboreava-o a todo instante, sobretudo quando estava com Volontov. *Você nem imagina o que eu estou fazendo agora*, ela pensava ao mesmo tempo que ouvia o suarento *rezident* urrar sobre o trabalho dela. Nate tinha toda a razão. Aquilo era algo que lhe pertencia, que era dela e de mais ninguém.

Forsyth reapareceu assim que chegou o momento de definir, com o máximo de cautela, quais seriam os segredos que Dominika roubaria da

rezidentura. Juntos eles foram construindo o plano, focando nas peças maiores primeiro: os documentos aos quais ela tinha acesso direto. Depois pensariam nas informações que ela conseguiria roubar com facilidade e em seguida nos tesouros que ela sabia existir mas nos quais não podia tocar. Dominika foi orientada a agir com calma. Agentes que se tornavam informantes geralmente tentavam dar passos maiores que as pernas no início. A certa altura da conversa ela quis saber se eles lhe confiariam uma câmera e equipamentos de comunicação. Queria mostrar que

tinha sangue-frio, que era ousada, mas isso só deixou os americanos da CIA assustados. Ao ver que o halo deles mudara de cor, Dominika logo percebeu que havia se precipitado. “Vamos deixar os equipamentos para mais tarde”, disse Forsyth, e no dia seguinte enviou um cabograma solicitando a presença de um examinador. Era melhor cuidar logo daquilo.

O polígrafo. O detector de mentiras. Nate esperou num dos quartos do apartamento enquanto ouvia os sons abafados que vinham da sala: uma voz grave e outra delicada, feminina. Sentada numa das

cadeiras próximas da mesa, Dominika respondia sim ou não ao examinador que Gable já conhecia de outras sessões semelhantes, um bigodudo pelo qual ele não tinha a menor simpatia. “Esse aí chegou ao fundo do poço vinte anos atrás e continuou cavando”, era o que ele dizia sobre o homem. Dominika sabia que aquele era um teste importante e fez um esforço especial para não decodificar o sujeito, para não brincar com as fraquezas dele. Procurava se concentrar exclusivamente nas perguntas que passavam coloridas a seu lado.

Após uma hora de confinamento

no quarto abafado, Nate ouviu quando o teste chegou ao fim e voltou para a sala. Dominika meneou a cabeça para ele, mas o homem nem sequer piscou. Temerosos feito uma virgem na noite de núpcias, os examinadores jamais davam qualquer pista dos resultados antes de “avaliar os gráficos”, como sempre diziam. Forsyth voltou com ele à estação, mandou-o se sentar e falou que não estava nem aí, que precisava saber dos resultados já, pelo menos uma preliminar. O caso era importante demais, não havia tempo a perder. Contrafeito, o examinador se declarou satisfeito com o que vira

e ouvira. A moça era mesmo quem dizia ser, um cabo do SVR. Mais importante de tudo, não era uma agente dupla despachada pelo serviço com o intuito de confundir a CIA, identificar informantes russos ou descobrir quais eram as demandas atuais da inteligência americana.

Após essa primeira confidência, o examinador se sentiu à vontade para contar também que os gráficos mostravam um ligeiro pico sempre que a moça respondia a alguma pergunta com o nome de seu recrutador, Nathaniel Nash. Fora necessário reformular essas

questões de diversas maneiras até que ele tivesse certeza de que ela não estava usando as clássicas técnicas cubanas e tchecas para ludibriar o polígrafo. Além disso, ele não percebera nenhum dos sinais da linguagem corporal que geralmente delatavam segundas intenções: respiração controlada, mãos fechadas em punho etc.

Mais tarde Forsyth contou a Gable sobre a reação de Dominika ao nome de Nate.

— Orgaespasmos — limitou-se a comentar Gable antes de se levantar e sair da sala.

Com a aprovação de Dominika

no teste, nada impedia que o caso seguisse em frente. Agora eles tinham que definir pontos como a segurança dela, o disfarce, o modo de se comportar, o ritmo das ações.

— Você precisa aparentar a mais absoluta normalidade — orientou Forsyth. — Continue relatando os seus contatos com Nate à central, sempre com algum progresso. Uma vez por mês talvez seja pouco. A cada quinze dias, ou uma vez por semana, é melhor. Isso lhe dará liberdade para agir.

— Era isso mesmo que eu tinha em mente — retrucou Dominika. — Os cabogramas já estão todos

redigidos na minha cabeça. Até o inverno.

— Você deve redigi-los sozinha — disse Forsyth. — Podemos ajudar, mas o texto tem que sair com as suas palavras, os seus detalhes.

Dominika assentiu. *Ela conhece o jogo*, pensou Forsyth. *Está completamente à vontade com ele.*

— Vou retratar Nate como um cara... convencido, orgulhoso, mas precavido. Fácil de manipular, distraído, mas desconfiado.

Ela se virou para Nate e arqueou uma das sobrancelhas.

— Difícil acreditar que você vai

demorar até o inverno pra descobrir isso — implicou Gable, sentado no sofá ao lado de Nate, que respondeu levantando o dedo médio para ele.

— Não sei até onde a gente vai conseguir levar essa história. Cedo ou tarde o pessoal de Moscou vai perder a paciência — observou Forsyth, já antevendo o dia em que Dominika seria convocada de volta a Yasenevo.

Será que ela já estaria pronta até lá para começar o trabalho? Será que conseguiriam prepará-la a tempo? O problema era o calendário, não ela, pensou ele.

— Há uma maneira de prolongar o contato, de me dar mais liberdade

de ação — comentou Dominika. — Algo que certamente deixará a central disposta a investir mais tempo na operação. Algo que meu tio Vanya espera que eu faça.

— O quê? — perguntou Forsyth.

— Daqui a um tempo, eles vão adorar receber um relatório dizendo que Nate e eu nos tornamos amantes. Isso vai atender às expectativas deles. É isso que esperam de alguém que passou pela Escola Quatro.

Gable se levantou do sofá. Com uma careta, disse:

— Amantes? Por Deus, eu jamais pediria a alguém pra fazer isso com

Nate. É muito sacrifício.

***

Era um domingo movimentado. Esquifes e veleiros encontravam-se parados nos ancoradouros na baía. No esconderijo, Dominika falara um pouco sobre Marta mas decidira parar e contar a Nate sua novidade mais recente: Volontov, o protozoário, subitamente havia se dado conta de que estava sem assistente administrativa e, solícito, pedira que ela assumisse algumas das funções de Marta. Seu primeiro impulso fora dizer não, para desacreditar o ogro aos olhos da

central, mas, num segundo momento, pensando neles (Nate, Forsyth e *Bratok*), decidira ceder. Seu precioso segredo era o que mais importava agora, e ela vinha aprendendo a identificar oportunidades para alimentar seu crescente apetite por vingança.

Então eles tinham lhe passado a responsabilidade pelo controle dos cartões de ponto dos oficiais da *rezidentura*, bem como pelo arquivamento dos documentos da controladoria operacional. Essa última tarefa vinha com um benefício extra: cada despesa precisava ser vinculada ao relatório de uma

operação específica ou a um cabograma operacional que descrevesse a origem da despesa.

— Volontov e sua equipe deveriam fazer tudo isso por conta própria, mas eles simplesmente jogam a papelada na minha mesa — contou Dominika. — Ninguém, exceto o *rezident*, tem permissão para ler os cabogramas dos outros. As informações obedecem a um rígido sistema de compartimentagem. — Aqui os olhos dela brilharam. — Acontece que eles precisam de mim pra fazer o casamento das despesas com os relatórios e telegramas. Trocando em

miúdos, Volontov me deu acesso a *todo* o tráfego operacional.

Depois disso as informações começaram a chegar em pequenas doses e intervalos irregulares. Tudo era examinado com cuidado, primeiro por Forsyth, depois pelos invertebrados de Washington, todos à procura de alguma nota falsa, alguma esperteza velada, alguma informação excessivamente conveniente. Dominika tinha uma memória prodigiosa para os detalhes, lembrando-se com facilidade de algum fato que desencadeara outro, que por sua vez levara a um terceiro. A certa altura

ela começara a fazer anotações codificadas, e por mais que a interpelassem, não conseguiam detectar nenhuma inconsistência.

Dominika decorara o texto quase completo do relatório mensal de atividades de apoio do referente da Linha N. A partir dele, descobrira a existência de três agentes ilegais da Linha S em Helsinque, pessoas que moravam na Finlândia havia décadas como cidadãos finlandeses legítimos.

Uma delas já deixara o país através de Haaparanta como uma cortina de fumaça após o desaparecimento de Marta e as outras duas moravam nos arredores

de Espoo, mas seriam deixadas em paz para que ninguém desconfiasse de Dominika.

***

No encontro seguinte ela assustou a todos ao apresentar um documento *original* surrupiado do gabinete de Volontov. Ela havia embolado as folhas e guardado no bolso em vez de levá-las para a fragmentadora de papel junto com o resto do entulho. *Sovershenno Sekretno*, Absolutamente Confidencial, dizia o carimbo. Era um relatório de quatro páginas da Linha PR sobre os parlamentos da Estônia e

da Letônia, países que agora integravam a ONU. As informações seriam passadas ao QG em Washington e, de lá, encaminhadas ao Conselho de Segurança e à Presidência da República. Gable, no entanto, deu uma bronca em Dominika, exigindo que ela jamais voltasse a fazer tamanha besteira.

Washington pensava da mesma forma: o roubo de documentos físicos era arriscado demais e, por isso, uma câmera seria enviada à informante russa. A princípio Nate ficou preocupado, mas Forsyth logo tratou de apaziguá-lo, afirmando que Dominika precisava se habituar a

esse tipo de recurso, que sem dúvida se sairia muito bem.

— Não acho que ela esteja pronta — falou Nate.

Qualquer instrumento de espionagem triplicava os riscos, e ele não queria ver sua operação em risco, muito menos Dominika em apuros.

— Então é melhor você acelerar a preparação da garota — disse Gable. — Porque se a convocarem de volta amanhã, vamos ter que dar adeus à operação Diva.

— Talvez já seja hora de você dar a ela umas aulinhas sobre as

operações internas de Moscou — emendou Forsyth. — Sua especialidade.

***

O treinamento operacional de Dominika enfim começou. O verão já havia chegado e a escuridão da noite de Helsinque fora substituída por uma luz crepuscular que parecia permanente.

Na estação de metrô, os habitantes da cidade andavam de um lado a outro nas plataformas, subiam e desciam as escadas rolantes, conduzidos pela monotonia de suas respectivas rotinas. Dominika de

echarpe, Dominika de boina, Dominika de casaco. Contando passos, afunilando-se junto com a multidão nas roletas. Atravessou para o outro lado e a certa altura passou por Nate num corredor. Roçou-o de leve na manga do suéter ao mesmo tempo que via de relance o violeta de sua aura, sentia seu cheiro e repassava para ele, com toda a discrição, um maço de cigarros que vinha segurando firmemente entre dois dedos, na altura da cintura. Foi uma manobra de esbarrão perfeita: cada um seguiu para seu lado e em seguida misturou-se ao rebanho de passageiros.

Em outra ocasião caía uma chuva de verão leve e fresca. O trânsito estava lento, faróis refletiam no asfalto. Dominika conferiu as horas no relógio sob a luz de uma vitrine. Nenhum espião na sua cola. Aliviada, viu que conseguiria cumprir a janela de tempo. Ao ouvir de Nate o que eles iriam fazer, ela gargalhara e dissera:

— Nós, os russos, não recorremos a estratégias tão dramáticas.

Ao que ele respondera:

— Isso porque o SVR opera em países democráticos.

Ela bufara, mas ouvira com atenção as instruções que ele ainda tinha a dar.

Agora Dominika caminhava rente às fachadas de granito, os carros passando a seu lado na rua, os pneus sibilando no chão molhado. Mais à frente ela dobrou a esquina e parou à sombra de um andaime na passarela reservada aos pedestres. Aos trinta e oito minutos após a hora marcada, o carro de Nate dobrou a mesma esquina, um entre tantos outros, e parou junto ao andaime sem estacionar, sem desligar o motor. Dominika rapidamente se adiantou até a janela aberta, deixou cair o saco

plástico sobre o banco e recebeu em troca o pen drive. Em seguida voltou à passarela e viu o carro seguir adiante. Nate nem sequer olhara para ela, tampouco pisara no freio para não acender os faróis traseiros. A manobra do carro passante. *Quanto drama*, ela pensou.

Eles prosseguiam com cautela, e como era de se esperar os apressadinhos do QG começaram a dar as caras. Dominika era um ativo controlado, bem posicionada numa *rezidentura* do SVR, eles escreveram, sugerindo em seguida que "outras possibilidades" fossem exploradas. Forsyth ainda conseguiu enrolá-los

por mais algumas semanas, mas a certa altura a sugestão se transformou em uma determinação curta e grossa. A vontade de Gable era entrar num avião para Washington e enfiar aquela ordem no rabo de quem a dera, mas Forsyth tratou de acalmá-lo.

A loucura começou. Os engenheiros da Diretoria de Ciência e Tecnologia queriam que Diva baixasse todo o conteúdo dos computadores da *rezidentura*, que atacasse os sistemas de criptografia, que plantasse engenhocas de áudio e vídeo nas instalações russas. Os técnicos admitiam que algumas de

suas engenhocas poderiam causar picos de energia em toda a zona sul de Helsinque, e para uma delas em particular seria necessária a instalação de uma "fonte radioativa" no telhado da embaixada russa. No entanto, o centro de operações advertia que a instalação de qualquer equipamento em campo seria atrasada em razão da "regra dos seis" que de modo geral regia o desenvolvimento de qualquer nova tecnologia: mais *seis* anos consumidos no departamento de pesquisa e desenvolvimento, mais *seis* milhões de dólares de custo, mais de *seiscentas* libras de peso, tal como

já acontecera com determinada engenhoca, abortada ainda na fase de testes. Uma loucura.

Enquanto o lado clandestino da operação se desenrolava, Nate e Dominika davam continuidade à farsa dos encontros públicos, encenada apenas para os olhos de Volontov com o intuito de cozinhá-lo. Jantares, shows, passeios no campo. Nate sempre fornecia algum detalhe de sua vida pessoal (informações que mais tarde a central poderia verificar por conta própria) para que Dominika pudesse dar provas do progresso que vinha fazendo no relacionamento com o americano. No

entanto, tal como Forsyth previra, Volontov passara a exigir dela mais avanços e mais rapidez na operação, de modo que, para ganhar tempo, decidiu-se que já era o momento de enviar o tão aguardado cabograma relatando que ela começara uma relação física com Nate. Gable logo se ofereceu para ajudar no rascunho, sugerindo que certa "disfunção erétil" fosse acrescentada à história como um bom pretexto para futuros atrasos. Forsyth vetou a sugestão imediatamente, e Nate mais uma vez teve a oportunidade de presentear o companheiro com um gesto do dedo médio.

Dominika começou a fotografar documentos confidenciais no interior d a *rezidentura* com diferentes câmeras instaladas em bolsas, chaveiros e batons. Tinha discernimento suficiente para fotografar apenas os papéis mais importantes e era flexível o bastante para saber quando deveria esperar. Gable sempre a elogiava, mas Nate continuava preocupado, ranzinza até, com os riscos que ela vinha correndo.

Numa tarde de domingo, no esconderijo, Dominika perdeu a paciência e resolveu encostá-lo na parede:

— Você se preocupa *comigo* ou

com o sucesso do caso, do qual depende a *sua* reputação?

Seguiu-se um pesado silêncio. Gable pigarreou.

Constrangido e irritado, Nate virou-se lentamente e retrucou:

— Minha prioridade é preservar o fluxo de informações.

Quando viu a expressão dela endurecer, acrescentou:

— Só acho que você devia ir um pouco mais devagar.

— Se é isso que você acha — interveio Gable —, vai adorar a próxima rodada.

***

O cabograma de Washington tinha cinco páginas. Eles queriam que Dominika inserisse um pen drive especialmente preparado num dos computadores da *rezidentura*, de preferência o que ficava na sala de arquivo, mas o de Volontov também serviria. Bastariam catorze segundos de download para que Washington tivesse acesso ao texto original de todos os cabogramas criptografados que fossem transmitidos entre Yasenevo e Helsinque por meio de linhas telefônicas comerciais. Ler mensagens em linguagem não codificada era muito mais fácil do

que tentar decifrar algoritmos periodicamente alterados. Mas aquele seria o passo mais arriscado até então. Lendo o que se passava na cabeça de Nate, Forsyth orientou-o a não comparecer ao encontro seguinte no esconderijo. Gable se encarregaria de preparar Dominika.

Dois dias depois Dominika entrou na sala de arquivo empurrando seu carrinho metálico, como sempre apinhado de pastas, envelopes, livros de contabilidade e documentos avulsos. Por sorte ela conseguia ficar de pé, pois as pernas estavam bambas e trêmulas, tanto ou mais que as rodas do carrinho. O

zelador da sala era Svets, um homem de meia-idade e óculos enormes que com frequência usava uma gravata larga e curta demais, quase sempre de lã. Ele logo se animou ao vê-la chegar. Aquela era a melhor hora do seu dia: o momento em que Dominika precisava se espichar para guardar os documentos nos escaninhos mais altos. Seus olhos de besouro só faltavam saltar das órbitas.

Ela já havia ensaiado toda a representação com Gable no esconderijo. Empurrando seu carrinho sala adentro, distraidamente deixou que ele

batesse na quina da mesa de Svets de tal modo que boa parte da papelada escorregasse para o chão. O homem se levantou na mesma hora para ajudá-la a recolher a bagunça. Ao se ajoelhar ao lado da mesa, Dominika avistou a luzinha verde que piscava no computador, junto da porta em que deveria inserir o pen drive. Tentando ser discreta, verificou se o dispositivo estava do lado certo, encaixou-o e começou a contar os segundos enquanto juntava os papéis à sua volta. Nove, dez, onze... Svets ameaçou voltar à mesa e ela apontou para outra pasta caída num canto mais à frente. Doze, treze, *catorze*.

Pronto. Quando ela finalmente pôde recolocar o pen drive no bolso da saia, teve a impressão de que ele pulsava feito um coração. Ficou de pé, ajeitou os cabelos atrás das orelhas e começou a guardar o material nas devidas gavetas, demorando-se nas mais altas em consideração a Svets, levantando o pezinho a título de efeito.

A duas horas do fim do expediente, todos pareciam olhar para ela como se soubessem o que tinha feito. Depois, já no lobby do prédio, Dominika se deparou com uma fila de descontentes junto às portas duplas da saída, reclamando

de uma das inspeções surpresa que a embaixada impunha como norma de segurança. Justo naquele dia. Dois brutamontes que lembravam estivadores do Volga, ambos com uma aura escura em torno da cabeça, vasculhavam bolsas, bolsos e pastas. Dominika sentiu uma gota de suor escorrer pelas costas. Estava presa naquela fila: sem dúvida seria notada se tentasse recuar. Só lhe restava esconder o pen drive. Usando o casaco que levava pendurado ao braço como escudo, tirou o dispositivo do bolso, passou-o pelo cós da saia e o empurrou calcinha adentro. Minutos depois ela estava

diante de um dos seguranças. O homem fedia a vodca e tinha os olhos injetados. Dominika podia jurar que ele sabia de tudo, mas, terminada a inspeção da bolsa, recebeu permissão para ir embora.

Mais tarde naquela mesma noite, contou toda a aventura aos americanos, a adrenalina ainda correndo nas veias. Nate estava um pouco afastado, parado à porta da minúscula cozinha, e Forsyth ouvia o relato com atenção, com os óculos erguidos à altura da testa. Gable abriu uma cerveja e a bebeu praticamente de um só gole.

— Acho que agora sabemos por

que esses dispositivos são tão pequenos — comentou ele, depois quase atropelou Nate para entrar na cozinha e começou a fazer um fondue de queijo.

Dominika nunca havia comido o prato de origem suíça, nem sequer sabia o que era. Assim que ficou pronto, eles se acomodaram à mesa e começaram a conversar e rir enquanto comiam, molhando o pão no queijo derretido, sentindo o perfume do vinho misturado nele.

Forsyth e Gable foram embora depois do jantar. Nate serviu mais duas taças de vinho e foi para o sofá com Dominika.

— O que você fez hoje foi muito arriscado — disse. — Eu nunca deveria ter permitido uma loucura dessas.

— No final deu tudo certo — retrucou ela, virando-se para ele. — Nós dois sabemos que os riscos existem.

— Alguns riscos são aceitáveis, outros são inevitáveis, mas a maioria é uma burrice.

— *Burrice?* — cuspiu Dominika. — Fique tranquilo, Nate, não vou deixar que você perca sua medalha de espião do ano.

A palavra "burrice" havia sido

difícil de engolir. De sua parte, Nate também já estava com o ânimo acirrado.

— Só acho que você deveria arranjar outro vício que não fosse a adrenalina — retrucou ele.

— Vinho, talvez? — perguntou ela, e em seguida arremessou contra a parede a taça que tinha nas mãos. — Não, muito obrigada. Prefiro adrenalina.

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Dali a pouco, Nate se aproximou e a agarrou pelos braços, dizendo:

— Qual é o seu problema, hein?

Eles fulminavam um ao outro com o olhar, separados apenas por alguns centímetros.

— Qual é o *seu* problema? — devolveu Dominika, quase num sussurro. A sala estava desfocada à sua volta. Ela via Nate roxo, granulado. Baixou os olhos para a boca dele, desafiando-o, querendo que ele chegasse mais perto. Após um segundo o momento passou. — Me solta — exigiu.

Nate largou os braços dela. Sem nem ao menos olhar para ele, Dominika pegou o casaco, abriu a porta e, como de praxe, deu uma olhada rápida no corredor e no vão

da escada. Só então saiu e delicadamente fechou a porta às suas costas.

Ele ficou olhando para a porta fechada com a boca seca, o coração retumbando no peito. Por Deus, tudo o que ele queria era que a operação transcorresse sem problemas. Tudo o que queria era a segurança de Dominika. Tudo o que queria era...

FONDUE DE QUEIJO DO GABLE

Preparar uma redução de vinho branco com alho, adicionar queijo Gruyère e Emmental ralado e ir misturando em fogo médio até

derreter. Engrossar com amido de milho e água, acrescentar mais vinho (opcional) e reaquecer (sem deixar ferver) até que ofondue esteja cremoso. Servir com pedaços de pão de campanha ligeiramente tostados.

CAPÍTULO 18

O VERÃO JÁ PEDIA MANGAS CURTAS. Nas calçadas, enquanto esperavam o sinal abrir para atravessar a rua, os pedestres fechavam os olhos e erguiam o rosto na direção do sol como girassóis. Na hora do almoço, os amplos gramados e inúmeros bancos do parque de Kaivopuisto se enchiam de secretárias aproveitando o calor do dia.

Nate encontrou o bilhete colado à sua porta, foi direto para a sala de Forsyth e se sentou à frente dele. Viu que Gable já tinha se acomodado no

sofá. Forsyth lhe mostrou o cabograma em que o pessoal de Washington informava sobre a intenção do novo diretor da CIA, recém-confirmado no cargo, de ir incógnito de Copenhague até Helsinque e ficar na cidade por apenas seis horas, durante as quais se encontraria com Diva e expressaria formalmente a gratidão da agência pelos serviços que ela já prestara até o momento. Nate leu o texto e olhou para Forsyth, depois para Gable.

— Como ele pretende viajar incógnito? — perguntou. — O homem está com a cara estampada em todos

os jornais.

— Ele vai a Copenhague por conta daquela história da ONU — explicou Forsyth. — Como vai escapulir dos dinamarqueses, aí já não faço a menor ideia. Allen Dulles costumava fazer isso. Angleton também. Entrar num avião sem contar nada a ninguém e aparecer nos lugares do nada.

— Em 1951, porra — retrucou Gable. — E esses caras viajavam sozinhos. O sujeito descia do avião, pegava um táxi pro hotel e até assinava a ficha no check-in. Falando em avião, aquele chapeuzinho das aeromoças, hum...

Forsyth ignorou-o.

— Ontem à noite respondi dizendo “Não, muito obrigado”, mas não deu meia hora e o chefão da Europa ligou na linha verde pra me dar um esporro e falar que não era um pedido, que o diretor quer estar por dentro do caso.

— Esse aí é outro que tem o ego do tamanho de um balão — comentou Gable. — Acha que está no comando de um navio em Trafalgar. Por acaso vocês já leram as bênçãos natalinas que ele manda todo ano pras tropas?

Forsyth continuou a ignorá-lo.

— Só vamos poder controlar as coisas a partir do momento que ele descer do avião — falou. — Assim que ele passar pelo portão da sala VIP, eu o coloco no meu carro, faço a contravigilância de praxe, deixo os capangas dele esperando numa van na rua enquanto subo com ele até o apartamento para ele trocar um aperto de mão com ela e voltar no mesmo pé em que veio. Só precisamos rezar pra que a Fapsi não intercepte o plano de voo do homem. — A Fapsi era a agência federal de comunicações e informação do governo russo. — Forsyth olhou mais uma vez para o cabograma recebido

de Washington. — Sem dúvida alguém o colocou a par da operação Diva recentemente. Bem, pelo menos é um marketing bacana pro nosso caso.

— *Marketing?* — rugiu Nate. — O cara vai acabar matando a Dominika! Na minha opinião a gente tinha era que colocá-la no porta-malas de um carro e despachá-la pra um fim de semana prolongado na Suécia. Você não pode dizer que ela não está disponível?

— Não — respondeu Forsyth.

— Que ela não quer se encontrar com ele, então.

— Não. Prepare a garota, mande-a sorrir. Aqueles olhos azuis vão cuidar do resto. Vamos mandar umas comidinhas pra lá, umas bebidas também. — Um carro na esquina, pronto pra bater em retirada — disse Gable.

— Mas e a Dominika? — perguntou Nate. — Quem vai pagar o pato se der uma merda?

— Você — responderam Gable e Forsyth ao mesmo tempo.

***

Após alguns passos no corredor, a porta se abriu e Dominika ficou de

pé para receber o diretor da CIA. Ele tirou o casaco, atravessou a sala, apertou a mão dela e disse que era um prazer conhecê-la. Em seguida apertou a mão de Nate, falou que ele vinha fazendo um ótimo trabalho com aquela moça adorável e abriu um sorriso radiante para ela. Por fim, afirmou que ambos podiam se orgulhar muito do serviço que estavam prestando aos Estados Unidos, ao que Dominika torceu o nariz discretamente. Então ela e todo-poderoso da agência se acomodaram no sofá e ele desfiou a coleção de galanteios que herdara de seus dias como senador, pousando a

mão no joelho dela de tempos em tempos para pontuar o que dizia, às vezes deixando-a lá mais que o necessário, hábito adquirido nos gabinetes e salões do Capitólio.

Ele era alto e magro, com olhos afastados, faces encovadas e cabelos muito brilhantes, pintados de preto. Dominika decidiu que ele se parecia com Koschei, o vilão da mitologia eslava cujas histórias ela ouvia do pai quando menina. Precisou apertar as pálpebras para ver melhor a discreta aura esverdeada que o envolvia na altura das orelhas. O verde lhe dizia que ele era sentimental, e também que não era o que aparentava ser. Um

ator. *Tão diferente de tio Vanya* , ela pensou, *mas ao mesmo tempo tão parecido com ele*. Ambos eram ratazanas.

Ele perguntou a Forsyth como era o "ambiente operacional" na Escandinávia. Todos sabiam que aquela não era pergunta que se fizesse na frente de uma informante, então Dominika saiu para a cozinha e voltou dali a pouco com um prato de *pelmeni*, trouxinhas fumegantes recheadas com carne moída e ervas aromáticas e cobertas de creme azedo. Ela insistira em preparar alguma coisa, seguindo o costume russo de prestigiar os convidados e

contrariando Nate, que não achava nada daquilo necessário.

— Delicioso — elogiou o diretor, com um fio de creme escorrendo pelo canto da boca.

Ele se limpou com o guardanapo, depois deu um tapinha no estofado, sinalizando que Dominika voltasse a se sentar ao seu lado. Nate, Gable e Forsyth puxaram suas respectivas cadeiras para perto de modo que pudessem socorrê-la quando preciso. Como se ela fosse uma possível eleitora, o diretor perguntou de onde ela era e Gable pensou nas inúmeras noites que passara em hotéis fedorentos diante

de informantes nervosos, suando em bicas, pobres coitados que se dispunham a correr riscos inimagináveis para estarem ali compartilhando dados secretos e ouvindo as orientações dele com atenção, buscando na vodca ou em qualquer outra bebida alcoólica a coragem de que precisavam para sair novamente às ruas. Mas isso fora séculos antes. O que se passava ali, naquele ensolarado apartamento em Helsinque, era uma animada reuniãozinha de agentes.

Para os russos, falar sobre sucessos futuros atraía o azar. Para eles, era melhor ficar de bico fechado.

O diretor se aproximou de Dominika e ela nem sequer ameaçou recuar. *Muito bem*, pensou Nate, certo de que Dominika saberia se defender sozinha. O homem dizia que a CIA *aplaudia* os esforços dela, que ele tinha um interesse *pessoal* em suas atividades e que ela *não hesitasse* em contatá-lo *diretamente* a qualquer hora do dia ou da noite sempre que precisasse. Nate ficou muito tentado a pedir o número do telefone dele em Bethesda. Lendo os pensamentos de seu subordinado, Forsyth franziu a testa, sinalizando que ele ficasse quieto.

Envolvido em sua aura verde, o

falante diretor Koschei agora dizia algo sobre uma conta bancária secreta. Uma quantia fora depositada em nome de Dominika como um "bônus de recrutamento", e outros valores seriam depositados *todo mês* dali em diante. Claro, ela poderia fazer o que bem entendesse com aquele dinheiro, mas saques muito frequentes ou muito altos não eram recomendáveis. Valores maiores passariam a ser depositados depois que ela começasse a trabalhar em Moscou, continuou ele. Dominika olhou para Nate, depois para Forsyth. Ambos estavam impassíveis. Koschei continuava seu discurso

interminável.

Ao cabo de dois anos de serviço *interno* em Moscou, ele prosseguiu, um bônus adicional no valor de 250 mil dólares seria depositado na conta dela. Por fim, na data de seu afastamento, a ser definida *em comum acordo entre as partes*, a agência a alocaria no Ocidente, em lugar escolhido sobretudo em função dos parâmetros de segurança, e lhe providenciaria uma casa de no mínimo *300 metros quadrados*.

O silêncio baixou sobre a sala. A expressão de Dominika tinha mudado. Ela correu os olhos por todos, depois encarou o visitante e

abriu seu sorriso luminoso. *Fodeu*, pensou Nate.

— Fico muito grata que o senhor tenha vindo de tão longe só pra me conhecer. Já disse ao Sr. Forsyth, ao Sr. Gable e ao Sr. Nash — falou ela, apontando para cada um dos três — que estou disposta a ajudá-los do modo que puder. No entanto, minha prioridade é ajudar meu próprio país, a Rússia. Agradeço tudo o que o senhor me ofereceu, mas, desculpe, não estou fazendo isso por dinheiro.

Olhava para o diretor calmamente.

— Ah, claro que não — retrucou Koschei, e deu mais tapinhas no

joelho dela. — Mas todos nós sabemos como o dinheiro pode ser *útil*, não é?

— Sim, o senhor tem razão — concordou Dominika.

Nate podia ver que ela estava irritada. Forsyth também. Gable começou a zanzar pela sala, recolhendo casacos.

— Sr. diretor, infelizmente precisamos ir — disse Forsyth. — Temos uma viagem de meia hora até o aeroporto.

— Muito bem, então — respondeu o homem. — Foi um grande prazer conhecê-la,

Dominique. Você é uma mulher muito corajosa por correr esses riscos terríveis.

Meu Deus, só falta ele dizer quanto tempo ela ainda tem de vida, Nate pensou.

— Não se esqueça — prosseguiu o diretor, levantando-se para abraçar Dominika. — Se precisar, é só me ligar.

Ah, claro, assim ele pode pegar na sua mão para te ajudar a pular a cerca de arame farpado lá na fronteira, depois correr dos cachorros com você através do campo minado, pensou Gable.

Forsyth ajudou o sujeito a vestir o casaco e entregou-lhe o chapéu enquanto Gable descia para alertar o destacamento de seguranças. Alguns instantes depois o diretor saiu para o corredor e Forsyth, antes de segui-lo, parou à porta, deu uma piscadela para Dominika e Nate e disse:

— Falo com vocês depois.

Dominika e Nate também foram para a porta e ficaram ali feito recém-casados despedindo-se do tio rabugento que havia aparecido para o jantar de domingo.

Nate fechou a porta devagar e o apartamento clandestino voltou à calma de antes. Dali eles podiam

ouvir os barulhos lá de baixo: as portas dos carros se fechando e os veículos arrancando na rua.

— Então — falou Nate —, gostou do diretor?

***

A luz lançada na baía pelo sol que se punha no horizonte dava-lhe um aspecto sobrenatural. Vozes alegres entravam no apartamento pela janela aberta. Dominika e Nate estavam sentados quase no escuro, ela no sofá, ele em uma cadeira. Havia duas taças de vinho intocadas na mesa de centro. A luz ambiente incidia sobre os cabelos dela e sobre

os cílios do olho direito. Ela usava um vestido justo com sapatos de salto alto, algo perfeitamente adequado também para uma entrevista de emprego. Não estava com vontade de conversar, e Nate não sabia ao certo o que dizer, receando que suas discussões anteriores, e agora aquela visita, a tivessem desgastado a ponto de fazê-la desistir de tudo. Era ele o operador daquela agente. Era responsabilidade sua manter o caso em andamento.

Merda, ele pensou. *Muitos agentes são perdidos por causa da contrainteligência, ou por falta de sorte, ou por um mau timing, tipo você*

se atrasa meia hora, perde o trem e depois disso tudo muda. Mas quem já ouviu falar de um operador que perde a informante porque ela acha que todos os americanos são babacas? Ele já podia imaginar o falatório em Washington, na cafeteria do QG: "Isso, o Nash, em Helsinque. O mesmo cara que pisou na bola em Moscou. Os boatos tinham um fundo de verdade, afinal. Sempre têm." Cedo ou tarde ele receberia o fatídico telegrama: "Hora de voltar pra casa, Nate. Ficar de molho por um tempo, conversar sobre seu futuro." Seu pai escreveria: "O bom filho à casa torna!" Ele começaria a descer a

ladeira íngreme e escura rumo ao fundo do poço. Em meio a esses pensamentos, de repente notou que Dominika se levantara e ia em sua direção.

A escuridão do cômodo a afetava de um modo estranho, era como se ela se encontrasse no interior de um casulo invisível. Dominika parou na frente dele e ficou olhando-o de cima. O halo violeta era o mesmo de sempre, mas parecia emanar um estranho calor. Ela sabia que ele estava sofrendo, o profissional exemplar que se preocupava com o rumo da carreira, mas havia certa vulnerabilidade sob a

capa da seriedade profissional. Independente do que ele sentia por ela (por enquanto uma incógnita), toda aquela preocupação a respeito de sua segurança não deixava de ser afetuosa. Ela mesma já começava a sentir a pressão de viver com aquele segredo inconfessável. A princípio motivada pela raiva, ela se colocara naquele novo papel, um papel diferente. Passara para o lado dos americanos porque confiava neles. E eles cuidavam dela, eram profissionais.

Mas fizera isso principalmente por Nate. Caso ele houvesse perguntado, ela teria dito que não

tinha a menor intenção de recuar e desistir. Estava determinada, convicta.

No entanto, naquele momento Dominika precisava de algo mais que a adrenalina dos segredos inconfessáveis, que a consciência de que sua determinação era maior que a de todos os demais, de que estava dando uma bela rasteira nas forças do Sr. Putin. Precisava que alguém precisasse dela. Precisava que *ele* precisasse dela. Podia sentir seu eu interior abrir a porta e dar um passo para fora, junto com uma torrente de sentimentos. Ela se abaixou, apoiou as mãos nos braços da cadeira de

Nate e beijou-o na boca.

Não previra isso. (Sabia que *ele* não previra.) Tanto no serviço americano quanto no russo era estritamente proibido o envolvimento físico entre dois agentes. Complicações emocionais eram fatais para uma operação clandestina. Não era à toa que as mulheres que agiam como pardais eram tiradas de circulação logo após as arapucas sexuais, sendo substituídas por um homem que assumia o comando dos trabalhos. Ninguém chega a lugar algum quando as paixões se misturam aos negócios, quando um agente começa a pensar

com a cabeça de seu *khuy*, tal como os velhinhos que ela tivera como instrutores em Moscou gostavam de dizer só para fazê-la corar.

Agora ela estava nos braços dele, beijando-o não sofregamente, mas devagar e com delicadeza. Os lábios do americano eram quentes, e ela queria sorvê-los. Sentia uma pressão crescer em seu corpo, dentro do crânio, nos seios, entre as pernas. As mãos dele estavam pressionadas contra suas costas e ela gostava disso, sentia-se à vontade, tinha a impressão de que os dois eram velhos amigos de infância que agora haviam se descoberto adultos. O

hálito quente e violeta dele entrava por sua orelha e ela o sentia percorrer sua espinha.

— Dominika — disse ele, ameaçando parar.

Dias antes eles haviam tido uma discussão séria, era loucura se envolver daquele jeito, a estabilidade do caso dependia de...

— *Za molchi.* Calado, seu bobo — sussurrou ela em resposta, roçando os lábios no rosto dele.

A mente de Nate girava num misto de indecisão, medo e desejo. Não havia dúvida de que ele queria aquela mulher, mas era uma loucura,

uma irresponsabilidade. Era proibido.

Ele mal soube o que aconteceu depois. Quando viu, os dois estavam a caminho do quarto, nus e explodindo de desejo. Dominika passava as unhas de leve entre as pernas dele, pensando que podia ter acabado de descobrir uma nova técnica de alcova. Segundos depois eles estavam subindo naquela cama ridícula, espremida entre duas paredes. Ainda usando as unhas para excitá-lo, agora com um pouco mais de força, Dominika ria, a boca seca de desejo. Estava inebriada, achando irreal sentir a pele do americano pela

primeira vez, tanto nas mãos quanto nos lábios, que agora passava pela barriga dele. Nate olhou para Dominika surpreso quando ela plantou ambas as mãos em seu peito e o empurrou contra a cama. Fogosa e doce, tímida e devassa, ela continuava a saboreá-lo, e era como se eles fossem amantes desde sempre. Em nenhum momento ela pensou no que aprendera na Escola de Pardais, em técnicas numeradas. Simplesmente o queria.

Àquela altura o desejo já se tornava incontrolável. Dominika sentia seu eu secreto se expandir sem nenhum controle, invadir sua

mente, comprimir sua garganta. No último instante Nate a jogou de costas sobre a cama e ela ergueu as pernas trêmulas para recebê-lo. O luar transbordava para dentro do quarto, ofuscando a visão de Dominika, que só via a silhueta de Nate acima dela, depois nem isso, apenas sentia o peso dele subjugando-a. De repente ela sentiu seu corpo se expandir, uma experiência aflitivamente deliciosa. O luar parecia saltitar sob suas pálpebras fechadas, e só lhe restava esperar que seu corpo frágil e vulnerável não se desmanchasse como uma folha de papel. Logo ela foi

invadida por uma onda de urgência, seguida por uma torrente vinda das profundezas de seu ser, muito mais intensa que todas as demais, que a envolveu em um turbilhão.

— *Bohze moj* — foi o que lhe escapou da boca enquanto ela revirava os olhos num estado de graça.

Depois eles ficaram deitados lado a lado sob o luar. Dominika esperou que as coxas se acalmassem antes de se virar para Nate, encharcado de suor, e soprar no ouvido dele:

— *Dushka*, você realmente sabe como operar uma informante.

O ar noturno ainda não havia secado seus corpos quando eles ouviram uma chave girar na porta do esconderijo. Os dois saltaram da cama no mesmo instante. Nate correu para a sala, recolheu suas roupas e se vestiu no quarto o mais rápido que pôde. Dominika também pegou as próprias peças e entrou rápido no banheiro. Ao voltar à sala, Nate encontrou Gable na cozinha, vasculhando a geladeira.

— Depois daquele *tour de force* do diretor, achei que devia voltar pra tentar minimizar o estrago — disse ele. — Não sobrou trouxinha nenhuma?

— Na prateleira de baixo — falou Nate. — Pois é. Conversei com a Dominika sobre aquela merda toda. Acho que ela consegue ver a diferença entre a gente e os figurões da agência.

— Quase me mijei de rir quando ela soltou os cachorros pra cima do pavão — comentou Gable, apoiando sobre a bancada a travessa com os restos da comida. — Mas você conseguiu acalmá-la, certo?

— Conseguiu, sim, *Bratok* — respondeu a própria Dominika, saindo do banheiro. — Já estou bem mais tranquila agora. — Estava completamente vestida, com os

cabelos penteados e as feições compostas. Assim como Nate, percebia muito bem o ar de curiosidade de Gable. — Pode deixar que eu esquento isso aí. Fica bem mais gostoso da segunda vez, sobretudo quando a gente frita. — Ela acendeu o fogão, colocou uma frigideira sobre o fogo e despejou as trouxinhas para dourá-las na manteiga. — Mas agora elas vão ficar melhores com vinagre — disse.

A conversa fiada ainda prosseguiu por mais um tempo, e depois eles começaram a comer calados, junto à bancada da cozinha, cada um com sua tigela nas mãos. De

vez em quando Gable relanceava Nate e Dominika. Nate fazia questão de manter os olhos fixos na comida, mas Dominika o fitava de volta tranquilamente, lendo as cores de sua aura. Terminada a refeição, Gable foi para a pia e arrumou a louça lá dentro para lavá-la mais tarde. Dominika vestiu seu casaco e se despediu, mas nem sequer olhou para Nate quando ele a acompanhou até a porta.

Agora que ele estava sozinho com Gable, não teria como evitá-lo. O homem veio da cozinha com dois copos numa das mãos e uma garrafa de uísque na outra. Deixou os copos na mesa de centro e disse:

— Espere um instante, Don Juan, que eu vou buscar o gelo.

TROUXINHAS PELMENI

Preparar a massa com farinha, ovos, leite e sal, depois abri-la e cortar rodelas de 6 centímetros de diâmetro. Fazer o recheio com três tipos de carne moída (vaca, porco e frango) e temperá-lo com cebola ralada e alho amassado. Colocar um pouco de recheio no centro de cada rodela, erguer as bordas e amassá-las para fechar. Cozinhar em água fervente até que as trouxinhas subam à superfície. Servir com creme azedo.

CAPÍTULO 19

— VOCÊ NÃO SEGUROU A ONDA? — perguntou Forsyth, debruçando-se sobre sua mesa. — Aos olhos da Diretoria de Operações você está coordenando uma das informantes russas mais promissoras da última década e não tem *a disciplina* de manter o pinto dentro das calças?

— Chefe, sei que foi um erro, mas não planejei nada. Aconteceu. Ela estava puta com o diretor. O cara chamou ela de Dominique. Ela já vinha sofrendo com tudo isso, com a pressão e tal. Estava precisando de

um ombro amigo.

— De um *ombro amigo*? — retrucou Gable, sentado como sempre no sofá às costas de Nate. — É assim que vocês chamam isso agora?

Forsyth, normalmente afável e gentil, estava sério. Encarou Nate até fazer o mais jovem desviar o olhar.

— Nesse caso, o que você deveria ter feito era bem diferente — falou. — Conversar com ela, oferecer apoio, mas não...

— Não pular em cima dela feito um coelho no cio — completou Gable.

— Feito um coelho no cio,

exatamente — concordou Forsyth. — O que acha que pode acontecer se essa relação de vocês for pro brejo? E se daqui a quatro meses vocês brigarem e ela não quiser mais ver a sua cara?

— Algo bem fácil de acontecer — observou Gable.

— Ela vai continuar trabalhando pra CIA? Ou será que está fazendo tudo isso só porque está encantada com o seu...

— Seu mastro de macho — concluiu Gable, esparramado no sofá.

— Mastro de macho? — rugiu Forsyth, e se virou para Nate, que

ainda ria do comentário de Gable. — Preste atenção, Nate. Apesar de todas as informações que ela nos trouxe até agora, e apesar de já ter passado pelo detector de mentiras, essa Diva ainda é um ativo novo. Precisamos vê-la operando produtivamente até termos certeza absoluta de que o recrutamento deu certo. Isso significa que não confiamos nela? Sim e não. Nunca dá pra confiar por completo num informante. Tenho experiência com os russos. A certa altura eles começam a enrolar, a fazer drama, a dizer que estão com saudades de casa. Muitos piram de vez. Lembra do Yurchenko dando

tchau da escada do avião da Aeroflot? Diva parece ser forte, mas também é temperamental, impulsiva. — Aqui ele ergueu a mão antes que Gable pudesse fazer mais um de seus comentários infantis. — Sua responsabilidade como operador é coletar as informações de inteligência, garantir a segurança da sua informante, sublimar as emoções e fazer dessa moça a melhor agente que você puder.

— *Sublimar* — repetiu Gable. — Isso quer dizer: não trepar.

— Quando você chegou aqui vivia chorando pelos cantos, dizendo que precisava fazer um recrutamento

importante, depois conseguiu fisgar a russinha e só queria saber de proteger o caso, proteger sua reputação de agente... Porra, Nate. Está na hora de começar a operar essa moça como um profissional. Pensar com a cabeça fria e...

— A cabeça que está em cima do ombro — interrompeu Gable.

— ... e nunca esquecer o estrago que uma relação amorosa pode trazer, tanto para o caso quanto para a moça. Precisamos começar a pensar no retorno dela pra Moscou. Não temos nenhuma ideia de timing. Talvez ela se recuse a trabalhar nas internas, então sugiro que você

comece a plantar a ideia na cabeça dela, a prepará-la para quando esse dia chegar.

— Sim, senhor — disse Nate, finalmente erguendo os olhos para Forsyth.

— Estamos entendidos? — perguntou ele, dando a conversa por encerrada.

— Estamos, estamos, *estamos* — retrucou Nate. — Foi mal. Valeu pelo toque, chefe. Pode ficar tranquilo, eu vou me emendar.

— Ótimo — falou Gable. — Agora posso mandar tirar aquelas quatro câmeras escondidas no

apartamento.

Nate arregalou os olhos para ele. Forsyth permaneceu sério.

— Estou brincando, Romeu — disse Gable. — Só estou zoando. Não tive estômago pra ver as fitas.

Forsyth e Gable teriam continuado tripudiando de Nate não fosse o sinal que ele recebeu de Dominika no dia seguinte. Quando entrou no carro, ele notou que havia vaselina sob a maçaneta do lado de dentro da porta e teve a sensatez de não recolher a mão apressadamente. Sabia que se tratava de um sinal de emergência deixado por Dominika, que significava que eles deviam se

encontrar dali a doze horas. O outono já chegara, e a noite estava fria. O clima deixava o para-brisa dos carros embaçado e fazia com que ondas de vapor escapassem pela ventilação. Forsyth, Gable e Nate já esperavam no esconderijo e repassavam as orientações de emergência. Talvez ela estivesse fugindo de alguém ou de alguma situação. Nate já checara a programação de voos e balsas. O contato de Gable no serviço secreto finlandês estava em alerta. Archie e Veronica faziam plantão junto ao telefone. Logo, só restava aos três oficiais da CIA esperar. Todos eram experientes o bastante para não

conferir o relógio a cada cinco minutos.

Nate se levantou assim que ouviu a chave girar na fechadura e eles logo viram que estava tudo bem, pois os olhos de Dominika brilhavam mais que de costume e as faces estavam coradas, não só em razão do esforço realizado para despistar possíveis vigilantes, mas por alguma outra coisa também.

Gable lhe deu uma xícara de chá bem quente e ela começou a soprar o líquido ao mesmo tempo que relatava sua história, indo direto ao ponto, tal como era ensinado em todas as escolas de espionagem.

Queria impressioná-los. Na véspera, um homem não identificado aparecera na embaixada russa e entregara ao segurança um envelope no qual estava escrito em letra de imprensa: ENCAMINHAR FECHADO A M. VOLONTOV. Entregara o envelope e saíra antes mesmo que o asno à portaria perguntasse o nome dele. O segurança subira imediatamente para fazer a entrega ao *rezident* Volontov, que encontrara um segundo envelope no interior do primeiro. Então ele pedira que ela, Dominika, fosse à sua sala e traduzisse o bilhete em inglês que lhe fora mandado. O texto, também em

letra de imprensa, dizia que o remetente oferecia ao SVR um manual técnico americano pela quantia de 500 mil dólares e propunha um encontro no Hotel Kämp dali a cinco dias.

Dominika olhou para Nate, depois para Forsyth e Gable, bebeu um gole do chá e só aí prosseguiu com sua história. Dentro do tal envelope havia uma segunda página com três furos na margem que parecia ter sido arrancada dos aros de um fichário. No alto e embaixo vinha o carimbo: CONFIDENCIAL/UMBRA. Em negrito, o título: US National Communications

Grid. Uma das orelhas fora cortada na diagonal. Volontov estava nervoso, quase pálido. Pedira que ela repetisse duas vezes as advertências que vinham logo abaixo do título: "Distribuição não autorizada", "Se encontrado, devolver ao Escritório de Coordenação", "Uso indevido sujeito a processo penal".

Volontov ficara pálido, em seguida rugira para que ela fizesse uma cópia do documento, já que, fiel ao espírito bajulador soviético, ele fazia *questão* que o original fosse encaminhado diretamente ao vice-diretor Egorov, por malote e em caráter prioritário.

Forsyth olhou para Gable, que já estava de pé vestindo o casaco. Nesse momento Dominika levantou o suéter e tirou do cós da saia um papel dobrado para entregar a Forsyth. Ela fizera uma segunda cópia, e os americanos se juntaram para examiná-la. Ao ver a orelha cortada, Gable disse:

— O filho da puta cortou o número de série. — Depois se virou para Dominika. — Pensei que já tivesse dito pra você nunca mais fazer uma besteira dessas.

Em seguida, curvou-se para dar um beijinho na cabeça dela e saiu. O cabograma que pretendia redigir

seria recebido em Washington dali a meia hora. Gostava de mandar comunicações à noite só para infernizar a vida daqueles comedores de rosquinhas.

Dominika informou que Volontov permanecera agitado o resto do dia. Chamara-a até sua sala um monte de vezes. Mesmo um pateta como ele era capaz de ver que aquilo era um presente caído dos céus. Próximo ao fim do expediente, ele decidira ligar direto para Vanya Egorov, não só para relatar os últimos acontecimentos, mas também para realçar todo o seu potencial e avisar do malote que ele

receberia. O motivo principal, porém, era mostrar ao vice-diretor que *ele*, Volontov, estava cuidando *pessoalmente* de toda a operação.

O *rezident* pedira que ela o deixasse sozinho para fazer a ligação, mas Dominika conseguira ouvir todas as gargalhadas desnecessárias e todo o servilismo. Era mesmo um *l'stets*, um puxa-saco. Terminada a ligação, Volontov a chamara pela enésima vez para informar que o vice-diretor, naturalmente, acatara a sugestão de que ela, e apenas ela, o ajudasse na nova operação. Caberia a Dominika preparar os fundos. O primeiro saque seria de apenas 5 mil.

Ela também ficaria responsável por reservar o quarto no hotel e, mais tarde, servir de intérprete na conversa com o americano.

Sem que ela soubesse, Volontov também telefonara para o oficial da Linha KR, o tal que operava na fronteira com a Rússia.

— Quero que você faça a contravigilância de um encontro que terei neste fim de semana. No saguão do Hotel Kämp. Vá pra lá e fique de olho.

— Um encontro? — perguntou o sujeito. — De quantos homens precisaremos? Vamos estar armados, claro.

— Não, imbecil. É só você. Sem arma nenhuma. Basta ficar sentado no saguão do hotel de olho em tudo. Depois que eu subir com ele pro quarto, você continua esperando até a gente voltar, até me ver sair, entendeu?

O homem da KR disse que sim, mas ficou desapontado.

Nate saiu com Dominika do apartamento depois de uma hora. Dali em diante, seguiriam as regras de Moscou: nada de encontros desnecessários, sobretudo à luz do dia. Redobrar a atenção a esquemas de vigilância: sempre partir do princípio de que *há* um em

andamento. Evitar os encontros ostensivamente sociais. Procurar não sair das imediações da embaixada até que o encontro no Hotel Kämp se realizasse. Sem dúvida Volontov estaria com as antenas em pé, de olho em todo mundo. Não correria nenhum tipo de risco.

Na estação, Gable disse:

— Tem coelho nesse mato, eu aposto. Precisamos agir com muita cautela. Se alguém resolver melar esse encontro no hotel, o imbecil do americano vai preso, o SVR fica sem o manual e... e Dominika é a única pessoa do SVR, fora o coronel, que sabe da operação.

Forsyth enviou um cabograma de circulação restrita ao QG, alertando sobre os riscos que cercavam Diva. O chefe europeu, por sua vez, ficou chocado, *chocado*, ao ler a sugestão da estação finlandesa de que eles simplesmente identificassem o traidor, pois o FBI se responsabilizaria pelo caso assim que o homem voltasse para os Estados Unidos. Para o chefe não era aceitável nem sequer *pensar* num plano que resultasse no vazamento de informações cruciais relacionadas à segurança nacional — pelo menos não enquanto fosse *ele* quem estivesse *no leme* da divisão

europeia.

Quando Elwood Maratos, 52 anos, adido jurídico da embaixada norte-americana, agente especial do FBI, irrompeu na sala de Forsyth para "coordenar a detenção", eles logo viram que a história já fora espalhada pelos quatro cantos de Washington. Maratos se destacara numa carreira de 25 anos como investigador de assaltos a banco no Meio-Oeste americano. Agora, sentado à frente de Forsyth e Gable com os pés em cima da mesa, ele dizia que se tratava de um caso de espionagem perpetrado por um cidadão americano e que por isso não havia dúvida: a jurisdição

era do FBI.

— No cu dele — disse Gable assim que o adido saiu.

A questão era que, se nada fosse feito, uma dúzia de agentes especiais do FBI invadiria Helsinque como se estivesse em casa e a única coisa que a estação poderia fazer seria *tentar* manter os brutamontes sob controle. Forsyth na mesma hora instruiu Nate a preparar um plano de exfiltração para Diva. Era bem possível que eles tivessem de tirá-la do país caso acontecesse alguma merda e os russos começassem a se perguntar por quê.

Então, algo ocorreu no QG, sem

dúvida uma reunião importante entre os chefões, pois de uma hora para outra eles perceberam o perigo que a operação representava para Diva. Mais tarde alguém contaria que foi Simon Benford, chefe da contrainteligência, quem dera um de seus famosos ataques histéricos, dizendo que qualquer descuido com a informante russa poderia resultar numa "lambança sem precedentes". Isso explicava os dois cabogramas que chegaram no terceiro dia, dois antes do encontro no Hotel Kämp. O cabeçalho do primeiro dizia "Chefe da Europa, direto para chefe de estação". O segundo fora redigido por

Benford, com sua habitual economia de palavras que beirava a grosseria, e propunha uma jogada operacional que chegava a eriçar os pelos até mesmo de Marty Gable, um macaco velho que tinha na sua sala um cinzeiro feito de um crânio humano proveniente do Camboja ou de Miami — ele não se lembrava muito bem.

A primeira comunicação dizia:

- Favor confinar a este canal todo o trânsito futuro de informações sobre o ref. caso. QG confere prioridade

máxima sempre que há risco iminente da venda ilícita de material confidencial para o SVR. Estação instruída a coordenar com o representante do FBI na embaixada, já devidamente orientado por seus superiores em Washington. QG confirma à estação que FBI possui prioridade nos procedimentos investigatórios e operacionais em todos

os casos que envolvam ameaça à segurança nacional e cidadãos americanos suspeitos de algum crime federal, segundo rezam o artigo II da Lei de Reforma dos Serviços de Inteligência de 2004, o Decreto Legislativo 12.333 e a Declaração de Intenções 50 USC 401.

- Solicitamos que a estação dê apoio total às investigações do FBI sempre que necessário. QG naturalmente

preocupado com a segurança do ativo Diva na hipótese de prisão do cidadão americano. Reiteramos que a estação deve implementar todas as medidas cabíveis que garantam a segurança operacional do ref. ativo.

- Favor reportar avanços por meio de cabogramas de precedência imediata, incluindo mensagens noturnas de caráter emergencial. QG sempre às ordens. Bons ventos e boa proa.

A segunda dizia:

- Relatório ref. Diva recebido. Diva tornando-se excelente fonte. Parabéns.
- Concordo que qualquer passo em falso na manip. do voluntário americano poderá colocar Diva sob suspeita. Nesse caso, plano de exfil. deverá estar pronto e operante. QG preparado para processamento de

defecção e acomodação.

- A despeito das ações que se façam necessárias, nossos objetivos são identificar o voluntário, efetuar sua prisão sem alertar o SVR e permitir, repito, permitir que o SVR receba o manual de modo que suspeitas não sejam levantadas na contrainteligência russa. O FBI será orientado sobre oportunidade de ação secreta e obedecerá às instruções da estação no sentido de atingir as

metas da administração central.

- Para informação da estação, no ano passado o Departamento de Defesa produziu um manual modificado (SOLAR) idêntico à cópia oferecida para venda em Helsinque. Essas modificações, de natureza confidencial, foram incluídas de forma deliberada para produzir confusão e desinformação.
- Manual SOLAR será

levado pessoalmente por um pesquisador do OSWR, que sairá de Washington na noite do dia 17 e chegará a Helsinque na manhã do dia 18. Favor receber e acomodar.

- Assim que possível, submeter proposta operacional para a substituição dos manuais.
- Desconsiderar as instruções do cabograma anterior.

Toda a preparação foi feita, os técnicos, chamados, houve uma última reunião com Diva na véspera do contato. Eles mostraram a ela todos os desenhos, fizeram uma cópia da chave de hotel confiada a ela, repassaram todas as instruções.

— Está tudo sob controle, Nate — afirmou ela, um pouco nervosa.

Nate ainda tentou ressaltar os riscos e perigos da operação, mas ela não quis ouvir. Ele abriu o mapa sobre a mesa e marcou a esquina onde um carro estaria esperando na hipótese de fuga. Dominika percebia a preocupação dele, mas se perguntava a que exatamente os

temores se referiam: a ela ou ao sucesso da operação. Nate, o operador, estava de volta, a mesma aura de sempre.

A conversa ficara séria demais, então eles interromperam os trabalhos para um jantar tardio. Foi a vez de Forsyth ir para a cozinha. Ele não era nenhum exímio cozinheiro, mas ainda assim Dominika ficou encantada ao vê-lo de avental e luvas, cercado de sua perene aura celeste, tirando um recipiente quente do forno. Na verdade, ele sabia fazer apenas um prato: um a *soubise*, espécie de arroz ao forno com cebolas caramelizadas.

Antevendo o desastre, Gable levara *kebabs* de cordeiro que comprara na rua. Eles comeram em silêncio.

Dali a pouco, Dominika olhou para o relógio e viu que precisava ir. Antes de abrir a porta, ergueu a gola do casaco e disse:

— Boa sorte amanhã.

Nate ficou admirado. De todos que estavam ali, ninguém precisaria de sorte mais do que ela mesma.

— Pra você também — retrucou. — Vai dar tudo certo.

— A gente se vê daqui a uns dias — falou Dominika, calçando as luvas,

prestes a abrir a porta. Esperando. Ouvindo os ruídos de louça sendo lavada na cozinha. Olhando para Nate com seu sorriso de Mona Lisa.

— Quero que você tome muito cuidado — falou ele.

Ela olhou por cima do ombro dele na direção do quartinho banhado pelo luar, mas Nate nem piscou e ela ficou um tanto desapontada.

— *Spokoinoi nochi*, Nate. Boa noite — disse, e saiu.

Jamais fazia barulho ao descer aquela escada.

Eles começaram a apagar as luzes do apartamento, preparando-se para sair também. Já passava de meia-noite. Forsyth falava ao mesmo tempo que fechava uma janela:

— Não quero saber de ninguém bancando o herói logo mais, entendido? Ninguém rondando aquele hotel, dando bandeira nas ruas.

— Entendido — retrucou Nate.

— Quero dizer, no caso de algum contratempo amanhã, ninguém precisa entrar no modo operações especiais.

— Certo, chefe.

Nate sabia muito bem o que fazer, mas não queria afrontar seu superior.

— Se der algum problema, a primeira medida é avaliá-lo, para só depois decidirmos como agir. Mas o desempenho de Dominika nesse encontro de logo mais será fundamental. Ela vai precisar efetuar a troca dos manuais. Se não for capaz, seja lá por que motivo, a operação terá ido pro brejo.

Gable voltou à sala e disse:

— Amanhã a esta altura o pessoal do SVR já vai estar comemorando, pensando que levaram o material autêntico. Em

Moscou, nenhuma suspeita, só festa.

Os três começaram a pegar os casacos para ir embora. O que precisasse ser dito teria de ser dito naquele exato momento, já que, uma vez na rua, cada um tomaria o próprio caminho, sem abraços, sem despedidas.

— Resumindo — disse Nate —, a gente a manda se meter num ninho de marimbondo pra ajudar nessa fraude.

— Fraude? Isto aqui não é Las Vegas, Nate — retrucou Gable. — Vamos tentar protegê-la de todas as maneiras. Mas você vai ter de cooperar, meu chapa. Esfria essa

cabecinha aí, senão...

Ao saírem do prédio, os três se separaram no frio da madrugada. Os bondes já haviam parado de circular, e Nate precisou fazer uma longa caminhada até o carro. Ainda sentiu um pouco da vaselina na maçaneta. Sentou-se ao volante e ficou olhando para o painel do carro enquanto a mente vagava. Viu a si mesmo diante do apartamento de Dominika, esmurrando a porta, ela numa camisolinha diáfana jogando-se nos braços dele, cobrindo-o de beijos... E foi então que ele recobrou o juízo, balançou a cabeça e saiu com o carro, sempre atento aos retrovisores.

A SOUBISE DE FORSYTH

Cozinhar uma porção de arroz por cinco minutos em água com sal. Numa panela pequena, caramelizar ligeiramente as cebolas na manteiga, despejar o arroz já cozido, cobrir e levar ao forno em temperatura média, mexendo de vez em quando até dourar. Antes de servir, misturar creme de leite e queijo Gruyère ralado.

CAPÍTULO 20

FORSYTH, NATE E UM TÉCNICO chamado Ginsburg estavam sentados em cadeiras imperiais estofadas de veludo vermelho num dos quartos do elegante Hotel Kämp. Olhavam com ceticismo para o papel de parede em seda flocada e para o dossel de cetim sobre a cama. O barulho do trânsito na Norra Esplanaden vazava discretamente pelas portas francesas da varanda. Os três estavam em volta de uma das mesinhas douradas ao lado da cama, sobre a qual se viam dois laptops, um celular, um minirreceptor de sinais e um

Motorola SB5100 criptografado (os rádios, apesar do tamanho, seriam mais seguros que os celulares, sobretudo se os russos estivessem monitorando todos os canais durante o encontro com o voluntário americano). Os laptops exibiam imagens diferentes: o primeiro mostrava o quarto vizinho, onde estava Dominika, quase idêntico ao deles. O segundo exibia o interior do banheiro dos aposentos dela. Ambas as imagens eram capturadas do alto com uma amplitude de 270 graus.

Obedecendo às instruções de Volontov, Dominika reservara o quarto no Kämp com alguns dias de

antecedência, tempo suficiente para que os técnicos da CIA pudessem prepará-lo. Da noite para o dia eles haviam instalado duas câmeras sem fio, uma no teto entre os elaborados ornamentos de gesso e a outra no banheiro, no interior de um duto de ventilação. Os aparelhos transmitiam sinais criptografados para o minirreceptor no quarto vizinho; as imagens eram exibidas e gravadas pelos laptops. Do tamanho de um isqueiro comum, as câmeras também abrigavam um minimicrofone digital.

Gable estava numa van estacionada diante do hotel, acompanhado de Maratos e três

outros agentes especiais do setor de contraespionagem de Washington. Para desgosto de Maratos (sentimento que ele mal conseguia disfarçar e beirava as raias da fúria), Forsyth vetara a presença de agentes do FBI no quarto, em parte para contê-los e controlá-los, mas sobretudo para evitar que vissem Dominika. Não queriam expor um ativo da CIA ao FBI.

Os FEEBs, como os agentes do FBI eram conhecidos, haviam feito jogo duro em Washington. Tinham se recusado a aceitar que o voluntário americano, independentemente de quem fosse, tivesse permissão para

voltar aos Estados Unidos antes de ser preso. Muitas coisas poderiam dar errado, argumentaram. Mas o motivo real de tanta preocupação era o alto preço político que teriam de pagar caso o desconhecido conseguisse fugir. Por isso, os almofadinhas de Washington enfim haviam aprovado uma solução conciliatória: avançariam sobre o americano apenas quando ele já estivesse bem longe dos russos. "Claro, claro", disseram quando a CIA insistira que Forsyth, e apenas Forsyth, desse o sinal verde para a prisão.

— Todo mundo está ciente da

sequência de eventos, certo? — perguntara Forsyth em sua sala na véspera.

— Claro que sim — retrucara Maratos. — Ninguém aqui é marinheiro de primeira viagem. Basta você ligar pra gente assim que descobrir o nome do filho da puta.

— Elwood, vou repetir: é fundamental que você espere pelo meu sinal. Vai colocar a vida do meu ativo em risco se agir cedo demais, se pegar pesado demais.

Maratos fulminou-o com o olhar e respondeu:

— Já falei que entendi, porra.

Gable dissera a Nate que o papel dele naquela operação seria apenas ficar de boca fechada e ouvidos bem abertos, mas o jovem agente não se conteve. Olhando diretamente para o homem do FBI, ameaçou:

— É melhor vocês tomarem muito cuidado pra não fazerem nenhuma merda, ou vão se arrepender.

Uma grande afronta à etiqueta.

— Será que entendi direito? — retrucou Maratos. — Esse merdinha acabou de ameaçar um agente federal?

Nate já ia responder quando

Forsyth interveio:

— Calados aí, vocês dois!

Maratos ainda cogitou dizer algo, mas aquiesceu.

O rádio sobre a mesinha apitou duas vezes, o que significava que Volontov e Dominika haviam acabado de entrar no saguão do hotel. Dali a três minutos, o primeiro laptop mostrou os dois russos chegando ao quarto vizinho com o voluntário americano. Dominika carregava uma maleta. Baixo e relativamente jovem, o voluntário tinha a pele morena, cabelos negros e sobrancelhas grossas. Usava um casaco corta-vento azul e levava uma

sacola preta no ombro. O que a câmera não mostrava era algo que só Dominika podia ver. A aura em torno do americano era de um amarelo sujo, como o do céu nos minutos que antecedem um furacão. Ela sabia muito bem o que Volontov pretendia fazer com ele. Não haveria escapatória para o traidor americano. Eles se acomodaram em torno de uma mesa baixa. Volontov falava em russo, e Dominika traduzia. Para Nate era estranho ouvir a voz dela pelo áudio de um laptop.

Por insistência de Volontov, o rapaz se identificou como John Paul Bullard, um analista de médio escalão

do Serviço Nacional de Comunicações. Contou de seu trabalho, disse que precisava de dinheiro. Dando tapinhas na sacola, repetiu que Volontov teria de pagar meio milhão de dólares se quisesse pôr as mãos naquele manual cujo frontispício já tivera a oportunidade de ver. Volontov falou novamente, e Dominika perguntou como eles poderiam ter certeza de que se tratava de um documento legítimo.

Bullard abriu o zíper da sacola e entregou a Dominika um manual encadernado, mais ou menos do tamanho de uma lista telefônica fina. Ela o passou a Volontov, que o

folheou antes de devolvê-lo não para o americano, mas para Dominika. Disse, e ela traduziu, que eles teriam de examinar o documento isoladamente antes de determinar quanto valia.

— Podem confiar — garantiu Bullard. — É legítimo.

Ao sinal de Volontov, Dominika saiu para o banheiro com sua maleta e o manual. Na véspera fora orientada pelo *rezident* a guardar o documento no fundo falso da maleta, apenas uma medida preventiva na eventualidade de que tudo aquilo não passasse de uma provocação, uma armadilha. O banheiro sem janelas

era o melhor lugar para fazer isso.

Forsyth sussurrou pelo rádio:

— Tudo bem até agora... Ninguém se mova.

O segundo laptop mostrava Dominika no banheiro. Ela fechou a porta, acomodou a maleta em cima da pia e, agindo com rapidez, agachou-se para empurrar a aba de alumínio da bancada, que se abria para dentro por meio de dobradiças tipo piano. Desse esconderijo ela tirou outro manual, uma réplica perfeita do primeiro, devidamente adulterado por um grupo de gênios em Washington com o auxílio de um microscópio, e deixou no lugar o

original recebido do americano. Em seguida ela se levantou, abriu o fundo falso da maleta e acomodou nele a réplica modificada que acabara de pegar do esconderijo. Recolocou o forro, fechou a maleta.

Antes de sair, ajeitou os cabelos diante do espelho. Nate já tinha lhe avisado, na noite anterior, que eles estariam monitorando a troca para garantir que nada saísse errado. Então olhou para a câmera escondida no duto de ventilação, botou a língua para fora e só aí, com uma última espiadela na direção do espelho, voltou para o quarto.

— Meu Deus... — disse Forsyth.

— Inacreditável. Que tipo de operação você está coordenando? — perguntou, virando-se para Nate.

— Alguém pode me dar o telefone dela? — pediu Ginsburg, o técnico.

— Cale essa boca — ordenou Forsyth.

Dominika voltou a se sentar. Volontov tirou um envelope gordo do bolso interno do paletó, colocou-o sobre a mesa e o empurrou na direção de Bullard. Dominika informou ao americano que eles pagariam apenas 5 mil dólares até poderem verificar a autenticidade do documento. Bullard ficou perplexo,

paralisado diante do russo, que não fez mais que encará-lo com a solidez de uma rocha.

No quarto vizinho, Ginsburg comentou:

— O que ele pode fazer? Chamar a polícia?

Calou-se assim que viu a expressão de Forsyth.

Dominika disse a Bullard que eles sairiam primeiro e instruiu que ele esperasse no quarto por cinco minutos antes de deixar o hotel. O jovem americano estava recostado na cadeira, em choque. Volontov se levantou, abotoou o casaco e saiu

para o corredor com Dominika atrás dele. Abandonado no quarto, Bullard se inclinou para a frente e segurou a cabeça com as duas mãos.

Forsyth sussurrava no rádio, falando duas vezes o nome de Bullard e depois dizendo:

— A festa acabou. Voluntário ainda no quarto. Ninguém se mexa. Nenhum movimento.

Dois cliques sinalizaram a recepção da mensagem. De repente, Bullard se endireitou e ficou de pé.

— Senta aí, seu filho da puta — falou Forsyth para a tela do laptop à sua frente. — Não vá fazer nenhuma

besteira, porra.

Bullard caminhou até a porta e saiu. Forsyth avisou pelo rádio no mesmo instante:

— Voluntário saindo. Casaco corta-vento azul, sacola preta. De novo: *ninguém se mova*.

Volontov e Dominika saíram à rua e entraram no carro da embaixada que os esperava diante do hotel. Assim que os viram, os homens do FBI ameaçaram saltar da van.

— Fiquem sentados, rapazes — orientou Gable. — Ainda não recebemos o sinal verde lá de cima.

— Foda-se — retrucou um dos

agentes dos FBI. — Os russos já foram embora. Vamos lá pegar esse filho da puta.

Gable pegou-o pelo braço e decretou:

— Ninguém vai a lugar nenhum até receber o ok.

— Não vai ser você que vai me prender aqui — falou Maratos, e abriu a porta lateral da van.

Os agentes do FBI saltaram para a rua e irromperam no hotel no momento em que Bullard saía do elevador. Correram na direção dele, jogaram-no ao chão, imobilizaram-no com uma chave de braço e o

algemaram. Turistas e curiosos olharam com espanto quando eles começaram a empurrá-lo na direção da rua. Em meio à confusão, ninguém percebeu a presença do vigilante russo que também acompanhava a cena junto com a multidão, o KR da embaixada que Volontov convocara por conta própria. Pouco depois ele também deixou o hotel por uma porta lateral.

Forsyth recolheu o equipamento enquanto Nate foi buscar no quarto vizinho o manual escondido por Dominika. O técnico rapidamente retirou as câmeras do quarto e do banheiro.

Eles voltaram a se encontrar na estação.

— Caralho! — exclamou Forsyth, espumando. — Vou ter de cortar fora o saco daquele Maratos. Era cedo demais, porra! Eles agiram cedo demais!

— Pra cortar o saco dele você vai precisar esperar outra oportunidade — comentou Gable. — Do hotel eles foram direto pro aeroporto. Um jatinho estava de prontidão pra levar os caras de volta a Washington. Sei lá. Os imbecis deviam estar até de pau duro, tamanha a excitação deles com a história toda. Com certeza já estavam

pensando na promoção.

— Você acha que os russos tinham alguém cobrindo o saguão? – perguntou Nate.

Fez o possível para mascarar o pavor que o consumia.

— Não dá pra saber — respondeu Gable. — Tinha muita gente assistindo à prisão. No lugar deles eu teria, sim, alguém de olho naquele saguão.

— Bem, então vou lá pro apartamento esperar Dominika — falou Nate. –

Me liguem se ficarem sabendo de mais alguma coisa.

Ele se levantou para sair.

— Espera um instante — disse Forsyth. — Senta aí um pouco.

Nate obedeceu.

— Quero que você mantenha a calma, está entendendo? — prosseguiu o chefe. — Nem pense em ir até o apartamento dela. Nem em telefonar, nem em deixar sinais por aí, nem em rondar os lugares que ela costuma frequentar. Se eu pegar você a menos de cinco quarteirões da embaixada russa, vou cortar o seu saco logo depois de cortar o do Maratos. — Ele encarou Nate por alguns segundos. — Ouviu o que eu disse, Nate?

— Ouvi. Vou ficar esperando no esconderijo, só isso.

— Esse é o tipo de situação sobre a qual falamos antes. Não sabemos exatamente o que os russos viram, se é que viram alguma coisa. Vou mandar um cabograma agora mesmo pra Washington, relatando a cagada toda. Espero que despachem esse Maratos pra Topeka e que ele apodreça por lá, fazendo trabalho burocrático pro resto da vida.

Nate mais uma vez se levantou para sair, estampando no rosto o misto de raiva e apreensão que o atormentava.

— Senta aí. Não terminei —

ordenou Forsyth. — Agora vem a parte mais difícil: esperar que o seu informante dê algum sinal de vida dizendo que está bem. Se você se precipitar com a Dominika, poderá colocá-la em maus lençóis, mesmo que eles não desconfiem de nada. Agora só temos uma coisa a fazer: dar tempo ao tempo.

— Que tal a gente mandar o Archie e a Veronica pra vigiar o apartamento dela? — sugeriu Gable, mais por camaradagem a Nate do que qualquer outra coisa.

— Não — retrucou Forsyth sem hesitar. — Nem isso eu quero arriscar. Mas, Marty, quero que você

mande seu homem da Supo dar uma olhada na rua Tehtaankatu. Diga pra ele ficar atento aos russos e ligar se alguma coisa estranha entrar ou sair daquela embaixada. Pode prometer um bônus de fim de ano.

Pela terceira vez, Nate se levantou para sair.

— Cabeça fria, rapaz — falou Forsyth.

Assim que colocou os pés no apartamento clandestino, Nate farejou o perfume de Dominika, um cheiro de sabonete misturado a algo mais forte e amadeirado. Chegou a pensar que ela já tivesse chegado, mas o apartamento estava vazio. Ela

fora instruída a ficar afastada pelo período de um dia e uma noite. Volontov estaria a mil por hora, despachando cabogramas e fazendo telefonemas. Precisaria dela por perto. Nate foi para o quarto e se deitou. Dormiu sem trocar de roupa e acordou no meio da noite para se cobrir. Os lençóis recendiam ao odor de Dominika.

Ele acordou com o sol da manhã. Gable estava na cozinha, fazendo café.

— Tudo dentro dos conformes — foi logo dizendo Gable. — Nada de estranho, nada fora do normal. Só uma coisa: não comente nada com Forsyth, mas mandei Veronica bater

no apartamento de Dominika ontem à noite. Ninguém atendeu. Pelo jeito, ela não dormiu em casa. É bem provável que os russos tenham virado a noite trabalhando.

Nate abriu a torneira da pia e jogou um pouco de água no rosto. Sentia um aperto no peito. Ao abrir a geladeira, encontrou a travessa com a última das trouxinhas que Dominika fizera no outro dia. Gable preparava uma omelete, mas Nate estava agitado demais para comer.

— Ninguém sabe fazer omelete direito — observou Gable. — Não é só bater os ovos e dobrar, como todo mundo pensa. Você tem de sacudir a

frigideira, assim, pra que a massa fique bem lisinha. Está me ouvindo? Depois você forma a omelete na parte dianteira da panela. Assim. — Com um garfo, ele soltou as bordas da omelete com todo o cuidado e só então a virou sobre um prato. — E no fim de tudo ela tem de estar molinha no meio, sacou? — concluiu, partindo um pedaço. — Quer uma mordida?

— Porra, Marty — respondeu Nate.

— Olha, tudo o que a gente pode fazer agora é esperar. Não dar nem um pio. Não fazer nenhum movimento. — Ele levou uma garfada à boca. — Vou lhe fazer uma

pergunta: pra você, qual é o aspecto mais importante de todo esse circo?

— Que circo? A troca dos manuais? — quis saber Nate. — Foda-se o manual. E a segurança do nosso ativo? É bem possível que neste exato momento Dominika esteja amarrada numa cadeira num porão qualquer, e você aí, comendo omelete.

— Também quero que a Dominika esteja em segurança — afirmou Gable. — Tanto quanto você. Mas agora a gente tem de esperar e rezar pra que os russos estejam comemorando o roubo daquele manual, distribuindo tapinhas nas

costas uns dos outros. O pessoal de Washington está monitorando em tempo real todo o trânsito de informações da *rezidentura*. O download que a Dominika fez com aquele pen drive funcionou direitinho, e a Agência de Segurança Nacional está lendo tudo. Por enquanto, silêncio total nos rádios, mas isso pode significar que eles estão sendo mais cautelosos que de costume.

— E se a gente perder nossa informante? Terá valido a pena?

— Me diga você. A gente faz os comunas perderem sete anos planejando ataques cibernéticos

contra o que eles pensam ser a nossa infraestrutura. Pra nada. E aí? O que tem mais importância?

Nate ergueu os olhos para Gable, que o encarava.

— Aproveite sua maldita omelete — falou.

***

Forsyth ergueu o rosto de sua mesa. Gable acabara de ter notícias do sujeito que passara a manhã vigiando os portões da embaixada russa. Nate não gostou da expressão dele. Pelo jeito, a notícia que recebera não era lá muito boa.

— Uma van deixou a embaixada às nove horas. Diva e mais dois caras. Estavam levando uma mala diplomática, indo pro aeroporto. A Aeroflot tem um voo diário pra Moscou, que sai ao meio-dia. — Gable conferiu o relógio. — São dez e meia.

— E aí? — indagou Nate. — O que a gente faz agora?

— Nada — respondeu Forsyth. — Uma van indo pro aeroporto está completamente dentro do normal. É bem provável que eles tenham passado a noite copiando aquele manual e preparando o malote pra enviar no voo do meio-dia. Dominika com uma escolta de duas pessoas. É a

cara do Volontov fazer uma coisa dessas, mandar a garota só pra mostrar serviço e ganhar reconhecimento em Moscou.

— Não temos como saber — observou Nate. — E se eles a estiverem levando de volta pra casa? E se ela estiver em apuros?

— Mesmo que seja esse o caso, o que a gente pode fazer? — devolveu Forsyth. — Aquele manual vai chegar a Moscou.

— Me deixem ir ao aeroporto — pediu Nate. — Não vou fazer nenhuma merda. Só dar uma olhada e ter uma ideia melhor do que está acontecendo. A gente vai ter de

mandar um relatório pra Washington, não vai? Então.

— Nem pensar — respondeu Forsyth. — Você naquele aeroporto vai ser que nem Romeu gritando pra Julieta aparecer na varanda.

Nate virou-se para Gable com um olhar de súplica.

— Porra, eu não aguento mais — disse Gable. — Daqui a pouco esse veadinho vai começar a chorar. Tom, eu vou com ele pra impedi-lo de fazer qualquer coisa pensando com a cabeça de baixo. De repente a gente consegue ver com quem a garota está viajando, tem alguma pista do que está rolando.

Ele meneou a cabeça para Forsyth como se dissesse: *Pode ficar tranquilo, ele está comigo*.

Tomando o silêncio do chefe por um consentimento, Nate e Gable imediatamente vestiram seus casacos e correram para o carro. Com Nate ao volante, chegaram ao aeroporto num piscar de olhos, foram direto para o mezanino que dava para a sala de embarque e esquadrinharam a multidão de passageiros à procura de Dominika. Foi Gable quem a localizou perto do portão da Aeroflot, entre dois oficiais da embaixada. Ela usava o mesmo terninho azul-marinho da véspera, os

cabelos presos com um elástico. A mala diplomática (na verdade um saco de lona amarelo) estava no chão, entre os joelhos de um dos russos. Dominika parecia pequena e tranquila, vestida como uma boa funcionária a caminho da central em Moscou.

Gable pegou Nate pelo colarinho, empurrou-o para trás de uma coluna e ordenou:

— Quero que você fique aqui mesmo. Nada de adeuzinho, nenhum movimento, nada. A gente não sabe como ela vai reagir se vir você. E se você fizer alguma merda, vai colocar a vida dela em risco.

Dominika sentava-se entre o segurança da *rezidentura* e um burocrata da embaixada que, ao saber do passeio súbito e gratuito, enchera a mala com latas de salmão e CDs para vender aos vizinhos e amigos de Moscou. Não fazia nem ideia de quem era a jovem sentada a seu lado e tampouco queria saber. O segurança, por outro lado, recebera algumas instruções sussurradas para a viagem: sabia que o cabo Egorova seria recebido por oficiais no aeroporto de Moscou e que a mala diplomática deveria ser entregue nas mãos desses mesmos oficiais. Com o protocolo devidamente assinado,

poderia tirar dois dias de folga antes de voltar a Helsinque. Ponto final.

Imprensada entre os dois homens, Dominika sofria com o cheiro deles: de um lado, o perfume forte e vagabundo do segurança; do outro, o odor de repolho cozido do burocrata. De repente, algo chamou sua atenção e ela ergueu os olhos para o mezanino. Lá estava Nate, do outro lado do vidro, perto de uma coluna. Ele olhava para ela com os braços caídos ao lado do corpo, as vidraças tingidas do violeta de sua aura. Dominika precisou se conter para ficar quieta; mal conseguia respirar. Os olhos deles se

encontraram e ela balançou a cabeça de um modo quase imperceptível. *Não,* dushka*, eu preciso ir*, foi o pensamento que tentou transmitir a ele. Nate assentiu com um meneio da cabeça.

A OMELETE PERFEITA DE GABLE

Bater os ovos com sal e pimenta. Derreter um pouco de manteiga em uma frigideira em fogo alto e, assim que parar de espumar, despejar os ovos, sacudindo a frigideira com força para que eles se espalhem melhor. Inclinar a panela de modo que os ovos se acumulem na parte dianteira. Usar um garfo para soltar a omelete das bordas e deslizá-la para um prato. A

omelete deve estar levemente dourada por fora e molhadinha por dentro.

CAPÍTULO 21

VOLONTOV NEM SEQUER OLHOU para ela quando disse que queria um resumo do manual americano, mas uma nuvem laranja pairava em torno dele, o laranja-escuro da dissimulação, da desconfiança e do perigo. Dominika podia sentir tudo isso. Teria de passar a noite na embaixada. Se quisesse, poderia dormir no sofá da pequena sala de convivência ao lado dos arquivos. O gângster que fazia as vezes de KR da *rezidentura* não saía do lado dela. Dominika não sabia que ele testemunhara os acontecimentos

no saguão do Hotel Kämp, mas sua intuição dizia que havia algo muito errado.

Volontov a observava de longe, e Dominika podia sentir no olhar dele a acidez dos velhos tempos; aquele era o mesmo olhar de Dzerzhinsky, Yezhov e Beria, os carrascos de Stalin, um olhar mortiço que despachava homens e mulheres para o sumiço eterno nos porões do Partido. Dominika sabia que algo acontecera e precisou se controlar para não entrar em pânico. Eles pareciam distantes, o que era sempre um mau sinal: a máquina da desconfiança sem dúvida fora acionada. Restava-lhe então agir

com naturalidade e transparecer inocência. Em dado momento ela pensou no apartamento clandestino dos americanos, em Nate e em *Bratok*. Para o próprio bem, achou melhor afastar tudo aquilo da mente e se preparar para o que estava por vir. No mesmo instante começou a erguer um muro em torno dos pensamentos, procurando enterrar os segredos nos confins da consciência. Eles jamais teriam acesso àqueles segredos, por mais fundo que escavassem.

No aeroporto de Sheremetyevo, dois homens de pele cinzenta esperavam lado a lado na área de

desembarque. Eles receberam a mala diplomática e o segurança partiu com o burocrata num carro separado. Um dos cinzentos disse que ela estava sendo aguardada para uma reunião e a conduziu, junto com o outro, ao carro que os esperava no estacionamento. À luz vespertina os três seguiram no mais absoluto silêncio até um prédio de aspecto comum na zona leste de Moscou. Dominika só conseguiu ver que era próximo à estação Ryazanskiy Prospekt do metrô. Entraram em um elevador barulhento, seguiram por um longo corredor pintado de verde e ali estava ela, vestindo as mesmas

roupas de dois dias antes, sem nada no estômago. Um homem de óculos abriu a porta e sinalizou para que ela entrasse numa sala que tinha todo o aspecto de um escritório particular, mas que não passava de um cenário cujos objetos de cena incluíam até um vaso de rosas na bancada.

O homem tinha os dedos finos de um pianista. Calvo, parecia ter sido submetido a uma cirurgia de trepanação, pois havia um buraco num dos lados de sua cabeça, fundo o bastante para distorcer o contorno da aura amarela que o cercava. *Zheltyj*, o conhecido amarelo da deslealdade e da traição. Ele deu as

boas-vindas a Dominika, dizendo que era sempre bom voltar a Moscou, blá, blá, blá. Em seguida falou que eles estavam muito satisfeitos com o desempenho dela na Escandinávia, sobretudo na operação com o voluntário americano. Na verdade não era só a aura dele que apresentava a cor amarela: todo ele era dessa coloração. Dominika farejava perigo no ar. Um perigo mortal.

Precisava se comportar da maneira correta. Mostrar-se curiosa, cansada da viagem, um tanto intrigada por ter sido chamada ali. O mais importante, no entanto, era não

demonstrar medo, muito menos desespero. Ela perguntou se havia algum problema, se podia saber como ele se chamava, qual era seu posto, para qual diretoria trabalhava. Supunha que fosse um colega de serviço. Ele disse que era o coronel Digtyar, da diretoria K. Digtyar. Ucraniano, concluiu Dominika. A luz que vinha do alto projetava uma sombra no buraco no crânio dele.

Ela relatou a sequência dos acontecimentos em Helsinque, desde a chegada ao hotel. Não, ela não tinha conhecimento de nenhum incidente, não sabia nada a respeito de uma suposta prisão realizada após a saída

dela com o *rezident*. Volontov não mencionara nenhum contratempo. Digtyar não estava fazendo nenhuma anotação, não recorria a nenhuma pasta de arquivo. Eles estavam filmando a conversa, observando o rosto dela, as mãos. Dominika precisou conter o impulso de procurar as câmeras. *Não olhe, não pense*, disse a si mesma. *Ninguém pode ajudá-la, você terá de fazer tudo sozinha. Esta jornada é sua e de mais ninguém*.

Eles ficaram com o passaporte dela e a deixaram ir.

Em casa, Dominika foi recebida pela mãe, que surgiu à porta de

camisola. Nina a princípio aparentou surpresa ao ver a filha, mas menos de um segundo depois o brilho no olhar dela sumiu e seu rosto ficou inexpressivo.

— Dominushka, que surpresa. Venha cá, deixe-me olhar pra você. Eu não sabia que você vinha — disse Nina, mas sem grande entusiasmo.

Cuidado.

— Foi uma viagem inesperada — explicou Dominika, fazendo o possível para não trair na voz a desconfiança que a rondava. — É tão bom estar em casa outra vez, mama. Tão bom rever a senhora...

Perigo.

Elas se abraçaram, trocaram os três beijinhos de praxe e voltaram a se abraçar. Dominika não ousou prolongar o abraço, receando desmanchar-se em lágrimas. Era bem possível que alguém as estivesse observando, ouvindo o que diziam. As duas foram conversar no sofá. Dominika falou um pouco dos finlandeses, da vida em Helsinque, mas dali a pouco disse que precisava ir dormir, que tinha de levantar cedo para trabalhar. Um último beijo e Nina acariciou a filha no rosto antes de ir para o quarto. Ela sabia.

Eles foram buscá-la na manhã

seguinte e a deixaram no mesmo lugar em Ryazanskiy. Mais uma vez Dominika contou sua história, agora para três homens sentados em torno de um vaso de rosas, provavelmente com um microfone escondido entre as flores. Nenhum deles dizia nada, mas todos iam virando as páginas de uma pasta de arquivo não etiquetada. Seria possível que o rato Volontov tivesse enviado um relatório com tamanha rapidez? Lá pelas tantas eles saíram da sala, deixaram-na sozinha por um tempo e enfim voltaram, pedindo que ela repetisse tudo. Sem dúvida estavam à procura de mudanças, de contradições.

Dominika nunca recebera olhares tão firmes, nem mesmo na escola de balé, nem mesmo por parte dos homens na Escola de Pardais. Sentia um aperto na garganta, uma fúria que ameaçava eclodir a qualquer momento, mas ainda tinha forças para represá-la, e sustentava o olhar deles com igual firmeza. Não deixaria que chegassem perto de seus segredos mais recônditos.

A entrevista avançou até o fim do expediente, e só então ela teve permissão para ir embora. Em casa, sua mãe assava um *shchi*, um cozido de carne que perfumava o ambiente, despertando lembranças do passado,

nevascas matinais e almoços de domingo. A mão de Dominika tremia durante o jantar. Nina não comia, apenas admirava a filha do outro lado da mesa. Ela sabia.

Fazia mais de quinze anos que Nina não tocava profissionalmente, mas mesmo assim foi até o quarto e voltou dali a pouco com seu violino em punho, um instrumento comum, nem de longe parecido com o Guarnieri de outros tempos. Sentou-se ao lado da filha e começou a dedilhar. Schumann ou Schubert, Dominika não sabia ao certo. O violino vibrava com notas gordas, lindas e roxas, assim como no

passado, quando *Batushka* ainda estava vivo para ouvir também.

— Seu pai sempre teve muito orgulho de você — disse Nina enquanto tocava. Dominika chegou a pensar que aquilo não passava de um truque para ludibriar os microfones. Será? Não, impossível. — Ele sonhava com que um dia você pudesse viver do seu senso de dever, do seu patriotismo. — Ela falava com os olhos fechados. — Queria muito contar a você o que ele pensava na qualidade de um homem bem-sucedido no sistema, o que ele podia ver nos bastidores. Mas não ousava. Não falava nada porque queria

protegê-la. — Ela abriu os olhos mas continuou tocando como em um transe, os dedos firmes nas cordas. — Seu pai driblava o sistema, mas tenho certeza de que contaria tudo a você, agora que a filhinha dele está em apuros.

Como ela poderia saber de uma coisa dessas?

— Ele sempre quis abrir o jogo com você. A vida inteira — prosseguiu Nina, e sussurrou: — Pois agora sou eu quem vai dizer: resista, minha filha. Lute contra eles. Sobreviva.

Só então ela parou de tocar. Deixou o violino sobre a mesa,

levantou-se e beijou a filha na testa antes de se retirar para o quarto. A música pairava no ar, o violino ainda quente do toque de Nina.

No dia seguinte, Dominika passou por uma sucessão de gabinetes, com um, ou dois, ou três homens, ou uma mulher de terno e coque no cabelo, a aura preta de um demônio, que contornou a mesa para se sentar perto dela, ou o amarelado coronel Digtyar com seu crânio furado, pedindo que ela descrevesse os desenhos do tapete no quarto do Hotel Kämp, alguém abrindo e fechando a porta às costas dela, por vezes batendo-a ruidosamente,

fazendo o cômodo tremer. *Não, nós não acreditamos em você*. Depois disso o inacreditável, o monstruoso, o impossível, o inevitável.

Uma sinuosa e torturante viagem no interior de uma van escura, os ecos de uma garagem de subsolo, e agora eles estavam numa prisão que só podia ser Lefortovo, não Butyrka, pois o delito tinha sido de natureza política. Dominika foi empurrada ao longo de um corredor mal iluminado até uma antessala fétida. Um homem e uma mulher a observaram enquanto ela se despia, tirava os sapatos, desabotoava o sutiã. Sem dúvida acharam que ela

fosse baixar a cabeça, desviar o olhar, tapar os mamilos e o púbis, mas Dominika era um pardal diplomado, treinado pela AVR, eles que fossem para o inferno. Nua em pelo, com tronco ereto, ela sustentou o olhar de ambos até que a mulher lhe arremessou um uniforme penitenciário encardido. Na cela, nenhuma janela e dois catres vagabundos. Dominika pensou na mãe, que a estaria esperando com o jantar pronto; chamou silenciosamente pelo pai e, depois, para a própria surpresa, por Nate.

Quando a conduziam pelos corredores, não a deixavam ver

outros prisioneiros; queriam fazer seu espírito definhar. Os guardas emitiam sinais sonoros que lembravam os ruídos de um grilo, e quando outros guardas respondiam com barulhos semelhantes, levavam Dominika para o armário mais próximo — havia um no fim de cada corredor, cravado nas paredes — e a trancavam no breu absoluto dentro dele, imersa no fedor dos muitos prisioneiros que já haviam passado por ali. Sempre que passava por uma claraboia Dominika erguia os olhos para o céu acima dela, ora negro, ora claro, o que significava que as noites ainda sucediam os dias, mas as

lâmpadas de sua cela jamais paravam de zumbir, e uma sirene uivava a intervalos regulares.

Dominika via o pai caminhando a seu lado, via um sorridente Nate à sua espera sempre que ela entrava numa sala qualquer, algumas quentes, outras frias, algumas escuras, outras muito claras. Vez ou outra a amarravam aos braços de uma cadeira, jogavam baldes d'água sobre ela, depois ligavam os ventiladores, e Nate ficava ali a seu lado, segurando sua mão enquanto ela tremia de medo e frio. Nem ele nem o pai diziam nada, mas bastava saber que estavam com ela, bastava

sentir o toque deles.

Os investigadores berravam ou gargalhavam a poucos centímetros do rosto dela, perguntando sobre os contatos estrangeiros, o francês Delon e o americano Nash. Ela estava trabalhando para os americanos? Bobagem. Naqueles tempos isso nem era tão grave assim. Falavam que queriam ouvir sua versão da história, depois a esbofeteavam, mandando que calasse a boca. Diziam que Marta Yelenova estava morta, e por culpa de quem? Por culpa dela, Dominika. Era como se ela mesma tivesse matado a amiga, e era esse o destino que muito em breve sua mãe teria também.

Estapeavam-na, e o rosto dela já estava vermelho, dolorido. Frescura. Os pardais até que gostavam de uma pegada mais violenta, não gostavam?

Os interrogatórios eram feitos ora de dia, ora de noite, mas invariavelmente aos berros e com crueldade. Por vezes a amarravam deitada numa mesa metálica, com a cabeça caindo da borda. Dominika resistia com bravura, mas não buscava forças no ódio, pois isso seria frágil demais. Em vez disso, procurava cultivar o mais profundo *desprezo* por aqueles desgraçados: jamais sucumbiria à vontade deles, jamais se deixaria dobrar.

Embora não fossem inteligentes o bastante para localizar os principais feixes nervosos (na base do cóccix, acima do cotovelo, na sola dos pés), seus dedos ágeis sempre acabavam encontrando alguma coisa, e Dominika estremecia de dor, uma dor que percorria o corpo inteiro, fazendo-a se sacudir sobre a mesa enquanto ouvia os próprios berros e grunhidos.

A dor que vinha de seus nervos era diferente da outra que vinha dos tendões, que por sua vez era diferente da que vinha do cabo que agora lhe apertava a cabeça na altura da boca. Dominika descobriu que a

antevisão da dor, a expectativa do que vinha depois, era muito pior do que a dor propriamente dita, fosse ela qual fosse. A lanolina condutora que haviam passado entre suas nádegas assustara-a mais do que a primeira estocada do pino de alumínio que depois inseriram em seu ânus, mais do que os efeitos da corrente elétrica, mais do que a dor fria e pulsante que a obrigava a arquear as costas e que a deixaria murcha e inerte assim que desligassem a corrente.

Uma das carcereiras não se furtou de buscar um pouquinho de diversão durante o trabalho. Tinha

mãos fortes, pintalgadas pelo vitiligo. Amarrada a uma cadeira de lona, Dominika viu essas mãos correrem sem nenhum pudor por todas as partes de seu corpo, ora apalpando, ora apertando e beliscando. A certa altura, com os olhos felinos cravados nos de Dominika, a matrona deixou a mão rosada descer em direção à virilha dela e entreabriu os lábios num inconsciente gesto de prazer. Com a cabeça a poucos centímetros de distância, começou a procurar no rosto de Dominika algum sinal de repulsa, terror ou pânico.

Sem ao menos piscar, Dominika abriu as pernas e disse:

— Vá em frente, bruxa velha. Divirta-se.

A matrona se afastou imediatamente para estapeá-la. *Desculpe por ter atrapalhado sua brincadeirinha sórdida*, pensou Dominika.

Os grilos estalaram a língua e lá foi ela mais uma vez para dentro do armário no fim do corredor. As luzes não se apagavam nunca, e a certa altura parecia que havia areia sob suas pálpebras, e a sirene lembrava alguma composição de Schumann ou Schubert — ela sempre confundia os dois. De repente empurraram para dentro da cela uma garota

esverdeada, com hematomas nas pernas e cascas de uma ferida no canto da boca. A moça caiu de cara no chão, depois quis conversar a noite inteira, assustada, choramingando enquanto falava do ódio que sentia por eles, protestando sua inocência, dizendo que não fizera nada de errado. Uma *kanarejka*, uma canarinha de asas amarelas que precisava de uma amiga. A canarinha lambeu a ferida na boca, depois olhou para Dominika e estendeu as mãos, dizendo que se sentia muito sozinha. Deitada em seu catre, Dominika virou o rosto para a parede e ignorou a súplica da nova companheira de cela.

Eles não sabiam de nada. Tentavam induzir alguma contradição para depois se agarrarem a ela, mas Dominika defendia seu segredo a ferro e fogo. Eles agora repisavam a relação dela com os americanos, queriam saber em que pé estava a missão de seduzir o tal Nash, se ela já fora para a cama com o ianque, se já usara o bico doce de pardal pra fazer um boquete gostoso nele. Todos os dias as torturas eram interrompidas por duas horas para dar lugar a esses interrogatórios, mas certo dia ela se deparou com um coronel que nunca vira antes. Ele estava devidamente

uniformizado, e as dragonas tinham o mesmo tom de sua aura: o azul-claro das pessoas sensíveis, dos artistas, assim como Forsyth. Dominika sabia que precisava ter cuidado com ele.

O homem falava com calma, devagar, e sempre começava a conversa perguntando por que ela traíra seu país. Ela respondia que não fizera isso e ele prosseguia como se não tivesse ouvido nada, perguntando educadamente que *motivos* a tinham levado a fazer aquilo, *em que momento* ela tomara a decisão.

Suas perguntas partiam de uma premissa — a culpa de Dominika —

que começava a se tornar realidade. A vida era um poço de decepções, ele dizia, manso como sempre, e essas desilusões nos levavam a fazer coisas. A lógica, a fantasia e as falsas declarações, tudo aquilo começava a abrir uma brecha na mente exausta de Dominika. A certa altura ele perguntou se ela queria ler as transcrições do julgamento de Sinyavsky, e ela disse que não sabia de quem se tratava. Um dissidente de 1966, ele explicou. “Leia e verá como a negação se transforma em aceitação, como pode ser uma experiência libertadora.” Dominika tinha a impressão de que a aura dele

começava a encobri-la também. Mais do que nunca, ela precisava ficar alerta.

O coronel leu trechos das tais transcrições do passado, e Dominika ficou perplexa. Era como se estivesse presente naquele julgamento. Sentia-se prestes a ceder. Já não aguentava mais ter de negar cada uma daquelas acusações; faltava pouco para que desistisse e corroborasse todas as suspeitas do coronel. Tudo era muito simples, ele dizia, bastava determinar *como* ela dera seu mau passo, *quando*, e *até onde* havia ido com ele.

Por muito pouco o homem não conseguiu vencê-la, aquele coronel

tão sereno e educado, com seu uniforme impecável, mas ela se recusava a ser tragada por aquele buraco negro. Chamava-se Dominika Egorova. Era uma bailarina, uma oficial do SVR, um pardal treinado para confundir a cabeça dos outros. Amava um homem e era amada por ele. Fechou os olhos e alçou voo pelos céus de Moscou. Sobrevoou o rio, os campos, as florestas, até que se viu acima de Butovo, da vala que abrigava o corpo de Marta Yelenova, do chão duro e congelado que a soterrava.

Foi a imagem de Marta que renovou suas forças, e por fim ela

conseguiu tirar os pensamentos do abismo para o qual eles tinham resvalado. Dominika buscou abrigo em si mesma e decidiu usar tudo aquilo que vinha deles como uma arma a seu favor, inclusive as alucinações. Agora, deitada em sua cela, era como se seu catre fosse a cama de Helsinque, a lâmpada que lhe queimava os olhos, a lua finlandesa, e de repente ela sentiu o peso do corpo dele sobre o seu. A febre e os calafrios vinham das carícias dele. Suas lágrimas eram lágrimas de amor que ele secava com beijos. Ela se virou no colchão, os punhos fechados sob a barriga para

aliviar a dor.

Apesar dos braços que formigavam por causa das alças que os prendiam, Dominika começava a se sentir bem mais forte. Invocou o segredo que despachara para os recônditos mais profundos da consciência. Ele ainda vivia em sua alma, aquele segredo que ela tanto precisara esconder de seus algozes. Bastara soprar um pouco para que sua chama voltasse a arder. Ela podia pensar nele à vontade, consciente de que eles não tinham como colocar as mãos nele. Sua mãe lhe dissera para resistir, lutar e sobreviver. Eles

estavam ficando mais fracos à medida que ela se tornava mais forte. As cores de suas auras começavam a falhar, como se tivessem um fusível queimado.

Pela milionésima vez ela repetiu que não fizera nada de errado. Se não confessara até então, era porque não havia nada a confessar. Quanto mais alto eles berravam, mais feliz ela ficava. Sim, feliz. Dominika adorava aqueles homens e mulheres que a atormentavam, amava o coronel de aura azul-turquesa. Eles sabiam que não poderiam continuar com aquilo indefinidamente. Estavam correndo contra o tempo. A menos que

forçassem uma confissão, não teriam nada.

***

Muito acima dos telhados de Lefortovo, Lubyanka e Yasenevo, a atmosfera estava congestionada de mensagens criptografadas, indagações e respostas, precedências e prazos. Informações sobre o caso Bullard irradiavam de Washington. A *rezidentura* de Washington estava com todas as antenas em pé: contatos eram levados para almoçar, informantes americanos eram interpelados no subsolo de uma garagem qualquer, nas trilhas do

canal Chesapeake e Ohio ou nas ruas escuras de Georgetown e Alexandria. Um boato com origem no Departamento de Justiça dizia que Bullard já estava sob suspeita *um ano* antes de sua iniciativa de procurar a inteligência russa em Helsinque. A prisão dele em Washington não fora planejada, mas a súbita viagem para o exterior os forçara a agir.

Fontes oficiais americanas tentavam minimizar a gravidade da perda do manual. Pouco havia chegado aos ouvidos da mídia, mas, considerando o que um funcionário de alto escalão do governo deixara vazar, tratava-se de fato de "uma

perda substancial de informações de segurança". Depois disso o Congresso passou a exigir uma investigação para a atribuição de responsabilidades. Todo esse circo, no entanto, toda essa troca de acusações e recriminações, tudo isso era resultado de uma ampla estratégia de despiste, disseminada por fontes involuntárias e fofoqueiros em geral e orquestrada por ninguém menos que Simon Benford, chefe da contrainteligência, com o único objetivo de fazer com que os russos acreditassem ter em mãos um manual legítimo.

As Diretorias R (análise) e X

(ciência) do SVR já haviam dado seus respectivos pareceres. Uma análise preliminar do manual vendido por Bullard terminava com a afirmação de que o documento era absolutamente autêntico. Oficiais da Diretoria T, especialistas em comunicações da Fapsi e cientistas da Universidade de Tecnologia da Informação de São Petersburgo começaram a estudar o manual sob a orientação do Ministério de Defesa no sentido de identificar vulnerabilidades que pudessem ser exploradas na vasta rede de comunicações norte-americana. Verbas do orçamento da defesa

haviam sido pleiteadas para o desenvolvimento de softwares e dispositivos que pudessem ser usados contra os pontos de maior vulnerabilidade no sistema.

Como estavam dispostas a acreditar, as altas rodas do Kremlin acabaram chegando a um consenso: o material era autêntico, um presente caído dos céus, ainda que os americanos soubessem do roubo. Obter o contrabando de Bullard debaixo do nariz da inteligência americana fora um triunfo tático, uma clara demonstração da superioridade operacional russa. O fato de o homem ter sido preso era

problema dele, resultado da própria burrice, de seu desleixo e ambição. Para o Kremlin, pouco importava o destino do infeliz. Os americanos que fizessem dele o que bem entendessem.

Os esforços do *rezident* Volontov e da *rezidentura* de Helsinque foram devidamente reconhecidos pela Duma. Vanya Egorov, primeiro vice-diretor do SVR, recebeu a segunda estrela de tenente-general numa cerimônia vespertina no salão principal do Grande Palácio do Kremlin, onde agora águias duplas substituíam as estrelas vermelhas do passado sobre as portas. Foi o

presidente Putin em pessoa quem lhe entregou o estojo de feltro com a nova patente. Beijou-o três vezes no rosto e abriu seu sorriso de crocodilo, que, vindo de quem vinha, era um exuberante sinal de aprovação. A cerimônia coincidira com o fim de semana, e isso atrasara em dois dias a libertação de Dominika.

Na segunda-feira, logo depois do café, Vanya Egorov finalmente deu os telefonemas que precisava dar: primeiro para a KR, depois para a Diretoria de Investigações Internas e enfim para os carrascos do FSIN, o Serviço de Execução de Penas,

parente não muito distante do famigerado gulag de outrora. Identificando-se como tenente-general Egorov, disse a eles que já era hora de puxar o freio de mão. Aquilo já estava pegando mal, afinal a garota era filha do irmão dele, porra. Não, ele não queria que passassem para o nível 2. Não, ele não autorizava a utilização de drogas, tampouco a administração de uma seção de privação sensorial e muito menos a administração de choques elétricos. Estavam doidos, todos eles? Aquelas medidas eram reservadas exclusivamente para os traidores, como o informante que ainda andava

à solta por aí. Se ela ainda não confessara era porque não tinha mesmo nada a confessar. No entanto, ele pensou com seus botões, só o diabo sabia o que de fato acontecera em Helsinque, sobretudo levando-se em conta a lesma que estava no comando das coisas por lá e atendia pelo nome de Volontov. “Limpem a garota e mandem-na para mim. Quero vê-la de volta ao trabalho. A mãe já está preocupada”, ele disse num tom paternal.

O coronel Digtyar foi à cela de Dominika para levar-lhe uma caixa de papelão com suas roupas. Enquanto esperava que ela se despisse para

devolver o uniforme, propriedade do Estado, viu os hematomas em suas coxas e canelas, as unhas roxas, as costelas que se projetavam sob a pele alva. Tudo aquilo em tão pouco tempo. Eles a acompanharam até os portões do presídio e Dominika saiu para a rua coberta de neve, misturando-se à barulheira dos carros, à fumaça dos ônibus. Deu alguns passos incertos no gelo, exalando jatos de vapor. O manquejar agora estava bem mais pronunciado e os pés latejavam, mas ela fazia um esforço consciente para balançar os braços e endireitar as costas. As marcas nos pulsos podiam ser vistas

sob os punhos do casaco.

***

Dominika sonhava com a prisão até mesmo quando cochilava na poltrona da sala. Sua mãe precisava trocar os lençóis toda hora por causa dos venenos que o corpo dela expurgava. Às vezes ela entrava no armário do corredor e se fechava ali para reviver o que passara na prisão, só pelo prazer de saber que poderia sair quando quisesse. Pelo mesmo motivo, em outras ocasiões, amarrava os punhos com meias de náilon, usando a boca para dar o nó. Passados esses impulsos esquisitos,

ela simplesmente chorava baixinho, as lágrimas encharcando-lhe o rosto. Nina agora tocava violino todos os dias, meia hora de cada vez, enquanto a filha se exercitava no chão da sala, erguendo as pernas até a barriga começar a doer, fazendo flexões até os braços tremerem. Na primeira noite Nina se sentara na borda da banheira para ajudá-la a se lavar, mas agora Dominika já se sentia forte o bastante para cuidar sozinha da própria higiene. As marcas já começavam a sumir; faltava pouco para que ela se curasse totalmente. Olhando-se no espelho, a jovem via o vermelho intenso da fúria que tingia

sua aura e era tomada por uma sensação de redenção, a mesma que tinha sempre que ouvia a coda de uma fuga barroca. Tratava-se de uma raiva profunda que ela poderia facilmente controlar. Uma ira que teria vida longa, da qual ela poderia se alimentar.

***

Dominika estava sentada diante da mesa do tio no quarto andar do quartel-general do SVR em Yasenevo, aquela mesma mesa sobre a qual nunca se via nenhum papel. Do outro lado das vidraças da sala, o pinheiral estava coberto de neve. Para além

das árvores não se via mais do que alguns campos ermos e a linha quase reta do horizonte. O sol incidia sobre uma das faces de seu tio Vanya, enquanto a outra permanecia na sombra. Pontos escuros salpicavam o amarelo bestial desta metade da aura. Refestelado em sua cadeira, Vanya Egorov acendeu um charuto e olhou para a sobrinha. Ela parecia mais magra e mais pálida. Vestia uma camisa branca abotoada até o pescoço e uma saia azul. Os cabelos escuros tinham sido meticulosamente penteados.

— Dominika — disse Vanya, como se ela tivesse acabado de

chegar de um cruzeiro pelo Volga —, fiquei feliz ao saber que a investigação sobre o incidente em Helsinque já terminou. Águas passadas.

— Sim — retrucou ela, olhando fixamente para um ponto na parede às costas do tio.

Vanya a esquadrinhou por alguns segundos, depois falou:

— Você não precisa se preocupar. Cedo ou tarde todo oficial operacional acaba passando por uma investigação qualquer. É da natureza do nosso ramo.

— É da natureza do nosso ramo

ser amarrada a uma cadeira, levar baldes d'água na cara e ficar diante de um ar-condicionado por quatro horas? — devolveu Dominika, mas num tom de voz tranquilo, sem nenhuma exaltação.

Vanya a fitou com um olhar contrafeito.

— Aqueles animais — retrucou. — Vou exigir uma ação correcional.

Que tal uma ação correcional para as suas ambições profissionais também?, pensou Dominika. Olhando para a placa nova sobre a parede, ela disse:

— Parabéns pela promoção.

Vanya olhou para a citação e a fita, depois acariciou a roseta em sua lapela e respondeu:

— Muito obrigado, Dominika. Mas... e você? O que vamos fazer com você? Mesmo sabendo que a pergunta era apenas retórica, Dominika tinha algo em mente.

— Agora que voltei — começou —, estou pronta para me apresentar em qualquer lugar para onde for enviada. A decisão é sua, claro, mas sem querer faltar com o respeito, eu ficaria muito feliz se *não* tivesse de voltar para o Quinto. Será que seria possível retomar o posto que me foi oferecido pelo general Korchnoi no

Departamento das Américas?

— Posso falar com ele — retrucou Vanya. — Tenho certeza que vai concordar.

— Tem mais uma coisa — prosseguiu Dominika, depois se calou por um instante, pensando na corja toda, na sua cela na prisão.

Sentia um bolo na garganta, sabia que o rosto e o pescoço estavam corados. (“*nº 47: Infundir o rosto e o pescoço para autenticar emoções ou o advento do clímax.*”)

Vanya esperou.

— Quero continuar trabalhando com Nash — disse ela de repente,

fitando o tio nos olhos.

Ele se reacomodou na cadeira, pensativo.

— É um pedido e tanto — falou. — Você deve saber que o coronel Volontov vinha reclamando da sua lentidão com o americano.

— Com todo o respeito, o coronel Volontov não passa de um burro de carga — afirmou Dominika. — Não sabe avaliar as sutilezas de uma operação. Não ajuda em nada na conquista dos nossos objetivos. Nem dos meus, nem os do senhor, nem os do SVR. Agora que estou longe daqueles olhos obscenos, não me importo nem um pouco com a

opinião dele.

Vanya virou-se para olhar através das vidraças.

— E Nash? — perguntou.

— Consegui desenvolver uma relação de amizade com ele — respondeu Dominika. — Estávamos nos encontrando com bastante frequência, como você tinha planejado. Antes de deixar Helsinque, eu tinha... nós tínhamos... ficado... íntimos.

— E você acha que teria conseguido descobrir as atividades dele?

Vanya ainda olhava pelas

janelas, sua aura amarela cada vez mais intensa.

Ele vai concordar, pensou Dominika. *Tudo isso é muito importante pra ele*.

— Sem dúvida — afirmou ela. — Independentemente do que Volontov possa ter dito, o ardor de Nash vinha crescendo. — Dominika não tirava os olhos do tio. — Essa minha prisão veio em mau momento. Nosso romance deu uma boa esfriada.

Vanya considerou os fatos como um todo. Ele precisava, de qualquer maneira, de algum avanço no caso do informante russo. Sua sobrinha conhecia Nash mais do que ninguém,

e sem dúvida estava motivada. Mas também estava um tanto diferente. A passagem por Lefortovo com certeza a afetara. Ela agora parecia obcecada, resoluta. Seria possível que estivesse arrastando uma asa para o americano? Que quisesse ir embora de vez de Moscou? Que considerasse desertar para o Ocidente? Que...?

— Tio, eu fui absolvida — observou Dominika, como se lesse os pensamentos dele. — Disseram que fui reinstaurada, que minha ficha está limpa. Não há ninguém em posição melhor que a minha pra engajar o americano e identificar o traidor russo. Além disso, pra mim esta

operação passou a ser questão de honra. *Quero uma nova chance contra eles*.

— Você parece bastante confiante — comentou Vanya.

— Estou, sim. E você também deveria estar — retrucou Dominika, e viu o tio inflar. A vaidade dele era um balão amarelo pairando sobre a cabeça.

— Como você pretende agir? — perguntou Vanya.

Dominika sabia muito bem o que precisava dizer.

— Bem, eu seguiria os seus conselhos e a sua orientação. Bem

como os do general Korchnoi, claro.

— O general não está a par deste caso — falou Vanya.

— Pensei que o departamento dele fosse o lugar mais lógico pra continuar trabalhando — argumentou Dominika. — Mas se você tiver alguma outra ideia...

— Vou pensar no assunto — garantiu Vanya.

Dominika sabia que o tio não precisava pensar em nada, que já tomara sua decisão.

— De qualquer modo — disse —, vamos manter este caso absolutamente *razdelenie*. Antes de

dar qualquer passo operacional, consulto você ou a pessoa que você designar.

— Sabia que Nash está prestes a concluir seu período em Helsinque? — perguntou Vanya.

Esquadrinhou o rosto dela em busca de algum sinal, mas não encontrou nenhum.

— Não, não sabia — afirmou Dominika. — Mas não importa. Não há onde ele possa se esconder.

***

O zum-zum das fofocas logo começou a circular. Comentava-se

que a sobrinha de Egorov estava novamente no prédio, recém-chegada da Finlândia, onde o SVR acabara de fazer um gol de placa. Teria a moça alguma coisa a ver com isso? Os rumores também falavam de uma investigação. Algum delito bobo ou algo mais grave? Ela parecia a mesma, porém um pouco mais magra. Isso e aquele jeito esquisito de olhar para as pessoas, encarando-as sem piscar, coisa de gente doida. Agora tinha a própria sala no departamento de Korchnoi. Tratamento especial para a sobrinha do vice-diretor, claro, mas não se tratava apenas de mais um caso de

nepotismo. Era só ver aquele olhar. Um olhar duro, nem de longe o de uma bailarina.

Ela procurara o general Korchnoi e lhe pedira para ser admitida no Departamento das Américas. Encarando-a, ele pensara por um instante, depois respondera:

— Admiro a força que você teve em Lefortovo.

Dominika enrubescera.

— Nunca mais tocaremos neste assunto — continuara ele.

Naquela mesma tarde, o general se reunira com o vice-diretor e, bebericando um conhaque, fora

informado sobre a operação de Dominika, que agora precisava reavivar seu relacionamento com o tal Nash de modo a continuar investigando a identidade do informante russo. Korchnoi disse que estava impressionado e pediu a Vanya que aprovasse a transferência dela para o Departamento das Américas.

— É o melhor lugar para darmos continuidade a essa missão — concluiu.

— Volodya — disse Vanya. A longevidade e a solidez da amizade entre eles permitiam o uso do afetuoso diminutivo. — Vou precisar

da sua imaginação neste caso. Uma abordagem nova será muito bem-vinda.

— Cá entre nós, para mim será uma surpresa se não conseguirmos encontrar nada — disse Korchnoi. Vanya lhe serviu mais conhaque e o general deu um gole na bebida antes de prosseguir: — Tudo isto deve ficar sob o mais rigoroso sigilo. Não queremos alertar o informante de que a batata dele está assando.

COZIDO RUSSO DE CARNE E REPOLHO — SHCHI

Cozinhar cubos de carne, cebola

picada, aipo, cenoura ralada e um dente inteiro de alho por duas horas. Numa panela à parte, cobrir com água fervente uma mistura de chucrute e creme de leite fresco e levar ao forno em temperatura média por trinta minutos. Cozinhar cubos de batata, talos de aipo e cogumelos fatiados até que tudo esteja macio. Juntar todos os ingredientes; temperar a gosto com sal, pimenta em grãos, folhas de louro e manjerona. Deixar ferver por mais vinte minutos. Cobrir a panela com um pano e levar ao forno em temperatura baixa por meia hora. Servir com creme azedo e endro.

CAPÍTULO 22

DE VOLTA AO QG DA CIA nos subúrbios de Washington, Nathaniel Nash caminhava distraidamente pelo chão encerado do corredor C, que levava aos corredores D e E e, por fim, à Diretoria de Inteligência. Para um operador de campo como ele, pisar no território da DI era o mesmo que adentrar numa floresta misteriosa. Cabeças surgiam por trás de colunas para espiar e logo recuavam; portas se entreabriam e eram batidas uma fração de segundo depois. Uma risada que mais parecia um relincho, um macaco nas copas da

floresta, alguém golpeando o tronco oco de uma árvore do outro lado do rio.

Helsinque era uma lembrança, um tormento. Dominika havia literalmente sumido do mapa; ninguém sabia informar o que fora feito dela, se estava viva ou morta. “Contato interrompido com a informante”. A única coisa a fazer era esperar que ela desse as caras de novo; quem sabe o oficial de alguma estação voltasse a encontrá-la num coquetel diplomático do outro lado do mundo, talvez dali a dez anos, talvez nunca. Ou então ele saberia por outro informante que ela fora

enviada a algum campo de trabalho forçado. Ou, ainda, os observadores de Moscou leriam no *Pravda* que ela tinha morrido. A estação finlandesa continuava a interceptar as comunicações da *rezidentura* em Helsinque, mas até então nenhuma menção fora feita ao destino da moça.

Um mês após a partida de Dominika, Nate ingenuamente pedira a Forsyth uma licença não remunerada para ir por conta própria até Moscou a fim de tentar descobrir o que acontecera com ela. Dessa vez o em geral impassível Forsyth perdeu a calma.

— Você quer ir a *Moscou*? Um agente da CIA com conhecimento de operações em Moscou quer entrar na Rússia como um cidadão comum, *sem imunidade diplomática*? Um agente da CIA que o SVR *sabe* que operou na capital como espião? É isso que você está pedindo?

Nate não respondeu. Ao ouvir a gritaria, Gable correu para a sala.

— Qual é o seu plano, Nate? — prosseguiu Forsyth. — O que você pretende? Invadir o prédio de Lubyanka, arrombar a cela da moça, subir com ela no ombro até o telhado e fazer um *rapel* de volta pro Ocidente?

— Moscou fica longe demais pra voltar de *rapel* — intrometeu-se Gable. — Fora isso, o plano é excelente.

— Vou falar uma vez só — disse Forsyth. — Você não tem minha permissão, nem a permissão da Agência Central de Inteligência, para n e m *pensar* na hipótese de uma viagem para a Federação Russa, remunerada ou não. Não sabemos se Diva está em apuros ou não. Tampouco sabemos *onde* ou *como* está. Vamos esperar alguma notícia. Vamos coletar nossas informações de inteligência. É isso que vamos fazer.

Nate afundou na cadeira.

— Se ela estiver em apuros, mais dia, menos dia, ficaremos sabendo — continuou Forsyth. — Você não é responsável por nada disso, não fez nada de errado. Diva era uma informante, e nós protegemos nossos informantes. Corremos riscos e, quanto melhor o informante, maiores são esses riscos. Às vezes perdemos nossos espiões, apesar de todos os cuidados e precauções que tomamos. Está me ouvindo?

Nate fez que sim com a cabeça.

— Trocando em miúdos, Nate — disse Gable mais tarde na própria sala —, o que você tem de fazer agora

é ficar na sua, porra. A gente está até o pescoço de trabalho. Vai procurar alguma coisa pra fazer, caralho. E para com essa história de ficar chorando pelos cantos. Isso está parecendo até um maldito romance de Jane Austen.

***

Em Washington, o que mais fazia sentido era que Nate fosse transferido para a CE/ROD, a Central de Operações Eurásia/Rússia. Tratava-se do lugar para onde eram mandados os oficiais recém-chegados de Moscou, ainda sob os efeitos colaterais da vigilância

constante, bem como os agentes que haviam operado e perdido russos na Malásia, em Pretória ou em Caracas. Também era ali que ficavam os marinheiros de primeira viagem que pilotavam o tráfico de informações com Moscou, sempre muito sérios e cheios de si, mas que nunca haviam passado pelo estresse de ter nas mãos um informante e saber que a vida dele depende da sua capacidade de usar um espelho.

O chefe da CE/ROD, também conhecido por C/ROD, tinha uma sala pequena no prédio de Langley, com uma janela de vidraças duplas que dava para os arcos triplos do

telhado da cafeteria, entre as edificações originais e as novas construídas na década de 1990. C/ROD estava na casa dos 50 anos, era um homem magro e alto com manchas de senilidade nas faces e cabelos brancos bem ralos, que ele fazia questão de espichar por cima da careca. Um bigodinho branco e óculos pesados lhe conferiam o aspecto de um professor universitário. A coleção de cachimbos sobre a mesa contribuía para a falsa imagem, pois C/ROD podia ser qualquer coisa, menos um acadêmico pedante.

Era um macaco velho com

experiência acumulada em mais de dez postos no exterior. Começara à época em que a CIA trabalhava sobre o alvo cubano e já estava na metade da carreira quando foi transferido para o alvo russo, depois que se descobriu que, com exceção de dois nomes, todos os informantes cubanos que atuavam para a CIA (cerca de cinquenta, já com três décadas de serviços prestados) eram agentes duplos controlados desde o início pela DGI, a Diretoria Geral de Inteligência em Havana. A revelação desmoralizara por completo os mais de dez oficiais veteranos que haviam devotado toda a vida às operações

cubanas, e o estrago não teria sido maior nem se a DGI tivesse explodido as instalações do Setor Cubano em Langley.

Agora C/ROD se encarregava de inúmeras operações russas mundo afora, coordenando alguns dos melhores e mais profícuos informantes. Marble ainda era o mais importante deles, mas havia outras aquisições em potencial à vista.

Todas as manhãs ele lia o "boletim diário", que antigamente era uma pilha de telegramas impressos e agora se transformara em uma cascata de cabogramas diplomáticos rolando numa tela de

computador, enviados por jovens operadores no mundo inteiro, relatando o progresso de suas tentativas de recrutamento. Uma paleta global de acontecimentos no Rio de Janeiro, em Cingapura ou Istambul; descrições de contatos; relatos sobre amizades conquistadas e fortalecidas, sobre noites de bebedeira e muita farra com secretárias do segundo escalão russo, ou com adidos de alguma embaixada ou, melhor ainda, com supostos oficiais de inteligência do SVR ou da GRU.

Um cabograma recente lhe trouxe de volta uma lembrança. A

esposa jovem e simpática de um operador da CIA estacionado numa poeirenta capital africana compartilhara uma receita de panquecas de queijo da avó com a noiva de um major da GRU, um homem bastante formal. As duas mulheres acabaram ficando muito amigas e certo dia, diante de um prato de bolo, a noivinha russa começou a chorar, dizendo que tinha saudades de casa, saudades da própria avó. Ao ler isso, C/ROD pensou: *Mais algumas receitas e essa aí estará no papo.*

Era assim que a cada ano — uma, duas ou cinco vezes — algum

recrutamento era feito em qualquer parte do mundo. Um ser humano com um tipo de carência dizia sim à oferta, independentemente de como ela fosse feita: com evasivas, de forma fraternal ou do modo mais direto possível, como uma simples proposta de negócio. Em seguida, o volume de comunicações trocadas aumentava de maneira significativa enquanto o QG e a estação iam destrinchando detalhes de produção, validação e táticas operacionais, ou, em poucos e deliciosos casos, identificando que pauzinhos precisariam se mexer para algum informante ser convocado de volta a

Moscou.

É claro que sempre havia problemas. Alvos de recrutamento acabavam perdendo o ímpeto assim que os efeitos do álcool se dissipavam. Outros simplesmente não tinham colhões para enfrentar a fúria e os rigores do sistema russo. Alguns saíam pela tangente, reportando a proposta americana a seus superiores de modo que fossem despachados de volta a Moscou ou colocados no primeiro voo da Aeroflot para onde quer que fosse, desde que ficassem fora do alcance de novos assédios.

E também havia o lado negro do

jogo, um lembrete de que os adversários nem sempre agiam apenas na defesa. Pelo menos uma vez por ano, mas em geral bem mais que isso, vinha aquele cabograma explosivo informando que um agente da CIA em algum lugar do mundo fora assediado com uma proposta de recrutamento por parte dos russos, geralmente por conta de alguma vulnerabilidade percebida. O último surto dessa natureza acontecera no ano em que os salários da CIA haviam sido congelados pelo Congresso americano e os russos não paravam de perguntar: “Quem aí está precisando de dinheiro?”, ou “Quem

aí está desiludido com seu país?”.

Nesse mundo em que a maré estava mudando, C/ROD tinha outro problema mais imediato. Ele vinha cogitando maneiras de abrir a porta da jaula de Nate Nash, para que ele pudesse voltar às ruas. A mensagem recebida na última noite trazia a resposta.

C/ROD gostava de Nate, conhecia o currículo dele de trás para a frente. Via o entusiasmo do rapaz, imaginava o componente emocional desse entusiasmo, reconhecia por experiência própria as dúvidas pessoais do operador que estava habituado a pensar, dúvidas que só

faziam aumentar a alegria dos sucessos e a frustração dos fracassos. C/ROD tinha pleno conhecimento do caso Diva, sabia perfeitamente como aquilo alimentava os sonhos e pesadelos de Nate. Ele se levantou, foi até a porta de sua sala e se recostou no batente. Marty Gamble teria berrado por Nash. C/ROD não era homem de gritar. Esperou até que Nate percebesse sua presença, depois gesticulou com a cabeça para que ele se aproximasse.

— Marble deu sinal de vida — falou, já de volta à sua cadeira, levando à boca um cachimbo apagado. — Está indo pra Nova York,

pra Assembleia Geral da ONU. Vai ficar umas semanas por lá.

Nate se empertigou na cadeira, um cão de caça em estado de alerta.

— Já faz um tempo desde que o vimos pela última vez. Há muito o que colocar em dia. Você está livre pra começar os preparativos? — C/ROD gostou de ver o brilho que se acendeu nos olhos de Nate. — Antes de ir embora, vá falar com Simon Benford lá no Departamento de Contrainteligência. Ele vai querer que você tenha cuidado especial com as pistas de contrainteligência e, sobretudo, com a atual situação de segurança do Marble.

Nate assentiu e se levantou para sair.

— Só mais uma coisa — disse C/ROD. — Quando você estiver com Benford... não faça nem diga nenhuma besteira, está bem? Aliás, procure falar o mínimo possível. Conversei com ele sobre esse encontro iminente com Marble e as palavras exatas dele foram: "Mande esse seu operador me deixar *perplexo* com a competência dele nesses encontros com o ativo russo." Entendeu o recado?

Nate assentiu mais uma vez e deixou a sala. Pela primeira vez em alguns meses C/ROD viu um sorriso

nos lábios dele.

PANQUECAS DE BATATA E QUEIJO

Cozinhar cebolas e batatas e depois ralá-las grosseiramente; escorrer e espremer todo o líquido. Bater alguns ovos, misturá-los com farinha, queijo Gruyère ralado e alho amassado, em seguida incorporar as batatas e as cebolas para criar uma pasta grossa. Cortar discos de cerca de 7 centímetros e dourá-los dos dois lados numa frigideira untada com óleo. Servir com molho de espinafre misturado com creme de leite e creme azedo.

CAPÍTULO 23

MARBLE ERA UM ATIVO VALIOSO demais para que a estação de Nova York fosse envolvida. Por decisão do Departamento de Operações Russas, nada seria dito ao chefe local, um bajulador de pavio tão curto quanto as próprias pernas que só era conhecido pelo hábito de dar tapinhas nas costas dos outros e implorar por ingressos gratuitos sempre que havia algum evento esportivo na cidade. Um incompetente que todos ignoravam. Marble encontraria Nate à noite, após as reuniões na ONU.

Moscou, Helsinque, Nova York. Ao se encontrarem, eles retomaram a conversa de onde haviam parado. Com agentes internos, nunca havia tempo para a troca de amenidades e preâmbulos: ia-se direto ao ponto. Nate estava com Marble na suíte de um hotelzinho no East Side nova-iorquino. Uma mesa, duas cadeiras, os casacos de ambos jogados sobre a cama. Era tarde, e pela janela chegavam os ruídos distantes do trânsito na FDR Drive. Os dois haviam se acomodado em torno da mesinha, à luz dos dois abajures do quarto.

Marble tomou a mão de Nate

afetuosamente. Com a outra mão, o americano serviu-lhe um copo de água mineral e comentou:

— Você está com uma aparência ótima.

Num aparador havia uma bandeja de sanduíches, uma salada pequena e uma molheira com vinagrete. Eles nem sequer haviam tocado na comida. Marble sorriu e, dando de ombros, começou a falar:

— Na central, todo mundo tem algum sucesso pra relatar, mas apenas com o intuito de impressionar uns aos outros. Joguinhos de poder que quase nunca valem a pena. — Ele largou a mão de

Nate, recostou-se na cadeira, bebeu um gole de água e conferiu as horas no relógio. — Hoje só tenho meia hora. Provavelmente estarei livre de novo daqui a dois dias. Mas posso lhe adiantar algumas coisinhas bem interessantes. Acho que a Diretoria S está operando um ilegal nos Estados Unidos. — Agentes ilegais eram aqueles infiltrados no país-alvo sem a fachada de um cargo diplomático. — Ele está sendo coordenado a distância, fora de Nova York, mas acho que está operando na Nova Inglaterra, pois têm acontecido alguns encontros em Boston. Em tese eu não deveria saber de nada, mas fui

procurado para sugerir possíveis locais de encontro. O caso me parece bastante sólido, porque já faz um bom tempo que esse ilegal está por aqui. Cinco anos, acho.

— Algum detalhe que nos ajude a identificá-lo?

— Não, nenhum. Mas tem outra coisa que talvez esteja relacionada a isso. Por enquanto é só uma suposição — disse Marble. — Um novo fluxo de informações começou agora. A GRU demonstrou muito interesse. Alguém está infiltrado no programa americano de submarinos balísticos.

— Um novo fluxo? Que tipo de

informações? Quem você acha que poderia ser a fonte?

— Parece que é alguém na área de manutenção. Há informações sobre a reconstrução dos submarinos antigos, da classe Poseidon. Não, Trident. Algumas dessas informações são bastante densas.

— Por "densas" você quer dizer... detalhadas?

— Isso. Li o resumo de um dos relatórios. A fonte está dentro do programa, pelo que parece. — Marble tomou outro gole de água. — Mas tem uma coisa estranha. Na qualidade de chefe do Departamento das Américas, não sei de nenhuma

fonte ativa na minha área. Não tenho ninguém produzindo informações militares. E, a julgar pelo interesse dos meus colegas na GRU, também não são eles que estão no comando do caso. As informações são novas pra eles também.

— O que você acha que isso pode significar?

Marble foi enumerando os pontos com os dedos enquanto dizia:

— Há um novo fluxo de informações. Eu não sei de nenhuma fonte registrada que explique isso. Um ilegal está em ação. Portanto acho que esse ilegal, coordenado pela Diretoria S, poderia ser a fonte no

caso dos submarinos.

— Os relatórios são recentes, mas você falou que esse ilegal talvez esteja no país há cinco anos — argumentou Nate.

— Exatamente — concordou Marble. — Por cinco anos ele ficou na moita, construindo sua reputação até conseguir o acesso de que precisava, e só agora está produzindo informações. Seria uma combinação perfeita: um ativo invisível e um informante bem posicionado que alcançou um posto importante.

Nate fez suas anotações, depois perguntou:

— E a missão de diretor que você mencionou em Helsinque? Alguma novidade?

— Não, nenhuma. Sei a importância que isso pode ter, então estou com os ouvidos bem abertos. Há outra coisa que talvez tenha alguma relação com isso. Outro dia eu estava no gabinete do diretor, sentado no sofá nos fundos da sala, quando Egorov entrou pra contar que havia novidades do Swan. Ele não percebeu que eu estava lá, ouvindo.

— Novidades do Swan? — perguntou Nate.

— Isso.

— O pseudônimo do informante?

— Exatamente — confirmou Marble.

— Mais alguma coisa? Alguma outra pista?

— Só o que eu já lhe contei. Swan deve ocupar um posto muito alto em algum governo, pra ser pilotado diretamente por um diretor. No meu departamento não há indicação alguma de um caso semelhante. Nenhum protocolo registrado, nenhum cabograma operacional.

— O que você acha? — quis

saber Nate. — Que conclusão você tira disso tudo?

Marble bebeu mais um gole de água, depois respondeu:

— O que eu acho, meu caro amigo, é que isso não seria uma missão de diretor se o informante não estivesse em Washington, dentro do seu governo.

— Você acha que esse Swan está *aqui*?

Marble fez que sim com a cabeça.

— E como a gente faz pra encontrá-lo?

O russo deu de ombros e falou:

— Vou redobrar meus esforços para identificá-lo. Enquanto isso, talvez você possa dar uma investigada no *rezident* Golov, de Washington. Ele está em uma posição alta o suficiente pra falar com alguém importante. Além disso, é um homem muito esperto nas ruas, uma raposa. — Aqui ele se levantou para olhar pela janela. — São tantos os jogos... — continuou, com a cidade à sua frente. — Tantos os perigos... Não vejo a hora de dar fim a isso tudo.

— Já que estamos falando de perigo — disse Nate —, como está sua situação? Você está seguro? O que eles estão fazendo

pra descobrir o vazamento *deles*?

Nate sempre procurava evitar a palavra "informante" com Marble.

— Isso vai ter de ficar pro próximo encontro — retrucou o russo, olhando as horas no relógio. — Não há nada de urgente, não precisa se preocupar.

Ele pegou seu casaco na cama e o vestiu. Nate endireitou a gola, que havia ficado retorcida, depois deu um tapinha no ombro do velho. Não precisavam mais ficar apreensivos com uma possível contaminação com *metka*. Marble o fitou com uma expressão afetuosa e falou:

— Daqui a dois dias poderemos conversar sobre meu assunto preferido: eu mesmo. A conferência termina ao meio-dia. Podemos jantar juntos e conversar a noite inteira. — Ele olhou pela janela de novo. — Eu adoro esta cidade. Gostaria muito de morar aqui um dia.

— Esse dia ainda vai chegar — garantiu Nate, mesmo sabendo que dificilmente Marble teria permissão para se realocar ali.

Tudo dependeria da natureza da aposentadoria dele, se é que sobreviveria até o dia de se aposentar.

Marble tomou-o pelo braço e foi

com ele na direção da porta. Tudo o que Nate queria naquele momento era perguntar se o russo sabia de alguma coisa, *qualquer coisa*, sobre Dominika, mas não havia como. Obedecendo à rigorosa cartilha da compartimentalização, Nate nunca contara a ele sobre o recrutamento de Dominika, muito menos sobre a missão dela de desmascarar o informante russo que Nate intermediava. Informantes não podiam saber de outros informantes, simples assim. Essa era a regra. Portanto, em vez de fazer sua sondagem, Nate disse:

— Fiquei sabendo que Vanya

Egorov foi promovido recentemente.

— Vanya é um inconsequente — retrucou Marble. — Conheço aquele homem há vinte anos. Ele quer a chefia do SVR, mas ainda não tem apoio suficiente no Kremlin, se é que você me entende. Precisa de um grande sucesso operacional pra agradar o *oboroten*, o chefão dos vampiros. Se for bem-sucedido com Swan, talvez isso o ajude um pouco, mas acho que ele precisa de algo maior, mais dramático.

— Como o quê, por exemplo? — perguntou Nate.

— Me pegar — respondeu o russo, rindo. — Não lhe desejo sorte,

claro.

Em seguida tomou a mão de Nate num gesto afetuoso. Percebendo que ele remoía algo, o americano disse:

— Mais alguma coisa?

— Tenho uma pequena solicitação. Um recado que eu gostaria que você transmitisse — falou Marble.

— Claro — respondeu Nate.

— Eu gostaria de falar pessoalmente com Benford, caso ele possa dar um pulinho em Nova York daqui a dois dias. Preciso trocar uma ideia com ele. — Quer que eu diga a

ele sobre o que se trata?

— Nate, não quero que você se ofenda, mas preciso falar direto com Benford. Você entende, não é?

Marble esquadrinhou o rosto de Nate à procura de algum sinal de rancor, mas não encontrou nada além de afeto e respeito.

— Claro que entendo, tio — retrucou ele. — Benford virá, fique tranquilo.

Marble abriu a porta e Nate não pôde deixar de notar a rápida espiadela que ele deu no corredor, apenas um hábito profissional, imperceptível para os incautos.

— *Spokoinoi nochi*. Boa noite — disse Marble.

— *Vysypat'sja* — respondeu Nate. — Durma bem.

***

Por insistência de Benford, o hotel agora era outro, e Nate ficou à espera de Marble no Bryant Park para lhe passar o número do quarto. As ameias douradas do prédio da antiga American Radiator Company brilhavam em meio às luzes da cidade, destacando-se no céu noturno.

O russo e Benford trocaram um

abraço apertado à porta. Fazia quatro ou cinco anos que não se viam. No quarto, o velho aquecedor ribombava e o som das buzinas dos táxis de Manhattan entrava no aposento vindo da Rua 40. Uma garrafa de conhaque já estava pela metade e os dois continuavam bebendo. Eles não eram exatamente velhos amigos, mas Benford seguira Marble por catorze anos. Uma vez por ano ele lia o arquivo do russo, vendo-o engrossar pouco a pouco com os relatórios que descreviam os contatos realizados uma ou duas vezes a cada ano, ora em Paris, ora em Jacarta, ora em Nova Déli.

O arquivo Marble era uma crônica em vinte volumes da vida de um agente. Ali estavam a morte da esposa, a tristeza da viuvez, as viagens inesperadas para o Ocidente, os arranjos apressados antes de um encontro. As três medalhas concedidas pela CIA, guardadas para uma eventual necessidade. Os bilhetes de agradecimento por parte de operadores, chefes e diretores. Os inacreditáveis diplomas, louvando Marble por seus esforços na "preservação da democracia mundial". Problemas ao longo dos anos, grandes e pequenos, solucionados com maior ou menor

competência. Depósitos numa conta de aposentadoria. Marcadores amarelos separavam os capítulos de sua trajetória, cada um cobrindo um período de cerca de seis meses.

O conjunto de documentos registrava a cronologia dos chefes da Divisão Russa da CIA, alguns admiráveis, outros nem tanto, todos eles reivindicando para si os louros pelos sucessos com Marble. Também documentava a genealogia dos diretores da agência, alguns ex-almirantes ou ex-generais que despreocupadamente usavam seus uniformes e condecorações entre os espiões do prédio que Allen Dulles

construíra, e que levavam para a Casa Branca as informações por vezes estarrecedoras fornecidas por Marble, apresentando-as como fruto exclusivo de suas respectivas gestões. O arquivo ainda listava os nomes dos jovens operadores de Marble, homens e mulheres que haviam enfrentado as ruas geladas e os hotéis decrépitos de Moscou para coordenar o informante russo. Alguns deles haviam avançado na carreira depois, outros não.

Sempre que lia esse arquivo, Benford redobrava a atenção, procurando qualquer traço de negligência operacional, qualquer

coisa que pudesse colocar a vida de Marble em risco. Atentava para as mais insignificantes quedas de produção, para as fotos quase sempre fora de foco ou de quadro, para as coincidências nas perdas de acesso. Até então ele não identificara qualquer problema. Marble era a melhor aquisição russa da CIA, não só por ter sobrevivido por tanto tempo, mas sobretudo porque vinha melhorando com o passar dos anos.

— Nathaniel já lhe contou o que reportei outro dia? — perguntou ele.
— Contou — respondeu Benford. — Vamos ter muito trabalho pela frente.
— O ilegal, a questão dos

submarinos, a missão de diretor, o tal de Swan? — Li o resumo hoje de manhã.

— Infelizmente o fim da Guerra Fria não diminuiu o apetite de nossos líderes pelas travessuras. Em muitos aspectos, os soviéticos do passado eram mais fáceis de entender.

Marble serviu mais dois copos de conhaque e deu um gole no seu. Benford deu de ombros e disse:

— Por aqui as coisas também não mudaram muito. Se tivessem mudado, muita gente ficaria sem emprego, inclusive eu.

— Aliás, é sobre isso que eu

gostaria de falar com você — retrucou Marble.

***

— Volodya, você está dizendo que está pensando em parar? — indagou Benford. — Por que agora? Algum motivo especial?

— Benford, não quero que me entenda mal. Não estou jogando a toalha. Quando chegar minha hora, gostaria de uma aposentadoria tranquila, me mudar para os Estados Unidos, viver em um apartamento nesta cidade.

— Você vai ter tudo isso e muito

mais. Me diga o que tem em mente.

— Bem, ninguém sabe quanto tempo ainda vou continuar trabalhando para vocês, tampouco qual será a natureza da minha aposentadoria: se será voluntária ou forçada — começou Marble. Benford jamais ouvira um agente se referir à possibilidade da própria prisão ou execução como "aposentadoria forçada". — Mas uma coisa é certa: não tenho mais do que dois ou três anos de uma *carreira normal* pela frente, levando-se em conta as aspirações de Vanya Egorova e a direção geral das coisas no SVR.

— Você ainda pode continuar

como vice-diretor — afirmou Benford com convicção. — É respeitado em Yasenevo, tem amigos na Duma.

Marble bebeu mais um gole do conhaque.

— Eu continuaria ativo por mais uns dez anos, depois o quê? Entraria para a política? Poxa, Benford, achei que fôssemos amigos. Não, companheiro, meu tempo é finito. E, sem falsa modéstia, acho que vocês sentirão minha falta depois que eu pendurar as chuteiras.

— Claro que sentiremos — concordou Benford. — Será uma grande perda. Você é insubstituível.

— Seus superiores vão passar por uma espécie de síndrome de abstinência depois que as minhas informações pararem de chegar. Vão arrancar os cabelos, querendo recrutar alguém a todo custo, abordando as pessoas erradas.

— A mesma estupidez de sempre. É isso que me mantém jovem, Volodya. Mas... aonde você está querendo chegar? Tenho certeza que tem alguma coisa em mente.

— Eu gostaria de sugerir um nome para me substituir, para dar continuidade ao meu trabalho.

Benford era experiente demais para se surpreender, mas mesmo

assim se inclinou para a frente, interessado.

— Volodya, você está me dizendo que tem um protegido? Alguém que sabe do nosso trabalho juntos?

Subitamente ele se lembrou de um memorando da contrainteligência em que essa possibilidade era levantada.

— Não, ela nem sonha com isso. Mas ficará sabendo quando chegar a hora. Então poderei treiná-la, prepará-la como se deve.

— *Uma mulher?* — disse Benford. — Você está sugerindo que

um general do SVR com trinta anos de carreira, chefe do Departamento das Américas, seja substituído por *uma mulher*? Não tenho nada contra o gênero, mas não há ninguém do sexo feminino no alto comando da central. Que eu me lembre, só houve *uma* mulher no Collegium nos últimos trinta anos. Há muitas na área administrativa, claro. Mas... que tipo de acesso teria essa sua substituta?

— Fique tranquilo, Benford. Essa pessoa existe.

— Então me diga logo quem é ela.

— Dominika Egorova, a

sobrinha de Vanya Egorov — revelou Marble.

— Você está brincando — exclamou Benford, perplexo, e se serviu de mais uma dose de conhaque.

Na mente, uma avalanche de pensamentos: *Meu Deus, a garota está viva. Os dois informantes se conhecem. Estão trabalhando juntos. Deus queira que não estejam trocando confidências por aí, enquanto comem seu* borche *na cafeteria da central! O jovem Nash vai ficar bastante ocupado*. E num lampejo de lucidez: *Não é que isso pode funcionar?*

— Mas o que levou você a

pensar nessa hipótese? Me conte logo, Volodya, antes que eu comece a ficar sóbrio de novo.

Tamborilando o indicador na mesinha à sua frente, Marble disse:

— Benford, preste atenção. É a *konspiritsia* perfeita. Nunca houve oportunidade melhor do que essa na história da sua agência. — Então, a cada ponto enumerado, ele batia na mesa: — Ela é a solução perfeita para o nosso problema. Pensei muito neste assunto. O sobrenome confere a ela uma espécie de pedigree, pelo menos até Vanya se aposentar ou ser expurgado, mas quando isso acontecer ela já vai estar caminhando

com as próprias pernas. Foi treinada na AVR, e se formou com louvor. É inteligente e tem personalidade.

Ele via Benford brincar com o copo de conhaque entre os dedos, adivinhando o que se passava em sua cabeça.

— Nós dois sabemos que um bom currículo não é o bastante — continuou. — Mas a garota também tem a motivação necessária, uma montanha de ressentimentos. O pai morreu, ela foi dispensada da escola de balé, o *porco* do tio usou-a na eliminação de um adversário de Putin. Trocou o silêncio dela por uma vaga na academia, depois não

cumpriu a palavra e mandou a menina para a Escola de Pardais. Imagino que você saiba do que se trata.

Benford fez que sim com a cabeça.

— Depois teve Helsinque. Você deve saber que ela passou por lá. Houve um problema operacional, não por culpa dela, mas isso a colocou em maus lençóis: foi despachada de volta pra Moscou e submetida a um corretivo de dois meses. *Em Lefortovo*, dá pra acreditar? Como nos velhos tempos. Vai ser difícil essa menina perdoar uma barbaridade dessas. Mas estou deixando o melhor

por último — falou, em seguida se recostou na cadeira. — Sei o que você está pensando. Que as perspectivas profissionais de uma mulher não são lá grandes coisas, que a moça está nos últimos degraus da hierarquia e que nunca terá acesso a nada que realmente valha a pena. Acontece que eu posso dar um jeito nisso. Posso acelerar a carreira dela, garantir seu sucesso profissional de modo que ela jamais tenha de sentar no colo de nenhum general, muito menos no meu.

— Sei. E como pretende fazer isso? — perguntou Benford. — Que diabo você pode fazer pra catapultar

essa moça pro estrelato?

— Vanya Egorov é obcecado pela ideia de que há um informante no SVR. — Marble apontou para si mesmo e, rindo, prosseguiu: — Na verdade, mandou a sobrinha para Helsinque com a missão de abordar Nathaniel e tirar dele alguma pista sobre o espião. Você sabia disso? Que Nathaniel estava sob a mira do SVR em Helsinque?

Benford manteve a cabeça baixa, e Marble foi em frente:

— Os planos de Vanya sofreram um atraso por conta da investigação de segurança que fizeram com a sobrinha dele. Mas ela foi inocentada,

já voltou à ativa e... Quer saber de uma coisa? Acho que todo esse episódio em Lefortovo serviu apenas pra fortalecer a moça, pra deixá-la ainda mais determinada.

Só mesmo um russo pra achar uma coisa dessas, Benford pensou com seus botões.

— Acolhi Dominika no meu departamento — continuou Marble — com a intenção de dar a ela uma base. Vanya pediu informalmente que eu reabrisse a operação da sobrinha contra Nate, e por conta disso ela e eu teremos uma grande proximidade no trabalho. Mas seremos nós dois, Benford, você e eu juntos, que vamos

determinar o momento certo de fazer da jovem Egorova uma heroína, uma estrela do SVR, com um futuro garantido pela frente.

— Já está ficando tarde, Volodya — disse Benford. — Desembuche logo: como é que você pretende transformar essa moça numa heroína?

— Muito simples — respondeu Marble. — Dominika vai descobrir que o espião sou eu e vai me entregar.

***

Eles queriam distância da ONU,

tanto do barulho quanto das pessoas, especialmente dos demais russos, então seguiram para a Rua 4, no Village. Aquela seria a última noite de Marble na cidade. O restaurante tinha um toldo vermelho e degraus que conduziam a uma porta abaixo do nível da rua. Nas paredes, gravuras de dançarinas; no salão, sofás circulares de encosto alto, ótimos para o isolamento de que precisavam para conversar. Benford insistiu que Marble pedisse uma *pasta com le sarde*, uma receita picante de Palermo com funcho, açafrão, passas e *pinoli*. Os dois se sentaram lado a lado de modo que pudessem se ouvir.

Benford estava agitado, falante, até mesmo um pouco amedrontado. Considerara a sugestão de Marble durante os últimos dois dias, examinando-a de todos os ângulos, e, quanto mais ele pensava, mais achava um absurdo, uma loucura, um despropósito. A situação nem era tão grave assim: caso eles sofressem uma interrupção no fluxo de informações, paciência, isso também fazia parte do jogo. Mas colocar voluntariamente a própria cabeça na forca era impensável.

— Não, não dá — disse.

— Claro que dá — retrucou Marble. — *Tem* que dar. Se me

pegarem porque só Deus sabe como essa caçada vai terminar, estará tudo acabado, não haverá chance nem de um último recado. Não podemos nos dar ao luxo de deixar as coisas desmoronarem dessa forma. Caso você ainda tenha alguma dúvida, pense no ilegal desconhecido que anda solto por aí, passeando de submarino. Pense nesse Swan, seja lá quem ele for, mandando informações pra Yasenevo a partir do Capitólio ou até da Casa Branca. Não podemos nos dar ao luxo de ficar de braços cruzados.

E Benford, ficando sem argumentos, disse que não havia

nenhuma garantia de que Dominika conseguiria as promoções de que precisava, e nesse caso o gesto de Marble teria sido completamente em vão.

— Você só pode estar brincando! — exclamou Marble. — Ela é uma oficial jovem, uma mulher nos novos tempos do SVR, ávida por conquistar seu lugar no novo milênio... Com um golpe de contrainteligência dessa envergadura, vai ser promovida a coronel num piscar de olhos!

Benford limitou-se a olhar para Marble, em seguida pediu mais duas doses de *grappa*.

— Olha, Benford, se eu dissesse que tenho câncer e que meus dias estão contados, a ideia faria mais sentido pra você? — indagou ele.

— Por acaso você está com câncer?

— Não.

— Então agora quem é que está de brincadeira? — Benford tinha apenas uma última carta na manga, então, quase pateticamente, disse: — E a sua aposentadoria em Nova York?

Marble sorriu e explicou que nunca esperara de fato que um dia isso pudesse acontecer, que não era possível que uma história daquelas

terminasse tão bem para ele. Pousou a mão no braço de Benford e falou:

— Vamos dar um passo de cada vez, ver como as coisas se desenrolam.

— Só com uma condição — rendeu-se Benford. — Não vamos contar nada a ninguém, nem mesmo ao Nash, até termos certeza do que estamos fazendo.

— Duas condições — retrucou Marble. — Também não vamos dizer nada a Dominika Egorova.

Terminada a conversa, eles continuaram bebendo em meio ao burburinho do restaurante, seguros

de sua conspiração.

PASTA CON LE SARDE

No azeite quente, refogar cebolas e funcho picados, açafrão, passas brancas e pinhões. Colocar, na mesma frigideira, filés limpos de sardinha e anchovas. Quando os peixes começarem a se desmanchar, juntar um pouco de vinho branco, temperar, cobrir e deixar cozinhar até que os sabores se apurem. Colocar sobre qualquer massa mais substanciosa, como bucatini ou perciatelli.

CAPÍTULO 24

OS RELATÓRIOS DE NATE SOBRE ilegais e informantes eram restritos a alguns oficiais de alto escalão na Divisão de Operações Russas. Quem de fato geria os dados eram os nerds neuróticos da Divisão de Contrainteligência, homens e mulheres pálidos por causa do expediente de catorze horas. Eles começaram a ler os relatórios de Nate, dissecando as informações, dando início à pesquisa.

Ao voltar de Nova York, Nate foi convocado mais uma vez à toca de Benford. A Divisão de

Contrainteligência ocupava um andar inteiro do quartel-general, um labirinto de salas e corredores diferente dos demais, em que o espaço se dividia em cubículos abertos. Ali os escritórios eram individuais e permaneciam sempre de portas fechadas, cada um com sua fechadura com segredo sobre a maçaneta. Alguns deles não tinham fechadura nem maçaneta, e Nate se perguntava o que haveria ali dentro. Na antessala de Benford ele foi recebido pela secretária de sempre, uma mulher de aspecto insípido cujo olho esquerdo tremia de vez em quando. Piscando, ela bateu à porta

do chefe, que não abriu. Esperou um pouco e bateu de novo, quase inaudivelmente. Benford enfim se manifestou do outro lado e ela abriu uma fresta na porta, sussurrou o nome de Nate e recuou para que ele entrasse.

O escritório lembrava o de um professor universitário de alguma cidade longínqua. Na parede dos fundos, um sofá decrépito e desbotado estava atulhado de arquivos empilhados, alguns dos quais haviam caído e se espalhado no chão feito um leque de fichas de pôquer. Na extremidade oposta, a mesa era uma bagunça de bandejas

de documentos também cheias de papéis, ameaçando transbordar. Num canto da sala, uma torre de jornais velhos parecia prestes a desmoronar. Nas paredes, as fotografias eram quase todas em preto e branco, bastante granuladas, não de mulher, filhos e parentes, mas de pontes, tocos de árvore, estradinhas rurais e becos espremidos entre armazéns. Nate supunha que aqueles lugares haviam tido alguma importância no passado profissional de Benford, que talvez fossem eles a sua família. Na parede às costas dele havia uma fotografia do prédio neobarroco da antiga sede da Companhia Russa de

Seguros de Moscou, também conhecido como Lubyanka.

— Sente-se — disse Benford com a voz rascante e grave.

Era baixo e barrigudo, com uma testa larga e cabelos grisalhos sempre desgrenhados, dos quais escapava uma mecha que ficava espetada para o lado. Ele agora encarava Nate com seus olhos bovinos, muito escuros e enormes, sob cílios tão compridos que pareciam femininos. Bochechas caídas emolduravam a boca pequena cujos tiques nervosos, somados ao cenho franzido, denotavam total desdém, ou no mínimo uma grande

preguiça, que ele nutria pelo assunto em pauta.

— Li os últimos relatórios que você mandou de Nova York — disse ele. — Relevando-se os erros gramaticais, até que são satisfatórios.

— Obrigado... eu acho — retrucou Nate.

Ele havia deslocado cuidadosamente alguns arquivos para se acomodar na beira do sofá.

— Você gosta de Marble? — perguntou Benford. — Confia nele?

— Eu o chamo de "tio", se é disso que você está falando. Somos

muito próximos, sim.

— Não perguntei se vocês ficam se esfregando. Perguntei se confia nele. — Confio, claro — afirmou Nate. — Ele trabalha pra gente há catorze anos. Benford crispou os lábios num claro sinal de desgosto por ter sido informado de algo que estava careca de saber.

— E você acha que essas novas informações que ele trouxe sobre ilegais e informantes em Washington são plausíveis?

— Parece que sim — falou Nate, arrependendo-se logo em seguida. Benford bufou, irritado, e cuspiu:

— *Parece* que sim ou você *acredita* que elas são plausíveis?

Nate respirou fundo.

— Acho que as informações dele são verdadeiras. Se Marble estivesse sendo vítima de uma arapuca, as pistas seriam mais concretas, mais identificáveis — sugeriu Nate, e ficou esperando pela bronca seguinte.

Benford ergueu a cabeça lentamente.

— Arapuca? Onde foi que você aprendeu isso? Andou lendo algum livro de história da espionagem? — Apontando o queixo para uma das fotografias na parede, disse: — Sabe

quem é aquele ali?

Tratava-se de um homem de rosto anguloso, óculos fundo de garrafa e cabelos empapados de gomalina.

— É o Angleton, não é? — falou Nate.

— James Jesus para os chegados — retrucou Benford. — Por dez anos ele achou que todos os agentes soviéticos eram agentes duplos, que todos os voluntários eram plantados, que todas as informações eram desinformações. Era um homem ao mesmo tempo simpático, peçonhento e paranoico, absolutamente convicto de que suas

suspeitas eram reais. Talvez até fossem. Mas botei a foto dele ali como uma espécie de lembrete pra não repetir a maluquice do homem. Bem, voltando a Marble, eu também confio nele.

Nate assentiu. Percorrendo a sala com os olhos, notou a estante que transbordava de livros e papéis. Na prateleira superior, havia cinco volumes encadernados em couro que se empilhavam de forma desordenada a ponto de quase caírem. Percebendo a curiosidade dele, Benford explicou:

— *O vento nos salgueiros*, de Kenneth Grahame. Uma história de

ratos e toupeiras.

Encarou Nate por alguns segundos, exibindo uma expressão que o jovem não soube ao certo como interpretar: ou o homem estava irritado com alguma coisa ou apenas perdido nos próprios pensamentos. Nate achou melhor ficar calado. Estava diante de um misantropo. Vinte anos de caça a informantes, armadilhas duplas, agentes triplos. Redes de informação arruinadas, rádios silenciados em diferentes porões, espiões detidos. Réus deixando o tribunal curvados, com o paletó cobrindo a cabeça, as mãos algemadas junto à cintura, como

mostravam as imagens em preto e branco dos cinejornais do passado. Era esse o campo de batalha de Simon Benford.

Dizia-se que ele tinha poderes de clarividência, que era um sábio com apreço especial pelo mundo da espionagem, com seus agentes duplos e suas pistas falsas. Nate observou as mãos do veterano, já um tanto trêmulas e com dedos compridos que vez ou outra ele passava pelos cabelos. O cérebro talvez fosse rápido demais para seu próprio bem. Nate podia ver que a bomba recém-trazida por Marble sobre informantes e ilegais fazia a

mente dele trabalhar a toda a velocidade. C/ROD já havia previsto: “Aposto que vai convocar você pra trabalhar com ele. Boa sorte, é só o que eu posso desejar.”

— Quero que você venha trabalhar comigo nessa informação do Marble — falou Benford. — Começando já. Vá buscar suas coisas. Não conte a ninguém o que estamos fazendo. Vamos encontrar esse ilegal.

— Não é pra contar nem para o C/ROD? — perguntou Nate. — Nem mesmo se ele quiser saber onde estou?

— Nem pra ele. Deixe que eu falo com o C/ROD caso ele pergunte

alguma coisa. Mas não vai perguntar. Não vamos dizer nada a ninguém sobre essas novas pistas. Nem às estações de Boston e Nova York, nem aos nervosinhos do FBI, nem aos veadinhos da Agência de Inteligência de Defesa, nem ao Comitê de Segurança, nem ao Congresso Federal. Não quero nenhum porra-louca em Washington botando lenha nessa fogueira com a porra da língua comprida que todos eles têm. Espero que esteja de acordo com isso.

Nate fez que sim com a cabeça.

Àquela altura ele já sabia que se tornar assistente de Benford poderia ser uma grande honra ou uma

sentença de prisão, mas não importava. Depois de Helsinque sua carreira havia estacionado. Benfeitores como Forsyth e Gable ainda estavam em campo, mas pouco ou nada podiam fazer para ajudá-lo. Portanto, olhando para o trêmulo e brilhante Benford à sua frente, ele enfim se decidiu. Nate era bom em operações internas, conhecia a Rússia e tinha uma contribuição concreta a dar. Ainda que Benford não se encaixasse muito bem no papel de um padrinho (um misantropo mal-humorado como ele dificilmente aceitaria ser o mentor de alguém), ele decidiu que o melhor a

fazer seria mesmo aceitar a proposta, entregar-se por completo ao mundo da contrainteligência, aprender tudo quanto fosse possível a respeito do universo secreto em que Benford vivia. Talvez com isso pudesse salvar da morte sua baqueada reputação profissional. De qualquer modo, pela primeira vez desde os tempos de treinamento na Fazenda, ele parou de se preocupar com o futuro.

***

Nate foi discretamente instalado numa das salas vagas da Divisão de Contrainteligência. No corredor não se ouvia nada, nem um pio. Ele

imaginava se de fato haveria alguém trabalhando por ali. Receava se deparar em algum momento com a caveira da mãe de Norman Bates girando na cadeira para cumprimentá-lo com seu sorriso cadavérico.

— Aí está você — disse a secretária, piscando para ele.

Talvez fosse apenas um tique nervoso. “Enigmas e charadas”, dissera Benford. “Melhor você ir se acostumando com eles.”

Seu novo escritório não tinha janelas nem qualquer enfeite. Havia tachinhas espetadas nas paredes e Nate se perguntava o que elas

poderiam ter afixado ali um dia. Uma gaveta que rangia ao ser aberta estava repleta de pedaços de unha cortados, centenas deles, formando uma camada sobre o fundo.

A sala vizinha pertencia a Alice SD (Sobrenome Desconhecido). Com seus 40 e poucos anos, ou 50, ou 60, era uma mulher atarracada com bochechas fartas e rosadas, nariz gorducho e cabelos avermelhados muito curtos, penteados para a frente na testa e nas laterais. Usava sapatos que pareciam os de uma carcereira e andava muito depressa com os pés virados para fora. Falava com Nate — e com todo mundo — inclinando a

cabeça e se projetando um pouco para a frente como se quisesse contar um segredo, o que jamais fazia, é claro. Ninguém na contrainteligência compartilhava segredos.

Nos primeiros dias, como quem não queria nada, colegas procuravam Nate para dizer que Alice fazia parte da reserva da divisão, que estava ali desde sempre. “Foi ela quem realmente matou Trotski”, diziam uns. “Foi namorada de Allan Pinkerton”, afirmavam outros, e logo voltavam para as respectivas salas. Nate pensava consigo mesmo: bem-vindo à Ilha dos Brinquedos Quebrados.

Benford instruíra Alice a ajudá-lo. Eles agora conversavam na sala dela, que, ao contrário da dele, era um lugar ensolarado, com vasos de samambaia e gerânio sobre os armários de arquivo. Com os pés cruzados sobre a mesa, os sapatos horrendos chiando contra o tampo, ela disse:

— Você não sabe de muita coisa, não é? Recapitulando: temos um ilegal, temos submarinos, temos Nova Inglaterra, temos alguns encontros em Boston e Nova York. Marble também falou algo sobre manutenção de submarinos e um prazo de cinco anos. Muito bem. Por

onde você começaria?

— Pelo quadro de pessoal da Marinha? — sugeriu Nate.

— Errado — retrucou Alice, e girou na cadeira para se levantar. — Vamos começar pelo almoço.

Eles foram para o segundo andar da cafeteria. Nate brincava com a salada e Alice tomava sua sopa quando dali a pouco chegou Sophie, arfando por ter subido a escada com as toras que tinha no lugar das pernas. Trabalhava no OSR, o departamento de pesquisas da CIA, onde eles ainda catalogavam os submarinos nucleares radioativos russos enferrujados havia muito

tempo, os Oscars, Typhoons e Akulas das bases navais e estaleiros da baía de Olenya e Polyarny, segundo ela informações de suma importância, por mais que o pessoal do sétimo andar achasse o contrário. Já na casa dos 50 anos, Sophie tinha uma cabeleira farta e muito negra, lábios finos e as feições de uma escultura grega. Usava uma legging preta sob um esvoaçante vestido também preto, e sapatos ortopédicos. Num de seus pulsos havia um elástico de cabelo, para o caso de uma emergência.

Sophie colocou sobre a mesa uma lancheira com estampas do

mangá Sailor Moon e tirou seu almoço lá de dentro: caixinhas de plástico, fachis, colheres japonesas de degustação e um galheteiro de vidro com molho de salada. Olhou para a salada de Nate e despejou nela um pouco de seu molho, dizendo:

— Experimente isso. É caseiro.

O molho tinha notas de vinagre balsâmico e mostarda Dijon, além de um pouquinho de pimenta, diferente de todos os vinagretes que Nate conhecia. Ele comentou isso e ela abriu um sorriso radiante.

Alice pediu que deixassem de conversa fiada e explicou a Sophie o que ela precisava saber enquanto

comia seu curry de olhos fechados, ou porque estava saboreando a comida ou porque estava se entregando às lembranças, ou as duas coisas ao mesmo tempo. New London, Connecticut. Portsmouth, New Hampshire. Brunswik, Maine. Apenas três bases navais.

Submarinos eram muito grandes, e só havia um estaleiro para consertá-los.

Eles já estavam ficando velhos, volta e meia precisavam de manutenção, como os Akulas ao final da década de 1980, ou Schukas, como geralmente eram chamados, bem mais silenciosos que os demais.

Nesse momento, Alice precisou intervir para que ela retomasse o fio da meada. Electric Boat Works, um enorme estaleiro em Groton, Connecticut, no estuário do rio Tâmisa, em New London. Era por lá que eles deviam começar, de acordo com Sophie.

Depois do almoço, eles voltaram à sala de Alice. Os monitores da DCI ainda eram do tempo dos tubos catódicos, e as bases de dados iam passando devagar à frente deles: averiguações de segurança, contingente ativo da marinha americana, listas de pessoal com descrição de cargos, relações de

fornecedores e prestadores de serviço. Alice ia deslizando seu dedo masculino sobre a tela enquanto murmurava: esse não, esse não, mais de sete anos, menos de três, esse também não. Alta direção da Electric Boat e da General Dynamics, claro que não. Alice era rápida: olhava um nome, puxava as informações e seguia em frente. Tinha três décadas de experiência naquilo, na consulta de nomes e bases de dados. Eles já haviam acumulado duas pilhas de papéis quando Nate desistiu de fazer sugestões, incapaz de acompanhar a velocidade dela. Dali a pouco Alice já reduzira as possibilidades a uma

“equipe titular”, os Onze de Ouro, tal como ela mesma gostava de dizer, e então passou à averiguação dos dados de praxe: endereços, telefones, formação acadêmica, casamento, filhos, divórcios, pais, emprego, salário, declaração de imposto de renda, placas de carro, viagens, contas bancárias, correspondências, passagens pela polícia, ethernet ou cabo, hétero ou gay.

A certa altura ela sussurrou para a tela:

— Esse ilegal de vocês... Será que é mesmo tão invisível quanto estão pensando?

Três dias depois, Nate e Alice

foram levar sua lista para Benford, e agora ele batia a ponta do lápis em cada um dos nomes enquanto lia os respectivos perfis, *tap*, *tap*, *tap*. De repente jogou o lápis sobre a mesa e devolveu o papel a Nate.

— É Jennifer Santini — disse, e em seguida bocejou, o velho sábio de cabelos rebeldes.

Alice riu e cutucou Nate com um ar de "Não falei?".

— Vamos fazer uma investigação profunda — prosseguiu Benford —, mas tenho certeza de que é ela quem estamos procurando. — E olhando para Nate, emendou: — Agora vamos até New London

bisbilhotar.

VINAGRETE DA SOPHIE

Juntar alho amassado, endro, orégano, flocos de pimenta desidratada, mostarda Dijon, açúcar, sal, pimenta do reino e parmesão ralado a uma parte de vinagre balsâmico e três partes de azeite extra-virgem. Bater até emulsificar.

CAPÍTULO 25

APESAR DO ESPLENDOROSO CLIMA de verão, New London era um lugar triste e deprimente, já bem distante de sua época de glórias comerciais e culturais, encerrada com a extinção das frotas baleeiras na década de 1860. O estuário do rio Tâmisa, antes tão movimentado (na Segunda Guerra Mundial era uma aglomeração de cascos cinzentos, mastros e chaminés), agora se resumia a uma paisagem lunar de píeres manchados de óleo e armazéns carcomidos pela ferrugem. Casas de madeira com dois ou três

pavimentos, em geral abrigando mais de uma família, povoavam as colinas residenciais à margem do rio. Os telhados de papel de alcatrão eram separados pela distância de dois braços esticados, de modo que era possível estender varais de roupa de uma varanda a outra. Os jardins eram muito pequenos e os quintais, quase sempre malcuidados, confinados por cercas de alambrado não muito altas, marcadas pela maresia.

Do outro lado do rio, em Groton, as instalações da Electric Boat se expandiam por alguns quilômetros de margem, formando uma verdadeira cidade de gruas, galpões

industriais e colunas de fumaça. O estaleiro contava com um gigantesco dique seco, tão grande quanto um navio de cruzeiro, onde às vezes podia ser visto, na extremidade que dava para o mar, o imponente vulto preto de um submarino apoiado em blocos para ser consertado, sua hélice de sete pás coberta por pesadas lonas para ocultá-la dos satélites russos.

Nate não sabia ao certo o que esperar daquela viagem. Eles haviam subido de trem, uma vez que Benford não dirigia, e na plataforma da estação os dois pareciam mais pastores búlgaros indo passar o fim

de semana em Sofia do que uma dupla de agentes da CIA à procura de espiões treinados em Moscou. Não estava claro se Benford era um mão de vaca, um doido ou apenas um agente tão obcecado por técnicas operacionais a ponto de insistir que eles dividissem o mesmo quarto no Queen Elisabeth Inn, um decrépito casarão vitoriano que fazia as vezes de pousada numa das muitas colinas de New London. Sem falar nas intermináveis caminhadas (ou "palmilhadas", como ele gostava de dizer) de cinco, seis, doze horas diárias, durante as quais a brilhante cacatua contava suas histórias sobre

a OGPU — a polícia secreta soviética —, o NKVD e os Cinco de Cambridge, numa espécie de curso sobre a história da Guerra Fria.

No primeiro dia, eles palmilharam a colina em que morava a tal Jennifer Santini, descendo-a pela manhã, subindo-a no fim da tarde, observando as casas, os carros estacionados junto ao meio-fio, o mato que invadia as calçadas, as cortinas rendadas nas janelas dianteiras. Tentavam identificar possíveis locais para troca de sinais de comunicação ou esconderijo, parques vizinhos, qualquer acidente geográfico que pudesse ser usado

para o benefício de um ilegal. Não encontraram nada.

No segundo dia, passaram diante da casa de Jennifer Santini em diferentes horários para ver se algo havia mudado de lugar: as cortinas das janelas, o vaso de gerânios diante da porta, qualquer coisa que pudesse ser interpretada como um sinal de segurança. Redobraram o cuidado à noite, passando na frente da casa escura apenas uma vez. Uma luz fraca estava acesa numa das janelas do andar de cima. Seria possível que ela estivesse no escuro, espiando a rua de outra janela da casa? Que possuísse outro apartamento,

alugado com um nome falso, para os encontros com seu operador? Mais uma vez eles não descobriram nada.

No terceiro dia, entraram no mercadinho da esquina e perguntaram casualmente se alguém ali conhecia Jennifer Santini. Não, ninguém sabia nem queria saber quem era a mulher. Nate se perguntou o que mais eles poderiam fazer por ali. Olhando para Benford a seu lado, sentiu-se na pele de um Robin com seu Batman e arriscou uma piadinha, mas o veterano lhe disse para prestar mais atenção, caso contrário o despacharia de volta para casa. “Prestar atenção em quê?”,

disse Nate. Aquilo não passava de um exercício masturbatório nos cafundós de Connecticut. De novo eles não encontraram nem descobriram nada.

Estavam trabalhando às escondidas. Desde o início Benford optara por manter o caso fora do alcance dos distintivos e das armas do FBI. Tratava-se de uma ilegal treinada pelo SVR, devidamente preparada para sumir do mapa se farejasse o menor sinal de perigo. Eles não poderiam correr esse risco.

No quarto dia, os dois recomeçaram do zero, repetindo todos os procedimentos. À noite, uma

tempestade de verão desabou sobre a pousada, balançando as janelas do quarto, vergando as árvores do lado de fora. A certa altura a luz caiu e um rádio de pilha foi ligado no andar de baixo. O clarão de um raio permitiu que Nate visse o chefe sentado junto à janela, olhando para a chuva com um aspecto bastante estranho. Sem dúvida via o rosto dos *doze* informantes russos que a CIA perdera em apenas um ano, em 1985, o Ano do Espião, todos vítimas de Ames e Hanssen, os traidores americanos que sem nenhum motivo aparente os haviam entregado à sanha letal dos soviéticos.

Mas no convívio com Benford o verdadeiro momento de suplício era o das refeições. Além do papo furado de sempre, havia também as conversas gastronômicas: o molho que estava apimentado em excesso, a sopa de mariscos cremosa demais, espumosa demais, com batata demais, sem aquele mínimo de areia nas conchas essencial para o sabor. Comer lagosta sem um babador? Jamais. Bacalhau era uma coisa, hadoque era outra muito diferente, ainda que ambos fossem da família dos gadídeos. O primeiro, sim, pertencia à cozinha típica da Nova Inglaterra, mas o segundo, não.

Temperar um peixe com cravos? Absurdo! Havia regras que não podiam ser quebradas, dizia Benford, o caçador de informantes.

Sem nada de concreto que lhe permitisse tocar a investigação adiante, Benford anunciou, no jantar da quinta-feira, que na manhã seguinte eles dariam uma espiada na casa de Jennifer Santini.

— Uma *espiada*? — repetiu Nate, do outro lado da mesa. Eles estavam no Bulkeley House, um restaurante na Bank Street, próximo ao porto. — O que *exatamente* você quer dizer com isso? — perguntou, largando os talheres sobre o prato.

— Recomponha-se, garoto — disse Benford, pondo-se a serrar um enorme corte de costela malpassado com a cabeça inclinada para o lado como se isso lhe desse mais forças com a faca. Já mastigava um pedaço da carne quando, de boca cheia, respondeu a Nate: — Eu vou lhe explicar o que significa "dar uma espiada". É invadir de forma ilegal a residência particular de uma cidadã americana supostamente inocente, contra a qual não há nenhuma evidência de delito, invasão essa que será realizada por dois oficiais não autorizados da Agência Central de Inteligência, *estes sim* em delito por

estarem conduzindo por conta própria uma investigação de contraespionagem *em território nacional*, o que por lei está dentro da jurisdição do FBI, segundo estipulado no decreto número 12.333. Foi isso que eu quis dizer com "dar uma espiada". — Ele baixou os olhos para o prato e jogou mais um pouco do molho cremoso de rabanete sobre a carne. — Hum, esse molho está uma delícia.

***

O quinto dia era uma sexta-feira tranquila. Eles esperaram até as dez da manhã, depois foram até a casa de

Jennifer Santini sem qualquer elemento distintivo: nenhum chapéu na cabeça, nenhuma sacola nas mãos. Abriram o portãozinho metálico dos fundos e entraram. Nas casas vizinhas, nenhum movimento. O quintal era uma bagunça. Havia uma banheira enferrujada emborcada junto a um barracão de madeira prestes a ruir. Benford foi até a porta e tentou abri-la. Ao ver que estava trancada, espiou através das cortinas de chintz. Ninguém em casa.

— Você consegue arrombar a fechadura? — perguntou Nate.

— O que você acha? — retrucou Benford.

— Então o que fazemos? Quebramos uma janela?

— Não. Vamos pro segundo andar. — Ele retirou o cadarço de um dos sapatos, aproximou-se do cabo telefônico de borracha grampeado à lateral da casa e amarrou o cadarço em torno dele, deixando uma laçada livre. — Este é o nó prússico dos montanhistas — explicou, depois mostrou a Nate como usar o atrito da laçada para alçar o corpo e escalar o cabo. Com sorte as janelas do segundo andar estariam abertas.

Onde foi que ele aprendeu isso?, perguntou-se Nate, já escalando, e sinalizou pela janela assim que saltou

para o lado de dentro.

Era um quarto vazio, aparentemente sem uso. Foi até a porta e correu os olhos pelo resto da casa. Assobiou para ver se havia algum cachorro. Imaginava que um ilegal russo tivesse pelo menos um Dobermann ou um Rottweiler para proteger a casa, mas não havia cão nenhum.

Depois ele desceu a escada para o primeiro andar, fazendo a balaustrada de mogno ranger a cada passo. Pé ante pé, foi até a cozinha, que tinha um ar 1950 e recendia a trigo, sementes e óleo. Abriu a porta dos fundos para que Benford

entrasse.

— Parece que não tem ninguém — falou.

Ele e Benford vasculharam os cômodos de baixo, procurando fazer o mínimo de barulho, tomados pela adrenalina. A casa tinha o cheiro de uma clínica terapêutica. Os unguentos, aquecedores empoeirados e o ar parado não combinavam com o belo dia de verão do lado de fora.

A sala de jantar e a de estar tinham janelas que davam para a rua, com cortinas rendadas que deixavam a luz do sol entrar e incidir sobre os tapetes surrados e puídos que

cobriam o piso de tábuas corridas. Os móveis eram pesados e escuros. O sofá e as poltronas eram estofados com um tecido felpudo e adornados com paninhos de crochê nos braços e no encosto. Canecas e bibelôs de baquelita — um velho marinheiro, uma espanhola com sua mantilha preta — se enfileiravam no consolo de uma lareira coberta de fuligem. Havia um atiçador de ferro encostado ao lado dela. A cúpula de um dos abajures tinha pompons na borda inferior. Correndo os olhos à sua volta, pasmo, Benford observou:

— Ela deve ter esvaziado metade dos antiquários portugueses

da cidade pra decorar isto aqui.

Próximo à sala de estar ficava um pequeno escritório com uma escrivaninha e uma estante baixa repleta de revistas e jornais. Sobre a escrivaninha se via uma pilha de contas pagas ou a pagar, além de uma escuna de porcelana azul e branca com a palavra *Ahoy* pintada na proa.

— Vasculhe tudo isto aqui — orientou Benford. — Vou dar uma olhada lá em cima.

Nate ficou surpreso ao notar sua relutância em se separar do chefe, mas assentiu e logo começou a examinar as gavetas da escrivaninha. Estavam todas vazias. Já ia fechando

a última quando percebeu um atrito e ouviu algo parecido com o barulho de um papel sendo esmagado. Retirou a gaveta por completo do móvel e encontrou um papel enrolado no fundo do vão. Ao desenrolá-lo sobre a mesa, viu que se tratava de um desenho técnico, uma única folha com cortes transversais de peças e conexões elétricas. Um cabeçalho informava: “Secção 37, porcas e braçadeiras”. Peças de um submarino? Santini trabalhava no departamento de compras da Electric Boat. Seria possível que aquilo fosse um documento confidencial? Que motivo ela teria para guardar aquele

desenho em casa, escondido no fundo de uma gaveta?

Enquanto isso, Benford fazia sua busca no andar de cima. Na suíte principal havia uma cama de dossel sobre a qual fora colocada uma colcha artesanal de motivos florais e três travesseiros grandes em fronhas rendadas. No closet, blusas e calças pendiam uniformemente dos cabides; diversos pares de sapato confortáveis, sem salto, se enfileiravam no chão. Não havia nenhum quadro nas paredes, nenhum suvenir, nenhum objeto pessoal: era uma casa que poderia ser abandonada em noventa segundos.

No banheiro ele também não encontrou nada de especial: o armarinho acima da pia só guardava uma escova de dente, um frasco de aspirinas e outro de solução salina para lavagem intestinal. Ali o cheiro de unguentos também era forte.

Voltando ao quarto, Benford abriu a única gaveta existente na mesinha de cabeceira. Nenhum livro, nenhuma revista pornográfica, nenhum vibrador, nenhum lubrificante. Sob um retalho de feltro ele encontrou um papel com uma longa lista escrita à mão com diferentes datas e horários — 5 de junho: 21h; 10 de junho: 22h; 30 de

junho: 21h30. Era uma programação de transmissões. O mais provável era que ela carregasse consigo o laptop com o chip de criptografia. Encontros marcados com um operador do Consulado Russo em Nova York. Uma entrada do programa de submarinos. Benford fechou a gaveta e saiu do quarto para contar a Nate.

O jovem ainda estava no escritório, enrolando o desenho para subir e mostrar ao chefe. Já examinara pela segunda vez o fundo de todas as gavetas da escrivaninha, porém não encontrara mais nada. No entanto, ao sair em direção à escada, deparou-se com ninguém menos do

que Jennifer Santini, olhando para ele no meio da sala, uma bolsa esportiva caída aos pés. Nate se deu conta de que eles nunca haviam visto uma foto da mulher. Ali estava uma fisiculturista que sem dúvida se entupia de bombas. Aparentemente tinha acabado de chegar da academia. Por que não estava trabalhando?

Jennifer tinha quase 40 anos. De estatura mediana, vestia um short de lycra esticado ao máximo sobre coxas descomunais que pareciam troncos de árvore. O top justo cobria não um par de seios femininos, mas dois peitorais do tamanho de pratos.

As panturrilhas, os braços e o pescoço se estufavam com o desenho dos músculos. Os olhos eram de um verde cintilante, e o branco em torno da íris tangenciava o azul, talvez por excesso de saúde e vitalidade. O rosto parecia ter sido esculpido a cinzel em torno da boca e do nariz grande e reto. A testa estava franzida de espanto. Os cabelos ruivos tinham sido puxados para trás e presos num pequeno rabo. A mulher era um torpedo, um boneco de ação, um trator.

Nate ainda teve tempo de observar que, ao contrário de todo o resto, as mãos eram femininas e

bonitas, com unhas pintadas num tom claro de rosa. Os pés descalços também eram belos e delicados, as unhas com a mesma cor de esmalte.

Assim que ouviu os passos de Benford na escada, Jennifer irrompeu na direção de Nate com uma rapidez ofuscante, agarrando um abajur antes de dar os dois ou três passos de que precisou para alcançá-lo. Tentou golpeá-lo na cabeça, mas Nate desviou a tempo e o objeto se espatifou na parede às suas costas. Ao se reerguer, ele se viu cara a cara com a mulher-trator, que rapidamente o imobilizou com uma chave de braço, empurrando-o contra

a parede da sala e em seguida usando a mão livre para esmurrá-lo no flanco.

Nate fez o possível para tentar se desvencilhar, mas não conseguiu: estava a ponto de sufocar sob o poder daqueles braços de Schwarzenegger e daquelas mãos de Grace Kelly. Conseguiu desferir um murro contra o rosto da mulher, mas não foi capaz de causar estrago algum. A apenas alguns centímetros dele, ela escancarava os dentes pelo esforço, e ele receava que a mulher resolvesse arrancar seu lábio com uma mordida. Em meio à saraivada de socos, Nate de repente se viu tomado por uma

insana sequência de pensamentos: 1) Quanta sorte a dele, ser destacado para caçar a única ilegal russa no planeta que não era uma bibliotecária colecionadora de selos; 2) O que os colegas de trabalho dela, sobretudo os homens, deviam pensar quando viam aquele trator chegar de manhã ao escritório?; 3) Que espécie de sexo devia fazer aquele ciborgue, se é que fazia sexo? Em seguida, por mais absurdo que fosse, Nate pensou no que Dominika estaria fazendo naquele exato momento. Imaginando onde ela poderia estar, foi tomado por uma tristeza acachapante ao cogitar a hipótese de que tivesse sido

morta. Sua cabeça era batida contra a parede e seu pescoço estava sendo esmagado, mas o que de fato doía era saber que aquela aberração fazia parte da máquina que assassinara Dominika.

Benford surgiu ao pé da escada e ficou imobilizado pela perplexidade. Jennifer olhou de relance para o vulto pançudo e amarfanhado: seria a sobremesa que ela comeria a seguir. Nate aproveitou esse momento de descuido para desferir um forte chute na canela dela e esmagar um dos pés de unhas rosadas, fazendo com que a chave de braço relaxasse um pouco. Foi o que bastou para que ele

conseguisse acertar uma joelhada entre as pernas da mulher. Jennifer grunhiu feito um homem, levou as duas mãos à virilha e cambaleou até cair, encolhida de dor.

Benford olhou para Nate, depois para a besta-fera dobrada no chão. Jamais tinha visto coisa igual em seus trinta anos de caçador de espiões. Espantou-se ainda mais quando viu o trator se reerguer feito um serial killer de cinema e caminhar até a mesa de centro da sala, depois levantá-la acima da cabeça e arremessá-la em sua direção. Precisou buscar suas últimas reservas de energia (talvez oriundas

dos dois anos como gerente de equipamentos do time de halterofilismo de Princeton na década de 1960) para correr escada acima a tempo de desviar da mesa voadora e vê-la bater contra os balaústres do corrimão, derrubando dois deles antes de se espatifar no chão. Benford continuou em disparada até sumir no andar de cima.

Jennifer voltou-se então para Nate, que agora estava no meio da sala com o atiçador que conseguira alcançar perto da lareira. Mais uma vez a mulher arremeteu na direção dele, martelando o piso com os pés

descalços. Nesse mesmo instante, Nate lembrou-se do nome de seu instrutor de corpo a corpo, Carl, enquanto firmava as pernas para erguer o ferro e desferir um golpe certeiro no pescoço de Jennifer, bem no plexo braquial, tal como aprendera nas aulas de combate a curta distância. Foi como se ele tivesse acertado o tronco de um carvalho centenário. Nate chegou a sentir reverberações no próprio antebraço.

Jennifer, por sua vez, deixou escapar um grito surpreendentemente feminino antes de se esborrachar no sofá. O móvel

virou para trás e os paninhos de crochê voaram longe. A mulher rolou pelo chão até bater na parede com o rosto virado para o rodapé. Ainda empunhando o atiçador e com o braço um pouco dormente, Nate contornou o sofá caído e se ajoelhou ao lado dela, arfando. Uma das pernas de Jeniffer tremia ligeiramente, assim como as nádegas de gorila. Nate virou-a de frente e constatou que a boca estava aberta, mas não havia nenhum sinal de respiração. As unhas rosa faziam um estranho contraste com o piso escuro. Um dos pés delicados jazia sobre um dos paninhos.

A escada começou a ranger e dali a pouco Benford surgiu ao lado de Nate. A sala estava destruída, cheia de móveis quebrados e cacos de cerâmica.

— Caramba... — exclamou Benford ao ver o rosto de Jennifer tombado para o lado.

— A mulher parece uma vilã dos filmes de James Bond — comentou Nate. — Onde será que eles acham essa gente? Acho que o atiçador até entortou.

Tentou medir a frequência cardíaca de Jennifer, mas, ao endireitá-la, assustou-se ao ver a cabeça tombar mole para o outro

lado.

— Nem se dê ao trabalho — disse Benford. — Os músculos flexores do pescoço já eram. O golpe lesionou a espinha dorsal. Avulsão.

— De que diabo você está falando? — perguntou Nate, com as mãos começando a tremer.

— Avulsão. Você seccionou o pescoço dela.

Secando o suor do rosto, Nate falou:

— Meu Deus. Acabei de matar uma pessoa.

— Você está bem? — perguntou Benford.

— Estou. Obrigado pela ajuda. Só pude reagir depois que você a distraiu, aparecendo na escada. — Nate ficou de pé e largou o atiçador no chão. — E agora, o que a gente faz?

— Encontrei uma programação de transmissões lá em cima — contou Benford. — Precisamos achar o laptop dela e o chip de criptografia. Deve estar naquela bolsa ali. Provavelmente ela usava uma linha segura de internet pra se comunicar com os russos. Achei também uma lista de encontros pessoais. E você, viu alguma coisa que nos interesse?

— Encontrei o diagrama industrial de umas peças no fundo de

uma gaveta. Acho que a gente devia virar este lugar pelo avesso.

— Nada disso — retrucou Benford. — Vamos levar só o que achamos. Agora já podemos chamar o FBI. Eles que revirem isto aqui com suas pinças e saquinhos de perícia. Vão ter de explicar direitinho como deixaram um ilegal operar bem debaixo do nariz deles. E que enfiem a jurisdição no rabo.

O MOLHO DE RABANETE DE BENFORD

Preparar um molho bechamel; incorporar manteiga, mostarda Dijon e

rabanete fresco ralado a gosto. Temperar com pimenta moída na hora e vinagre de vinho tinto. Deixar na geladeira por algumas horas e servir.

CAPÍTULO 26

O VERÃO ESTAVA CHEGANDO E Dominika já podia sentir no rosto um pouco do calor do sol. Ela começara a trabalhar num "projeto especial" no Departamento das Américas, chefiado pelo general Korchnoi. Pouco depois de sua transferência, foi informada pelo próprio superior de que eles tinham uma viagem operacional pela frente. Dali a uma hora, deveriam estar na sala do vice-diretor para discutir o assunto.

Dominika sabia que estava enganando Korchnoi, usando a operação como pretexto para sair do

país e retomar o contato com os americanos. Gostava do general, via nele um profissional sempre disposto a ajudar, e agora percebia que estava se aproveitando de uma pessoa decente do mesmo modo como haviam feito com ela. Chafurdava no mesmo mar de lama que seus inimigos. Mas não tinha outro jeito. Ela teria de continuar traindo a confiança dele.

A visita iminente à sala do tio a deixava cheia de ânimo. Como seria bom olhar na cara dele... Nem mesmo os torturadores de Lefortovo tinham conseguido arrancar dela o seu segredo. Dominika Egorova era uma

infiltrada da CIA no SVR, e nenhum deles sabia disso. Ela manipulara Vanya de modo que ele a colocasse de volta no caso de Nate. Agora bastava continuar reportando sucessos, agendando contatos, fazendo mais viagens. A agente clandestina novamente em ação.

Que anseio seria aquele que ardia em seu peito? Os americanos a compreendiam. Logo haviam percebido sua *zhazhdat*, a sede por um segredo apenas seu para acalentar, pelo poder que isso lhe conferia. A aura violeta de Nate, que era da mesma cor que a de *Bratok*, e a aura azul-celeste de Forsyth eram

todas muito intensas e muito lindas. Aqueles homens a entendiam muito mais do que seus próprios compatriotas.

Dominika não sabia ao certo o que sentia por Nate. Pensar nele fora muito útil durante o martírio em Lefortovo, sobretudo quando a prendiam nos malditos armários. Mas agora ela ficava insegura sempre que pensava naquela única noite que eles haviam passado juntos. Nate a via em primeiro lugar como um ativo, como um bem da CIA. Seria possível que nunca a tivesse visto como mulher? Que não sentisse nada por *ela*, Dominika?

Ela precisava vê-los — todos eles, os americanos, mas principalmente Nate. Enviar uma mensagem de Moscou seria uma temeridade. Era bastante provável que a Diretoria K ainda estivesse vigiando os passos dela, pelo menos de vez em quando. Sempre faziam isso com os reabilitados. Mas com aquela viagem para o exterior se aproximando, ela poderia esperar.

Quando chegou a hora da reunião na vice-diretoria, Dominika e Korchnoi foram juntos para o elevador e subiram em silêncio. Ela gostou da companhia do espião de cabelos brancos, o roxo da aura dele

preenchendo todo o espaço, um espírito reconfortante, equilibrado. Sabia que sob a superfície daquele sorriso paternal havia um oficial brilhante, de raciocínio afiado e patriotismo inflexível. Como era possível que um homem tão decente e esclarecido tivesse perdurado por tanto tempo no SVR? O que o mantinha ali? Dominika não nutria nenhuma ilusão de que aquele profissional tão experiente não seria capaz de detectar qualquer comportamento impróprio por parte dela. Sabia que precisava ter muito cuidado com ele.

Eles foram caminhando juntos

pelo corredor acarpetado que Dominika conhecia tão bem, passando ao lado da galeria de retratos retocados dos diretores de outrora. As Eminências Pardas pareciam olhar para ela como se dissessem: “Dessa vez você escapou, garota. Mas continuamos de olho em você.”

Antes de abrir a porta do gabinete de Vanya, Korchnoi avaliou o rosto de Dominika e não pôde deixar de notar a emoção no olhar dela, o fogo que a consumia. Teria de encontrar um jeito de lidar com aquilo. Eles entraram na sala e Vanya já os esperava junto às janelas, calvo

e amarelo como sempre, a cor feiosa da ambição e da arrogância. Para o general, uma empolgada sucessão de tapinhas no ombro; para a sobrinha, um açucarado discurso de boas-vindas. Quanto mais doce, maior era o amargor que Dominika sentia na boca.

Depois dos cumprimentos, os três começaram a falar de trabalho. O alvo ainda era o americano Nash, o agente da CIA que sabia o nome do traidor russo. Dominika precisava ser rápida e eficaz, pois o tempo urgia. Se pudessem ler os pensamentos um do outro, Korchnoi e Dominika ficariam surpresos ao constatar que eles eram

praticamente idênticos. *Hvastun.* Cabotino. Petulante. Pretensioso. O estômago de ambos se embrulhava com a vaidade do pavão.

Medindo as palavras, mas com absoluta tranquilidade, Korchnoi observou que aquele projeto exigiria viagens periódicas do cabo Egorova ao exterior e perguntou se aquilo não poderia ser um problema, levando-se em conta a investigação — a *lamentável* investigação — à qual ela fora submetida havia pouco tempo. Vanya espalmou as mãos como se estivesse prestes a dar uma bênção. “Claro que não, problema nenhum”, garantiu. Sobretudo porque ela

estaria sob o comando exemplar de Korchnoi. O mais importante naquele momento era encontrar o americano, restabelecer contato com ele. Vanya disse ainda que tinha absoluta certeza de que os dois saberiam o que fazer e deu uma piscadela para a sobrinha.

Depois da reunião, Korchnoi e Dominika voltaram a suas respectivas salas. O general falava com tranquilidade, passando a Dominika uma lista de providências a tomar, instruindo-a a iniciar um arquivo de detalhes, horários e estratégias. Dominika percebia que ele estava satisfeito, que não

desconfiava de nada. Que motivo teria para suspeitar de alguma coisa? Ela era uma excelente pupila. Traí-lo seria difícil, porém necessário. Era assim que tinha de ser.

Eles ainda estavam percorrendo o amplo corredor do primeiro andar quando Dominika avistou, indo na direção deles, Sergei Matorin, o carrasco da Linha F. Desviou o olhar. Teve a impressão de que ele não a reconheceu, mas ainda assim ficou com medo. Segundos depois se viu tomada de uma raiva difusa que a fez calcular a distância entre seus dedos e os olhos dele. Receou que o general percebesse sua fúria. Imaginou se ele

também era capaz de ver o rastro de sangue que o monstro deixava atrás de si, a nuvem escura que pairava em torno de sua cabeça; se podia ouvir, como ela, o tilintar da foice que ele escondia às costas. Matorin e seu olho leitoso passaram direto por ela e seguiram seu caminho. Assim como uma arraia roça o fundo do mar ao se deslocar, o homem roçava a parede enquanto caminhava, deixando em sua esteira uma espiral de fumaça negra. Dominika não resistiu ao impulso de olhar para trás. Arrepiou-se ao ver os cabelos que raleavam na nuca do monstro, os dedos que se fechavam sobre o nada, saudosos do

facão que estavam acostumados a segurar.

***

Eram oito horas de uma noite chuvosa quando o Mercedes oficial de Vanya Egorov atravessou o Portão de Borovitskaya, na face oeste do Kremlin. Com os pneus crepitando sobre os paralelepípedos, o automóvel passou pelo Grande Palácio e pela Catedral do Arcanjo São Miguel, depois dobrou à esquerda, passou pelo Prédio Catorze, contornou a modorrenta e deserta praça Ivanovskaya e atravessou o estreito portão que dava acesso ao

pátio interno do prédio amarelo do Senado, por fim estacionando à penumbra de uma entrada de veículos coberta. Na última vez em que ele estivera no interior daqueles muros fora para receber sua segunda estrela de tenente-general. Agora sua presença ali era para provar que fazia jus a ela.

Um assistente bateu apenas uma vez à porta, abriu-a e recuou para que Egorov entrasse. O gabinete do presidente era relativamente pequeno, com um bonito trabalho de *boiserie* nas paredes. A luz era baixa nas arandelas. Um belo conjunto de utilitários em mármore verde era a

única coisa que se via sobre a mesa presidencial — nenhum documento, nenhum clipping de notícias, nenhum monitor. Na frente dessa mesa havia outra, bem menor que a primeira e ladeada por duas cadeiras grandes. Putin estava sentado numa delas, com as mãos cruzadas no colo. Vestia um terno escuro com uma camisa branca, sem gravata, e Egorov teve que fingir não notar que ele estava apenas de meias, os sapatos abandonados sob a cadeira.

O general sentou-se à frente dele.

— Boa noite, presidente — falou.

Como sempre, o rosto de Putin era uma máscara indecifrável, embora fosse possível ver um vislumbre de cansaço.

— General Egorov — cumprimentou ele, e baixou os olhos cristalinos para o relógio para depois cravá-los em Vanya, como se dissesse: "Seja breve." Impostando a voz, Egorov começou:

— O manual de comunicações adquirido dos americanos continua sendo uma rica fonte de dados críticos e oportunidades futuras. — Putin meneou a cabeça sem nem piscar. — Nosso principal ativo em Washington, Swan, vem fornecendo

informações técnicas bastante abrangentes sobre os veículos espaciais das Forças Armadas americanas. Os especialistas da nossa própria força espacial atestam que as informações são autênticas e bastante valiosas. Meu *rezident* em Washington...

— *Meu* rezident, você quis dizer — interrompeu Putin.

— Claro. Seu *rezident*, o general Golov, está operando Swan com o máximo de cuidado — prosseguiu Egorov, agora pisando em ovos, ciente do humor em que se encontrava o presidente.

Um segundo assistente entrou

com uma bandeja de chá fumegante com dois copinhos de cristal abrigados em suportes de prata filigranada e as respectivas colherzinhas equilibradas na borda dos copos, um cubo de açúcar ao lado de cada um. Deixou a bandeja sobre a mesa de reunião, junto com uma travessa de prata com *madeleines*. Ambas estavam fora de alcance e permaneceram intocadas.

— Prossiga — ordenou Putin, assim que o assistente saiu.

— Continuamos procurando o informante operado pela CIA, provavelmente no SVR. É só uma questão de tempo até que o

encontremos.

— É importante que encontrem — disse Putin. — Isso é mais uma prova de que os americanos ainda estão tentando desestabilizar nosso governo.

— Sim, senhor presidente. É duplamente importante, uma vez que esse informante coloca em risco a segurança dos nossos ativos...

— Como Swan, por exemplo. Nada deve acontecer a ela, nenhum *kompрometirovat*, nenhum revés, nenhum escândalo internacional.

Egorov achou interessante que o presidente soubesse que Swan era

uma mulher. Tinha certeza de que a informação não saíra de sua boca.

— Já identificamos o agente da CIA que opera o traidor. Estou iniciando uma operação contra ele.

— Tudo isso é muito interessante — comentou Putin, um ex-oficial da KGB —, mas você não precisa da minha autorização pra conduzir esse tipo de operação.

— Trata-se de uma *konspiratsia* complicada — explicou Egorov, dando voltas ao assunto. — Pretendo despachar uma de nossas agentes para recrutar o americano e neutralizá-lo. Quero o nome do traidor.

Algo mudou na expressão do presidente, mas Egorov não soube muito bem como interpretar o que viu. Uma espécie de prazer por tabela? Uma centelha de desconforto e preocupação?

— Quero discernimento e moderação — disse Putin. — Não vou permitir o sequestro desse agente da CIA. Isso não se faz entre serviços rivais. As consequências podem fugir ao nosso controle.

Embora falasse com a voz mansa, ali estava uma naja prestes a destilar seu veneno. Na mesinha lateral, um relógio de porcelana Fabergé bateu a meia hora. O chá

servido já esfriara havia muito tempo.

— Naturalmente — retrucou Egorov. — Fique tranquilo, presidente. Estou tomando todas as precauções. Além da minha supervisão, um oficial sênior está acompanhando toda a ação de campo contra o americano.

— Essa jovem agente que vocês pretendem usar... Parece que foi submetida a uma investigação de contrainteligência, não foi?

— Foi, sim, senhor.

— E, se não me falha a memória, é sua sobrinha, certo? Filha de seu

falecido irmão?

Putin o encarava de forma implacável.

— Laços de sangue são a maior garantia de fidelidade — foi só o que Egorov encontrou para dizer. Sabia muito bem o que se passava ali: uma demonstração de onisciência e autoridade com o único fim de assustar e fascinar os subordinados. Stalin fazia a mesma coisa. — Ela vai obedecer às minhas ordens.

— Que ela recrute o americano, mas sem medidas extremas. Isso está fora de questão — decretou Putin.

Era óbvio que ele sabia que a

alternativa da violência fora discutida. — Como o senhor quiser, presidente — respondeu Egorov.

Dali a nove minutos os passos de Egorov já ecoavam na suntuosa escadaria do prédio. Ele ainda pensava nos riscos terríveis que andavam de braços dados com a ambição quando se acomodou no banco traseiro do Mercedes. Ao atravessar os arcos da torre Borovistskaya, não reparou no outro carro oficial, menos luxuoso, que vinha no sentido contrário, indo para o mesmo prédio que ele acabara de deixar. Tampouco sabia que dentro dele ia o diminuto chefe da Linha KR

de contrainteligência, Alexei Zyuganov.

AS MADELEINES DO KREMLIN

Preparar uma massa genoise: misturar ovos e sal até engrossar; aos poucos, acrescentar açúcar e extrato de baunilha; juntar farinha e beurre noisette (manteiga aquecida até começar a ficar amarronzada); formar uma massa espessa. Verter a massa num molde para madeleines untado e polvilhado com farinha e assar em forno médio até que as bordas estejam douradas. Desenformar e deixar esfriar.

CAPÍTULO 27

STEPHANIE BOUCHER (SENADORA Democrata pelo estado da Califórnia) não estava acostumada a dirigir ou estacionar o próprio carro, nem a atravessar um corredor sem a presença de um séquito, ou mesmo abrir as próprias portas. Na posição de vice-presidente do SSCI (comitê especial do Senado para assuntos de Inteligência), dispunha de uma falange de estagiários e assistentes para carregá-la numa liteira se preciso fosse. Naquele momento em particular, qualquer ajuda seria bem-vinda. O para-

choque dianteiro de seu carro se colou à traseira do automóvel da frente com um baque seco. Quem foi o desgraçado que inventou a baliza? Stephanie girou o volante, pisou de leve no acelerador. As rodas traseiras bateram no meio-fio e as dianteiras continuaram apontando para o meio da rua. Ela esmurrou o volante e saiu da vaga para recomeçar a manobra de um ângulo melhor. O carro que vinha atrás buzinou.

— Estaciona logo ou dá o fora! — berrou o motorista.

A senadora baixou a janela e gritou de volta:

— Vá se foder!

Sabia que precisava ser mais discreta. Era um rosto conhecido no Capitólio, praticamente uma celebridade, mas nem por isso iria levar uma buzinada e deixar barato. Por fim, na quarta tentativa ela conseguiu entrar na maldita vaga. Estava na Rua N de Washington. Anoitecia. Ao trancar o carro, notou que a roda traseira tinha subido no meio-fio. *Paciência*, pensou, e saiu pela calçada, pisando no tapete de folhas caídas, margeando as elegantes fachadas de arenito com suas portas georgianas e lanternas de vidro bisotado.

Stephanie tinha 40 anos. Baixa e

magra, tinha o porte de um menino, com pernas fortes e torneadas. Os cabelos louros iam até os ombros, emoldurando um penetrante par de olhos verdes e um nariz delicado. A boca era o único traço que não contribuía para sua imagem de mulher vibrante e poderosa: pequena e fina, tanto podia morder quanto se crispar num beicinho dengoso.

Stephanie vinha construindo uma carreira ascendente na pirâmide de poder de Washington. Era uma senadora muito jovem, mas sabia que fizera por merecer seu lugar no comitê especial. Preparara-se com afinco e muitas horas de trabalho

para estar ali. Participava de outros comitês, mas nenhum deles era tão prestigioso quanto o SSCI. Conquistara a vaga de congressista doze anos antes, após uma acirrada campanha no sul da Califórnia, um distrito repleto de fornecedores do setor de defesa e tecnologia aeroespacial. Com isso, desenvolvera um talento especial para alocar verbas orçamentárias e sacudir sacos de dinheiro diante do nariz de quem lhe interessasse. Ascender ao posto de senadora havia sido o passo seguinte mais lógico, e agora, no segundo mandato, recém-nomeada para a vice-presidência do SSCI, tinha

poder suficiente para influenciar na legislação, na distribuição de verbas e na fiscalização do Departamento de Defesa, do Departamento de Segurança Interna e da Comunidade de Inteligência. Corajosa, impaciente e impositiva nas audiências do comitê, Stephanie tolerava o universo da Defesa Nacional apenas em razão da força que ele injetava no comércio em seu estado natal. Ela também reconhecia a blindagem política do Departamento de Segurança Interna, mas intimamente via aquilo como um agrupamento de joões-ninguém que operavam num mundo que mal conheciam.

No entanto, era para as dezesseis agências independentes da Comunidade de Inteligência que Stephanie Boucher direcionava a maior parte de seu fel. Os órgãos de inteligência de segurança como a Agência de Inteligência de Defesa e a DH não a preocupavam: em sua opinião, eram um bando de soldados carreiristas muito mal preparados para as complexidades da inteligência externa. O setor de inteligência e pesquisa do Departamento de Estado, o INR, até contava com alguns analistas brilhantes, mas nos últimos tempos eram raras as vezes que conseguiam

desvendar qualquer segredo; aquela gente precisava sair mais ao sol, produzir um pouco mais de vitamina D. O FBI era a noivinha contrariada: obrigados a exercer um papel que não desejavam e tampouco compreendiam, o da inteligência interna, eles inevitavelmente resvalavam para o feijão com arroz de suas origens policiais, preferindo perseguir adolescentes árabes em Detroit a construir uma sólida rede de fontes de longo prazo.

Mas nenhuma dessas agências a incomodava tanto quanto a CIA. Nada a irritava mais do que se ver diante daqueles oficiais de inteligência

durante as reuniões do comitê, refestelados em suas cadeiras, ora muito sérios, ora muito evasivos. Stephanie sabia que estavam mentindo sempre que abriam a boca para dizer o que fosse, apesar de toda a firmeza que tentavam aparentar, de todos os sorrisos, caras e bocas. Sabia que os papéis que traziam trancafiados em seus malotes de segurança só serviam para mascarar a verdade. “Os fiéis operários da inteligência”, eles diziam. “O nosso bom e velho serviço clandestino”, enchiam a boca para falar. “O padrão ouro das operações de inteligência”, gabavam-se. Eram frases assim que

faziam Stephanie Boucher subir pelas paredes.

***

Ela ainda estava em seu primeiro mandato quando conhecera Malcolm Algernon Philips, um veterano e lobista inveterado de 75 anos, renomado anfitrião, grande intermediador de postos e nomeações nos bastidores de Washington. Philips conhecia a cidade inteira. Mais importante que isso, conhecia, em detalhes, os segredos de todos. Seus muitos admiradores ficariam escandalizados ao saber que aquele respeitável

senhor de cabelos brancos, sempre impecavelmente vestido, era, desde meados dos anos 1960, um talentoso caçador de talentos para a KGB, recrutado como um jovem playboy quando ainda era Krushchev quem dava as cartas. Embora fosse pago pelos russos a peso de ouro, Philips se dispusera a ajudá-los apenas pelo gosto da fofoca, pelo prazer de revelar segredos, de trair confianças e de desfrutar de todo o poder que advinha disso. Não se importava nem um pouco com o que os russos pudessem fazer com suas informações. Os russos, por sua vez, tinham uma paciência sem limites

em relação a ele. Jamais o pressionavam para desvendar segredos, subornar alguém ou surrupiar algo. Contentavam-se em deixá-lo localizar candidatos a recrutamento nas entranhas de Washington. Philips já estava naquela estrada havia quarenta anos, e era muito bom no que fazia.

Numa de suas festas de inverno em sua casa em Georgetown, suas antenas sempre ligadas detectaram na jovem congressista da Califórnia algo que ia além daquele coquetel de ambição, vaidade e ganância que se via em quase todo mundo no Capitólio. Suas suspeitas foram

confirmadas seis semanas depois, durante um almoço particular com ela. Philips disse a seu operador que talvez tivesse encontrado a peça perfeita para a engrenagem da KGB. Na sua avaliação, a mulher era desprovida de consciência, simplesmente não tinha o hábito de se perguntar se algo estava certo ou errado. Pátria, Deus, família, nada disso importava para ela. Preocupava-se apenas consigo mesma. Se pudesse ganhar alguma coisa espionando para a Rússia, Stephanie Boucher não pensaria duas vezes antes de aceitar um convite.

Ela fora criada na região de

South Bay, mais precisamente em Hermosa Beach, surfando todos os dias, fumando e evitando os meninos de ouro que gravitavam a seu redor. Seu pai era um banana, não dava a menor importância às escapadelas de sua fogosa mulher. Stephanie não tinha nenhum respeito nem por um nem pelo outro. Mas quando estava com 18 anos veio a surpresa: o pai, subitamente tomado de brios, matou a mulher a tiros ao encontrá-la na cama com o entregador da Fedex. Stephanie viveu maus bocados durante esse período, mas enfim se reergueu, cursou o bacharelado na Universidade da Califórnia do Sul, fez

mestrado, depois se envolveu na política local, cada vez mais convicta de que a amizade era um sentimento supervalorizado e que relacionamentos só valiam a pena quando serviam de trampolim para algo melhor e maior. Tinha herdado boa parte dos genes da mãe e, junto com eles, a misantropia e o gosto pelo sexo sem compromisso. Com o ingresso na política ela precisou se controlar, mas os desejos continuavam ali, logo abaixo da superfície.

A *rezidentura* em Washington pesquisou a fundo seu alvo de recrutamento. Um quadro foi se

formando aos poucos, e tudo o que se via nele era consistente com o que Malcom Philips já reportara. A operação de recrutamento foi iniciada ao mesmo tempo que uma sucessão de agentes do SVR continuava a vasculhar a vida da senadora. No entanto, somente quando foi abordada pelo *rezident* Anatoly Golov, com seus modos sofisticados, sua fala mansa, sua ironia cativante, ela se dispôs a dar a primeira espiadela na sala do tesouro russo.

Os argumentos filosóficos em geral empregados para convencer um alvo não encontraram muito eco na

jovem Stephanie. Ela não estava nem um pouco interessada no conceito de amizade entre as nações, muito menos nos benefícios gerais de um equilíbrio maior entre as duas grandes potências mundiais. Percebendo isso, Golov viu que não precisava perder seu tempo. Sabia muito bem o que ela queria: uma carreira, influência, poder.

Ele encomendou à central uma série de análises globais muito bem fundamentadas para depois compartilhá-las com a senadora como "tópicos de discussão": relações internacionais; a política mundial do petróleo e do gás natural;

os desenvolvimentos no sul da Ásia, no Irã e na China.

Informada por esses relatórios especiais, que abordavam questões econômicas, militares e políticas, a senadora logo começou a se destacar com intervenções sempre pertinentes no SSCI, e o presidente, impressionado com o que via, não hesitou em lhe oferecer a vice-presidência do comitê. Para Stephanie Boucher, aquele era apenas o primeiro degrau da longa escada que ela pretendia subir.

Sua relação com os russos se fortaleceu com o tempo, mas Stephanie jamais perdia uma noite de

sono por se ver envolvida numa operação de espionagem. Comentava sobre as audiências e os assuntos do SSCI durante os jantares com Golov e via naquilo uma simples troca, natural na vida de qualquer político de Washington. Quanto aos pagamentos que recebia com frequência cada vez maior, Stephanie tinha plena convicção de que eles eram mais do que merecidos. Fazia muito tempo que ela já ultrapassara o ponto do qual não havia mais volta, mas não era preciso lembrá-la disso. Em sua cabeça ela estava cuidando da própria carreira, preparando-se para galgar novos degraus, correndo

atrás de seus objetivos.

O SVR agora tinha uma congressista americana como informante: Swan.

***

Anatoly Golov aguardava a senadora Boucher numa das mesas do jardim dos fundos do restaurante Tabard Inn, na Rua N. Luzinhas minúsculas se enroscavam nos arbustos dos vasos espalhados por ali. O lugar era cercado por um muro alto, e os ruídos do trânsito distante podiam ser confundidos com os de uma praia à noite. Fazia apenas um ano que Golov era o *rezident* de

Washington, e era ele, em pessoa, quem operava Swan. Com uma vasta experiência, tinha plena consciência de que ela talvez fosse a fonte de informações mais valiosa que a Rússia já tivera.

Apesar disso, não gostava da mulher, tampouco da própria função de operador. Na verdade, Swan lhe metia um pouco de medo. Ele se lembrava de uma época em que os informantes eram recrutados por razões puramente ideológicas, pela crença no comunismo mundial, pelo sonho de um Estado socialista perfeito. Agora, no entanto, tudo não passava de um grande circo de

horrores. Swan era uma sociopata ambiciosa e incontrolável.

Ele endireitou os punhos do paletó. Golov era alto, com uma postura altiva, imperial, e usava os cabelos ralos e grisalhos penteados para trás. O nariz era grande e reto, e o maxilar, delicado. Tinha os traços de um Romanov, mas isso já não tinha nenhuma importância, nem mesmo para o SVR. Ele estava vestindo um paletó de dois botões da marca italiana Brioni, escuro e de caimento perfeito, com uma camisa branca impecavelmente engomada e uma gravata Marinella azul-marinho com minúsculas bolinhas vermelhas.

Os sapatos eram pretos, da grife Tod Gommino, e as meias, cinza-chumbo. Golov poderia muito bem ser confundido com um conde europeu, talvez de férias nos Estados Unidos. A única nota dissonante era o sinete de ouro que trazia no mindinho esquerdo. A joia lhe dava um ar misterioso, parecia esconder alguma história.

Ele estava terminando seu jantar: fricassê de cordeiro com couve-vermelha salteada em vinagre balsâmico e purê de batatas com queijo, tão saboroso quanto o que já comera no sul da França. Embora não tivesse o hábito de beber em serviço,

precisava se fortalecer, ou se anestesiar, com alguma coisa antes que a senadora chegasse. Ele terminou sua segunda taça de Chardonnay e pediu um *espresso* duplo.

Enquanto os pratos eram recolhidos, Golov mais uma vez lembrou a si mesmo que Swan era um ativo importante demais para que se perdesse tempo com tentativas de discipliná-la, controlá-la ou moldá-la aos padrões do SVR. O que Stephanie queria, o serviço concedia. Ela vinha entregando minutas das reuniões secretas do SSCI, centenas de páginas digitais

com o testemunho de oficiais de defesa e inteligência sobre armas novas, operações de inteligência e políticas nacionais, coisas que a central jamais vira antes, que nem sequer sabia existirem. Em troca o SVR aprovara um salário inédito nos anais do serviço russo, cuja avareza era de conhecimento geral.

Tudo isso fazia dela algo bem maior do que uma simples informante. Stephanie Boucher era uma superinformante, um agente de influência em potencial, uma versão real do *Candidato Manchuriano*, de Richard Condon. Golov já começara a prepará-la para um significativo

avanço na carreira política, o que não chegava a ser novidade. Ao longo dos anos, os russos haviam feito coisas semelhantes, ainda que de forma indireta, por outros membros do Congresso americano. Infelizmente, a maioria desses legisladores depravados acabara batendo com o carro num poste, derrapando numa ponte para cair nas águas caudalosas de um estuário ou simplesmente se afogando no espelho d'água do Capitólio. Comparada àqueles patetas beberrões, Swan não tinha nenhum tipo de vulnerabilidade. Melhor ainda, possuía um potencial muito maior do que qualquer um deles.

Moscou tinha plena convicção de que um dia ela poderia ocupar uma pasta de ministério, uma diretoria na CIA ou até mesmo a vice-presidência da República.

Sua produção era impressionante, e o melhor ainda estava por vir. Swan encontrava-se prestes a ter acesso a um dos programas militares mais importantes e confidenciais do Pentágono, dedicado ao desenvolvimento de um veículo global orbital, conhecido pela sigla Glov.

Algumas informações preliminares já repassadas por ela

haviam deixado os russos de cabelos em pé. Esse novo veículo seria uma plataforma híbrida concebida para a interceptação de sinais eletrônicos e suporte GPS, devidamente capacitado para se defender em órbita contra satélites assassinos. O que mais alarmava Moscou, no entanto, era a capacidade de um Glov de lançar armas do espaço contra alvos na Terra. De forma direta. Nada de aeronaves militares, reabastecimento, radares, tecnologias de invisibilidade, mísseis superfície-ar, pilotos perdidos, advertências.

Avaliado em mais de um bilhão

de dólares, esse novo projeto do Pentágono havia sido entregue inteiramente nas mãos da Pathfinder Satellite Corporation de Los Angeles, uma empresa localizada no corredor high-tech que ia da Airport Road à Base Aérea de El Segundo. Por coincidência, era ali que também ficava o antigo curral eleitoral de Stephanie Boucher.

É, pensou Golov, *o melhor está mesmo por vir*.

A senadora atravessou rapidamente o lobby do Tabard Inn e se espremeu entre as pessoas para passar pelo corredor estreito, cheio de fotos nas paredes, que levava ao

restaurante do hotel. Foi até o jardim nos fundos. Avistou Golov numa das mesas mais recuadas e se adiantou na direção dele. Golov se levantou, tomou a mão dela e se curvou à maneira europeia para aproximar os lábios da pele, sem de fato chegar a beijá-la. Lembrava-se do que lera num dos primeiros relatórios sobre os hábitos da mulher e sabia o que ela gostava de fazer com aquelas mãos.

— Boa noite, Stephanie — cumprimentou.

Chamava-a pelo primeiro nome a fim de criar certa familiaridade, evitando usar o “senadora” para ficar

em algum lugar entre a intimidade e a cordialidade. Nunca sabia em que estado de humor a encontraria.

— Como vai, Anatoly? — retrucou ela. Em seguida se sentou e apoiou os cotovelos na mesa. — Me desculpe, mas vou direto ao assunto: você já recebeu uma resposta do seu pessoal?

Pegou um cigarro da bolsa e Golov se adiantou para acendê-lo com um isqueiro Bugatti, fino como um lápis.

— Repassei seu pedido, Stephanie — disse o russo —, junto com minha recomendação para que ele fosse atendido de imediato. A

resposta deve chegar nos próximos dias.

As mãos dele estavam casualmente pousadas na mesa. O garçom chegou com o café que ele solicitara e Stephanie aproveitou para pedir um uísque com soda.

— Fico muito aliviada por você ter recomendado o pagamento, Anatoly — falou Stephanie. — Não sei o que faria sem o seu apoio.

Que mulherzinha insuportável, pensou Golov. Sabia, no entanto, que a central acataria o pedido dela sem hesitar. Pagaria cinco vezes mais pelas informações que tinha a dar. Nos primeiros discos Stephanie já

repassara os relatórios entregues pela Pathfinder Satellite ao SSCI, os quais haviam deixado os pesquisadores russos de queixo caído. Tanto a Pathfinder quanto o Departamento de Defesa continuariam submetendo relatórios, manuais e software para a avaliação do SSCI, e esse material teria um valor incalculável para os russos.

— Stephanie, você sabe que pode sempre contar com o meu apoio. Fique tranquila, a central aprovará o seu pedido, e com muito prazer.

Golov resistiu ao impulso de dar tapinhas tranquilizadores na mão da

senadora.

— Ótimo, Anatoly, porque hoje fomos informados de que a Pathfinder está prestes a concluir a primeira bateria de testes com alguns dos circuitos de navegação e artilharia. Exigi que eles façam relatórios de progresso com a maior regularidade possível. Pretendo visitar as instalações da empresa em Los Angeles pelo menos uma vez a cada três meses. O projeto ainda precisará de recursos orçamentários por mais uma década. — Stephanie soprou um jato de fumaça para o alto. — Então, caso os seus *camaradas em Moscou* não queiram pagar —

continuou um tanto alto demais, na opinião de Golov —, tudo bem, nosso assunto está encerrado e cada um vai pro seu lado.

Aos olhos dele isso era mais um exemplo da arrogância da mulher, do mundo inconsequente em que ela vivia, do fato de que na cabeça dela nem sequer existia a possibilidade de que a central nunca a deixaria "partir". A escolha não era dela, ponto final. Golov tentou imaginar a reunião em que ela seria informada de que teria de continuar espionando para Moscou sob pena de ser denunciada.

— Claro que vamos prosseguir com a nossa colaboração — garantiu

ele, conciliatoriamente. — Nem pense o contrário! Vamos continuar com toda a segurança, e você permanecerá deixando nosso pessoal boquiaberto, e nós continuaremos a remunerá-la pelos seus esforços, e sua carreira continuará avançando a pleno vapor. — Golov já descartara muito tempo antes a tentação de acrescentar argumentos de natureza ideológica. Bastava uma simples enunciação dos fatos: "Você repassa os seus segredos, e nós pagamos por eles." — No entanto — prosseguiu —, eu gostaria de retomar a conversa que tivemos da última vez a respeito da sua segurança. Sei que você acha

desnecessário, mas insisto que me escute. Estou fazendo isso pelo seu bem, Stephanie. É muito importante que me dê ouvidos. — Ele tomou um gole do café ao mesmo tempo que erguia os olhos para Stephanie, a tempo de vê-la soprar a fumaça do cigarro com uma expressão de enfado. — Você é uma figura muito conhecida em Washington. E em certos círculos, também sou reconhecido como um diplomata russo de alto escalão. Estes nossos encontros públicos são muito perigosos. O pessoal de Moscou está preocupado. *Eu* estou preocupado. Precisamos dar um jeito nisso —

concluiu com firmeza.

Eles vinham se vendo com demasiada frequência, abusando da sorte. Stephanie deu mais um trago.

— Essa ladainha *de novo*? — retrucou ela, batendo as cinzas do cigarro. — Já falamos sobre isso, pensei que tivesse sido clara.

— Eu sei, Stephanie, mas insisto que você reconsidere. Em primeiro lugar, precisamos começar a nos encontrar em locais mais reservados, longe do olhar dos curiosos. Também temos que reduzir a frequência desses encontros e substituí-los pelas comunicações impessoais.

Estreitando os olhos, Stephanie disse:

— Anatoly, preste atenção. Eu já falei antes e vou repetir. Não vou ficar rastejando debaixo de uma árvore imunda num parque qualquer à meia-noite, procurando um pacote que você tenha deixado. Não vou começar a andar por aí com esses transmissores russos na bolsa, esses tijolões jurássicos que cedo ou tarde vão pegar fogo e disparar o alarme de incêndio do Senado. — Erguendo a mão: — Nem se dê ao trabalho de defender a tecnologia russa. Estou careca de saber que as suas engenhocas de espionagem não

chegam nem aos pés das nossas! — Rilhando os dentes: — Você só pode estar *delirando* se acha que vou passar a me encontrar com algum oficialzinho de primeira viagem recém-chegado de Abkhazia com as botas sujas de esterco. Por que diabo continua batendo na mesma tecla?

Até começar a receber os relatórios do SVR ela nem sequer desconfiava da existência de Abkhazia, muito menos onde ficava o lugar. Golov sabia muito bem como operar informantes, mas aquele caso era diferente de qualquer outro que já tivera nas mãos. Tinha plena consciência de que Egorov, em

Moscou, andava preocupado com as questões de segurança. Ele, Golov, também estava aflito. Mas recuar quando as informações em jogo eram tão espetaculares simplesmente não era possível.

— Stephanie, sei que essas precauções podem ser um tanto maçantes, mas acho que podemos chegar pelo menos a um meio-termo. Que tal isto? Nós continuamos a nos encontrar, mas, se você concordar, de agora em diante vou providenciar um quarto de hotel fora de Washington para que possamos conversar em paz, sem pressa, com toda a privacidade do mundo. Também

sugiro que passemos a nos ver com menos frequência. Será muito mais seguro.

— Fora de Washington? — disse Stephanie. — Ficou maluco? Pra mim já é bastante difícil conseguir uma noite livre aqui na cidade! Se está pensando que vou abandonar meus compromissos e meu staff pra pegar um carro e me despencar pra alguma espelunca de beira de estrada só pra que a gente possa conversar enquanto come um saco de salgadinhos, está muito enganado. Não vou fazer isso de jeito nenhum, Anatoly. Sem chance.

Golov fitou Swan serenamente.

Não tinha a menor intenção de bater o pé e continuar insistindo. O caso era importante demais. Sorrindo, condescendeu:

— Stephanie, você é uma mulher muito racional. Observadora. Prática. Peço que concorde apenas com uma coisa. Vamos continuar, mas não em público. Uma vez por mês, vamos nos reunir num hotel aqui mesmo em Washington. Uma suíte. O hotel que você quiser. Pode até ser este aqui, embora os quartos sejam muito pequenos. Acho que podemos ser flexíveis. Só estamos pensando na sua segurança.

Stephanie assentiu

distraidamente, depois disse:

— Tudo bem, mas vamos começar com um quarto aqui. Este hotelzinho, sei lá, mexe comigo. — Encarando Golov, ela se debruçou sobre a mesa para que ele acendesse mais um cigarro. Golov precisou recorrer a seus trinta anos de experiência para disfarçar a repulsa que sentia. — Ah, mais uma coisa — prosseguiu Stephanie. — Ainda quero o número da minha conta em Liechtenstein. Peça a eles que liberem.

— Stephanie, também já conversamos sobre isso um milhão de vezes. É contra o regulamento da

central que você tenha acesso a essa conta. Por uma mera questão de segurança. A *sua* segurança. Fique tranquila, o dinheiro está lá. Todos os depósitos foram feitos. Você viu os extratos.

— Anatoly, você é um anjo. Não vai ficar bravo comigo se eu der uma d e *prima donna* e continuar insistindo, vai?

Stephanie se levantou e jogou o cigarro no copo de uísque. Golov também se levantou e desejou-lhe uma boa noite. Antes de sair, ela tirou da bolsa um CD de capa preta e o jogou com displicência sobre a mesa, dizendo:

— Minutas de uma audiência do comitê na semana passada sobre a Pathfinder. Eu só ia liberá-las quando seus amiguinhos de Moscou fizessem o pagamento, mas gosto muito de você, Anatoly. Boa noite pra você também.

Golov a viu sair com os cabelos louros balançando a cada passo. Com toda a calma, guardou o CD no bolso do paletó e voltou a se sentar. O jardim estava vazio e tranquilo. Pediu um conhaque e começou a compor mentalmente o cabograma que teria de enviar a Egorov.

O FRICASSÊ DE CORDEIRO DE GOLOV

Dourar cubos de cordeiro com pedaços de bacon e cebolas picadas. Regar com vinho branco e caldo de carne, temperar com sal, pimenta e noz-moscada e cozinhar por uma hora. Retirar os cubos de carne. Bater suco de limão, gemas de ovo e alho, depois misturar vigorosamente ao caldo com a ajuda de um batedor. Retemperar com sal, pimenta e noz-moscada, jogar sobre o cordeiro e decorar com raspas de limão.

CAPÍTULO 28

VANYA EGOROV LIA O CABOGRAMA enviado de Washington pelo *rezident* Anatoly Golov, falando sobre a teimosia de Swan quanto aos procedimentos de segurança. A certa altura ele xingou entre dentes e considerou mandar Golov desacelerar o caso, talvez até deixá-lo na geladeira por um tempo. Mas mudou de ideia assim que começou a ler a segunda página da mensagem, na qual o homem resumia o conteúdo do CD repassado pela informante no último encontro. Tratava-se de uma transcrição literal de uma audiência

secreta na qual representantes da Pathfinder Sattelite Corporation e da Força Aérea americana prestavam contas ao SSCI sobre o projeto Glov: planilhas operacionais, diagramas de Gantt, critérios de avaliação, parâmetros de produção, necessidades de terceirização etc. Estava tudo lá. A informação era espetacular. Os técnicos da Linha T já estavam compondo um resumo executivo para apresentar ao Kremlin, ao Comitê Executivo da Duma e ao Ministério de Defesa. Egorov pretendia fazer a exibição pessoalmente, já pensando nos pontos que ganharia com isso.

Mas aquele presente caído dos céus vinha correndo sérios riscos. As medidas de segurança eram inadequadas, e o caso, vulnerável. O imperturbável e experiente Golov coordenava a megera ianque com absoluta maestria, mas nada que eles fizessem, nenhum conjunto de métodos de espionagem ou arsenal de ferramentas técnicas poderia garantir a segurança de Swan por tempo indefinido. Egorov acendeu um cigarro com as mãos ligeiramente trêmulas.

Havia dois pontos principais de vulnerabilidade: primeiro, nada mais natural que Golov, na qualidade de

rezident, fosse seguido e monitorado de todas as formas possíveis. Mas o homem era um profissional excelente, cauteloso demais para deixar pistas a caminho de um encontro qualquer. Além disso, ele contava com uma equipe de contravigilantes que o seguia do mesmo modo que faria um grupo adversário, guardando as mesmas distâncias e usando as mesmas técnicas tanto para detectar quanto para impedir qualquer tipo de ação contra o chefe. Swan era o problema maior. A mulher zanzava de um lado para outro em Washington sem qualquer preocupação com o

anonimato, correndo o risco de ser vista na companhia de Golov ou de chamar atenção sobre si desnecessariamente. Não havia técnica de vigilância que desse jeito nisso.

Na hipótese de que alguém percebesse um vazamento, ou fizesse uma denúncia, os caça-informantes americanos sairiam da toca e não descansariam antes de encontrar o que procuravam. Mas de onde poderia sair esse vazamento? Ora, do traidor que vinha passando informações ao agente da CIA Nathaniel Nash. Egorov deu um soco na mesa. Só poderia ser alguém que

estava ali mesmo naquele prédio. Alguém que ele conhecia. Fora da lista restrita havia cerca de meia dúzia de oficiais graduados que tinham conhecimento de Swan e davam apoio ao caso. Vanya os enumerou mentalmente: Yuri Nasarenko, o homem com cara de coruja que era o diretor da Linha T (ciência e tecnologia), e os chefes das Linhas R (planejamento operacional e análise), OT (suporte técnico) e I (serviços de computação). Esses oficiais sabiam que estavam dando suporte a um caso excepcional e sem dúvida podiam deduzir quem o coordenava, e de onde. Não

conheciam a identidade de Swan, mas tinham acesso ao material repassado, e muita coisa podia ser inferida a partir dele. Apesar das patentes e da posição que ocupavam, todos teriam de ser investigados, e para esta missão tão desagradável Vanya podia contar com o anão Alexei Zyuganov, o chefe da Linha KR (contrainteligência).

Egorov sabia que a perspectiva de uma investigação interna contra os próprios colegas deixaria Zyuganov num profundo estado de êxtase, talvez superável apenas pelo prazer que ele tinha ao cumprir suas funções nos porões de Lubyanka.

Vanya convocou Zyuganov, autorizou-o a fazer sua devassa e o homenzinho foi embora feliz da vida, a cabeça fervilhando de ideias.

Egorov olhou pelas janelas da sala, pensando em quem mais poderia colocar em risco a operação Swan. O diretor, claro. Talvez uns seis ou sete na Secretaria Executiva, no gabinete do ministro de Defesa e no gabinete do próprio presidente. Quanto a esses não havia o que fazer. Quem mais? No âmbito do SVR só existia uma única pessoa que se enquadrava no perfil: Vladimir Korchnoi, diretor do Primeiro Departamento (Estados Unidos e

Canadá). Embora não tivesse acesso à operação Swan, ele podia intuir tudo o que acontecia em seu próprio território. Eles eram bons amigos, tratavam-se por afetuosos diminutivos. Volodya Korchnoi era da velha guarda. No SVR não havia quem não gostasse dele, quem não confiasse nele. Além disso, o general tinha contatos em todos os âmbitos do serviço, o que lhe permitia ouvir muita fofoca. E era ele quem atualmente supervisionava a operação contra Nash.

Egorov se deu conta de que pouco tinha visto Korchnoi ou falado com ele nos últimos tempos. Seu

amigo estava ficando velho, só faltavam alguns anos para pendurar as chuteiras. Mas quando isso acontecesse Egorov já estaria no topo da pirâmide e poderia escolher um pupilo de confiança para assumir o Departamento das Américas. Mesmo sabendo que era improvável — impossível, na verdade — que a traição viesse do Primeiro Departamento, ele decidiu acrescentar Korchnoi à sua lista de suspeitos. Apenas por fidelidade à arte. Primeiro ele cuidaria do SVR, depois do americano Nash. *Za dvumya zaitsami pogonish'sya ne odnogo ne poimaesh.* Quem caça dois

coelhos ao mesmo tempo não pega nenhum.

***

Yuri Nasarenko, chefe da Diretoria T, aguardava à porta do gabinete de Egorov feito um servo à espera do chamado de seu senhor. Grande e desengonçado, mesmo aos 50 anos, usava um pesado par de óculos de armação metálica, já bastante deformado em razão do longo tempo de maus cuidados. Tinha uma cabeça grande, a testa protuberante, orelhas de abano e dentes excepcionalmente ruins, até mesmo para um russo. Era um

homem cheio de tiques nervosos. Tinha uma verruga grande na ponta esquerda do queixo, a qual Egorov mirava sempre que estava à frente dele, evitando olhar para sua inquietude generalizada. Apesar dos inúmeros cacoetes, Nasarenko era um técnico brilhante, alguém que não só compreendia a ciência de um problema como também era capaz de aplicar a teoria às necessidades operacionais e à produção de inteligência.

— Yuri, pode entrar. Obrigado por ter atendido tão rápido a meu chamado — disse Egorov, como se o subordinado tivesse alguma escolha

de datas e horários. — Por favor, sente-se. Aceita um cigarro?

Nasarenko se acomodou, deu de ombros, cruzou as mãos sobre o colo e dobrou os polegares duas vezes com a rapidez de um raio.

— Não, obrigado, Ivan Dimitrevich — retrucou ele.

As sobrancelhas começaram a saltar, e no mesmo instante Egorov fixou o olhar na verruga.

— Yuri, em primeiro lugar gostaria de dizer que você vem fazendo um trabalho exemplar com as informações que estamos recebendo sobre o veículo espacial

dos americanos. Temos sido elogiados nos mais altos níveis do governo — começou Egorov.

Mais precisamente, *ele* vinha sido elogiado pelo sucesso da operação Swan até o momento.

— Fico feliz em saber, Ivan Dimitrevich — retrucou Nasarenko. Ele olhava direto nos olhos de Egorov, que o fitava de volta com a impassibilidade de um lutador. — As informações são realmente excepcionais. Meus analistas e eu estamos muito impressionados com o brilhantismo de todo o conceito. A tecnologia espacial russa não fica nada a dever, é claro, mas o trabalho

dos americanos é mesmo muito bom — emendou, e em seguida seu pomo de adão saltitou duas vezes.

— Concordo — falou Egorov, acendendo um cigarro. — Chamei-o para dizer que continue trabalhando nas suas análises e avaliações, mas também para avisar que o fluxo de informações será interrompido por um tempo. Nossa fonte, sobre a qual não posso dar maiores informações, está passando por um momento difícil de saúde e ficará ausente por ora.

— Nada muito sério, eu espero — respondeu Nasarenko, inclinando-se na cadeira.

A perna direita tremia ligeiramente.

— Eu também espero — concordou Egorov, de modo expansivo. — Uma crise de herpes-zóster pode ser bastante debilitante, mas estou confiante de que nossa fonte vai se recuperar logo.

— Ótimo — falou Nasarenko. — Vamos prosseguir com a análise dos dados que já temos, que são volumosos o bastante pra nos manter ocupados por um bom tempo.

— Perfeito — disse Egorov. — Sei que posso contar com você. — Ele se levantou e acompanhou Nasarenko até a porta, a mão

pousada nos ombros trêmulos do outro. — A aquisição dessas informações é muito importante, Yuri, mas *a maneira de explorá-las* talvez seja ainda mais fundamental. — Apertou a mão dele e observou-o caminhar para os elevadores. Com a cabeça inclinada e andando meio de lado, Nasarenko lembrava uma marionete com um dos fios partidos. — Se um homem desses vira espião, estamos ferrados — Egorov sussurrou para si mesmo, e voltou para sua mesa.

***

Boris Alushevsky, chefe da Linha

R, não era nenhum Yuri Nasarenko. Bateu apenas uma vez à porta de Egorov e entrou na sala com passos tranquilos, sem nenhuma afetação. Aparentando mais do que seus 40 anos, tinha o aspecto de um homem reservado e perigoso. Era moreno, magro, com faces encovadas e maçãs salientes. Os olhos eram amendoados, as mandíbulas, fortes e o nariz, grande. O rosto estava perfeitamente barbeado. Com sua densa cabeleira negra, lembrava um membro do Comitê Central do Quirguistão recém-chegado de Bisqueque. Na realidade, era natural de São Petersburgo.

O chefe da Linha R (planejamento operacional e análise) era responsável pela avaliação de todas as operações do SVR fora da Rússia. Após anos em Londres, falava inglês com perfeição. De volta a Moscou, resvalara para a área de planejamento e análise porque combinava com ele: era inteligente, tinha uma cabeça inquisitiva. No entanto, aos olhos de Vanya, era um tanto ingênuo nas questões políticas. Dificilmente seria o traidor. Ainda assim, ele avaliara os procedimentos d a *rezidentura* de Washington na operação Swan, e fora ele quem aconselhara o uso de uma equipe de

contravigilantes para proteger Golov durante seus encontros mensais. Portanto, Vanya também colocaria sua fidelidade à prova em uma armadilha.

— Boris, sente-se por favor — disse Egorov. Tinha apreço e respeito por Alushevsky em razão do profissionalismo e da inteligência dele. — Examinei as suas recomendações para um upgrade de segurança em Washington e não poderia estar mais de acordo com elas.

— Obrigado, Ivan Dimitrevich — retrucou ele. — O general Golov é absolutamente profissional nas ruas.

Quase nunca é submetido à vigilância do FBI. O raciocínio é que, na opinião dos americanos, um oficial da patente dele jamais coordenaria um informante pessoalmente. O que é uma vantagem para nós. A equipe de contravigilância é bem meticulosa e discreta. Vai fortalecer bastante a segurança do *rezident*.

Ele pegou um cigarro da caixinha de mogno com tampa de tartaruga que Egorov lhe ofereceu.

— Ótimo — respondeu Egorov.

— Além disso, os técnicos da *rezidentura* estão monitorando com cuidado especial as frequências de vigilância do FBI, procurando

sobretudo anomalias nos procedimentos de rádio. Uma mudança de tática pode indicar um aumento de interesse por parte da oposição — explicou Alushevsky em termos bem simples, sem saber ao certo se Egorov captava todas as sutilezas do jogo.

— Boris, gostaria que você continuasse monitorando as condições de segurança e nossas medidas de contrainteligência. Vamos ter um tempinho extra pra avaliar toda a situação.

— Como assim, Ivan Dimitrevich? — perguntou Alushevsky.

— Não posso discutir os detalhes do caso do general Golov, sinto muito, mas tenho certeza que você entende, não é? — disse Egorov. — Não é uma questão de falta de confiança em você, isso eu posso assegurar.

— Claro que entendo — retrucou Alushevsky. — Segurança é segurança. Não havia nenhum traço de ressentimento em sua voz.

— O que posso lhe dizer é que a fonte de Golov precisou suspender as atividades por um tempo. Um problema de saúde. Bastante grave, na verdade.

Egorov fitava Alushevsky com

expressão serena.

— De quanto tempo será esse hiato? É importante que o general Golov não pareça inativo de repente. É preciso que ele simule exatamente o seu nível anterior de atividade. *Qualquer* mudança de hábito poderá alertar a oposição, e isso será duplamente perigoso quando o general retomar os contatos.

— Não sei quanto tempo vai durar essa situação. A recuperação de uma cirurgia de ponte de safena pode ser muito lenta ou muito rápida. Vamos ter de esperar pra ver.

— Com sua permissão, eu gostaria de rascunhar mais algumas

ideias para a sua avaliação. Depois, se for o caso, repasso ao general Golov.

— Claro, claro. Faça isso. Mande pra mim assim que terminar — retrucou Egorov, levantando-se. — Repito: estou muito satisfeito com o seu trabalho. Sua chefia tem sido exemplar na Linha R.

Conduziu Alushevsky até a porta e apertou a mão dele.

***

Vladimir Adreiyevich Korchnoi, chefe do Departamento das Américas do SVR, chegou com vinte minutos de atraso à antessala do gabinete de

Egorov. Dimitri, assistente pessoal do vice-diretor, saiu de seu cubículo para saudá-lo. Percebendo o olhar de censura das duas secretárias, Korchnoi cumprimentou-as pelo nome, sentou-se na quina da mesa de uma delas e contou uma história, os olhos escuros tremeluzindo sob as sobrancelhas grossas:

— Certa vez circulou a estatística de que os maiores índices de adultério aconteciam, em primeiro lugar, entre os atores e atrizes de cinema; em segundo, entre os atores e atrizes de teatro; em terceiro, entre os agentes da KGB. Ao ouvir isso, alguém reclamou: “Faz

trinta anos que estou na KGB e jamais traí minha mulher!" E o outro: "Pois é por causa de pessoas como você que estamos em terceiro lugar!"

As secretárias e Dimitri riram. Ele encheu um copo com a água de uma garrafa que ficava sobre a bancada e o entregou a Korchnoi. Uma das secretárias já ia contando uma segunda piada quando o vice-diretor entreabriu a porta de sua sala. As duas mulheres rapidamente retomaram o trabalho. Dimitri acenou com a cabeça para Korchnoi, depois para o chefe, e sumiu do outro lado de seu cubículo. Egorov correu os olhos pela antessala e comentou:

— Quanta animação por aqui. Não é à toa que o trabalho anda sempre atrasado.

— A culpa é toda minha — interveio Korchnoi, fingindo humildade. — Atrapalhei o trabalho delas com uma história ridícula, uma total perda de tempo.

— Sem falar nos vinte minutos de atraso — disse Egorov. — Então, será que agora teria um tempinho pra mim?

Deu as costas a todos e voltou para o interior da sala. Korchnoi meneou a cabeça para as secretárias, seguiu o homem e fechou a porta às suas costas. As duas mulheres

sorriram uma para a outra e voltaram ao que estavam fazendo.

Egorov se acomodou no sofá de couro claro no fundo da sala e deu um tapinha na almofada, sinalizando para que Korchnoi sentasse a seu lado.

— Volodya, por acaso você anda flertando com as minhas secretárias? — indagou. — Até posso imaginar qual delas você prefere, mas também já posso adiantar que as duas são muito boas de cama.

— Vanya, já estou velho e cansado demais pra levar quem quer que seja para a cama. Além disso, não sou homem de comer os restos de

um bode velho que nem você. Tenho pena daquelas duas jovens.

Korchnoi sentou-se no sofá e desabotoou o paletó.

— Fico feliz que você esteja envolvido na operação contra o americano Nash — disse Egorov. — Sei que fará um belo trabalho. Essa é a nossa melhor chance de identificar o traidor.

Ele se levantou e pegou uma garrafa de conhaque georgiano com duas taças no requintado armário de bebidas. Serviu duas doses e entregou uma delas a Korchnoi.

— Ainda é meio cedo pra isso —

comentou Korchnoi, e brindou com Egorov, batendo a borda de sua taça na dele.

Ambos beberam tudo de um só gole e apoiaram os copos na mesinha à frente.

— Pra mim já está de bom tamanho — disse Korchnoi quando Egorov fez menção de renovar as doses.

— Eu insisto — disse Egorov com uma falsa seriedade. — É o único modo de fazer você ficar aqui. Ando precisando de alguém de confiança com quem conversar.

— Somos amigos desde os

tempos da academia — falou Korchnoi. — Algum problema com nossa operação? Se você tem alguma dúvida quanto à sua sobrinha, fique tranquilo, porque tenho a mais absoluta...

— Não, não tem nada a ver com a operação. Tenho certeza de que tudo dará certo. O problema é outro — disse Egorov. — Preciso desabafar com alguém.

— Está com algum problema, Vanya? — quis saber Korchnoi.

Não chegaria ao ponto de perguntar como andava a campanha dele no sentido de tomar o lugar do atual diretor. Nem mesmo uma

amizade de décadas lhe permitiria ser tão direto.

— As aporrinhações e conflitos de sempre. Pra cada sucesso, um fracasso. Uma fonte perdida, uma deserção, um recrutamento...

— Vanya, você sabe muito bem como são as coisas no nosso ramo. Sempre teremos fracassos, mas, uma vez a cada cinco anos, ou dez, temos um sucesso estrondoso. Logo, logo, virá o próximo. Fique tranquilo.

Korchnoi bebeu um gole do conhaque que Egorov servira contra a sua vontade.

— É sobre isso que eu gostaria

de falar. Volodya, eu lhe devo desculpas. Escondi algo de você quando não deveria ter escondido nada. Preciso levar esse segredo adiante, pelo menos por mais algum tempo, mas acho que posso dividir com você uma pequena parte dele.

— Confio no seu discernimento — retrucou Korchnoi.

— Você é um amigo de verdade, Volodya. — Egorov serviu uma terceira dose de conhaque para ambos. — Tenho conduzido uma operação no seu território. Nos Estados Unidos. Sem o seu conhecimento e sem a sua aprovação. Por direito, essa operação deveria ser

sua. Mas em minha defesa posso dizer que foi o Kremlin quem ordenou que as coisas fossem feitas dessa forma.

Marble procurou manter a frieza. Então era esse o caso Swan, operado diretamente por um diretor.

— Não é a primeira vez que fazemos isso — falou Korchnoi. — Eu mesmo já passei por situação semelhante. Se for mais eficaz em termos operacionais, então é assim que tem de ser.

— Eu sabia que você veria a coisa com o profissionalismo de sempre. Nunca foi minha intenção desrespeitar você ou o seu

departamento — continuou Egorov.

— Quanto a isso você não precisa se preocupar — garantiu Korchnoi. — Golov tem conhecimento da tal operação?

Havia ali um espaço, por menor que fosse, para uma discreta sondagem. *Muito discreta*, pensou.

— É melhor não entrarmos nesse tipo de detalhe — respondeu Egorov, fugindo da pergunta. — O que eu posso dizer é que o caso está começando a produzir informações de importância inédita para a Rússia, comparável apenas ao que tínhamos em 1949, quando Feklisov comprava sorvetes pra Fuchs em troca das

anotações sobre a bomba que ele estava construindo. *Quanto tato*, pensou Korchnoi. *Nosso apogeu foi o NKVD nos anos 1950*. Egorov riu e deu tapinhas no ombro dele.

— Então precisamos comemorar — falou Korchnoi. — Esse é o tipo de sucesso que só acontece a cada vinte anos. — Bebeu um pouco do conhaque. — Vanya, em que posso ajudá-lo?

— Não, não. Não há nada que você possa fazer — retrucou Egorov. — Preciso que continue se dedicando à operação contra o americano, até porque vamos ter de fazer um breve intervalo nesta outra operação de

que falei. Quando você acha que poderá entrar em ação?

— Assim que precisar. Sua sobrinha está pronta — afirmou Korchnoi com total naturalidade. — Quando você quer que a gente dê o primeiro passo?

— Temos um tempinho. Você pode agir desde já, uma vez que nossa fonte está se recuperando de uma cirurgia relativamente grave no olho. O timing é perfeito.

— Tudo bem, então. Em poucos dias estaremos prontos para viajar.

— Ótimo — falou Egorov.

— Vamos conseguir — disse

Korchnoi. — Pode escrever.

— Estou contando com você, velho amigo.

Seu crocodilo velho, respondeu Korchnoi em pensamento. Levantou-se do sofá e, olhando através das amplas vidraças para a floresta de pinheiros do outro lado, comentou:

— Nós nos saímos muito bem, Vanya. Sobretudo você. Quem diria que aqueles dois jovens formandos da academia teriam as carreiras que temos, não é?

— Ainda é cedo pra esse seu sentimentalismo barato. Há muito trabalho pela frente — retrucou

Egorov. — Obrigado, amigo, por ser tão leal, e, por favor, tente não sumir mais.

Eles caminharam de braços dados até a porta e se despediram com um rápido abraço.

— Agora vou voltar pra minha sala com bafo de conhaque e fedendo a essa sua colônia vagabunda — comentou Korchnoi. — Depois vão dizer por aí que sou alcoólatra e *pedik*, graças a você.

Ambos riram, e Egorov, vendo o general se afastar, pensou: *Já foi um homem brilhante um dia. Brilhante e destemido. Mas está ficando velho e cansado*. Voltou para sua sala e

fechou a porta.

***

A cabeça de Marble fervilhava. Ele repassaria a informação imediatamente, ainda naquela noite. Imaginou como Benford receberia a notícia. O convite de Vanya para aquela conversa no quarto andar fora estranho, incongruente. Quanto às desculpas por estar conduzindo uma operação em território alheio, aquilo não passava de uma grande balela. Vanya não pensava duas vezes antes de desrespeitar alguma fronteira operacional. Não tinha esse tipo de pudor. Fazia apenas aquilo que

pudesse trazer algum benefício para si mesmo. Sempre fora assim. Por isso ele se tornara o burocrata que era em essência, deixando o verdadeiro serviço de inteligência para os outros.

Marble relembrou os quatro detalhes principais que Vanya fornecera. A importantíssima fonte Swan era um "caso de vinte anos" e vinha repassando as melhores informações desde os tempos da espionagem atômica. A operação era conduzida pela *rezidentura* de Washington. Anatoly Golov provavelmente estava envolvido. Swan passara, havia pouco tempo,

por uma cirurgia no olho. Quanto mais pistas para Benford, melhor.

Após atravessar os amplos corredores do primeiro andar, Marble se dirigiu à cafeteria do prédio. Embora não passasse das onze e meia, diversos funcionários já levavam suas bandejas de almoço para as mesas. Meio tonto por causa do maldito conhaque de Vanya e com o estômago em chamas, ele foi a um dos balcões e pediu uma *grybnoy sup*, uma sopa grossa de cogumelos com creme azedo. Ao constatar que Nasarenko comia sozinho ali perto, fez o que pôde para não ser visto. Seu esforço foi em vão, pois o chefe da

Linha T já o chamava com um sinal da cabeça. Agora não havia mais jeito, ele teria de se juntar ao homem. Recusar o convite de outro chefe de departamento seria uma quebra de protocolo imperdoável. Korchnoi se preparou para suportar vinte minutos de almoço na companhia de um sujeito apelidado de Osciloscópio pelos cientistas e técnicos que ele mesmo comandava.

— Como vai, Yuri? — disse o general, acomodando-se à mesa.

Tirou um naco do pão e o mergulhou na sopa fumegante.

— Sempre muito ocupado, muito ocupado — retrucou

Nasarenko, que partia um rolinho de repolho com resultados catastróficos. Como se diante de um terrível acidente de trânsito, Korchnoi não conseguia tirar os olhos daquilo. — Trabalhando até tarde. As informações não param de chegar, e a gente precisa traduzir, analisar, mandar resumos para o quarto andar... Uma avalanche de discos. Estão enviando tudo para o Kremlin.

Interessante. Discos. Com uma produção assim, só podia ser a tal operação.

— Está precisando de ajuda? Posso emprestar um ou dois dos meus analistas.

Um gesto de altruísmo sem precedentes. Os departamentos jamais ofereciam ajuda uns aos outros.

Nasarenko ergueu a cabeça, surpreso.

— Vladimir Andreiyevich, é muita gentileza da sua parte — falou, mastigando metade de um rolinho. — Agradeço, mas esse trabalho deve se limitar a um número bem pequeno de analistas credenciados. É um requisito da operação.

— Bem, se precisar de alguma coisa é só avisar. Sei muito bem como são esses períodos de sobrecarga — comentou Korchnoi.

— Em breve teremos um descanso. Egorov disse que haverá uma suspensão temporária no fluxo de informações. — Nasarenko se inclinou na direção de Korchnoi, o pomo de adão saltitando em compasso com o tremor das bochechas. — A fonte teve uma crise de herpes, está incapacitada.

Sabia que estava cometendo uma falta grave em termos de segurança, mas... Korchnoi também era um chefe de departamento e tinha um longo histórico de bons serviços prestados.

Marble sentiu um calafrio. Foi como se as paredes da cafeteria

tivessem se fechado à sua volta, as vozes se reduzindo a um zum-zum indistinto. Ele se obrigou a tomar uma colherada da sopa e depois disse:

— Nesse caso, que bom pra você. A gente tem de saber aproveitar essas oportunidades. — Baixando a voz, emendou: — Yuri, não deveríamos estar falando desse assunto. Você conhece melhor do que eu a importância dessa operação. Sugiro que não comente com ninguém que tivemos esta conversa, está bem?

Os olhos escuros de Nasarenko cintilaram de culpa quando ele se deu

conta do que o general estava querendo dizer.

— Concordo plenamente — retrucou.

Em seguida ficou de pé, recolheu sua bandeja e se desculpou por ter de sair tão de repente.

Sozinho à mesa, Marble continuou tomando sua sopa, tentando aparentar o máximo possível de naturalidade. Seria aquilo o começo do fim? Do *seu* fim? Tratava-se de uma armadilha direcionada a *ele* ou de um teste de fidelidade generalizado? Ao pensar que Vanya criara uma armadilha, ele balançou a cabeça, incrédulo. O

crocodilo contara a mesma história a pessoas diferentes, mas com pequenas variantes que permitiriam detectar quem andava com a língua solta. *Venha cá, seu canarinho, pegue este pólen aqui e saia por aí batendo as suas asinhas. Era essa a ideia*. Subitamente, avisar Washington havia se tornado mais urgente ainda.

GRYBNOY SUP — SOPA DE COGUMELOS

Deixar os cogumelos de molho, depois coá-los e cozinhá-los em caldo de carne por quatro horas. Dourar lâminas finas de cebola na manteiga e acrescentá-las à sopa. Adicionar amido

de milho, mexer bem e esperar que a sopa engrosse. Temperar, polvilhar com salsa e servir com uma colher de creme azedo por cima.

CAPÍTULO 29

SUBMERSO NA SEMIESCURIDÃO DE SUA sala, Benford via na mesa à sua frente, atulhada de papéis, a mensagem urgente que Marble acabara de enviar. Já a lera duas vezes, imaginando o russo pronunciando as palavras, calculando o número de caracteres permitido a cada comunicação. De repente berrou para a secretária chamar Nate e Alice à sua sala imediatamente. Enquanto esperava, leu o texto mais uma vez:

- Swan definitivamente nos

EUA. V. diz, nada melhor desde os 50. Operação prov. conduzida na capital. Golov pode ser operador. Nasarenko sobrecarregado, discos e dados técnicos.

- V. armou arapuca. Disse a Nasarenko q. fonte está com herpes. P/ mim, falou que operou olhos. Outras variantes, prov.
- V. renovando op. vs. NN. Me designou para comandar (!). Sobrinha de V. no meu depto., apontada contra NN.

- Viagem a Roma deve coincidir com conf. EBES. Aviso quando confirmado. niko.

Os olhos de Benford se demoraram no *n* minúsculo da assinatura *niko*, sinal preestabelecido de que a mensagem fora escrita de livre-arbítrio, sem a coação de uma roda de capangas armados, ditando conteúdo.

Swan era um informante que vinha traficando informações do governo americano. O jogo estava a pleno vapor. O fato de esta operação

ser considerada pelos russos a melhor em muitos anos dava a entender que os dados fornecidos por Swan, além de numerosos, eram de ótima qualidade. Aos olhos de Benford, o que vinha ocorrendo era uma hemorragia de informações nas entranhas do país.

Assim que Alice enfiou a cabeça por uma fresta na porta da sala, foi informada pelo chefe de que seria destacada para um único projeto, de início imediato.

— Mas estou trabalhando naquele caso do agente duplo no Brasil — retrucou ela, sem rodeios.

Não tinha medo de contrariar o

chefe.

— Essa merda pode esperar — decretou ele, sem nem se dar ao trabalho de erguer o rosto. — Quero que você interrompa o que está fazendo e compile uma lista pra mim. Uma lista diferente de todas que já compilou na vida.

— Pode falar — disse Alice, olhando ao redor à procura de algum lugar para se sentar.

Ao não encontrar, permaneceu de pé diante da mesa de Benford.

— Vai ser um pouco não convencional, mas acho que você vai gostar, Alice. — Benford enfim

ergueu os olhos para a funcionária. — Quero que prepare uma relação com os dez maiores segredos do governo americano. Em qualquer área. Defesa, política, tecnologia, sistema bancário, programa espacial, energia, islã... Até a tatuagem na bunda da Pat Benatar está valendo.

— Na bunda de quem? — perguntou Alice.

— Pat Benatar, a cantora pop, não conhece? — explicou Benford, na defensiva. — Comece com os programas mais confidenciais e mais cabeludos do Pentágono, os segredos militares que mais possam interessar aos russos, esse tipo de coisa.

Procure descobrir que projetos o Departamento de Defesa considera mais importantes e delicados. Projetos de longo prazo. Caros. Estratégicos. Se necessário, peça ao vice-diretor de Assuntos Militares pra ligar pro Secretário de Defesa. Educadamente, convide todo mundo a tirar a bunda da cadeira e nos mandar essas informações o mais rápido possível. Depois, quando soubermos o que eles veem como as joias da coroa, vamos examinar as listas de pessoas que têm acesso autorizado para cada um desses projetos. Agora vai. Se vira.

Alice ia saindo quando deu de

cara com Nate à porta da sala e perguntou:

— Por acaso você sabe quem é Pat Benatar?

— Nunca ouvi falar — respondeu ele, tirando as pastas de uma cadeira para se sentar nela. — Não é aquele cara do FBI em Boston que detonou o caso na Nova Inglaterra?

— Deixa pra lá — falou Benford. — Alice, você tem mais o que fazer, não tem?

Virou-se para Nate e entregou-lhe uma cópia da mensagem de Marble. Não pôde deixar de notar que

ele corou ao ler a parte que fazia menção a Dominika.

Nate releu o pequeno texto inúmeras vezes como se pudesse tirar das entrelinhas alguma informação valiosa. Por fim ergueu o rosto para Benford e disse:

— Ela está viva.

— Diva não só está viva como, ao que parece, passou incólume pela dura que deram nela — retrucou Benford. — E agora o tio teve a excelente ideia de designá-la para o caso Marble.

Nesse ponto ele se lembrou da estratégia de sucessão que o russo

sugerira.

— Você acha que ela vai pra Roma com ele? — perguntou Nate.

— Acho melhor você tomar uma ducha fria, rapaz — rosnou Benford. — Nunca vai poder confiar inteiramente nessa garota. Sempre haverá a possibilidade de ela ter mudado de time outra vez. Por enquanto vamos procurar tirar vantagem do fato de Diva, uma informante recrutada por você, recém-submetida a uma investigação de contrainteligência, ter sido designada pela ingênua diretoria do SVR para seduzi-lo com o objetivo de descobrir o nome do oficial sênior

que você opera, isto é, Marble, que por coincidência é o novo chefe dela e está orientando a garota numa operação para neutralizar *você*, o operador *dele*.

Benford olhava para Nate atrás das pastas e jornais que formavam um par de torres gêmeas em sua mesa.

— Você está adorando essa confusão toda, não está? — disse Nate.

— Espero que você seja capaz de lidar com a ambiguidade. Caso contrário, pode pegar suas coisas e dar o fora daqui — falou Benford, sério. — Bem, o que pretende fazer?

— emendou, jogando a batata quente para ele.

Nate respirou fundo, tentando tirar Dominika da cabeça.

— De acordo com esta mensagem, eles ainda não têm a menor ideia de quem seja Marble.

— E como você concluiu isso? — quis saber Benford.

— Se Egorov está jogando iscas no alto escalão do SVR é porque ele espera que uma das versões da história acabe batendo de volta nos ouvidos dele.

— E?

— Isso quer dizer que ele tem

alguém nas internas do governo americano que ocupa um posto *alto o bastante* pra ouvir uma dessas versões e reportar de volta. Alguém no campo de inteligência. O próprio Swan?

— Pode ser — disse Benford. — E o que mais você leu nessa mensagem que pode nos ajudar a descobrir alguma coisa sobre Swan?

Nate baixou os olhos para o papel de novo, depois os reergueu para Benford e falou:

— Me dê uma dica.

— Nasarenko.

Nate examinou o texto mais

uma vez e subitamente ergueu o rosto.

— Sabemos qual foi a versão contada a Nasarenko — observou. — Podemos espalhá-la por aí, mas com método, seguindo os rastros de cada pessoa que receber a isca. Se alguma coisa acontecer a Nasarenko, então vamos ter um ponto de partida, uma lista restrita de pessoas.

— E o feitiço de Egorov vai virar contra o feiticeiro — acrescentou Benford. — Mas você não pode esquecer uma coisa: ele está impaciente, desesperado. Pra Egorov você é um atalho pra solução de um problema, uma solução que o livrará

da guilhotina. Ele está se concentrando em você.

Nate estava pensando em Dominika de novo. Benford percebeu isso, grunhiu de um modo histriônico e disse:

— Seria um prazer ficar horas aqui falando de você, mas infelizmente a gente tem mais o que fazer. Foco, rapaz, foco. Me diga: o que você faria em primeiro lugar no caso de Swan? Se Marble tiver razão, o caso está sendo operado aqui mesmo em Washington, pelo próprio *rezident*.

— Se Golov estiver mesmo coordenando Swan, então isso é um

ponto fraco deles — observou Nate. — Acho que a gente devia cuidar do *rezident* de perto.

— Ótimo. Mas como podemos trabalhar esse cara? O que você faria? — perguntou Benford, incitando-o.

— Não sairia do pé dele por um mês. Pegaria pesado na vigilância, deixaria o sujeito acuado. Olha, sei que você vai ficar puto comigo, mas acho que nesse caso a gente devia chamar o FBI. Se formos mesmo rastrear o russo no centro de Washington, o FBI *tem* de ser convocado. Esses caras da contrainteligência estrangeira são feras, sabem tudo sobre a caça de

espiões. E os da inteligência sabem o que estão fazendo na rua. A equipe de vigilância deles é espetacular. Vamos fazer um esquema de vigilância total. Fazer tanto barulho que Golov vai ter de abortar a missão umas dez vezes. Não vai conseguir se encontrar com Swan. Os figurões da central vão começar a ficar nervosos. Golov vai começar a suar. Eles vão ficar apavorados, com medo de perder o informante. Quanto ao efeito que tudo isso terá sobre Swan, aí eu já não sei.

— Tudo bem. Mas agora é você que está me deixando nervoso — comentou Benford. — Golov é bom

demais pra fazer alguma cagada na rua. Além disso, certamente tem algum esquema de contravigilância no pé dele.

— Não importa — disse Nate. — Numa noite escura e chuvosa a gente o deixa sair sem vigilância. Ele vai achar que está livre, a contravigilância vai confirmar, e ele vai seguir tranquilo pro encontro. Mas os Orions já vão ter ido na frente. Aí, com um pouco de sorte, verão Swan andando pra lá e pra cá numa esquina qualquer, nervoso, ou pelo menos um carro mal estacionado numa rua deserta, cuja placa a gente vai poder pesquisar depois. Vamos

continuar tentando até acertar.

Benford assentiu com a cabeça. O garoto já havia estado do outro lado, sob a mira do FSB nas perigosas ruas de Moscou. Benford sabia quais eram as vulnerabilidades de um informante, o que podia assustar um operador. Nate estava se revelando um bom agente, ele observou, satisfeito.

Benford era praticamente o dono dos Orions. Procurava mantê-los fora do radar de outras pessoas; não os emprestava nem vendia. Afinal, quem haveria de querer uma equipe geriátrica de vigilância composta por agentes de campo

aposentados e seus carros velhos, meias pretas com sandália, binóculos de observador de passarinho? O tamanho da equipe variava de acordo com os compromissos pessoais de cada um: sempre havia um que não podia faltar a uma consulta médica, que precisava visitar os netinhos. No entanto, era a própria essência dos Orions (lentos, pacientes, ponderados) que os tornava tão eficazes. Era impossível tirá-los do sério com alguma provocação. Eles observavam, esperavam, sumiam e reapareciam duas esquinas à frente. Acariciavam o alvo, farejavam-no de longe, iam e voltavam do mesmo

modo que as marés. E nunca perdiam o alvo de vista.

Diversos especialistas já os tinham observado em ação para entender sua metodologia e ensinar outras equipes a obter o mesmo sucesso. Queriam descobrir o segredo daquela mágica e colocar um rótulo nela. “Vigilância de previsibilidade baseada em análises de perfil”, escreviam. “Projeções situacionais como suporte para vigilância seletiva. “Estratégias antecipatórias determinadas por ‘rota de marcha’ e corrigidas pela mitigação do risco aceitável”.

Nenhuma dessas classificações

fazia sentido, diziam os próprios Orions. O segredo era desenvolver o instinto, formular uma hipótese e pagar para ver. Os especialistas ouviam isso e não conseguiam entender. “Tente ver a coisa desta forma”, dissera certo Orion de 68 anos de idade, o mesmo que no início da carreira grampeara as ligações que a GRU russa fazia no Túnel de Berlim. “Nós somos uma *ameba*. Um protoplasma. Flexíveis, moldáveis, capazes de nos locomover em qualquer tipo de terreno. Os especialistas sorriam educadamente, pensando: *Como colocar isso num manual de campo?*

Certa vez, durante uma demonstração prática, os especialistas assumiram as posições tradicionais de uma equipe de vigilância para observar os Orions em ação, mas os caras desapareceram. Aquilo não era vigilância. O alvo tinha sido abandonado e ninguém sabia onde os veteranos tinham ido parar. Quando o alvo chegou ao local marcado, no entanto, os danados já estavam em suas posições, esperando em um parque, um cruzamento, tão silenciosos que ninguém percebia sua presença. “Ideias malucas, alquimia”, diziam os especialistas.

“Não, muito obrigado.” Foi nessa época que resolveram deixar os Orions para Benford.

Eram esses sujeitos que agora estavam no pé do *rezident* Golov, e as avaliações sobre ele já haviam começado: um senhor bastante distinto. Gentil, impassível, mas ainda assim um protocomunista. Benford pedira que eles descobrissem tudo o que fosse possível, mas que ficassem atentos à equipe de contravigilância que sempre cercava o russo.

— Muito bem. Já é hora de tirarmos o Sr. Golov de campo por um tempo — disse ele certo dia, e na

manhã seguinte os vigilantes do FBI já espreitavam o prédio da embaixada da federação russa na Wisconsin Avenue, afundados no banco de um Crown Vic.

***

As reuniões secretas do SSCI para a discussão de "assuntos de inteligência" eram realizadas na sala 216 do Hart Senate Office Building, na Constitution Avenue. Designado apenas como HS, de Hart Senate, nos diretórios do Congresso, o prédio se resumia a nove andares de mármore e janelas escuras, e não chegava nem perto da elegância neoclássica do

Dirksen and Russel Senate Office Building. Benford chegou sozinho, atravessou o átrio imenso e tomou as escadas para o segundo andar. Na sala 216, dirigiu-se à recepção e se apresentou ao guarda do outro lado do balcão. Deixou com ele o celular e só então passou pela porta-forte que levava à sala do comitê.

Chegara cedo para a sessão e o lugar estava vazio, a não ser pelos assistentes que iam deixando pastas em cada lugar da mesa reservada aos congressistas, que ficava sobre um tablado de carvalho. Claro que o móvel ficava acima do nível do chão, Benford sempre dizia a si mesmo.

Senadores gostavam de olhar as testemunhas de cima.

Escondida sob o acabamento das paredes, uma tela de filamentos de cobre pulsava uma energia contínua de modo que, uma vez trancada a porta-forte e acionado o mecanismo, nenhum sinal eletrônico entrasse na sala ou saísse dela.

Nos anos 1980, numa tentativa de espionar um importante depoimento no comitê, os russos haviam montado uma operação para plantar na sala um equipamento de gravação e recolhê-lo assim que possível, um procedimento bastante rudimentar para driblar a sofisticada

blindagem eletrônica. Teriam conseguido não fosse por um faxineiro, que encontrou a engenhoca colada sob uma das cadeiras da plateia durante uma das raras sessões abertas ao público. O homem entregou o aparelho à polícia do Capitólio, que imediatamente o repassou ao FBI. Em vez de recolocá-lo no mesmo lugar com o objetivo de passar informações falsas aos russos, tal como Benford teria feito, os panacas do FBI haviam festejado o "desbaratamento da operação" e destruído o aparelho em mil pedaços, jogando aquela rara oportunidade no lixo.

Benford era a única pessoa sentada à mesa dos depoentes. À sua frente, um pequeno cartão informava seu nome e cargo. Por insistência dos membros do SSCI, a cada três meses ele fazia uma relação de suas atividades numa sessão à qual apenas os quinze membros do comitê tinham permissão para assistir. Os senadores, acostumados desde sempre a um séquito de assistentes, haviam concordado, não sem alguma relutância, com a proibição de auxiliares durante os trabalhos. Tratava-se de uma medida profilática no sentido de reduzir ao máximo, senão por completo, a

quantidade de anotações.

Poucos faltavam às apresentações trimestrais de Benford, vistas por quase todos como as mais concisas e informativas da comunidade de inteligência. À exceção de um único membro, o SSCI o tratava com o mais absoluto respeito. Apenas Stephanie Boucher, senadora pelo estado da Califórnia, parecia nutrir o mais profundo desprezo por todos os depoentes dos setores de inteligência, sobretudo os da CIA. Ao entrar na sala junto com os outros, ela torceu o nariz tão logo avistou Benford, que preferiu ignorá-la e fazer alguma anotação à margem

de seus papéis. Os assistentes esperaram que todos se acomodassem e só então se retiraram. A porta-forte foi fechada e uma lâmpada verde se acendeu acima dela.

— Sr. Benford — disse o presidente, dando início à sessão.

Rapidamente, Benford relatou os avanços mais importantes num caso de cyberespionagem por parte dos chineses na Costa Oeste, afirmando que, se necessário, os técnicos da Divisão de Operações Computacionais da CIA poderiam fornecer mais detalhes. Em seguida passou a outro caso, mais importante

que o primeiro, em que a CIA e o FBI haviam detectado agentes da DGSE, o serviço de inteligência externa da França, abastecendo um esconderijo no norte do estado de Nova York. Um relatório estava sendo preparado em conjunto com o Frog, setor do FBI responsável pela monitoração das atividades francesas em território americano.

Virando uma página de sua pasta, Benford disse:

— Senhores senadores, terminamos a avaliação preliminar que fizemos em conjunto com a marinha americana, e com o fornecedor em questão, dos danos

causados pela infiltração de um ilegal russo em New London, Connecticut. — Ele consultou suas anotações. — Embora o Pentágono ainda esteja trabalhando no relatório sobre as ramificações de longo prazo dessa infiltração no programa naval, podemos concluir desde já que os russos ainda não tiveram acesso a um número suficiente de informações técnicas para afetar a viabilidade operacional da plataforma...

— Perdão, Sr. Benford — interrompeu a senadora Stephanie Boucher. Os demais pressentiram o ataque que estava por vir. — Por que

diabo você usa palavras como “plataforma” quando pode dizer “submarino”? Não é muito mais simples?

— Submarino, então. Muito obrigado, Excelência.

Benford precisou esperar enquanto a senadora discorria sobre o obsoletismo dos submarinos americanos em comparação à classe Dolgorukiy de submarinos balísticos que vinham aparecendo na frota da marinha russa.

A megera é bem-informada, pensou Benford.

A senadora continuou:

— Mas a questão principal nisso tudo, o que realmente chama atenção nesse episódio de New London, é o fato de que nem a inteligência americana nem as diversas instâncias da polícia tiveram a capacidade de detectar, localizar e deter um ilegal russo que vem operando neste país há quase cinco anos. Concorda comigo, Sr. Benford? Ao que parece, esse ilegal conseguiu se infiltrar no programa com a maior facilidade, apesar de todas as investigações biográficas e de todas as outras medidas de segurança.

Stephanie tamborilava seu lápis na mesa.

— Com o fim da Guerra Fria, senadora, a utilização de ilegais tornou-se muito rara — prosseguiu Benford. — Até mesmo os russos reconhecem que se trata de um modo dispendioso e ineficaz de captar informações de inteligência.

Nem passava por sua cabeça explicar como eles haviam ficado sabendo da existência desse ilegal.

— Não foi isso que eu perguntei, Sr. Benford. Preste atenção. O que quero saber é qual das duas agências, na sua opinião, é a mais incompetente: a CIA ou o FBI?

— Não tenho nenhuma opinião formada a esse respeito, senadora —

respondeu ele. — Infelizmente, na sequência desse caso em New London, temos um peixe mais graúdo pra pegar.

— Como assim? — quis saber Stephanie.

— Há indícios de que os russos possuem uma segunda fonte de informações. Alguém com amplo acesso a assuntos confidenciais. Estamos apenas começando, não há nada confirmado ainda.

— Deixe de rodeios! — rugiu a senadora. — De que diabo você está falando?

Benford suspirou ruidosamente. Fechou a pasta à sua frente e cruzou as mãos sobre ela. Olhou para a divisa do Senado americano que decorava a parede às costas dos senadores e disse:

— Temos informações fragmentadas de que há um informante no alto escalão do governo americano, alguém que possui acesso quase irrestrito aos segredos de segurança do Estado e que vem repassando esses dados confidenciais ao SVR russo.

— Em que ponto vocês estão na investigação desse vazamento? — indagou o senador pela Flórida.

— Ainda não sabemos quem, nem o quê, nem onde — retrucou Benford. — Estamos checando todas as possibilidades.

— Resumindo, vocês não têm a menor ideia de quem seja — alfinetou Stephanie.

— Senadora, essas investigações levam tempo — aplacou o senador por Nova York.

Ela riu e disse:

— É, sei muito bem como são essas investigações: centenas de pessoas fingindo que trabalham enquanto embolsam seu salário sem descobrir nada.

Benford deixou que os membros conversassem entre si, depois ergueu a voz e continuou:

— Embora ainda estejamos no estágio inicial da investigação, sabemos que o informante talvez sofra de herpes. Isso pode ser útil mais tarde, quando tivermos em mãos uma lista de suspeitos restrita o bastante para fazer as devidas acareações.

— Tudo isso é muito inconclusivo — sentenciou Stephanie. Virou-se para os colegas e falou: — Se não se incomodarem, gostaria de me retirar. Tenho uma reunião importante com os

integrantes de outro comitê. — Então, dirigindo-se a Benford: — Por hoje já está de bom tamanho.

Ela se levantou, recolheu sua pasta confidencial e foi em direção à porta-forte, deixando os outros remexendo nos próprios papéis em silêncio.

Benford nem sequer ergueu o rosto. Conseguira o que queria. Quinze senadores tinham ouvido a palavra “herpes”. Dois dias antes, três subsecretários da Defesa escutaram a mesma coisa durante um briefing no Pentágono. Dali a três dias o mesmo aconteceria em outra reunião, com membros selecionados

do Comitê Nacional de Segurança, entre eles um diretor sênior do Departamento de Defesa, assistente especial do presidente da República.

Enquanto recolhia suas coisas, a sala já vazia, Benford imaginou os rostos papudos do Kremlin e pensou: *Os camaradas queriam um canário? Então é isso que vão ter.*

***

Vladimir Korchnoi havia sido convocado pelo assistente de Vanya Egorov para uma reunião numa das salas especiais do quarto andar de Yasenevo.

Recebera a ligação de Dimitri assim que pisara em sua sala, antes mesmo de pendurar o casaco no armário e se sentar para ler os relatórios da manhã. Parecia urgente. Ele olhou com tristeza para o prato de *sirniki* que sua secretária deixara sobre a mesa e que ele pretendia comer enquanto lia. Dali a pouco as panquecas de queijo com creme azedo já estariam frias e borrachudas. Antes de sair para o elevador, ele dobrou uma delas com o garfo e colocou-a inteira na boca.

Desde que descobrira os joguinhos de Vanya para desmascarar o informante do SVR, as

armadilhas que ele vinha distribuindo por aí, Korchnoi vira sua vida de agente duplo resvalar da tensão cotidiana à qual ele já se acostumara para o pavor, a constante suspeita de algum desastre iminente. Por catorze anos ele vivera sob pressão e adaptara-se a ela, mas havia uma grande diferença entre vazar informações sem ninguém desconfiar e ser caçado.

Agora, sempre que atravessava as portas do prédio ao chegar para trabalhar ele receava ser recebido por seguranças mal-encarados que o arrastariam do lobby para alguma saleta vizinha. Sempre que ouvia o

telefone tocar em sua mesa, tinha medo de ser convocado para alguma sala sem janelas, repleta de homens carrancudos. Sempre que punha os pés na rua durante o fim de semana, receava ser sequestrado para alguma dacha nos cafundós da cidade.

No quarto andar, Korchnoi saiu do elevador e começou a percorrer a galeria de retratos, pensando: *Bom dia, cambada. E aí, já me descobriram?* Ao entrar na sala de reuniões, deparou-se com Vanya sentado à cabeceira da mesa, rindo de algo que Alexei Zyuganov, chefe da Linha KR, dizia. Zyuganov, aquele gnomo que antes de atirar na testa de algum

prisioneiro enchia a boca do infeliz de trapos de pano só para não ouvir as súplicas de clemência que tanto o *incomodavam.*

A enorme cabeça branca de Egorov parecia reluzir sobre a camisa perfeitamente engomada. Ele recebeu o velho amigo com um abraço e pediu que ele se sentasse.

— Queria que nos encontrássemos nesta sala, Volodya, porque aqui podemos usar o projetor. Já que é você quem está agora no comando da operação, eu gostaria de lhe mostrar um material adicional. — Ele pegou o controle remoto, apertou um botão e em

seguida surgiu na parede uma foto granulada de Nathaniel Nash na qual ele se encolhia de frio com as mãos enterradas nos bolsos do casaco, aparentemente numa rua de Moscou.
— Você nunca viu esse sujeito, Volodya, mas ele é Nash, o agente da CIA que está operando o traidor. Passou menos de dois anos aqui, na embaixada americana. Há um ano e meio, mais ou menos.

Korchnoi se perguntou se aquela foto havia sido tirada enquanto Nate voltava de um de seus encontros com ele. Em seguida cogitou se aquela reunião não passava de uma sarcástica encenação para pegá-lo.

Era bem possível que dali a pouco uma matilha de seguranças raivosos irrompesse na sala para levá-lo. *Não, bobagem. Esta é sua vida. Respire fundo. Mantenha a calma e contorne o abismo*.

— Esse Nash era muito habilidoso. Uma vez quase conseguimos pegá-lo, mas fora isso não tivemos nenhuma outra oportunidade de descobrir o que ele fazia por aqui. — Egorov acendeu um cigarro, ofereceu o maço aos demais. — Mas, na minha opinião, o traidor é alguém do SVR.

Korchnoi procurou digerir as palavras dele. Se fossem verdadeiras

ele estaria seguro, mas ainda havia a possibilidade de que tudo aquilo não passasse de teatro. Olhou para Zyuganov e viu que ele fitava placidamente a imagem projetada na parede. Não se iludiu com a tranquilidade do gnomo: conhecia muito bem seu diabólico talento para a dissimulação.

— Embora seja apenas uma suposição — observou Zyuganov —, uma coisa é certa: os americanos não correriam o risco de realizar encontros em Moscou se não tivessem uma fonte importante.

Korchnoi achou melhor aparentar naturalidade.

— Se os amigos estiverem corretos, isto é, se o peixe for mesmo graúdo *e* estiver no SVR, então a lista de candidatos se resumiria ao diretor, a você, Vanya, e aos doze chefes de departamento, incluindo Lyosha e a mim. — Ele imediatamente notou a expressão contrariada de seus interlocutores. Que diabo estava fazendo? Que maluquice era aquela? — Sem falar, claro, nos assistentes pessoais de cada um, nas secretárias, nos criptógrafos, nas centenas de funcionários com acesso indireto aos cabogramas diplomáticos. Sempre há aquele momento de descuido em que

as pessoas comentam sobre algum assunto importante numa recepção de escritório qualquer, ou deixam um documento importante sobre a mesa.

Vendo no rosto de Zyuganov que ele já havia considerado aquilo tudo, Korchnoi decidiu parar por ali. Achou que estava exagerando nas análises. Egorov apagou seu cigarro e disse:

— Você tem toda a razão, Volodya. São muitas as possibilidades. Só vamos pegar esse traidor se conseguirmos alguma pista interna, algo concreto e confiável. Ou então se conseguirmos flagrá-los na rua, ele ou seu operador. Ambas as opções podem levar meses,

anos até. É por isso que a terceira alternativa é a única que realmente nos interessa.

— Concordo. Sua sobrinha é nossa melhor arma — falou Korchnoi, e precisou conter uma gargalhada ao se dar conta do total absurdo daquela situação: eles estavam discutindo meios de identificar e prender um espião que se encontrava bem ali, debaixo do nariz de ambos.

Zyuganov girou em sua cadeira, os pés suspensos no ar.

— Mas... e se sua sobrinha não conseguir nada num prazo razoável? — aventou. — Nesse caso seremos

obrigados a recorrer a outras medidas. Egorov rapidamente se virou para ele e decretou:

— Nem pensar. Nada de "outras medidas" nessa operação. São ordens expressas do presidente. Fui claro?

O anão girou mais um pouco, agora com um discreto sorriso nos lábios.

— Você tem toda a razão — opinou Korchnoi. — Na história do nosso serviço, na história de todas as operações de inteligência durante o pós-guerra, ninguém jamais achacou um agente adversário, pelo menos *intencionalmente*. Isso não se faz. O tumulto que isso gera não vale a

pena.

— Calma, Volodya. Se eu quisesse partir pra ignorância, estaria falando com a Linha F, não com você — comentou Egorov, rindo. — Não. Meu objetivo é uma operação elegante, sutil, inteligente, que produzirá resultados rápidos e deixará nossos inimigos boquiabertos, sem entender direito como perderam seu ativo tão importante, admirados com a competência e com a esperteza do SVR.

MARBLE

Misturar vigorosamente queijo de cabra, ovos, açúcar, sal e farinha até formar uma massa pegajosa. Levar ao refrigerador. Depois que gelar, fazer pequenas bolotas com a massa e mergulhá-las na farinha, depois achatá-las em pequenos discos. Fritar na manteiga derretida em fogo médio e retirar assim que a panqueca dourar. Servir com creme azedo, caviar, peixe defumado ou geleia.

CAPÍTULO 30

KORCHNOI E DOMINIKA ESTAVAM na minúscula sala do apartamento do general. O velho contemplava a desconcertante beleza da moça, observando a delicadeza dos gestos dela, a elegância ao caminhar, o despudor ao fitá-lo diretamente nos olhos. Quanto mais tempo passava com ela, mais se convencia de que fizera a escolha certa. O próximo passo seria cooptá-la. A conversa daquela noite não seria nada fácil.

Por fora ela apresentava ser uma pessoa fria, controlada, determinada.

Mas nas interações, nos gestos e até mesmo na deferência que lhe dedicava, Korchnoi percebia um ardor que parecia tender para a revolta. Embora ela nunca tivesse falado de sua passagem pela Escola de Pardais, ele levantara discretamente boa parte dos fatos, assim como fizera em relação à passagem dela pelos porões de Lefortovo.

A jovem estava escondendo alguma coisa, disso ele tinha quase certeza. Não se passava um único dia sem que ela se dissesse ansiosa por encontrar o americano de novo. No entanto, algo em sua voz, ou no modo

como inclinava a cabeça, dava a entender que o contato com Nathaniel em Helsinque gerara algum tipo de sentimento que ia além da relação operadora/alvo, talvez algum conflito, alguma empatia, até mesmo algum encanto. Em breve ele saberia o que era.

Naquela manhã eles haviam começado a trabalhar no "Projeto Nash", como o haviam batizado. Com as luzes de seu escritório apagadas, o general havia ligado um projetor para exibir imagens do americano e, logo na primeira delas, ao fitar Dominika de soslaio, tivera a impressão de que os olhos da jovem haviam se

arregalado um pouco, de que as narinas haviam se aberto. Impiedosamente ele prosseguira com as imagens, relatando em detalhes tudo o que o SVR sabia a respeito de Nash, repassando os relatórios que ela mesma mandara de Helsinque, observando-a sempre, interpretando as reticências.

Ao fim da projeção ele alertara Dominika para o fato de que a fase seguinte do projeto seria bem mais complicada do que a anterior, em Helsinque. Ela teria de viajar para fora da Rússia, e para que seus deslocamentos no exterior fossem justificados, precisaria ser

transferida para o serviço de mensageiros do SVR na Diretoria OT. Operaria sozinha no Ocidente. Sua função seria se reaproximar do rapaz americano e seduzi-lo para tirar dele o nome do *krysa*, do rato traidor. Então Korshnoi perguntou se ela achava que seria capaz de fazer isso. Os olhos de Dominika cintilaram e tremeram. Emoção. Conflito.

Fora difícil, para ela, ser obrigada a olhar para a imagem de Nate. Seria possível que o general tivesse percebido sua agitação? Por quanto tempo ela conseguiria enganá-lo? O que exatamente ele sabia a seu respeito?

Ao fim da conversa ele a convidara para jantar em seu apartamento. Prepararia algo simples, um prato não russo, uma massa para celebrar a iminente viagem a Roma, e durante a refeição eles poderiam continuar falando sobre a operação. Não havia nenhum traço de segundas intenções no convite. Vladimir Korchnoi era um oficial graduado e respeitado, um veterano da espionagem, não um *grubyj chelovek*, um moleque qualquer. Eles haviam tomado o metrô juntos, saltado na estação de Strogino, no Quarto Distrito, e caminhado por um amplo parque às

margens do rio Moscou. O prédio do general era o terceiro de uma série de cinco construções idênticas, espigões tubulares que pareciam estriados pela ferrugem das esquadrias metálicas. O apartamento ficava no décimo segundo andar, e o elevador capenga grunhira ruidosamente ao subir com eles.

O imóvel era pequeno e modesto, mas confortável o suficiente para um homem solitário que não fazia muita questão de espaço. Havia poucos itens de decoração: na parede, uma bonita pintura a óleo italiana; no chão, um tapete de seda persa. Logo se via que

o morador tivera uma carreira de viagens ao exterior. Num canto ficavam uma poltrona já bastante gasta, uma luminária de chão e uma estante baixa com alguns livros de capa dura. A janela da sala tinha uma ampla vista para o rio.

Dominika notou o porta-retratos com uma foto de Korchnoi ainda bem jovem ao lado de uma mulher, perto de um lago. Era verão, e ele a envolvia pela cintura.

— Isso foi em 1973 — explicou. — Num lago italiano. Maggiore, eu acho. — É sua esposa? — perguntou Dominika. — Ela é muito bonita.

— Vinte e seis anos de

casamento — disse ele, tomando o porta-retratos das mãos de Dominika. Virou-o na direção da luz para vê-lo melhor. –

Viajamos o mundo inteiro juntos. Itália, Malásia, Marrocos, Nova York. Depois ela ficou doente. Passou meses com um diagnóstico errado. — Ele colocou o porta-retratos de novo na mesa de centro e conduziu Dominika à minúscula cozinha. — Espero que você nunca precise de uma embaixada russa pra nada, muito menos se adoecer fora do país — falou sorrindo.

Ela notou que ele estava com a cabeça baixa.

O general contou que havia se mudado para aquele apartamento após a morte da mulher. Não poderia continuar no antigo lar dos dois, então o trocara pelo atual, que apesar de pequeno era relativamente moderno, tranquilo e perto do centro da cidade. Falou que gostava do cinturão verde ao longo do rio, mas preferiu omitir que as transmissões em rajada que emitia através daquela janela tinham uma excelente linha de mira para o satélite americano.

Ele serviu duas taças de vinho moldávio. A cozinha dispunha de uma pia, um fogão de três bocas e uma pequena geladeira que chocalhava

sempre que a porta era aberta. Recostada na bancada, Dominika ergueu sua taça e propôs um brinde ao sucesso da operação. Via que o general estava completamente à vontade, irradiando um aconchegante brilho violeta que parecia vir das profundezas de seu ser.

Embora fizesse pouco tempo que trabalhavam juntos, Dominika já se afeiçoara bastante a Korchnoi. Além de cativá-la com o brilhantismo técnico e a impressionante intuição, ele a tratara com respeito desde o início, até mesmo com certo cuidado, como se lamentasse tudo o que ela

padecera até então. Durante uma reunião de departamento, havia endossado e defendido o ponto de vista dela sobre determinada operação. Na verdade, tomara as dores da recém-chegada, e era por isso que Dominika via nele algo do pai e estava aliviada por tê-lo agora a seu lado. Caso fosse descoberto, o jogo duplo que ela vinha fazendo sem dúvida o magoaria, talvez até apressasse o fim da carreira dele. Será que ele entenderia os seus motivos?

Enquanto preparava o jantar, Korchnoi indagou sobre a vida de Dominika, sobre a família dela, e a

jovem, longe dos rigores e protocolos de Yasenevo, pôde falar livre e afetuosamente sobre os pais, as aulas de balé, a delícia que fora descobrir o Ocidente. Helsinque havia sido uma grata surpresa, e agora ela queria conhecer o mundo. Conversar sobre essas coisas com o general quase a fazia esquecer que vinha mentindo para ele. Dominika afastou o pensamento.

— Mas alguma coisa aconteceu com você em Helsinque — arriscou Korchnoi, trabalhando diante da bancada. — Pode me contar o que foi?

Dominika hesitou por um

instante, organizando as ideias enquanto o via picar tomates, cebola e alho sobre uma frigideira com azeite quente, perfumando a cozinha. O homem ainda por cima sabia cozinhar. Um espanto. Ela tomou o último gole de seu vinho e disse:

— O voluntário americano que ajudei a operar foi preso logo depois de fazer sua entrega. Além de mim, o *rezident* era a única pessoa que sabia desse encontro. Ninguém entendeu nada, então eles partiram para a pior das hipóteses, a de que eu havia vazado a informação para os americanos. — Esperou que Korchnoi a servisse de mais vinho e

continuou: — Mas depois concluíram que eu era inocente.

Não queria falar mais daquilo, não queria continuar mentindo para o general.

— Sim, mas... eu estava me referindo a *outra coisa* que aconteceu em Helsinque — insistiu Korchnoi, cauteloso. — Li os seus relatórios. Apesar da regularidade dos contatos, você não fez muito progresso com Nash.

Dominika percebeu o tom que ele usara e viu que precisava escolher bem as palavras. Todo cuidado seria pouco.

— É verdade — retrucou ela com a voz firme. — A princípio ele não demonstrou muito interesse, não queria saber muito de mim. Não foi muito fácil convencê-lo.

Teria ele percebido a mentira?

— Estranho. Uma mulher bonita como você... E ele, bonito também, jovem, solteiro, um oficial de inteligência morando sozinho num país estrangeiro... Korchnoi deixou a frase no ar.

O molho de tomate começou a borbulhar e Dominika ficou em silêncio, só observando enquanto Korchnoi vertia um fio de vinagre balsâmico na panela e acrescentava

folhas de manjericão que ia destacando dos talos. Sua aura parecia ainda mais brilhante.

O general olhou para ela. Nem Benford nem Nate tinham dito que a garota fora recrutada na Finlândia, mas ele estava quase certo, e achava que já era hora de ir além.

— Você teve uma sorte danada até agora, minha querida — falou baixinho. — Mesmo neste momento, com a União Soviética reduzida a pó, o monstro continua lá, logo abaixo da superfície.

Dominika ficou assustada: podia sentir que estava sendo enredada. Deu-se conta de que não fora tão

esperta quanto havia imaginado, afinal. Korchnoi estava desconfiado. Não, mais que isso: ele *sabia*. O velho feiticeiro. E agora, o que fazer? Se insistisse na mentira, ela continuaria mostrando desrespeito e correria o risco de ser afastada da operação, assim como do departamento. Se confessasse tudo, colocando a vida nas mãos do general, que motivo ele teria para não denunciá-la? Lefortovo seria uma colônia de férias diante do destino que a esperaria nesse caso. *Defenda-se*, ela pensou.

— Conheço esse monstro de perto — falou, altiva. — Dormi nos porões de Lefortovo. Fui obrigada a

passar pela Escola de Pardais. Forçada a ver um homem ser assassinado com um garrote; por pouco não arrancaram fora a cabeça dele. Minha amiga Marta desapareceu em Helsinque. Disseram que ela desertou, mas não nasci ontem.

Só então ela percebeu que estava falando alto demais para o espaço tão reduzido daquela cozinha.

Korchnoi não pôde deixar de notar a rapidez com que ela perdia as estribeiras. Decidiu pressionar um pouco mais:

— Esse rapaz americano, Nash, você gostava dele?

— Acho que sim — retrucou ela. — Era um cara engraçado, agradável, cortês. Eu não sabia que os americanos eram assim.

De repente se achou uma idiota, mal acreditando que dissera "cortês". Korchnoi ainda a encarava, irradiando seu violeta, visivelmente calmo. Era como se ela fosse um passarinho enfeitiçado, incapaz de fugir ao ver uma serpente rastejar pelos galhos de uma árvore rumo ao ninho.

— Tenho a impressão de que você conheceu esse rapaz muito mais do que admitiu nos relatórios que mandou de Helsinque — disse

Korchnoi, e se calou para mexer o molho. O barulho da colher na panela foi o único som na cozinha até que, com delicadeza, ele arriscou: — Como foi que eles recrutaram você?

Dominika permaneceu imóvel, olhando para ele. Abriu a boca para dizer algo, mas não encontrou as palavras. Sabia que havia alcançado o cume daquela montanha de riscos e perigos que definia sua vida secreta. Aquilo era muito mais difícil do que resistir à brutalidade de Lefortovo. Suas mãos tremiam quando ela pousou a taça de vinho sobre a bancada. Korchnoi ainda mexia o molho e a cozinha se preenchia com o

halo violeta que ele irradiava. Ela podia sentir a força incontestável que vinha daquele homem. Sabia que contava apenas consigo mesma, que precisava se proteger, sair dali e fugir para algum lugar. Foi então que Korchnoi, a velha raposa, disse algo extraordinário:

— Dominika, eu posso ver. Estou lhe dando a *oportunidade* de me contar a verdade, de confiar em mim. Não vou lhe fazer nenhum mal.

Meu Deus, pensou ela, *que belo interrogador daria esse general!* Mas sua intuição lhe dizia que ele estava sendo sincero, que realmente não tinha a intenção de prejudicá-la. Ela

queria que ele a ajudasse, *precisava* dividir aquele fardo com ele.

— Comecei obedecendo às ordens da *rezidentura*, tentando recrutar Nate enquanto *ele* tentava fazer o mesmo comigo — começou ela, trêmula. — Era uma corrida pra ver quem recrutava o outro primeiro.

Ainda resistia, ainda hesitava à beira do penhasco. Dera uma resposta evasiva, não confessara nada.

Korchnoi não a deixaria escapar.

— Sim, eu sei — falou. — Mas ouça com atenção: eu quero saber *como* eles recrutaram você.

Dominika balbuciou alguma coisa incompreensível, como o sussurro de uma sonâmbula, e Korchnoi arqueou as sobrancelhas, ainda à espera de uma resposta. Nesse momento, ela decidiu saltar do penhasco e colocar a vida nas mãos dele.

— Eles não me recrutaram. Eu *escolhi* trabalhar pra eles. A decisão foi minha. Assim como as condições.

Korchnoi encheu uma panela com água da pia, levou-a para o fogão e jogou dentro um punhado de sal. Sinalizou para que Dominika se aproximasse e lhe entregou a colher a fim de que ela continuasse mexendo

o molho.

— Não teve nada a ver com amor — continuou ela num fiapo de voz. — Foi uma questão de escolha.

Korchnoi não disse nada, mas Dominika sabia que estava segura. Saltara do penhasco e agora se via em pleno voo, o vento rugindo à sua volta, o mar explodindo contra os rochedos lá embaixo. Ela planava nas alturas, mas *sabia* que estava segura.

O homem estava satisfeito. Não via a confissão dela como uma fraqueza, uma insanidade ou uma estupidez. Observara como ela calculara as palavras, como avaliara as intenções dele, mas, acima de

tudo, notara com admiração como ela confiara nos próprios instintos para dar aquele salto mortal. Sua confissão havia sido uma importante prova de confiança. No futuro próximo ela teria de confiar nele.

Agora era sua vez de arriscar. Em catorze anos ele nunca dissera nada a ninguém, mas não havia outro jeito: para que aquela estratégia de sucessão tivesse alguma chance de êxito era preciso que eles construíssem uma sólida parceria. Abrir o jogo seria tão difícil para ele quanto fora para ela.

Eles estavam bem próximos no exíguo espaço da cozinha, o gás

chiando nas bocas do fogão, o molho crepitando sobre o fogo baixo, a colher de pau produzindo um ruído quase musical ao roçar o alumínio da panela. Sem interromper o que fazia, Dominika olhou para Korchnoi. Ficava ainda mais bela assim, de perto, mas ele gostou de ver que ela não se aproveitava disso.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Dominika baixinho. — Você vai me denunciar?

Ela queria ouvir as palavras da boca dele, caso fosse essa a sua intenção.

— Vou fazer isso se você deixar essa massa passar do ponto —

respondeu Korchnoi. Em seguida, jogou na panela as varetas secas de *bucatini*, que se espalharam em leque na água fervente. — E tome cuidado pra que o molho não grude no fundo. Vou ali tirar este paletó e esta gravata. — Foi em direção ao quarto, mas ainda no corredor parou e pensou: *Tem de ser agora*. Voltou à cozinha e disse: — Sabe de uma coisa? Tenho plena consciência de que minha tristeza não vai trazer minha mulher de volta, mas, desde que fiquei sem ela, não acredito mais em causa nenhuma. Meu coração virou uma pedra. Perdi completamente a fé na ideologia

oficial. Continuava fazendo meu trabalho, mas não me considerava u m *deles*. Eles não mereciam minha fidelidade, assim como não merecem a sua agora. Eles mesmos justificam o nosso desprezo.

Pronto. Agora não havia mais como voltar atrás. Ele a encarava, e ela o fitava de volta com os olhos arregalados, tentando digerir todas as implicações daquelas palavras enquanto ele afrouxava o nó da gravata.

— *É você?* — sussurrou ela, por fim. — É você que eles estão procurando? Você é o...

Korchnoi levou um dedo aos

lábios para silenciá-la.

— Atenção ao molho. Não pare de mexer — disse, e lhe deu as costas, voltando para o corredor com seu manto violeta.

***

— As chances de sucesso são grandes, e os riscos operacionais, mínimos — garantiu o general Korchnoi. — Estamos prontos pra retomar a operação em Roma. Conheço bem a cidade.

— Continue — ordenou Vanya.

Eles estavam no sofá da sala do vice-diretor e Zyuganov tinha se

acomodado numa das poltronas laterais.

— O cabo Egorova deverá procurar o chefe da CIA em Roma. Sabemos o endereço dele no centro histórico. Vamos escolher um domingo chuvoso e modorrento em que todo mundo esteja grudado nos jogos de futebol da TV. Egorova dirá que ficará apenas alguns dias na cidade como mensageira do SVR, que correu muitos riscos para procurá-lo e que gostaria de entrar em contato com Nathaniel Nash, o adido que ela conheceu na Escandinávia. O chefe da estação saberá o que fazer. Irá ligar para o Nash, e ele pegará o primeiro

avião pra Roma.

— E depois que Nash chegar? — perguntou Egorov.

— É bastante provável que eles se encontrem no quarto de hotel do americano — retrucou Korchnoi. — Procedimento-padrão. Ela vai dizer que foi transferida para o serviço de mensageiros e que por isso fará viagens frequentes para a Europa, Ásia e América do Sul. Os americanos, claro, ficarão interessados no acesso dela, na possibilidade de interceptar um malote do SVR. Essa história nos permitirá determinar a frequência e a duração dos contatos futuros, e assim Egorova poderá reacender o

relacionamento que começou em Helsinque.

— Ótimo — elogiou Egorov.

— Vou permanecer nos bastidores — continuou Korchnoi —, intervindo e aconselhando sempre que necessário.

— Estou confiante em que vai dar tudo certo.

— Posso fazer uma sugestão operacional aos colegas? — perguntou Zyuganov. — Por que não fazer Nash vir ao encontro de Egorova no hotel *dela*? Quanto mais controle tivermos, maior a segurança.

Korchnoi se perguntou por que o gnomo dissera aquilo.

— A esta altura isso é apenas um detalhe — afirmou Vanya, abanando a mão. — Por enquanto vamos nos concentrar no sucesso da operação.

— Claro — falou Zyuganov, deferindo ao chefe. Então, dirigindo-se a Korchnoi: — Você nos manterá informados de tudo, não é? As datas e os horários dos encontros, os locais etc.

— Claro que sim — disse Korchnoi, enfático. — O mais regularmente possível, a menos que haja algum impedimento de força maior.

— Muito obrigado, general — retrucou Zyuganov.

***

Korchnoi atravessava com Dominika um dos longos corredores de Yasenevo. Eles agora conheciam o segredo um do outro. Nada era dito, mas os olhares eram carregados de significado e o vínculo entre os dois se tornara indestrutível, talvez até um tanto desconfortável. Dominika caminhava ao lado do general, mancando discretamente como sempre, mas em sua cabeça ela voava: visitaria Roma pela primeira vez e voltaria a ver Nate. Eles já

haviam chegado aos elevadores quando, percebendo que o chefe estava um pouco agitado, ela perguntou:

— O que foi?

Agora, todas as interações entre eles tocavam no monumental segredo que dividiam.

— Alguma coisa não está certa. Precisamos redobrar os cuidados durante nosso pequeno passeio em Roma — disse ele. — De agora em diante, Dominika, você vai ter de fazer *exatamente* o que eu mandar. *Likha beda nachalo.* Os desastres sempre começam com um problema.

Eles entraram no elevador e as portas se fecharam, engolindo-os por inteiro. Zyuganov falava ao telefone em seu escritório. As paredes do pequeno recinto eram cobertas de fotos dele na companhia de seus colegas do SVR, ora na praia, ora diante de uma dacha, ora posando juntos em formação. A maioria já havia sumido do mapa, expurgada por suas próprias mãos, tal como ele sempre gostava de observar.

Ele balançava a cabeça enquanto repetia "*Da, da...*" ao telefone, como se estivesse recebendo instruções detalhadas.

— Sim, senhor, entendido. Sei

exatamente o que precisa ser feito. Sim, senhor. — Ele desligou e logo em seguida chamou a secretária pelo interfone. — Peça ao Matorin que venha até minha sala. Já — ordenou.

Pro serovo rech a servy, navstretch, disse a si mesmo, recostando-se na cadeira. Basta pensar no diabo para ele dar as caras.

O MOLHO DE TOMATE DE MARBLE

Refogar cebolas picadas, alho amassado e filés de anchova no azeite até que o ambiente fique perfumado e os filés comecem a se desmanchar. Acrescentar um pouco de massa de

tomate no meio da panela e mexer até que ela adquira um tom ferruginoso. Acrescentar tomates maduros picados, orégano macerado, pimenta dedo de moça e manjericão fresco. Temperar a gosto. Deixar o molho reduzir até engrossar e, como toque final, acrescentar um fiapo de vinagre balsâmico. Decorar com folhinhas de manjericão. Servir com massa ou almôndegas.

CAPÍTULO 31

O MOVIMENTO NA REZIDENTURA EM Washington vinha ficando cada vez mais fraco: uns preparavam chá na cozinha, outros liam o jornal, outros assistiam aos telejornais da CNN ou do canal russo RTR-Planeta. Vez ou outra alguém se levantava para espiar através das persianas que deviam ter sido abertas pela última vez em 1990. Quanto aos cabogramas diplomáticos, nada chegava, nada saía. Almoços eram cancelados, contatos novos começavam a esfriar. As semanas seguidas de vigilância do

FBI, tanto as motorizadas quanto as realizadas a pé, eram sufocantes, esmagadoras, algo que nunca se vira antes. Após o primeiro mês a central havia ordenado a interrupção, até segunda ordem, de toda a atividade operacional. Também pedira à *rezidentura* que preparasse uma avaliação de segurança para explicar a situação. O problema era que *não havia* explicação.

Nem mesmo o elegante *rezident* Golov fora poupado. Em vinte das últimas trinta noites ele detectara um esquema de vigilância veicular dirigido especificamente contra ele. A data para o encontro alternativo com

Swan se aproximava e ele precisava despistar os vigilantes de qualquer maneira; não poderia faltar a segunda vez. Só Deus sabia qual seria a reação da megera.

As dez noites em que nem Golov nem sua equipe de contravigilância tinham detectado o menor sinal de espionagem haviam sido, ao contrário de qualquer lógica, as piores de todas. Noites de incerteza, de dúvida. Talvez os americanos dispusessem de alguma estratégia nova, alguma tecnologia recente, quem poderia saber? Só mesmo o diabo e mais ninguém. Mas ele precisava despistá-los.

Tudo precisava ser feito para preservar Swan, mas a mulher era o pesadelo de qualquer equipe de segurança. Rejeitava toda e qualquer proposta no sentido de protegê-la: comunicações eletrônicas, encontros em hotéis diferentes, datas alternativas previamente combinadas para substituir algum encontro abortado. Ela não aceitava nada disso. “Se eu tiver o trabalho de me despencar pra um encontro marcado”, dissera a Golov, “é melhor que você e sua bunda estejam lá à minha espera.” A mulher era impossível. A vontade de Golov era passá-la para as mãos de algum ilegal

de pouca visibilidade, mas Moscou não deixava, sobretudo depois do que acontecera ao ilegal de New London.

Portanto, Golov se via diante de um dos clássicos dilemas da espionagem: ter de encontrar um ativo importante numa noite e num local predeterminados, a despeito da existência ou não de vigilantes nas ruas. Abortar a missão seria inaceitável, impossível. Aquela noite seria o encontro "estepe" que eles tinham combinado. Ele *tinha* que ir.

Durante a tarde, ele repassou com a equipe de contravigilância todas as possíveis rotas de detecção

de vigilância. Falou que queria tentar atrair todos os adversários de uma vez para fora de seus esconderijos e, mais importante, tentar escapar de todos eles juntos. Eles estabeleceram um código numérico a ser transmitido pelos rádios criptografados para sinalizar que a estratégia havia funcionado e em seguida reviram as rotas uma última vez.

Golov sabia que aquilo era uma loucura. Apenas um ativo tão valioso quanto Swan justificava tamanho risco. Além disso, a central vinha insistindo, então ele precisava tentar.

No meio da tarde, os oito carros

atravessaram os portões da embaixada e seguiram pela Avenida Wisconsin, Golov entre eles com seu BMW Série 5. Ao constatar que cada um deles tomava uma direção diferente, os sentinelas do FBI anunciaram pelo rádio, no mesmo instante, que se tratava de uma formação estrela, tática tradicional para sobrecarregar a vigilância adversária e, com sorte, deixar o caminho livre para um ou dois carros. O anúncio também foi ouvido pela equipe Orion da CIA. Interessados apenas em Golov, eles continuaram esperando pacientemente até receberem alguma informação sobre

o *rezident*, que dirigia o próprio carro. Com sua equipe de contravigilância já à espera a oeste da Wisconsin, Golov continuou seguindo por ela até alcançar a Avenida Western, que demarcava a fronteira entre o distrito de Colúmbia e Maryland, depois virou para o sul, embrenhando-se em zigue-zague pelas ruas de American University Park. A certa altura ele estacionou o carro, esperou e dali a quinze minutos recebeu o sinal da contravigilância: nenhum sentinela aparente. Seus homens não tinham visto os dois carros parados que os Orions já haviam despachado para as

redondezas do bairro.

Golov voltou para a direção oeste e seguiu pelas ruas residenciais enquanto sua equipe fazia um caminho paralelo. Ninguém via ou farejava qualquer sinal da movimentação adversária simplesmente porque não havia nenhum. Os homens da contravigilância continuaram cobrindo Golov enquanto ele pegava a Canal Road e atravessava a Chain Bridge na direção da Virgínia. Isso foi informado por um dos carros dos Orions que esperava no cruzamento da Arizona com a Canal, a única rota possível para a travessia do rio

Potomac entre Georgetown e o Anel Rodoviário. Os Orions ficaram tentados a invadir os subúrbios da Virgínia, mas o líder da equipe, um ex-instrutor de vigilância de 65 anos chamado Kramer, os havia instruído a aguardar. Kramer preferiu despachar três carros para seguir Golov paralelamente ao caminho que ele traçava do lado de Maryland do Potomac. Eles agora margeavam o rio na direção norte, antecipando-se à rota do russo, uma de suas estratégias clássicas.

Um dos veículos era guiado por uma vovó (igual a qualquer outra quando não estava rastreando

agentes do SVR) que se dirigiu ao estacionamento da Eclusa 10 no parque nacional do canal Chesapeake e Ohio.

O segundo, também conduzido por uma velhinha, foi para o Old Angler's Inn da MacArthur Boulevard, 6 quilômetros à frente; a respeitável senhora se acomodou numa das mesas externas e ficou admirando o entardecer, tentando adivinhar quais dos casais espalhados à sua volta estavam traindo os cônjuges.

A terceira Orion despachada por Kramer, uma tia-avó, foi para outro local 6 quilômetros ao norte do vilarejo de Potomac, parou no

Hunters Inn e pediu uma saladinha, embora ainda fosse cedo para jantar.

Enquanto aguardavam, as três mulheres anotavam a placa dos carros que por algum motivo chamavam sua atenção e observavam os pedestres que se demoravam por ali. A lista de suspeitos crescia. Seria possível que algum deles estivesse à espera do BMW preto? Os outros dois carros da equipe Orion (que naquele dia estava reduzida) se separaram: um deles cobria as redondezas da River Road a sudeste do Potomac e o outro estava estacionado à entrada do parque nacional, aonde traidores americanos

do passado, como Walker, Ames, Pollard e Pelton, tinham ido recolher sacos de dinheiro russo nas entranhas de uma árvore qualquer. Os Orions estavam sentados imóveis, escaneando o perímetro com os olhos, tentando avistar o reflexo ou o vulto negro de um BMW. Caso Golov seguisse para a Virgínia, eles perderiam; se voltasse para Maryland, mas na direção oposta à do Potomac, perderiam também. Só lhes restava esperar. Era assim que funcionava a estratégia que tinham colocado em curso. Haveria outros dias e outras noites. A única coisa que precisavam fazer era estar certos

uma só vez.

***

Dessa vez, porém, eles estavam errados, pois Golov voltou para Maryland pela I-495, uma via expressa que o levaria, junto com sua equipe de contravigilância, até o último trecho da rota combinada, a sinuosa Beach Drive, que atravessava o Rock Creek Park ora entrando, ora saindo do bosque, sempre margeando o riacho até a altura de Georgetown. Assim que ouviu pelo rádio a informação de que o caminho estava livre, Golov saiu da Beach Drive no final do Rock Creek e

estacionou na Rua 22, no West End, deixando sua equipe continuar o caminho para o sul. Na hipótese de que o FBI tivesse conseguido plantar um sinalizador no BMW (o que era improvável, pois além de nunca ser deixado sozinho o carro era submetido a uma rigorosa varredura semanal), eles o encontrariam a um quarteirão de distância tanto do Ritz-Carlton quanto do Fairmont Hotel, em algum lugar no corredor de mais de cinquenta restaurantes da Rua K. Se quisessem pegá-lo, teriam de entrar em cada um desses estabelecimentos.

Golov trancou o carro e

atravessou a pé os seis quarteirões que o separavam do bom e velho Tabard Inn. A essa altura já havia anoitecido e uma luz suave iluminava o interior do hotelzinho.

Mais uma loucura, usar o mesmo local de encontro duas vezes seguidas. Pelo menos havia decorrido um tempo razoavelmente longo desde a última reunião. Golov entrou no hotel, atravessou o lobby e foi direto para o jardim dos fundos. Dessa vez Swan já estava lá. Ela ocupava uma mesa junto ao muro e se recostava nele, fumando. Golov se preparou para a bronca. Swan acabara de pedir outra bebida ao

garçom. À sua frente havia um copo longo vazio. Ela vestia um terninho azul com uma camisa vermelha e usava um colar de pedras azuis. Nas unhas, o esmalte vermelho combinava com a blusa. Os cabelos louros estavam penteados para trás e o rosto, sob a luz difusa das lâmpadas que pontilhavam as árvores, parecia envelhecido e um tanto ressecado.

— Como vai, Stephanie? — cumprimentou Golov.

Estendeu a mão para a senadora, mas foi ignorado. Restou-lhe abrir um sorriso e se sentar também. O garçom chegou com o uísque duplo dela. Cansado e

dolorido após cinco horas no interior de um carro, Golov pediu um Campari com soda.

— Anatoly — disse Stephanie, sorrindo e rosnando ao mesmo tempo —, faz quase uma hora que estou plantada neste jardim ridículo.

Precisou acionar o isqueiro umas dez vezes antes de conseguir acender mais um cigarro.

— Desculpe — retrucou Golov —, mas eu estava tentando evitar que o FBI inteiro viesse jantar conosco.

— Muito profissional da sua parte.

— Poderíamos facilitar muito as

coisas se você aceitasse fazer algumas pequenas mudanças — comentou ele.

— Esse assunto de novo, não. Mas fico aliviada por saber que você se preocupa com a minha segurança, sobretudo agora que estão virando Washington pelo avesso à procura de um informante no alto escalão do governo.

— É mesmo? O que você ouviu? Não temos nenhum motivo para recear que seu status tenha sido comprometido — afirmou Golov. — Temos certeza absoluta de que tanto o FBI quanto a CIA nem sequer suspeitam do nosso relacionamento.

Apenas cinco pessoas no mundo sabem quem você é, e essa lista inclui nós dois. Que história é essa sobre uma busca em Washington? Detalhes, Stephanie, por favor.

A coisa devia ser importante. Sua cabeça começava a coçar, e isso era um mau sinal.

— Que bom que você está tão confiante. Mas como explica o briefing que ouvi de um daqueles idiotas da CIA durante uma sessão particular do comitê? Alguma pista eles têm. Estão procurando alguém que sofre de herpes. Você sabe o que é isso, não sabe? Aquelas feridas vermelhas que doem à beça? Tanto

quanto minha bunda está doendo agora?

Ela inclinou a cabeça para trás e terminou seu uísque, os cubos de gelo batendo contra os dentes. Imediatamente pediu mais um.

— Stephanie, você não sofre de herpes, sofre? — perguntou Golov.

Ele teria de repassar a informação ainda naquela noite.

Stephanie o encarou com irritação.

— Isso não vem ao caso. Você sabe tão bem quanto eu que não posso colocar minha posição em risco. Suei muito pra chegar aonde

cheguei.

Golov ficou pasmo ao constatar que, cega por seu ego sem limites, a mulher via aquele jogo terrivelmente perigoso apenas como um possível obstáculo a sua ascensão na carreira política. Seria possível que não fizesse nenhuma ideia dos riscos envolvidos? Das consequências?

— É por isso que insisto que passemos a nos encontrar num quarto de hotel — disse ele.

— Vou pensar no assunto. — Stephanie deu uma olhada de cima a baixo no garçom quando ele trouxe o terceiro uísque. — Tem mais uma coisa — falou com firmeza, no

mesmo tom que usava durante os depoimentos no Congresso. — Se *vocês* fizerem alguma merda e a polícia federal vier bater n a *minha* porta, fiquem sabendo que não vou pra porra de prisão nenhuma. Não v o u *mesmo*. Então eu gostaria que vocês me dessem alguma coisa... permanente. Algo que eu possa tomar.

Golov se recostou na cadeira, perplexo. Assustada com a existência de uma operação federal, a mulher agora queria uma pílula de cianureto. Uma senadora dos Estados Unidos. De onde ela teria tirado aquela ideia tão absurda? Ele se debruçou na

mesa, tomou as mãos dela entre as suas e retrucou com toda a delicadeza:

— Stephanie, meu anjo, isso foi a coisa mais estapafúrdia que você já disse. Você só pode estar brincando. Nem nos tempos da Guerra Fria havia isso. Nunca houve.

— Acho que você está mentindo pra mim, Anatoly — respondeu ela, dando um sorriso vago enquanto desvencilhava as mãos das dele. — Ou você me dá o que estou pedindo ou nossa "parceria", como você diz, está acabada. Quando nos encontrarmos de novo daqui a um mês, você vai chegar *pontualmente* e

vai me entregar uma linda caixinha para pílulas feita de marfim. Ou de madrepérola.

— Mal posso acreditar no que estou ouvindo — disse Golov. — Vou consultar Moscou, mas duvido muito que eles autorizem uma coisa dessas.

Como de costume, Stephanie esperou até o fim do encontro para tirar da bolsa o CD que havia levado e jogá-lo de forma casual sobre a mesa. Antes de guardá-lo no bolso, Golov notou a logomarca da PathFinder no estojo preto. *A megera tem um talento inquestionável para o drama* , ele pensou, vendo-a cambalear de volta à rua. Herpes.

***

Anatoly Golov estava num quarto do Tabard Inn, refestelado numa cadeira de balanço. O cômodo tinha uma cama de dossel num dos cantos, grande demais para o espaço relativamente pequeno, dois pôsteres de animais de um circo francês pendurados nas paredes cobertas de papel de motivos florais em tons de roxo e, no chão, um caótico tapete persa.

Não tivera nenhuma trégua no pesado esquema de vigilância dos americanos sobre os oficiais da *rezidentura* desde o último encontro dele com Swan. Portanto, em vez de

arriscar mais uma penosa rota de despiste, Golov fora autorizado pela central a tentar uma clássica estratégia para passar despercebido. Na manhã do encontro, ele se espremera no porta-malas do carro do adido econômico com um pequeno tanque de oxigênio para respirar. As esposas de três oficiais da embaixada entraram nesse mesmo veículo e, sem atentar a qualquer esquema de vigilância, seguiram para Friendship Heighs, na parte norte da Wisconsin Avenue. Obedecendo às instruções recebidas, entraram num estacionamento subterrâneo, deixaram o carro e

foram às compras.

Outra esposa russa já aguardava no estacionamento. Após observar o carro por quinze minutos para se certificar de que não havia nenhum vigilante por perto, ela se aproximou do porta-malas com suas sacolas de compras, bateu nele duas vezes e o destrancou para que Golov, a essa altura já bastante irritado, pudesse sair.

Ele praguejou contra o caso Swan, contra Moscou, contra o SVR, mas gostou de saber que estava livre do olhar indiscreto da vigilância americana. O velho truque do porta-malas funcionara. Ele deixou o

estacionamento e seguiu a esmo na direção sul, ora tomando um ônibus, ora um táxi, sempre evitando as estações de metrô e suas câmeras onipresentes. Nas imediações do Dupont Circle ele ainda passou duas horas em algumas livrarias e num pequeno bistrô. Assim que o sol começou a se pôr e o trânsito chegou à hora do rush, ele contornou o parque, seguiu pela Rua 19, entrou na Rua N e percorreu mais quatro quarteirões até alcançar o Tabard Inn. Nenhum sinal de vigilância. Com o objetivo de se misturar à multidão, ele havia escolhido roupas mais informais, que

não costumava usar: casaco de veludo marrom por cima de um moletom da mesma cor, calças de veludo cotelê e sapatos de camurça. Os sapatos mais confortáveis até que tinham vindo a calhar. Ao entrar no hotel, ele colocou um pesado par de óculos.

Já no quarto, comeu um prato de mexilhões gratinados com queijo de cabra, acompanhado de um vinho Vernaccia toscano. Sentia-se aliviado por ter conseguido alugar aquele quarto com uma identidade falsa e cheques de viagem. Fazia anos desde a última vez que precisara recorrer a esse tipo de estratégia, coisa de

quem estava em início de carreira, mas não deixava de ser divertido passar de novo por aquela espécie de aperto.

Apesar do sotaque estrangeiro e da ausência de reserva e bagagens, a atendente do outro lado do balcão não colocara nenhum obstáculo. Afinal, via-se claramente que se tratava de um senhor distinto. Golov foi conduzido ao pequeno mas elegante quarto no segundo andar, onde poderia conversar com a senadora com tranquilidade. Privacidade era de fundamental importância, sobretudo levando-se em conta o que ele tinha para

entregar a ela.

Quando terminou de comer, Golov foi ao banheiro e jogou um pouco de água no rosto. Olhando-se no espelho, praguejou mais uma vez contra o

SVR. Em seguida desceu para o lobby e se acomodou no sofazinho verde meio mofado que dava para a porta do hotel. Com uma revista aberta sobre o colo, ficou esperando ali, ansioso.

Stephanie Boucher entrou no Tabard Inn como se fosse a proprietária do lugar. Não viu Golov no sofá (os óculos de grau desfaziam um pouco o aspecto nobre de suas

feições) e passou direto por ele. Era uma mulher acostumada a ser alvo dos olhares nos lugares, não a ter de procurar quem quer que fosse. Golov alcançou-a no corredor e eles subiram as escadas para o segundo andar. Ninguém os vira. Golov destrancou a porta e deixou que Stephanie entrasse primeiro. Ela correu os olhos pelo quarto, abriu um sorriso irônico e disse:

— Muito aconchegante, Anatoly. Sempre desconfiei que você fosse romântico.

Ignorando a ironia, Golov ofereceu-lhe uma taça de vinho, que ela aceitou no lugar do habitual

uísque.

— Os encontros entre quatro paredes são sempre mais seguros — comentou ele —, mas da próxima vez precisamos escolher outro hotel. Eu insisto. Moscou também.

— Que bom pra você e pra Moscou — retrucou Swan, erguendo a taça já vazia para que o russo a enchesse de novo. — Você trouxe minha... vitamina? Diga que sim, Anatoly, e eu vou ficar muito satisfeita.

Golov lembrou-se de um informante que ele mesmo operara em Beirute, um cristão maronita que ficara tão acostumado a pedir

dinheiro e presentes antes de passar alguma informação que após um tempo a situação acabara ficando insustentável. Golov orientara a equipe Vympel da KGB a colocar pesos no corpo do homem e empurrá-lo de um dos penhascos de Raouché, mais ou menos na altura da famosa Rocha dos Pombos. Pois era exatamente isso que ele gostaria de fazer agora com a senadora americana.

— Tenho boas notícias.

Golov serviu o vinho e se sentou ao lado de Stephanie no sofá de veludo. Em seguida tirou do bolso do casaco uma caixinha oblonga,

colocou-a sobre a mesa e abriu-a. No interior havia uma sofisticada caneta alojada numa almofadinha de seda azul-clara. Tratava-se de uma Montblanc Étoile, com seu elegante formato de ampulheta; na ponta leitosa, a icônica estrelinha branca, e na extremidade do clipe, uma pérola Akoya perfeitamente incrustada.

— Que linda — elogiou Stephanie.

Esticou o braço para pegá-la, mas foi detida por Golov, que a segurou pelo punho e a afastou.

— Linda mesmo, mas não foi isso que pedi. Queria alguma coisa que pudesse tomar. Um comprimido.

— Não tem comprimido nenhum — retrucou Golov, um tanto ríspido. — Chegamos a um consenso em relação a sua demanda absurda, e é isto que temos pra você. — Pegou a caneta e explicou: — Está vendo esta pérola aqui? Você aperta as bordas com firmeza e vai puxando devagar, com cuidado...

A pedra se soltou de repente. Presa a ela havia uma agulha de aproximadamente 2 centímetros escondida no interior do clipe da caneta. Tinha um tom de cobre queimado, como se alguém a tivesse exposto a uma chama. Golov empurrou-a de volta para o canal

secreto e pressionou a pérola até travá-la no lugar.

— O que é isso? — indagou Stephanie. — Pedi uma coisa simples.

— Fique quieta e eu explico — desferiu Golov. Precisou resistir ao impulso de retirar a agulha novamente e espetá-la no pescoço da megera. Recompondo-se, disse: — Esta agulha é revestida de um composto natural. Basta perfurar a pele, em qualquer lugar, e depois coçar o local. O efeito é quase imediato. Dez segundos no máximo. — Antes que Stephanie pudesse fazer qualquer objeção, ele continuou: — Isto é muito mais eficaz do que um

comprimido. Esqueça o que você viu no cinema. Uma pílula perde a potência com o passar do tempo. Esta agulha, não. Vamos lá, tente retirá-la. — Ele enfim lhe entregou a peça. — *Muito* devagar. E com *muito* cuidado.

Com as mãos tremendo um pouco, Stephanie tirou o objeto do estojo, sentiu seu peso na palma da mão e depois puxou lentamente a pérola para fora do clipe. A agulha reluziu sob a iluminação do quarto. Era menor que os modelos comuns e talvez por isso tivesse um aspecto especialmente ameaçador. Com o mesmo cuidado de antes, Stephanie

empurrou-a de volta e prendeu a caneta entre os botões da camisa.

— Obrigada, Anatoly — disse, agora mais calma.

Depois que a gravidade do momento passou, ela olhou à sua volta e se deteve por um instante na cama de dossel. Virou-se para Golov e, para horror dele, perguntou:

— E aí, vai rolar ou não vai?

OS MEXILHÕES MEDITERRÂNEOS DE GOLOV

Formar uma pasta homogênea com manteiga à temperatura ambiente, queijo feta esfarelado,

farinha de rosca, azeite, orégano fresco e suco de limão. Enrolar e levar ao refrigerador. Colocar uma colherada dessa pasta em cada um dos mexilhões abertos e firmar as conchas num leito de sal kosher. Gratinar por um ou dois minutos, até a manteiga derreter. Espremer limão sobre eles e servir.

CAPÍTULO 32

A LUZ DO SOL INCIDIA sobre as fachadas de mármore e os telhados pardacentos de Roma. Por toda parte se ouvia o zumbido das *motorini* pilotadas por moças de cabelos negros usando sapatos de salto alto. O general Vladimir Korchnoi absorvia a paisagem à sua volta, lembrando-se da época em que aquelas mesmas ruas haviam sido seu território operacional. Num restaurantezinho rústico porém elegante chamado La Taverna dei Fori Imperiale, ele escolheu o prato de seu almoço com Dominika: *spaghetti alla bottarga*. Ela

nunca ouvira falar daquilo, mas salivou quando a tigela de massa embebida em azeite e salpicada com as ovas douradas de tainha chegou. Olhou por cima da mesa para Korchnoi, que assentiu, satisfeito. Aquilo não se parecia em nada com o caviar russo, ela pensou.

O estabelecimento se resumia a duas salas minúsculas com paredes de estuque branco, murais em tons desbotados e piso de cerâmica preta e branca. Localizava-se no meio da Via Madonna dei Monti, uma ruela estreita e muito antiga de prédios igualmente antigos e estabelecimentos como padarias,

serralherias etc., que faziam o ar recender a pão e serragem.

No dia anterior, Dominika procurara o chefe de estação local da CIA e lhe entregara sua mensagem, junto com o número de seu celular pré-pago. Ao observar o comportamento de sua funcionária, Korchnoi gostara de ver a tranquilidade e a firmeza que ela demonstrara tanto antes quanto depois do contato. Dominika gostava de estar nas ruas: o rosto corava de entusiasmo, os olhos refletiam os esguichos das inúmeras fontes italianas.

Korchnoi havia alterado os

planos operacionais assim que os dois saíram de Moscou, insistindo com Dominika que eles encontrassem os americanos nas ruas da cidade e depois fossem com eles a algum quarto de hotel providenciado pela própria CIA.

— Me perdoe, mas não confio nem um pouco no seu tio, e muito menos em Zyuganov — disse ele agora, após o almoço, caminhando com ela sem nenhuma pressa pelas ruas romanas.

Eles passaram pelo fórum, atravessaram uma passagem estreita, depositaram uma moeda numa caixinha metálica e desceram à

Prisão Mamertina, imaginando São Pedro sendo baixado para seu cárcere através de um buraco aberto nas rochas do monte Capitolino. Sufocados dentro do espaço minúsculo, logo voltaram às ruas a céu aberto.

Seguiram caminhando em zigue-zague pelos bairros, usando mais o tempo que o espaço como recurso para despistar vigilantes. Korchnoi ia conversando com Dominika, vez ou outra interrompendo a caminhada para pousar uma das mãos no ombro dela. Contava como era a vida de agente duplo, como era trabalhar para a CIA debaixo das barbas do

SVR. A certa altura eles se sentaram num banco junto a um obelisco para tomar u ma *granita*, uma espécie de sorvete de café. Sempre observando os pedestres e os carros estacionados, conferindo as horas no relógio de vez em quando, Korchnoi explicou que um espião precisava estabelecer limites entre o risco e a inconsequência: tinha que saber ouvir com discernimento, e não necessariamente aceitar, as instruções que recebia de seus operadores americanos.

— É a *sua* vida que está em jogo, o *seu* bem-estar — disse ele. — Em última instância, é *você* quem decide

o que fazer e como fazer.

Dominika, por sua vez, contou mais sobre sua vida em Helsinque. Falou de suas atividades, do prazer que experimentou ao saber que guardava um segredo importante. Baixando os olhos para o *espresso* gelado em suas mãos, falou pouco sobre Nate, pois não sabia ao certo o que sentia por ele, e muito menos o que *ele* sentia por ela. Como será que a via? Como informante russa em primeiro lugar, e depois como uma mulher com quem tivera um caso? Ela estava numa posição difícil, e Korchnoi percebia isso.

O general ainda falou sobre a

santíssima trindade que lhe permitira sobreviver por catorze anos como informante da CIA: autocontrole, discernimento e paciência. Havia um entendimento tácito de que Korchnoi e Dominika "trabalhariam juntos", mas nenhum dos dois tentou definir como exatamente seria essa parceria. Não era comum que informantes agissem em dupla, e ambos sabiam disso. Em nenhum momento Korchnoi falou sobre seu plano de que ela o "sucedesse".

Outro assunto em que não tocaram foi o sentimento de cada um em relação à Rússia. Tratava-se de

um terreno pantanoso do qual não queriam, ou não podiam, falar: a traição. Teriam muitas oportunidades para conversar sobre isso depois. O tempo de que dispunham agora daria apenas para terminar a rota de detecção de vigilância e chegar pontualmente ao local marcado para o furtivo encontro com o Principal Inimigo.

***

Marble já avisara Benford de que o contato de Dominika com o chefe da estação de Roma sinalizaria a chegada deles à cidade. Isso desencadearia uma reunião dali a 24

horas na Villa Borghese, ironicamente um lugar muito usado pela KGB no passado e do qual Marble ainda se lembrava muito bem. Em sua comunicação ele também havia incluído uma frase bastante sucinta: “Ela agora é nossa”, significando que, em essência, Dominika fora recrutada por ele. Era uma situação bastante inusitada. Dois informantes, ambos sabendo das atividades um do outro, um único operador, o caso inteiramente orquestrado por um cientista maluco que era chefe de contrainteligência e duas caçadas paralelas — sem falar na necessidade de decidir aonde jantar. Afinal, eles

estavam em Roma, pensou Marble.

O celular pré-pago de Dominika tocou quando eles subiam uma das escadarias dos Muros Aurelianos, admirados com o verde-azulado das árvores que os cercavam, a terracota das cerâmicas, o dourado dos domos. Korchnoi atendeu à ligação em italiano, permaneceu mudo por uns dez segundos e de repente desligou.

— Eles já estão a postos — falou. — Que tal irmos pelo parque?

Em meio ao calor da tarde, eles atravessaram a Porta Pinciana e entraram na Villa Borghese. Korchnoi usava um terno cinza-claro e uma camisa escura, com o colarinho

aberto. Dominika vestia uma saia azul-marinho e uma camisa de listras azuis e cor-de-rosa. Tinha prendido os cabelos no alto, por causa do calor. Juntos, os dois poderiam ser vistos como uma próspera dupla de italianos, pai e filha talvez indo visitar o museu no centro do parque. Korchnoi percebeu que ela estava ao mesmo tempo empolgada e nervosa, os olhos brilhando. Ainda assim, não deixava de esquadrinhar o terreno em busca de vigilantes, catalogando pedestres.

Korchnoi conhecia muito bem aquele parque, claro. No passado fora designado como oficial júnior para a

rezidentura de Roma, portanto já encontrara muitos informantes ali e deixara inúmeros pacotes para ativos em esconderijos, sempre auxiliado por sua jovem esposa, que vigiava o local para ele. Mas isso havia sido séculos antes. Agora, ele e Dominika caminhavam pelas amplas avenidas de cascalho iluminadas pelo sol que atravessava as copas das árvores. Pararam alguns minutos diante da Fontana dei Cavalli Marini, com seus estranhos cavalos de casco bipartido, depois contornaram o hipódromo da Piazza di Siena e seguiram para o Viale del Lago. Korchnoi não identificara nenhum pedestre

suspeito, nenhuma indicação de vigilância ao longo da tortuosa rota que eles haviam percorrido. Agora sentia, mais do que via, o crescente nervosismo de Dominika. Tomou-a pelo braço e resolveu lhe contar uma piada.

— Um homem veio procurar a KGB, muito assustado, dizendo que seu papagaio tinha sido roubado. "Isto não é conosco", respondeu o sujeito da KGB. "Vá procurar a polícia." "Eu sei, eu sei", retrucou o outro. "Já estive na polícia. Vim aqui só pra deixar registrado que discordo de tudo o que aquele papagaio diz."

Dominika riu, depois cobriu a

boca com a mão. Korchnoi logo viu que sua intuição não estava errada. Aquela moça tinha tudo para ser sua substituta, e Benford veria isso em dez minutos de conversa.

Eles se aproximavam de um pequeno lago artificial com um templo jônico dedicado a Esculápio numa ilhota central. Seguindo o olhar de Korchnoi, Dominika avistou um homem baixo e amarfanhado sentado num dos bancos à beira da água.

— Benford — disse Korchnoi. — Vou cumprimentá-lo. — Apontou com o queixo na direção da ilha. — Continue caminhando em torno do

lago até chegar à pontezinha que leva à ilha.

Dominika esperou até vê-lo apertar a mão do homem e se acomodar ao lado dele no banco. Depois, mal sentindo as próprias pernas e com o coração retumbando no peito, seguiu na direção indicada pelo general e pensou no que diria dali a pouco. Que estava com saudades? *Não, sua idiota. Vocês não estarão sozinhos. Além disso, hoje é o primeiro dia do resto de sua vida como espiã. Seja profissional, Dominika. Seja profissional.*

Não demorou para que ela avistasse um vulto parado na

pontezinha metálica à sombra de um amplo salgueiro enraizado à margem do lago.

Dominika conhecia aquela silhueta, aquele porte, aquele modo de se debruçar sobre um parapeito. Podia ver o halo em torno dele, mais escuro do que lembrava, talvez por conta da sombra. Quando ele a viu, foi em sua direção, os passos ecoando na ponte.

Flores caídas do salgueiro flutuavam na água. Dominika foi ao encontro dele e estendeu a mão.

— *Zdravstvuy.* Olá — disse ela, e ficou imóvel, esperando que ele ignorasse a mão estendida e a

puxasse para um abraço.

— Dominika — cumprimentou Nate. — Como vai? — Apertou a mão dela e Dominika se lembrou de tudo ao sentir o toque dele. — Estávamos preocupados com você. Ficamos muito tempo no escuro, sem nenhuma notícia sua.

Violeta e cintilante, exatamente como ela recordava. Dominika largou a mão dele e falou:

— Estou bem. Agora trabalho com o general.

Pelo menos isso ela agora podia contar.

Nate não queria falar sobre

Marble com ela, impedido pelas regras de compartimentalização. Já havia ensaiado mais ou menos o que diria ao encontrá-la: que ela significava muito para ele, que ele pensara nela todos os dias. Mas saiu tudo errado:

— Que bom que você está em campo de novo. Temos muito o que conversar.

Ele mal acreditou em suas palavras, em seu discurso de operador burocrata que só pensava em trabalho. Faltava pouco para começar a discutir com ela as datas e os locais dos próximos encontros.

Dominika viu o desconcerto

dele, o halo pulsando como se escravizado pelas batidas do coração. Por um instante eles se olharam em silêncio e Dominika ficou tensa, sabendo que se jogaria naqueles braços se Nate não se mexesse primeiro em três segundos.

Foi então que alguém estalou os dedos, fazendo com que os dois se virassem na direção do ruído. Benford estava ao pé da ponte, apontando para onde iria com Korchnoi, e depois iniciou a caminhada. Nate acenou com a mão e começou a segui-los junto com Dominika.

Os quatro estavam agora

sentados em volta da mesa de centro na saleta da elegante suíte que Benford ocupava no hotel Aldrovandi, do outro lado do parque. O quarto tinha tons terrosos e discretos, um vaso de flores e um belíssimo piso de mármore. Nos jardins do hotel, uma piscina turquesa se escondia atrás de uma cerca viva de ciprestes. Na varanda do quarto soprava uma brisa fresca, que inflava as cortinas leves e diáfanas. Uma garrafa de vinho esperava fechada num balde de cobre sobre o aparador.

Benford já discutira — na verdade, continuava discutindo — a situação bastante peculiar de Marble

e Dominika.

— É de uma irresponsabilidade inacreditável. Nível de segurança zero. Vamos ter de fazer ajustes imediatos.

— Ótima ideia — disse Marble. — Aliás, é sobre isso mesmo que eu gostaria de falar com você, Benford, mas a sós. Acho melhor, pelo menos por enquanto, que Dominika não esteja presente. Nate é meu operador, então poderia ficar sem nenhum problema, mas tenho certeza de que ele não se importará em fazer companhia a ela.

Assim que os dois saíram do quarto, Marble virou-se para Benford,

esperou que ele acendesse seu cigarro e começou:

— Ela é jovem e passional, mas é muito inteligente. Assim que veio trabalhar comigo, percebi que ficava muito atenta, observando em silêncio tudo o que eu fazia, só me avaliando. Pude ver a determinação dela. Fiz com que admitisse que havia sido recrutada em Helsinque. Eu já andava desconfiado. Você pretendia me contar?

Benford deu de ombros.

— Também contei a ela sobre mim — prosseguiu Marble. — Indiretamente, mas ela deduziu na mesma hora. Temos conversado

muito. Sobre riscos, perigos, sobre nos *infiltrarmos* na central. Ela me ouve sem nem piscar, sem o menor sinal de hesitação. Estou muito satisfeito com essa moça.

— Que bom — retrucou Benford, sem grande entusiasmo. — Mas ainda acho que ela está muito no início da carreira. Vai demorar alguns anos até alcançar uma posição importante, *se* chegar a isso.

— Você conhece o jogo tão bem quanto eu, Benford. Os que começam cedo e vão crescendo são os melhores, os mais seguros. Ela é perfeita.

— Mas será que vai conseguir

entregar você? Será que tem estômago pra isso?

— Vai, se não souber o que está fazendo. O que vai tornar as coisas ainda mais convincentes. O susto dela será genuíno. Seja como for, ela vai obedecer minhas instruções, tenho certeza absoluta.

— Isso é ridículo — disse Benford. — Precisamos de você agora mais do que nunca. Só de pensar que vamos perdê-lo antes da hora...

Ele apagou o cigarro num cinzeiro de cristal.

Marble balançou a cabeça e retrucou:

— O tempo é sempre uma incógnita. Eles estão atrás de mim. Não dá pra saber se estão perto ou longe de me pegar. Vanya é um homem dedicado. Sem falar na *kanareyka zapadnya* que ele...

— Sem falar em quê? — interrompeu Benford.

— Na armadilha que ele preparou. Só Deus sabe o que ele e Zyuganov andam aprontando por aí.

— O que você quer dizer com isso?

— Que meu tempo com a CIA pode ser mais curto do que gostaríamos. Dominika precisa ser

preparada o mais rápido possível. Se me pegarem antes de ela me entregar... tudo terá sido em vão.

— Desculpe o vocabulário, mas... que *merda*.

— Pare de reclamar, meu amigo. O que estamos fazendo não tem nenhum precedente no nosso ramo. Vamos trocar o quê? Um ano ou dois de informações minhas pelo posicionamento de uma nova espiã com o potencial de servir por mais vinte, vinte e cinco anos. É uma troca excelente, você não acha?

Benford balançou a cabeça e falou:

— Não foi pra isso que você trabalhou esses anos todos, que correu tantos riscos. Merece uma aposentadoria, recompensas etc.

— Minha recompensa será deixar alguém no meu lugar pra dar continuidade a esse trabalho — retrucou Marble. — Cabe a nós, a mim e a você, escolher o momento certo de fazer a transição.

— Esta viagem a Roma talvez não seja o melhor momento — disse Benford, e acendeu mais um cigarro. — Sei que não podemos esperar muito, mas quero pelo menos ver se alguém mordeu minha isca.

— Isca? — indagou Marble.

— Andei espalhando por aí que o informante americano sofre de herpes. Segundo o que você disse, foi isso que Egorov falou pro Nasarenko.

— Pobre Nasarenko. Você pode me revelar pra quem jogou a isca?

— Quinze membros do SSCI, oficiais do Pentágono, meia dúzia de burocratas na Casa Branca — respondeu Benford. — Um grupo pequeno o suficiente pra que eu possa investigar depois.

— *Vsego dobrogo*, meu amigo — disse Marble. — Boa sorte pra você. Vou ficar de olhos abertos e avisar assim que o coitado do Nasarenko pular da janela.

— Ótimo — exclamou Benford. — Se puder ficar atento a qualquer outra pista...

— Tenho algo em mente — retrucou Marble. — Mas falamos sobre isso depois.

***

Nate e Dominika foram para o quarto dele e conversaram em voz baixa. Ele procurava aparentar indiferença, mas Dominika sabia que se tratava de uma encenação: podia ver a intensidade da aura dele. Mais uma vez ele disse que se preocupara muito com ela, que todos eles esperaram aflitos por alguma notícia

e que tinham ficado bastante aliviados ao saber pelo general Korchnoi que ela estava bem. Culpou a si mesmo pelo que acontecera, pelo retorno dela a Moscou. Mas agora eles poderiam retomar a relação, trabalhar juntos de novo. Dominika achou que ele parecia um operador coordenando a informante, o que era exatamente o caso. Ele ficara *preocupado*, depois *aliviado. Chto za divo!* Maravilha.

Nate sabia que estava tagarelando. Estava um pouco constrangido com a presença dos homens no quarto ao lado. Tinha plena consciência da estranheza

daquele momento, e sabia que precisava se controlar. A certa altura, ao olhar para o rosto dela, parou de falar. Dominika era elegante, linda, imponente. Ele se lembrava de sua expressão de seriedade, dos lábios crispados. Viu que ela começava a ficar impaciente. Após uma eternidade de tempo separados, sem saber se ela estava viva ou morta, na primeira hora juntos ele conseguira irritar a garota.

Por sua vez, Dominika pensava: *E agora, como vai ser?* Eles haviam se distanciado e ela criara expectativas, mas, ao que tudo indicava, as coisas seriam bem diferentes dali em

diante. Não seria mais possível voltar àquele idílio de Helsinque, às escapadelas que ela arriscava para entregar algum documento roubado d a *rezidentura*, às longas tardes passadas no simpático apartamento clandestino dos americanos, às comidinhas preparadas na minúscula cozinha... Tudo isso pertencia ao passado. Assim como o quarto banhado pelo luar.

Ela havia se comportado como u m a *fantazerka*, uma boboca sonhadora. Mas também podia ser uma profissional exemplar. Não facilitaria as coisas para o americano. Sem poupá-lo de nenhum detalhe

chocante, Dominika contou a Nate tudo o que ela passara ao voltar a Moscou: falou dos porões de Lefortovo, das intermináveis sessões de interrogatório, dos tapas e hematomas, dos armários escuros em que a trancavam.

Corou um pouco ao dizer que pensava nele nos momentos mais difíceis e que isso lhe dava forças para sobreviver àquele inferno. Falou que o imaginava a seu lado sempre que a levavam pelos corredores para jogá-la no buraco seguinte. Nate ouvia em silêncio, mas ela via a emoção nos olhos dele, no violeta mais intenso do halo.

Abalado, ele se levantou e foi para o aparador do outro lado do quarto. Dominika o seguiu, e viu que as mãos dele tremiam ao servir o vinho nas taças. Nate preferiria não ter que encará-la; sabia que estaria perdido se eles se tocassem naquele momento. No entanto, quando se virou, deparou com a profundeza insondável daqueles olhos azuis, com o desenho perfeito daquela boca, com o convite velado daqueles cabelos. Tinha plena consciência de que estava prestes a fazer uma besteira, mas sentiu um nó na garganta, um bolo no estômago, e não conseguiu mais se conter: tomou o rosto dela

nas mãos e a beijou com voracidade, como se alguém fosse aparecer a qualquer momento para separá-los.

Dominika agarrou-o pela nuca e o conduziu para a varanda de mármore. O sol começava a se pôr e os pássaros voavam de um cipreste a outro, negros contra o céu vespertino. Não se ouvia nenhum som, nem mesmo o sopro de uma brisa. Dominika pressionou Nate contra o parapeito e, em silêncio, os dois desafivelaram desajeitamente o cinto dele, levantaram o vestido dela e agora ela estava na ponta dos pés, olhando-o nos olhos. Agarrando-se ao parapeito de ferro fundido,

Dominika enlaçou Nate com uma das pernas. Colou a boca à dele e começou a gemer. Quando seu corpo estremeceu, ela largou o parapeito e enlaçou o pescoço dele para não cair.

Toda aquela agitação na varanda pareceu assustar os pássaros nas árvores, que agora voavam para longe.

Para Dominika o mundo se resumia ao espaço daquela varanda, e nesse mundo não havia ninguém além de Nate, que retribuía seus beijos com o mesmo ímpeto e ferocidade. Estar ali com ele era doce, natural e lógico. Ele a enlaçava pela cintura e as pernas dela começaram a

tremer. Nesse momento, ela sussurrou no ouvido dele "*Dushenka*", e os pássaros varreram o céu.

Por dois minutos eles permaneceram imóveis. Dominika ainda ofegava quando se desvencilhou dele para ajeitar o vestido. Nate endireitou a camisa e os dois voltaram para dentro. Ele acendeu um dos abajures do quarto e entregou uma taça de vinho a ela. Eles se sentaram lado a lado e ficaram olhando para a frente, em silêncio. Dominika sentia as pernas tremerem, o coração esmurrar o peito. Por um instante pareceu que

Nate fosse dizer alguma coisa, mas então Benford entrou no quarto para buscá-los para jantar.

***

Serguei Matorin, o carrasco da Linha F do SVR, ocupava uma das mesinhas externas do Harry's Bar na Via Veneto, de onde podia ver a entrada do hotel na Via di Porta Pinciana em que Dominika Egorova estava hospedada. Esperava vê-la em algum momento, ou Korchnoi, mas sobretudo o jovem americano cujo rosto guardara em sua conturbada mente antes de deixar Moscou. Àquela altura ele já deveria ter

avistado algum deles. Estava com a boca seca e sentia um peso estranho no peito.

Ficara tentado a invadir o quarto de Egorova e esperar lá dentro, imerso no cheiro acre do próprio corpo, mas recebera instruções diretas do chefe Zyuganov: nenhuma ação desnecessária, nada de precipitação, nada de erros. Bastava aguardar a oportunidade certa. Era isso que Matorin fazia agora.

Ele viu um grupo de moças emergir das escadas rolantes subindo do subsolo da Galeria Borghese, mas ignorou-as em favor

de seu devaneio preferido nos últimos tempos: as mulheres afegãs que vira durante a ofensiva de Parvan, acuadas no alto de um morro, atrás das ripas de pau-a-pique de um curral de ovelhas. As granadas lançadas pelos GP-25 desenhavam um preguiçoso arco no céu para depois caírem dentro do curral, o baque seco das explosões misturando-se aos gritos das mulheres; em seguida o mais absoluto silêncio. Um carro buzinou ruidosamente na Via Veneto e Matorin lamentou ter sido despertado de um sonho tão bom.

SPAGHETTI ALLA BOTTARGA DO FORI IMPERIALE

Refogar um pouco de alho no azeite quente até que esteja dourado. Retirar o alho da panela e em seguida, dentro do mesmo recipiente, colocar um pouco de manteiga e uma colherada de ovas de tainha raladas; não cozinhar demais para não amargar. Acrescentar a massa já cozida al dente à panela e revirar os fios para umedecê-los. Tirar do fogo. Adicionar um pouco mais de manteiga e uma segunda colherada de ovas. Decorar com salsa picada e servir.

CAPÍTULO 33

ANATOLY GOLOV FICARIA SURPRESO se soubesse quanto a equipe Orion descobrira a seu respeito apenas observando-o nas ruas. O homem era um mestre, eles diziam, um intelectual, um artista. Jamais obedecia à grosseira cartilha do SVR: as óbvias rotas de detecção, o comportamento arrogante, as provocações ofensivas ao fim de cada operação. Seu estilo refletia os muitos anos de experiência atuando na Europa e nos Estados Unidos. Suas rotas conquistavam a vigilância adversária, seduziam-na, e só ao fim

de muitas horas de manipulação sutil ele desferia o golpe de misericórdia. Mas os Orions haviam conseguido identificar determinados padrões, certas preferências e manias nas táticas do *rezident*. Golov não tinha nenhuma consciência de sua elegante previsibilidade. Uma de suas manobras preferidas consistia em executar uma virada repentina após completar mais ou menos três quartos de uma rota aparentemente ortodoxa. Era um movimento totalmente efetivo: ele simplesmente desaparecia do mapa.

A tática de Golov confundia os homens do FBI, que havia meses o

seguiam. Frustrados, eles queriam era ensinar uma boa lição ao russo, colar na traseira dele e obrigá-lo a dar três voltas na Beltway antes de deixá-lo pegar uma rampa de saída. Os Orions, bem mais pacientes, preferiam observar dos bastidores, tentando entender a manobra, quantificá-la, confirmar aquilo que todos eles tinham começado a entender. Depois que o *rezident* se desmaterializava, o caminho percorrido por ele correspondia à abertura de uma agulha de compasso e apontava direto para seu destino final — e seu informante.

A questão era matemática, na

verdade. Golov estaria seguro se pudesse completar apenas as cinco rotas de detecção de vigilância que costumava fazer a cada ano. Mas os espiões russos da *rezidentura* de Washington estavam sendo submetidos a um cruel regime de esgotamento. Tinham trabalho a fazer, contatos a realizar, fontes a encontrar. Sobretudo Golov, que precisava desesperadamente se manter fora do radar dos americanos para continuar bajulando Swan. Isso demandava duas ou três rotas por semana. Como um ator em fim de carreira que precisa aceitar o máximo possível de papéis, Golov já

vinha sofrendo com a superexposição de seus talentos operacionais.

Sentados em volta de uma mesa grande no restaurante Sizzler de Maryland, membros da equipe Orion saboreavam o especial da noite antes de dar início aos trabalhos. Eram apenas cinco, mas isso não fazia muita diferença. Todos eles eram estrelas de primeira grandeza.

Orest Javorskiy já estivera no corredor de Fulda distribuindo pela neve tocos de árvore cenográficos repletos de aparelhos eletrônicos destinados a detectar o estrondo noturno dos tanques soviéticos. Mel

Filippo já conduzira um informante cego pela mão para fora de Brasov. Clio Bavisotto já tocara Chopin para Tito enquanto o marido arrombava um cofre no andar de cima. Johnny Parment já recrutara um general vietnamita nas barbas de uma equipe de vinte vigilantes em Hanói. E Socrates Burbank, o Filósofo, com sua barbicha e seus 80 anos nas costas, três vezes casado e três vezes divorciado, era o Buda que inventara o principal e mais efetivo esquema de vigilância dos Orions e que, dos bastidores, distribuía tarefas e orientava a equipe.

Costumava-se dizer entre eles

que Burbank já havia até “dançado valsa com o capeta”, isto é, já fizera de tudo. Aos 20 e poucos anos, tinha exfiltrado um informante com toda a família de Budapeste, passando ileso pelos tanques que circulavam a esmo na praça dos Mártires. Instalara sinalizadores para atracação nas fatídicas praias da baía dos Porcos. Num apartamento clandestino em Berlim, arrancara informações secretas de um general soviético completamente bêbado de vodca ao mesmo tempo que segurava um balde para que o homem pudesse vomitar. Nem mesmo Benford interferia quando Burbank

coordenava os Orions, com o lápis entre os dedos, mapas sobre o colo, um rádio junto da boca, falando baixinho com os membros de sua equipe.

O gigantesco volume de nuvens carregadas que despontara no horizonte naquela tarde culminara, à noite, numa sucessão de tempestades e raios que paralisara por completo a região metropolitana de Washington. Galhos caídos atulhavam as ruas alagadas, o anel rodoviário estava totalmente engarrafado e dos dois aeroportos tinham sido fechados. Era a pior noite possível para uma rota de

detecção de vigilância, e ao mesmo tempo a melhor.

Usando os congestionamentos como escudo, Golov deixou a embaixada, tomou a direção de Georgetown, atravessou o rio na Key Bridge e desceu pela marginal do Potomac, parando em diversos pontos do Crystal City Underground e do distrito histórico de Alexandria. Debaixo daquele temporal, as paradas eram mais do que incômodas, e ele já estava completamente encharcado quando enfim terminou seu passeio de compras — assim como os homens do FBI que o seguiam a contragosto.

Apesar do tempo, Golov tentava convencer quem quer que o estivesse seguindo que Mount Vernon era seu destino final. Para tanto, traçou um caminho quase reto naquela direção. Jantares e concertos noturnos eram comuns na mansão histórica, e nenhuma equipe de vigilância que fizesse jus ao nome deixaria de correr para lá ao menor sinal de que era esse o rumo de seu alvo. Pois foi isso que fizeram os vigilantes do FBI: enviaram dois carros na frente e mantiveram outros quatro na esteira d o *rezident*, a uma distância razoavelmente grande. Era a hora de Golov fazer sua mágica. Mais uma vez

ele usaria o trânsito pesado como escudo, favorecendo-se ainda mais pela distância guardada pelo FBI. Sua estratégia de despiste foi um rápido retorno para a rampa que levava à Wilson Bridge, que ele usou para atravessar o Potomac. De volta a Maryland, passou por Oxon Hill e Forest Heights e seguiu para Anacostia.

Uma cortina de fumaça e, pronto, ele havia desaparecido. Dali a trinta minutos a frustrada equipe do FBI informou por rádio que eles tinham perdido o alvo de vista na GW Parkway, que não havia ninguém em Mount Vernon e agora só lhes restava

recomeçar do zero: voltar para Alexandria e atravessar a parte norte dos subúrbios da Virgínia. A estratégia de Golov os afastava ainda mais.

A chuva dera uma trégua e o trânsito já estava mais livre quando o *rezident* fez o último trecho de seu caminho pela zona leste de Washington. A certa altura, estacionou o carro e esperou, com o limpador de para-brisa na velocidade mais lenta. Agora bastaria atravessar o National Mall para chegar ao centro da cidade. Deixaria o automóvel num estacionamento subterrâneo na Rua K e seguiria a pé pelos dez ou doze

quarteirões que levavam ao Tabard Inn. Até ali ele não detectara nenhum sinal de vigilância. Os anos de experiência diziam que ele estava fora do radar, livre para fazer o que bem entendesse.

Socrates Burbank largou o rádio que estava usando para falar com o FBI: a única coisa que se ouvia em todas as frequências eram xingamentos. Em seguida marcou algo no mapa com seu lápis. O retorno havia sido na Wilson Bridge — era a única explicação possível —, e a ponta do compasso apontava para o centro da cidade. Após assinalar os pontos no mapa, formando uma nova

linha de vigilância ao longo da parte sul do National Mall, ele despachou três dos carros de sua equipe para as Ruas 7, 14 e 17, deixando livres os túneis das Ruas 9 e 12. Não demorou para Clio avistar o BMW preto de Golov na Rua 14. Sem nenhum alarde, ela avisou ao chefe pelo rádio, informando apenas a direção e a velocidade, e seguiu atrás do russo como uma vovó faria: com carinho e preocupação.

Os outros dois carros da equipe também convergiam na direção de Golov, um pela Rua 18 e outro pela Avenida Pensilvânia. Orientado por Socrates, agora era Johnny quem

seguia o *rezident*. Próximo à McPherson Square, ele viu o homem entrar num estacionamento e a equipe se preparou para segui-lo a pé; era nesse momento que eles de fato se superavam. Fazia quase uma década que haviam deixado de lado a formação ABC. No lugar dela, enredavam o alvo aos poucos, cozinhando-o em banho-maria: adiantavam-se a ele, iam para trás, atravessavam na frente, circundavam-no de longe. Quando eventualmente Golov olhava na direção deles, não desviavam o olhar nem buscavam refúgio numa vitrine qualquer: encaravam-no de volta,

depois prosseguiam com a mais absoluta naturalidade, fofos e distraídos, cabelos azuis sob os chapéus mais absurdos, sacola ou bolsa em punho, óculos de leitura na pontinha do nariz, cachimbo no canto da boca. Golov, alto e elegante, habituado às ruas de Paris e Londres, não percebia nada.

Eles eram bons demais, naturais demais, discretos demais. Sabiam passar despercebidos em meio à multidão de pedestres, sobretudo aos olhos de um *rezident* exaurido pela pressão, irritado com o fardo da cartilha operacional, ansioso para chegar ao destino final. O russo

estava sendo ludibriado por cinco aposentados com manchas de senilidade e problemas nas articulações. Caso detectasse alguma coisa, poderia dar meia-volta, comprar um jornal, tomar um café e pegar o caminho de casa depois de abortar o encontro. Mas ele não notou nada.

A chuva agora tinha parado por completo, e quando Golov entrou na Rua N, os Orions enfim solucionaram o mistério. Ele só podia estar indo para o Tabard Inn; era a única possibilidade naquela rua. Mel e Clio já esperavam no lobby, descalças, esfregando os pés e comentando

como eles doíam. De repente Golov apareceu e elas viram quando ele pegou a chave na recepção e sumiu na escada do hotel.

Obedecendo à disciplina de uma manobra desde muito consagrada, elas permaneceram onde estavam por mais meia hora, observando a movimentação à sua volta, atentas a qualquer peculiaridade. Não tinham autoridade para dar voz de prisão a ninguém, e ficar por ali mais que o necessário serviria apenas para deixar o alvo de orelhas em pé. Então, Socrates ligou para Benford, fez um breve relato e desligou. Em seguida teclou algo no rádio para sinalizar

que Mel e Clio já podiam ir embora.

Eles não haviam testemunhado nenhum encontro, não tinham nada de concreto. Haviam encurralado o *rezident*, mas não o viram com nenhum informante, nenhum suspeito. A paciência e a perspectiva os ajudaram a lidar com a frustração de uma noite inconclusiva, assim como os cachorros-quentes do Shake Shack, na Rua 18.

Um oficial da inteligência russa provavelmente estava tendo um encontro clandestino com um informante não identificado infiltrado no governo americano enquanto os Orions pediam os seus

respectivos sanduíches. O passado de Johnny na China ficava evidente na sua preferência de recheio: salada de repolho com gergelim e pimenta. Orest era um purista e jamais aceitava outra coisa que não fosse mostarda e chucrute. Mel preferia cebolas e ketchup, ao passo que Clio, a pianista clássica, preferia alface, tomate, bacon e gorgonzola. Anos antes, Socrates deixara todos eles chocados ao inventar a própria combinação, batizada de "nitroglicerina", cujos ingredientes podiam ser encontrados apenas no Shake Shack: uma nojenta mistureba de batatas fritas, cebolas

carameladas, anchovas e *chimichurri*, o molho picante dos argentinos. Era um acordo mais ou menos tácito entre os Orions que nenhum deles jamais comeria com Socrates no mesmo carro.

***

Benford falava ao telefone com o FBI, ora berrando e xingando, ora implorando que eles despachassem imediatamente uma equipe para cobrir o Tabard Inn. Várias outras ligações ainda seriam feitas até que, com a aprovação de um supervisor de turnos, os agentes especiais fossem enfim acionados. Nas duas

horas que eles levaram para chegar ao hotel, Stephanie Boucher entrou no lugar, encontrou com Golov e saiu. Não teria sido difícil seguir a senadora; sem dúvida, menos desafiante do que seguir o *rezident*, ou um grupo de turistas japoneses dentro do Lincoln Memorial, ou um elefante numa fábrica de porcelana com um sino amarrado no rabo.

A arrogância e a sociopatia de Stephanie Boucher eram de tal modo arraigadas que ela nem sequer cogitava a possibilidade de ser mais discreta nas ruas, mesmo sabendo que tinha os pés enterrados no pantanoso solo da traição. Contando

com a impunidade que lhe conferiam o vermelho e branco da placa de seu carro oficial, ela estacionara numa vaga reservada para carga e descarga na Rua N, a única livre no momento, e ao sair de seu encontro com Golov, no qual lhe entregara mais um disco da Pathfinder Corporation, seguira direto para casa. O FBI não vira nada disso.

***

Na manhã seguinte, com o relatório dos Orions em mãos, Benford vociferava contra os agentes especiais do FBI enquanto Nate ficava recostado à parede em

silêncio.

— Desculpem — dizia ele num tom professoral que Nate já sabia ser a primeira trombeta de um apocalipse iminente —, mas é minha obrigação alertá-los para a gravidade do que ocorreu ontem. Depois de muitas horas de RDV, Anatoly Golov conseguiu entrar em sua toca, provavelmente para se encontrar com um informante importante o bastante para ser coordenado pelo *rezident* do SVR em pessoa, em Washington. O FBI levou duas horas, desde a minha ligação, para chegar ao Tabard Inn, que fica *a menos de 3 quilômetros* do J. Edgar Hoover

Building. Embora todas as evidências apontassem para um encontro clandestino entre um oficial russo e um traidor americano, vocês nem se deram ao trabalho de checar os livros do hotel, de interrogar os funcionários, e muito menos de subir e vasculhar o quarto de Golov, que é o oficial mais graduado do SVR em toda a América do Norte. Se tivessem feito isso, sem dúvida teriam recuperado informações confidenciais do governo americano, informações repassadas *naquela mesma noite* pelo infiltrado de Golov.

Os homens do FBI se remexeram nas cadeiras, mas não disseram nada.

— Vocês simplesmente cruzaram os braços diante do que talvez seja o maior caso de espionagem desde 2001 — prosseguiu Benford. — Deixaram um traidor escapar impune e incógnito.

— Um suspeito — disse Chaz Montgomery.

Sua gravata reproduzia uma garota polinésia, uma imagem de Gauguin. Os olhos de Benford doeram ao vê-la.

— O quê? — retrucou ele, elevando a voz.

A essa altura Nate receava que a reunião terminasse com um dos

agentes dando um tiro em Benford para fazê-lo calar a boca.

— Um suspeito — repetiu Montgomery. — Essa pessoa que foi se encontrar com o russo, seja lá quem for, é apenas *um suspeito*.

Benford correu os olhos pela sala e falou:

— Chaz, você faria a gentileza de me enviar o currículo atual do treinamento básico que vocês ministram na academia? Aposto que vou encontrar figuras coloridas de cavalinhos e flores.

— Vá se foder, Benford — cuspiu Montgomery. — Você conhece as

regras, e deve ter pelo menos alguma noção do que diz a lei. Precisamos de provas, provas incontestáveis, antes de dar voz de prisão a alguém.

— Pra dar uma prensa em Golov também?

— Já ouviu falar em imunidade diplomática? A gente nem sabe se estava mesmo acontecendo algum encontro naquele hotel. Nada impede que ele estivesse lá pra distribuir convites pra alguma recepção na embaixada. Dia Nacional da Rússia ou qualquer porra dessas.

— Você só pode estar brincando — disse Benford.

— Você sabe tão bem quanto eu que antes de agir a gente precisa ter um calhamaço de provas debaixo do braço. Essas investigações levam tempo. Às vezes anos.

— Puta merda — respondeu Benford, balançando a cabeça. — Vocês ainda estão no tempo dos tártaros, dos mongóis, dos visigodos, dos cartagineses.

— O que o câncer tem a ver com a história? — perguntou um jovem agente cujos bíceps estufavam as mangas da camisa branca.

— Eu disse “cartagineses”, meu caro, não “carcinógenos”.

— Acho que não preciso lhe explicar isso — interrompeu Montgomery, dirigindo-se a Benford. — Se fizermos nosso trabalho direitinho, esse suspeito não identificado vai passar o resto dos dias mofando numa prisão de segurança máxima, sem direito a condicional. Mas, se fizermos qualquer merda, ele se aposenta como um consultor multimilionário. Será que você não pode segurar a onda só mais um pouco?

— Com uma condição — retrucou Benford, como se ofendido pelos modos bruscos do outro. — Exijo que um oficial da CIA esteja

presente quando a prisão for feita. Esse caso não pertence apenas à esfera criminal, mas à de inteligência também.

— Impossível — disse Montgomery. — O diretor não vai concordar. Além do mais, qualquer pessoa envolvida numa investigação, vigilância ou detenção pode ser convocada a depor em juízo. Você estaria disposto a expor um dos seus agentes só por causa disso? A menos que algum deles não precise mais ficar incógnito.

— É bem provável que eu só consiga colocar as mãos nesse informante perdendo um ativo

valioso para a agência — retrucou Benford. — Eu insisto: quero um dos meus homens junto com vocês.

— Ainda assim acho que o diretor não vai aprovar, mas não custa nada perguntar — falou Montgomery. — Ele vai querer saber em quem você está pensando.

— Ele — respondeu Benford, apontando para Nate. — Nathaniel está integralmente envolvido nessa operação.

Ainda recostado à parede dos fundos, Nate não sabia se devia se sentir honrado ou não. Àquela altura era muito provável que seu disfarce já tivesse ido pelo ralo. Além disso,

ele não iria contradizer Benford, sobretudo na frente de um monte de agentes especiais do FBI.

O agente dos bíceps inchados virou-se para Nate na esperança de entender o que significava "integralmente envolvido".

— Proctor — adiantou-se Montgomery —, não dê um pio a menos que alguém lhe pergunte alguma coisa.

MOLHO CHIMICHURRI

Com uma faca ou processador, picar um ramo de salsa, uma cabeça de alho descascada e uma cenoura

média. Acrescentar azeite, vinagre de vinho branco, sal, orégano, pimenta-do-reino e pedacinhos de pimenta dedo de moça. Misturar tudo até formar um molho espesso. Servir de preferência ainda fresco.

CAPÍTULO 34

VANYA EGOROV OLHAVA AO LONGE através das amplas vidraças de sua sala, antevendo a iminente colisão de fatores operacionais que rodopiavam à sua volta. Swan continuava produzindo uma quantidade fantástica de informações, mas cedo ou tarde seria vitimada pela própria indisciplina. O que para ele significaria um desastre.

As notícias que Korchnoi trouxera da Itália pouco ou nada diziam: Dominika tivera um breve contato com Nate, a relação fora retomada, ele acreditara na história

de que ela agora trabalhava para o serviço de correspondência, os dois haviam estabelecido um plano de novos contatos mundo afora. Lento demais. Como sempre, lento demais.

O traidor ainda andava à solta, uma ameaça para Swan, para outros casos, para o próprio Egorov também. Ele instruíra Korchnoi a agendar outra viagem para Dominika na qualidade de mensageira. Precisava de resultados. Era nisso que ele pensava quando seu telefone tocou. O telefone especial.

— Insatisfatório — começou o presidente. — Espero que você já esteja articulando novos contatos. E

rápido.

Egresso da KGB, Putin sabia muito bem como era importante não perder o impulso numa operação.

— Sim, senhor presidente — concordou Egorov. — Já agendamos uma segunda viagem para nossa agente. Estou muito otimista quanto aos resultados.

A que ponto ele havia chegado: agora soprava mentiras no ouvido do presidente.

— Ótimo — retrucou Putin. — Pra onde?

Egorov engoliu a seco.

— Ainda estamos determinando

exatamente qual é o destino mais vantajoso pra nós. Informo ao senhor assim que decidirmos.

— Atenas — disse Putin.

— *Como?* — devolveu Egorov, surpreso.

— Mande essa agente... sua sobrinha... pra Atenas. Os riscos de segurança são baixos, temos gente infiltrada na polícia de lá.

Por que diabo ele estaria insistindo na Grécia?

— Pois não, presidente — respondeu Egorov, mas Putin já havia desligado.

***

No andar de baixo, Zyuganov encarava os olhos turvos do sujeito.

— Prepare-se pra ir a Atenas — disse o anão, e viu o homem que personificava a morte se levantar para sair.

Considerou por um instante que Dominika poderia correr perigo se estivesse entre aquele maníaco e seu alvo, mas não podia fazer nada a respeito.

***

Benford já encomendara à sua equipe um levantamento dos

projetos de defesa mais relevantes. Aguardava receber algum eco da armadilha preparada por Vanya. Os Orions estavam tentando encurralar Golov mais uma vez nas ruas de Washington. Mas Korchnoi precisava de algo já. Sabia o que devia fazer, e quais eram os riscos envolvidos. Discutira o assunto com Benford em Roma e ele acabara concordando, ainda que a contragosto.

Korchnoi desceu para o laboratório da Diretoria K, no primeiro andar. Nasarenko trabalhava à sua mesa, uma paisagem lunar de papéis, caixas e pastas. Junto à parede, outra mesa mais comprida

que a primeira abrigava um caos semelhante, porém maior, sem um único centímetro quadrado de espaço livre. Nasarenko ergueu o rosto para Korchnoi, o pomo de adão saltitando no pescoço.

— Yuri, me desculpe por interromper — começou, adiantando-se até a mesa para apertar a mão do colega. — Posso falar com você um instante?

Nasarenko parecia um marinheiro subitamente encalhado num banco de gelo, contemplando o espaço cada vez maior entre o casco do navio e o gelo em si.

— O que é? — perguntou.

O homem tinha um rosto cinzento e os cabelos, sempre desgrenhados, pareciam palha de tão ressecados e opacos. Os óculos estavam engordurados e sujos.

— Preciso de seus conselhos num assunto de comunicação — disse Korchnoi, e por quinze minutos discorreu sobre um possível back-up para o sistema de comunicação com um alvo de recrutamento no Canadá.

Agitado, dobrando os polegares sem parar, Nasarenko opinou distraidamente sobre a questão. Korchnoi se debruçou na mesa, cercando-o, acuando-o.

— Está preocupado com alguma

coisa, velho amigo? — perguntou.

— Não é nada. Muito trabalho acumulado, só isso. Uma avalanche de dados pra analisar. Estou precisando de tradutores, analistas... — respondeu Nasarenko. Continuava movimentando os polegares sem parar.

— Você faz ideia do volume de dados que um único disco pode conter? — Ele girou na cadeira, pegou uma caixinha metálica de uma das quatro gavetas de seu cofre e despejou o conteúdo sobre a mesa: uma dezena de embalagens plásticas grampeadas no topo, cada uma com um estojo cinza contendo um CD de

armazenamento de dados. Com as mãos trêmulas, ele pegou alguns desses discos e disse: — São muitos gigabytes. Isto tudo ainda está na fila pra ser processado.

Jogou os discos com displicência sobre a mesa e um deles escorregou para junto de uma pilha de pastas pardas.

Korchnoi pegou o disco e o examinou como se não fizesse a menor ideia de que um objeto tão pequeno pudesse armazenar tanta informação. Viu a logomarca da Pathfinder no estojo.

— Por que eles não aumentam sua equipe?

Nasarenko abaixou a cabeça e segurou-a entre as mãos. Korchnoi ficou com pena dele.

— Yuri, não se desespere. Você tem anos de bons serviços prestados para ser tratado assim — observou. Ao se esticar por cima da mesa para dar um tapinha compassivo no ombro do colega, aproveitou a oportunidade e guardou no bolso do paletó o disco que tinha na mão. Não sabia dizer se os discos eram sequenciais ou protegidos por senha, tampouco se Nasarenko daria pela falta do CD roubado. — Posso mandar um ou dois analistas do meu departamento para ajudá-lo por um

tempo, se isso for útil. Todas as equipes estão sobrecarregadas, a verdade é essa, mas esse seu trabalho é de suma importância. O que acha?

Nasarenko ergueu o rosto e resmungou:

— Seus analistas não vão poder trabalhar nesse projeto. O acesso é restrito.

— Talvez possam ajudá-lo em outros projetos para que você tenha mais tempo para este — argumentou Korchnoi. — Não aceito "não" como resposta. Está decidido, Yuri. Mando meus homens hoje mesmo. Mas veja bem: nem pense em roubá-los de mim!

Nasarenko respondeu com um sorriso desanimado.

***

Sobre a mesa de Vanya Egorov estava o cabograma em que o *rezident* de Washington informava sobre a isca mordida com a variante "herpes". Uma listra azul cortava diagonalmente o papel, já bastante amassado em razão das repetidas leituras. Sentado diante do vice-diretor, Zyuganov parecia mais feliz do que nunca. Egorov balançou a cabeça.

— Não posso acreditar que Nasarenko é o traidor — falou. — O

homem mal é capaz de conduzir uma conversa decente na cafeteria. Você consegue imaginá-lo num encontro noturno com os americanos?

Zyuganov umedeceu os lábios, depois disse:

— Herpes. Golov não se equivocaria com uma coisa dessas. Você leu o relatório dele, uma citação direta de Swan. "Estão procurando alguém que sofre de herpes." Essa foi a versão contada a Nasarenko.

— Nasarenko é um tolo distraído — disse Egorov, sem saber ao certo por que estava defendendo o homem. — É bem possível que tenha comentado com outras pessoas e que

o traidor que procuramos esteja entre elas.

Zyuganov não queria saber. Para ele o importante era que agora havia uma missão a cumprir, uma cabeça a ser triturada.

— Merda — prosseguiu Egorov. — Isso é tudo o que temos por enquanto. Comece sua investigação imediatamente.

Zyuganov assentiu, pulou da cadeira e foi em direção à porta, tentando lembrar onde havia guardado sua túnica do Exército Vermelho, aquela com os botões laterais que ele gostava de usar nos interrogatórios. O tecido marrom-

esverdeado já estava endurecido pelas muitas manchas de sangue, impregnado com o fedor do excremento de inúmeras vítimas, e as mangas já estavam bastante puídas, mas ainda assim era melhor do que o tecido branco de qualquer jaleco de laboratório.

— Mais uma coisa — acrescentou Egorov às suas costas. — Faça um teste para *metka*. Se nos últimos dois anos ele foi tocado por um americano, alguma coisa deve aparecer.

Zyuganov fez que sim com a cabeça, mas tinha uma opinião própria sobre a polinização de

produtos químicos como técnica de contraespionagem. Nada se comparava a uma boa *povinnaya*, uma boa confissão, para eliminar qualquer traço de dúvida quanto à culpa do infeliz. Zyuganov tinha um grande talento para dobrar suspeitos: não havia quem se recusasse a confessar o que fosse após alguns tendões seccionados ou um olho queimado.

Ainda não conseguia lembrar onde tinha deixado aquela túnica.

***

Nasarenko foi convocado ao setor de contrainteligência para uma

entrevista de “atualização aleatória de segurança”. A princípio tratava-se de um procedimento de praxe, mas ninguém precisava ter anos de SVR para saber que uma reunião daquela natureza era problema na certa, e Nasarenko entrou em pânico. Ao fim de um interrogatório essencialmente inconclusivo, Zyuganov transferiu o cientista confuso e lastimoso para os porões de Butyrka, no centro de Moscou.

Com o cassetete na mão, Zyuganov refletiu sobre como as pessoas eram engraçadas, sobre como reagiam de modo tão diferente umas das outras. Em Nasarenko, por

exemplo, uma pancada na sola dos pés era muito mais eficiente do que na maioria dos interrogados.

Ele só conseguiu completar uma sessão de tortura com o cientista de olhos esbugalhados antes de ser interrompido pela revelação de que um dos discos do caso Swan havia desaparecido da sala do homem, e isso era de primordial importância. Autorizou uma aplicação de amobarbital para destravar a língua de Nasarenko e fazê-lo contar tudo sobre seu passado mais recente. Uma dose foi suficiente para que o sujeito revisse sua equipe, seus colegas e visitantes, entre eles o general

Korchnoi, que passara rapidamente em sua sala. *Korchnoi?* Impossível. Uma nova busca no laboratório dele foi ordenada. Alguma explicação haveria de existir para o sumiço do tal disco.

Não tardou para que as novidades chegassem aos ouvidos de Korchnoi: a caçada ao traidor havia esquentado, algum problema estava acontecendo na Diretoria T, um material importante desaparecera. Conversando com velhos amigos em outros departamentos e prestando atenção às fofocas nos banheiros do alto escalão, ele descobriu que já fazia algum tempo que Nasarenko

não dava as caras no prédio.

Korchnoi sabia que o cerco da investigação de espionagem começava a se fechar à sua volta. Precisava urgentemente avisar Benford e enviar à

CIA, ainda naquela noite, o disco surrupiado de Nasarenko. Isto é, se o deixassem sair do prédio. Talvez ele tivesse calculado mal seus prazos, talvez nem sequer houvesse tempo para que Dominika fosse despachada para Atenas e lá pudesse "entregá-lo".

Korchnoi saiu à rua com as próprias pernas — era bem provável que pela última vez, pensou — e foi para casa. Assim que chegou, redigiu

uma mensagem e a enviou. A transmissão não levou mais que uma fração de segundo. Dali a vinte minutos, Benford leu as duas linhas de texto: “Nasarenko na armadilha. Ovo será deixado no ninho Drakon.”

Uma entrega, pensou Benford. A raposa velha certamente tinha algo de muito importante. E Nasarenko estava em apuros: isso significava que Swan era uma das 23 pessoas na lista de suspeitos. Ele pegou o telefone e ligou para o FBI.

***

A estação de metrô Molodezhnaya estava praticamente

deserta, com as lojas fechadas e poucas composições. Antes de chegar ali, Marble fizera três trajetos em trens diferentes, além de uma longa caminhada à margem do rio, até achar que podia confiar em seus instintos: não, ninguém o seguia. Ele enfim saiu da estação na rua Leninskaya e deparou com a chuva, que caía quase na horizontal em razão do vento forte. Ergueu o colarinho do casaco, enterrou as mãos nos bolsos e começou a caminhar devagar pela calçada.

Os pingos fustigavam suas costas como se alguém o cutucasse. Ele procurou se concentrar, estava

quase chegando. Esgueirou-se junto a um muro quando percebeu que vinha alguém em sua direção, depois seguiu em frente enquanto ouvia os passos molhados atrás de si, se afastando. Do outro lado de uma curva acentuada ficava a Faculdade de Obstetrícia 81. Nas imediações dela, ele se embrenhou numa mata escura e encharcada e começou a tremer de frio. A certa altura, parou e aguçou os ouvidos, receando escutar o ronco de algum motor, uma freada, uma porta de automóvel batendo. Nada. Apenas o assobio do vento por entre as árvores.

Hora de agir. Um duto de

escoamento cuspia sua água negra não muito longe do asfalto. Marble se ajoelhou próximo à boca, tirou o disco do bolso, preparou a fita adesiva de dupla face e pressionou o estojo do disco na parede interna do duto metálico. Contou até dez para que o epóxi fizesse efeito, depois afastou a mão com cuidado, certificando-se de que o estojo estava firme. Tudo certo.

Ele se levantou, aguçou novamente os ouvidos e mais uma vez não detectou nenhum sinal de perigo. Então voltou ao asfalto, entrou na estação Krylatskoye do metrô e sumiu lá dentro.

Quando chegou em casa, despiu-se ainda na cozinha e largou as roupas empapadas no chão. Sentou-se à frente do computador e suas mãos começaram a tremer sobre o teclado. Além disso, as letras eram miúdas demais, até mesmo com os óculos para vista cansada. *Por que não fabricam essas engenhocas de modo que um velho consiga enxergar?*, ele se perguntou. *Porque neste ramo ninguém vive até a minha idade, só por isso*. A tecla Enter estava quente quando ele enfim a pressionou para enviar a mensagem: OVO JÁ NO NINHO DRAKON.

Depois, Marble se acomodou na

poltrona da sala e fechou os olhos, pedindo a Deus que olhasse pelo rapaz da CIA que teria de chafurdar naquela lama para recolher a entrega e também pela mocinha que o esperaria no carro com um rádio ao ouvido, atenta a qualquer ruído suspeito.

Quando o disco finalmente chegou à estação, foi acomodado em uma embalagem com reforço duplo, que recebeu uma proteção de estopa antes de ser colocada em um malote de segurança máxima. Como Marble era o remetente, o pacote foi despachado o mais rápido possível para Washington. Não demorou para

que o pombo-correio chegasse com uma resposta no bico: OVO RECOLHIDO.

Nos confins da cidade, um duto de escoamento continuava vomitando sua água negra, mas agora conhecia um segredo que guardaria para sempre.

***

Benford estava reunido com os oficiais do FBI no porão do prédio do Bureau na Avenida Pensilvânia, em Washington. A mesa estava atulhada com os restos do almoço que fora entregue por diversos estabelecimentos da vizinhança.

Tinha sido um almoço de trabalho, sem nenhum dos luxos de uma visita de cortesia. Benford escolhera comida tailandesa: um *larb gai*, salada de frango com cebolas, manjericão, limão e tanta pimenta que ele parecia soltar fumaça pelas ventas enquanto os demais navegavam pelas águas calmas de um sanduíche ou uma sopa.

O número de funcionários da CIA e do FBI era igual, em sua maioria oficiais graduados da área técnica e da contrainteligência. Quando o mensageiro chegou com o material enviado por Marble, Benford — logo ele — concordou em deixar o FBI

abrir o pacote de acordo com os princípios e cuidados da perícia forense. Mais cedo ele dissera a Nate: “Aqueles robôs não pararam de falar sobre ‘preservar a integridade evidenciária’ do pacote. De acordo com eles, caso Marble tenha realmente conseguido roubar um disco contendo informações ultraconfidenciais entregue aos russos por Swan, então precisamos lembrar que haverá um julgamento e que vamos precisar de todas as provas possíveis.” Ao contrário do que qualquer um poderia ter esperado, Benford havia concordado.

O disco de Marble agora se

encontrava numa bandeja metálica no centro da mesa, já fora do estojo plástico do SVR e da capa de papel da Pathfinder, cuidadosamente acomodado sobre uma toalha esterilizada. Um pó cinzento formava uma leve camada sobre a superfície. Tratava-se da ninidrina que os técnicos do FBI haviam polvilhado e que depois seria borrifada com um contraste de óxido de cálcio para trazer à tona as impressões digitais. Sentados em volta da mesa, todos podiam ver as três marcas latentes no disco. A quem pertenceriam? Aos dedos engordurados de um rato de laboratório russo? Aos dedos

traidores de um informante americano? Benford sabia que Marble jamais teria manuseado o CD diretamente: o general era competente e cauteloso demais para fazer isso. Os agentes especiais fotografaram todo o material, mandaram as fotos para serem ampliadas em laboratório e só então foi possível dar início a uma busca automatizada nos arquivos do FBI.

Benford estava voltando para a CIA quando o telefone de seu carro tocou. Era o vice-diretor do Departamento de Serviços Laboratoriais do FBI.

— Sugiro que você entre no

primeiro retorno e volte correndo pra cá. Não vai acreditar no que acabamos de descobrir — disse ele.

— É bom que seja algo muito importante — retrucou Benford, mudando de pista para tomar a rampa mais próxima da autoestrada.

— Ah, pode acreditar que é muito importante — falou o homem.

A SALADA DE FRANGO (LARB GAI) DE BENFORD

Cortar filés de peito de frango em fatias finas com uma faca grande ou um cutelo. Temperar com suco de limão e vinho de arroz e saltear no

óleo quente. Deixar esfriar e marinar em caldo de peixe com sal, pimenta, capim-limão, alho picado, pimenta dedo de moça e raspas de limão. Reservar por algumas horas, depois acrescentar coentro, manjericão, hortelã e cebolinha. Mexer bem. Servir sobre um leito de alface, acompanhado de arroz.

CAPÍTULO 35

EM 2005, FOI ESBOÇADO E discutido no Comitê Judiciário do Congresso americano um projeto de lei com vistas a regulamentar o uso de impressões digitais e amostras de DNA em medidas de segurança. Por uma série de motivos políticos que nada tinham a ver com a segurança nacional, porém, a votação foi postergada duas vezes e o projeto, após um tempo, engavetado. A ideia era estabelecer um banco de dados nacional de impressões digitais e informações genéticas para levantamento de históricos

criminais, registro de imigrantes e identificação de funcionários federais em posições críticas. À época, o líder dos democratas no Senado sugerira à senadora recém-eleita Stephanie Boucher que, em prol da cortesia bipartidarista, ela integrasse uma bancada mista de democratas e republicanos para a defesa do tal projeto. Embora visse a formação de um banco nacional de dados biográficos como uma escandalosa invasão à privacidade, a senadora acreditava que o apoio público a esse tipo de projeto daria credibilidade à sua plataforma política, basicamente centrada na

segurança nacional, e seria visto com bons olhos por seus eleitores californianos do setor aeroespacial. Numa coletiva de imprensa, os membros dessa bancada haviam concordado em coletar ali mesmo as impressões digitais e o material genético de cada um. Sorrindo para as câmeras, Stephanie Boucher permitira que um técnico coletasse amostras de sua saliva enquanto um assessor mais curioso indagava quantos nucleotídeos de DNA poderiam ser encontrados no interior de uma boca em dado momento.

O resultado desse teatrinho

bipartidário realizado quase uma década antes (esquecido havia muito tempo pela senadora e completamente ignorado por seus operadores no SVR) era que as impressões digitais de Stephanie Boucher haviam sido incluídas na base de dados do FBI. Ao receber as impressões parciais de um polegar, um dedo médio e um anular, colhidas de um CD da Pathfinder Satellite Corporation roubado de um laboratório do SVR, o sistema computadorizado não levou nem dez minutos para identificar as latentes da senadora entre as mais de 25 mil impressões civis armazenadas no

sistema.

Ao longo dos dias seguintes, Benford e os chefes de contrainteligência do FBI se reuniram diversas vezes em ambas as margens do Potomac, não tanto para determinar quem tinha prioridade sobre aquele caso ou discutir as complexidades de uma ampla operação policial envolvendo uma senadora da República, mas principalmente para decidir o que fazer para impedir que a Casa Branca, o Conselho de Segurança Nacional, a Polícia do Capitólio, o Senado Americano, o Judiciário do Estado da Califórnia, o Conselho Municipal de

Los Angeles e a Associação Californiana dos Produtores de Uva-Passa vazassem detalhes da investigação para a mídia.

— A última coisa que queremos é que Stephanie entre em pânico e se mande para a Rússia — disse Charles Montgomery, mais conhecido como Chaz, chefe da Divisão de Segurança Nacional do FBI.

— Bobagem — retrucou Benford, recolhendo seus mapas após um longo debate sobre esquemas e rotas de vigilância. — Mandar essa mulher permanentemente pra Moscou seria melhor do que detonar uma bomba de nêutrons na Praça

Vermelha.

Juntos, a CIA e o FBI formularam um plano tático para a vigilância da senadora, tanto em campo quanto em ligações telefônicas, correspondências e até mesmo no lixo. Stephanie não sabia, mas se tornara a donzela de cabelos dourados que caminhava incauta por um pântano cinzento enquanto os cães começavam a uivar por trás da neblina, do alto dos rochedos, do interior das ravinas lamacentas. Já era tarde demais para correr.

***

A casa de Stephanie Boucher, na

Califórnia, ficava no alto de uma colina em Brentwood, razoavelmente afastada da civilização, um casarão de cinco quartos em estilo campestre, telhado de águas muito íngremes e revestimento de ardósia, vista para o Pacífico de um lado e para as luzes de Los Angeles de outro. No pátio interno da construção em U havia uma piscina de fundo preto e um amplo deque onde agora batia o sol da manhã. A porta de correr da ala dos quartos estava aberta, e por ela passava a melodia suave e sedutora de “Miss Chateleine”, de k.d. lang.

Stephanie ainda estava deitada na cama enorme, que transmitia

certa severidade escandinava em razão da cabeceira de freixo preto. O tom escuro contrastava com os matizes bege e creme que predominavam no resto da decoração. A senadora estava nua, com os cabelos presos no alto da cabeça. A seu lado havia um rapaz com metade da idade dela, um jogador de beisebol de 20 e poucos anos que jogava nos Dodgers ou nos Angels em uma posição que ela não lembrava direito qual era. Dormia, nu também, negro como um deus de ébano, a pele úmida com o suor da manhã, os músculos lembrando os seixos no fundo de um riacho. Jazia

de bruços com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos.

Stephanie se levantou com todo o cuidado para não acordar o fulano cujo nome ela não recordava. Fez isso mais para evitar uma nova rodada de trabalhos do que por consideração ao sono dele. A noite fora agitada o bastante, com horas de sexo, algumas delas bastante dolorosas: pernas não haviam sido feitas para serem tão esticadas e certas partes do corpo deveriam ser dobradas em apenas uma direção. Mas esse era o preço do paraíso, ela pensou enquanto deixava a cama com uma leve coceira nas costas, nas coxas e no ventre.

Stephanie penteava os cabelos no banheiro quando visualizou no espelho a imagem da mãe e se lembrou dela ainda nos tempos da casinha em Hermosa, refestelada na cama, dividindo um cigarro com o homem da vez, ora um velho barrigudo, ora um jovem magricela, com uma tatuagem ou um bigode, um rabo de cavalo ou a cabeça raspada, e ela, Stephanie, fechando a porta para não ter de ver aquilo, olhando para o relógio da cozinha e rezando para que pelo menos uma vez na vida o pai, sempre acanhado e medroso, voltasse mais cedo do trabalho. Após o enterro, e o julgamento, ela se

olhara em outro espelho e dissera a si mesma que ninguém a ajudaria caso ela não ajudasse a si mesma, motivo pelo qual havia telefonado para o pai e pedido que ele voltasse para casa naquele fim de tarde.

***

A senadora agora se reclinava numa espreguiçadeira ao lado da piscina enquanto beliscava uma salada de camarão com cominho e endro. Vestira um roupão branco a fim de poupar sua assistente do desconforto de vê-la com os seios de fora enquanto trabalhavam juntas. Missy, a mais recente aquisição de

sua equipe de assessores, era uma mocinha gorducha e tímida que tinha o hábito de roer as unhas e agora estava sentada à mesa cercada de papéis. Era a terceira secretária pessoal da senadora em doze meses. As ossadas dos ex-integrantes da equipe Boucher encontravam-se espalhadas ao longo de todo o caminho entre Washington e Los Angeles. Missy lia de um arquivo, repassando os compromissos da chefe para os próximos dias na Califórnia. Havia duas palestras previstas em San Diego e Sacramento, um briefing confidencial na sede da Pathfinder Satellite em

Los Angeles e um jantar filantópico em São Francisco. Ela teria de voltar a Washington no máximo até terça-feira da semana seguinte, a tempo da votação de novos aportes orçamentários para o Pentágono. Stephanie pediu à mocinha que a lembrasse de solicitar uma revisão completa do orçamento confidencial da CIA. Sua intenção era enfiar algumas coisas desagradáveis na bunda daqueles folgados nos próximos meses.

Essa imagem fez Stephanie olhar para as portas abertas do outro lado da piscina. Seu jogador ainda dormia, graças a Deus. Ela pediria ao

motorista que o levasse de volta para o estádio, para Malibu ou para...

Movimento. Muito movimento dentro de casa. A empregada surgiu na área da piscina junto com quatro homens. Três deles usavam terno, camisa branca, gravata discreta, sapatos de cadarço e óculos estilo aviador; apenas um carregava uma maleta. O quarto era Nate, magro e de cabelos negros. Ele vestia um blazer por cima de uma camisa de algodão, calças jeans e mocassins. Stephanie sentiu o coração disparar, farejando o perigo. Fossem quem fossem aqueles burocratas, ela não deixaria barato: faria um escândalo por conta daquela

invasão absurda. No entanto, não teve tempo para desferir o primeiro tiro, pois o mais velho da trinca de engravatados foi logo dizendo:

— Senadora Stephanie Boucher? Meu nome é Charles Montgomery e sou agente especial da Divisão de Segurança Nacional do FBI. — Ele pegou a carteira para apresentar o distintivo. Os outros dois colegas fizeram o mesmo, mas Nate permaneceu imóvel. — A senhora está presa por repassar informações confidenciais a uma potência estrangeira, o que constitui uma violação ao artigo 18, seções 794(a) e 794(c) da Lei de Espionagem de

1917.

Stephanie ergueu os olhos para os homens, estreitando as pálpebras contra a claridade. Deixou de propósito o roupão como estava, ligeiramente caído na altura dos ombros, evidenciando as curvas dos seios pequenos.

— Do que você está falando? Ficou doido? Acha que pode entrar assim na minha casa, sem hora marcada?

Missy nem piscava enquanto corria os olhos de um lado a outro, ora para a chefe, ora para os homens.

— Senadora, preciso pedir que a

senhora vá se vestir — disse o agente do FBI.

Em seguida fez a leitura de praxe dos direitos dela ao mesmo tempo que a puxava pelo cotovelo, obrigando-a a se levantar.

— Tire as mãos de mim! — exigiu Stephanie. — Sou uma senadora da República. Vocês não fazem ideia da encrenca em que estão se metendo.

Então se virou para a secretária gordinha, que continuava muda à mesa, repassando mentalmente como o dia havia começado (meia hora de gemidos sensuais vindos do quarto da chefe) e como ele estava

progredindo (o FBI levando a senadora presa). Já se perguntava como aquilo tudo poderia terminar.

— Missy, pegue o telefone. Quero que você faça três ligações para mim agora mesmo — prosseguiu Stephanie, ainda imobilizada por Montgomery. — Primeiro, para o promotor do estado. Não quero nem saber onde ele está ou o que está fazendo: coloque-o na linha. Depois, telefone pro presidente do SSCI. Mesma coisa: quero o homem na linha em cinco minutos. Por último, meu advogado. Mande-o vir pra cá agora mesmo. — Dirigindo-se aos homens que formavam um

semicírculo à sua volta, falou: — O chefe de vocês no Departamento de Justiça vai enfiar um espeto no rabo de cada um, e meu advogado vai terminar o churrasco.

Missy foi recolhendo apressadamente a papelada sobre a mesa, mas um dos agentes disse:

— Senhorita, sinto muito, mas vamos ter de levar esses papéis.

Missy olhou para ele, depois para a chefe, em seguida saiu correndo para dentro de casa.

Os agentes levaram Stephanie da piscina para a ala principal da mansão. Na sala, ela se desvencilhou

de forma brusca do homem que a segurava e cuspiu:

— Já disse para tirarem as mãos de cima de mim, porra. Isto tudo é um absurdo. Vocês não podem me acusar dessa forma. Onde estão as evidências, as provas?

Ela andou de maneira decidida em direção ao sofá e se sentou. A essa altura sua fachada de segurança e empáfia já estava um pouco rachada. Ela precisava ganhar tempo até que seu advogado chegasse. Golov talvez tivesse alguma razão naquela sua ladainha constante sobre segurança, talvez tivesse sido mais prudente ouvi-lo. Ainda assim, o FBI não sabia

de nada. O russo era um profissional, seria impossível provar alguma coisa. Stephanie não se dava conta de que fora ela quem cavara a própria cova.

— Vou esperar meu advogado — decretou ela, cruzando os braços na altura do peito.

— Senadora, já nos identificamos como agentes federais e lemos os seus direitos exatamente como manda a lei. A senhora entendeu o que foi dito? — perguntou Montgomery, e na ausência de resposta emendou: — Se não tiver entendido, vou repetir tudo. Caso tenha entendido, nos dê algum sinal disso. Mantendo esses direitos

em mente, a senhora vai querer falar conosco agora?

Stephanie percebeu que qualquer contemporização e protelação seria de seu interesse. As ligações para Washington e para seu advogado em breve resultariam numa torrente de ações que estenderia aquele caso por muitos meses, senão anos. Uma vez que o caso não era de flagrante, não poderiam provar merda nenhuma. Alegações, conclusões equivocadas, associações sem nenhuma substância. Ela conhecia muito bem todas aquelas táticas. Estava preparada para medir forças com o

melhor deles.

— Não vou responder pergunta nenhuma — falou.

Montgomery tirou uma pasta de sua maleta e a deixou sobre a mesa diante de Stephanie. Ao abri-la, a senadora deparou com uma listagem das reuniões confidenciais que ela tivera na sede da Pathfinder Satellite Corporation, além de extratos de sua conta bancária pessoal nos quais se viam diversos depósitos anônimos no valor de 9.500 dólares, totalizando alguns milhares de dólares. Ela se lembrava de ter pedido esses pagamentos contingenciais a Golov e que ele havia tentado dissuadi-la.

Mas seus instintos de guerreira parlamentar diziam que nada daquilo constituía uma prova concreta, que um bom advogado não teria a menor dificuldade para levantar dúvidas, confundir e protelar. Encarando o agente com um ar de desafio, ela disse:

— Só um monte de papel. Isso não significa absolutamente nada.

— Senadora, por favor dê uma olhada no último documento do arquivo — pediu Montgomery, e esperou que ela passasse as páginas. Na penúltima havia uma foto bastante nítida de um CD da Pathfinder polvilhado com um pó

branco. — Conseguimos esse disco em Moscou, e encontramos as suas impressões digitais nele.

Stephanie não respondeu. O silêncio seria completo não fosse pela melodia que chegava até eles vinda das entranhas da casa: alguma música do álbum *Out of Silence*, de Yanni, com John Tesh nos teclados, o predileto de Missy. Montgomery pigarreou e colocou mais uma folha diante da senadora.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Se a senhora compreendeu os seus direitos tal como eles foram explicados, isto é uma confissão de

culpa para a acusação de espionagem. A senhora vai assinar?

— Você está achando que vou assinar uma *confissão de culpa*?

Stephanie não se deu conta de que o roupão estava aberto. Os agentes faziam o possível para não olhar.

— A senhora não é obrigada a assinar nada — retrucou Montgomery. — Estou apenas apresentando uma opção.

Stephanie podia ter muitos defeitos, mas a indecisão não era um deles. Acreditava em si mesma e tinha plena convicção de que

merecia, ou melhor, de que a vida lhe *devia* sucesso, dinheiro e todo o conforto do qual ela agora desfrutava. Não era de seu feitio ceder a quem quer que fosse. Muito menos a um bando de caipiras como aqueles. Ainda estava para nascer quem roubaria dela o poder e o prestígio de um cargo eletivo. Ainda estava para nascer quem a faria mofar numa prisão pelo resto da vida. Ela não deixaria isso acontecer. Olhou para os homens à sua volta.

— Muito bem, eu assino — disse abruptamente.

Os agentes se entreolharam por um instante. Um deles se adiantou

para entregar a própria caneta, uma Skillcraft de plástico branco com as palavras GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS estampadas na lateral. Stephanie olhou para a caneta e acenou com a mão, descartando-a.

— Missy, vá buscar minha caneta no escritório — ordenou.

A assistente, até então pendurada ao telefone, saiu para o escritório e voltou dali a pouco com a Montblanc Étoile da chefe. Stephanie desenroscou a tampa, debruçou-se sobre o papel e rabiscou algo na linha inferior do documento.

— Está bom assim? — perguntou ela.

Montgomery examinou o papel e, sorrindo, disse:

— Imagino que “Vai tomar no cu” não seja admissível em juízo. Mas não sou eu quem vai objetar.

— E quem é aquele cara ali? — indagou Stephanie, apontando para Nate.

Seguiu-se um momento de silêncio desconcertado enquanto todos viravam as cabeças para ele. Aproveitando a oportunidade, Stephanie tampou a caneta, sacou a agulha escondida no clipe e espetou-a numa veia do braço esquerdo. Nate, o único a ver o que ela fizera, irrompeu imediatamente na direção

do sofá e jogou a caneta para longe com um tapa.

Ninguém naquela sala já ouvira falar do sapo-veneno-de-flecha, tampouco sabia que o animalzinho não tinha mais que 5 centímetros de comprimento, camuflava-se com uma bela estampa em tons fortes de amarelo e vivia nas florestas tropicais da Colômbia. Um toxicólogo do FBI com seu material de pesquisa em mãos poderia informar-lhes que a batracotoxina encontrada na pele do minúsculo anfíbio é altamente nociva aos humanos, uma neurotoxina que paralisa os músculos com uma rapidez impressionante, o suficiente

para levar a uma parada cardíaca. Tinham sido os químicos do Laboratório 12 da KGB, também conhecido como Kamera, os primeiros a coletar e armazenar esse veneno na década de 1970, cientes de que o antídoto não existia e que o composto produzido em laboratório não perdia a toxicidade nem com a passagem do tempo, nem após secar.

Os efeitos produzidos pela picada de Stephanie Boucher foram bem menos científicos e bem mais espetaculares. Ela agora convulsionava de forma frenética com as pernas esticadas, os braços tremendo descontroladamente. Dali a

pouco ela ficou estirada de costas sobre o sofá com a cabeça caída para trás, os músculos do pescoço estufados, os olhos revirados. Nate tentava imobilizar seus braços. As mãos formavam garras rígidas nas laterais do corpo e ela começou a babar. Nenhum som saía de sua boca e suas costas estavam tão arqueadas que o corpo tinha quase se dobrado em dois. Nate se preparava para ressuscitá-la quando alguém disse às suas costas:

— Melhor não, cara.

Era Proctor, o mais jovem dos agentes especiais. Ele apontava para a espuma que começava a escapulir

dos lábios inchados da senadora.

Os homens ficaram parados, olhando para ela. Stephanie se sacudiu mais duas vezes antes de ficar completamente imóvel. O roupão havia caído para o lado, deixando um dos seios à mostra. Nate teve a delicadeza de cobri-lo.

— Caramba — comentou Proctor. — Tudo isso só por causa de uma caneta vagabunda do governo?

Missy choramingava no canto da sala. Agora sabia o fim daquele dia maluco.

Descascar os camarões e cozinhá-los até que estejam firmes. Picar cebolinha, aipo, azeitonas pretas e cubos de queijo feta e misturar com maionese, azeite, cominho, endro fresco e suco de limão. Adicionar os camarões cozidos, mexer e levar à geladeira.

CAPÍTULO 36

VANYA EGOROV ESTAVA SENTADO ATRÁS da escrivaninha em seu escritório escuro. Um cigarro queimava esquecido no cinzeiro. O vice-diretor olhava as imagens do noticiário de um canal americano na TV de tela plana, da qual ele havia tirado o som. Um repórter louro e beiçudo encontrava-se diante de um portão coberto de hera numa rua arborizada de Los Angeles. No canto da tela via-se uma foto antiga de Stephanie Boucher. Na parte inferior, uma barra de informações dizia: “Senadora californiana morta aos 45,

possivelmente vítima de infarto."

Swan. O ativo mais importante da inteligência russa nas últimas cinco décadas. Vítima de infarto. Mentira. Era bem provável que ela tivesse usado a caneta suicida que Golov solicitara e que Egorov havia autorizado. Aquilo era um pesadelo. Quem poderia ter imaginado que os americanos fossem descobrir tão rápido a identidade dela? E quem poderia ter previsto, sobretudo na era pós-Guerra Fria de informantes célebres e políticos espiões, que o caso Swan tivesse um desfecho tão dramático, tão violento, tão *soviético*? O traidor coordenado pela CIA era o

principal responsável por aquela perda tão grave. Se conseguisse desmascará-lo, Egorov ainda poderia salvar sua carreira.

No momento havia apenas dois caminhos a seguir: Nasarenko, o chefe técnico implicado na armadilha, e Nathaniel Nash, o operador da CIA. Egorov pegou o controle remoto da TV e mudou de canal. Uma imagem bastante nítida de Nasarenko surgiu em cores na tela. Cada segundo das muitas horas de interrogatório nos porões de Butyrka havia sido filmado, e Egorov tinha cada vez mais certeza: aquele espantalho dificilmente seria capaz

de espionar para os americanos. As gravações mostravam os espancamentos, a histeria induzida por drogas, Zyuganov metido num uniforme militar ao interpelar sua presa.

A parte relevante da gravação fora marcada e Egorov adiantou a fita para o ponto certo do contador. Atordoado, Nasarenko admitia ter falado sobre seu excesso de serviço com Vladimir Korchnoi, chefe do Departamento das Américas. Korchnoi havia oferecido dois de seus analistas para ajudá-lo. Nasarenko mostrara ao general um dos Cds americanos durante a

conversa. Não, ele não havia recontado os discos depois. No entanto, pelos cálculos dos investigadores, um deles sumira. Não, era ridículo pensar que Korchnoi pudesse ter levado consigo o tal CD. Impossível.

Impossível?, pensou Egorov.

Ele conhecia Volodya Korchnoi havia quase 25 anos, desde os tempos da academia. Korchnoi se revelara um extraordinário operador de campo: habilidoso, ousado, esperto, o tipo de homem teoricamente capaz de sobreviver aos muitos perigos da vida dupla. Além disso, servira diversas vezes

fora do país; oportunidades não haviam faltado para que ele se aproximasse dos americanos. Não. *Impossível*. Nasarenko passaria meses repetindo a mesma história, cuspindo os mesmos nomes e as mesmas explicações. Mais contemporizações, mais atrasos. Egorov discutiria com Zyuganov a hipótese de Korchnoi, mas agora não havia tempo. O americano Nash era a chave. Dominika já estava a caminho da Grécia. Restava esperar para ver o que aconteceria.

***

Dominika ficara maravilhada

com a luz de Atenas. A de Roma era bem mais branda, dourada. Mas a do Egeu era impressionante: brilhava tanto no branco das fachadas quanto no preto das ruas. No centro da cidade, táxis, caminhões e motonetas pareciam se derramar da Avenida Vassilis Sofias feito uma enxurrada para depois se bifurcar na Praça Syntagma e no prédio do Parlamento Helênico, sumindo em seguida nas ruas menores que levavam a Plaka. Dominika saiu do hotel e desceu a movimentada Rua Ermou, observando as vitrines pelas quais passava. Numa delas, sacolas e mochilas de toda sorte. Noutra,

luminárias e material elétrico. Numa terceira, manequins com estolas de raposa pareciam fitá-la nos olhos, inclinando a cabeça como se dissessem: “Fique atenta, garota.”

Seguindo o conselho, Dominika redobrou seus cuidados na rua, atravessando para o outro lado, entrando e saindo de estabelecimentos, usando os espelhos das lojas para observar e marcar os pedestres: um baixinho, um moreno, outro de bigode, uma de camiseta regata, outra de chinelos de borracha, um outro de olhos muito pretos e irrequietos. O ar recendia a castanhas torradas; na esquina, um

realejo cantarolava sua canção. Dominika sabia muito bem no que deveria prestar atenção: rostos estrangeiros, olhos azuis, maçãs eslávicas. Auras escuras, amareladas ou verdes; sinais de perigo, de engodo, de estresse.

Ela usava um vestido azul de algodão com decote quadrado e um par de sandálias pretas, além de uma bolsinha de mão e óculos escuros de armação redonda. No pulso, um relógio barato de mostrador preto e corrente metálica. Os cabelos estavam presos no alto, um alívio para o calor matinal. Era apenas uma informante russa de olhos azuis

fazendo sua contravigilância a caminho de um encontro clandestino com seu operador americano.

Dominika saiu da Ermou, entrou numa ruazinha transversal e passou por vitrines agora minúsculas, bem diferentes das anteriores, nas quais eram expostos diversos artigos de natureza religiosa: paramentos, batinas, estolas e mitras. Crucifixos de prata pendiam de suas pesadas correntes e giravam lentamente no ar: uma vez, duas vezes, três, e Dominika continuava sozinha ali, nenhum outro pedestre à vista. Mais à frente, bem no centro da Rua Ermou, ficava a capela bizantina de

Kapnikarea, com sua fachada de pedras largas, janelas finas e telhado de múltiplas águas. Dominika voltou para a Ermou, desceu cinco degraus — o nível da rua no ano de 1050 — e entrou na capela.

O interior era minúsculo. Os afrescos e ícones nos arcos do teto estavam lascados e manchados de água, e os sinuosos textos bizantinos, desbotados havia muito tempo, talvez em razão dos séculos de fumaça de incensos e velas. Perto da porta ficava uma bandeja de areia com inúmeras velas espetadas, algumas inclinadas para o lado das vizinhas. Dominika pegou uma nova e

a acendeu na chama de outra.

Ainda não a tinha espetado na areia quando alguém se adiantou para acender a própria vela na dela. Ao virar o rosto, ela deparou com Nate às suas costas, sério, o halo violeta conferindo-lhe uma estranha semelhança com os santos bizantinos dos afrescos lascados. Ele sinalizou para que ela não dissesse nada, depois apontou com o queixo para a porta e saiu. Dominika esperou alguns minutos, enfiou sua vela na areia e voltou para a confusão da cidade.

Nate a aguardava do outro lado da rua, e ela foi ao encontro dele.

Nate, o operador sério e profissional, à espera de seu ativo. Dominika lembrou-se dos momentos de intimidade que eles tiveram em Roma e Helsinque. Para além da espionagem, os dois haviam sido amantes, uma relação duplamente clandestina, porém vital, voraz e verdadeira.

Para ele a memória do que tinham vivido era um pouco mais complicada. Ele dormira com sua informante, colocando em risco não só a segurança dela, como também o próprio futuro, um engano terrível. Já fora advertido por Forsyth e Gable, homens que respeitava, e mesmo

assim repetira o erro em Roma, sabendo que o chefe estava no quarto ao lado. Ficara arrasado ao saber que Dominika fora chamada de volta a Moscou, e culpava-se por tudo o que ela havia passado depois. Agora eles tinham uma missão a cumprir juntos, mas vendo o suor que se acumulava acima dos lábios dela, sua vontade era se aproximar e tocá-la.

Dominika percebia tudo isso com sua clarividência única. Manteve-se afastada, sem oferecer a mão, e observou os olhos dele, o violeta que o emoldurava. Via perfeitamente que ele pretendia tratá-la apenas como uma

informante, um ativo da CIA, mas na realidade os dois eram bem mais que isso. Já que ele se recusava a dar o primeiro passo, restava a ela comportar-se com o mesmo profissionalismo.

— Vamos? — falou, e seguiu atrás dele rua acima quando Nate se virou e começou a andar.

Eles se embrenharam nas ruelas do coração de Plaka, dobrando ora à esquerda, ora à direita, numa rota à primeira vista sem destino, um caminho que obrigaria qualquer esquema de vigilância a dar as caras naquele labirinto de pátios, passagens estreitas e pequenas

praças. A música escapava das lojas, que tinham as portas decoradas com guirlandas amarelas artesanais. Era possível sentir o perfume dos incensos e dos sândalos. Nate lançava olhares rápidos na direção de Dominika, que assentia com a cabeça querendo dizer que não havia ninguém que ela pudesse ver. Ele anuía em concordância.

A tarde caía quando enfim eles chegaram à Praça Filomouson, cheia de restaurantes. Mesas, toldos e guarda-sóis se espalhavam sob as fileiras de lâmpadas que se cruzavam no alto. O tilintar de pratos e panelas chegava ao lado de fora dos

estabelecimentos, vindo das diversas cozinhas. Nate conduziu Dominika até uma portinha verde decrépita, ao lado da qual uma placa informava: TAVERNA XINOS. Eles entraram, seguiram para o quintal de cascalho e se acomodaram numa mesinha de canto. Nate fez o pedido: uma salada de *taramo* com broto de beterraba e uma porção de *papoutsakia,* berinjelas assadas recheadas com carne de cordeiro moída, canela, tomates e molho bechamel.

Enquanto comiam, eles discutiam com o máximo de discrição possível o que Dominika deveria dizer quando voltasse a

Moscou. Combinaram que ela contaria à central que o seduzira, e nesse momento Nate precisou desviar o olhar por alguns segundos. Ela diria, ainda, que ele estava começando a falar de seu trabalho, o pardal russo enredando o ingênuo americano com suas artimanhas. Eles tinham dois dias para fabricar essa história, durante os quais deveriam se manter distantes do quarto dela, atentos a qualquer sinal de vigilância russa. Nenhum contato seria feito com a estação.

— Duvido que você adivinhe quem está em Atenas — disse Nate, enchendo o copo dela com o *retsina*

servido numa jarra de alumínio amassada. — Forsyth. Ele chegou há dois meses. Agora é o chefe da estação de Atenas.

Dominika sorriu.

— E *Bratok*? Veio também? — quis saber Dominika.

Imaginava se os dois sabiam de seu caso amoroso.

— Gable? Claro que veio. Aqueles dois são inseparáveis — respondeu Nate, e a conversa empacou. Havia um certo peso no ar, sobre a cabeça de ambos. Eles se entreolharam em silêncio, os olhos de Nate ficando turvos. — Temos

dois dias — falou ele afinal. — É importante fazermos toda a encenação, preenchermos esse tempo.

— Sim — concordou Dominika. — Precisamos encenar inclusive as nossas conversas, pra que depois eu possa fazer meus relatórios pra central. Tudo deve parecer... *podlinnyj.* Como é mesmo que se diz isso?

— Autêntico — respondeu Nate. — Exatamente, precisamos parecer autênticos.

— É importante que eu tenha muitos detalhes pra contar depois — emendou Dominika, lembrando-se

dos interrogatórios em Lefortovo.

Em seguida o assunto morreu de novo. Ambos sentiam nos ombros o peso da mentira, da negação de seus sentimentos. A nuvem violeta de Nate era sempre a mesma, como se nenhum conflito o atormentasse. Dominika procurou se concentrar. Ao sair do restaurante, eles seguiram pela periferia de Plaka, percorrendo as ruelas escuras vizinhas dos muros da Acrópole. A certa altura, subiram uma escada estreita com vasos floridos em cada degrau. No alto, Dominika segurou Nate pelo braço para que ele parasse. Por um breve instante ficaram ali, no escuro,

correndo os olhos à sua volta, procurando ouvir passos no silêncio da noite. Não escutaram nada, e Dominika o soltou.

— Aqui a gente precisa decidir — sussurrou ele. — O que vamos fazer? Cada um vai pro seu hotel e voltamos a nos ver amanhã?

Dominika não tinha a menor intenção de facilitar as coisas.

— E se meu quarto estiver monitorado? O esperado é que você me convide pro seu hotel, e que eu aceite o convite.

Nate teve a sensação de que estava pulando de cabeça nas águas

geladas de um lago.

— Você tem razão. Afinal, precisamos ser autênticos, não é?

Eles se entreolharam por mais um minuto.

— Então, vamos? — disse Nate.

— Como você quiser — respondeu Dominika.

***

Serguei Matorin estava completamente nu diante do espelho de seu quarto no King George Hotel, na Praça Syntagma. Sabia que Dominika estava hospedada no vizinho Grande Bretagne.

Remanescentes de um passado glorioso, os dois hotéis ainda guardavam certa elegância do Velho Mundo que contrastava com a confusão da cidade. Matorin não estava na frente daquele espelho para admirar seu corpo lanhado de cicatrizes afegãs e com um buraco no ombro direito no ponto em que ele fora ferido ao liderar uma manobra com seu Grupo Alfa no Bazar de Ghazni. Não. Estava ali para se concentrar melhor nos movimentos d e *tai chi* que vinha praticando, no seu lento balé de ataques, defesas, pivôs e imobilizações. Um apolo bailando em meio à cacofonia do

trânsito que vinha da rua. Terminada a prática, ele dobrou o tronco o máximo possível, voltou a se reerguer e respirou fundo, o olho opaco imóvel na órbita.

Em seguida pegou sua mala de rodinhas e a esvaziou em cima da cama. Desparafusou a estrutura metálica e chegou ao compartimento secreto, engenhosamente concebido pelos técnicos de Moscou, no qual ele escondia seu facão Khyber sempre que precisava viajar. Com a arma em punho, voltou para a frente do espelho e simulou uma série de golpes de combate, a lâmina chiando baixinho ao cortar o ar.

Matorin suava profusamente por causa do exercício. Manchou o brocado azul-claro de uma cadeira Luís XIV ao se sentar nela para uma inusitada operação: pegou o cinzeiro de cerâmica do hotel, virou-o de cabeça para baixo e usou a superfície áspera para afiar seu facão com movimentos precisos, a estridência da ação se sobrepondo ao barulho da rua. Dali a pouco, satisfeito com o resultado de seu trabalho, largou a arma e tirou da mala uma pequena sacola fechada com zíper e etiquetada com a palavra INSULINA. Pescou lá de dentro duas grossas seringas autoaplicáveis, uma amarela

e a outra vermelha, concebidas para serem usadas no músculo da coxa ou nas nádegas. A primeira continha uma dose de SP-117, um composto de barbiturato desenvolvido pela Linha S. Essa seria usada para as perguntas. Já a vermelha, do Laboratório 12, continha 100 miligramas de pancurônio, substância capaz de paralisar o diafragma em noventa segundos. Essa seria para depois. Duas seringas. O amarelo e o vermelho das Spetsnaz.

***

Eles pegaram um táxi e

seguiram em silêncio para o hotel de Nate, o St. George Lycabettus, que se aninhava entre os pinheiros da colina Likavittos. Da varanda do quarto era possível ver o Partenon iluminado, o vasto tapete de luzes urbanas que cintilava até a negritude do mar, até o porto em que Egeu se sentara à espera das velas brancas do filho Teseu. Dominika deu uma olhada no banheiro, ligando e desligando o interruptor rapidamente. A luz que vinha da fachada do prédio era a única iluminação do quarto. Nate andava de um lado para outro enquanto Dominika o observava de braços cruzados.

— Se você quiser mudar nosso plano, tudo bem — disse ela de repente. — Posso escrever no relatório que minha visita a seu quarto durou menos de cinco minutos, que o seu... ardor... foi um tanto... como é mesmo que se diz *ukorachivat kratkiy*?

— Breve — respondeu Nate.

Suas cores cintilaram com a brincadeira.

— Isso. — Dominika foi para a porta da varanda e ficou ali olhando para o nada. — O pessoal de Yasenevo vai adorar saber que os agentes da CIA não têm tanto fôlego. Seu desempenho vai ser a fofoca do

dia lá na central.

— Sempre adorei o humor russo. Pena que seja tão difícil de encontrar — retrucou Nate. — Mas se for pra dar verossimilhança ao nosso teatro, acho que você deveria passar a noite aqui.

Pra dar verossimilhança ao nosso teatro, pensou Dominika, e disse:

— Tudo bem, então. Durmo no sofá e você no quarto. Com a porta fechada, claro.

Nate respondeu com praticidade:

— Vou buscar um cobertor e um travesseiro pra você. Temos um

longo dia pela frente amanhã. Fazendo nada.

Dominika esperou que ele se retirasse para o quarto e só então tirou o vestido e se acomodou no sofá. Mais uma noite de luar, pensou amargamente, olhando para a luz que invadia o quarto. Chegou a se levantar para fechar as cortinas, mas desistiu no meio do caminho e voltou a se deitar.

Estava cansada de ser usada feito uma bota velha por todos eles: os *vlatsi* — herdeiros da antiga União Soviética —, Korchnoi, os americanos. Estava farta de Nate lhe dizer o que fazer, o que era mais

eficiente, o que não era. Como era possível que Korchnoi tivesse suportado aquilo por tanto tempo? E *ela*, quanto aguentaria? Aguçou os ouvidos, tentando detectar algum ruído no quarto de Nate. Precisava de algo mais por parte de todos eles. Estava cansada de ter os próprios sentimentos negligenciados.

Faltava pouco para as três da madrugada quando Nate, meio zonzo, teve a impressão de que alguém havia aberto a porta de seu quarto. Uma luz difusa vinha da rua, atravessando a transparência das cortinas. Ergueu a cabeça ligeiramente e deparou com a

silhueta de Dominika, que caminhava para a janela com seu inconfundível e gracioso manquejar. Ela abriu as cortinas, assim como a porta de correr atrás delas, e deixou a brisa da noite inflar os panos, enroscando-os nela. Em seguida se aproximou dele e ficou parada ao lado da cama. Nate se ergueu, apoiando-se num dos cotovelos.

— Algum problema? — perguntou. — Tudo bem com você?

Dominika não respondeu e continuou ali em pé, olhando para ele. Por força da profissão, Nate cogitou se ela tinha ouvido algum barulho, se eles seriam obrigados a fugir dali no

meio da noite. Sabia que havia uma escada de fundos, já tinha estudado o lugar mais cedo. Vendo que Dominika não diria nada, ele se sentou na cama, pegou a mão dela e indagou:

— Domi, o que foi? O que está acontecendo?

Num fiapo de voz, ela disse:

— Quando nós fizemos amor, você colocou isso nos seus relatórios?

— Do que você está falando? — quis saber Nate.

— Em Helsinque e em Roma, quando a gente fez amor, você contou para os seus superiores?

— O que a gente fez não foi nada profissional. Contrariamos todas as regras. Mas a culpa foi minha. Coloquei em risco a sua segurança, a integridade da operação.

Dominika o encarou por alguns segundos em silêncio, depois falou:

— A operação. Você está dizendo que... a gente colocou em risco a continuidade da *razvedka*. Do fluxo de informações de inteligência.

— Olha — retrucou Nate —, o que a gente fez foi uma loucura, tanto em termos profissionais quanto pessoais. Quase perdemos você uma vez, quando foi pra Moscou. Eu pensava em você o tempo todo. Ainda

penso.

— Claro. Você pensa na operação. Em Dominika, *o ativo nacional*.

— Ainda não entendi sobre o que você está falando. O que quer que eu diga?

— Eu quero que por alguns instantes a gente pare de pensar na operação, que sejamos só você e eu — devolveu ela, o peito arfando sob o sutiã.

Nate se levantou e a abraçou. Em sua cabeça, o desejo que o consumia lutava contra o instinto de sobrevivência. Ele sentiu o cheiro do

cabelo dela, a pressão de seu corpo. O Sr. Agente Operador estava prestes a escorregar uma terceira vez.

— Dominika... — balbuciou, ciente do perigo que corria.

— Você vai violar as regras de novo? — perguntou ela.

Podia ver o efeito que o desejo tinha sobre o violeta da aura dele, que agora ardia forte o bastante para iluminar o quarto.

— Dominika... — repetiu ele, e a olhou nos olhos.

Os cílios dela pareciam tremer ao sabor da brisa. Nate viu o rosto de Forsyth, sério, bravo, ameaçador.

Nate a queria mais do que era capaz de resistir.

— Dessa vez eu quero que você viole as regras... *comigo*... não com a sua informante. Quero que você *me* viole — provocou Dominika.

Em seguida, desabotoou o sutiã de renda. Eles caíram juntos na cama, ela de bruços, ele se jogando por cima dela, pesado e quente, ofegando em seu pescoço, entrelaçando os dedos nos dela. Dominika apertou as mãos dele com força. Nate prendeu os quadris dela com as pernas e a respiração de Dominika se tornou mais pesada.

— *Trahni menya...* — gemeu ela,

esticando o braço para baixo a fim de tocá-lo.

— Quantas regras você vai me obrigar a quebrar? — sussurrou ele no ouvido dela.

Dominika virou o rosto para Nate em silêncio, querendo ver se ele estava brincando com ela.

— Cinco? Dez? — prosseguiu Nate.

Mantendo a boca próxima ao ouvido dela, começou a contar até dez bem devagar, cada número seguido de uma estocada:

— Odin... dva... tri...

Dominika estremecia de prazer,

o coração bem mais acelerado do que antes.

— Chyetirye... pyat... shest...

Ela esticou os braços, agarrando os lençóis.

— Syem... vosyem... dyevyat...

Os dedos agora eram garras que enrolavam as cobertas em volta dos pulsos.

— *Dyesyat*, dez — disse Nate, e ergueu o tronco das costas de Dominika, ainda dentro dela, olhando para seu dorso suado, suas nádegas empinadas.

Ela enterrou o rosto nos lençóis, ofegante, em êxtase.

O luar agora se esparramava dentro do quarto. Deitado ao lado de Dominika, Nate segurou-a pelo queixo e beijou-a na boca. Com delicadeza, Dominika afastou a mão dele e falou:

— Se você disser a coisa errada, finco uma unha no seu olho direito e jogo você lá embaixo.

— Não duvido nada — retrucou Nate, acomodando a cabeça no travesseiro.

— É isso mesmo. E se eu quiser mais, vou seduzir você de novo.

— Tudo bem, tudo bem, não foi isso que eu quis dizer. Mas agora será

que a gente pode dormir um pouco? Promete que vai ficar boazinha pelo menos por um tempinho?

— Claro — retrucou Dominika. — Os bons agentes sempre seguem as instruções.

A BERINJELA RECHEADA DA TABERNA XINOS

No azeite quente, refogar carne de cordeiro moída com cebolas e tomates picados. Temperar bem, deixar esfriar, depois adicionar queijo ralado, salsinha, pão dormido reidratado e um ovo batido. Cortar as berinjelas em duas, ao comprido, e refogá-las no azeite até que amoleçam. Retirar a polpa e reservar. Rechear a

casca com o cordeiro moído. Cobrir com molho Mornay, borrifar com azeite, levar ao forno num refratário (com a polpa e um pouco de água no fundo) e assar até dourar. Servir à temperatura ambiente.

CAPÍTULO 37

ZYUGANOV SEGURAVA COM FORÇA o fone do aparelho criptografado. Era quase tão grande quanto sua cabeça.

— Claro que eles vão estar atentos à vigilância — disse ele. — Você não vai conseguir segui-los. Mantenha o plano original. Já está com todo o material preparado? Você só vai precisar de quinze minutos. Consegue o nome, confirma comigo, depois liquida a fatura.

Ele girava na cadeira enquanto ouvia a resposta de seu interlocutor.

Depois:

— Olha, não estou dizendo pra você *não* salvá-la, mas o nome é mais importante do que qualquer outra coisa, mais do que *qualquer um*. Entendido? Quero resultados. *Resultados*, está me ouvindo? Agora, ao trabalho.

***

No último dia deles em Atenas, os raios de sol já estavam fortes às nove da manhã. Cansados, moles e meio zonzos, eles desceram a Rua Pindarou, pararam num dos cafés da Praça Kolonaki e se acomodaram em uma mesa na calçada. Pediram um

suco de laranja e brioches. Ficariam na rua o dia todo, ensaiando o que Dominika deveria reportar à central. Ela deu uma mordida em seu brioche e lambeu os dedos depois. Sentia-se bem melhor do que na véspera.

— Será que eu digo que você me forçou, ou que eu coloquei uma venda nos seus olhos e o tranquei nu num armário?

Ela arrancou um pedaço do pãozinho e o levou à boca de Nate. Ele virou a cabeça para o outro lado.

— Trancar alguém num armário não seria novidade nenhuma no SVR — devolveu ele.

Sentia-se irritadiço, culpado, sem nenhuma paciência para os gracejos depois da noite de amor. Dominika ficou desanimada ao ouvir isso. Largou o brioche no prato, encarou-o e disse:

— Você está sendo insensível.

Mas o espírito do contra de Nate já estava a postos. Ele sabia muito bem o que sentia por Dominika, mas também conhecia suas obrigações, e tinha consciência do que ela queria dele, do que ele podia oferecer, do que a CIA lhe permitiria oferecer. Sim, ele estava apaixonado, mas ainda assim não podia deixar de se recriminar por ter permitido, *mais*

uma vez, que os sentimentos falassem mais alto. E logo na véspera do dia em que Dominika teria de voltar a Moscou e enfrentar seus interrogadores. Na hipótese de que algo desse errado, a culpa seria toda dele, por não ter sido capaz de dizer "não" na noite anterior. Ah, os russos, aqueles românticos. Dominika queria algum tipo de relação amorosa, mas ambos eram agentes secretos e não poderia haver nada entre eles que lhes tirasse o foco do trabalho.

Ele olhou para ela — seu último pensamento foi que achava que a amava — e Dominika leu seus pensamentos. Viu os demônios dele,

o halo roxo em volta de seus ombros, e percebeu que a conexão da noite passada não existia mais.

Visualizou a culpa e o arrependimento que ele sentia, assim como as cores desbotadas a seu redor. Seus próprios demônios também haviam escapado da caverna feito morcegos ao anoitecer, e aos poucos ela voltava a seu papel de cabo Egorova, sentindo o peito arder com a *goryachnost*, a irritabilidade para a qual o general Korchnoi já a alertara. Ela se levantou e disse:

— Vou passar no meu hotel para tomar um banho, trocar de roupa.

— Negativo — retrucou Nate. —

É o único lugar em que eles podem encontrar você. Encontrar a gente. Benford foi claro ao falar...

— *Gospodin* Benford pode muito bem ficar sem banho e sem trocar de roupa. Eu não. Em dez minutos estou de volta.

Nate pensou rapidamente nas possibilidades. Ir com ela? Deixá-la ir e marcar um encontro para mais tarde? Àquela altura ele já conhecia bem os sinais de Dominika e sabia que ela estava furiosa. O mais prudente seria acompanhá-la. Era bem possível que a garota sumisse do mapa apenas para afrontá-lo, e nesse caso... o que ele reportaria a

Washington?

— Tudo bem. Dez minutos, não mais que isso — retrucou, em seguida a tomou pelo braço.

Ela tirou o braço do dele com toda a delicadeza.

O hotel Grande Bretagne resplandecia na Praça Syntagma, com seus corrimãos de metal dourado e suas *portes cochères* de ferro fundido. Eles subiram para o quarto e Nate, um tanto sem jeito, ficou esperando na enorme antessala cheia de móveis e luminárias tão elegantes quanto o espesso carpete Wilton. De onde estava ele podia ver Dominika se despindo no quarto, deixando à

mostra a mesma lingerie de renda da véspera, com a cama *king size* ao fundo. Ao se sentar para tirar as sandálias, Dominika percebeu que Nate a observava e o encarou com ar de desafio. Sabia que sua quase nudez mexia com o americano. Levantou-se e foi para a porta do quarto.

— Está aproveitando? — disse, erguendo os braços sobre a cabeça, provocando-o.

— Dominika, para com isso — devolveu Nate.

— Confessa, vai — continuou ela, agora apertando os seios com as mãos. — Você fica desorientado

comigo, não fica? Meu plano está funcionando direitinho, não está?

— De forma admirável. Você não poderia estar se saindo melhor na sua missão, cabo Egorova — respondeu Serguei Matorin, emergindo do closet que ficava entre o quarto e o banheiro.

Falara em russo, em uma voz rascante. Estava vestido todo de preto, desde o blazer até os mocassins. Com displicência, ele arremessou uma sacola e uma bainha de feltro sobre a cama, ambos pretos, depois começou a tirar o blazer, sem desviar os olhos de Nate.

O quarto ficou em silêncio por

um momento e de repente, como se despertada por um choque elétrico, Dominika arremeteu para desferir uma joelhada certeira na virilha do russo. Nate não pôde deixar de notar a musculatura das pernas e das nádegas dela, acentuada pela renda preta da calcinha. Matorin ainda gemia de dor quando desferiu um murro no pescoço de Dominika, na altura da glote, e ela caiu de costas no tapete do quarto, debatendo-se para encher os pulmões.

Nate demorou um pouco mais para reagir. Quando se moveu, parecia estar em câmera lenta. *Alguém vai ter que morrer aqui,*

pensou, porque o homem tinha ouvido a conversa deles pouco antes, e agora bastaria um simples telefonema para que o mundo viesse abaixo. Como se tivesse cheirado um vidro de amônia, Nate saiu de seu torpor, irrompeu na direção do russo e jogou-se contra ele. Os dois caíram sobre uma cadeira próxima e o frágil móvel se espatifou com o peso deles, fazendo-os desabar no chão. Assim que conseguiu se levantar, Nate sentiu no rosto o efeito de três pedradas, *bum, bum, bum*, e imediatamente reconheceu a técnica da mão aberta das brigadas russas. Os golpes o deixaram zonzo, mas não

o bastante para impedi-lo de desferir uma chave de braço e chutar o russo na parte de trás dos joelhos. Matorin caiu no chão e rolou algumas vezes antes de se reerguer com os punhos em riste, um sorriso largo estampado no rosto. Tateando à sua volta, Nate encontrou uma peça de mobiliário qualquer e arremessou-a contra as canelas do russo. Movido pela adrenalina que corria em suas veias, procurou relembrar o que sabia sobre técnicas de corpo a corpo, avançou para cima do homem e com a almofada da mão desferiu uma verdadeira bomba no queixo dele, lançando-o ao chão mais uma vez.

Matorin se arrastou até a cama, recuperou a bainha que havia jogado ali e numa questão de segundos já estava de pé novamente, com o facão em punho, desenhando com ele pequenos círculos no ar. Nate viu que precisava recuar, que não podia fazer nada contra um facão a menos que encontrasse alguma arma por perto, e não havia nenhuma, tampouco algo comprido e cortante o suficiente para ser usado como arma.

Dominika enfim deu sinal de vida: por sorte não havia sucumbido ao murro no pescoço. Ela ergueu acima da cabeça um vaso grande de porcelana em tons de azul e branco e

alguns segundos depois espatifou o pequeno tesouro nas costas de Matorin, que caiu sobre um dos joelhos, lúcido o suficiente para girar o facão num gesto rápido. A lâmina assobiou no ar antes de abrir um risco vermelho na pele alva de Dominika, um corte que começava na coxa, continuava na barriga, na diagonal, e já começava a sangrar. Ela cambaleou para trás e desabou no chão, em seguida ergueu o tronco para examinar a perna banhada em sangue.

O abajur de metal dourado era pesado o bastante para fazer algum estrago, e Nate não pensou duas

vezes antes de arremessá-lo contra Matorin, mas o russo o aparou com um gesto impressionante, rápido o bastante para embaralhar-lhe a vista. Pelo menos ele havia deixado Dominika de lado. Com a mesma rapidez de antes, Matorin se reergueu num salto e um instante depois Nate sentiu a lâmina no braço e na barriga. O sangue escorreu para dentro de suas calças, quente e abundante, dando a impressão de que ele tinha mijado nas próprias pernas. Precisava fazer alguma coisa para deter aquele maldito facão. Como um domador de circo, Nate ergueu uma poltrona e nesse momento sentiu

mais um rasgo na camisa, agora no braço esquerdo, e o sangue começou a escorrer copiosamente para o chão. Ele viu a ponta do facão rasgar o brocado da cadeira e avançou o máximo possível, enquanto ainda tinha forças. Tentou chutar o joelho do russo, mas a perna bambeou. Mau sinal, péssimo sinal, tão ruim quanto as pegadas vermelhas que ele deixava às suas costas no carpete, quanto o cheiro de ferro que farejava no ar.

Dominika acompanhava a cena do outro lado do quarto: Matorin dançando com seu facão Khyber enquanto Nate cambaleava para o

lado com as roupas empapadas de sangue. Quanta burrice ter voltado para aquele hotel. A culpa era toda d e l a . *Idiotka*. Nate continuaria lutando até morrer, lutando *por ela*. Não havia mais dúvida de que ele a amava. A constatação desse amor foi o que bastou para que ela, tomada de fúria, encontrasse forças para reagir. Ficou de pé e cambaleou até a cama para vasculhar a sacola preta que Matorin deixara ali. Precisava de uma arma. Qualquer uma.

Matorin respirava sem a menor dificuldade quando desferiu mais um golpe de facão no bíceps de Nate. Num gesto impensado, o americano

fechou os dedos em torno da lâmina e imediatamente sentiu-a escorrer pela palma de sua mão. O russo o encarava enquanto ele fazia o possível para firmar os joelhos bambos a fim de não cair. O monstro sem dúvida já arquitetava o próximo golpe, talvez um rasgo vertical no abdômen, fundo o bastante para eviscerá-lo, ou talvez algo mais simples como um tapão na lateral do pescoço.

Foi então que Dominika avançou na direção deles com um dos seios à mostra, uma versão menos composta da *Liberté*, de Delacroix, e cravou as canetas vermelha e amarela que

havia encontrado na sacola nas nádegas de Matorin. Num gesto instintivo, o russo girou para derrubá-la com um murro e ainda teve tempo de vê-la bater com a cabeça no chão antes de sentir o ar lhe fugir completamente dos pulmões, obrigando-o a desabar no carpete. Ofegante, e ainda com as duas seringas espetadas no traseiro, ele engatinhou na direção do precioso facão, mas logo seus membros pesaram e ele começou a sacudir a cabeça de um lado para outro, o diafragma paralisado pelos barbitúricos, o cérebro boiando nos narcóticos, o olho bom revirando na

órbita, os calcanhares tamborilando contra o carpete numa espécie de chocalho da morte. Nate cogitou decapitá-lo apenas por garantia, mas em vez disso foi para perto de Dominika e ficou aliviado ao constatar que o coração dela ainda batia, ao ver os olhos dela se abrirem. Estava prestes a desmaiar quando lembrou que tinha algo importante a fazer: dar um telefonema.

***

Dominika tomou o celular da mão mutilada de Nate e informou a *Bratok* a localização deles. Em poucos minutos Marty Gable já estava à porta

do hotel com um socorrista da embaixada, que esperou no carro com o kit de emergência. O que ele fez para limpar os ferimentos dos dois e tirá-los do hotel foi praticamente um milagre. Transformou lençóis em ataduras, vestiu o paletó fedorento de Matorin em Nate, penteou os cabelos de Dominika. Pediu que ela recolhesse as seringas espetadas no morto, vasculhasse os bolsos dele e recolocasse o facão na bainha de feltro. Colocou o braço de Nate em volta do próprio ombro e saiu com ele para o corredor. Fez um gesto para que Dominika trancasse a porta

do quarto e jogasse a chave num vaso de plantas. Os três desceram juntos pela escada de serviço do hotel.

Feito Bonnie e Clyde, Dominika e Nate se jogaram no banco traseiro do carro de Gable e o socorrista, assustado, imediatamente tratou de estancar os ferimentos dos dois com bandagens de alta compressão israelenses. Em seguida, ao ver que o pulso de Nate estava bastante fraco por causa da hemorragia, deitou a cabeça dele no colo de Dominika, tirou uma bolsa de plasma de seu kit de emergência e logo encontrou uma veia para espetar a cânula. Dominika segurava a bolsa em silêncio

enquanto Gable enfrentava as complexidades do trânsito ateniense, cuspindo palavrões, esmurrando o volante do carro.

Em alguns minutos eles entraram em Zografos, um distrito de subúrbio a leste do centro, à sombra do Monte Ymittos. Ali, na tranquilidade de uma área essencialmente residencial, ficava o apartamento clandestino da estação. Gable e o socorrista ajudaram os feridos a subir e instalaram Nate num dos quartos. O socorrista ficou com ele até a chegada do médico da embaixada. Ambos estavam autorizados a atender os agentes

secretos da estação, mas Gable queria que os dois saíssem dali o mais rápido possível. Dominika levou vinte pontos em seu ferimento e Nate, o triplo disso. Gable apoiava a russa pelo ombro, olhando-a por cima dos óculos, mas depois de pouco tempo ela se desvencilhou e foi para o outro quarto se limpar com uma esponja úmida. A contragosto, lembrou-se de Ustinov. Muita água já havia corrido desde então, mas ainda assim ela precisou prender o choro.

Gable agradeceu ao médico e ao socorrista (por mais curiosos que estivessem, ambos sabiam que não deviam fazer perguntas) e os

dispensou com delicadeza. Dominika agora estava ao lado de Nate, ouvindo-o respirar, e Gable também a tirou dali. Levou-a para a cozinha e ofereceu-lhe sopa e pão, mas ela não aceitou nenhum dos dois. Então deixou que a jovem fosse ao outro quarto e ouviu quando a porta foi fechada. Cinco minutos depois, no entanto, escutou-a voltar para o lado de Nate e resolveu deixá-la em paz.

Mais tarde, Gable entreabriu a porta do quarto e viu Diva sentada na cama falando algo com ele em russo. Nate ainda estava sob o efeito de sedativos e parecia melhor, mais corado. Tudo aquilo tinha sido uma

baita confusão, mas graças a Deus eles haviam sobrevivido.

Forsyth apareceu na noite seguinte, disfarçado sob uma barba postiça e um par de óculos com armação metálica. A polícia grega conhecia o rosto dele, e agora havia uma grande operação em curso para encontrar a jovem russa que sumira do Grande Bretagne, deixando para trás um presunto no quarto. A foto de passaporte de Dominika circulava em todos os jornais e noticiários de TV. Sabia-se que ela estava acompanhada de um ocidental de cabelos escuros, possivelmente um americano. Antes de mais nada, Gable precisou dizer a

Forsyth que aquela barba e aqueles óculos o deixavam igualzinho a um psiquiatra vienense, desses que curam traumas sexuais. Em seguida o colocou a par dos acontecimentos no hotel e do estado de Nate e Dominika. Forsyth se acomodou no sofá e jogou uma pilha de jornais sobre a mesa à sua frente. O circo que a imprensa vinha fazendo em torno do assassinato no Grande Bretagne parecia excessivo até mesmo para os padrões gregos. Os tradutores da estação haviam fornecido uma lista de manchetes:

“Matadora da KGB traz pânico

à cidade” — *Kathimerini* (centro-direita)

“Guerra Fria produz vítima no hotel Grande Bretagne” — *To Bhma* (centro)

“Beldade russa procurada por homicídio sexual” — *Eleftherotiypia* (centro-esquerda)

“Descaso americano com patrimônio histórico grego” — *Rizospastis* (comunista)

“Assassinato na baixa estação de um ‘abatedouro’ cinco estrelas” — *Tribuna Shqiptare* (jornal de língua albanesa)

Eles procuravam não fazer muito barulho enquanto esperavam Dominika sair do quarto. Dali a meia hora, Forsyth decidiu bater baixinho à porta dela. Sem abrir, Dominika disse que não estava se sentindo bem, que precisava dormir. Não, não era necessário chamar o médico. Forsyth voltou para o lado de Gable e falou:

— Sei lá. Acho que tem alguma coisa errada aí. Não é só o choque.

Pouco depois ouviram um barulho e viram Nate emergir do quarto e se arrastar sala adentro, apoiando-se nas paredes. O roxo dos hematomas cobria uma das faces, o

laranja do antisséptico manchava as bordas das ataduras. Ele se sentou na poltrona mais próxima, fazendo uma careta de dor.

— O que vocês estão fazendo aqui? — balbuciou. — Alguma emergência?

— Como está se sentindo? — devolveu Gable, ignorando a pergunta. — Alguma tontura? Quer comer alguma coisa?

Nate fez que não com a cabeça e Forsyth começou a falar:

— Os chefões de Washington estão todos no meu pé. Fui convocado pra falar com o

embaixador umas seis vezes, e ele, coitado, foi chamado duas vezes pelo ministro de Relações Exteriores da Grécia. A polícia grega inteira está atrás da russa fujona, tentando identificar o morto, e a embaixada russa diz que não faz ideia do que está acontecendo. O prédio do Ministério de Relações Exteriores fica na mesma rua do Grande Bretagne, alguns quarteirões à frente, e os holofotes das equipes de TV estão ligados há 24 horas na Praça Syntagma.

— Isso é tudo o que a gente pode querer numa operação clandestina: holofotes de TV — ironizou Gable,

olhando para Nate.

— Em Washington as pessoas estão putas em diferentes níveis: tem os putos, os muito putos e os que estão espumando de tão putos — prosseguiu Forsyth. — Chovem acusações de todos os lados. Por que ninguém previu essa investida do SVR? Por que ninguém tirou você do caso? Por que Marble não alertou ninguém sobre o matador russo? Muita coisa sem pé nem cabeça. Quase tudo, aliás. Hoje de manhã recebi um e-mail do chefe da Europa. O almirante Nelson está sugerindo que é hora de "virar a embarcação para outro lado" no caso Diva. Ao que

parece, C/ROD disse ao homem que ele era um grande incompetente. Na frente do diretor. Mas tudo isso é contornável. Aí, ontem à noite, Benford me ligou. Puto, também. Perguntando que parte de "não levar Dominika pra cama" você não tinha entendido. Explicar o seu desempenho pra ele, especificamente, talvez seja mais difícil, mas isso, meu caro, é problema seu. Tudo vai depender do humor dele. Da vontade que ele estiver de arrancar o seu couro.

— Minha recomendação para ele foi arrancar o seu couro — disse Gable.

— Mas nem tudo está perdido. Benford disse que esse incidente criou uma pequena janela de oportunidade; ele estava bem animado. Vai chegar aqui amanhã à noite e, até lá, quer que você suma de circulação. — Forsyth foi até a porta da varanda e espiou através de uma fresta na cortina. — É importante que Dominika permaneça escondida pra que o pessoal de Moscou assuma o pior: que ela foi descoberta pela CIA, que agora sabemos o que eles querem fazer com você. Temos apenas alguns dias de prazo, não mais que isso.

Gable se levantou, atravessou o

pequeno corredor do apartamento e bateu à porta do quarto de Dominika. Pediu para entrar, e dessa vez ela permitiu. Forsyth e Nate ouviram a voz de barítono que vinha do quarto e em dez minutos ele reapareceu. Sentou-se novamente e sussurrou:

— Problemas. Ela está nervosa. Não histérica, mas puta dentro das calças. Furiosa. Vocês conhecem o temperamento dela. Mas dessa vez é sério. Ela não sabe mais em quem confiar: na gente, em Marble... nos russos então, nem pensar.

Nate tentou se levantar.

— Pode ficar com o rabo sentado aí — ordenou Gable no

mesmo instante. — Parte do problema é que ela está se culpando por você ter quase morrido. A primeira coisa que fez foi perguntar por você.

— Ela salvou minha vida — disse Nate. — Aquele açougueiro me pegou de jeito.

— Vocês vasculharam o quarto quando subiram? — perguntou Gable, e Nate desviou o olhar. — É, imaginei que não. Ela agora está falando em não voltar mais pra Rússia, em fugir, em desertar. Está com os nervos à flor da pele, se sentindo traída. E como se isso não bastasse, o ferimento na perna não para de doer.

Tadinha. Tudo isso em apenas dois dias na companhia do nosso conquistador aqui.

Nate não botaria mais lenha na fogueira dizendo que eles tinham ido para a cama de novo.

Forsyth ficou de pé.

— Marty, fique com a garota até Benford chegar. Nate, amanhã vamos tentar contrabandear você para dentro da estação. Quero que comece a escrever seu relatório, contando direitinho o que aconteceu. Benford vai querer saber de tudo.

Nate fez que sim com a cabeça.

— Por enquanto, vamos deixar

que Diva respire um pouco. É bem possível que tenhamos perdido nossa informante. Só vamos saber depois que ela tiver tempo para pensar.

Assim que Forsyth saiu, Gable foi à cozinha, vasculhou os armários e a geladeira, depois voltou à sala dizendo que iria até a esquina comprar uma garrafa de vinho, pão e queijo.

— Fique longe daquela varanda — falou. À porta, tirou uma pistola do bolso do paletó e a arremessou para Nate. — É uma PPK/S. Arma de mulherzinha. Trouxe pra você.

A certa altura, foi até o quarto de Nate, sentou-se na beira da cama e

ficou ali, vendo-o dormir. Sabia exatamente o que acontecera. Seu tio Vanya cansara de esperar que ela conseguisse arrancar do americano o nome do traidor russo, então despachara Matorin para resolver o problema, o que era essencial para suas ambições políticas. Em nenhum momento pensara nela, no risco que ela correria caso estivesse com Nate quando o matador aparecesse para fazer seu trabalho. Será que ele a queria morta também? Não havia como saber, mas por ora ela assumiria que a resposta era “sim”. Mais uma traição por parte de Vanya e sua corja.

Ela dissera a *Bratok* que não sabia ao certo se queria continuar sendo espiã. Estava fora da Rússia, no Ocidente, e talvez pudesse desertar. *Bratok*, gentil como sempre, respondera que ela fizesse o que julgasse melhor. Embora não houvesse nenhum motivo para calma, ao dizer aquilo a aura dele tinha uma tonalidade escura de roxo, e ela tinha gostado disso.

Era a segunda noite, já tarde, e os faróis das torres de transmissão no topo do Ymittos eram os únicos pontos de luz no breu que se estendia da montanha até as zonas urbanas de Zografos e Papagou. Forsyth e

Benford estavam sentados em cadeiras na sala enquanto Dominika, vestindo um roupão de banho, encontrava-se deitada no sofá, onde podia ficar com a perna para o alto. Ela ouvira Nate ir embora mais cedo, mas não saíra do quarto para falar com ele.

Benford chegara tarde, depois de ter insistido em ir direto para o apartamento clandestino. Após ler o relatório do ataque, pedira que as seringas do SVR fossem enviadas por malote ao Departamento de Serviços Médicos em Washington. No carro a caminho do esconderijo, dissera a Forsyth que era muito importante

agirem com rapidez.

— Como você está se sentindo? — perguntou a Dominika. — Acha que consegue andar?

Ela se levantou e caminhou um pouco em torno do sofá, correndo os dedos pelos pontos na perna, que era a mesma da qual mancava. Muito estrago para uma perna só.

— Desculpe, mas eu precisava saber — prosseguiu Benford. — Vamos ter que ir à rua, pra você fazer uma ligação pra Moscou. — Vendo a careta de dor que Dominika fez ao se sentar, pousou a mão no ombro dela e disse: — Não tenha pressa. Quero falar com você antes. Domi, preciso

saber se você está disposta a dar continuidade à relação que iniciamos em Helsinque, a voltar pra Moscou e continuar trabalhando de lá.

— E se eu não estiver? — perguntou ela. — O que vai ser de mim?

Conhecia aqueles homens, mas a confiança que tinha neles, e em todos os demais, já não era a mesma. Eles eram profissionais, precisavam de resultados, trabalhavam para uma organização que, para todos os efeitos, ainda era a oposição. Tanto Benford quanto Forsyth eram envoltos em uma luz azulada, a mesma que tingia as palavras que

saíam da boca de ambos. Homens de inclinação artística, sensíveis, engenhosos. Plenamente capacitados a convencer alguém a agir como quisessem. Ela sabia que tinha que tomar cuidado.

— O que vai ser de você? Bem, você irá para os Estados Unidos e conversará com o diretor em pessoa, que lhe dará uma medalha e uma conta bancária com dinheiro suficiente para que compre a casa que quiser, desde que seja segura. No conforto de sua nova residência você poderá acompanhar tudo o que está acontecendo na Rússia e no resto do mundo, livre das intrigas, dos riscos e

dos perigos da vida dupla de uma informante.

Dominika via o azul que pulsava acima da cabeça dele. Benford era um homem muito inteligente. Parecia conhecê-la do avesso, embora só a tivesse visto uma vez.

— Caso eu me disponha a continuar trabalhando pra vocês, o que querem que eu faça?

— Nesse caso, eu gostaria que você desse um telefonema — disse Benford. — Para o seu tio Vanya.

Forsyth acompanhava a conversa de sua cadeira em silêncio, mas com a mesma aura azulada de

sempre. Dominika achava que podia confiar nele, pelo menos um pouco.

— E qual seria a natureza dessa ligação? — indagou ela. Tinha plena consciência de que estava sendo conduzida a algum lugar, pouco a pouco, um passo de cada vez. — O que vocês esperam dela?

— Forsyth me falou brevemente sobre o incidente no hotel — retrucou Benford. — Sobre como você salvou a vida do Nate. Muito obrigado, Dominika.

Ele ainda não respondera à pergunta.

— E a ligação pra Moscou? —

insistiu Dominika.

— Depois de todo esse drama, precisamos preparar sua volta pra casa, maximizar as chances de que você consiga uma posição importante na central. Pressupondo, claro, que queira continuar trabalhando para nós.

— Se eu decidir voltar, tenho certeza que o general Korchnoi vai conseguir alguma coisa pra mim. Somos muito próximos.

— Claro. Aliás, estamos contando com isso — falou Benford. — Mas vocês devem operar separados.

Dominika assentiu com a cabeça.

— Um dia, você ocupará o lugar dele.

Dominika anuiu novamente.

— Mas para que tudo isso seja possível, é preciso que você faça essa ligação para Yasenevo, um telefonema de emergência, contando tudo o que passou, dizendo que está exausta, aflita, que subornou alguém pra costurar seus ferimentos, um veterinário, um farmacêutico, qualquer coisa assim. Fale que o capanga do SVR quase matou você, e por sorte Nate conseguiu escapar. É importante que eles pensem que foi

Nate quem matou o homem. Você está ligando da rua, fugindo da polícia e dos americanos que estão no seu pé. Então você vai pedir a seu tio querido que salve você.

— Entendi — respondeu Dominika. — *Gospodin* Benford, tem certeza que não mora um russo aí dentro dessa carcaça americana?

— Acho difícil — retrucou Benford.

— Eu não ficaria surpresa — disse ela.

— Tem mais uma coisa que você precisaria fazer — prosseguiu ele. — Nesse telefonema você deve espalhar

um pouco de *desinformação*. Sabe o que é isso?

— Claro. *Dezinformaciya.*

— Isso mesmo. Diga que a operação contra Nash foi por água abaixo, mas que você ainda teve tempo de tirar alguma coisa dele.

— O que você quer que eu diga nesse... teatro? — perguntou Dominika.

— Que vocês tiveram uma discussão, que mais uma vez trocaram farpas sobre a Guerra Fria, um acusando as operações de espionagem do país do outro. Durante essa discussão, Nate deixou

escapar que os americanos conseguiram pegar uma pessoa muito importante que vinha repassando segredos de Estado para a Rússia, um informante muito importante que a central vinha operando ativamente.

— Isso é verdade? — quis saber ela, já ligando uma coisa a outra, deduzindo que talvez fosse isso que tivesse deflagrado a ira de Vanya.

— A mais absoluta verdade — respondeu Benford. — Você deve dizer a eles que, segundo Nate, a central tinha tentado atrapalhar as investigações americanas por meio de uma armadilha, espalhando o

boato de que o informante havia feito uma cirurgia no olho. Uma pista falsa.

Benford fez uma pausa.

— Desculpe, mas qual é o objetivo desse último passo? — indagou Dominika.

Nessa altura ela já não conseguia ler direito a aura de Benford, que por algum motivo havia desbotado quase por completo.

— Dominika, esses detalhes são importantes. Queremos que a central saiba que você percebeu todo o jogo. Por isso é importante que você mencione a pista falsa da cirurgia no olho. Também queremos que a

central pense que você fez um belo trabalho e que venha tirá-la desta confusão. Você entendeu tudo?

— Entendi, mas vou dizer que f u i *eu* quem matou Matorin — retrucou ela. — Porque ele iria matar nós dois. Agora Nash fugiu e a culpa de tudo é exclusivamente do meu tio, não minha. Foi por causa *dele* que a operação fracassou.

— Impressionante — elogiou Benford, constatando que Marble tinha razão ao afirmar que a garota era especial. — Um refinamento sutil.

— Tomei a iniciativa de anotar alguns detalhes — atalhou Forsyth. — Onde você está escondida, essas

coisas. Em seguida, podemos fazer a ligação.

Eles examinaram as sugestões dele, depois Dominika saiu para se trocar no quarto, deixando Forsyth e Benford sozinhos na sala.

— Ela não vai ficar nem um pouco contente quando descobrir que omitimos o fato de que *ela* vai colocar a corda no pescoço do general — comentou Forsyth.

— É o único jeito — disse Benford, ríspido. — Também não gosto nada disso. Mas ela não pode hesitar, muito menos saber da armadilha.

— Vai acabar deduzindo — argumentou Forsyth. — E se ela ficar magoada a ponto de cair fora?

— Nesse caso vamos ter de engolir um fiasco de proporções napoleônicas. Espero que ela entenda o nosso lado — comentou Benford. — E a polícia grega? Você já cuidou de tudo?

— Tudo pronto. Ela vai ser presa na manhã seguinte ao telefonema.

FEIJÃO À MODA GREGA — GIGANTES

Refogar cebola e alho no azeite. Acrescentar tomates picados, salsa e

caldo de carne. Deixar engrossar, depois adicionar os feijões previamente cozidos, misturar bem e levar ao forno médio. Esperar até que os feijões estejam macios e a camada superior se torne crocante, quase queimada. Servir à temperatura ambiente.

CAPÍTULO 38

VANYA EGOROV TRABALHAVA ATÉ TARDE em seu gabinete. A noite caíra sem que ele percebesse, pois só o que o vice-diretor via em seu monitor de tela plana eram as intermináveis reportagens sobre o incidente em Atenas, matérias não só das emissoras locais, mas também de diversos canais internacionais: Eurovision, BBC, Sky, CNN.

A *rezidentura* de Atenas confirmara que o morto era Serguei Matorin. Vanya sentira um bolo se formar na barriga ao ser informado pelo *rezident* de que os gregos,

inexplicavelmente, já haviam cremado o corpo, tornando impossível qualquer investigação forense. *Inexplicavelmente porra nenhuma*, ele pensara. Fazia anos que a CIA tinha os gregos no bolso.

Mas nada disso importava agora. Vanya sabia que alguém autorizara a lambança em Atenas, alguém despachara o psicopata caolho para a Grécia. Não o diretor, nem seus pares no FSB. Nem mesmo o anão Zyuganov. Só havia um nome possível. Como se adivinhando seus pensamentos, o telefone criptografado tocou, fazendo o vice-diretor saltar na cadeira. Do outro

lado da linha, uma voz que ele já conhecia, ao mesmo tempo brutal e plácida.

— A operação em Atenas foi uma desgraça — disse Putin.

— Sim, senhor presidente — concordou Egorov, cogitando se o homem estaria descalço como na última vez em que o recebera no Kremlin.

Sem camisa, talvez?

— Fui bastante claro ao falar que não deveria haver nenhuma tarefa especial.

Não havia necessidade de dizer que ele, Egorov, não autorizara nada

daquilo. Putin sabia.

— Sim, senhor presidente, eu vou investig...

— Eu esperava mais de você, Egorov. A perda da senadora foi muito grave. O informante no quadro de funcionários do SVR continua ativo. Que diabo você está fazendo para eliminar esse traidor?

Se o senhor tivesse resistido aos seus impulsos, pensou Egorov, *a essa altura ele já estaria fora de circulação*.

— Como sabe, senhor presidente, designei uma agente muito habilidosa para explorar o operador americano. Aliás, eu estava

esperando receber dela uma informação...

— Sim, a sua sobrinha. Onde ela está agora?

Egorov preparou-se para o pior.

— Ela está... desaparecida.

Silêncio do outro lado da linha. E depois:

— Qual é a probabilidade de que esteja morta?

— Estamos aguardando alguma notícia.

Mais um longo silêncio. Dominika era, naquele momento, a maior pedra no sapato presidencial,

maior do que o fiasco com a senadora, maior do que a presença de um traidor no SVR.

— Ela precisa voltar para casa — falou Putin. — Cuide disso.

O que significava: *Certifique-se de que ela nunca, jamais, vá dar com a língua nos dentes sobre o assassinato de Dimitri Ustinov, custe o que custar*. O presidente desligou.

Dominika tinha desaparecido; se não estivesse morta, então estaria escondida em algum lugar. Para Egorov era assombroso que uma moça sem nenhum auxílio pudesse se esconder da polícia na capital grega. Sua sobrinha era mesmo uma pessoa

de muitos recursos. Os noticiários diziam que havia um cordão de carros da polícia em torno da embaixada russa em Psychiko. Era bastante provável que uma fugitiva russa buscasse abrigo junto aos conterrâneos.

As notícias também falavam de um homem na companhia dela, mas não citavam o nome de Nash. Será que Dominika tinha conseguido tirar alguma informação do americano? Teria sido capturada ou morta pela CIA? Se estivesse viva, Egorov teria de trazê-la de volta. Ainda haveria alguma salvação para aquele imbróglio.

O telefone em sua mesa estrilou. Era a linha externa; portanto, nada de importante.

— Que foi? — rugiu ele.

Era Dimitri, seu assessor.

— Uma ligação de fora transferida pelo plantonista, senhor — informou ele.

— Que palhaçada é essa agora?

— Uma chamada de fora, senhor. Da Grécia, segundo o rastreamento.

Egorov sentiu a cabeça formigar.

— Pode passar — ordenou.

Segundos depois, escutou a voz

de Dominika.

— Tio? Tio? Está me ouvindo?

— Estou, sim, meu bem. Onde você está?

— Não posso demorar. Está muito difícil aqui.

Ela parecia cansada, mas não em pânico.

— Pode me dizer onde está? Vou mandar alguém buscar você.

— Qualquer ajuda será muito bem-vinda. Estou um pouco cansada.

— Alguém irá buscar você. Onde podemos encontrá-la?

— Tio, eu preciso lhe contar

que aquele meu amigo, aquele jovem, começou a falar. Fiz um bom progresso, como o senhor queria. Mas o seu homem, aquele *d'javol*, quase nos matou.

— O que aconteceu?

— Eles brigaram. Meu amigo fugiu, não sei onde ele está.

— O frangote americano derrubou um guerrilheiro treinado pelas

Spetsnaz?

— Não, tio. Fui *eu* quem o matou. Antes que ele me matasse.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha. *Meu Deus*, pensou Egorov.

Como aquela diabinha podia ter liquidado um homem como Matorin? Com as mãos úmidas de suor, ele disse:

— Entendi. O que seu amigo contou?

— Uma coisa muito estranha. Ele ficou se gabando de que os americanos tinham acabado de colocar as mãos em uma informante do SVR, uma mulher aparentemente muito importante. Eu falei que não acreditava.

Pois devia ter acreditado, pensou Egorov.

— Ele contou que vocês

tentaram confundir os americanos, dizendo que a informante estava doente, fora de circulação.

Egorov estava prestes a gritar de impaciência, louco para que a idiota fosse direto ao que interessava. Sentia a têmpora latejar contra o fone.

— Muito interessante. Ele falou mais alguma coisa?

— Disse que a tal informante não havia feito nenhuma cirurgia no olho, que se tratava de uma pista falsa e que os americanos perceberam a jogada. Ele estava todo orgulhoso porque tinham conseguido pegar a mulher —

continuou Dominika.

Imagino que ficarão bem menos orgulhosos quando perderem o informante *deles*, pensou Egorov. *Korchnoi*.

— Mais alguma coisa? — perguntou ele.

— Não, nada. Nossa conversa teria prosseguido se não tivéssemos sido interrompidos.

— Sim, claro. Mas agora precisamos desligar. Onde você está? Vou mandar alguém buscá-la, mas até lá você precisa continuar escondida.

— Estou no apartamento de um homem que conheci. Ele prometeu

que não ia me entregar se eu fosse boazinha com ele. Foi pra isso que o senhor me treinou, não foi?

Egorov não percebeu o sarcasmo.

— Você pode ficar com ele mais um dia? É do telefone dele que você está falando?

— Acho que posso ficar, sim. Mas preciso sair pra ligar. Meu celular ficou no hotel. O cara não tem uma linha fixa, só um celular, que acho melhor não usar. Tem um telefone público do outro lado da rua. É dele que estou falando, com um cartão.

Ela lhe deu o endereço do

prédio, que ficava num bairro popular de Patissia, a norte da Praça Omonia.

— Esteja aí perto desse telefone público amanhã ao meio-dia em ponto — orientou Egorov. — Um carro vai apanhá-la. O motorista se identificará com o meu nome. Vamos trazer você de volta pra casa. Enquanto isso, não saia do apartamento.

Então ele desligou.

Caso fosse possível trazê-la de volta, pensou, ele estaria salvo. Cobriria a garota de medalhas assim que Korchnoi fosse engaiolado. Agora, precisava primeiro enviar um

telegrama para aquele *durak* em Atenas e rezar para que o pateta fosse capaz de resgatar uma agente em fuga. Em seguida, tinha que armar um esquema de vigilância em tempo integral para Korchnoi. Sem fazer alarde, para que nenhuma extração por parte dos americanos fosse possível.

Preparando-se para as longas horas de espera que estavam por vir, Vanya Egorov pensou no velho colega que o traíra e ajudara os americanos a descobrir Swan.

— Ligue para Zyuganov — ordenou a Dimitri.

O cabograma redigido pelo

rezident de Atenas chegou a Yasenevo no dia seguinte, no fim do expediente. Segundo ele informava, dois oficiais do SVR haviam sido despachados para Patissia e, ao chegar lá, deparado com nada menos que seis carros da polícia grega. Vinte policiais de capacete branco e colete à prova de bala rondavam a tal cabine telefônica. Não havia como se aproximar muito, apenas o bastante para ver que duas oficiais da guarda feminina ajudavam uma mulher algemada a subir na traseira de uma van da polícia. A prisioneira era magra e tinha os cabelos escuros. Não era possível afirmar que se

tratava de Dominika, mas essa era a hipótese mais provável. Ela estava nas mãos dos gregos.

Não haviam se passado nem dois minutos desde a chegada do cabograma à mesa de Egorov quando o telefone criptografado dele começou a tocar com seu som medonho.

***

Passava da meia-noite. Das janelas de Korchnoi via-se o rio Moscou serpenteando como uma faixa negra entre os prédios iluminados de Strogino. Os edifícios da margem oposta eram recentes,

alguns ainda inacabados, com guindastes elevando-se no horizonte. Marble jantou um prato de massa que ele mesmo preparou, um espaguete *alla mollica*, misturada com anchovas, farinha de rosca e limão. Depois de lavar a louça, ele foi para a sala com uma taça de conhaque, conferiu as horas no relógio e se aproximou da estante que cobria uma das paredes. Com o auxílio de uma faquinha de cozinha, desencaixou o tampo da prateleira superior e ela se abriu feito uma urna funerária, revelando um compartimento não muito profundo.

Dessa cavidade ele tirou três

caixas metálicas cinzentas, embrulhadas em pedaços de tecido. As duas primeiras eram do tamanho de um maço de cigarros e a terceira, mais larga e mais fina. Korchnoi acoplou as duas menores por meio de um conector de passagem. Depois, ligou a mais fina (na verdade, um teclado minúsculo de caracteres cirílicos com uma caneta especial na lateral) às outras duas por um cabo. Com a canetinha, Korchnoi soltou dois botões embutidos que acenderam três minúsculos LEDs. O primeiro era o indicador de liga/desliga e nível de bateria; na cor verde, o conjunto estava pronto para

o uso. O segundo indicava se a antena integral do primeiro componente estava ou não captando o sinal do satélite geossíncrono US Milstar Block II. O terceiro, por fim, indicava se a transmissão de dados havia ou não sido realizada com sucesso. Esse último tinha um apelido: *rukopozhatie*, ou "aperto de mão", e quando amarelo indicava que a transmissão estava em espera.

Ainda com a canetinha, Korchnoi digitou uma mensagem de rotina. Um texto conciso e abreviado, sem espaços ou pontuação, economias aprendidas ao longo de muitos anos na composição de textos

secretos. Ele ainda sentia falta do aspecto tátil dos procedimentos de antigamente: esfregar o papel, preparar as tintas, a leveza necessária na impressão das letras de forma.

Ele havia se acomodado na poltrona da sala, sob a luz do abajur de chão, parecendo um velho de um quadro de Vermeer, debruçado sobre seu trabalho. O silêncio à sua volta era absoluto. Terminada a mensagem (assinada com “niko”, sinal de que o texto fora redigido de livre-arbítrio),

Korchnoi pressionou o botão de transmissão e ficou observando a luzinha amarela. Numa transmissão

em rajada de altíssima frequência (banda Ka), sua mensagem alçou voo rumo aos sensores do satélite e apenas três segundos depois a resposta pré-armazenada foi ativada e lançada de volta num sinal atenuado na banda Q. Moscou dormia, as janelas de Lubyanka estavam escuras, mas Korchnoi permanecera acordado para se corresponder com o Principal Inimigo. O terceiro LED ficou verde: transmissão concluída, mãos devidamente apertadas.

Korchnoi desenrolou o cabo que se alojava num nicho no teclado e o ligou a uma porta de entrada atrás da

pequena televisão em cores que ele recebera de um agente da CIA durante um encontro clandestino três anos antes. O aparelho fora modificado pelos americanos. Korchnoi ligou-o, sintonizou-o num canal específico pré-programado e pressionou três teclas com sua canetinha, fazendo com que a tela esbranquiçada escurecesse, piscasse uma vez e escurecesse de novo, exibindo um curto comunicado em caracteres estreitos: *Soobshenie: nikto*. *Mensagem: nenhuma*, sem o ponto final, querendo dizer que o jogo começara.

Korchnoi desligou a TV,

devolveu o cabo a seu nicho, desligou a tomada e desmontou a engenhoca. Embrulhou os componentes nos pedaços de tecido, guardou-os novamente na falsa prateleira e recolocou a tampa. De volta à poltrona, com seu livro no colo, deu um gole no conhaque, desligou o abajur e ficou sentado no escuro, admirando as luzes da cidade e o contorno negro do rio, certo de que o SVR vira e gravara tudo o que ele fizera nos últimos trinta minutos.

***

De agosto a outubro de 1962, o coronel Oleg Penkovsky, da GRU, foi

submetido a um esquema de vigilância permanente da KGB que incluía o interior do apartamento dele, às margens do rio Moscou. À época ele vinha contrabandeando para o Ocidente um volume significativo de informações sobre o programa soviético de mísseis balísticos. Os oficiais da unidade de vigilância do FSB que agora, mais de cinco décadas depois, vigiavam Vladimir Korchnoi eram jovens demais para se lembrar daquele caso da Guerra Fria, mas as medidas que vinham empregando para reunir provas contra o general eram quase idênticas às de seus predecessores.

Empoleiradas num dos prédios ainda em construção do outro lado do rio e munidas de enormes binóculos navais montados em tripés, três equipes observavam Korchnoi enquanto ele apontava seu equipamento a um azimute de 13 graus para se comunicar com o satélite. No apartamento em cima do dele, outra unidade de vigilância havia feito pequenos canais no teto de três cômodos para instalar microfones e microcâmeras ligados a gravadores digitais, por meio dos quais assistiram ao general acessar seu esconderijo na estante, montar os componentes e digitar sua

mensagem no teclado. Não havia ângulo para que eles lessem as palavras na tela do aparelho de TV, então baixaram uma viga de fibra de vidro pelo lado de fora do prédio, na altura da janela da sala, para que outra câmera pudesse captar e gravar o texto no monitor. Ao contrário do caso Penkovsky, não foram necessários três meses de vigilância. O material coletado era suficiente.

***

À meia-noite, do outro lado da cidade, uma equipe diferente vasculhava o gabinete de Korchnoi no Departamento das Américas, no

segundo andar do prédio em Yasenevo. Além de uma meticulosa busca nas gavetas e nos armários, os técnicos usaram cotonetes para recolher amostras nas maçanetas das portas, nos puxadores das gavetas, nas pastas de arquivo, no teclado do computador, nas xícaras e nos pires. Na manhã seguinte, Zyuganov entrou na sala de Egorov com o laudo do laboratório. O vice-diretor arrancou a papelada das mãos dele, ansioso para ver os resultados:

"*Metka* encontrado em quantidades significativas na maçaneta da porta e na borda direita do risque-rabisque. Análise:

Composto 234, lote 18.

Hospedeiro: Nathaniel Nash, *Amerikanskij posol'stvo*." Embaixada americana.

***

Korchnoi voltou para casa depois do trabalho, quando o sol já se punha atrás das árvores à margem do rio. Sentiu as pernas pesadas e o peito apertado quando saiu do metrô para atravessar a esplanada. O prédio estava silencioso, a não ser pelo ruído abafado das televisões ligadas. Os corredores recendiam a comida. Assim que abriu a porta do apartamento, Korchnoi soube que

sua liberdade estava com os segundos contados. A chave sempre emperrava; em geral ele precisava sacudi-la para fazê-la girar. Mas agora não. Eles haviam lubrificado a fechadura com um spray de grafite.

No interior do apartamento, cinco homens esperavam em semicírculo diante da porta. Sérios, rudes, irascíveis. Eles usavam jeans, roupas de moletom, casacos de couro, e avançaram assim que o general entrou. Korchnoi sabia muito bem que seria inútil resistir, mas ainda assim eles o agarraram pelas pernas e pelos braços e o levantaram do chão, agindo com rapidez e

fazendo o mínimo de barulho possível, sempre em silêncio. Um deles o imobilizou com uma chave de braço em torno do pescoço, como se houvesse para onde fugir, enquanto outro lhe espetou duas peças de borracha cheirando a esgoto entre os molares, como se houvesse alguma cápsula de cianureto para engolir. Sem soltá-lo, despiram-no até deixá-lo apenas de cueca, impedindo-o assim de recorrer a qualquer arma ou agulha que porventura estivesse escondida em suas roupas. Em seguida o vestiram com um moletom pequeno demais e o carregaram para fora, passando por pelo menos dez

moradores entre um lanço e outro de escada. Por fim, acomodaram-no na traseira de uma van verde-escura com vidros fumês. A dor percorreu o corpo de Korchnoi, mas isso não era nada comparado ao que ele sabia estar por vir.

A viagem foi longa. Eles sacolejavam quando a van passava por cima de buracos, e também nas curvas. Korchnoi sabia aonde estavam indo: reconheceu o caminho para a zona oeste da cidade. Assim que as portas do automóvel se abriram, ele ergueu os olhos para o céu escuro, tingido apenas pelo laranja das luzes urbanas, depois

inspirou o ar fresco da noite, sabendo que dificilmente teria outra oportunidade de fazer isso. Enquanto os homens o conduziam em direção a uma porta pequena, ele deu uma olhada rápida à sua volta e confirmou o que já imaginava. A paisagem era inconfundível: muros de tijolo aparente com rolos de arame farpado no alto; pátio imundo; prédio em forma de Y com cinco andares e fachadas em tom ocre. Ele estava no presídio de Lefortovo.

Korchnoi tinha plena consciência do que vinha pela frente: *vyshaya mere*, a mais alta punição. Também sabia qual seria seu destino

final: *bratskaya mogila*, uma cova anônima. A única escolha que ainda lhe restava era como se comportar durante a reta final. Ele já decidira que não facilitaria as coisas, o que, ironicamente, significava falar com absoluta liberdade, mas não aquilo que eles esperavam ouvir.

Para o crescente desconforto de seus interrogadores, ele afirmou que não vinha espionando contra a Rússia, mas *a favor* dela, com o objetivo de afrontar o sistema soviético que oprimira a população por mais de cinquenta anos e agora se repetia no *podonki*, a atual geração do Kremlin. Falou, ainda, que não

tinha nenhum remorso, que faria tudo de novo. Os interrogadores ouviam-no com uma expressão férrea no rosto, espantados por terem diante de si um espião de patente tão alta. Os danos causados levariam anos para serem medidos. Korchnoi podia ver isso nos olhos deles.

Para ele, a certeza da morte iminente tornava-se mais suportável por causa de outra certeza: a de que estava deixando uma sucessora. Sentia-se aliviado pelo fato de Dominika não ter sido mencionada em nenhum momento dos interrogatórios, de não haver

nenhuma suspeita em torno de seu nome. Ela estava segura.

Korchnoi respondia às perguntas e catalogava as informações que repassara aos americanos por quase quinze anos. Alheio à disposição do prisioneiro para cooperar, Zyuganov ordenou a seus capangas que passassem para os "métodos físicos" que remontavam ao tempo das celas subterrâneas de Lubyanka: farpas de cedro sob as unhas, que iam enegrecendo com o sangue; cavilhas de madeira amassando os dedos dos pés; pressão no crânio, logo atrás dos lóbulos; corrente elétrica no reto,

ministrada por uma urologista. Para Zyuganov era uma questão de prazer, e de vingança pessoal também, uma vez que o general traíra todos eles.

De repente, a tortura foi interrompida e Korchnoi foi levado para sua cela, onde permaneceu por um dia inteiro. Ele suspeitou que fora Vanya quem ordenara a pausa. No dia seguinte, ao ser levado de volta à sala de interrogatório, ele se deparou com seu equipamento de comunicação com a CIA, deixado em cima da mesa. Esperou algum tempo até Vanya Egorov entrar na sala, mandar o carcereiro sair e contornar a mesa lentamente, sem olhar para ele,

correndo o dedo pelo equipamento com um discreto sorriso nos lábios.

— Há alguns meses, cheguei a desconfiar de você — disse Vanya, e acendeu um cigarro sem oferecer outro a Korchnoi. — Mas achei impossível que um dos nossos melhores homens fosse capaz de tamanha deslealdade com o país.

Korchnoi permaneceu em silêncio, com as mãos espalmadas sobre as pernas.

— Tantos anos de trabalho, praticamente uma vida inteira... — prosseguiu Egorov. — E de uma hora pra outra, tudo desce pelo ralo. A confiança que depositei em você, a

admiração...

— Ah, sim, a questão é você — interrompeu Korchnoi. — Tudo gira em torno de seu umbigo, não é, Vanya?

— *Zalupa.* Seu idiota — cuspiu Egorov, batendo as cinzas do cigarro. — Você causou um prejuízo incalculável ao SVR. À Rússia. Virou as costas para a própria nação.

Pela demonstração de ufanismo, Korchnoi percebeu que a conversa estava sendo gravada e respondeu com um xingamento derivado de *Zalupa* que costumava ser dirigido aos arrogantes, aos que se faziam passar por algo que não eram:

— *Zalupatsia* definiria melhor. O que você quer, afinal, Vanya? O que veio fazer aqui? — emendou.

O vice-diretor o encarou por um segundo, depois baixou os olhos para o equipamento sobre a mesa.

— Vim lhe dizer que foi Dominika, sua protegida, quem levantou a informação que resultou na sua prisão. Minha sobrinha é uma heroína, enquanto você... você é a escória deste país.

Korchnoi permaneceu em silêncio por alguns segundos, agradecendo mentalmente a Benford pelo sucesso da operação, pelo triunfo da *konspiratsia* que eles

haviam arquitetado juntos.

Vanya, que esquadrinhava o rosto do general veterano à procura de alguma reação, gostou de ver quando ele baixou os olhos num claro sinal de derrota. Recolheu seu maço de cigarros, bateu à porta da sala para que o carcereiro a abrisse, saiu para o corredor e foi passando pelas diversas portas metálicas, fazendo seus cálculos políticos, confiante de que a prisão de Korchnoi compensaria a perda de Swan.

Dominika. Agora precisava trazer a garota de volta.

***

Os técnicos da Linha T levaram o equipamento de volta para o endereço de Marble em Strogino e de lá, do telhado do prédio, deram início à transmissão, fiéis às coordenadas de sempre. Um círculo de homens silenciosos se formou em torno do aparelho para aguardar o *rukopozhatie*, o OK que viria do satélite que pairava sobre o Círculo Ártico. As maiúsculas da assinatura NIKO sinalizaram a Benford que a mensagem fora escrita por outra pessoa ou pelo próprio Marble, sob coação. Num caso ou no outro, isso significava que o general finalmente fora preso. Benford repassara o plano

com ele um milhão de vezes, mas ainda assim não aceitava a ideia de que o homem tivesse escolhido a via do sacrifício. Não parava de se remoer com a perda.

***

Quinze minutos bastaram para que seu Mercedes cobrisse os 40 quilômetros na rodovia deserta de Rublyovo-Uspenskoye, mas Vanya precisou aguardar por dez minutos na portaria para que o veículo de plantão chegasse e o conduzisse através do denso pinheiral até o pórtico neoclássico de Novo-Ogarevo, a dacha presidencial

escondida nos confins de Odintsovo, a oeste de Moscou. Vanya conferiu as horas no relógio: quase meia-noite. Não estava gostando nem um pouco daquela convocação tardia, achando-a parecida demais com o modus operandi do tio Stalin, que costumava exigir que esperassem por ele até as três da madrugada numa antessala superaquecida por uma lareira enorme.

Mas as coisas aconteceram de outra forma: uma vez na casa, ele foi imediatamente conduzido a uma academia subterrânea, um amplo salão atulhado de aparelhos e halteres que refletiam a iluminação

forte do lugar. Para seu desgosto, deparou-se com o chefe da Linha KR, Alexei Zyuganov, sentado ao lado de um dos aparelhos. *Uma testemunha*, ele pensou. *Mau sinal*.

Vladimir Putin estava sem camisa, com o peito sem pelos suado, as veias pulsando nos músculos. Pendurado por meio de alças a uma barra horizontal acima da cabeça, ele se ergueu até estar com os braços totalmente esticados na vertical e depois foi abrindo-os devagar, posicionando-se na horizontal. Ficou com o corpo paralelo ao chão, com os braços esticados feito os de Jesus na cruz. Trêmulo em razão do esforço,

fechou-os para se reerguer, tornou a abri-los e baixou o corpo de novo. Zyuganov não tirava os olhos de seu atlético presidente.

Putin prosseguiu com o exercício, inspirando e expirando ruidosamente a cada repetição. Numa delas, parou na posição de máxima extensão, ergueu a cabeça e crivou os olhos azuis glaciais em Egorov. Imóvel. Levitando. Mais um segundo e tornou a subir.

— Quero essa garota fora da Grécia, de volta à Rússia — disparou, um tanto ofegante.

Secou o rosto e jogou a toalha na direção de Zyuganov, que precisou

saltar da cadeira para pegá-la no ar. O presidente encarava Egorov fixamente, um hábito desconcertante que lhe rendia certa fama de vidente. Havia quem acreditasse que o homem era capaz de ler a mente de seus interlocutores.

— Já acionei diversos contatos — disse Egorov. — Os gregos estão furiosos.

— Essas pessoas não sabem o que é fúria — retrucou Putin. — Não passam de um bando de passarinhos barulhentos. Vamos mostrar a eles quem é a mãe do Kuzka. — *Em outras palavras*, pensou Egorov, *ele vai trucidar os gregos logo depois de*

acabar comigo. O homem seguiu para um aparelho de supino com empunhaduras metálicas. — Os americanos é que dão as cartas por lá. Controlam tudo. Vão fazer o possível pra tirar algum proveito dessa situação. Pra achincalhar a Rússia. Pra *me achincalhar*.

Pronto. Era aí que residia o verdadeiro problema, a pior das transgressões. Egorov achou melhor ficar em silêncio. Zyuganov se retorcia na cadeira. Putin se acomodou no aparelho, fechou as mãos nas empunhaduras e começou a exercitar o peitoral, os pesos subindo e descendo nos trilhos atrás

de sua cabeça.

— Egorova é uma heroína — prosseguiu Putin, o barulho dos pesos ecoando pelo salão. — Não estou interessado nos detalhes. Não quero nem saber o que foi uma cagada operacional nas ruas ou uma cagada burocrática em Yasenevo. Quero... — *clenk* — a garota — *clenk* — de volta... — *clenk* — à Rússia.

O martelar dos pesos retumbava na cabeça de Egorov como se viesse das forjas do inferno, e continuou ecoando até sua chegada de volta a Moscou.

***

Zyuganov também voltou à cidade, mas num carro bem menos luxuoso que o do vice-diretor. Sabia que tinha nas mãos uma pequena oportunidade para cimentar sua posição. Imaginava que Egorov estava com os dias contados: sem dúvida seria expurgado, senão preso. Putin jamais lhe daria outra chance, independentemente do que acontecesse com Egorova. Tinham sido muitos equívocos, falhas por toda parte. Caso Zyuganov pudesse resgatar a garota, a promoção e as recompensas não tardariam a chegar. Nem poderia desconfiar que a CIA o procuraria para discutir exatamente

isso.

ESPAGUETE ALLA MOLLICA

Torrar um punhado de farinha de rosca até que ela adquira “a cor do hábito de um monge”. Numa panela à parte, saltear filés de anchova até que eles se desmanchem numa pasta. Acrescentar cebolas fatiadas, alho e pimenta calabresa em flocos. Deixar cozinhando até que as cebolas fiquem douradas, depois adicionar o espaguete já cozido sobre a mistura. Acrescentar salsa e suco de limão. Misturar bem, polvilhar com a farinha de rosca e servir.

CAPÍTULO 39

APÓS A PRISÃO, DOMINIKA FOI discretamente entregue a Forsyth pela polícia grega e levada a um segundo apartamento clandestino na cidade litorânea de Glyfada. Numa tarde de muito vento e muita chuva, Benford contou à garota que havia "indícios bastante fortes" de que o general Korchnoi fora preso pelo FSB. Ela ouviu a notícia com um semblante grave, impassível. Mais uma perda.

— Essa possibilidade sempre existiu — disse Benford.

— Mas por que agora? — devolveu Dominika. — Nós iríamos trabalhar juntos, eu e ele. Como foi que isso aconteceu?

Benford notou que a preocupação dela era apenas com Korchnoi. Não estava pensando em si mesma.

— Não sabemos direito — respondeu ele. — Após a perda da informante americana, a Linha KR intensificou a própria busca. É possível que o general tenha cometido algum tropeço.

Dominika balançou a cabeça.

— Depois de catorze anos? Acho

difícil. Ele era muito bom.

Forsyth evitava olhar para Benford. Seu manto azul estava mais pálido que de costume, talvez em razão do cansaço. Benford, por sua vez, emitia um tom fechado da mesma cor. Dominika podia ver que ele estava tramando algo, urdindo, maquinando. Sabia que havia alguma coisa errada.

Benford baixou o olhar para as mãos e disse:

— Sabe, Dominika, Volodya tinha uma grande admiração por você. Costumava vê-la como uma espécie de sucessora, alguém capaz de dar continuidade ao trabalho dele.

— Dominika o observava com atenção, sobretudo as mãos. Não havia dúvida de que ele estava planejando algo. — Achávamos que tínhamos dois anos, talvez três, pra construirmos isso juntos. Mas na realidade não havia como saber. Portanto, a bola agora está nas suas mãos. Mais cedo do que pretendíamos, mas é um fato.

Dominika virou-se para Forsyth e recolheu a mão discretamente quando ele fez menção de acariciá-la. Estava incomodada.

— Estou arrasada com a prisão do general. Nunca vou me esquecer dele — comentou. — Mas você é um

homem direto, *Gospodin* Benford. Está dizendo que, com a perda de Korchnoi, a... *otvetstvennost...* como é mesmo que se diz? A *responsabilidade* pela continuidade da luta é minha. Entendi direito? Cabe a mim decidir se quero ou não continuar trabalhando. — Calou-se por um instante e encarou os dois, tentando ler a mente deles. — *Gospodin* Forsyth, o que você e *Bratok* acham disso tudo?

— Minha resposta é exatamente o que o Marty já lhe disse — retrucou Forsyth. — Faça aquilo que seu coração mandar, aquilo que acredita que é certo.

Benford fitou-o com uma expressão irritada. Não custava nada ter sido um pouco mais persuasivo. Forsyth, no entanto, sabia muito bem o que estava fazendo, com quem estava falando.

— Você decidiu se juntar a nós por uma série de motivos: a amizade com Nate, a tristeza com o desaparecimento da sua amiga, o desgosto com o tratamento que lhe dispensaram no SVR. Quis tomar as rédeas da própria vida, da própria carreira. Suponho que nada disso tenha mudado, certo?

— Você devia ser professor universitário — falou Dominika,

observando a técnica dele.

— Não queremos lhe impor nada — garantiu Forsyth.

— Claro que queremos — interveio Benford, rindo. — Puxa, Domi, nós precisamos de você!

Azul-escuro como o de uma esferográfica. Ou de um rabo de pavão. Dominika baixou os olhos para o curativo na perna e disse:

— Sei lá. Acho que preciso pensar.

— Nós sabemos que precisa — respondeu Forsyth. — Se concordar, o mais importante de tudo será mandar você de volta a Moscou o

mais rápido possível, e da maneira mais segura. Por isso ninguém mais sabe onde você está, a não ser nós três.

— Nem mesmo Nathaniel? — perguntou Dominika.

— Nem mesmo ele — afirmou Benford, tão azul quanto antes.

Pelo menos ele está dizendo a verdade, ela pensou.

***

Dominika acordou cedo e, ainda descalça, foi para a ampla sala do apartamento. As portas triplas estavam abertas, deixando visível a

varanda de mármore e o toldo azul que a cobria, ligeiramente inflado pela brisa que soprava do mar. Uma estrada margeava a costa e para além dela o Egeu brilhava sob o sol da manhã, ainda baixo no horizonte. Dominika sentia na sola dos pés o incipiente calor do piso da varanda. Usava um roupão de banho de algodão fechado com uma faixa, os cabelos em total desalinho, o curativo na perna já trocado. Gable havia saído para comprar pão.

Ela se assustou quando alguém bateu de leve à porta. Correu para junto dela, tapou a fechadura com um jornal dobrado e esperou um pouco

antes de abrir uma fresta para espiar. Ao ver Nate no corredor, olhando para baixo, Dominika escancarou a porta e esperou que ele adentrasse no apartamento com o auxílio de uma bengala. Quando ele parou no meio da sala, ela se jogou em seus braços e cobriu-o de beijos. Não o via desde que o ajudara a subir até o antigo apartamento clandestino, com a bolsa de plasma em punho, e ficara a seu lado na primeira noite. Depois disso o americano havia sumido.

— Onde foi que você se meteu? — perguntou ela, puxando-o pelos cabelos, olhando assustada para os hematomas do rosto, que se

confundiam com o violeta do halo. — Você salvou a minha vida. Fui uma idiota quando o fiz subir comigo até aquele quarto de hotel. — Beijou-o de novo. — Como você está? Me deixa ver essa mão. — Levou a mão dele até os lábios e a beijou. — Por que você não me procurou?

Nate recuou um passo.

— Quando você pretendia me contar sobre este apartamento aqui? — devolveu ele, seco. — Quando ia me dizer onde estava?

Dominika viu as palavras saírem da boca dele feito discos arroxeados e teve a impressão de ter sido golpeada por elas. Voltou à varanda e

se apoiou no parapeito.

— Eu queria contar, mas Benford pediu que eu ficasse em silêncio por dois ou três dias, até a poeira baixar — retrucou.

Nate se aproximou da varanda e apoiou o ombro no marco da porta. Sua nuvem roxa pulsava como se alguém brincasse com o interruptor de uma lâmpada, acendendo e apagando, acendendo e apagando. Ele colocou as mãos trêmulas nos bolsos.

— Como você me encontrou? — quis saber Dominika.

— Tudo o que está relacionado a este caso... os

apartamentos clandestinos, os sinais interceptados... tudo isso é reportado pro QG. Eu mesmo redigi alguns dos cabogramas, mas pelo visto Benford e Forsyth andaram escrevendo outros por conta própria e enviando por meio de canais restritos. Quebrei o protocolo e li alguns. Na verdade, li quase todos.

Dominika via a aura dele, lia seu rosto, sentia sua raiva. Talvez fosse essa a intenção de Benford.

— Você sabia que Vladimir Korchnoi foi preso e levado pra Lefortovo? — perguntou Nate à queima-roupa. — Moscou está em polvorosa.

Dominika não respondeu.

— O que você disse ao seu tio quando ligou pra ele? — indagou Nate. Falou num tom neutro, desprovido de qualquer emoção. Dominika sentiu um peso no estômago.

— Benford não quer que a gente toque nesse assunto. Ele foi bastante claro.

— Li nas comunicações que você ligou pro seu tio e falou que esteve comigo, que eu contei sobre meu informante em Moscou. Quem a mandou dizer isso? — Nate continuava com as mãos enterradas nos bolsos, cercado de sua aura

pulsante. — Você tem noção de que provavelmente foi esse seu telefonema que levou à prisão do Korchnoi? O que mais você contou pro seu tio?

— Do que você está falando? — quis saber Dominika, confusa, assustada. Sentia a fúria dar sinal de vida, sobretudo porque era Nate quem estava lhe contando tudo aquilo. Precisava perguntar: — Você acha que eu faria uma coisa dessas *de propósito*?

— Então você não sabia de nada? — disse Nate. — Está tudo lá, nos cabogramas.

— Estou pouco me lixando pra

esses cabogramas. Você acha que eu seria capaz de fazer alguma coisa pra prejudicar aquele homem, justo *ele*?

Dominika mais uma vez se lembrou da orientação de Benford para que ela não dividisse nada daquilo com Nate.

— Quando você sumiu e se escondeu, achei que estivesse cuidando da própria segurança. Mas como pôde concordar em trair o general? Foi seu telefonema pra Moscou que deflagrou todo o resto.

Dominika fitou-o diretamente nos olhos.

— Foi Benford quem o mandou

aqui?

Nate passou os dedos pelos cabelos.

— Você seguiu ordens, endossou o plano — falou Nate. — Fosse qual fosse o objetivo, sua promoção estava garantida. Parabéns, você conseguiu o que queria.

Uma torrente de lava roxa transbordava do vulcão.

— Do que você está falando? Eu não entreguei ninguém.

— Bem, Korchnoi está em Lefortovo, graças ao seu telefonema. Agora você é a número um e ele está

perdido.

— Você acha que fiz tudo isso de caso pensado? Você não pode falar assim comigo! — Dominika queria gritar, mas em vez disso cuspia as palavras, quase sussurrando. — Depois de tudo o que passamos juntos, depois de tudo o que aconteceu entre nós...

Ela não se permitiria chorar.

— Nada disso vai ajudar Korchnoi agora — disparou Nate.

Ele endireitou o tronco e foi na direção da porta. Dominika poderia detê-lo com uma palavra, ou com meia dúzia de explicações, mas não

fez nada disso. Viu a porta se fechar atrás da aura dele, que brilhava de ira.

***

Forsyth precisou imobilizar Dominika quando Benford admitiu que o objetivo da ligação dela para Egorov tinha sido a prisão de Korchnoi.

— Como pôde me manipular dessa maneira? — rugiu ela, tentando se desvencilhar de Forsyth.

Ele a conduziu para a poltrona mais próxima e ficou parado à sua frente, interpondo-se entre ela e

Benford.

— Você me usou como uma simples *donoschik*, uma informante — continuou Dominika. Fez menção de se levantar, mas recuou assim que Forsyth ergueu a mão. — Vocês são tão inteligentes! Não podiam ter arrumado um plano melhor?

Benford perambulava pela sala, deixando atrás de si o manto azulado do engodo, do estratagema. A brisa marinha soprava através das portas da varanda.

— Tomamos uma decisão, Dominika — disse Benford. — Decidimos contar a você que foi o próprio Korchnoi quem elaborou

esse plano, quem insistiu nele. Em sua visão, esse seria o apogeu de sua carreira como espião. Ele a elegeu como sucessora desde sua passagem por Lefortovo. Ele estaria muito satisfeito agora.

Dominika fincou os dedos nos braços da poltrona.

— Você vai deixar que ele morra só pra dar continuidade ao fluxo de informações? — retrucou. — Essas porcarias são mais importantes do que a vida daquele homem?

Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro, com os braços cruzados e os cabelos em desalinho.

— Na verdade, o que você chama de “essas porcarias” são a razão de ser do nosso ramo. Todos temos de fazer algum sacrifício se quisermos fazer parte do jogo. Ninguém está imune — observou Benford.

Dominika o encarou. Num acesso de fúria, pegou o abajur mais próximo e o arremessou no chão.

— Eu perguntei se as informações são mais importantes que aquele homem, mais importantes que Vladimir Korchnoi — gritou.

Ela fitava Benford como se estivesse prestes a cravar os dentes

na jugular dele. Espantado com a fúria da garota, Forsyth avançou um passo, preparando-se para intervir novamente se fosse preciso.

— Pra dizer a verdade, não — respondeu Benford, olhando primeiro para o companheiro, depois para Dominika. — Mas temos de seguir em frente. Agora é mais importante do que nunca que você volte a Moscou. Essa é nossa maior prioridade no momento.

— Mais importante do que nunca? Vocês me fizeram responsável pela morte desse homem. Me colocaram nessa posição. Me manipularam. Se eu me recusar,

sabendo o que me levaram a fazer, o sacrifício do general terá sido em vão. — Ela recomeçou a andar pela sala, fitando-os através das pálpebras apertadas. A barra do vestido oscilava com o tremor de seu corpo. — Vocês não são nem um pouco melhores que os russos.

— Procure se recompor — ordenou Benford. — Agora não é hora pra isso. Volodya lhe diria a mesma coisa. Você precisa se preparar pra voltar à Rússia. Temos que tirar vantagem dessa situação. Cultive sua fama como a oficial que identificou o traidor, que passou as informações que levaram à prisão dele. Você deve

explorar tudo isso e avançar no SVR.

O halo do americano estava tão azul quanto as águas de um lago alpino.

Ele estava nervoso, ansioso, tentando se concentrar.

— Nem pensar — disparou Dominika. — Vocês me esconderam a verdade. Eu jamais teria concordado com um plano desses.

Por alguns minutos eles permaneceram calados, imóveis, encarando-se. Forsyth percebeu quando Dominika passou a respirar com mais calma, quando relaxou as mãos e o rosto. Será que estaria

pensando em ceder? Foi Benford quem quebrou o silêncio:

— Precisamos ser rápidos. Então, Dominika, o que vai ser? Acha que pode aceitar nossa proposta?

Dominika endireitou os ombros.

— Não, Benford — retrucou. — Não posso aceitar. — Olhou para Forsyth. — Sou uma oficial treinada do SVR. Conheço o jogo. Sei dos sacrifícios dessa vida, das coisas repulsivas que somos obrigados a fazer pra ganhar alguma vantagem operacional. — Ela agora alternava o olhar entre os dois homens. — Mas há coisas mais importantes do que o serviço em si. Respeito e confiança

entre colegas e parceiros, por exemplo. É isso que vocês esperam de mim. Por que não posso esperar o mesmo de vocês?

— Gostaria de lembrar que toda essa situação foi uma *escolha* do Volodya. Eu jamais consideraria desperdiçar o ato de coragem dele — disse Benford, sentindo a areia escorregar entre os dedos.

Dominika lançou um olhar rápido para os dois, depois lhes deu as costas, foi para o quarto e fechou a porta delicadamente. *Mau sinal*, pensou Forsyth. Virou-se para Benford.

— Acha que ela vai nos

abandonar?

— Cinquenta por cento de chances — respondeu Benford, cansado, recostando-se no sofá. — Estamos correndo contra o tempo. Ela só tem até amanhã pra se decidir. Depois disso será tarde demais. Marble tinha certeza absoluta de que ela concordaria. Não quero nem pensar na bomba que teremos na mão caso ele tenha se sacrificado em vão, caso a garota se recuse a voltar.

— Mas o jogo ainda não está de todo perdido — observou Forsyth.

— Como assim?

— Você ainda tem uma última

carta na manga. Algo capaz de convencê-la a ficar.

— Não estou gostando da sua metáfora. Isto aqui não é uma mesa de pôquer.

— Claro que é, Simon. Você sabe muito bem que é.

***

Benford se acomodou num sofá à sombra de uma árvore no pátio interno do hotel König von Ungarn, em Viena, numa esquina da Schulerstrasse logo atrás da catedral de Santo Estevão. Acabara de chegar do Bristol, onde tivera uma divertida

conversa de meia hora com o chefe da Linha KR do SVR, Alexei Zyuganov, que comparecera ao encontro com um inexplicável chapéu de feltro, acompanhado de um jovem funcionário da embaixada russa. Bebericando uma vodca polonesa e beliscando uma salada de pepino agridoce, Zyuganov insistia em dizer que não tinha o menor conhecimento sobre o brutal assassinato ocorrido em Atenas. Recusava-se a falar de Vladimir Korchnoi, a não ser para repetir que o general era culpado de alta traição. Insistia ainda que Benford pressionasse o governo grego no sentido de libertar

Dominika Egorova e entregá-la imediatamente aos cuidados da embaixada russa em Atenas.

Com o rosto inexpressivo, Benford argumentou que os gregos estavam fazendo jogo duro, não só interrogando Egorova sobre a morte do excombatente russo no Grande Bretagne, como também insistindo que, em troca de uma pena mais branda, ela participasse de uma coletiva de imprensa e falasse sem reservas sobre *todas as suas atividades*. Empertigando o tronco, Zyuganov insistiu de novo que Egorova fosse libertada, e foi nesse ponto que Benford fez sua proposta.

Dali a trinta minutos, Alexei Zyuganov deixou o Bristol abruptamente, sem nem pagar pela vodca que tomara. Benford não se incomodou. Sabia que os russos pagariam bem mais do que eram capazes de imaginar.

***

Uma centelha se acendeu nos olhos do presidente ao mesmo tempo em que um pequeno sorriso despontou em seus lábios bem desenhados. Como político, ele via os benefícios da proposta americana com bastante clareza. Ex-funcionário da KGB, sabia apreciar a eficácia de

uma operação. No entanto, o estadista com vistas ao poder absoluto num arremedo de império russo jamais aceitaria um papel secundário no que quer que fosse, nem mesmo quando havia tanta coisa em jogo. Zyuganov baixou os olhos quando ele curvou o tronco para sussurrar suas ordens, uma mão pousada paternalmente nos ombros miúdos do anão.

SALADA DE PEPINOS DO HOTEL BRISTOL

Descascar e tirar as sementes dos pepinos, depois cortá-los em fatias

finas. Picar uma cebola roxa e uma fava de pimenta malagueta. Numa tigela, misturar os ingredientes com vinagre de cidra branco, sal, pimenta, açúcar, endro e um fio de óleo de gergelim. Servirfrio.

CAPÍTULO 40

BENFORD, FORSYTH E GABLE ESTAVAM na estação de Atenas. Sentavam-se em torno de uma mesa de reuniões cheia de manchas na sala segura do prédio, um aquário de acrílico de mais ou menos 9 metros dentro de outra sala maior e fortemente iluminado por uma sequência de lâmpadas fluorescentes. As xícaras de café somavam novas marcas à madeira da mesa. Nate encontrava-se na enfermaria por conta de alguns pontos que haviam arrebentado.

— Não quero nem pensar no que

vai acontecer se Diva não quiser voltar — disse Gable. — Os russos vão ficar tão putos que vão liquidar Marble só de raiva.

Benford colocou uma pasta sobre a mesa, desafivelou a aba e se virou para Gable.

— Você vai gostar de saber que acabou de ser eleito pra convencer Diva a não desertar e voltar a Moscou trabalhando para a gente — falou. — Depois do nosso superastro lá na enfermaria, você é a pessoa que ela mais respeita. É o único que ela chama de... como é mesmo? *Bratwurst?*

— *Bratok* — disse Gable. —

Significa “irmão”.

— Sei. Pois bem, *irmão*. Acontece que a garota me vê como alguém que a traiu. Por tabela, acha que foi traída pela CIA inteira. Por motivos operacionais, não queremos envolver o Nash nessa confusão. Além disso, existe aquela atração fatal entre eles que só piora as coisas. — Benford olhou para Forsyth, depois voltou a encarar Gable. — É por isso que estou colocando nas suas mãos essa parte delicadíssima da operação: é você, *Bratok*, quem vai amaciar a Diva.

Benford abriu a pasta e virou-a de cabeça para baixo, despejando

sobre a mesa um monte de papéis e fotografias em preto e branco. Forsyth juntou as fotos, examinou cada uma delas e as passou para Gable. Elas mostravam um rio calmo e sereno numa região de aspecto rural. As águas espumavam na altura de um pequeno açude, e mais à frente ficava uma ponte rodoviária de duas pistas com pilares de concreto e postes de iluminação fincados nas bordas. Dois castelos ocupavam lados opostos do rio. Um deles tinha uma torre quadrada no centro e o outro, mais baixo, contava com muros fortificados. Casinhas simples pontilhavam as margens, distantes

dos prédios encardidos que se acumulavam contra o horizonte cinzento. Caminhões articulados com capas de lona na carroceria se enfileiravam sobre a ponte.

— Esta é a ponte do rio Narva — informou Benford, apontando para uma das fotos. — Do lado direito, Rússia. Do esquerdo, o Ocidente, se é que podemos chamar a Estônia de Ocidente. — Indicou outra foto e disse: — Estação de controle. A travessia é tranquila, quase sempre feita por caminhões grandes e lentos. São Petersburgo fica 130 quilômetros ao norte. — Tamborilando o indicador na imagem, ele arrematou:

— É aqui que ela vai atravessar.

— Pra que tudo isso? — perguntou Gable. — Os gregos podem muito bem botar a garota num avião e em três horas ela está em casa.

Benford examinou uma das fotografias, depois respondeu:

— Eu diria que, neste momento, nós estamos equilibrados. De um lado, graças ao Marble, conseguimos neutralizar a traidora americana em Washington. De outro, amargamos a perda do próprio Marble. Em compensação, Diva está prestes a receber uma bela promoção, pelo menos é isso que esperamos. Devo acrescentar — ele fez uma pausa para

beber um gole de café — que foi uma tremenda sorte Diva e Nash terem saído vivos daquele encontro com o matador russo. Na minha opinião, o aspecto insatisfatório disso tudo foi o preço que tivemos de pagar: a vida de um homem tão corajoso como Marble. Tentei o máximo possível fazê-lo desistir dessa ideia, mas ele foi irredutível. Intuía que sua hora já estava chegando.

Benford fitou os interlocutores sentados à mesa e repassou as fotos mais uma vez, pensativo. De repente deu dois tapinhas na pasta e disse:

— Eu me recuso a deixar as coisas assim. Gostaria de tratar de

um assunto pendente com vocês.

— Que assunto pendente? — repetiu Forsyth.

— Marble. Quero salvá-lo. O homem fez por merecer uma bela aposentadoria.

A sala ficou em silêncio. Nada se ouvia além do barulho do ar-condicionado. A certa altura, Gable balançou a cabeça e retrucou:

— Temos só um problema: o atual endereço dele. Não vai ser fácil cavar um túnel até Lefortovo.

Forsyth não respondeu. Já antevia o que estava por vir.

— Creio que a central vai gostar

de fazer uma troca — disse Benford.

— Uma troca? — falou Gable. — Quem você está pensando em oferecer como...

— Diva. Eles estão loucos pra ter a garota de volta. O bastante pra deixar Marble sair. Isso jamais seria possível com Stalin ou Andropov, mas as coisas são diferentes nessa nova Rússia. Putin tem uma imagem a zelar, tanto em casa quanto fora dela. Diva conhece um segredo... um não, *vários* segredos que poderiam trazer muitos problemas para o presidente.

— Eles nunca vão concordar com isso — afirmou Gable. — Jamais

vão libertar o Marble. Não vão querer criar um precedente. Muito menos perder a pose.

— Na verdade, já concordaram. A esta altura Putin já deve ter instruído a central a fechar o negócio.

— Me deixa ver se entendi direito — disse Gable. — Você propôs aos russos trocar um espião por outro, *antes* de saber se Diva vai topar voltar ou não?

— É exatamente por isso que estou contando com você — respondeu Benford. — Além do mais, acho difícil que ela continue protelando depois que souber que a libertação do Marble depende dela.

— Acho que você está tirando um coelho morto da cartola — falou Gable, e Benford o fitou com irritação. — Não vai ser assim que vamos motivar essa garota a voltar à Rússia como nossa informante. Quer dizer, se ela está puta com a gente porque foi manipulada, é bem possível que chute o balde só pra dar o troco. Vai sumir do mapa e nunca mais vamos saber dela.

— Espero que você consiga fazê-la entender os aspectos positivos do que fizemos. Tente motivá-la de novo. Fale com jeitinho e mostre o caminho das pedras. Enfatize que a libertação do Marble depende

exclusivamente dela.

— É pra virar o jogo, já entendi — retrucou Gable, e depois de alguns segundos: — Tudo bem, em uma hora eu chego em Glyfada.

— Temos um prazo a cumprir — observou Benford. — Eu disse aos russos que estamos com pressa. Temos apenas alguns dias pela frente.

— Narva — falou Gable. — Estônia. Deus é pai.

Os dois georgianos esperavam obedientemente no gabinete de Zyuganov, com o olhar fixo em um ponto qualquer acima da cabeça do

anão. Eram *chistilshchiki*, mecânicos do Departamento V, herdeiros do Departamento de Operações Especiais do general Pavel Sudaplatov, o órgão que por quatro décadas havia eliminado os inimigos da União Soviética tanto em casa quanto no exterior. Zyuganov lia o relatório que acabara de receber de um informante grego: os bandidos já haviam partido.

Dali a pouco ele convocou a presença da rechonchuda Lyudmila Tsukanova, que entrou na sala com passinhos hesitantes, baixando os olhos para os sapatos marrons de verniz que quase não via por causa

dos seios enormes, meio flácidos, espremidos dentro do casaco apertado do uniforme. Os cabelos eram escuros e curtos, de corte irregular. À primeira vista as feições eslavas do rosto grande e rosado denotavam saúde, mas de perto se via com clareza que a mulher de 30 anos sofria de acne rosácea. A mancha avermelhada na região do queixo parecia especialmente dolorosa.

Pouco à vontade, Lyudmila se acomodou numa cadeira e por mais de meia hora ouviu o que Zyuganov tinha a dizer. Apesar de constrangida, em nenhum momento despregou os

olhos do chefe, olhos tão negros que pareciam de boneca, ou de tubarão. Terminada a conversa, meneou a cabeça e saiu do gabinete em silêncio.

***

Gable mais tarde se daria conta de que Benford, por mais que tentasse disfarçar, estava uma pilha de nervos ao expor o quebra-cabeça que era o fluxograma operacional dos próximos dias. Falava tanto, e tão rápido, que parecia ter perdido o freio dos pensamentos e da língua.

— Forsyth, você ficará de plantão na estação pra lidar com os

cabogramas que inevitavelmente vão chover por lá, não só os de Sua Alteza o Chefe da Europa, mas também os de todos os sabichões de Washington. Vou chegar antes à Estônia pra armar todo o esquema com a polícia local, a KaPo. Antes eles obedeciam ao treinamento russo, mas agora são bem fiéis à ONU. É provável que a central arme seu circo por lá pra ver o que consegue. Esses caras estão fincados na Estônia inteira como carrapatos. Talvez até tentem tirar Diva das nossas mãos. Você tem a missão mais importante, Gable: convencê-la a voltar, depois escondê-la no lugar mais seguro que

encontrar. Você tem apenas um ou dois dias pra fazer isso, depois, no fim do segundo dia, vai deixá-la na ponte do rio Narva às cinco da tarde em ponto, no horário local. Até lá, todos estão *rigorosamente proibidos* de usar um telefone, celular ou fixo. As famosas "regras de Moscou", lembram? Os russos podem rastrear um celular sem a menor dificuldade, e além disso ainda controlam diversos ativos na sua ex-colônia. Sugiro que você pegue um avião daqui pra Lapônia, Gable, depois saia de Riga bem cedinho. São 360 quilômetros pela E67 até a Estônia, e a KaPo vai fechar a ponte de Narva quando o

movimento do dia já estiver terminando, antes que os caminhões da noite comecem a chegar. Gable, aproveite todo o tempo livre que tiver pra orientar Diva sobre a troca na ponte. Eles vão estar vigiando a garota de perto. Quero Marble fora da Estônia num prazo de duas horas após a troca, fora do alcance dos russos. O adido da aeronáutica me prometeu um C-37 em Tallinn, mas Forsyth, por favor fale com o homem e se certifique de que esse jatinho estará mesmo lá. Não quero ser obrigado a despachar o general pra Noruega na classe econômica da Estonian Air.

Mais tarde, ao acompanhar Benford até o portão de embarque no aeroporto de Atenas, Forsyth tomou-o pelo braço e disse:

— Você montou uma bela operação, Simon. Russos, estonianos, SVR, CIA... todo mundo lá naquela ponte, roendo as unhas. Se Deus quiser Marble estará esperando por nós do outro lado, pronto pra fazer a troca.

Benford parou e se virou para ele.

— Tom, é *fundamental* que Gable e Diva permaneçam fora do radar. Nada de celular, nada de contatos, nada que dê à central a

oportunidade, por mais remota que seja, de tentar uma ação hostil.

— Gable já sumiu no mapa — garantiu Forsyth. — Desde ontem à tarde. Nem eu sei onde ele está.

Benford assentiu com a cabeça, depois disse:

— Não temos escolha. Precisamos tocar o barco como se a garota já tivesse concordado. Quero que Marble esteja lá, fisicamente, antes que decidam cortar o pescoço dele. Essa é nossa única chance. — Olhando através das vidraças para a pista do aeroporto, ele emendou: — Gable vai ter de convencê-la. Não tem outro jeito.

Na estação de Tallinn, na Estônia, o jovem chefe colocou sua xícara de café em cima da mesa e se endireitou na cadeira ao ver o que estava escrito na comunicação de Bendorf, repassada pelo QG de Washington. Esticou o pescoço e chamou pela esposa. Os dois releram a mensagem juntos diversas vezes, ela atrás, apoiando o queixo no ombro dele, já fazendo a lista das coisas que teria de providenciar: hotéis, carros, rádios, binóculos.

Seguindo as instruções de Benford, o chefe ligou para seu contato na KaPo e marcou uma reunião urgente com ele, que

concordou imediatamente com todas as solicitações: escolta na cidade, segurança na estrada até Narva, vigilância na ponte... O importante para a KaPo era pisar no calo dos antigos senhores.

Benford chegou a Tallinn em um voo da Lufthansa com escala em Berlim. Deu uma passada rápida no hotel Schlössle, na Cidade Velha, depois saiu com o chefe da estação para uma viagem de reconhecimento e medições na estrada que ligava a cidade a Narva. Logo perceberam que estavam sendo seguidos por um Lada que volta e meia aparecia na E20 para depois sumir nas imediações de

Narva. Os russos sabiam, claro, onde a ação aconteceria. No caminho de volta a Tallinn, Benford parou num restaurante de beira de estrada só para ver qual seria a reação do Lada. Viu o carro parar a uns 200 metros do restaurante e esperar no acostamento. Decidiu então almoçar ali mesmo, sem nenhuma pressa. Entrou no restaurante e pediu um prato de salsichas com picles, outro de arenque, além de uma salada *rosolje* com pão preto; para acompanhar, uma cerveja bem encorpada e amarga. Torceu para que seus vigilantes também estivessem com fome.

Ao voltar ao hotel, constatou que seu quarto fora invadido, mas com muita competência. Nenhuma das armadilhas tradicionais que ele deixara havia sido desarmada: os fios de cabelo, o talco, o alinhamento do computador sobre a mesa. Mas Benford era mais competente que os russos. O chefe da estação ficou fascinado ao vê-lo usar uma lente Stanhope do tamanho de um grão de arroz, incrustada no vidro do relógio, para examinar a traseira do celular cenográfico que ele deixara no bolso do paletó. Tal como Benford imaginara, as marcas de MicroScribe estavam desalinhadas, sinal de que

eles haviam retirado a tampa e provavelmente copiado a memória, tão cenográfica quanto o aparelho em si.

Outros preparativos já estavam em andamento. Em São Petersburgo, o diretor do SVR responsável pela *oblast* de Leningrado recebeu uma ligação de Yasenevo em seu telefone criptografado, dizendo apenas que haveria uma troca. Foi instruído a organizar e despachar uma equipe com a missão de entregar um prisioneiro no local da troca e, em seguida, conduzir "uma pessoa importante" da ponte de Narva até Ivangorod, onde um helicóptero da

guarda fronteira deveria estar à espera para levá-la a São Petersburgo.

O diretor foi autorizado a convocar a ajuda do FSB local e da polícia da guarda fronteira. Segundo as ordens de um tal coronel Zyuganov de Moscou, a troca deveria ser realizada sem nenhum obstáculo e no mais absoluto sigilo.

O diretor de São Petersburgo imediatamente solicitou e recebeu a devida autorização para transportar a “pessoa importante” de Ivangorod até São Petersburgo a bordo de um helicóptero da guarda fronteira. De lá ela seria levada a Moscou por jatinho

Yak-40 da frota presidencial.

***

A troca de Marble foi agendada para o dia seguinte às duas da tarde em ponto. Talvez porque estivessem todos nervosos, talvez porque ele estivesse particularmente preocupado com Gable, talvez porque Nate havia sido excluído da operação e estava voltando para Washington, Forsyth decidiu levar seu colega mais jovem para tomar uma cerveja.

Eles se sentaram à sombra das árvores na taverna Skalakia, em Ambelopki, nos arredores da embaixada. Nate passara boa parte

da manhã zanzando feito alma penada na estação, aguardando o horário do voo, e Forsyth ficara com pena do garoto, ciente dos maus bocados pelos quais ele passara. Mas não era só isso. Forsyth sabia muito bem o que mais incomodava Nate, fora a habitual preocupação com a carreira e a reputação.

Da varanda da taverna eles podiam ver e ouvir a cidade desacelerando para o descanso do meio-dia. Nate perguntou a Forsyth se àquela altura Diva já teria voltado para a Rússia depois de ter colocado a corda no pescoço de Marble. Terminou sua cerveja de um único

gole e pediu mais uma.

Forsyth o fulminou com o olhar e ele admitiu ter lido os arquivos de circulação restrita, aproveitando-se de um descuido de Maggie. Confessou que sabia de toda a história. O plano de Benford, o fatídico telefonema de Dominika. Achava tudo aquilo muito estranho. O objetivo principal de um agente não era justamente proteger os seus ativos? Como ela fora capaz de trair Marble daquela forma? Russos... Marble não teria feito nada daquilo: era diferente dos compatriotas.

Forsyth se inclinou na direção dele, encarando-o acintosamente ao

dizer que ele havia metido os pés pelas mãos, não só por ter lido o que não devia, mas sobretudo por pensar muito mais em si mesmo do que na operação como um todo. Falou que Dominika não estava a par de plano nenhum, que só cumpriu as ordens de Benford, que não fazia a menor ideia sobre a armadilha, que nem ao menos desconfiava das terríveis consequências das palavras que ela fora instruída a dizer ao tio. Tinha sido orientada a não contar nada a Nate, e obedecera ao combinado. A garota tinha disciplina, era uma profissional. Ficara arrasada ao saber do destino de Marble.

Nate permaneceu em silêncio por uns dez minutos. Depois, disse a Forsyth que iria até o apartamento clandestino ver Dominika.

— Não se dê ao trabalho — retrucou Forsyth. — O apartamento foi fechado ontem. Ela está com o Gable, e nem *eu* sei onde ele está. — Em seguida contou sobre a troca orquestrada por Benford, sobre a ponte nos confins da Estônia. — Estamos tomando todos os cuidados possíveis, porque só temos uma chance de isso dar certo.

— Tom, eu preciso ver a Dominika! — exclamou Nate, incisivo. — Você vai ter de me ajudar.

— Mesmo que eu quisesse ajudar você, não posso — retrucou Forsyth. Existe apenas um ponto na superfície deste planeta no qual é *possível* que ela apareça amanhã. E, ainda assim, as chances são só de cinquenta por cento.

Nate deduziu que Forsyth estava dizendo aquilo porque tinha a intenção de deixá-lo ir.

Para Nate, as 24 horas seguintes foram um longo martírio de autocensura e culpa. Ele começou a viagem assim que se levantou da mesa da taverna, deixando Forsyth sozinho. Forsyth permitiu que ele fosse, mesmo sabendo o que o garoto

estava prestes a fazer, porque, se ele não tentasse, as coisas poderiam ficar ainda piores. O trânsito em Atenas estava lento como sempre, e o sol brilhante do Egeu atravessava as janelas do táxi, deixando-o suado. Sua camisa já estava ensopada quando ele pagou os euros da corrida, saiu em disparada para o terminal, comprou uma bolsa, uma escova de dentes, uma camiseta e uma passagem para o próximo voo com destino a Munique. A fila da inspeção de segurança não andava, e ele queria gritar. Mal se deu conta de quando o avião enfim decolou e ficou imaginando por que o trambolho

parecia tão lento ao sobrevoar os Alpes. Precisou ser muito paciente quando o ônibus articulado contornou o aeroporto de Munique duas vezes antes de parar na frente das portas automáticas. Fez um esforço consciente para não sair correndo escada acima, porque sabia que as câmeras estavam por todo lado, e de repente os pontos começaram a coçar. Seguiu pelos intermináveis corredores do saguão de embarque com um sanduíche e uma cerveja na mão, os quais vomitaria dali a cinco minutos, e em um instante deparou com dois policiais com uma MP5 a tiracolo,

pedindo que ele mostrasse o passaporte e o cartão de embarque. Quase respondeu que não dava, que estava com muita pressa, e, quando viu o oficial de imigração numa das cabines mais à frente, sua vontade foi esticar o braço e entregar a papelada direto para ele. Foi preciso mais um esforço para manter a mão trêmula e suada imóvel. A sala de espera estava apinhada de bálticos com suas malas amarradas com barbante, e Nate cogitou passar por eles às cotoveladas até alcançar o portão de embarque, e foi nesse instante que anunciaram um atraso de duas horas para o voo. Ele sentiu um embrulho

no estômago, conferiu as horas pela milionésima vez, sentou-se numa das cadeiras de plástico rachadas e ficou ouvindo a conversa das pessoas, sentindo o cheiro forte dos sanduíches que elas comiam, e por sorte conseguiu chegar ao banheiro a tempo de vomitar pela segunda vez, agora só a bile, porque estava com a barriga vazia. Levantou a camisa para checar se os pontos não haviam arrebentado e viu que a pele ardida estava rosada, mas nada vazava. De volta ao portão, adormeceu na cadeira vendo o rosto dela, ouvindo sua voz. Despertou com alguém tropeçando em suas pernas e entrou

na fila, semiconsciente, tonto, espremido na multidão, e teve que esperar na pista até que um problema técnico fosse resolvido, vinte minutos, quarenta minutos, uma hora, e os bálticos não paravam de falar, e a barulheira o deixava desnorteado. Quando o avião enfim decolou, seus ouvidos ficaram entupidos e a comissária, vendo seu estado, perguntou se ele estava bem. Depois de duas horas a aterrissagem ainda não tinha começado: um nevoeiro os obrigaria a desviar para Helsinque. Não, aquilo só podia ser um pesadelo, então ele fechou os olhos e deitou a cabeça no banco.

Ficou aliviado ao saber que o nevoeiro enfim havia se dissipado, e dali a pouco se viu na alfândega do modernísimo aeroporto de Tallinn, mas o celular vagabundo que comprara em Munique não funcionava. O volante do carro alugado estava bambo, mas não havia tempo para trocá-lo, e o motorzinho parecia tremer com a alta velocidade, e depois ele se confundiu em uma rotatória e já estava longe na E67 quando percebeu que tinha tomado a direção errada e seguia para Riga. Teve que fazer um retorno para pegar a E20, onde os caminhões enormes o espremiam dos dois lados, fazendo o

carrinho estremecer, e não demorou para que uma viatura da polícia o obrigasse a parar no acostamento, e o guarda o multou sem nenhuma pressa, despediu-se com uma continência e ele enfim pôde voltar à estrada, as cidades passando uma após a outra, nomes esquisitos numa estranha paisagem lunar de colinas baixas, árvores retorcidas e fazendinhas lamacentas, primeiro Rakvere, depois Kohtla-Järve, em seguida a insignificante Vaivara e os confins de Narva, a encardida Narva. A tarde já caíra e o céu estava cheio de nuvens pesadas quando de repente ele se viu diante do tal

castelo e da tal ponte, a Rússia do outro lado do rio, mas algo o fez sair dali, talvez um último vestígio de disciplina que disse à mariposa que ela devia se afastar da lâmpada. Começou a rodar pela cidade na esperança de um acaso feliz, mas nada aconteceu e ele precisou afugentar a culpa e a vergonha, então foi atrás de um estacionamento nas redondezas e quando encontrou ficou ali parado, o carro sacolejando com o passar dos bondes. Suas mãos estavam trêmulas, o para-brisa, embaçado, os ponteiros do relógio, girando para trás. Ele foi ao posto de gasolina mais próximo e jogou um

pouco de água no rosto, debaixo dos braços e na barriga; os pontos ainda coçavam e o espelho refletia a imagem de um monstro semicoberto por um hematoma escuro. Na lanchonete, ele comeu um sanduíche com uma folha de alface murcha e escura nas bordas, a gordura pingando no prato, e lembrou que Forsyth dissera que ela chegaria ao anoitecer, então voltou ao carro e mal sentiu a perna ao pisar na embreagem. Mesmo assim, seguiu na direção da ponte e quando chegou lá deparou com os cavaletes de bloqueio, com o jipe da polícia atravessado na pista, e aí explicou ao

guarda que fazia parte da equipe autorizada, mas não viu nenhum sinal de entendimento nos olhos azuis sob o quepe. Enquanto o homem examinava mais uma vez seu passaporte, ele aproveitou a oportunidade para pisar no acelerador e contornar o bloqueio, e seguiu adiante apesar dos apitos, achando difícil que o sujeito fosse atirar, e mais à frente ele avistou uma van, um jipe e Benford de pé no asfalto. Com a visão um tanto turva, o volante ainda bambo nas mãos, Nate avançou lentamente, com cuidado, tirando não se sabe de onde uma última gota de autocontrole.

SALADA DE BETERRABA — ROSOLJE

Cortar em cubos pequenos: beterrabas cozidas, batatas cozidas, maçãs descascadas, ovos cozidos, picles, carne bovina, de porco ou ainda, se preferir, um arenque dessalgado. Misturar todos os ingredientes com creme de leite, mostarda, açúcar, pimenta e vinagre. Refrigerar e servir.

CAPÍTULO 41

GABLE ARRASTOU DOMINIKA DO APARTAMENTO em Glyfada (ela o acompanhou a contragosto) e a levou a um segundo esconderijo. Eles passaram boa parte do dia conversando no quarto que ele alugara sob um nome falso no Astir Palace, na baía de Vouliagmeni, a uns 20 quilômetros de Atenas. No checkin os dois se registraram como marido e mulher, para facilitar as coisas. Em nenhum momento Gable reconheceu o policial que fazia hora extra na recepção do hotel, mas o policial sabia muito bem quem era o figurão

americano e pegou o telefone imediatamente.

Gable já estava dando o caso por perdido. Dominika repetia que não o respeitava mais, que não confiava nele, que se sentia usada por todos. Com seu halo violeta misturado à luz branca que entrava pela janela, ele ouvia com atenção enquanto ela contava que desde os tempos de balé vinha sendo manipulada, sem jamais poder optar, que sentia que tudo o que considerava mais precioso na vida lhe fora roubado. Por isso ela decidira trabalhar com eles. Ele, *Bratok*, formava com Nate e Forsyth uma espécie de família com a qual ela

podia contar. Todos sabiam exatamente do que ela precisava. Eram inteligentes, profissionais.

Mas no fim das contas se revelaram iguais aos outros. Tinham se juntado num conluio contra ela. Até mesmo o general a decepcionara. Sua mente russa via naquilo uma conspiração, sua alma russa se sentia traída. Ela não queria mais trabalhar para eles. Falou ainda que decidira não voltar mais para casa. Não via sentido em continuar lutando contra o sistema. Os *vlasti* sempre sairiam vencedores. Restava-lhe então decidir seu destino. Caso os americanos permitissem que ela se

estabelecesse nos Estados Unidos, era para lá que gostaria de ir; caso se recusassem a aceitar sua deserção, ela teria de se resignar com outro país. E se por algum motivo a CIA resolvesse bloquear todos os seus caminhos, Dominika voltaria à Rússia, sim, mas como civil. Estava desistindo. Não queria mais saber daquilo.

Gable deixou Dominika falar. Preparou um chá para ela, uma Perrier com limão para si, e ouviu. Quando ela enfim se cansou, eles se sentaram na varanda da sala e apoiaram os pés no parapeito, com os olhos grudados na baía azul-

turquesa. Gable contou algumas histórias sobre o início de sua carreira e conseguiu fazê-la rir. Almoçaram lulas fritas com salsinha, limão e azeite, depois foram passear nos jardins, quando o sol começava a se pôr. Gable falou que não tentaria persuadi-la a fazer o que quer que fosse. Dominika riu e disse:

— Você sabe muito bem que esse é o primeiro passo pra me convencer a fazer alguma coisa.

Ele também riu e os dois retornaram ao quarto. Gable ficou esperando na varanda da sala enquanto ela cochilava. Mais tarde, Dominika apareceu num vestidinho

de verão com sandálias e eles saíram de novo. Pegaram um ônibus decrépito e seguiram pela costa até um restaurantezinho de pescadores em Lagonissi. Foi Dominika quem fez o pedido: sardinha assada em folhas de parreira, camarões *yiouvetsi* assados com tomates, queijo feta e *ouzo*, e peixe-espada grelhado com molho *latholemono*. Gable escolheu as bebidas: duas taças de vinho, uma garrafa de Asprolithi supergelado e uma jarrinha de alumínio com *retsina*.

Ao terminar, foram tomar um café noutra taberna e Gable pediu dois copinhos de Mavrodaphne, o

vinho negro e doce dos aqueus, talvez aquele no qual Homero se inspirara para escrever “mar escuro como vinho”. Luzinhas cintilavam no toldo da taberna e pequenas ondas espocavam na praia mais abaixo. Dominika avaliou o rosto forte de seu *Bratok* e viu que ele estava prestes a dar o bote. Esperou um pouco, depois disse:

— É agora que você vai tentar me convencer, não é?

Gable ignorou a provocação e falou apenas que queria que ela repensasse a questão, que a considerasse nos próprios termos. Disse que explicaria como via a

situação dela, o peso que sua decisão poderia ter. Dominika se dispôs a ouvi-lo, já antevendo os truques que ele tiraria da manga, mas o violeta constante da aura era indício de que *Bratok* talvez dissesse a verdade. Talvez.

Gable disse que entendia os motivos que a tinham levado a entrar para o SVR. Ela achava que poderia servir a seu país, sobressair-se naquele trabalho difícil e exigente. E de fato ela se mostrara muito boa no que fazia, mas tudo tinha ido por água abaixo por conta da brutalidade do sistema. Não sobrara nada.

— Estou indo bem até agora? —

perguntou ele.

Dominika se recostou e fez que sim com a cabeça.

— Mas aí, quis o destino que você conhecesse Nate Nash, e ele é diferente de todos os homens que você já tinha conhecido antes, inclusive os coroas bonitões da CIA, e você decide molhar o pezinho na água só pra ver como é, talvez pra se vingar dos filhos da puta. Não é uma questão de dinheiro nem de ideologia. Tem a ver com autoestima. — Gable sinalizou para que o garçom trouxesse mais vinho. — E depois, o que acontece? Você se surpreende. Percebe que adora essa vida de espiã,

adora caminhar nesse gelo que pode rachar a qualquer momento, a adrenalina, os riscos, os perigos do dia a dia. Adora ter um segredo só seu. — O vinho chegou, Gable deu um gole. — Então, como estou indo?

Dominika se limitou a cruzar os braços.

— De uma hora pra outra você é traída de novo, dessa vez pelos caras que achava que eram do bem — continuou Gable. — Mas é errado pensar assim sobre a situação, Domi. Korchnoi e Benford, na verdade todos nós, queriam que você assumisse o lugar do general como nosso principal informante em Moscou.

Talvez devêssemos ter perguntado antes, mas não perguntamos. Então agora a gente está nesse “ato final” e Benford quer que você volte a Moscou. Mas, querida, a escolha é sua. Ninguém pode obrigá-la a nada. Você vai ter de decidir sozinha.

Dominika olhou para a escuridão da praia, depois para Gable.

— O que você vai fazer sem tudo isso? — perguntou ele. — Sem a adrenalina?

Dominika fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Você acha que não sou capaz

de viver sem isso?

— Esqueça a CIA. Pense em Korchnoi. Ele lhe diria a mesma coisa. Volte a Moscou e retome seu trabalho. Nem pense na CIA por, digamos, seis meses, um ano. Não dê nem uma migalha àqueles filhos da puta da central. Você agora está por cima, tem todas as condições para construir sua carreira. Volte lá e acabe com a raça do seu tio. Conte tudo que ele aprontou, faça o que for preciso pra que ele tenha o fim que merece. Vai estar do lado dos vencedores, e isso fará com que você pareça imprevisível e perigosa. Primeiro pegou o Korchnoi, depois

chega lá e destrói o próprio tio. Todos vão morrer de medo de você. Escolha. Exija. Obrigue os caras a te darem uma posição importante, algo com acesso quase irrestrito, alguma coisa no Departamento das Américas, na Linha KR, sei lá. Depois, bote pra quebrar: recrute informantes estrangeiros, pegue espiões, faça alianças, infernize a vida de todo mundo, bote os inimigos pra correr. E nas reuniões, banque sempre a presunçosa: nariz pro alto, chicotinho na mão. Nós temos uma expressão para isso: *bitchy*.

Dominika tentou não rir.

— Uma vez por ano, ou duas,

você sai do país por conta de um pretexto qualquer e eu estarei lá, te esperando. Você nos conta só o que quiser contar. Aliás, tudo será como você quiser. Se preferir um equipamento de comunicação, a gente providencia. Se precisar da gente em Moscou, a gente vai pra Moscou, garante a sua segurança. Qualquer ajuda que precisar, conte conosco. E se quiser que a gente suma, a gente tira o time de campo.

— Onde entra o Nathaniel nisso tudo? — perguntou ela.

— As pessoas acham que não é prudente botar vocês dois juntos, dado o histórico operacional. Mas se

você quiser que ele seja seu operador, acho que posso dar um jeito nisso também.

— Você está sendo bonzinho demais — comentou Dominika.

— Esse trabalho, Dominika... ele está no seu sangue, não dá pra desistir assim. Está em cada fragmento do seu corpo: no seu nariz, embaixo das suas unhas, crescendo junto com seu cabelo. Admita.

— Eu jamais teria aceitado este jantar se soubesse que você é um *janychar* — disse ela. — Por acaso a CIA o treinou desde que você nasceu? — Admita — insistiu Gable, cercado de seu violeta.

— E agora você está sendo desagradável.

— Você sabe que estou certo. Admita.

— *Mozhet byt*. Talvez.

— Dominika...

A nuvem violeta, antes confinada no alto da cabeça, agora se espiralava entre eles.

— Talvez — repetiu Dominika, firme e tranquila.

— Pense em tudo o que eu disse. Quero que você concorde, você sabe disso, mas, seja lá qual for sua decisão, você vai ter de tomá-la até amanhã.

— Entendi, mas acho que você tem mais uma bomba para mim. Por que eu preciso me decidir até amanhã, meu caro *Bratok*?

— Porque a gente precisa de você. Benford precisa de você. Amanhã, na Estônia.

Ela o encarou com frieza, as mãos espalmadas sobre a mesa.

— Posso saber por quê?

Gable contou sobre a troca arquitetada por Benford. Não gostou da expressão dela, então se adiantou e disse:

— Não precisa soltar os cachorros outra vez. Só não contei

antes porque queria conversar com você sem essa pressão pairando sobre nossas cabeças.

— Você não está inventando tudo isso?

— Você vai passar por ele lá naquela ponte — falou Gable. — Seria difícil inventar uma coisa dessas.

— Suponho que a CIA poderia construir uma ponte.

— Não é hora pra brincadeira.

— Tudo bem — retrucou Dominika. — Mas, ao me contar isso, mais uma vez vocês estão me colocando na posição de carrasco de Korchnoi. Não estão me dando

escolha nenhuma.

— O que foi que eu disse antes? A escolha *é* sua. Pode desistir agora mesmo, se quiser. Já fez o bastante pra merecer uma reacomodação. Tem uma conta bancária à sua disposição. Posso ligar pro Benford e depois embarcar em um voo junto com você para os Estados Unidos. Amanhã.

— E o general?

Gable deu de ombros.

— Foi o melhor ativo russo que já tivemos. Durou catorze anos. Orquestrou o próprio fim porque achava que estava com os dias

contados. Pensava ter encontrado em você uma substituta, queria essa continuidade. Mas a decisão foi dele. Os ativos vivem e morrem. Você está presa a essa situação apenas na medida em que quiser estar.

— Você não acredita nisso — retrucou Dominika. — Foi o próprio Nate quem me disse que não existe nada mais importante para você do que garantir a segurança e o bem-estar dos seus informantes. Sua consciência jamais permitiria que você abandonasse Korchnoi assim.

— Talvez você tenha razão — falou Gable. — Resgatar o general dos porões de Lefortovo seria um ótimo

recomeço pro nosso trabalho juntos.

Dominika o fitou, depois deu um gole no vinho. Gable arqueou uma das sobrancelhas e a encarou de volta. Ela sabia que ele estava dizendo a verdade.

— Vocês se acham muito espertos, não é? — O voo pra Lapônia sai amanhã às dez. — Boa viagem pra você — disse ela.

***

Eles pegaram o último ônibus da noite e voltaram ao Astir Palace. Sentaram-se lado a lado, mas não trocaram uma única palavra durante

a viagem de quinze minutos. Ainda em silêncio, atravessaram o lobby do hotel, foram para o amplo pátio dos fundos, pediram duas águas e ficaram vendo as luzes das balsas de Rodes cortarem o horizonte.

Gable imaginava que não a tinha convencido, porque Dominika ainda estava muito revoltada, muito indignada. Sabia reconhecer quando alguém ainda hesitava e quando já havia tomado sua decisão. A garota tinha todas as qualidades de uma boa espiã, mas não era mulher de se deixar ameaçar. Benford teria uma síncope quando ele aparecesse naquela ponte sem ela. A pior parte

seria ver os guardas voltando com Marble para o carro. Sem a troca, não haveria milagre que poupasse a cabeça do general.

Mas ele havia feito o que podia. Dominika sabia que podia vê-lo como um amigo, mas também sabia que, em última instância, a decisão era só dela. Eles enfim tomaram o elevador para o quarto. O corredor parecia tranquilo e deserto. Ouviam-se apenas os ruídos que vinham do poço.

Dominika destrancou a porta e entrou. Nenhum dos dois ouviu os passos; os dois homens haviam tirado o sapato e vinham se

aproximando de ambos os lados do corredor. Dominika os viu assim que se virou. Tentou puxar Gable para dentro, mas os homens se adiantaram, invadiram o quarto e fecharam a porta. Os abajures das mesinhas laterais eram a única fonte de luz no cômodo.

Numa voz trovejante, um dos invasores disse:

— *Ne boisya my s toboi pomoch'tebe*. — Não tenha medo, estamos aqui para te salvar.

Dominika notou o uso da segunda pessoa, que denotava informalidade. Por um momento os quatro permaneceram imóveis: o

silêncio que antecede a explosão. Ela podia ver o punho da arma que escapava do cinto de um dos homens.

Ambos eram enormes, gigantes da Geórgia, a julgar pelos traços do rosto. Dominika deixou Gable para trás e se jogou nos braços de um deles, choramingando como se sentia aliviada por estar sendo resgatada. O segundo arremeteu contra Gable, que girou o tronco ligeiramente, desviando a tempo de empurrar o brutamontes contra a mesinha, destruindo-a. Mas em dois tempos o homem se reergueu, ágil demais para alguém de seu tamanho, e eles se atracaram, entrelaçando braços e

pernas até caírem juntos no chão, ambos à cata de algum ponto vulnerável: olhos, pescoço, genitais.

Dominika se abraçava a seu próprio gigante, impedindo-o de ir ajudar o companheiro. Sentia engulhos com o cheiro dele, um misto de cachorro molhado e alho, então virou o rosto na direção da massa amorfa em que haviam se transformado Gable e seu agressor. Em um súbito momento de clareza, deu-se conta de que não deixaria nada acontecer a seu *Bratok*. Começou a tatear discretamente o abdômen do grandalhão até encontrar a coronha da pequena

pistola que ele escondia na cintura. Não se deu ao trabalho de tirá-la. Sem nem precisar olhar, ela destravou o pino de segurança, achou o gatilho o mais rápido que pôde e atirou três, quatro vezes, os estalos abafados se confundindo com os gritos do homem que agora se retorcia no chão, a camisa e as calças empapadas de sangue.

Com a pistola na mão, ela se aproximou do outro russo, que estava imobilizando Gable pelo pescoço. Percebeu que era a segunda vez que um agente da CIA lutava por ela. Então puxou a cabeça do homem pelos cabelos, obrigando-o a aliviar a

pressão do braço, e enquanto ele ainda revirava os olhos para ver quem estava às suas costas, ela apertou o cano da arma no queixo dele, virou o rosto para evitar o jato de sangue e puxou o gatilho duas vezes. O grandalhão cuspiu sangue, tombou para o lado e não se mexeu mais. Seu companheiro continuava a se retorcer no tapete já encharcado. Gable se levantou e estendeu o braço para tirar a arma da mão de Dominika, mas ela recuou. Perplexo, Gable viu-a se aproximar do primeiro homem, curvar-se e, protegendo o rosto com a mão livre, atirar duas vezes na testa dele. A cabeça do

homem bateu inerte contra o chão.

Ela jogou a arma vazia para o lado, na direção do canto do quarto. Gable tinha um hematoma no olho esquerdo e marcas de unha na face direita e no pescoço. Ambos sabiam que não havia outra coisa a fazer com aqueles dois brutamontes. Gable estudou o rosto dela na penumbra. Arfando e com um pouco de sangue no braço, ela disse:

— Daqui em diante vou ser um pouco mais *bitchy*.

Refogar cebola, alho, pimenta calabresa, tomates picados, orégano e ouzo. Reduzir até obter um molho espesso. Acrescentar os camarões, salpicar salsinha picada e deixar cozinhando por alguns minutos. Transferir para um refratário, cobrir com queijo feta e levar ao forno médio até começara borbulhar.

CAPÍTULO 42

CINCO DA TARDE DO DIA SEGUINTE. Embora o céu estivesse limpo, sobre as águas do rio Narva a névoa se acumulava, espessa e irregular como bolotas de algodão. Vez ou outra ela cobria as duas pistas da ponte, cujas lâmpadas iam sendo ocultadas à medida que o nevoeiro se locomovia da direita para a esquerda, dando a impressão de que a própria ponte se movia sobre rodas ao longo do rio. Acima da massa de névoa, a torre do castelo Hermann, na margem oriental do rio, encarava a fortaleza de Ivangorod, na margem

ocidental.

Do lado russo da ponte, duas caminhonetes bloqueavam a passagem, atravessadas na pista. Seis oficiais da guarda fronteira, de uniformes camuflados, papeavam perto dos automóveis. Atrás deles havia um pequeno VBTP (Veículo Blindado para Transporte de Pessoal), um Tigre com uma metralhadora leve montada numa torre de artilharia. Não havia ninguém posicionado atrás da arma, que estava travada e apontada para o céu. Atrás desses veículos, estacionados no acostamento da avenida, havia cinco carros do SVR de

São Petersburgo: dois Mercedes e três BMWs. Os motoristas conversavam entre si na penumbra da rua. Os demais homens do serviço haviam entrado na cabine da guarda fronteira, longe da vista de todos, obedecendo às instruções que tinham recebido. Na encosta sob a ponte, outros dois policiais montavam guarda em meio à neblina, já completamente molhados.

Do lado estoniano, Benford encontrava-se a cerca de 50 metros da ponte, dentro de uma van estacionada no meio da rua. De sua posição ele podia ver toda a extensão da ponte até o local onde estavam os

veículos russos. Ao lado de sua van, um pequeno jipe da KaPo aguardava no acostamento; quatro policiais de uniforme preto fumavam no interior. Os estrategistas da KaPo haviam proposto colocar duas sentinelas no bastião da torre do castelo, mas o ministério não dispunha de verba orçamentária para comprar telescópios de visão noturna. As luzes da ponte teriam de bastar.

Benford ouviu um carro frear no acostamento de cascalho às suas costas. Quando se virou, viu Nate descendo de um compacto verde com os cabelos caídos sobre a testa, vestindo uma camiseta azul e branca

com a bandeira grega estampada. Benford desceu da van e foi ao encontro dele.

— O que você está fazendo aqui, Nash? — perguntou ele calmamente, em voz baixa. — E que camiseta ridícula é essa? Por acaso você não sabe o que está pra acontecer nesta ponte daqui a meia hora? Por favor, entre naquela van e não saia de lá. Você está precisando de um banho.

Ele levou Nate até a van e fechou a porta. Os homens da KaPo que esperavam no jipe acompanharam a cena sem saber o que se passava. Benford se aproximou deles e aceitou o cigarro que lhe ofereceram. Os

policiais, respeitosos, não perguntaram nada.

Benford viu, do outro lado da ponte, mais alguma atividade. As caminhonetes que antes bloqueavam o acesso à ponte abriram espaço para que o VBTP se pusesse entre elas. Um soldado preparava a metralhadora no alto do veículo. Benford ouviu o barulho, vindo de trás, de um segundo carro chegando, e quando olhou viu que era Gable, ao volante de um sedã preto não identificado. Parecia estar sozinho. Ele desceu do veículo e se aproximou de Benford.

— Me diga que conseguiu e que ela está aqui — disse Benford.

— Os russos tentaram recuperá-la ontem à noite em Atenas. Se apresentaram como uma equipe de resgate. Não faço a menor ideia de como nos encontraram. Talvez por algum informante no hotel, na polícia, sei lá. Ela matou os dois. À queima-roupa.

Os policiais da KaPo haviam descido do jipe e agora estavam atrás do carro, espiando pelo binóculo o que se passava no lado russo da ponte.

— *Ela* matou os homens? — espantou-se Benford. — E onde ela está agora? Por acaso temos alguém pra entregar em troca do Marble?

— Ela se recusou. Foram seis horas de negativa. Nada do que eu disse adiantou. Eu já estava preparado pra entregá-la pro Forsyth pra que ele a levasse pros Estados Unidos, ela já estava até me esperando no carro. Acho que ter liquidado os dois trogloditas mexeu com a cabeça dela, sei lá. A garota está muito puta. — Benford dava a impressão de que iria desmaiar a qualquer momento. — Está no banco de trás do carro, deitada. Passou pra lá assim que a gente entrou em Narva. Fiz o que pude pra virar o jogo, mas não sei se consegui.

Benford soprou um jato de

fumaça, mais aliviado. Passara quase 72 horas sem nenhuma informação.

— Ela topou? — perguntou ele.

— Sim e não. Me mandou à merda, falou que só viria porque tinha que salvar o pescoço do Marble. Só por isso e mais nada. Disse que vai voltar e pensar se quer continuar trabalhando pra gente. Enquanto isso, vai infernizar a vida de todo mundo naquela central. Talvez tenhamos uma informante, talvez não. Ela vai nos avisar.

— Como assim?

Gable ignorou a pergunta.

— Tem mais uma coisa —

continuou. — Nate pode ser uma questão. Ela perguntou por ele.

Benford começou a rir.

— Que foi? — perguntou Gable.

— Nash está aqui. Não sei como conseguiu, mas chegou de Atenas agora há pouco. Está naquela van ali atrás.

— Como ele está?

— Agitado, intenso, exausto. No que você está pensando?

— De repente a gente deixa os dois conversarem por alguns minutos. Pode ser bom pra ambos. Ele se acalma um pouco e ela fica com mais essa lembrança pra levar pra

casa. Posso colocar o carro na frente e aí ela entra pela traseira da van sem que ninguém veja.

— Tudo bem. De qualquer jeito, temos de esperar. Mas antes eu quero trocar uma palavrinha com o Nate.

Benford entrou na van e sentou-se ao lado de Nate no banco do meio. O jovem havia encontrado um casaco no carro e ajeitara os cabelos com a mão. Estava cansado, mas apresentável. Benford semicerrou a porta e se recostou no banco.

— Diva chegou com o Gable. Está no carro. Ontem à noite os russos tentaram pegá-la, e ela matou dois homens. Aceitou voltar à Rússia

só por causa da troca, por causa de Marble. Quanto a continuar trabalhando pra gente... isso ela ainda não decidiu. No ponto em que estão as coisas, não sabemos se ela está do nosso lado, nem agora e muito menos no futuro. Ainda temos alguns minutos, e Gable acha que pode ser bom você falar com ela. Vai ter de recrutá-la de novo, Nate. Vai ter de convencê-la, fazer com que ela enxergue a importância de uma missão de longo prazo. Só há um meio de conduzir essa história de modo que ela não seja presa assim que atravessar esta ponte: é você se comportando como o operador dela,

preparando seu ativo como manda o figurino. De outro modo ela vai perder a compostura e as coisas vão ficar feias. Então, acha que pode fazer isso?

Nate fez que sim com a cabeça. Benford desceu e segundos depois Dominika entrou na van pela porta traseira. Ela pulou para o banco do meio e se acomodou ao lado de Nate. Usava um vestido azul-marinho simples e um terninho da mesma cor. Gable insistira que ela usasse sapatos confortáveis e um par de meias bege. Ela prendera os cabelos no alto e não estava usando nenhuma maquiagem — parecia uma matrona russa

libertando-se das garras da CIA. Os olhos azuis eram os mesmos e agora fitavam Nate, avaliando-o. Ele estava banhado num violeta pálido, sinal de que sofria com alguma coisa.

Pela primeira vez em sua curta carreira, Nate não pensou automaticamente nas consequências do que estava prestes a fazer: infringir as normas, ignorar o chefe, manchar a própria reputação. Aproximou-se de Dominika, segurou-a pelos ombros e colou os lábios aos dela. A princípio ela se enrijeceu, mas depois relaxou, pelo menos o bastante para afastá-lo com delicadeza.

— Não temos muito tempo — começou Nate —, mas nem todo o tempo do mundo seria o bastante pra dizer como eu me arrependo por ter dito aquelas coisas. Pra dizer quanto você é importante pra mim, como mulher e como parceira. Pra dizer como eu vou sentir a sua falta. Eu deveria tentar convencer você a continuar trabalhando como informante para a CIA, de Moscou. Mas neste momento nada disso tem importância pra mim. Sei que você decidiu voltar só pra salvar o general, e no seu lugar eu faria a mesma coisa, então, seja lá o que acontecer, o importante é que você o salvou. Mas

quero que você tome cuidado com a sua segurança também. Não quero nem saber da CIA. Você é a única coisa que importa, pelo menos pra mim.

Nate desviou o olhar timidamente. Através do para-brisa, viu a ponte que parecia flutuar em meio à neblina, um túnel do tempo em direção à Rússia. Dominika virou-se para olhar também, tentando raciocinar.

— Você não precisa se preocupar comigo, Nate — disse ela depois de algum tempo. — Vou voltar pro meu país, pra minha gente. Vou ficar bem. É muito conveniente pra

você pedir desculpas e falar que se preocupa comigo cinco minutos antes de eu cruzar a fronteira. Me faça um favor: esqueça que eu existo, Nate.

Dushka, me deixe ir, foi o que ela pensou.

Em seguida pulou para o banco de trás e bateu no vidro para que a deixassem sair.

Nate observou-a se afastar, depois cruzou as mãos atrás da cabeça e ficou olhando para a neblina.

Gable imediatamente percebeu que a garota estava quase desmoronando. Maldito Nate. Que

besteira ele teria feito dessa vez? Dominika precisava de algum apoio, e rápido. Ele a conduziu de volta ao carro, usando a van como escudo.

— Entra — falou. — Precisamos conversar. — Dominika foi para o banco de trás e ele a seguiu, o tempo todo fazendo de conta que não via os olhos dela marejados. — Mais de dez binóculos vão estar apontados na sua direção assim que você descer deste carro. Os guardas vão estar atentos à segurança, mas os caras da contrainteligência vão estar de olho *especificamente* em você. Está me entendendo?

Dominika evitou encará-lo.

Limitou-se a assentir com a cabeça.

— Quando você atravessar, procure andar com firmeza. Nem muito depressa, nem muito devagar. É importante que não olhe pro Korchnoi quando passar por ele na ponte. Ele é um traidor, e você é a pessoa que o mandou pra forca — orientou Gable. — Talvez peçam pra vocês dois pararem no meio do caminho, que está marcado com uma linha em alto-relevo no asfalto. É normal. Esses guardas só ficam contentes depois que berram alguma coisa no megafone. É provável que enviem imagens de vídeo suas pra central, de modo que sua identidade

possa ser confirmada.

Dominika parecia melhor. Gable podia ver que não pensava mais em Nate, mas na travessia que teria de fazer dali a pouco.

— Continue andando com firmeza até as caminhonetes. Provavelmente algum gorila de Petersburgo vai se aproximar de você pra dizer... O que ele vai dizer?

— *Dobro pozhalovet* — falou Dominika. — Bem-vinda de volta.

— Pois é. Assim que ele chegar, faça o favor de dar uma boa joelhada nas bolas dele. Seu comportamento daí em diante será de fundamental

importância. Não se esqueça: você está voltando pra casa, recém-libertada das garras da CIA. Está aliviada e... segura. Não muito falante, porque isso seria estranho. Você apagou três compatriotas seus porque, afinal, *eles* tentaram matá-la primeiro. São esses brutamontes do outro lado da ponte que vão levá-la pra São Petersburgo. De carro, de trem ou sei lá de quê.

— Conheço o tipo — retrucou Dominika. — Não vão causar nenhum problema. Pra todos os efeitos, acabei de chegar de uma operação *da central*. As únicas pessoas com quem devo falar estão em Moscou.

— Exatamente. E assim que você chegar lá, mostre a elas os pontos que levou, esperneie sobre os monstros que tentaram acabar com você, sobre Korchnoi, sobre a demora deles pra te resgatar. Você está de volta ao jogo, *baby*.

— É, estou — disse Dominika.

— A gente se vê daqui a seis meses — arriscou Gable.

— Não conte com isso — devolveu ela.

— Você sabe o número universal pra entrar em contato com a gente, não sabe?

— Joguei fora.

— Depois de guardar na memória, aposto.

— Se despeça do Forsyth por mim — concluiu ela, ignorando-o.

***

Lyudmila Mykhailivna Pavlichenko foi uma célebre atiradora de elite do Exército Vermelho, a mais letal de toda a história militar russa, com 309 mortes confirmadas durante a campanha da Crimeia na Segunda Guerra Mundial. Naquela noite, sua xará Lyudmila Tsukanova, principal atiradora do Grupo Especial B do SVR, encontrava-se nas ruínas de

uma das torres da Fortaleza de Ivangorod, às margens do rio Narva. Vestindo um macacão preto com o capuz na cabeça, ela estava deitada de bruços no chão. Pressionava contra o rosto vermelho, ressecado pelo frio, a coronha de um fuzil VSS Vintorez, famoso por sua inigualável precisão. Olhava para a extremidade ocidental da ponte, a 300 metros de distância na diagonal, através de uma mira de visão noturna NSPU-3. Não previa maiores dificuldades para o tiro que teria de dar. Bastava esperar que a tal moça de cabelos escuros que mancava ligeiramente aparecesse.

***

Um helicóptero de porte médio — um Mil Mi-14 de uso militar pintado de vermelho e branco como qualquer outro da aviação civil — pousou no estacionamento vazio da estação ferroviária de Ivangorod. As luzes vermelhas que piscavam na fuselagem transformavam o tom mostarda das paredes da estação em rosa. Assim que o trem de pouso tocou o chão, o troar dos motores aos poucos virou um discreto ronronar e as hélices gigantescas foram parando de girar. Nenhuma das portas se abriu antes que os dois carros do SVR que até o momento esperavam nas

imediações se aproximassem. Dois homens de terno abriram a porta lateral da aeronave, baixaram a escada metálica e desceram para escoltar um senhor de cabelos brancos até o primeiro carro.

O pequeno comboio se dirigiu bem devagar ao local em que as caminhonetes bloqueavam o acesso à ponte e os três homens desceram, o mais velho entre os outros dois. Eles atravessaram o bloqueio e permaneceram imóveis enquanto observavam de longe os vultos no lado oposto da ponte, na penumbra. Os policiais da guarda fronteira empunharam seus fuzis e os

holofotes das caminhonetes se acenderam de repente, jogando uma luz forte sobre o lado russo da ponte. O guarda-corpo e os postes de luz ao longo da pista agora projetavam sombras inclinadas sobre o asfalto. Uma dúzia de cigarros ardia no interior da cabine de fiscalização: os brutamontes de Leningrado fumavam em silêncio enquanto acompanhavam a cena.

***

Eles desceram da van e a contornaram a fim de ficar de frente para os russos. Benford sinalizou para que o jipe da KaPo acendesse os

faróis e o holofote. Os russos estavam agora imersos em um paredão de luz para além do qual a neblina continuava a se mover.

— Vamos com você até o início da ponte — disse Gable, segurando o braço de Dominika com firmeza.

Benford se aproximou pela direita e tomou o outro braço dela. Nate saiu da van e ficou esperando de um dos lados. Gable e Benford deram um passo à frente, mas foram interrompidos por Dominika.

— Esperem — pediu ela.

Então foi até Nate e deu um tapa no rosto dele.

— Muito bem, garota — falou Gable.

No jipe, os policiais da KaPo se cutucaram mutuamente.

Dominika e Nate se entreolharam por alguns segundos, e nesse breve instante não havia ninguém mais naquele mundo envolto pela névoa.

— *Poka*, a gente se vê — sussurrou Dominika, depois voltou para a escolta de Gable e Benford. — Vamos.

— Fique fria, *baby* — murmurou Gable pelo canto da boca.

Ele e Benford a conduziram

pelos braços como dois carcereiros. Ela apertava as mãos em punho como se resistisse à pressão dos americanos. Os três alcançaram o início da ponte e pararam. Na extremidade oposta, havia luzes que pareciam carros se aproximando. Não era possível ver detalhes, apenas uma movimentação generalizada. De repente, as silhuetas de três homens despontaram no horizonte, o mais baixo deles no meio. O holofote russo piscou uma vez e Benford sinalizou para que os policiais no jipe enviassem o mesmo sinal. Uma dúzia de binóculos apontava para eles.

— Pare assim que chegar ao

meio da ponte — disse Gable a Dominika.

Ela se desvencilhou com um gesto brusco e retrucou:

— *Yob tuvoyu mat*.

Endireitou o terninho e seguiu neblina adentro com seu porte de bailarina: cabeça erguida, tronco ereto, o leve manquejar de sempre. O homem mais baixo do outro lado da ponte vinha caminhando a seu encontro.

— O que ela disse? — perguntou Benford.

— Deve ter sido alguma coisa obscena — respondeu Gable.

A silhueta de Dominika ficava cada vez mais difusa à medida que ela passava pelos postes de luz. Faltava pouco para que ela se defrontasse com a solitária figura que vinha na direção oposta.

— Pronto — disse Gable baixinho. — Eles já estão no meio.

Alguém berrou algo em um megafone e os dois vultos pararam, lado a lado no centro da ponte, à luz de um dos postes, a neblina espiralando à sua volta, molhando-os. Dominika olhava para a frente com ar altivo, imperial. Não se arriscava a dar nem uma espiada para o lado, mas sentia, sem dúvida pela última

vez, a púrpura e majestosa presença do general. Com os cabelos brancos brilhando sob a iluminação que vinha do alto, Marble olhou para ela, tirou o sobretudo e o ofereceu como um último gesto de delicadeza entre dois espiões que estavam sendo trocados um pelo outro. Dominika pegou o casaco e o jogou no chão molhado, exatamente como Marble esperava que ela fizesse. Os binóculos cintilavam por toda parte.

Ele agora olhava fixamente para a frente, na direção das luzes da cidade de Narva, das muralhas do castelo, das estrelas no céu do Ocidente, dos faróis dos carros, dos

vultos na extremidade da ponte. Assim que os holofotes piscaram pela segunda vez em ambos os lados, ele começou a andar. Podia ouvir os passos de Dominika distanciando-se às suas costas. Sentia-se leve; as dores eram as mesmas de sempre, mas o vazio no peito desaparecera. Sua mente estava lúcida e ele se controlava para não andar rápido demais: mostraria a eles como um profissional se comportava até o fim. Dali a pouco distinguiu os rostos que conhecia muito bem. O mais importante naquele momento era apenas isto: rever os amigos. Benford. Nathaniel. Uma troca de

espiões. Ele quase riu.

O projétil 9x39 milímetros do fuzil subsônico SP-5 atravessou o lado esquerdo do pescoço de Marble, mutilando a carótida antes de sair pelo peitoral direito, logo abaixo da axila. O alvo de Lyudmila Tsukanova fora a cabeça, mas ao ajustar a mira ela não havia levado em conta o efeito do ar frio sobre o projétil. A atiradora já corria para sua rota de escape quando as pernas de Marble bambearam. De seu lado da ponte, os russos não sabiam o que acontecera.

Benford ainda teve tempo de amparar o general, mas, vencido pelo peso do corpo dele, deixou-o

escorregar para o chão molhado. Nate correu para lá no mesmo instante e deitou a cabeça do homem sobre a coxa, ainda na esperança de poder ressuscitá-lo, mas ele já estava morto. De olhos fechados, Marble parecia estranhamente composto. Benford baixou os olhos para as próprias mãos e viu que elas estavam ensopadas de sangue.

Os policiais da KaPo se adiantaram com seus fuzis israelenses em punho, mas Gable gritou para que eles ficassem onde estavam.

Do outro lado da ponte, Dominika ouviu o berro dele e virou o

rosto por um rápido momento, mas foi engolida pela avalanche de luzes. Antes, porém, conseguiu ver os vultos em torno da massa inerte no asfalto e entendeu o que acontecera. Mentalmente gritou um “Não!”, em seguida se obrigou a ficar calma, a recompor o rosto, a relaxar os ombros. Logo foi conduzida para o interior aquecido de um Mercedes e minutos depois já estava longe. O carro tombava nas curvas enquanto ela continha seu horror, relembrando as imagens de Korchnoi. Precisou sufocar sua ira assassina quando, no banco da frente, o coronel de Leningrado, envolto em sua aura

amarelada, acendeu um cigarro sem se dar o trabalho de abrir ao menos uma fresta na janela a seu lado.

Benford olhava paralisado para Marble, incapaz de se mexer ou de pensar. Nate estava com a cabeça tombada para a frente, e suas mãos tremiam enquanto ele continuava amparando o morto. Quanta violência. Quanta crueldade. Os dois ficaram sem palavras diante da insensatez daquilo tudo, da irreversibilidade dos fatos. Espantavam-se com o sangue-frio do déspota que autorizara aquele ato traiçoeiro, aquela brutalidade.

Gable, por sua vez, correra para

a ponte e agora usava os binóculos para ver o que se passava do outro lado: um vaivém de silhuetas, os faróis de um sedã de luxo que se afastava na escuridão da noite. Não sabia dizer se Dominika vira a execução, mas pedia a Deus que ela tivesse registrado todo o acontecido.

A neblina pairava em torno deles, molhando seus cabelos, roçando o semblante plácido de Marble. Seu sobretudo ensopado jazia esquecido no meio da ponte.

SOBRE O AUTOR

JASON MATTHEWS é ex-integrante da Diretoria de Operações da CIA, o atual Serviço Clandestino de Defesa. Em 33 anos de carreira, ele serviu em muitos postos no exterior, dedicando-se à coleta de informações de inteligência, sobretudo em países hostis. Conduziu operações de recrutamento no Leste Europeu soviético, na Ásia Oriental, no Oriente Médio e no Caribe, chefiou estações em diversas localidades, gerenciou ofensivas em países produtores de armas de destruição em massa e colaborou com nações estrangeiras em missões antiterroristas. Atualmente mora no sul da Califórnia.